

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS
TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA

MARCELO PINHEIRO DA SILVA

PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: acompanhando o processo de apropriação das
transformações nas tecnologias de informação e comunicação por psicólogos
brasileiros

RIO DE JANEIRO
2023

MARCELO PINHEIRO DA SILVA

PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação por psicólogos brasileiros

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor. Orientador: Prof^a. DSc. Maira Monteiro Fróes Coorientador: Prof. DSc. Nelson Job

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

P654p Pinheiro da Silva, Marcelo
PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação por psicólogos brasileiros / Marcelo Pinheiro da Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.
627 f.

Orientadora: Maira Monteiro Fróes. Coorientador: Nelson Job.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2023.

1. Psicologia. 2. Gestalt-Terapia. 3. Tecnologias de informação e comunicação. 4. Regulamentação. 5. Inteligência artificial. I. Monteiro Fróes, Maira, orient. II. Job, Nelson, coorient. III. Título.

DEDICATÓRIA

Gostaríamos de dedicar esse trabalho às pessoas que em períodos críticos de suas existências, por questões geográficas ou financeiras, não puderam receber suporte emocional por parte de psicólogos brasileiros.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao HCTE por ter me acolhido e propiciado um ambiente muito adequado para o desenvolvimento dessa pesquisa. À Maira Monteiro Fróes por sua dedicação e cuidado com o HCTE, por ter me acolhido como orientadora e por suas contribuições à essa pesquisa. À Nelson Job por sua rapidez e contribuições como coorientador. À Guilherme de Carvalho, Marcus César de Borba Belmino e Ricardo Silva Kubrusly por suas contribuições nas bancas de qualificação e avaliação desta tese.

Agradeço também às pessoas que concederam seus tempos para a realização de entrevistas e para o preenchimento de questionários. A meus colegas e a todos os professores do HCTE, com os quais pude viver trocas muito nutritivas.

Gostaria de agradecer em especial à Márcia, minha esposa pelo tempo que dedicou para fazer revisões do texto desse trabalho, pela parceria, pelo zelo e cuidado que demonstrou ao assumir inúmeras tarefas que eu precisei deixar de realizar enquanto me dedicava a essa tese. À Marcela e Marina, minhas filhas pelo tempo de minha atenção que deixaram de usufruir para que esse trabalho pudesse ser realizado. À Mila, Luna e Pêpe pela companhia e afeto nas infindáveis horas dedicadas a redação desse texto e pelo tempo tão precioso de suas existências que deixamos de poder usufruir juntos.

EPIGRAFE

- [...] disse o príncipezinho. Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?

- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços.

- Criar laços?

Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

Começo a compreender, disse o príncipezinho. [...]

- Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música.

E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

A raposa calou-se e considerou por muito tempo o príncipe:

- Por favor... cativa-me disse ela.

- Bem quisera, disse o príncipezinho, mas eu não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa.

Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos, Se tu queres um amigo, cativa-me!

- Que é preciso fazer? perguntou o príncipezinho.

- É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto ...

No dia seguinte o príncipezinho voltou.

- Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz.

Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração ... É preciso ritos.

- Que é um rito? perguntou o príncipezinho.

- É uma coisa muito esquecida também, disse a raposa, É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, possuem um rito.

Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira então é o dia maravilhoso!

Vou passear até a vinha. Se os caçadores dançassem qualquer dia, os dias seriam todos iguais, e eu não teria férias!

Assim o príncipezinho cativou a raposa. Mas, quando chegou a hora da partida, a raposa disse:

- Ah! Eu vou chorar.

- A culpa é tua, disse o príncipezinho, eu não te queria fazer mal; mas tu quiseste que eu te cativasse ...

- Quis, disse a raposa.

- Mas tu vais chorar! disse o príncipezinho.

- Vou, disse a raposa.

- Então, não sais lucrando nada!

- Eu lucro, disse a raposa, por causa da cor do trigo. [...]

- Adeus, disse ele...

- Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

Antoine de Saint-Exupéry (1943)

RESUMO

Esta pesquisa acompanhou o processo de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) por parte de psicólogos brasileiros. Teve como referencial teórico a Gestalt-Terapia com o suporte metodológico da Teoria Ator-Rede e da Cartografia das Controvérsias. Durante seu período de realização a utilização das TICs passou a ser permitida para essa categoria e também a ser o meio indicado pelo Sistema Conselhos de Psicologia para a realização de práticas psicológicas em função da pandemia de Covid-19. Apresentou, descreveu e discutiu o enquadre teórico-metodológico utilizado em sua construção. Definiu seu campo de investigação de forma coerente com sua referência teórico-metodológica a partir do conceito de campo-tema. Tratou do processo de regulamentação da classe dos psicólogos. Examinou o processo de construção das seis resoluções produzidas pelo Sistema Conselhos de Psicologia sobre o tema. Investigou detalhadamente o processo de construção da resolução que autorizou a utilização destes recursos por psicólogos brasileiros. Realizou entrevistas com pessoas que participaram, ativamente, deste processo de apropriação. Buscou utilizar nossas inserções no âmbito da psicologia, como psicólogo clínico e coordenador de um instituto formador de Gestalt-Terapeutas para descrever situações que ilustram e trazem informações sobre esse processo. Examinou aspectos que marcaram a forma como psicólogos brasileiros vivenciaram as três fases definidas pelos dois marcadores supracitados: a liberação do atendimento através de TICs e a necessidade de isolamento social. Acompanhou as publicações realizadas pelo Conselho Federal de Psicologia, sobre o tema, ao longo da pandemia. Apresentou o resultado de questionários relativos à forma como psicólogos e estudantes de psicologia viveram a transposição de cursos presenciais para a virtualidade e sobre as mudanças de percepção em relação às práticas psicológicas realizadas através de TICs a partir das experiências vividas durante o período de isolamento social. Tornou visível aspectos que marcam o processo regulatório relativo à classe dos psicólogos, como a disparidade entre as demandas da classe e o conteúdo das resoluções produzidas pelo sistema conselhos e a lentidão com que se regulamentou as práticas realizadas através de TICs. Explicitou a existência de diferenças significativas de visão de mundo entre os diversos grupos de psicólogos, a partir de suas inserções profissionais e abordagens teóricas, salientando o desafio da comunicação entre os mesmos. Constatou o distanciamento de parte do universo dos psicólogos docentes em relação ao mundo do trabalho de psicólogos, fenômeno que compromete a qualidade do ensino e a coerência entre os temas de pesquisas realizadas no meio acadêmico e as demandas da categoria. Explicitou fato semelhante no que se refere à composição do sistema conselhos, comprometendo a coerência do processo de regulamentação dessa classe em relação às aspirações da mesma. Propôs a realização de novas investigações especificamente sobre o perfil da classe docente em psicologia e da composição do Sistema Conselhos de Psicologia, e exame cuidadoso de suas proporcionalidades em relação à composição da categoria dos psicólogos. Por fim, apresentou e discutiu uma pesquisa bibliográfica acerca de outras tecnologias que podem vir a impactar as práticas psicológicas, a saber: inteligência artificial, realidade virtual e realidade aumentada.

Palavras-chave: Psicologia; Gestalt-Terapia; Teoria Ator-Rede; Cartografia das controvérsias; tecnologia; informação; comunicação; regulamentação; Covid-19; inteligência artificial; realidade aumentada; realidade virtual.

ABSTRACT

This research followed the process of appropriation of information and communication technologies (ICTs) by Brazilian psychologists. It had as its theoretical reference Gestalt Therapy with the methodological support of Actor-Network Theory and the Cartography of Controversies. During its period of realization, the use of ICTs became allowed for this category and also became the means indicated by the Psychology Councils System for the realization of psychological practices due to the Covid-19 pandemic. It presented, described, and discussed the theoretical-methodological framework used in its construction. It defined its field of investigation in a coherent manner with its theoretical-methodological reference from the concept of theme-field. It dealt with the process of regulation of the psychology profession. It examined the process of constructing the six resolutions produced by the Psychology Councils System on the subject. It investigated in detail the process of constructing the resolution that authorized the use of these resources by Brazilian psychologists. It conducted interviews with people who actively participated in this process of appropriation. It sought to use our insertions in the field of psychology, as a clinical psychologist and coordinator of a Gestalt Therapy training institute, to describe situations that illustrate and provide information about this process. It examined aspects that marked the way Brazilian psychologists experienced the three phases defined by the two aforementioned markers: the liberation of care through ICTs and the need for social isolation. It followed the publications made by the Federal Psychology Council, on the subject, throughout the pandemic. It presented the results of questionnaires regarding how psychologists and psychology students experienced the transposition of face-to-face courses to virtuality and about changes in perception regarding psychological practices performed through ICTs based on experiences lived during the period of social isolation. It made visible aspects that mark the regulatory process related to the psychology profession, such as the disparity between the demands of the profession and the content of the resolutions produced by the council system and the slowness with which practices performed through ICTs were regulated. It explained the existence of significant differences in worldviews among the various groups of psychologists, based on their professional insertions and theoretical approaches, highlighting the challenge of communication between them. It noted the distancing of part of the universe of teaching psychologists from the world of psychologist work, a phenomenon that compromises the quality of teaching and the coherence between research topics carried out in the academic environment and the demands of the profession. It also highlighted a similar fact regarding the composition of the council system, compromising the coherence of the process of regulating this profession in relation to its aspirations. It proposed the realization of new investigations specifically on the profile of the teaching profession in psychology and the composition of the Psychology Councils System, and careful examination of its proportionalities in relation to the composition of the psychology profession. Finally, it presented and discussed a bibliographic research about other technologies that may impact psychological practices, namely: artificial intelligence, virtual reality, and augmented reality.

Keywords: Psychology; Gestalt Therapy; Actor-Network Theory; Cartography of Controversies; technology; information; communication; regulation; Covid-19; artificial intelligence; augmented reality; virtual reality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais
- ABOP - Associação Brasileira de Orientação Profissional
- ABPJ - Associação Brasileira de Psicologia Jurídica
- ABPP - Associação Brasileira de Psicologia Política
- ABPSA - Associação Brasileira de Psicologia da Saúde
- ABP+ - Associação Brasileira de Psicologia Positiva
- ABMES - Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior
- ABRAPEE - Associação Brasileira de Profissionais e Especialistas em Educação
- ABRAP - Associação Brasileira de Psicoterapia
- ABRAPSIT - Associação Brasileira de Psicologia de Tráfego
- ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social
- ANPEPP - A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
- ANT - *Actor-network theory*
- APA - *American Psychological Association*
- APAF – Assembleia de Políticas da Administração e das Finanças
- AsBRo - Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos
- BVS-psi - Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil
- CC – Cartografia de controvérsias
- CDH - Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa
- CFP – Conselho Federal de Psicologia
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- CNS – Conselho Nacional de Saúde
- COF – Comissão de Orientação e Fiscalização
- CONEP – Congresso Nacional de Psicologia
- COREP – Congresso Regional de Psicologia
- CRP – Conselho Regional de Psicologia
- CDGB – Centro de Documentação da Gestalt-Terapia Brasileira
- CVV - Centro de Valorização da Vida
- EBEP - Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos
- e-Psi – Cadastro de Psicólogos Para Atendimento *on-line*
- FENAPSI - Federação Nacional dos Psicólogos
- FENPB - Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira

FUNDEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
GT – Grupo de trabalho
IA – Inteligência Artificial
IBAP - Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica
IBNeC - Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento
ICBT- Internet-based cognitive behavioral therapy
IES – Instituição de ensino superior
IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar
MEC - Ministério da educação
NERV - Núcleo de Estudos em Realidade Virtual
OMS - Organização Mundial de Saúde
P@PSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia
PRÉ-COREP – Encontro preparatório para o congresso regional de psicologia
RA – Realidade ampliada
RV – Realidade Virtual
SATEPSI - Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos
SBHP - Sociedade Brasileira de História da Psicologia
SBP - Sociedade Brasileira de Psicologia
SBPH - Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar
SBPOT - Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho
SERES - Secretaria de Supervisão da Educação Superior
SGT - *Scuola Gestalt Torino*
SPA - Serviço de Psicologia Aplicada
SUG - Sugestão legislativa
SUS – Sistema Único de Saude
TI – Tecnologia da informação
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal de Estado do Rio de Janeiro
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UPA - Unidade de Pronto Atendimento
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 02/95. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO DA REDE; O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7. DISTRIBUIÇÃO GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.....	99
FIGURA 2 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 02/95. O GRAFO FOI DESENVOLVIDO LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO A COMPOSIÇÃO DE COSMOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS ÀS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS, ATRAVÉS DO TELEFONE. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). ALGUNS AJUSTES FORAM REALIZADOS MANUALMENTE PARA FACILITAR A VISUALIZAÇÃO. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7. DISTRIBUIÇÃO GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.....	101
FIGURA 3 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 02/95, UTILIZANDO A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.	102
FIGURA 4 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 03/2000. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS EM FUNÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÃO ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7. A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.	107
FIGURA 5 - GRAFO SEMELHANTE AO DA FIGURA 4, AGORA COM RÓTULOS NOS NÓS. OS RÓTULOS FORAM DIMENSIONADOS DE FORMA DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO GRAU DE CADA NÓ, DESTA FORMA, CONSEGUIMOS AMPLIAR A POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS MESMOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS COM MAIOR NÚMERO DE CONEXÕES. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.	108

FIGURA 6 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 03/2000, UTILIZANDO A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA, RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	109
FIGURA 7 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 12/2005. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS EM FUNÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÃO ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.	119
FIGURA 8 - GRAFO SEMELHANTE AO DA FIGURA 7, AGORA COM RÓTULOS NOS NÓS. OS RÓTULOS FORAM DIMENSIONADOS DE FORMA DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO GRAU DE CADA NÓ, DESTA FORMA, CONSEGUIMOS AMPLIAR A POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS MESMOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS COM MAIOR NÚMERO DE CONEXÕES. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.	120
FIGURA 9 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 012/2005, UTILIZANDO A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA, RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	121
FIGURA 10 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 12/2012. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS EM FUNÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÃO ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.	127

FIGURA 11 - GRAFO SEMELHANTE AO DA FIGURA 10, AGORA COM RÓTULOS NOS NÓS. OS RÓTULOS FORAM DIMENSIONADOS DE FORMA DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE CONEXÕES DE CADA NÓ, DESTA FORMA, CONSEGUIMOS AMPLIAR A POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS MESMOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS COM MAIOR NÚMERO DE CONEXÕES. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.....	128
FIGURA 12 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 011/2012, UTILIZANDO A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	130
FIGURA 13 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CRP Nº 11/2018 AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2	138
FIGURA 14 - GRAFO SEMELHANTE AO DA FIGURA 13, AGORA COM RÓTULOS NOS NÓS. OS RÓTULOS FORAM DIMENSIONADOS DE FORMA DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE CONEXÕES DE CADA NÓ, DESTA FORMA, CONSEGUIMOS AMPLIAR A POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS MESMOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS COM MAIOR NÚMERO DE CONEXÕES. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.....	139
FIGURA 15 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 011/2018. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	140
FIGURA 16 - GRAFO QUE REPRESENTA A REDE EVIDENCIADA PELO TEXTO DA RESOLUÇÃO CFP Nº 12/2020. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS EM FUNÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÕES. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É	

COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.	143
FIGURA 17 - GRAFO SEMELHANTE AO DA FIGURA 16, AGORA COM RÓTULOS NOS NÓS. OS RÓTULOS FORAM DIMENSIONADOS DE FORMA DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO GRAU DE CADA NÓ (NÚMERO DE CONEXÕES), DESTA FORMA, CONSEGUIMOS AMPLIAR A POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS MESMOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS COM MAIOR NÚMERO DE CONEXÕES. FERRAMENTA GEPHI 0.9.7.....	144
FIGURA 18 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA RESOLUÇÃO CFP Nº 04/2020. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	145
FIGURA 19 – CARTAZ ELETRÔNICO PUBLICADO NO FACEBOOK DO CRP 05 COM O OBJETIVO DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO.....	147
FIGURA 20 - IMAGEM DA PÁGINA DO CRP 05 QUE TRATA DO EVENTO: RODA DE CONVERSA ATENDIMENTO ON-LINE E CREDENCIAMENTO DE SITES.....	149
FIGURA 21 - CONVITE PARA PARTICIPAR DO DEBATE “PSICOLOGIA DIGITAL E CONTEMPORANEIDADE”.....	167
FIGURA 22 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO DEBATE: “PSICOLOGIA DIGITAL E CONTEMPORANEIDADE”.....	168
FIGURA 23 – PUBLICAÇÃO DO CRP 05 SOBRE O EVENTO “PSICOLOGIA DIGITAL E CONTEMPORANEIDADE”.....	169
FIGURA 24 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA TERCEIRA PARTE DO ARTIGO “PSICOTERAPIA PELA INTERNET: VIÁVEL OU INVIÁVEL? UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	188
FIGURA 25 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DA TERCEIRA PARTE DO ARTIGO “PSICOTERAPIA PELA INTERNET: VIÁVEL OU INVIÁVEL?” DESSA VEZ REMOVEMOS O S DO	

TERMO TCCs NAS OCORRÊNCIAS EM QUE APARECIA DESSA FORMA. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	189
FIGURA 26 – PÁGINA PRINCIPAL DO SITE DO FALA FREUD.	198
FIGURA 27 - E-MAIL CONVITE PARA REUNIÃO NO CRP 05 (PARTE 1).	228
FIGURA 28 - E-MAIL CONVITE PARA REUNIÃO NO CRP 05 (PARTE 2).	229
FIGURA 29 - CARTAZ DO I SIMPÓSIO IGT DE PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE.	233
FIGURA 30 – DIVULGAÇÃO DO PRÉ-COREP REGIÃO SERRANA.	253
FIGURA 31 - DIVULGAÇÃO DA MESA REDONDA COVID-19 E ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ON-LINE: DISCUTINDO POSSIBILIDADES.	314
FIGURA 32 – DIVULGAÇÃO DA PALESTRA IDEIAÇÃO SUICIDA E OUTRAS SITUAÇÕES DE RISCO: O QUE O PSICÓLOGO DEVE FAZER EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL.	318
FIGURA 33 – DIVULGAÇÃO DA PALESTRA A ELABORAÇÃO DE LUTO E A COVID19: UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA.	320
FIGURA 34 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO TENHA OCORRIDO DECRÉSCIMO EM SUAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO, A QUE VOCÊ ATRIBUI?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	344
FIGURA 35 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO TENHA OCORRIDO GANHOS EM SUA POSSIBILIDADE DE APRENDIZADO, A QUE VOCÊ ATRIBUI?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	347

FIGURA 36 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” EM SEGUIDA À “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.354

FIGURA 37 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ APÓS NEGAREM EM RESPOSTA À PERGUNTA “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.356

FIGURA 38 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” DAQUELES QUE DECLARARAM “PREFERIA QUE FOSSE HÍBRIDO?”. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.357

FIGURA 39 – NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” DAQUELES QUE SE DECLARARAM NÃO DECIDIDOS SE “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.359

FIGURA 40 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS QUE VOCÊ ENCONTROU NO ENSINO À DISTÂNCIA?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.361

FIGURA 41 - NUVEM DE PALAVRAS CRIADA A PARTIR DE RESPOSTAS À PERGUNTA: “PRINCIPAIS PONTOS NEGATIVOS QUE VOCÊ ENCONTROU NO ENSINO À DISTÂNCIA?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....363

FIGURA 42 - PSICOLOGIA SE APRENDE COM PRESENÇA (CARTAZ).371

FIGURA 43 – NUVEM DE PALAVRAS DAS RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO SUA VISÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO ATRAVÉS DE TICs TENHA SE MODIFICADO, O QUE VOCÊ IDENTIFICOU, EM SUA PRÁTICA ON-LINE, QUE POSSA TER GERADO ESSA MUDANÇA?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....414

FIGURA 44 – NUVEM DE PALAVRAS DAS IDEIAS ELENCADAS A PARTIR DAS RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS ENSINAMENTOS QUE A EXPERIÊNCIA DO ATENDIMENTO ON-LINE, DURANTE O PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL, TROUXE PARA VOCÊ?” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM

ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO. TAMBÉM RETIRAMOS OS TERMOS ATENDIMENTO, ON, LINE E VIRTUALIDADE POR NÃO TRAZEREM INFORMAÇÕES SIGNIFICATIVAS.	435
FIGURA 45 - SEÇÃO “CORONAVÍRUS” SITE DO CFP.	454
FIGURA 46 - NUVEM DE PALAVRAS COM AS MAIS CITADAS NOS TÍTULOS DAS POSTAGENS REALIZADAS NO SITE DO SISTEMA CONSELHOS, COM A CLASSIFICAÇÃO “PRÁTICA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DE TICs” UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	459
FIGURA 47 – NUVEM DE PALAVRAS COM AS MAIS CITADAS NOS TÍTULOS DAS POSTAGENS REALIZADAS NO SITE DO SISTEMA CONSELHOS QUE RECEBERAM A CLASSIFICAÇÃO “ENSINO DE PSICOLOGIA”. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA “PRO WORD CLOUD”, UM SUPLEMENTO DO “MICROSOFT OFFICE”. ESTÃO REPRESENTADAS AS 100 PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	461
FIGURA 48 – GRAFO DAS PUBLICAÇÕES NOS “BOLETINS DA PSICOLOGIA” REVELANDO SUAS CONEXÕES TEMÁTICAS. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7. A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2.	463
FIGURA 49 – GRAFO DOS TEMAS POSTADOS NOS “BOLETINS DA PSICOLOGIA” DISPOSTOS COMO RÓTULOS DOS NÓS. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). FERRAMENTA GEPHI 0.9.7. A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FORCEATLAS 2. A AMPLIFICAÇÃO DA IMAGEM PERMITE A LEITURA DOS RÓTULOS.	464

FIGURA 50 – DIVULGAÇÃO DO II SIMPÓSIO IGT DE PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: COVID19 - SOFRIMENTO E TRANSFORMAÇÃO.	467
FIGURA 51 – DIVULGAÇÃO DO III SIMPÓSIO IGT DE PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: “OLHANDO PARA O PSICÓLOGO À LUZ DA VIRTUALIDADE: O QUE APRENDEMOS COM O ISOLAMENTO SOCIAL?”	493
FIGURA 52 - NUVEM DE PALAVRAS SOBRE ENSINAR E APRENDER ATRAVÉS DA VIRTUALIDADE.	496
FIGURA 53 - NUVEM DE PALAVRAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO EVENTO.....	502
FIGURA 54 - CONSULTA PÚBLICA REFERENTE A SUG 40/2019.....	508
FIGURA 55 - NUVEM DE PALAVRAS CONSTRUÍDA A PARTIR DA TRADUÇÃO DO PRIMEIRO GRUPO DE TEXTOS CIENTÍFICOS. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA ATLAS.TI 9. ESTÃO REPRESENTADAS AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	522
FIGURA 56 - CATEGORIAS ADOTADAS PARA EXAMINAR OS TEXTOS CIENTÍFICOS RELATIVOS À PSICOLOGIA E IA. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.	523
FIGURA 57 - NUVEM DE PALAVRAS CONSTRUÍDA A PARTIR DA TRADUÇÃO DO SEGUNDO GRUPO DE TEXTOS CIENTÍFICOS. UTILIZOU-SE A FERRAMENTA ATLAS.TI 9. ESTÃO REPRESENTADAS AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.	524
FIGURA 58 - AS CATEGORIAS QUE DESENVOLVEMOS AO EXAMINAR OS TEXTOS RELATIVOS À PSICOTERAPIA E IA. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.....	525
FIGURA 59 - NUVEM DE PALAVRAS EXTRAÍDA DOS 15 ARTIGOS QUE INCLUEM "PSYCHOTHERAPY" E AI, PUBLICADOS EM 2022. UILIZOU-SE A FERRAMENTA ATLAS.TI 9. ESTÃO REPRESENTADAS AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NO TEXTO. O TAMANHO DAS PALAVRAS É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE VEZES QUE CADA PALAVRA APARECE NO FRAGMENTO. PARA CONSTRUIRMOS UMA REPRESENTAÇÃO ADEQUADA RETIRAMOS DO TEXTO ARTIGOS E PREPOSIÇÕES QUANDO ESTES APARECIAM ENTRE AS PALAVRAS MAIS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO.....	529

FIGURA 60 - CATEGORIAS ELENCADAS NOS 15 TEXTOS RELATIVOS A "PSYCHOTHERAPY" E AI PUBLICADOS EM 2022. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.	531
FIGURA 61 – GRAFO RELATIVO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE OBRAS QUE UTILIZAM CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS EM FUNÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÃO ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FRUCHTERMAN REINGOLD.	561
FIGURA 62 – GRAFO RELATIVO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE OBRAS QUE UTILIZAM CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS, IDENTIFICADAS PELOS RESPECTIVOS TÍTULOS. FORAM EXCLUIDAS AQUELAS COM MENOS DE 2 CITAÇÕES NO UNIVERSO PESQUISADO. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FRUCHTERMAN REINGOLD.....	561
FIGURA 63 - GRAFO RELATIVO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE OBRAS QUE UTILIZAM CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS, INCLUINDO, NO PARÂMETRO DE BUSCA, A PALAVRA PSICOLOGIA. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FRUCHTERMAN REINGOLD.	562
FIGURA 64 - GRAFO RELATIVO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE OBRAS QUE UTILIZAM CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS, INCLUINDO NO PARÂMETRO DE BUSCA A PALAVRA PSICOLOGIA, COM NOMES DAS OBRAS E SEM AS OBRAS QUE TIVERAM MENOS DE 2 CITAÇÕES NO UNIVERSO PESQUISADO. AS CONEXÕES ENTRE OS NÓS FORAM ESTABELECIDAS QUANDO IDENTIFICADAS RELAÇÕES ENTRE OS MESMOS. AS DIFERENÇAS DE TONALIDADE EXPRESSAM A MODULAÇÃO (FORMAÇÃO DE GRUPOS ENTRE OS NÓS) DA REDE, O DIÂMETRO DOS CÍRCULOS É COMPATÍVEL COM O GRAU (NÚMERO DE ARESTAS LIGADAS AO ACTANTE). A DISTRIBUIÇÃO FOI GERADA PELO ALGORITMO FRUCHTERMAN REINGOLD.....	562

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – COMPARATIVO SOBRE AS FORMAS DE REAÇÕES AO DIÁLOGO DIGITAL NOVIDADES SOBRE O ATENDIMENTO ON-LINE.	177
GRÁFICO 2 - COMPARATIVO SOBRE AS FORMAS DE REAÇÕES AO DIÁLOGO DIGITAL NOVIDADES SOBRE O ATENDIMENTO ON-LINE, SEM IDENTIFICAÇÃO PARA MELHOR VISUALIZAÇÃO.....	178
GRÁFICO 3 - COMPARATIVO SOBRE TIPOS DE POSTAGEM E QUANTIDADE DE REAÇÕES AO DIÁLOGO DIGITAL NOVIDADES SOBRE O ATENDIMENTO ON-LINE.	179
GRÁFICO 4 - COMPARATIVO SOBRE TIPOS DE POSTAGEM E QUANTIDADE DE REAÇÕES AO DIÁLOGO DIGITAL NOVIDADES SOBRE O ATENDIMENTO ON-LINE, SEM IDENTIFICAÇÃO PARA MELHOR VISUALIZAÇÃO.....	179
GRÁFICO 5 – PERCENTUAIS POR FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19.	328
GRÁFICO 6 - PERCENTUAIS QUANTO AOS GÊNEROS M E F DAS PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19.	329
GRÁFICO 7 – PERCENTUAIS DE CURSOS, CLASSIFICADOS SEGUNDO AS MODALIDADES ACADÊMICAS GERAIS, REALIZADOS POR PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19.....	330
GRÁFICO 8 – PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA DE ÁREAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO DAS PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19.	331
GRÁFICO 9 – INSTITUIÇÕES NAS QUAIS O CURSO FOI REALIZADO DURANTE A PANDEMIA COVID-19.....	332
GRÁFICO 10 - O QUE MUDOU NO APRENDIZADO SEGUNDO TODOS OS PARTICIPANTES QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	335
GRÁFICO 11 - O QUE MUDOU NO APRENDIZADO SEGUNDO OS ALUNOS DE GRADUAÇÃO QUE RESPONDERAM QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	337
GRÁFICO 12 - O QUE MUDOU NO APRENDIZADO SEGUNDO OS ALUNOS DO IGT QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19 (). PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	338

GRÁFICO 13 - O QUE MUDOU NO APRENDIZADO SEGUNDO ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO OU EXTENSÃO, QUE NÃO SÃO DO IGT, QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	340
GRÁFICO 14 - O QUE MUDOU NO APRENDIZADO, SEGUNDO AS PESSOAS QUE FREQUENTARAM AULAS ASSÍNCRONAS, E QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	341
GRÁFICO 15 – O QUE MUDOU NO APRENDIZADO, SEGUNDO AS PESSOAS QUE FREQUENTARAM AULAS SÍNCRONAS, E QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	342
GRÁFICO 16 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” (TODOS OS PARTICIPANTES). PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	348
GRÁFICO 17 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” (ALUNOS DE GRADUAÇÃO). PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	349
GRÁFICO 18 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” (ALUNOS DO IGT). PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	350
GRÁFICO 19 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?” (ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO OU EXTENSÃO QUE NÃO SÃO DO IGT). PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	351
GRÁFICO 20 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PARTICIPANTES POR FAIXA ETÁRIA.....	405
GRÁFICO 21 – PERCENTUAL DE PARTICIPANTES POR GÊNERO MASCULINO, FEMININO E PESSOA NÃO BINÁRIA.....	406
GRÁFICO 22 –PERCENTUAL DE PARTICIPANTES SEGUNDO A FAIXA DE TEMPO DE PRÁTICA CLÍNICA.....	406
GRÁFICO 23 – PERCENTUAL DOS PARTICIPANTES SEGUNDO SUAS AFINIDADES COM DIFERENTES ABORDAGENS NA PSICOLOGIA.....	407
GRÁFICO 24 - INSTITUIÇÕES FORMADORAS DOS PARTICIPANTES. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	408
GRÁFICO 25 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “JÁ ATENDIA ON-LINE ANTES DA PANDEMIA COVID-19?” PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	409
GRÁFICO 26 - RESPOSTAS À PERGUNTA: "QUAL ERA SUA VISÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO ATRAVÉS DE TICs ANTES DO ISOLAMENTO SOCIAL?" PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.....	410

GRÁFICO 27 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUAL É A SUA VISÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO ATRAVÉS DE TICs ATUALMENTE?” PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	411
GRÁFICO 28 - RESPOSTAS À PERGUNTA: “COMO VOCÊ REALIZA SEUS ATENDIMENTOS?”. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA POR MODO DE ATENDIMENTO.	421
GRÁFICO 29 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUE APLICATIVOS VOCÊ UTILIZA PARA REALIZAR SEUS ATENDIMENTOS?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	422
GRÁFICO 30 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUE FAIXA ETÁRIA DE CLIENTES VOCÊ SE ACHA CAPAZ DE ATENDER ATRAVÉS DE TICs?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	423
GRÁFICO 31 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUE FAIXA ETÁRIA DE CLIENTES VOCÊ SE ACHA CAPAZ DE ATENDER EM CONSULTÓRIO PRESENCIAL?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	424
GRÁFICO 32 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUANTO À INTENSIDADE EMOCIONAL DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA ATRAVÉS DE TICs, VOCÊ IDENTIFICA QUE O ENCONTRO PSICOTERAPEUTA-CLIENTE” SE DÁ PREDOMINANTEMENTE?” PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	425
GRÁFICO 33 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “COMO VOCÊ VÊ O ATENDIMENTO A CRIANÇAS ATRAVÉS DE TICs?” PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	426
GRÁFICO 34 - DISTRIBUIÇÃO DE ITENS QUE RECEBERAM A CLASSIFICAÇÃO “PRÁTICA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DE TICs” SEGUNDO SUBDIVISÕES DO SITE DO CFP. OCORRÊNCIAS EM VALORES PERCENTUAIS. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.	458
GRÁFICO 35 – DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS CLASSIFICADOS SIMULTANEAMENTE COMO “PRÁTICA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DE TIC” E “ENSINO DE PSICOLOGIA” ENTRE AS SUBDIVISÕES DO SITE DO CFP. OCORRÊNCIAS EM VALORES PERCENTUAIS. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.	460
GRÁFICO 36 – DISTRIBUIÇÃO DIAGRAMÁTICA DOS TEMAS “PRÁTICA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DE TICs” E “ENSINO DE PSICOLOGIA” NOS 16 BOLETINS DE PSICOLOGIA PUBLICADOS. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.	462
GRÁFICO 37- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS PARTICIPANTES.	475
GRÁFICO 38- FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES. PERCENTAIS DE INCIDÊNCIA.	475
GRÁFICO 39 - ANO EM QUE CONCLUIU A GRADUAÇÃO. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	476
GRÁFICO 40- FAIXA DE TEMPO EM QUE ATUAM ON-LINE. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	476
GRÁFICO 41 - EM QUE MODALIDADE REALIZAM SEUS ATENDIMENTOS. PERCENTUAIS DE INCIDÊNCIA.	477
GRÁFICO 42 – PROFISSIONAIS QUE ATUAM DE FORMA SÍNCRONA OU ASSÍNCRONA. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	478

GRÁFICO 43 - FAIXA ETÁRIA DOS CLIENTES ATENDIDOS. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	478
GRÁFICO 44 - APLICATIVOS UTILIZADOS PARA O ATENDIMENTO. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS DE USUÁRIOS DENTRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.	479
GRÁFICO 45 - MOTIVOS PARA A REALIZAÇÃO DE ATENDIMENTOS ATRAVÉS DE TICs. OCORRÊNCIA EM NÚMEROS ABSOLUTOS DENTRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	479
GRÁFICO 46 - VANTAGENS QUE IDENTIFICOU NO QUE SE REFERE AO ATENDIMENTO ATRAVÉS DE TICs.....	480
GRÁFICO 47 - COMPARAÇÃO ENTRE RELAÇÕES TERAPÊUTICAS ON-LINE E PRESENCIAL	481
GRÁFICO 48 - TRABALHO COM LINGUAGEM CORPORAL NO ATENDIMENTO ON-LINE	481
GRÁFICO 49 - DESVANTAGENS DO ATENDIMENTO ON-LINE, SEGUNDO OS PARTICIPANTES. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	482
GRÁFICO 50 - DIFERENÇAS COMPARATIVAMENTE AO TRABALHO COM O CORPO.....	482
GRÁFICO 51 – QUANTO À REALIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS NAS PRÁTICAS ON-LINE. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	483
GRÁFICO 52 - QUE EXPERIMENTAÇÕES REALIZA? OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	483
GRÁFICO 53 – TEXTOS SEGUNDO CATEGORIAS QUE NOS PARECERAM MAIS PRÓXIMAS A NOSSO OBJETIVO.FERRAMENTA ATLAS.TI 9.....	526
GRÁFICO 54 - OCORRÊNCIA DAS CLASSIFICAÇÕES “PRÁTICAS CONSOLIDADAS EM IA E PSICOTERAPIA” E “PROMESSAS FUTURAS EM IA E PSICOTERAPIA” NOS 15 TEXTOS DE 2022. FERRAMENTA ATLAS.TI 9.....	532

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- ETAPAS DA CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS.....	66
QUADRO 2 - COMPARAÇÃO ENTRE GESTALT-TERAPIA E TEORIA ATOR-REDE.	77
QUADRO 3 - NORTEADORES METODOLÓGICOS EM GESTALT-TERAPIA PARA ESSA PESQUISA.	82
QUADRO 4 - TERMOS REFERENTES AO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ATRAVÉS DE TICs NAS DIFERENTES RESOLUÇÕES.....	146
QUADRO 5 - ARGUMENTOS PRÓ TELEPSICOLOGIA.....	151
QUADRO 6 - ARGUMENTOS CONTRA A TELEPSICOLOGIA.	152
QUADRO 7 - ARGUMENTOS FAVORÁVEIS AOS CUIDADOS NO PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO.....	152
QUADRO 8 - ARGUMENTOS FAVORÁVEIS AO ATENDIMENTO POR MEIO DE TICs.....	282
QUADRO 9 - ARGUMENTOS CONTRÁRIOS AO ATENDIMENTO POR MEIO DE TICs.....	282
QUADRO 10 - QUESTIONÁRIO SOBRE O ENSINO DE PSICOLOGIA NO PERÍODO DA PANDEMIA COVID-19.....	327
QUADRO 11 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO SOBRE ENSINO DE PSICOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19 POR FAIXA ETÁRIA.....	327
QUADRO 12 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO TENHA OCORRIDO DECRÉSCIMO EM SUAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO, A QUE VOCÊ ATRIBUI?”	342
QUADRO 13 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO TENHA OCORRIDO GANHOS EM SUA POSSIBILIDADE DE APRENDIZADO, A QUE VOCÊ ATRIBUI?”	345
QUADRO 14 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” QUE SE SEGUIU À: “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?”	352
QUADRO 15 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” APÓS NEGAREM EM RESPOSTA À PERGUNTA “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?”	355
QUADRO 16 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” DAQUELES QUE DECLARARAM “PREFERIA QUE FOSSE HÍBRIDO?”	357
QUADRO 17 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “POR QUÊ?” DAQUELES QUE SE DECLARARAM NÃO DECIDIDOS SE “AO TÉRMINO DA PANDEMIA VOCÊ PREFERIRIA VOLTAR AO ENSINO PRESENCIAL?”	358

QUADRO 18 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS QUE VOCÊ ENCONTROU NO ENSINO À DISTÂNCIA?”. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	359
QUADRO 19 – RESPOSTAS À PERGUNTA: “PRINCIPAIS PONTOS NEGATIVOS QUE VOCÊ ENCONTROU NO ENSINO À DISTÂNCIA?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	362
QUADRO 20 - PERGUNTAS DE NOSSO QUESTIONÁRIO.	404
QUADRO 21- FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	405
QUADRO 22 – CONTEÚDO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA: “CASO SUA VISÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO ATRAVÉS DE TICs TENHA SE MODIFICADO, O QUE VOCÊ IDENTIFICOU, EM SUA PRÁTICA ON-LINE, QUE POSSA TER GERADO ESSA MUDANÇA?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	412
QUADRO 23 – CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS QUANTO À CRENÇA. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	415
QUADRO 24 - DESCRIÇÃO DE CRENÇA DESFAVORÁVEIS. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	416
QUADRO 25 - DESCRIÇÃO DE CRENÇA FAVORÁVEIS. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	417
QUADRO 26 - DESCRIÇÃO DE FORMA DE CONSTRUÇÃO DE CRENÇA. OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	419
QUADRO 27 – IDEIAS ELENCADAS A PARTIR DAS RESPOSTAS À PERGUNTA: “QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS ENSINAMENTOS QUE A EXPERIÊNCIA DO ATENDIMENTO ON-LINE, DURANTE O PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL, TROUXE PARA VOCÊ?” OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.	428
QUADRO 28 - RESPOSTAS DO PRIMEIRO GRUPO DE PARTICIPANTES.....	436
QUADRO 29 - RESPOSTAS DO SEGUNDO GRUPO DE PARTICIPANTES.....	439
QUADRO 30 - RESPOSTAS DAS 49 PESSOAS QUE, COM A PRÁTICA, ALTERARAM SUAS PERCEPÇÕES.....	441
QUADRO 31 – COM AS RESPOSTAS DAS PESSOAS QUE MANTIVERAM A MESMA PERCEPÇÃO, TENDO RESPONDIDO “É UMA PRÁTICA POUCO INTERESSANTE”	450
QUADRO 32 - SUBDIVISÃO DA SEÇÃO “CORONAVÍRUS” QUANTO AOS TIPOS DE PUBLICAÇÃO. OCORRÊNCIAS EM VALORES ABSOLUTOS.	454
QUADRO 33 - LISTA DE CÓDIGOS/CLASSIFICAÇÕES E A INCIDÊNCIA DOS CONTEÚDOS APRESENTADOS EM CADA UMA DAS POSTAGENS DO CFP SESSÃO “CORONAVÍRUS”. OCORRÊNCIAS EM VALORES ABSOLUTOS.	455

QUADRO 34 - TEMAS QUE CONSTAM DOS “BOLETINS DA PSICOLOGIA” E RESPECTIVAS INCIDÊNCIAS, EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	464
QUADRO 35 - RESULTADOS DA PESQUISA DE TEXTOS CIENTÍFICOS, UTILIZANDO A COMBINAÇÃO PSYCHOLOGY, ARTIFICIAL INTELLIGENCE E .PDF	518
QUADRO 36 - RESULTADOS DA PESQUISA DE TEXTOS CIENTÍFICOS, UTILIZANDO A COMBINAÇÃO PSYCHOTHERAPY, ARTIFICIAL INTELLIGENCE E .PDF	519
QUADRO 37 – TEXTOS PUBLICADOS EM 2022 QUE CITARAM "PSYCHOTHERAPY" E AI, E CORRESPONDERAM AOS DEMAIS CRITÉRIOS.	527
QUADRO 38 - REFERÊNCIAS CIENTÍFICAS (IDENTIFICADAS POR SEUS TÍTULOS) SELECIONADAS A PARTIR DAS PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFIA, CONTROVÉRSIAS E ATOR-REDE.	566
QUADRO 39 - TEXTOS SELECIONADOS A PARTIR DAS PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFIA, CONTROVÉRSIAS, ATOR-REDE E PSICOLOGIA.	585

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	33
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA, GESTALT-TERAPIA: AJUSTANDO METAS E MÉTODOS	38
1.1 GESTALT-TERAPIA E A BUSCA DE SUPERAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA DUALISTA.....	47
1.2 INVESTIGAR JUNTO, CONSTRUIR JUNTO, TRANSFORMAR JUNTO	57
1.3 A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA ATOR REDE E DA CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS	61
1.4 DESCREVENDO NOSSA METODOLOGIA DE PESQUISA	77
2 O CAMPO DE PESQUISA (CAMPO-TEMA).....	86
2.1 IMPLICAÇÃO EM RELAÇÃO AO TEMA.....	87
2.2 A DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	89
2.3 FORMAS DE APROXIMAÇÃO	92
3 O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS ATRAVÉS DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	96
3.1 O BALIZAMENTO ÉTICO DA PROFISSÃO DO PSICÓLOGO.....	97
3.1.1 A resolução CFP Nº 002/95	98
3.1.2 A resolução CFP Nº 003/2000	104
3.1.2.1 Entrevista com Oliver Zancul Prado	111
3.1.3 A resolução CFP Nº 012/2005	115
3.1.4 A resolução CFP Nº 011/2012	123
3.1.4.1 Entrevista com Roseli Goffman	131
3.1.5 A resolução CFP Nº 11/2018.....	133
3.1.6 A resolução CFP Nº 04/2020.....	141
3.1.7 As mudanças dos termos ao longo do tempo	146
3.2 CONSTRUINDO A RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018: A PSICOTERAPIA <i>ON-LINE</i> PASSA A SER PERMITIDA	147
3.2.1 Entrevista com Thiago Melício.....	154
3.2.2 A regulamentação das práticas psicológicas por meio de tecnologias de informação e comunicação	158
3.2.3 Entrevista com Raul Oliveira.....	160
3.2.4 Entrevista com Diva Lúcia Gautério Conde	162
3.2.5 Psicologia digital e contemporaneidade	167
3.2.6 Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento <i>On-line</i>.....	175
3.2.7 Entrevista com Rosane Granzotto	190
3.2.8 Entrevista com Yonathan Yuri Faber, responsável pelo Fala Freud.....	197

3.3 OUTRAS ENTREVISTAS RELATIVAS AO PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS MEDIADAS POR TICS.....	201
3.3.1 Entrevista com Ivelise Fortim de Campos	201
3.3.2 Entrevista com Carmelita Gomes Rodrigues.....	205
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS ATRAVÉS DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	209
3.4.1 Quem “sou eu” diante de toda essa história?.....	212
3.4.2 Onde estão os Gestalt-Terapeutas na discussão do atendimento através de TICs?	219
3.4.3 O Centro de Valorização da Vida CVV	220
4 PONTOS DE INFLEXÃO (CLINÂMEN) E REPOSICIONAMENTOS. AS DIVERSAS TRANSFORMAÇÕES VIVIDAS EM NOSSO CAMPO TEMA: UM POUCO DE HISTÓRIA	221
4.1 PERÍODO PRÉ-RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 E PRÉ-COVID-19.....	222
4.1.2 A virtualidade invadindo espaços de supervisão a atendimentos presenciais.....	224
4.1.3 No trabalho com adultos	224
4.1.4 Contato com a coordenadora do grupo de trabalho responsável pela redação da resolução CFP Nº 11/2018.....	230
4.2 PERÍODO PÓS-RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 E PRÉ-PANDEMIA COVID-19.....	231
4.2.1 O I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade	232
4.2.2 O Pré-COREP da região serrana	252
4.2.3 Os limites no <i>Whatsapp</i>	254
4.2.4 A coordenação do grupo de trabalho sobre psicologia e virtualidade ...	258
4.2.5 Pesquisando com alunos do IGT	268
4.2.6 Considerações gerais sobre o período entre a liberação do atendimento através de TICs e o período de isolamento social referente a Covid-19	287
4.3 COVID-19 E TELEPSICOLOGIA	287
4.3.1 Conduzindo um instituto de psicologia em um contexto de isolamento social	291
4.3.2 A migração das aulas.....	292
4.3.3 A turma voltada para o atendimento a crianças e adolescentes	295
4.3.4 A migração dos <i>Workshops</i>	298
4.3.5 As transformações nas palestras do instituto.....	299
4.3.6 A migração dos atendimentos individuais.....	301
4.3.7 A migração dos atendimentos de grupo	302
4.3.8 A migração dos atendimentos de famílias para a virtualidade	303
4.3.9 A mudança do perfil de nossos alunos.....	307

4.3.10 Acompanhando alunos e ex-alunos e nossa busca de contribuição social	308
4.3.11 IGT com você: Acolhimento na Rede	321
4.3.12 O que alunos têm para contar sobre o processo de transição de seus cursos para a virtualidade	326
4.3.13 O estudante de psicologia deve atender <i>on-line</i> ? Como aprender psicologia em tempos de isolamento social?	364
4.3.14 O intimismo virtual	396
4.3.15 O que mudou na visão de psicólogos em relação ao atendimento através de TICs a partir da pandemia Covid – 19	403
4.3.16 O CFP e a COVID 19	453
4.3.17 O II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade	466
4.3.18 O III Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade	493
4.3.19 Considerações sobre os rastros deixados pelo SARS-CoV-2 na psicologia brasileira.....	503
5 SETAS PARA O FUTURO.....	506
5.1 A REALIDADE VIRTUAL HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS	509
5.2 A REALIDADE AUMENTADA HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS	511
5.3 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS	512
5.4 A JUNÇÃO DE IA RV E RA E APARELHOS DE <i>BIOFEEDBACK</i>	515
5.5 COMO A IA TEM IMPACTADO A PSICOLOGIA EM OUTROS PAÍSES?.....	517
CONSIDERAÇÕES FINAIS	538
REFERÊNCIAS.....	546
GLOSSÁRIO.....	559
APÊNDICE 1 - CARTOGRAFANDO A CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS.....	560
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO: O QUE OS ALUNOS TÊM PARA CONTAR SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE SEUS CURSOS PARA A VIRTUALIDADE?	592
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO: PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE: ACOMPANHANDO O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PELOS PSICÓLOGOS BRASILEIROS.....	594
ANEXO 1 - RESOLUÇÃO CFP N° 002/95	597
ANEXO 2 - RESOLUÇÃO CFP N° 003/2000	598
ANEXO 3 - RESOLUÇÃO CFP N° 012/2005	602
ANEXO 4 - RESOLUÇÃO CFP N° 011/2012	607
ANEXO 5 - RESOLUÇÃO CFP N° 11/ 2018.....	613

ANEXO 6 - RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 COMENTADA	616
---	------------

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Últimos anos da década de noventa, próximos da virada do século. Nossa secretária nos passou uma ligação. Do outro lado havia alguém com uma voz muito angustiada. Parecia estar vivendo um sofrimento intenso, um momento de crise em seu caminho de vida. Aquela ligação era um pedido de socorro e não foi possível encontrar nenhuma forma para ajudar aquela pessoa.

Até hoje, quando lembramos daquela situação, conseguimos sentir a angústia e a sensação de impotência que nos acometeu naquele momento, principalmente quando desligamos o telefone sem ter conseguido encontrar um caminho. Estes sentimentos mantêm vivas dentro de nós as recordações daquela ligação, mesmo tendo sido um contato telefônico com um desconhecido que não durou muito mais do que 10 minutos e já terem passado mais de 20 anos do acontecido.

A pessoa do outro lado queria marcar um horário para receber nosso atendimento. Era um homem que se travestia como mulher. Essa pessoa não conseguia se imaginar sentada na sala de espera de um consultório de psicologia. Dentro das dificuldades que ela vivia no seu contato com outros seres humanos, aquela não era uma possibilidade que ela conseguisse suportar. O que para a maioria das pessoas seria algo simples, para aquele ser humano, naquele momento de sua existência, não era um caminho viável. Tentamos pensar em várias formas: atendimento domiciliar; um horário que tivesse menos movimento, precisão na pontualidade e várias outras possibilidades, mas nenhum caminho se fez possível para ela.

Talvez, apenas talvez, se aquela situação tivesse sido vivida nos dias de hoje, os recursos virtuais, que existem na atualidade, poderiam servir como caminho para aquele processo, dando ferramentas para criar um espaço que desse segurança para iniciar uma relação terapêutica. Naquela época muitos recursos tecnológicos que temos hoje não existiam, além disso, nós psicólogos estávamos impedidos de realizar práticas psicológicas à distância por nossas próprias regulamentações, de acordo com a resolução CFP 002/95 (Anexo 1).

No início de 2018, elegemos o fragmento acima como prólogo para nossa tese, naquele momento o atendimento psicoterapêutico à distância era uma prática

não aceita pelo sistema conselhos de psicologia, só podendo ser realizada de forma eventual ou em pesquisas. Grande parte dos psicólogos viam com reservas a possibilidade deste tipo de atuação. Narrar uma situação que ilustra como o atendimento psicológico a distância poderia trazer efeitos positivos de forma a demonstrar sua importância, parecia uma boa forma de iniciarmos a introdução da nossa pesquisa. No momento que concluo esta investigação esse gesto se tornou anacrônico, o atendimento à distância já é uma prática aceita para o psicólogo, e a ampla maioria de nossa categoria já passou por experiências que mostram o quanto essas práticas podem ser importantes. Fizemos a opção de manter este fragmento em nossa introdução, não mais para demonstrar a importância desta possibilidade de atuação, mas sim para evidenciar a forma como o contexto dessa investigação se modificou ao longo do caminho de construção desta tese. O período em que confeccionamos essa pesquisa foi um período especialmente denso no que se refere a modificações nesse tema de investigação. Iniciamos nossa pesquisa no primeiro semestre de 2017. Em novembro de 2018 entrou em vigor a resolução CFP Nº 11/2018, depois de 23 (vinte e três) anos da primeira resolução referente ao atendimento psicológico à distância, e de 4 (quatro) outras resoluções que impediam essa prática ou a restringiam ao campo da pesquisa. A partir desta resolução o atendimento psicológico através de tecnologias de informação e comunicação (TICs) passou a ser uma prática reconhecida e autorizada para os psicólogos brasileiros. Em 2020 a necessidade de isolamento social provocado pela pandemia Covid-19 forçou os psicólogos a migrarem, abruptamente, suas práticas para a virtualidade, ampliando de forma inimaginável, em um tempo extremamente curto, a utilização das TICs por parte dessa categoria profissional. O contexto de investigação se modificou drasticamente ao longo do período de construção dessa tese.

As profundas modificações que pudemos acompanhar, por um lado criaram um cenário amplo para nossa pesquisa, tivemos muito a observar, por outro lado tornaram inadequada a possibilidade de estabelecermos um foco específico para a mesma. Cada um dos capítulos dessa investigação poderia ser transformado em uma tese. Porém, nesse contexto nos fecharmos em qualquer um dos temas que buscamos abarcar empobreceria nossa produção. A afirmação menos é mais, que se encaixa muito bem quando pensamos no escopo de uma tese acadêmica não pôde ser respeitada na construção de nosso texto.

Dentro deste contexto de tantas transformações, a investigação em relação ao processo de assimilação das práticas psicológicas através de tecnologias de informação e comunicação e das controvérsias relativas a este processo se mostram uma contribuição bastante significativa para o desenvolvimento dos conhecimentos relativos à psicologia clínica.

Este trabalho foi desenvolvido como uma das exigências para a conclusão do curso de doutorado e obtenção do título de Doutor pelo autor. A hipótese que determinou, inicialmente, a escolha do tema dessa pesquisa foi a de que as transformações tecnológicas, em especial as relativas às tecnologias de informação e comunicação, vêm deixando rastros importantes nas práticas psicológicas e guardam um significativo potencial transformador no que se refere, em especial, à atuação do psicólogo clínico.

A atuação do psicólogo, através de tecnologias de informação e comunicação tem merecido atenção do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Já foram publicadas 6 (seis) resoluções, sobre a atuação do psicólogo a distância (Anexos 1, 2, 3, 4, 5 e 7). De algum modo, os entendimentos sobre a adequação e possibilidade dessas formas de atuação têm se modificado, como é possível perceber na necessidade de reformulação das regras relativas a esse tema. Quando essa pesquisa teve início em 2017, pesquisamos no Google, na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil), nos Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), no Centro de Documentação da Gestalt-Terapia Brasileira (CDGB) e na revista virtual IGT na Rede, utilizando as palavras-chave: Psicologia, psicoterapia, *on-line*, virtualidade, Gestalt-Terapia, cartografia e controvérsias. Não encontramos investigações, já realizadas no Brasil, que tivessem metodologia coerente com a Gestalt-Terapia e como foco o acompanhamento das controvérsias referentes a estas formas de atuação.

Buscamos acompanhar o processo de apropriação de recursos virtuais por parte de psicólogos clínicos brasileiros ao longo do período compreendido entre 1995, ano em que foi publicada a primeira resolução referente a esse tema pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e dezembro de 2021, época em que encerramos nossas pesquisas de campo. Quanto a pesquisas bibliográficas elas foram concluídas em outubro de 2022, quando buscamos atualizar nossas

pesquisas acerca da apropriação de novas tecnologias por psicólogos de outros países que aparece em nosso capítulo 5 (cinco).

A referência teórica desta pesquisa foi a Gestalt-Terapia. Coerente com as características desta abordagem utilizamos alguns recursos oriundos de outras perspectivas que se constroem a partir de pressupostos congruentes com as crenças centrais da Perspectiva Gestáltica¹, em especial a Cartografia de Controvérsias. No que tange à cartografia de controvérsias, buscamos utilizar os moldes propostos por Bruno Latour e seus colaboradores, particularmente Tommaso Venturini (2010; 2012). Utilizamos especificamente os aspectos metodológicos dessa perspectiva que se mostram coerentes com os princípios fundamentais relativos à Gestalt-Terapia.

Coerente com nossa fundamentação teórico/metodológica nossa investigação traz características qualitativas e predominantemente descritivas. A busca foi na direção da construção de mapas que representassem de forma detalhada o processo de assimilação por parte de psicólogos brasileiros das tecnologias de informação e comunicação. Tarefa que foi realizada a partir de nossas inserções no campo da psicologia. Não nos omitimos de tecer nossas considerações quando julgamos apropriado.

Buscamos acompanhar o processo de regulamentação do atendimento psicológico à distância, mapeando as publicações relativas a esse tema a partir do período em que começaram a existir regulamentações especificamente voltadas para a atuação do psicólogo com essas ferramentas. Inclusive este movimento nos permitiu participar das discussões que culminaram com a redação da resolução CFP nº 11/2018 que, como já dissemos, liberou os psicólogos brasileiros a realizarem as práticas psicológicas através de tecnologias de informação e comunicação.

Examinamos as postagens realizadas nos sites e redes sociais relativas ao sistema conselhos de psicologia. Também utilizamos questionários e realizamos entrevistas com psicólogos, estudantes de psicologia e com outros profissionais ligados de alguma forma a este processo de apropriação. Utilizamos recursos

¹ O termo Perspectiva Gestáltica é utilizado por alguns autores como sinónimo de Gestalt-Terapia. Este seria mais coerente com as características desta abordagem visto que o termo Gestalt-Terapia leva o leitor a uma percepção de que seria uma abordagem puramente clínica, o que não corresponde à realidade.

virtuais como Google, SciELO e BVS-Psi, com as palavras-chave, psicologia; atendimento; informação; comunicação; psicoterapia; virtualidade e *on-line*, de forma a acompanhar as publicações referentes a esse assunto quando iniciamos nossa pesquisa. O critério utilizado para a seleção desses artigos foi a presença das palavras-chave supracitadas nos títulos dos textos. Nos mantivemos atentos em relação ao nosso tema quando em nossas inserções profissionais como psicólogo clínico e como instrutores em cursos voltados para o desenvolvimento de psicólogos clínicos.

No primeiro capítulo buscamos explicitar as características fundamentais de nossa metodologia de pesquisa. Inclusive no item 1.4 apresentamos um quadro comparativo entre Gestalt-Terapia e Teoria Ator-Rede. No segundo capítulo procuramos delimitar nosso campo de pesquisa. No terceiro capítulo trabalhamos com o sistema de regulamentações referentes ao nosso tema. Ao longo desse capítulo buscamos mapear os principais actantes² que participaram desse processo com o auxílio de grafos³. No quarto capítulo tratamos das diversas fases vividas ao longo de nosso processo de investigação. Fizemos isso a partir de registros de nosso caderno de campo e da investigação de diversos contextos que tivemos a oportunidade de acompanhar. No quinto capítulo tratamos dos caminhos futuros que o desenvolvimento tecnológico nos aponta. Por fim, fizemos nossas considerações finais.

² Actante: termo utilizado no universo da “Teoria Ator-Rede” para substituir a palavra “ator”, com o objetivo de evitar equívocos gerados pela tendência a se associar o termo “ator” com a figura humana. Interpretação que não é coerente com esta perspectiva. (PINHEIRO-DA-SILVA, 2015, p.22)

³ Um grafo é uma representação na qual um conjunto de vértices (Nós) é interligado por arestas (Arcos) de forma a representar as relações estabelecidas entre eles. Esta forma de representação é muito própria para mapear redes.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA, GESTALT-TERAPIA: AJUSTANDO METAS E MÉTODOS

Vida não é disciplinar, Gestalt-Terapia é vida,
Gestalt-terapia não é disciplinar.⁴

A referência teórico-metodológica para a elaboração dessa pesquisa foi a Gestalt-Terapia. Buscamos desenvolver nossos estudos de forma coerente com essa perspectiva. Ao contrário do que o termo Gestalt-Terapia sugere, trata-se de algo que vai muito além de uma prática psicoterapêutica. Trata-se de uma perspectiva, de uma forma de compreender a “realidade”, uma atitude (BELMINO, 2014), Juliano confirma:

A Gestalt é principalmente uma postura diante da vida, que implica um contato vivo com o mundo, com a pessoa do outro, na sua singularidade, [...]. Esse contato apoia-se sobre a vivência, na experiência de primeira mão, no aqui-agora, o que estimula uma presença constante e atenta”. (JULIANO, 1999, p.25)

Esta forma de construção de “realidade” abre possibilidades muito potentes para a atuação de psicólogos em qualquer de nossas áreas de atuação. Temos trabalhado desde 1988 a partir de uma perspectiva gestáltica, sendo assim, fez muito sentido buscar utilizar essa forma de olhar para o desenvolvimento dessa investigação.

Como explicaremos posteriormente a Gestalt-Terapia se constrói a partir de várias influências filosóficas e teóricas. Constitui uma síntese capaz de integrar essas influências de modo harmônico e consistente. É uma perspectiva que se desenvolve no campo da prática da psicologia clínica, à luz de um olhar que busca se afastar de uma perspectiva dualista, a partir de uma crença central específica: a compreensão de que não é possível separar sujeito e objeto. Essa forma de olhar se

⁴ Epígrafe criada por nós em forma de silogismo Aristotélico. Lógica defendida por Aristóteles como forma de construção de conhecimento. Cabe ressaltar que, como nos traz Fonseca (2009), o filósofo estagirita tem relação com raízes profundas da árvore genealógica da Gestalt-Terapia.

organiza a partir do entendimento de que a compreensão que o psicólogo desenvolve sobre seu cliente conta mais do psicólogo do que do cliente, fala de onde o psicólogo está olhando para seu cliente. Não podendo ser entendida como uma realidade última e natural ao cliente.

O desenvolvimento de um Gestalt-Terapeuta passa por uma construção de identidade, passa por uma certa apropriação de uma determinada forma de aproximação em relação ao universo que nos circunda. Não estamos falando de uma técnica que se aprende e se utiliza da porta para dentro de uma sala de psicologia. E sim, de uma forma de se organizar diante do mundo que a pessoa habita. A construção de um gestalt-terapeuta passa pelo que chamamos de uma conversão fenomenológica. Por uma construção de um voto de pobreza no que se refere a verdades absolutas. Pelo desenvolvimento de uma atitude que procura se afastar de uma compreensão causal linear da realidade, que se dedica a construções de mapas descritivos e não explicativos em relação à experiência humana. Essa é uma postura que se distancia bastante da atitude que somos convidados a desenvolver em nossa tradição cultural euro-americana, inclusive no que se refere aos aspectos linguísticos dessa tradição, como nos traz Belmino (2014):

Em seus trabalhos anteriores, Perls sempre buscara encontrar uma linguagem não dicotômica, que pudesse descrever a experiência sem recorrer a uma visão desintegrada do ser humano, já que, para ele, as teorias psicoterápicas buscavam uma tarefa impossível, a de "integrar personalidades com o auxílio de uma linguagem não-integradora". (BELMINO, 2014, p.34)

Uma das crenças centrais nessa perspectiva é a de que o ser humano se transforma a partir das relações que estabelece, principalmente das relações que estabelece com outros seres humanos. Este movimento de transformação seria um movimento inerente e necessário para qualquer ser vivo. Perls (1985) corrobora:

As psicologias mais antigas descreviam a vida humana como um conflito constante entre o indivíduo e seu meio. Por outro lado, nós o vemos como uma interação entre os dois, dentro da estrutura de um campo constantemente mutável. E, uma vez que o campo está mudando constantemente, devido a sua própria natureza e ao que lhe fazemos, suas formas e técnicas de interação devem ser, elas mesmas, necessariamente fluidas e mutáveis. (PERLS, 1985, p.39)

O fenômeno da vida passa por dois movimentos o de manutenção de identidade e o de transformação e ajustamento. Como seres vivos precisamos nos

manter e ao mesmo tempo precisamos nos ajustar de forma a permanecermos capazes de estar em relação com nosso contexto visto que esse tende a não ser estável. Autores como Maturana e Varela (1995) desenvolvem uma forma de pensar que corrobora esse modo de compreender a relação de seres vivos com seus contextos:

O acoplamento estrutural entre o organismo e o meio ocorre entre sistemas operacionalmente independentes. A manutenção dos organismos como sistemas dinâmicos em seu meio depende de uma compatibilidade entre os organismos com o meio, o que chamamos de adaptação. Se, por outro lado, as interações do ser vivo com seu meio se tornam destrutivas, desintegrando-o ao interromper sua autopoiese, consideramos que o ser vivo perdeu sua adaptação. A adaptação, portanto, é uma consequência necessária do acoplamento estrutural da unidade com o meio, e portanto não deveria surpreender. Em outras palavras, a ontogenia de um indivíduo é uma deriva de mudanças estruturais com conservação de organização e adaptação.

É bom repetir: a conservação da autopoiese e a conservação da adaptação são condições necessárias à existência dos seres vivos. A mudança estrutural ontogênica de um ser vivo no seu meio será sempre uma deriva estrutural congruente entre o ser vivo e o meio. Ao observador, essa deriva parecerá "selecionada" pelo meio ao longo da história de interações do ser vivo, enquanto estiver vivo. (MATURANA & VARELA. 1995, p.137)

Em um outro fragmento do mesmo livro encontramos o seguinte trecho:

já que todo sistema autopoietico é uma unidade feita de múltiplas interdependências, quando uma dimensão do sistema é modificada, o organismo como um todo passa por mudanças correlativas em muitas dimensões ao mesmo tempo. Mas, certamente, tais mudanças correlativas, que nos parecem corresponder a mudanças no meio, não ocorrem por causa destas, e sim na deriva que se configura no encontro operacionalmente independente entre organismo e meio. Como não vemos todos os fatores que participam do encontro, a deriva nos parece um processo comandado pelo acaso. Veremos que não é assim ao estudarmos as maneiras com que o organismo, como um todo coerente, experimenta mudanças estruturais.

Resumindo: a evolução é uma deriva natural, produto da invariância da autopoiese e da adaptação. Como no caso das gotas d'água, não é necessária uma direcionalidade externa para gerar a diversidade e a complementaridade entre organismo e meio. Tampouco é necessário tal roteiro para explicar a direcionalidade das variações numa linhagem, nem se trata da otimização de alguma qualidade específica dos seres vivos.

A evolução se assemelha mais a um escultor vagabundo que perambula pelo mundo recolhendo um fio aqui, um pedaço de lata ali, um pedaço de madeira acolá, e os combinando da maneira que sua estrutura e circunstância permitem, sem mais razão do que a

possibilidade de combiná-las. E assim, enquanto ele vagueia, vão se produzindo formas intrincadas, compostas de partes harmonicamente interligadas, que são produtos não de um desígnio, mas de uma deriva natural. Assim também, sem outra lei que a conservação de uma identidade e a capacidade de reprodução, foi que todos nós surgimos. É a lei fundamental que nos liga a todas as coisas: à rosa de cinco pétalas, ao camarão-d'água-doce, ao executivo de Nova Iorque. (MATURANA & VARELA, 1995, p.148-149)

Maturana e Varela trazem toda uma rede conceitual que dialoga de forma muito interessante com a perspectiva gestáltica, essa interlocução mereceria um capítulo inteiro nessa tese, mas nos afastaria demasiadamente do foco de nossa pesquisa, sendo assim, retornando aos conceitos gestálticos podemos afirmar que saúde, dentro dessa perspectiva, tem relação com essa capacidade de se ajustar criativamente ao contexto vivido. Perls confirma:

Quando o indivíduo se torna incapaz de alterar suas técnicas de manipulação e interação é que surge a neurose. Quando o indivíduo está cristalizado num modo de atuar obsoleto, fica menos capaz de ir ao encontro de qualquer de suas necessidades de sobrevivência, inclusive das necessidades sociais. (PERLS, 1985, p.40)

O contexto se transforma, o ser vivo também precisa se transformar. No ser humano isso se dá de forma especialmente dinâmica. Somos seres culturais, nosso contexto cultural se modifica, nós nos modificamos. Estamos falando de uma via de mão dupla, as mudanças do entorno geram mudanças nos seres vivos e os seres vivos geram mudanças em seus ambientes. Estamos falando de uma conexão dinâmica. Como já havíamos tratado no fragmento a seguir:

A vida é um fenômeno de fronteira que se desenvolve a partir de relações. Para existir relações, precisam existir diferenças, contrastes. No planeta Terra a vida acontece em uma fina camada de sua superfície. Ali se dão as maiores diferenças de potencial. Ocorre, entre outros fenômenos, a incidência da luz. Existe a substância chamada água que se apresenta em três fases diferentes: líquida, sólida e gasosa. É nessas condições, nas quais muitas diferenças convivem, que existe a possibilidade de vida. Ela só pode acontecer aonde existem diferenças de potencial; vida se constrói nas fronteiras onde encontramos condições de diversidade.

Todo ser vivo é integrado a seu meio, isto é, só faz sentido dentro de seu contexto. Por exemplo, se separamos o peixe da água, ele não pode continuar seu processo vital. Se separamos o homem do oxigênio, ele não consegue continuar existindo como homem. Vida é relação; qualquer ser vivo que seja separado de seus campos relacionais mais básicos deixa de estar vivo. Ele só consegue se transformar para lidar com um grau limitado de mudanças em seu meio.

Se vida é relação e envolve um contexto relacional, logo temos uma delicada interação de troca que precisa ser mantida e se reconfigurar de acordo com as transformações que ocorram na interação do indivíduo com seu meio ambiente. Vida necessariamente envolve um certo dinamismo. Podemos descrever esse fenômeno quando observamos indivíduos e também quando observamos as espécies. Elas passam pelo mesmo processo de manutenção e transformação. De certa maneira, a própria morte do indivíduo parece estar aliada à necessidade de transformação da espécie. A associação de nascimento, sexualidade e morte propicia permanência e transformação da espécie. A sexualidade permite troca de material genético e a morte determina o ciclo de permanência daquele ser específico, promovendo a substituição do antigo pelo novo. Um novo que guarda semelhanças em relação ao antigo, mas também traz outras possibilidades, permitindo à espécie ajustar-se criativamente às situações que lhe são apresentadas. (PINHEIRO-DA-SILVA, 2014, p.182-183)

O foco de investigação da Perspectiva Gestáltica é a relação, esse é o tema de interesse desta abordagem. Buscamos olhar para o entre, para a forma como as relações se dão. Para a forma como se dá a relação de um indivíduo com seu meio.

O Gestalt-Terapeuta trabalha buscando construir relações terapêuticas com seus clientes. Ele é um profissional da relação. Ele busca que a qualidade de sua relação com seus clientes tenha características que facilitem o movimento natural, ao ser humano, de se transformar em suas relações com seu mundo para facilitar que esse movimento de transformação possa se dar de forma intensa e harmônica. Coerente com o que nos traz Fonseca (2007):

Gestalterapeutas são antropólogos porque decidiram dedicar-se a ser parceiros efetivos e imediatos das pessoas nos processos de suas invenções vivenciais e experimentais de si, nos momentos críticos destes processos. Parceiros de pessoas, freqüentemente em dificuldades, na invenção de sua humanidade. Em particular nos privilegiados momentos de suas crises, do sofrimento, da vivência de seus limites e da superação deles. E isto é uma forma muito particular de antropologia. De conhecimento do humano. Poderia chamar-se de solidariedade. Não daquela solidariedade altruísta e piedosa, mas a solidariedade daquele que se fascina, envolvido, na criação de si próprio e de seu próprio mundo, descobrindo a nossa inevitável condição de sermos juntos, e entende efetivamente a luta de autocriação do outro, de invenção do mundo que lhe diz respeito, como algo de sua própria luta. E, do seu próprio lugar, envolve-se fascinado. (FONSECA, 2007, p.2)

Sendo assim, o Gestalt-Terapeuta busca estar intensamente presente nas relações que estabelece. Ele busca encontrar a pessoa de seu cliente a partir de sua própria personalidade. O trabalho do Gestalt-Terapeuta passa por um encontro de existências, por um encontro existencial. Crocker (2014) complementa:

Porque estamos interessados no campo existencial multifacetado de uma pessoa, estamos, portanto, atentos ao fato de que a totalidade do ser humano acontece (como indicado antes) em muitas dimensões simultâneas e interpenetrantes: físico, mental, emocional, intencional, estético, espiritual e relacional com outros indivíduos, como um membro da sociedade. Essas não são esferas separáveis de o que é; ao invés disso, o que é deve ser visto como um nexo de muitas dimensões da experiência ou ação possível; a vida humana se dá, dentro desse nexo de dimensões. Em muitos casos, se não na maioria, o que acontece em uma dimensão da vida de uma pessoa reverbera inteiramente nas outras dimensões. Como uma experiência emocional, por exemplo, envolve processos cognitivos e físicos, pode também envolver outras dimensões de experiência como a estética, a espiritual e a interpessoal. (CROCKER, 2014, p.162)

Vida não é disciplinar, isso é, quando um ser humano existe em seu contexto ele não adota uma abordagem específica para existir, ele não habita seu mundo de uma forma disciplinar. Por exemplo, ele não existe de uma forma puramente matemática ou de uma forma puramente química ou de uma forma puramente física ou ainda de uma forma puramente artística, ele acontece de forma não disciplinar. Ele utiliza o que Zinker (2001) chama de massa aperceptiva em seu contínuo processo de construção de realidade:

A massa aperceptiva é a base pessoal da história de vida de cada um — a totalidade de experiências que nos tomaram quem somos. É nossa essência, nossa facticidade e nossa base pessoal estruturada. A massa aperceptiva, como base, consiste de memórias, imaginação, sonhos, inspiração inconsciente, sensações corporais espontâneas, e assim por diante. (ZINKER, 2001, p.59)

A arte, a razão, as compreensões de mundo pré-estabelecidas e toda forma de mapas são utilizadas pelo ser humano para organizar seu universo, inclusive, nem sempre as integrações que marcam a forma de existir de uma pessoa são integrações perfeitamente harmônicas e de fato não precisam ser. As contradições fazem parte do existir humano e guardam em si possibilidades de transformação. Cabe ressaltar que uma das prováveis consequências de um processo terapêutico dentro desta perspectiva envolve um acréscimo de harmonia, de integração na forma de estar no mundo de um ser humano. Dentro de uma perspectiva gestáltica as mudanças se dão de forma espontânea, este ganho de harmonia se dá naturalmente como tratamos abaixo:

A mudança faz parte da dinâmica da vida e só não acontece se de alguma forma for bloqueada. O ser humano é esse ser autoconsciente que tem uma condição ímpar de influir de forma especialmente marcante na sabedoria ancestral de seu corpo.

Somos capazes de contrariar nossas necessidades mais básicas em nome de nossa forma de ver o mundo. Um homem-bomba, quando se destrói em função de uma causa política, contraria a própria necessidade de sobrevivência, uma de nossas necessidades mais fundamentais.

O homem é um ser cultural, que cria cultura e se faz atravessado por ela. Nossos valores e crenças marcam de forma dramática a conduta humana. A cultura é uma espécie de genética de alta velocidade que traz ganhos magníficos à nossa espécie, porém nos dá uma imensa capacidade de alienação no que se refere à nossa sabedoria ancestral (orgânica). O desenvolvimento social, econômico e cultural transforma nossa maneira de lidar com o mundo em uma velocidade estonteante. O homem de hoje é muito diferente do homem de 20 anos atrás. O que a genética biológica leva centenas de gerações para modificar a cultura humana transforma em poucos anos. Isso traz uma possibilidade incrível de desenvolvimento, porém oferece também uma capacidade enorme de alienação de nossas bases orgânicas. Nossas crenças moldam nossa possibilidade de perceber o mundo e lidar com ele, para o bem e para o mal, para a saúde e para a doença.

O movimento de autopreservação é presente em cada ser vivo. A vida não é possível sem esse gesto. Para que exista autopreservação, o ser vivo precisa de manutenção e adaptação, permanência e transformação, princípios que nos são muito naturais. A teoria paradoxal da mudança enfatiza a ideia de que se permitirmos vida se dá. Em outras palavras, se nós permitirmos, a transformação acontecerá naturalmente e de forma harmônica. Nossa capacidade de influenciar o movimento natural de nosso ser é o que nos permite intervir nesse processo e por vezes até impedi-lo.

A capacidade de dissociação nos permite interferir em nossa conexão com o mundo, atrapalhando o movimento natural de manutenção e transformação. Pensemos em alguém que por algum motivo acredita que os outros seres humanos o rejeitam. Alguém que experimente essa crença tenderá a enxergar rejeição mesmo quando ela não existe. Esse tipo de cristalização molda a relação desse indivíduo com seu meio, prejudicando suas possibilidades criativas. Dentro de uma perspectiva figura/fundo, podemos dizer que o processo de formação de figuras fica viciado: independentemente do contexto o mesmo tipo de figura se forma. (PINHEIRO-DA-SILVA, 2014, p.181-182)

A teoria paradoxal da mudança publicada em 1970, de autoria de Arnold R. Beisser (ORGLER, 2007) apresenta uma forma de compreensão acerca de como se dá o processo de mudança dentro de uma perspectiva gestáltica. Traz a ideia de que a capacidade de se ajustar criativamente a seu contexto é um movimento natural e espontâneo, sendo assim, quanto mais a pessoa se permite ser quem ela é naquele momento específico, mais provável que transformação possa se dar (BEISSER, 1980). A capacidade de se ajustar aos novos contextos é necessária à vida e não pode se dar de forma coercitiva, de modo auto impositivo. É um

movimento não deliberado, pré-reflexivo. Em um certo sentido a busca em um processo terapêutico, a partir dessa perspectiva, vai na direção de criar espaço para que este movimento espontâneo de transformação possa se dar a partir da criação de um contexto para que a pessoa se permita ousar, se experimentar no espaço terapêutico.

A afirmação Gestalt-Terapia é vida tem relação com o fato de que, em sua prática, o gestalt-terapeuta tem como objetivo facilitar com que seu cliente amplie seu nível de integração na dança que estabelece com/em seu mundo. De permitir que vida se dê. A metáfora da dança tem como objetivo explicitar os aspectos pré-reflexivos que marcam o existir humano. Para que exista graciosidade em uma dança, ela há que ser espontânea, há que se dar de forma pré-reflexiva. Se uma dança acontece de forma deliberada, se os movimentos se dão de forma mediada pela razão, eles perdem sua graciosidade, fica evidente que a pessoa não está inteira/integrada no que ela está fazendo. Quanto mais a pessoa está inteira/presente em sua relação com seu mundo, mais seus recursos estão disponíveis para ela, mais vitalidade se faz presente.

Ainda utilizando a metáfora da dança, é importante ressaltar que essa ampliação de integração passa por um ganho de consistência na forma como o ser humanos se constrói na relação com seu mundo, na harmonia que ele experimenta nessa relação. Quanto mais a pessoa se apropria de que ela é na relação com seu mundo mais harmônica essa relação se faz. Se apropria não significa compreender de forma teórica sua relação com seu mundo. Significa se apropriar organicamente dessa relação. Significa ampliar o que chamamos de sua sabedoria orgânica, sua habilidade de responder a seu mundo de forma pré-reflexiva e harmônica. Sua habilidade de dançar de forma graciosa e integrada com seu mundo. Como desenvolvemos no trecho abaixo:

Quanto mais nos apropriamos de nossos limites, mais condições temos de lidar com nosso mundo. Quanto mais nos alienamos de nossos limites, menos capacidade temos de fazer frente ao nosso mundo. Pensemos num corredor de fórmula 1. Quando esse piloto consegue ser mais rápido para superar uma curva? Quando passa de seus limites ou quando os conhece? Ora, se ele passa dos limites pode nem sequer conseguir chegar ao outro lado da curva, e se chegar não chegará tão rapidamente quanto poderia ter sido se não tivesse ultrapassado suas possibilidades. Em contrapartida, quanto mais ele conhece seus limites mais pode se aproximar deles sem

ultrapassá-los. Em outras palavras, quanto mais ele se apropria de seus limites mais condições tem de superar obstáculos.

Voltando a pensar nos seres vivos, em geral, quanto mais capacidade para superar obstáculos mais vitalidade, mais potência para se manter e também para se transformar – se isso for o que fizer mais sentido em determinado contexto. As transformações só fazem sentido caso se constituam no melhor caminho dentro de um campo experiencial específico. Quanto mais integrado um indivíduo está em sua relação com seu meio, mais naturalmente as transformações se dão. De modo geral, as transformações importantes não acontecem de maneira deliberada, de forma reflexiva. À medida que a pessoa amplia seu nível de integração, amplia a *awareness* e conseqüentemente “é mais ela mesma”, as mudanças acontecem espontaneamente, pois são um movimento natural da vida. No processo terapêutico esse tipo de mudança costuma ser percebido *a posteriori*. A pessoa simplesmente se dá conta de que está agindo de forma diferente, à medida que olha para trás e avalia suas atitudes, comparando posturas antigas com posturas mais atuais. (PINHEIRO-DA-SILVA, 2014, p.183)

A afirmação “Gestalt-Terapia é vida”, também tem relação com o fato de que a construção de um Gestalt-Terapeuta passa por uma busca de integração, por uma construção de uma forma de ser, pela construção de uma certa forma de existir. Uma forma de existir que guarda uma certa coerência com a ideia de que é impossível separar sujeito e objeto e que quando existimos o que percebemos, o conteúdo de nossa consciência está intimamente atrelado com nossas histórias, com nosso estilo, com nossa personalidade. Essa forma de compreender o existir traz como decorrência os aspectos fundamentais da construção epistemológica da Gestalt-Terapia e os aspectos fundamentais da construção epistemológica da Gestalt-Terapia trazem à essa forma de compreender o existir humano.

A afirmação “Gestalt-Terapia não é disciplinar” tem relação com um movimento tradicional nessa abordagem de se apropriar de qualquer recurso que de alguma forma possa facilitar a aproximação de terapeuta e cliente. O Gestalt-Terapeuta é incentivado a ser criativo em uma busca de integração de qualquer saber ou habilidade em seu movimento de construir relação com a pessoa com quem está trabalhando. Se ele tem intimidade com a música, ele utilizará a música em seu trabalho. Se ele tem intimidade com o teatro ele utilizará o teatro em seu trabalho, se ele percebe que o cliente tem facilidade em alguma prática ele buscará explorar essa prática junto com o mesmo. O psicoterapeuta lançará mão de qualquer recurso que possa facilitar o contato com seu cliente, porém, sempre terá objetivos relacionados com o estabelecimento de trocas significativas, que respeite a

sabedoria singular de quem está a sua frente e que facilite a ampliação da integração de seus clientes em suas relações com seus mundos.

1.1 GESTALT-TERAPIA E A BUSCA DE SUPERAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA DUALISTA

A Gestalt-Terapia é uma abordagem que teve seu lançamento marcado com a publicação do livro *Gestalt-Therapy: Excitement and growth in the human personality* nos Estados Unidos em 1951. Frederick Perls, considerado por muitos o pai⁵ desta abordagem, foi um judeu alemão que deixou sua terra natal em função do crescimento do nazismo na Alemanha próximo ao início da Segunda Guerra Mundial. Essa perspectiva se desenvolveu em um período no qual podemos observar uma busca de superação do dualismo que marca o paradigma⁶ moderno se expressando em várias áreas do conhecimento, inclusive na psicologia. Como nos traz Cristiane Esch (2012):

A psicologia da Gestalt, seguida pela Teoria Organísmica e pela Teoria de Campo, surgem no bojo dessas mudanças, contrapondo-se às concepções associacionista e mecanicista que predominavam no campo científico até então. [...] chama a atenção para o fato dessas teorias terem surgido num espaço de tempo relativamente próximo e no mesmo caldo cultural no qual Einstein se formou e gestou as sementes da física da relatividade: Alemanha, período entre guerras. Estas teorias sobre campos e totalidades nas ciências humanas, e particularmente na psicologia, foram, sem dúvida, influenciadas pelo advento da física da relatividade e da física quântica, e dispararam uma nova forma de conceber e significar o mundo, trazendo uma mudança de paradigma que até hoje se processa. (ESCH, 2012, p,15)

O movimento humanista, a terceira força em psicologia, se desenvolve em contraposição à perspectiva objetivista que marcava o pensamento metafísico

⁵ Vale ressaltar que existem controvérsias em relação à visão de que uma abordagem como essa possa ter um pai, visto que surgiu dentro de um contexto histórico que envolve necessariamente toda uma coletividade e também porque, no que se refere à Gestalt-Terapia em particular, existiram outras pessoas que também tiveram um papel importante na construção desta abordagem que são postos à sombra a partir deste tipo de afirmação. Todavia, para além dos aspectos políticos envolvidos nesta questão enxergamos na figura de Perls uma relevância tamanha no que se refere à construção desta perspectiva que concordamos com os que conferem a ele o papel de pai dessa perspectiva.

⁶ Definição de paradigma por Thomas Kuhn (1997): “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.”

característico da forma de pensar classificada por muitos como ciência moderna. A Gestalt-Terapia se constrói dentro deste mesmo contexto. Perls nunca militou no movimento humanista (GINGER, S; GINGER, A., 1995, p.93), porém, a Gestalt-Terapia se desenvolve dentro do mesmo ambiente, fazendo frente a inimigos semelhantes, trazendo uma ênfase especial ao que se refere à busca de uma postura não dualista na compreensão da experiência humana. Citando Therese Tellegen (1984):

Em seu pensamento há um certo "vai e vem" e, em suas formulações sobre o comportamento humano, saúde e neurose, uma oscilação entre uma maior ênfase nas dimensões dinâmicas e econômicas intrapsíquicas, segundo sua formação psicanalítica original, e uma concepção que privilegia as dimensões intersubjetivas e sócio-culturais. A sua intenção é, sem a menor dúvida, a de integrar estas dimensões mediante os conceitos de campo, contato e fronteira de contato.

Estes conceitos, centrais na Gestalt-terapia, são básicos também para a elaboração de um modelo conceitual de grupo e processos grupais condizentes com as premissas gestálticas, mas sobretudo correspondem ao eixo principal da preocupação de Perls, reconhecível em toda a sua obra, de encontrar uma conceituação e uma linguagem que pudessem superar o tradicional pensamento dicotômico, corpo-mente, sujeito-objeto, natureza-cultura, indivíduo-sociedade. (TELLEGEN, 1984, p.43)

Fritz e sua esposa Laura sofreram influências de filósofos como Franz Brentano⁷, Edmund Husserl⁸, Friedrich Nietzsche⁹ e Martin Buber¹⁰ e de personalidades como Kurt Goldstein¹¹, Jan Smuts¹², S. Friedlander¹³, entre outros.

⁷Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917) era alemão, lecionou em Würzburg e na Universidade de Viena. Em 1864, foi ordenado padre, mas abandonando a Igreja em 1873. Sua Psicologia descritiva influenciou o movimento fenomenológico no século XX. Ele foi o mestre de Husserl e influenciou também Sigmund Freud e a psicologia da forma, além de Scheler e Heidegger, entre outros. (BORIS, 2011, p.193-197).

⁸Edmund Husserl (1859-1938), filósofo alemão, nascido em Prosznitz, matemático, aluno de Franz Brentano publicou: *As investigações lógicas, A Filosofia como ciência rigorosa, Ideias relativas a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica e Lógica Formal e Lógica Transcendental* entre muitos outros textos. Passou a lecionar na Universidade de Friburgo em 1916, (RAFFAELLI, 2004, p.211-212)

⁹ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor. Nascido em Rockenm hoje parte de Lützen, Alemanha. Teve um papel muito importante no pensamento filosófico do século XX, em especial no que se refere à sua vertente existencialista. (WICKS, 2014).

¹⁰Martin Buber, (1878–1965) filósofo, trabalhou com temas como "encontro", publicou o livro *Eu e Tu*, em 1923. Exerce forte influência na Psicologia Humanística. Sua filosofia é classificada por uns como Existencialista, e, por outros, como Filosofia da Vida. (WALDL, 2012, p.71).

¹¹ Kurt Goldstein (1878-1965) nasceu na atual Polônia e faleceu em Nova York. Goldstein chegou à conclusão de que determinado sintoma não pode ser compreendido somente a partir de certa lesão orgânica, senão também pelo organismo como um todo. Professor de neurologia e psiquiatria na Alemanha, onde conseguiu uma posição eminente como médico cientista e professor,

Brentano, um dos principais precursores da fenomenologia Husserliana, já nos traz a ideia de "fenômeno psíquico" como força, como campo que conduz os atos de consciência, que direciona o movimento de constituição do universo ao nosso redor. "Fenômeno psíquico" é uma totalidade indivisível que se dá espontaneamente (GRANZOTTO, M; GRANZOTTO, R., 2004, p.3):

[...] a teoria dos objetos intencionais de Franz Brentano.[...] (1874)
 [...] Numa linguagem mais própria a Brentano, foi nesse momento que ele pôde distinguir entre "fenômenos físicos" e "fenômenos psíquicos". Enquanto os primeiros diriam respeito às partes de nossa experiência material, os fenômenos psíquicos tinham a ver com a experimentação de uma totalidade que, espontaneamente, se estabelecia, antes mesmo que um ato dela se ocupasse. Exemplo disso são os sentimentos. Antes mesmo de um ato de percepção, imaginação ou ajuizamento poder identificá-los, nós os experimentamos como uma totalidade espontânea, muito embora ainda ambígua – e eis aqui uma primeira formulação da noção fenomenológica de Gestalt. Para Brentano, enfim, nós não experimentamos objetos psíquicos como o resultado de um processo cumulativo de vivências parciais (fenômenos físicos) – conforme a formulação de Wundt. Os objetos psíquicos são o produto de atos psíquicos que, a sua vez, estão orientados por totalidades que não carecem de gênese, quais sejam elas, os fenômenos psíquicos. Estes, então, são totalidades espontâneas a orientar a direção dos atos da consciência. De onde se seguiu, por um lado, a definição dos fenômenos psíquicos como modo intencional de nossa existência e, correlativamente, a definição de objeto psíquico como resultado de um ato alimentado por um fenômeno psíquico ou intencional.

Ora, se os fenômenos psíquicos são uma configuração espontânea a orientar nossos atos, eles não carecem de ser explicados. Eis a razão pela qual Brentano vai propor não uma psicologia genética (ao modo de Wundt) dos fenômenos psíquicos, mas uma psicologia descritiva dessas vivências. Temos aqui o rudimento programático daquilo que, na pena de Husserl, transformar-se-á em fenomenologia: descrição dessas vivências que, espontaneamente, configuram-se para nós como totalidades anteriores às partes (GRANZOTTO, M; GRANZOTTO, R, 2004, p.2-3)

antes de se transferir para os Estados Unidos, em 1935, expulso pelo nazismo. Exponente mais destacado da teoria organísmica. Em grande parte como resultado de suas observações realizadas em soldados portadores de lesão cerebral, durante a I Guerra Mundial, e dos seus estudos anteriores sobre distúrbios da linguagem. (HALL, C. S.; LINDZEY, 1984 p.30-31)

¹² Jan Smuts (1880- 1953) filósofo general e estadista sul-africano. Destacou-se como um dos pioneiros do movimento *apartheid*, foi o criador do termo *holismo* a partir do livro *Holism and evolution*. (CHAER, L., 2006 p. 555-556)

¹³ Salomon Friedlaender, filósofo neokantiano, vinculado à escola Bauhaus, e autor da obra *Schöpferische Indifferenz* (1918). Chamava de "indiferença criativa" essa criatividade espontânea, situada a meio caminho entre orientações materiais opostas, por ele denominadas de "formas" ou "pensamento diferencial" da realidade. (MÜLLER-GRANZOTTO, M; MÜLLER-GRANZOTTO, R., 2007, p.53)

Franz Brentano é um personagem fundamental no contexto histórico da Gestalt-Terapia. Sua contribuição não só marca a história dessa abordagem, como também marca a história de outras correntes da psicologia. Ele promove uma inversão no pensamento de seu tempo ao afirmar que "fenômeno psíquico" orienta os atos de consciência. Esta afirmação inicia um movimento de superação de uma perspectiva dualista que compreendia razão e afeto como fenômenos separados. Movimento que impactou a história da Psicologia.

Esta forma dualista de olhar o mundo trazia como uma de suas consequências a possibilidade da busca de uma razão pura, livre de influências vistas como prejudiciais, oriundas de um campo próximo ao que chamo neste trabalho de campo afetivo. Dentro da perspectiva Brentaniana, esta separação se faz impossível, já que aspectos do campo afetivo conduziram aspectos do campo racional, formando, assim, uma totalidade inseparável. Franz Brentano teve como alunos Edmund Husserl, Sigmund Freud, e Von Ehrenfels¹⁴. As ideias deste ex-seminarista marcaram as obras de seus alunos, influenciando algumas das correntes mais importantes da psicologia. (BORIS, 2011, p.193-197)

A Gestalt-Terapia sofre uma influência marcante da corrente fenomenológica ligada a Edmund Husserl e de sua busca de superação de uma perspectiva dualista no pensamento científico. Influência que chega a esta abordagem de várias formas distintas e por muitos caminhos diferentes: pela "Psicologia da Gestalt" em sua primeira geração com Wertheimer, Köhler e Koffka e também por uma segunda geração com Kurt Lewin¹⁵ e sua teoria de campo e Kurt Goldstein e a teoria organísmica. A fenomenologia também chega à Gestalt-Terapia por correntes existencialistas e diretamente a partir da própria Fenomenologia Husserliana. Cristiane Costa (2010) confirma:

A concepção de Brentano perpassou e influenciou a obra de Husserl, que, a partir das investigações lógicas, propôs uma psicologia

¹⁴Christian Maria Von Ehrenfels (1859-1932). Psicólogo vienense "descobridor" das chamadas *qualidades da forma* ou *Gestaltqualitäten* (1890). É de sua autoria a célebre frase: "o todo é mais que a soma de suas partes" (GUILLAUME, 2012, p.110).

¹⁵Kurt Lewin (1890-1947) nasceu em Mogilno, na Prússia. Família judia. Em 1933 deixou a Alemanha, imigrando para os Estados Unidos. Teórico de campo elaborou a psicologia dos grupos minoritários, teorizou sobre a dinâmica dos grupos; problemas de mudança cultural; Conflitos em Grupos Primários; Conflitos Intergrupais e a Participação no Grupo: Problemas Psicológicos e Sociológicos de um Grupo Minoritário; Em face do Perigo; entre outros. (COSENTINO, 2012, p. 1054-1055)

eidética (fenomenológica) que por sua vez forneceu subsídios para Wertheimer, Köhler e Koffka fundarem a primeira geração da Psicologia da Gestalt que novamente recebeu interferências de Husserl com a concepção de redução fenomenológica, influenciando Lewin, Gelb e Goldstein na segunda geração da Psicologia da Gestalt que diretamente serviu de base para Perls construir suas concepções sobre a Terapia da Concentração e em seguida embasou Paul Goodman que, influenciado por diversos vetores, elaborou a teoria do *Self*. (COSTA, 2010, p.460)

A Psicologia da forma sofre influência marcante da perspectiva fenomenológica Husserliana, inclusive uma das imagens mais associadas à psicologia da forma foi cunhada por um dos discípulos de Husserl, Edgar Rubin¹⁶. Este utiliza a dinâmica figura-fundo para representar a dinâmica temporal dentro de uma perspectiva fenomenológica (GRANZOTTO & GRANZOTTO, 2004, p.8). Os vasos de Rubin foram muito utilizados pelos psicólogos da Gestalt e com o tempo passaram quase que a ser um brasão para esta perspectiva. Esch complementa:

O movimento fenomenológico na filosofia, iniciado por Edmund Husserl no início do século XX, pode ser entendido como uma tentativa de restaurar a unidade entre sujeito e objeto. A fenomenologia é, sobretudo, um método alternativo ao método científico dominante: ela nem afirma nem rejeita a existência de um mundo físico externo, mas insiste que a investigação filosófica acesse o mundo a partir da consciência – entendida como a única forma de conhecimento. A psicologia da Gestalt, seguida pela Teoria Organísmica e pela Teoria de Campo, surgem no bojo dessas mudanças, contrapondo-se às concepções associacionista e mecanicista que predominavam no campo científico até então. A causalidade simples (causa-efeito) dá lugar à consideração do campo total. (ESCH, 2012, p.15)

Como nos trouxe Costa (2010) Paul Goodman¹⁷, um dos autores da obra inaugural desta perspectiva, afirma que se apoiou na fenomenologia de Husserl e no pragmatismo para elaborar uma nova forma de “pensar o *self*, indo além das teses subjetivistas e individualistas que poderiam ser encontradas na psicologia e na psicanálise da época” (STOEHR *apud* BELMINO, 2014, p.123). Segundo Ginger & Ginger (1995, p.56), Perls atendia Isadore From em troca de aulas sobre fenomenologia.

¹⁶Edgar Rubin (1886-1951), dinamarquês. discípulo de Husserl em Göttingen. Sua mais conhecida descoberta envolveu a conclusão de que a percepção visual é normalmente dividida em duas partes, figura e fundo. Suas ideias foram rapidamente incorporadas na psicologia da Gestalt. (GRANZOTTO & GRANZOTTO, 2004, p.8)

¹⁷Paul Goodman (1911 - 1972) era um escritor, poeta, novelista e crítico literário que possuía fortes posições anarquistas. Coautor do livro *Gestalt-Therapy: Excitement and growth in The Human Personality*(1951) que oficializou a fundação da abordagem Gestalt-Terapia. (BELMINO, 2014).

Depois do exposto acima, se levarmos em consideração que uma das formas mais difundidas de definição desta perspectiva é: “A Gestalt-Terapia é uma abordagem existencial, humanista, fenomenológica, que tem como teorias de fundo a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo e a Teoria Organísmica”¹⁸ (TELLEGEN, 1984, p.41), (KARWOWSKI, 2005, p.25), fica evidente como o pensamento fenomenológico chega a essa perspectiva por vários caminhos diferentes. Esch confirma essas várias influências:

A literatura da Gestalt-Terapia aponta tradicionalmente quatro teorias de base – psicologia da Gestalt, teoria organísmica, teoria de campo, holismo como fundamentos teóricos na constituição da abordagem. Isso significa que suas bases teóricas se encontram assentadas entre as principais teorias totalizantes do começo do século XX. (ESCH, 2012, p.15)

Não é possível negar a influência da fenomenologia Husserliana na Gestalt-Terapia, mas isto não significa que os conceitos de Husserl tenham sido transpostos de forma pura para esta abordagem. Husserl tinha como objetivo desenvolver formas de fundamentar o conhecimento levando em consideração a impossibilidade de separação entre sujeito e objeto. Para Husserl, a filosofia deveria fundamentar os conhecimentos científicos, e esta foi sua busca. A Gestalt-Terapia busca facilitar o desenvolvimento humano. São objetivos muito distintos. A forma como a fenomenologia se faz presente na Gestalt-Terapia, como é de se esperar, passa por uma apropriação que, mesmo resguardando a busca de superação de uma postura dualista, dá a ela novas características. A Gestalt-Terapia pode ser compreendida como uma fenomenologia clínica. Tratamos aqui de influências que passam por uma assimilação, não de uma simples transposição de conceitos de uma construção epistemológica para outra (PINHEIRO-DA-SILVA, 2012, p.204-205). Rocha e Kastrup aprofundam a discussão acerca da relação sujeito/objeto em um contexto fenomenológico:

[...] é a manifestação primária do afeto como produtor de contornos e orientações fundamentais do mundo: “Essa descoberta fundamental da análise genética coloca-nos perfeitamente no caminho da inseparabilidade entre o afeto e a cognição, entre os valores e a vida ela mesma” (VARELA & DEPRAZ, 2000, p.147). Sendo assim, é com a força afetiva que o mundo ganha forma e se manifesta como *relevo* (*abhebung*) que, ao se projetar, forma um contraste que nos

¹⁸Esta forma de definir Gestalt-Terapia merece ser reavaliada. Dá margens a críticas superficiais a esta abordagem. Este questionamento, porém, não nega de forma alguma a influência destas correntes de pensamento sobre Gestalt-Terapia. (PINHEIRO-DA-SILVA, 2012, p.200-208)

desperta, como sob um golpe. A ideia de Husserl é que “sou afetado por algum dado sensorial, atraído por alguma tendência afetiva que me habilita a me orientar a mim mesmo receptivamente no espaço e no mundo. Em outras palavras, seja o que for que me afete, não posso ter uma experiência crua como protoimpressões ou impactos (*Uraffektion*)” (citado por VARELA & DEPRAZ, 2000). Mesmo a primeira aparição já é perpassada por tendências afetivas, num mundo esboçado de maneira pré-egoica. (ROCHA; KASTRUP, 2009, p.389)

Dentro de uma perspectiva fenomenológica, a ideia de intencionalidade está ligada justamente a atos espontâneos de consciência que atuam direcionando um conjunto de atos de consciência que trazem como correlatos os "objetos intencionais", também chamados de "coisas mesmas". Estes correspondem aos conteúdos de consciência desta forma, no ato de consciência, sujeito e objeto são indissociáveis. A ideia de intencionalidade em Husserl decorre diretamente do conceito de "Fenômeno Psíquico" em Brentano (COSTA, 2010, p.454).

A fenomenologia também se inscreve de forma marcante na história de outras perspectivas existencialistas, a partir de autores contemporâneos à Gestalt-Terapia como: Jean Paul Sartre¹⁹, que foi um dos expoentes do pensamento existencialista e que também foi um grande estudioso do pensamento Husserliano. Penha nos traz uma passagem interessante de como teve início essa relação:

Raymond Aron, [...] passou uma noitada com ela e Sartre num bar. Pediram para beber coquetel de abricó, especialidade da casa. A certa altura, Aron, apontando o copo, disse para Sartre: “Como vê, meu caro, se você é um fenomenologista, é capaz de falar deste coquetel e fazer filosofia dele”. Narra Simone de Beauvoir que Sartre empalideceu de emoção diante do que ouviu. Era isso o que ele procurava há vários anos: “descrever os objetos como os via e tocava” e disso “extrair” filosofia. (PENHA, 1985, p.27)

Heidegger, associado por muitos, mesmo contra a sua vontade, ao pensamento existencialista, foi discípulo de Husserl (PENHA, 1985, p.32). Martin Buber, filósofo que trabalha de forma marcante o “Existencialismo Dialógico” sofreu grande influência de Heidegger²⁰ (CABRAL, 2012). A aproximação entre

¹⁹Jean-Paul Sartre (1905-1980). Filósofo existencialista, romancista, dramaturgo, ensaísta, jornalista e militante político, autor de *A náusea* (1938), *O ser e o nada* (1943), serviu na Segunda Guerra como meteorologista. Em 1964 recebeu e declinou do Prêmio Nobel de Literatura. (PENHA, 1985, p.51)

²⁰Martin Heidegger (1889-1976) está entre os mais importantes pensadores do século passado e influencia diversas áreas do conhecimento no que se refere à busca de novas perspectiva para pensar problemas humanos, a questão do conhecimento, da ciência e da técnica. Praticamente

existencialismo e fenomenologia passa justamente pela busca que tinham em comum, a construção de formas de compreender o conhecer humano de uma forma não dualista. Neste momento me parece importante trazer para a nossa discussão as proposições do próprio Perls (1977):

Considero a Gestalt-terapia - atualmente um dos três tipos de terapia existencial. A Logoterapia de Frankl, a terapia do Dasein, de Binswanger, e a Gestalt-terapia. O que é importante é que a Gestalt-terapia é a primeira filosofia existencial que se apoia em si própria. [...] O existencialismo deseja se libertar dos conceitos, e trabalhar com o princípio da "presentificação" (awareness), com a fenomenologia. O entrave das filosofias existencialistas atuais é que elas precisam de apoio de outro lugar. Se vocês olharem os existencialistas, eles dirão que são não-conceituais, mas se olharem os indivíduos, verão que todos emprestaram seus conceitos de outras fontes: Buber, do judaísmo; Tillich, do protestantismo; Sartre, do socialismo; Heidegger, na linguagem; Binswanger, na psicanálise, e assim por diante. A Gestalt-terapia é uma filosofia que tenta estar em harmonia, em acordo com tudo mais, com a medicina, com a ciência, com o universo, com aquilo que é. A Gestalt-terapia tem sua base na sua própria formação, porque a formação da gestalt, a emergência de necessidades, é um fenômeno biológico primário. (PERLS, 1977, p.33)

No texto elencado acima Perls faz algumas afirmações bastante significativas em relação a seu posicionamento no que se refere à Gestalt-Terapia. De início situa a Gestalt-Terapia como uma das abordagens existenciais presentes em seu tempo. Posteriormente situa essa perspectiva como uma filosofia. Acompanhamos o pai da Gestalt-Terapia em relação a essa compreensão. Enxergamos a Gestalt-Terapia como um existencialismo clínico. Como uma perspectiva existencial que se desenvolve dentro de um dos campos mais propícios para a construção de compreensões em relação à condição humana.

Levando em consideração o fato de que no espaço terapêutico encontramos, predominantemente, pessoas que estão em sofrimento, que de alguma forma experimentam um certo desencontro na relação com seus mundos. Se entendermos que os momentos de desencontro, os momentos em que as coisas não dão tão certo são momentos em que sentidos pouco visíveis se mostram de forma especialmente claras (HEIDEGGER, 1993), chegamos à conclusão de que o campo da psicologia clínica se faz um excelente espaço para o desenvolvimento de reflexões acerca de

em todos os campos das ciências humanas temos empenhos para uma aproximação com Heidegger (SEIBT, 2012, p.204).

aspectos que marcam a condição humana, tema central das filosofias existencialistas.

Outra afirmação marcante e polêmica de Perls no texto supracitado é a de que “a Gestalt-terapia é a primeira filosofia existencial que se apoia em si própria.” Essa afirmação dá margem a críticas como a de que seria uma afirmação arrogante e ingênua. Crítica corroborada com o fato de que os livros de Fritz sequer tinham referências bibliográficas, como se suas ideias tivessem surgido de forma independente de seu contexto. Não creio que esse era o sentido nem dessa afirmação nem do movimento de não colocação das referências bibliográficas.

As filosofias existencialistas têm como gesto fundamental a busca de compreensão da condição humana, visto que entendem o ser humano como indissociável de seu contexto. Como um ser que se constrói na relação com seu mundo. Esta forma de compreensão do humano afasta as filosofias existenciais de uma perspectiva dualista. Perls (1985) ratifica:

[...] o indivíduo só pode existir num campo circundante. É, inevitavelmente, a cada momento, uma parte de algum campo. Seu comportamento é uma função do campo total, que inclui a ambos: ele e seu meio. O tipo de relação homem/meio determina o comportamento do ser humano. (PERLS, 1985, p.31)

A visão de homem que marca a Gestalt-Terapia é inerente a uma perspectiva existencialista. Dentro desta abordagem o ser humano só pode ser compreendido em seu contexto. Ele está em contínua transformação, a partir da troca que estabelece com seu mundo. O ser humano caminha em sua vida e se constrói ao caminhar. Como nos traz Sartre (1987): “A existência precede a essência”. Esta forma de olhar afastava Perls das concepções mais tradicionais da psicologia em seu tempo como ele expressa a seguir:

Com este conceito chegamos a um ponto de divergência com as psicologias mais antigas. Elas estabeleceram outra cisão. Como a divisão mente/corpo, passaram a tratar as abstrações que postularam como uma realidade factual, e então estabeleceram a confusão, em seu esforço de, se livrar das dificuldades em que se meteram. Dividiram a experiência em interior e exterior e então se defrontaram com a pergunta insolúvel de se o homem é regido por forças de fora ou de dentro. Este tipo de abordagem, esta necessidade de uma causalidade simples, esta omissão do campo total, estabelece problemas de situações que, na realidade, são indivisíveis. (PERLS, 85, p.32)

Dentro de um contexto de crise do paradigma dominante em sua época, e a partir das influências supracitadas a Gestalt-Terapia foi construída. Frederick Perls

foi um autor de transição e, como tal, trouxe em seu discurso as contradições típicas de quem tem conceitos arraigados no paradigma moderno e busca produzir à luz de uma perspectiva não dualista. Podemos observar em sua obra proposições extremamente coerentes com uma perspectiva não dualista conviverem com posturas compatíveis com uma perspectiva essencialmente moderna. Essa dualidade se mantém presente até hoje nas produções de alguns de seus sucessores. “Mas essa abertura expressa por Perls e Goodman não é sempre salvaguardada nem por eles mesmos nem, como era de se esperar, por seus seguidores.” (ROBINE, 2005, p.108). Continuando com Robine (2005):

Esses aspectos diferentes e contraditórios podem ser considerados como sintomas da oscilação modernidade/pós-modernidade característica desta época e não nos autorizam, no meu entender, a nos queixar de nossos autores. Inteiramente o contrário, eles me parecem ter sido capazes de dar lugar no seu pensamento para um passo significativo além do discurso predominante em seu tempo e contexto. Cabe a nós, com nossas ferramentas contemporâneas de análise, encontrar o caminho para superar certas posições pouco claras ou coerentes em seu trabalho. (ROBINE, 2005, p.109)

Acompanhamos Robine em sua afirmação de que as oscilações na consistência do posicionamento de Perls em relação à busca de superação de uma perspectiva dualista é coerente com o momento histórico em que realizou sua produção. Cabe ressaltar que até hoje as discussões acerca dos aspectos necessários à superação de uma perspectiva dualista ainda se dão de forma polêmica, o que poderíamos esperar do discurso de um autor que produziu em uma área especialmente prática. Em um período no qual seu discurso era muito distinto dos discursos que dominavam o cenário da psicologia.

Um dos valores fundamentais da Gestalt-Terapia é o amor e o respeito à sabedoria de cada ser vivente. Essa busca de respeito e esse amor às diferenças se expressa inclusive no que se refere às características dos profissionais ligados a essa perspectiva, o que dá margem à existência de vários estilos de Gestalt-Terapia (JULIANO, 2004, p.12). A afirmação de que existem tantas Gestalt-Terapias quantos são os Gestalt-terapeutas é coerente com esta forma de compreender o mundo. A Gestalt-Terapia é uma abordagem aberta em contínua evolução. Erving e Mirian Polster confirmam:

A nossa verdade na Gestalt terapia é somente uma verdade temporária, uma verdade que é atualmente aproveitável e responsiva para a estimulação vital dos tempos. Dizer que a Gestalt terapia é

uma verdade temporária não significa que aquilo que é descrito neste livro, e em outros livros semelhantes a este, não será mais verdade daqui a quarenta anos. Ao contrário, daqui a quarenta anos aquilo que nós estamos ensinando pode ser uma maneira antiquada de encarar a vida. [...] Desde que é inevitável que as perspectivas se modifiquem, a integração teórica deve incluir o espírito novo que estas perspectivas tanto refletem quanto criam. (POLSTER, E.; POLSTER, M., 1979, p.25-26)

A crença na impossibilidade de separação entre sujeito e objeto traz para essa abordagem a noção de que todo conhecimento, toda forma de olhar o mundo deve estar ligada a seu contexto de construção e tem seu valor dentro dessa referência, devendo naturalmente ser reformulada a partir do surgimento de novos contextos. Todo o conhecimento é provisório. Cristalizações excessivas tornam qualquer perspectiva anacrônica e disfuncional. Inclusive, essa é uma das principais formas de construção do sofrimento humano dentro de uma compreensão consoante com essa abordagem²¹.

Quando observo as produções científicas da comunidade gestáltica posso perceber a presença de autores que produzem dentro de um viés não moderno, mas também identifico contribuições que se encaixam claramente em uma perspectiva moderna. Minha forma de compreender essa abordagem se alinha com um olhar não moderno. Acompanho uma grande quantidade de Gestalt-terapeutas que também veem na busca de superação da separação entre sujeito e objeto uma das características centrais e mais importantes desta perspectiva.

1.2 INVESTIGAR JUNTO, CONSTRUIR JUNTO, TRANSFORMAR JUNTO

Um dos vários aspectos que marcam a postura de um Gestalt-Terapeuta é uma atitude investigativa. Existe uma busca de investigar a experiência humana na relação com o “ser-humano”, com o ser do humano. Buscamos conhecer a forma como o ser humano constrói suas relações em seu mundo a partir das relações que são estabelecidas em nosso “campo de pesquisa”, o espaço psicoterapêutico.

²¹ Neurose: “neste campo em perpétua mudança, [...] ele tem que mudar constantemente se quiser sobreviver. Quando o indivíduo se torna incapaz de alterar suas técnicas de manipulação e interação é que surge a neurose. Quando o indivíduo está cristalizado num modo de atuar obsoleto, fica menos capaz de ir ao encontro de qualquer de suas necessidades de sobrevivência, inclusive das necessidades sociais.” (PERLS, 1985, p.39-40)

Quando um cliente inicia seu processo de atendimento psicológico, de forma geral sua busca está relacionada a algum tipo de desencontro que ele experimenta em sua relação com seu mundo. Algo em sua existência não está se dando de forma coerente com suas necessidades. Existe algo na dança que ele estabelece com e em seu universo que não está trazendo frutos satisfatórios. À medida que ele inicia seu processo terapêutico o espaço terapêutico passa a fazer parte de seu mundo. A forma como ele estabelece relação no mundo fora do consultório tenderá a ser coerente com a forma como ele buscará estabelecer relação na troca que se dará dentro do consultório.

Em nossa busca de investigação surgem duas dimensões bem demarcadas, o que acontece no “lá e então” e que está ligado à busca de terapia e o que acontece no “aqui e agora” que está ligado a construção desenvolvida na relação entre psicólogo e cliente. Essas duas dimensões farão parte do processo de investigação realizado a partir do encontro terapêutico. O “lá e então” é uma história que o cliente nos conta sobre sua vida, a partir de sua perspectiva. O “aqui e agora” é uma construção que envolve psicólogo e cliente e nessa construção se dá a perspectiva do cliente e também a perspectiva do psicólogo. No “aqui e agora” temos o existir do cliente e o existir do psicólogo em processo.

Como se dá essa investigação? Quando recebemos nosso cliente buscamos estar sensíveis ao óbvio. Procuramos enxergar o que nos chama mais atenção no encontro que experimentamos com ele, no contraste entre os mundos do psicólogo e do cliente. Dentro do possível, procuramos construir mapas que ampliem a possibilidade de compreender as formas de cliente e psicólogo no habitar de seus mundos.

De certa forma o que o cliente traz em relação ao que se dá no “lá e então”, que gera a necessidade de terapia, auxilia na escolha que o psicólogo fará em relação às lentes que utilizará para se aproximar do que se experimenta na dimensão do “aqui e agora”. Por exemplo, se o cliente conta de uma dificuldade de estabelecer vínculos afetivos, ficaremos especialmente curiosos em relação à forma como ele constrói seus vínculos afetivos no contato com o psicólogo. Ele se coloca de forma seca e distante? Ele se posiciona de forma agressiva? Ele se coloca de forma afetiva e cativante? Investigamos as formas de existir das pessoas, em especial, a partir da experiência vivida no encontro psicólogo e cliente.

É muito importante observar os pontos de desencontro dos clientes com seus mundos tanto porque são temas que frequentemente se fazem importantes para o mesmo, e também, porque a partir da observação desses pontos de desencontros temos a oportunidade de construir compreensões muito significativas em relação à forma como essas pessoas constroem seus universos. O mesmo acontece em relação aos contrastes que se tornam visíveis entre a visão de mundo do psicólogo e a visão de mundo do cliente, estes trazem excelentes oportunidades para compreender a dinâmica dos dois mundos que estão em relação.

Colocar o foco onde existe energia faz parte da arte da Gestalt-terapia. Percebemos que quanto mais podemos nos aproximar desses pontos de tensão, mais oportunidades de enriquecimento no existir do cliente e no existir do psicólogo se fazem possíveis. O que estamos chamando de energia ou tensão não se refere a algum tipo de valência positiva ou negativa, tem relação com qualquer coisa que surpreenda, comova, irrite, deslumbre, traga indiferença ou provoque qualquer tipo de experiência emocional no psicólogo. Esses pontos normalmente podem ser bons pontos de partida para nossas investigações. Buscamos, a partir daí, construir mapas e qualquer caminho possível naquele encontro será usado para essa produção. Os nossos mapas não são de papel, podemos até usar o papel como auxílio para a construção dos mesmos, porém eles serão forjados a partir de qualquer matéria prima compatível com o existir humano: música, desenho, pintura, escultura, poesia, prosa, expressão corporal, representação teatral ou qualquer outra possibilidade de dar forma a experiência vivida. As diversas expressões do humano podem ser utilizadas com essa finalidade.

Importa o conhecimento que construímos juntos, importa o construir juntos. Quando um psicólogo está trocando com seu cliente, por mais que em muitos momentos exista uma busca de investigação, o objetivo do processo psicoterapêutico não está apenas no conteúdo dos mapas a serem construídos. O próprio processo de troca, o interesse do psicólogo por seu cliente, a confiança desenvolvida nessa parceria, o encontro entre humanos que se dá nessa relação, tudo isso tem caráter transformador, tudo isso facilita o processo de mudança do cliente e também do psicólogo. Estamos falando aqui do caráter dialógico da perspectiva gestáltica. Segundo Richard Hycner, em palestra proferida no Rio de Janeiro, as influências de Martin Buber, chegam à Gestalt-Terapia antes mesmo

dessa perspectiva ter sido lançada em 1951, através do contato de Laura Perls e aquele autor. Na mesma ocasião Hycner relatou sua percepção de que o discurso do existencialismo dialógico, dentro de sua percepção, teria uma penetração maior entre os Gestalt-Terapeutas brasileiros do que entre os norte-americanos. Hycner complementa:

A psicoterapia dialógica define-se *basicamente* por uma abordagem, atitude ou postura em relação à existência humana em geral, e ao processo de psicoterapia em particular. É “um modo de ser”. Nunca poderá haver uma afirmação final e total na abordagem dialógica. Por sua própria natureza, é sempre um processo em andamento, exigindo respostas únicas para situações únicas. No âmago dessa abordagem reside a crença de que a base última de nossa existência é relacional ou dialógica por natureza: somos todos fios de um tecido inter-humano. (HYCNER, 1997)

O Existencialismo Dialógico de Martin Buber tem como característica marcante a tematização do entre. Este filósofo concentra suas atenções na busca de compreender o que acontece na relação entre humanos, no encontro entre pessoas. Não por acaso este também é o tema central da Gestalt-Terapia. A aposta na relação terapêutica com terra fértil para facilitar o desenvolvimento humano é uma das características que marca um estilo de Gestalt-Terapia que tende a se fazer bastante presente no Brasil.

Observar esse estilo de investigação que marca o trabalho clínico de um gestalt-terapeuta, olhar para essa forma de construção de mapas, para essa forma de cartografia é muito importante, quando buscamos desenvolver uma metodologia de pesquisa coerente com nosso objeto de estudo e com nossa forma de aproximação.

No que se refere a seu aspecto investigativo, a seu jeito de ser investigador, gestalt-terapeutas são cartógrafos, praticam uma certa forma de cartografia na qual buscam criar mapas a partir do que se dá no entre. Buscam observar o encontro humano que vivem com seus clientes para construir seus mapas. O mundo do psicólogo faz fundo para o mundo do cliente e o mundo do cliente faz fundo para o mundo do psicólogo para que figuras possam surgir, para que os traços dos mapas a serem construídos possam se tornar perceptíveis.

A seguir discutiremos a busca de caminhos metodológicos que nos auxiliem a utilizar a perspectiva gestáltica em uma investigação acadêmica. Para tanto tivemos o cuidado de evitar a simples utilização de alguma das correntes que influenciaram

na construção do que é a Gestalt-Terapia²². Entendemos que a Perspectiva Gestáltica é diferente de tais influências, se constrói de forma coerente com seu contexto. Nosso intuito foi o de que nossa pesquisa fosse construída de forma coerente com os aspectos que marcam a singularidade de nossa abordagem. Neste sentido nos aproximamos da teoria ator-rede e da cartografia de controvérsias.

1.3 A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA ATOR REDE E DA CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS

Por mais que a Perspectiva Gestáltica traga possibilidades que vão muito além de uma prática clínica, ela tem se construído desde seu início a partir do contexto psicoterapêutico e só recentemente tem se aproximado dos ambientes acadêmicos. Como nos traz Golden (2014):

Durante os primeiros anos da gestalt-terapia havia uma tendência anti-intelectual entre muitos gestalt-terapeutas, em parte como uma reação à percepção da exagerada intelectualização da teoria a partir da qual se desenvolveu — a psicanálise. Além disso, os fundadores da gestalt-terapia e muitos de seus primeiros adeptos tendiam a uma inconveniência criativa, a uma não conformidade e até mesmo ao anarquismo em pensamento e em convicção política. Tinham pouco interesse em trazer tradições acadêmicas e psicoterapeutas para dentro de seu "campo". (GOLDEN, 2014, p.43)

Nos dias de hoje ainda não existe uma tradição de realizações de pesquisas acadêmicas a partir dessa abordagem (BROWNELL, 2014), sendo assim, faz todo o sentido buscarmos referências em perspectivas congruentes com esta forma de olhar o mundo, quando buscamos desenvolver pesquisas neste âmbito. Encontramos na Teoria Ator-Rede, em especial na Cartografia de Controvérsias referências para nos auxiliar em nosso intento. Como é tradicional em Gestalt-Terapia, buscaremos lançar mão de qualquer recurso que venha a facilitar nossa busca, desde que esses recursos não sejam contraditórios em relação a nossos princípios fundamentais e que estejam consonantes com nossos objetivos.

²² A fenomenologia, o Humanismo, o existencialismo, a teoria organísmica, a teoria de campo, a psicologia da forma em suas várias gerações e as filosofias orientais foram excelentes parceiros em nossa construção, e ainda podem ser muito úteis em nosso desenvolvimento, a partir de uma interlocução cuidadosa e exaustiva. Mas estes saberes não podem funcionar como sustentação para o nosso discurso, pois este gesto nega a integração criativa e consistente que é única e dinâmica e tem como nome Gestalt-Terapia.(PINHEIRO DA SILVA, 2012)

Não encontramos na teoria ator-rede e na cartografia de controvérsias aspectos que destoem de forma significativa das crenças que identificamos como fundamentais em Gestalt-Terapia. E identificamos nessa perspectiva uma tradição acadêmica que pode nos ajudar na construção de nosso caminho de pesquisa. Este contexto deu sentido ao movimento que fizemos na direção de nos apropriarmos de alguns recursos metodológicos da perspectiva ator rede em nosso trabalho:

[...] o **afeto** e o **afetar**. Não por acaso esse é um dos temas centrais da ótica ator-rede, que coloca como sua lente de observação a busca de seguir os rastros de actantes²³ sendo deixados, isto é, a dinâmica de afetação em processo. Já a Gestalt-Terapia tem o *entre* como seu tema central. Investiga a dinâmica do *contato* e do *contactar* se dando no aqui e agora. O Gestalt-terapeuta em sua prática clínica é um guardião da relação, seu foco está no *entre*. De certa forma, a atenção ao **afeto** e ao **afetar** está no âmago dessas duas perspectivas. É claro que cada uma dessas formas de olhar se aproxima desses conceitos de um jeito próprio, coerente com seus universos conceituais. (PINHEIRO DA SILVA, 2015, p.27-28)

Essas duas formas de aproximação se afastam de um viés objetivista, trazem em suas origens uma preocupação em desenvolver um olhar não analítico, não dualista. São perspectivas que valorizam o olhar para as relações em processo. Para uma realidade que se constrói a cada momento, de forma indissociável, na qual tudo está em jogo a cada instante. Onde estabilidade não é algo dado, mas sim algo arduamente construído de forma contínua e relacional. Essa ênfase nas relações torna os pólos das relações indissociáveis. O que se dá só faz sentido em relação, de forma imbricada, como nos traz Latour:

A hipótese deste ensaio - trata-se de uma hipótese e também de um ensaio - e que a palavra "moderno" designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por "tradução", misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por "purificação", duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou supérfluas. Sem o segundo, o trabalho da tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. O primeiro conjunto corresponde àquilo que chamei de redes, o segundo ao que chamei de crítica. O primeiro, por exemplo, conectaria em uma cadeia contínua a química da alta atmosfera, as estratégias científicas e industriais, as

²³Actante: termo utilizado no universo da "Teoria Ator-Rede" para substituir a palavra "ator", com o objetivo de evitar equívocos gerados pela tendência a se associar o termo "ator" com a figura humana. Interpretação que não é coerente com esta perspectiva.

preocupações dos chefes de Estado, as angústias dos ecologistas; o segundo estabeleceria uma partição entre um mundo natural que sempre esteve aqui, uma sociedade com interesses e questões previsíveis e estáveis, e um discurso independente tanto da referência quanto da sociedade.

Enquanto considerarmos separadamente estas práticas, seremos realmente modernos, ou seja, estaremos aderindo sinceramente ao projeto da purificação crítica, ainda que este se desenvolva somente através da proliferação dos híbridos. A partir do momento em que desviamos nossa atenção simultaneamente para o trabalho de purificação e o de hibridação, deixamos instantaneamente de ser modernos, nosso futuro começa a mudar. Ao mesmo tempo, deixamos de ter sido modernos, no pretérito, pois tomamos consciência, retrospectivamente, de que os dois conjuntos de práticas estiveram operando desde sempre no período histórico que se encerra. Nosso passado começa a mudar. Enfim, se jamais tivéssemos sido modernos, pelo menos não da forma como a crítica nos narra, as relações tormentosas que estabelecemos com as outras naturezas-culturas seriam transformadas. O relativismo, a dominação, o imperialismo, a má fé, o sincretismo seriam todos explicados de outra forma, modificando então a antropologia comparada.

Qual o laço existente entre o trabalho de tradução ou de mediação e o de purificação? Esta é a questão que eu gostaria de esclarecer. A hipótese, ainda muito grosseira, é que a segunda possibilitou a primeira; quanto mais nos proibimos de pensar os híbridos, mais seu cruzamento se torna possível; este é o paradoxo dos modernos que esta situação excepcional em que nos encontramos nos permite enfim captar. A segunda questão diz respeito aos pré-modernos, às outras naturezas-culturas. A hipótese, também demasiado ampla, é que, ao se dedicar a pensar os híbridos, eles não permitiram sua proliferação. É esta diferença que nos permitiria explicar a Grande Separação entre Nós e Eles, e que permitiria resolver finalmente a insolúvel questão do relativismo. A terceira questão diz respeito à crise atual: se a modernidade foi assim tão eficaz em seu trabalho de separação e de proliferação, por que ela está enfraquecendo hoje, nos impedindo de sermos modernos de fato? Daí a última questão que é também a mais difícil: se deixamos de ser modernos, se não podemos mais separar o trabalho de proliferação e o trabalho de purificação, o que iremos nos tornar? Como desejar as Luzes sem a modernidade? A hipótese, também por demasiado enorme, é de que será preciso reduzir a marcha, curvar e regular a proliferação dos monstros através da representação oficial de sua existência, Seria necessária uma outra democracia? Uma democracia estendida às coisas? Para responder a estas perguntas, deverei distinguir entre os pré-modernos, os modernos, e mesmo entre os pós-modernos aquilo que eles têm de durável e o que têm de fatal. Perguntas demais, bem o sei, para um ensaio que não tem outra desculpa que não sua brevidade. Nietzsche dizia, sobre os grandes problemas, que eram como os banhos frios: é preciso entrar rápido e sair da mesma forma. (LATOURET, 1994, p. 16 - 17)

Dentro de uma perspectiva ator-rede encontramos uma busca de compreensão da deriva sociocultural a partir de um olhar que não se restringe a uma atitude dualista, um olhar que não busca purificar o que, dentro desta forma de pensar, não pode ser purificado.

A cartografia das controvérsias, uma das nuances metodológicas utilizadas na perspectiva Ator-Rede, a partir da contribuição de Bruno Latour, me parece um caminho adequado para auxiliar na busca de construção de uma metodologia de investigação para o exame dos rastros que as mudanças relativas às possibilidades ligadas à virtualidade vêm deixando no âmbito da psicologia clínica.

Como se desenvolve uma pesquisa, utilizando recursos da cartografia das controvérsias? Buscaremos responder a essa pergunta nas próximas linhas. É importante trabalhar essa questão, visto que, como já nos trazia Venturini (2010, tradução nossa²⁴), “a cartografia das controvérsias é hoje um método de pesquisa completo, embora, infelizmente, não tão bem documentado”. Quase todos os textos que conseguimos acessar, no período de confecção de nossa pesquisa, ligados à essa prática, não apresentavam descrições detalhadas em relação à essa metodologia, como confirmam Ramon e Maria (2018):

[...] utilizou-se também o Google Acadêmico para buscar por artigos vinculados às duas temáticas, publicados entre 2015 e 2016, identificando assim a forma como foram descritas a ANT e a CC. Nos artigos analisados verificou-se uma descrição sucinta tanto da teoria, optando por desenvolver com maior aprofundamento somente um de seus elementos específicos, quanto do método, deixando de contribuir com uma construção detalhada sobre os processos e ferramentas disponibilizados. (LOURENÇO & TOMAEL. 2018, p.122)²⁵

A partir da identificação da escassez de material bibliográfico que tratasse de forma aprofundada das características de nossa metodologia, optamos por fazer uma breve pesquisa com o intuito de identificar que caminhos têm sido utilizados na fundamentação de investigações ligadas a essas práticas. Com este objetivo buscamos observar que referências teórico-metodológicas vêm sendo utilizadas pelos pesquisadores que têm trabalhado com a cartografia das controvérsias. Assim,

²⁴ [...] the cartography of controversies is today a full research method, though, unfortunately, not a much documented one. (VENTURINI, 2010)

²⁵ Os autores citados utilizaram as siglas ANT e CC para designar respectivamente teoria Ator-Rede e cartografia das controvérsias.

foi possível compreender melhor como esta forma de investigação tem sido fundamentada e ter mais subsídios para escolher as obras mais adequadas para ajudar a nortear a construção desta tese. Essa breve pesquisa pode ser encontrada no apêndice 1.

Bruno Latour desenvolveu, inicialmente, a cartografia de controvérsias como uma versão didática da teoria Ator-Rede e tinha como objetivo preparar estudantes universitários para a investigação do debate sociotécnico nos tempos atuais. Trata-se de um “conjunto de técnicas para investigar disputas públicas especialmente, mas não exclusivamente, em torno de questões tecno-científicas”. (VENTURINI, 2012). Com o tempo essa metodologia se desenvolveu e tem sido utilizada em várias partes do mundo. Atualmente, inclusive, existe um consórcio entre universidades norte-americanas e europeias chamado MACOSPOL (Mapeamento de Controvérsias sobre a Ciência para Política²⁶). Essa parceria tem como objetivo desenvolver uma plataforma colaborativa divulgando ferramentas e técnicas para o mapeamento de controvérsias técnico científicas (LOURENÇO & TOMAEL, 2018).

Dando continuidade à nossa busca de compreensão em relação a essa prática nos parece importante observar a contribuição de Venturini (2010) em sua forma de definir o conceito de controvérsia:

A definição de controvérsia é bem direta: *controvérsias são situações em que os atores discordam* (ou melhor, concordam com o desacordo). A noção de desacordo deve ser tomada em o sentido mais amplo: controvérsias começam quando os atores descobrem que não podem se ignorar e as controvérsias terminam quando os atores conseguem estabelecer um sólido compromisso de viver juntos. Qualquer coisa entre esses dois extremos pode ser chamada de controvérsia. (VENTURINI, 2010, p.260 – 261, tradução nossa²⁷ grifo do autor)

Segundo Latour (2012) as controvérsias seriam grandes oportunidades para ampliarmos nossa compreensão acerca da dinâmica sociotécnica em processo. Pedro (2008) nos traz uma síntese de alguns dos cuidados propostos por Latour para a utilização da Cartografia das controvérsias:

²⁶ Endereço do site: <http://mappingcontroversies.net>

²⁷ The definition of controversy is pretty straightforward: *controversies are situations where actors disagree* (or better, agree on their disagreement). The notion of disagreement is to be taken in the widest sense: controversies begin when actors discover that they cannot ignore each other and controversies end when actors manage to work out a solid compromise to live together. Anything between these two extremes can be called a controversy.

No processo de seguir os atores e cartografar as controvérsias, Latour (2000) sugere alguns movimentos mínimos:

1) Buscar uma *porta de entrada* – É preciso encontrar uma forma de “entrar na rede”, de acessá-la e, de algum modo, participar de sua dinâmica.

2) Identificar os *porta-vozes* – Uma vez que da rede participam múltiplos actantes, humanos e não humanos, é preciso identificar aqueles que “falam pela rede”, e que acabam por sintetizar a expressão de outros actantes. Neste processo, vale ressaltar, não se pode deixar de tentar buscar as “vozes discordantes”, ou seja, a recalcitrância que também circula na rede.

3) Acessar os *dispositivos de inscrição*, ou seja, tudo o que possibilite uma exposição visual, de qualquer tipo, em textos e documentos, e que possibilitam “objetivar” a rede;

4) Mapear as *ligações da rede* – Trata-se aqui de delinear as relações que se estabelecem entre os diversos atores e nós que compõem a rede. Envolve as múltiplas traduções produzidas pelos atores, ressaltando-se suas articulações, em especial: os efeitos de sinergia ou de cooperação na rede; os efeitos de encadeamento ou de repercussão da rede; as cristalizações ou limitações da rede. (PEDRO, 2008, n.p)

Ramon e Maria (2018) construíram um quadro esquemático acerca das etapas e recomendações elencadas por Venturini (2010, 2012) sobre a prática da Cartografia das Controvérsias:

Quadro 1- Etapas da Cartografia de Controvérsias.

Observar a controvérsia (Venturini, 2010)	Escolhendo a controvérsia:	Evite controvérsias frias;
		Evite controvérsias velhas;
		Evite controvérsias ilimitadas;
		Evite controvérsias secretas ou de difícil acesso;
	Aplicar as 5 lentes de observação:	De declarações à literatura
		Da Literatura aos actantes
		Dos actantes às redes
		Das redes ao cosmos
		Do cosmos à cosmo política
Representar a controvérsia (VENTURINI, 2012)	As 9 camadas do <i>site</i> de controvérsias:	Glossário de termos não controversos;
		Repositório de documentação;
		Análise da literatura científica;
		Análise dos conteúdos e opiniões publicados na imprensa nas mídias massivas;
		Árvore de discordâncias (Mapear as posições contrárias ou ações

		de discordâncias);
		A escala da controvérsia (os limites);
		Diagrama de atores-rede;
		Cronologia da disputa;
		Tabela do cosmos.
As 7 recomendações (Venturini, 2012)	Você deverá escutar as vozes dos atores mais que suas próprias presunções;	
	Deverá observar dos mais variados pontos de vistas possíveis;	
	Não restringirá sua observação a uma única teoria ou metodologia;	
	Deverá ajustar suas descrições e observações recursivamente;	
	Simplificará a complexidade respeitosamente;	
	Atribuirá a cada actante a visibilidade proporcional ao seu peso;	
	Você deverá criar descrições que são adaptáveis, redundantes e flexíveis.	

Fonte: (VENTURINI, 2012 Apud, LOURENÇO; TOMAEL, 2018, p.132)

É importante ressaltar que esse quadro deve ser encarada como uma referência, não como uma metodologia rígida a ser seguida cegamente, sem que se leve em conta os aspectos específicos de cada processo cartográfico. Muito pelo contrário, Venturini (2010, 2012) nos alerta da necessidade de ajustes metodológicos criativos. Um cartógrafo de controvérsias pode e deve lançar mão das técnicas que forem necessárias para fazer frente aos obstáculos encontrados em cada processo de cartografia singular. Ele coloca, inclusive, que é esperado que práticas e recursos distintos sejam utilizados nestes processos. “O uso de técnicas originais de pesquisa não é apenas admitido, mas incentivado”. Sendo assim buscamos explorar nossas formas de inserção em nosso campo de pesquisa de modo a não desperdiçarmos oportunidades de nos aproximarmos de nosso tema de estudo, das mais variadas formas possíveis. Quando necessário lançamos mão da contribuição de outros autores, que não figuraram entre os mais citados em nossa pesquisa acerca da cartografia das controvérsias, mas que de alguma forma, puderam nos ajudar a desenvolver nossos estudos como Peter Spink e Vinciane Despret.

Será necessário comentar de forma mais detalhada alguns dos pontos apresentados no quadro 1. Não nos deteremos em todos os itens elencados na mesma, buscaremos pormenorizar os itens mais importantes e de mais difícil

compreensão. No item observar a controvérsia somos alertados no sentido da importância de identificar se o método é adequado ao nosso objetivo e sobre as formas de aproximação em relação ao tema a ser pesquisado. No quesito “Escolher a Controvérsia” ele nos convida a estar atentos para quatro aspectos: O primeiro é se a controvérsia está quente ou “fria”, se existem debates acontecendo em relação ao tema, pois caso ela esteja fria talvez não se encontre muito material e o material a ser encontrado não seja tão diverso; se é uma controvérsia atual ou “velha”, quando tratamos de discussões muito antigas pode ser difícil reunir material e já pode existir uma tendência a formação de uma “caixa preta”²⁸; se é uma controvérsia limitada ou ilimitada, isso é, se conseguimos definir os limites da controvérsia em investigação:

Nenhuma controvérsia é uma ilha. Aceite qualquer controvérsia, será sempre composta por várias sub-controvérsias, sempre estará conectada a várias controvérsias situadas no mesmo nível e sempre fará parte de uma ou mais controvérsias. Os cartógrafos são livres para escolher a granularidade de sua investigação, mas eles devem ser capazes de situar seu objeto de estudo na escala de disputas a que ele pertence. (VENTURINI, 2012, tradução nossa²⁹)

O conceito de granularidade, trazido por Venturini (2012), se fez muito importante no desenvolvimento de nossa pesquisa, em especial no capítulo 3, quando buscamos explicitar o processo de regulamentação relativo à telepsicologia. Neste capítulo o leitor poderá identificar uma diminuição na granularidade de nossa pesquisa à medida em que nos aproximamos das resoluções mais recentes e em especial das resoluções cuja construção pudemos acompanhar e que inclusive, no que se refere a resolução CFP nº11/2018, conseguimos participar da confecção, através das discussões que deram subsídios para sua redação.

Em relação às 5 (cinco) lentes de observação, pensamos que as menos óbvias são as relativas às ideias de cosmos e de cosmo política. Venturini (2012) define esses conceitos respectivamente como às visões de mundo que sustentam os

²⁸ A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, se não o que nela entra e o que dela sai. (LATOURET, 2000, p.14)

²⁹ “No controversy is an island. Take whatever controversy, it will always be composed of several sub-controversies, it will always be connected to several other controversies situated at the same level and it will always be part of one or more supercontroversies. Cartographers are free to choose the granularity of their investigation, but they must be able to situate their object of study in the scale of disputes where it belongs”.

distintos discursos presentes na controvérsia e a forma como se dão as relações entre essas visões de mundo:

As disputas tecno-científicas, por mais específicas que sejam, sempre abarcam visões opostas conflitantes do mundo. A tabela de cosmos deve representar todos aqueles envolvidos em uma controvérsia mostrando onde os cosmos divergem e onde eles podem se sobrepor. (VENTURINI, 2012, tradução nossa³⁰)

Para elucidar melhor esses conceitos foi preciso buscar a contribuição de Bruno Latour (2018). A ideia de visão de mundo não traduz na totalidade o sentido dos mesmos. Um cosmos, dentro desta forma de olhar, abarca uma determinada visão de mundo em toda a sua composição, envolve toda a rede que determina uma dada forma de compreensão de mundo, incluindo assim pessoas, crenças, objetos, artefatos e tudo que compõe e dá sentido a um dado discurso:

[...] se o cosmos designa tudo que é, ele deve então ser expandido, conforme seu sentido literal, ao conjunto das entidades não humanas que participam nas ações humanas. O sinônimo de William James para cosmos era “pluriverso” [...] (LATOUR, 2018 p. 432)

Em um certo sentido nesta conceituação encontramos uma busca de distanciamento de perspectivas dualistas que trazem em seus discursos a ideia da representação de uma realidade última e definitiva que coloca o discurso contraditório como equivocado, como apenas uma construção falha. Essa perspectiva busca dar luz ao sentido dos diversos discursos envolvidos em uma dada controvérsia. O foco não é a busca de quem está certo ou de quem está errado, mas sim do que uma dada controvérsia faz transparecer em relação a cada cosmos envolvido em um embate específico, ajudando a mapear também o cosmos mais amplo performado pelo enredamento dessas partes envolvidas:

[...] sempre que o cosmopolitismo foi experimentado, de Alexandria às Nações Unidas, tal apenas foi eficaz durante um período de confiança absoluta nas capacidades da razão, e mais ainda da ciência, que determinará com certeza o único cosmos existente na fundação de uma cidade-mundo, na qual todos nós desejamos ser cidadãos. O problema que enfrentamos agora é precisamente o desaparecimento desse “cosmos único”, que chamo de mononaturalismo. Hoje, é impossível herdarmos essa magnífica ideia de cosmopolitismo, pois nos falta o que nossos prestigiosos antepassados possuíam: um cosmos. A partir daí, devemos

³⁰ “Techno-scientific disputes, as specific as they may be, always end up opposing conflicting visions of the world. The table of cosmoses should represent all those involved in a controversy showing where cosmoses diverge and where they may overlap.”

escolher, na minha opinião, entre cosmopolitismo e cosmopolíticas.[...]

Stengers destina a utilização do termo cosmopolíticas ao questionamento do significado de “pertencer” ou se “perpetuar”.

Essa autora reinventou o termo apresentando-o como um compósito do significado mais forte de cosmos e de política, precisamente porque o sentido habitual do termo cosmopolítica suporia certa teoria da ciência que agora se encontra contestada.

Segundo ela, a força de um elemento verifica-se por sua capacidade em amenizar os outros elementos. A presença do cosmos nas cosmopolíticas resiste à tendência da política em conceber as trocas em um círculo exclusivamente humano. A presença do político nas cosmopolíticas resiste à tendência do cosmos em conceber uma lista finita de entidades que devem ser levadas em consideração. O cosmos previne o encerramento prematuro do político, assim como o político em relação ao cosmos. Para os estoicos, o cosmopolitismo era uma prova de tolerância: a cosmopolítica, tal como Stengers a define, é um remédio contra o que ela chama de “maldição da tolerância”. (LATOURE 2018 p. 431-433)

Neste trecho Latour (2018) nos traz a importância da contribuição de Stengers no que se refere a discussão da ideia de cosmos no âmbito da teoria Ator-Rede. Ele evidencia como essa autora enfatiza a ideia de que quando lidamos com controvérsias encontramos cosmos distintos que se confrontam em um dado campo de batalha. A ideia de confronto fica ainda mais clara no trecho a seguir:

[...] Se esta é a paz, preciso dizer que prefiro a guerra. Por guerra quero dizer um conflito em que não se pode ter uma arbitragem reconhecida, um conflito no qual o que está em jogo é precisamente constituído pelo comum de um mundo comum a ser construído. Como isso já foi bem definido por Carl Schmitt, qualquer conflito, do menos problemático ao mais violento, supervisionado por um árbitro não é uma guerra, mas o que ele chama de “operação de polícia”. Se existe apenas um cosmos, sempre unificado, uma natureza que serve de referência para todos os litígios, então não se pode ter aí, por definição, uma guerra, mas apenas operações de polícia. Assim, conforme essa definição, os ocidentais não se percebem como estando em um campo de batalha contra um inimigo e à espera de uma vitória incerta, mas simplesmente contra pessoas irracionais que deveriam ser corrigidas. Como aliás já sustentei, os ocidentais até agora não estavam preocupados com uma pedagogia do conflito. (LATOURE. 2018. p. 431-433)

Também nos parece importante demarcar ainda que Latour (2018) traz a ideia de realidade como construção, como algo dinâmico e inacabado, onde estabilidade e movimento são pólos que se alternam. Ele propõe uma perspectiva construtivista em oposição há um olhar naturalista, segundo o qual seria possível ancorar nossos discursos numa natureza única traduzida integralmente por teorias acabadas como podemos identificar no fragmento abaixo:

Nossa ideologia naturalista falhou: era um projeto de guerra maquiado em projeto de paz, e aqueles contra quem era dirigido não se deixam mais enredar-se nisso. O naturalismo, como qualquer ideologia fundamentalista, limita-se a ser prejudicial em todo processo de construção. Mesmo que frequentemente esteja ligado a esse corpus de ideologias, o pensamento construtivista não pode – e até mesmo se opõe a – desconstruir dessa forma. O construtivismo é a atitude daqueles que agem sendo capazes de falar dos processos bons e ruins de construção. Ele lhes permite comparar suas conquistas com aquelas dos outros para melhorar os processos por vir. Contudo, tal troca diplomática é inerente a um estado de guerra prévio. E quando essa guerra é declarada, temos que procurar as bases firmes para reconstruir a paz: ali onde o naturalismo falha, por que não tentar com o construtivismo? (LATOURET, 2018, p. 439)

O convite não vai na direção de uma busca de aproximação em relação a uma natureza estável e estática, que independe de quem a observa e que serviria de fiel da balança demarcando de forma definitiva o certo e o errado. A busca vai na direção do mapeamento de cosmos em relação, do embate de diferentes construções de mundo, as quais envolvem pessoas, crenças, objetos, convenções e tudo mais que compõe um dado universo, um dado cosmos.

Não podemos nos aprofundar nos conceitos de Cosmos e Cosmopolíticas sem nos aproximarmos das contribuições de Isabelle Stengers. No que se trata do universo da Teoria Ator-Rede Esses termos, como vimos acima, remetem a conceitos cunhados por essa autora. Essas palavras foram utilizadas anteriormente com sentidos diversos como nos previne a própria Isabelle:

Eu devo aqui me confessar culpada, pois ignorava o uso kantiano do termo quando, em 1996, enquanto trabalhava no primeiro do que se tornaria uma série de sete volumes de *Cosmopolitiques*, ele a mim se impôs. E quando eu descobri que o termo “*cosmopolitique*” afirmava a confiança kantiana em um progresso geral do gênero humano que encontraria sua expressão na autoridade de um “*jus cosmopoliticum*”, já era muito tarde. A palavra havia tomado para mim sua vida e necessidade próprias. Ela está, portanto, na aceção que dei a ela, marcada por uma deficiência de partida. Uma deficiência que eu aceito porque, de toda forma, ela apenas acentua a questão que se coloca a todo “nome” dado a uma proposição, no momento mesmo em que esse nome é retomado: ainda que se trate de um verdadeiro neologismo, esse nome será sempre vulnerável, e é normal que seja assim. (STENGERS, 2018, p. 443-444)

Dessa forma fica claro que quando utilizamos estes termos dentro do universo (cosmos) relativo à Teoria Ator-Rede, estamos nos referindo a um sentido específico, conferido a essas palavras por Isabelle Stengers. Essa autora contribui em nossa busca de compreensão dos conceitos de cosmos e de

cosmopolítica no trecho expresso abaixo:

O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos.[...]

Dar a essa insistência um nome, cosmos, inventar a maneira mediante a qual a “política”, que é a nossa assinatura, poderia fazer existir seu “duplo cósmico” [*doublure cosmique*], as repercussões disso que vai ser decidido, disso que constrói suas razões legítimas, sobre isso que permanece surdo a essa legitimidade, eis a proposição cosmopolítica. (STENGERS, 2018, p. 447- 448)

Stengers também afirma a coexistência de diferentes éthos a partir da concepção de uma “eto-ecologia” demarcando com isso sua concepção de cosmos como algo que vai bem além de uma certa perspectiva de mundo, Envolve um oikos, tudo que define uma certa visão de mundo, o habitat que dá sustentação ao discurso, incluindo os componentes humanos e não humanos associados a uma dada forma de pensar:

Uma tal questão destaca uma perspectiva que chamo de “eto-ecológica” [*étho-écologique*], que afirma a inseparabilidade do éthos, da maneira de se comportar própria a um ser, e do oikos, do habitat desse ser, da maneira que esse habitat satisfaz ou contraria as exigências associadas a tal éthos, ou oferece aos novos éthos a oportunidade de se atualizarem. Quem diz inseparabilidade não diz dependência funcional. Um éthos não é uma função do seu meio ambiente, do seu oikos, ele sempre será o éthos do ser que se revela capaz dele. Nós não o transformaremos de modo previsível transformando o meio ambiente. Mas nenhum éthos é, em si mesmo, detentor da sua própria significação, mestre de suas razões. Nós não sabemos de que um ser é capaz, do que pode se tornar capaz. O meio ambiente, poderíamos dizer, propõe, mas é o ser que dispõe dessa proposição, que lhe dá ou lhe nega uma significação “etológica”. (STENGERS, 2018, p. 449 - 450)

Depois de nos ajudar a definir, de forma mais precisa, sua noção de cosmos, assinalando a complexidade desse conceito, a forma como ele compreende uma totalidade imbricada de humanos e não humanos, se afastando de uma perspectiva dualista, Stengers contribui também para aprofundar nossa compreensão da relação entre cosmos, a cosmopolítica:

Eu preciso antes de mais nada enfatizar o desafio formidável que constitui em si mesmo a ecologia política, a ideia, para falar rapidamente, de uma produção pública, coletiva, de saberes em torno de situações que nenhuma expertise particular pode ser suficiente para definir, e que requerem a presença legítima ativa, objetora e propositiva, de todos que estão “implicados”. Como diz Bruno Latour, trata-se de fazer com que a situação escape das razões autorizadas pelos *matters of fact*, como também dos valores dedutíveis de um “interesse geral” que permite a arbitragem. A situação deve ser produzida como *matter of concern*, o que significa que ela deve agrupar em torno de si aqueles que estão “implicados”. Ora, sabemos, há tantos meios de fabricar uma situação aparentemente aberta, na qual todos os poderes de objetar e de propor são acolhidos, mas o são em condições tais em que, de fato, os dados estão viciados, as forças são desiguais. Por exemplo, as modificações que afetarão uma proposição sustentada por uma expertise que se beneficia de meios desmedidos em relação aos outros podem apenas ser cosméticas. Esse desafio é político, e nós podemos apenas entrever o alcance e amplitude das suas consequências. (STENGERS, 2018, p. 451)

De certa maneira Stengers (2018) nos convida a um olhar que busca dar voz aos vários cosmos, acompanhando o jogo de forças entre eles. O conceito de eto-ecologia nos aponta para a importância da compreensão dos éthos em relação, em detrimento de um olhar que busque arbitrar certo e errado, verdade e mentira. Evitando um olhar que, com uma espécie de régua, buscaria definir a partir de uma espécie de cosmos superior um certo valor de verdade que no fundo se baseia num sentido mono naturalista. Convida o pesquisador a estar atento à relação que estabelece com seu referencial teórico, seu ponto de vista, seu próprio cosmos:

Mas a aposta eto-ecológica associada à ecologia política supõe igualmente que as práticas produtoras de saber não possuem elas próprias a necessidade de um árbitro externo, que detém a responsabilidade de fazer com que o interesse geral prevaleça. Caso contrário, a questão da diferença entre o sucesso e o fracasso ou a contrafação seria vazia, e a questão política não se colocaria. Essa aposta supõe então a possibilidade de um processo no qual a situação problemática em torno da qual se reúnem os “experts” – aqueles que possuem os meios de objetar e de propor – tenha o poder de obrigá-los. É por isso que, desde o começo, adiantei que nada disso do que eu sugiro possui o mínimo sentido se aqueles a quem me dirijo não tiverem aprendido a dar de ombros diante do poder de teorias que os define como executantes. Pois, o poder das teorias é o de definir cada situação como um simples caso, isto é, proibir aos seus representantes de serem obrigados a pensar, de serem colocados em risco por esse caso. A aposta eto-ecológica implica, portanto, que o “éthos” associado ao pesquisador incapaz

de abandonar a posição de porta-voz de uma teoria (ou de um método) que supostamente faz dele um cientista, não é nem um pouco um problema grave e inultrapassável (do tipo: é isso ou recairemos ao nível da opinião). Trata-se de uma questão do meio. Esse éthos, no meio atual, permite fazer carreira, mas, se o meio muda de um modo que o transforma em uma deficiência risível, ele pode ser modificado.

A ecologia política se situa, pois, na perspectiva do que poderíamos chamar de uma “utopia”, mas existem inúmeros tipos de utopia. Algumas permitem fazer a economia do mundo em nome de uma promessa que o transcende. Outras, e é o caso aqui, penso eu, incitam a se dirigir a este mundo com outras questões, a resistir às palavras de ordem que o apresentam como “aproximadamente normal”. A utopia não autoriza, portanto, a denunciar este mundo em nome de um ideal, mas ela propõe uma leitura dele indicando por onde poderia passar uma transformação que não deixe ninguém intacto, isto é, que coloque em questão todos os “teríamos apenas que...” que designam a simplista vitória dos bons contra os maus. E a proposição cosmopolítica reitera esse tipo de utopia, carregada pela memória de que vivemos em um mundo perigoso, onde nada é óbvio. (STENGERS, 2018, p. 452 - 453)

Por último, nos parece importante citar as palavras da própria Stengers, quando ela busca situar sua proposição do termo cosmopolítica no campo agonístico do qual ele parece fazer parte. Coerente com todo o seu discurso ela evita colocar este conceito como uma nova tentativa de construção de um mundo comum e universal. Ela busca afastar sua contribuição da recaída em mais um mononaturalismo alinhado às perspectivas dualistas que acreditam em uma realidade única e independente de quem a observa:

Eu ressaltei que a proposição cosmopolítica não é uma proposição vale-tudo, aquela que “nós” poderíamos apresentar a todos como igualmente aceitável por todos. Ela é muito mais uma maneira de civilizar, de tornar “apresentável” essa política que temos, um pouco exageradamente, a tendência de pensar como um ideal neutro, bom para todos. Evidentemente, nunca é demais ressaltar, essa proposição nada tem a ver com um programa, mas não é inútil enfatizar que tudo aquilo que, de forma muito evidente, lhe faz obstáculo, associando-a à uma utopia, é igualmente o que dificulta colocação em política, no sentido clássico, de nossos problemas. E aí está, talvez, a sua eficácia aqui e agora. Ela não inova em nada o diagnóstico dos obstáculos, daquilo que condena a nossa política a ser nada mais do que uma arte (mais próxima, antes, da magia negra), de conduzir os rebanhos humanos, mas ela pede àqueles que lutam que não entreguem a essa luta o poder de definir uma unidade advinda enfim do gênero humano. O chamado à unidade ontem endereçado aos trabalhadores de todos os países, ou hoje aos cidadãos de um novo regime cosmopolita de tipo kantiano, comunica de maneira precipitada o grito “um outro mundo é

possível!” com a definição da legitimidade daqueles serão os autores confiáveis desse outro mundo. (STENGERS, 2018, p. 463)

Depois de examinarmos as contribuições de Venturini, Latour e Stengers podemos definir que construir mapas de cosmos envolve uma busca de descrição e de representação dos universos expressos a partir de cada discurso que se faz ver em uma dada controvérsia. Que não se trata da busca de uma verdade natural e absoluta. Fica claro também que esta construção cartográfica deve abarcar os actantes humanos e não humanos, significativos, presentes nos cosmos representados por tais discursos. Por significativos, coerente com a perspectiva Ator-Rede, compreendemos entidades que de alguma forma deixam rastros na construção/existência de tais cosmos. Inclusive a própria definição de actante passa por ser um ente que deixa rastro no contexto a ser pesquisado (LATOURE, 2000).

No que se refere a ideia de simetria Venturini (2012) faz comentários importantes que são referidos no quadro como “Atribuirá a cada actante a visibilidade proporcional ao seu peso”:

Os iniciantes geralmente confundem a objetividade de segundo grau com a imparcialidade burra. Confrontado com o debate evolucionismo-criacionismo, por exemplo, eles assumem que ambos os lados devem ser tratados da mesma maneira. Essa idéia de equidade em *talk-show* não tem nada a ver com cartografia social. Colocar o evolucionismo e criacionismo no mesmo nível é a maneira mais segura de entender mal os dois. Se essa controvérsia é envolvente, é precisamente porque se opõe a dois cosmos divergentes. Impondo o mesmo tratamento, na melhor das hipóteses, desrespeitamos ambos. A objetividade não vem do crédito do mesmo peso para todas as perspectivas, nem mesmo de equilibrar o espaço alocado para cada lado. A objetividade de segundo grau vem de atribuir a cada ator uma representação que se encaixa em sua posição e relevância na disputa. Ser proporcional na cartografia social significa dar visibilidade diferente a diferentes pontos de vista de acordo com: 1) sua representatividade, 2) sua influência e 3) seu interesse. (VENTURINI, 2012, p. 3 tradução nossa³¹)

³¹ *Beginners often mistake second-degree objectivity for dumb impartiality. Confronted with the evolutionism–creationism debate, for instance, they assume that both sides should be treated in the same way. This talk-show idea of equity has nothing to do with social cartography. Putting evolutionism and creationism on the same level is the surest way to misunderstand both. If this controversy is engaging, it is precisely because it opposes two diverging cosmoses. Imposing the same treatment on both is disrespectful at best. Objectivity does not come from crediting the same weight to all perspectives, not even from balancing the space allotted to each side. Second-degree objectivity comes from attributing to each actor a representation that fits its position and relevance in the dispute. Being proportional in social cartography means giving different visibility to different viewpoints according to, 1) their representativeness, 2) their influence, and 3) their interest.*

A metáfora da cartografia é utilizada para dar mais concretude a seu argumento, no que se refere ao respeito às diferenças. O autor enfatiza a necessidade de que não se deixe de lado nuances significativas do campo em estudo:

Controvérsias possuem centros e periferias, relevos e vales, fronteiras e passagens. Nesses territórios, nem todas as posições são iguais e os atores lutam para construir e ocupar posições influentes: posições que dão lhes o poder de afetar as ações de outros atores. Os atores que ocupam posições influentes merecem atenção especial porque, gostem ou não, terão melhores chances de moldar controvérsias. (VENTURINI, 2012, p. 3 tradução nossa³²)

Um outro item que nos parece muito importante em termos metodológicos é “simplificará a complexidade respeitosamente”. Em um certo sentido a ANT nos convida a buscar descrições exaustivamente detalhadas, porém não seria sensato esquecer as palavras de Tommaso Venturini:

Para ter alguma utilidade, os mapas sociais têm de ser menos confusos e complicados do que as disputas coletivas. Eles não podem apenas espelhar a complexidade de controvérsias: eles precisam tornar essa complexidade legível. (VENTURINI, 2012, p. 2 tradução nossa³³)

O cartógrafo de controvérsias não precisa se colocar de forma passiva, apenas coletando informações no contexto a seu redor. Ele “Não restringirá sua observação a uma única teoria ou metodologia” Ele pode criar dispositivos que deem concretude e visibilidade aos cosmos que se confrontam em uma dada controvérsia. Em particular, de forma geral, a cartografia de controvérsias direciona suas expectativas para os métodos digitais” (VENTURINI, 2012):

A web é o único meio de transmissão que não distingue irreversivelmente entre fonte e audiência. Obviamente, existem assimetrias na comunicação *on-line*: é o proprietário de um site que escolhe quais espaços expressivos são deixados para os visitantes. Ainda assim, o fato de nos sites, os proprietários terem essa opção representa uma possibilidade sem precedentes. A interatividade permite envolver visitantes no processo de

³² *Controversies have centers and peripheries, reliefs and valleys, frontiers and passes. In such territories, not all positions are equal and actors fight to build and occupy influential positions: positions that give them the power to affect the actions of other actors. Actors occupying influential positions deserve special attention because, like it or not, they will have better chances to shape controversies*

³³ *To be of any use, social maps have to be less confused and convoluted than collective disputes. They cannot just mirror the complexity of controversies: they have to make such complexity legible.*

pesquisa, coletando suas observações, solicitando suas contribuições e reunindo seus comentários. E o melhor é que, através de blogs, fóruns, groupware e wikis os sites de controvérsias podem se tornar o próprio local onde as disputas são elaboradas e organizadas coletivamente. (VENTURINI, 2012, p. 13 tradução nossa³⁴)

Como colocamos anteriormente buscamos examinar, de forma mais detalhada, alguns dos itens do quadro 1. Não cansaremos o leitor definindo aqueles termos que nos pareceram menos complexos.

A cartografia de controvérsias se mostra coerente com os princípios fundamentais da Gestalt-Terapia, em especial, no que se refere a uma aproximação não dualista, que não aposta na existência de uma natureza/verdade única. Trabalha a partir de uma perspectiva descritiva, aposta, de forma semelhante à Gestalt-Terapia, em uma realidade que está em jogo aqui e agora, a cada momento, onde as verdades não são definitivas, são construções arduamente desenvolvidas que podem se desestabilizar em qualquer instante. Aposta em um pesquisador ativo que participa da construção de seu campo de pesquisa. É uma perspectiva especialmente voltada para as questões sociotécnicas, o que é extremamente coerente com nosso objeto de estudo. Esta metodologia tem sido muito usada no meio acadêmico. Todos estes fatores nos fazem acreditar na adequação da integração dos aspectos metodológicos dessa perspectiva ao desenvolvimento de nossa investigação.

1.4 DESCREVENDO NOSSA METODOLOGIA DE PESQUISA

Para introduzir este tópico buscamos fazer um quadro comparativo entre Gestalt-Terapia e teoria Ator-Rede.

Quadro 2 - Comparação entre Gestalt-Terapia e Teoria Ator-Rede.

Gestalt-Terapia	Teoria Ator-Rede	Semelhanças	Diferenças
O nome:	O nome:	Os dois nomes são	A palavra Gestalt é

³⁴ *The web is the only broadcasting medium that does not distinguish irreversibly between source and audience. Of course, asymmetries do exist in online communication: it is the owner of a website who chooses which expressive spaces are left to visitors. Still, the very fact that websites' owners are given this choice represents an unprecedented possibility. Interactivity allows involving visitors in the research process, collecting their observations, soliciting their contributions and gathering their comments. At best, through blogs, forums, groupware, and wikis, controversy websites can become the very place where disputes are collectively elaborated and arranged.*

Gestalt-Terapia	Teoria Ator-Rede	controversos, sofreram questionamentos. Os dois nomes lançam mão de um hífen, na construção de seu sentido.	uma palavra um tanto quanto exótica, em contraposição o termo Ator-Rede utiliza palavras cotidianas
Concepção de Self: Processual, fenômeno de fronteira, existe em relação, é indivíduo e é meio. Não é um self encapsulado. Alguns autores propõem a ideia de self da situação	Conceito de actante: Algo que deixa rastro, se forma na relação com sua rede. O actante se faz actante ao deixar marcas em seu contexto, em sua rede	Ênfase na relação, ambos só existem onde existe relação/efeito. Ambas se afastam de uma perspectiva dualista	Em Gestalt-terapia um dos pólos tende a ser humano, na teoria ator rede essa afirmação de que um dos pólos seria humano, não é uma proposição necessária
Método: Olhar de campo: Descrição das várias forças que se fazem presentes na construção de um dado contexto. Postura fenomenológica: Observador busca ficar com o que aparece em seu campo de observação (Campo tema), evita as inferências	Método: Busca de construir mapas descritivos que acompanhem o relevo de forma detalhada e com o mínimo de a priori. Os a priori e as explicações seriam corta caminhos enganosos	As duas apostam nas descrições. As duas evitam inferências e explicações. Para as duas tudo está em jogo no presente. Buscam evitar simplificações	Em Gestalt-Terapia identificamos uma ênfase maior na impossibilidade de separação de sujeito e objeto, do pesquisador em relação a seu campo de pesquisa. Pesquisador como "actante".

Visão de homem: Homem inseparável de seu contexto, se constrói na relação com seu mundo	Visão de homem: Humano como construção e intrincado em seu contexto	A priori da relação, tudo está em jogo a cada momento, ênfase no presente	As dimensões corporais ganham uma certa ênfase em Gestalt-terapia
Campo de atuação inicial: Psicologia clínica	Campo de atuação inicial: Meio acadêmico	As duas lidam com desafios complexos	São áreas de conhecimento muito distintas
Homem é visto como responsável por seu destino. O ser humano não é responsável pelo que fazem com ele, mas sim pelo que ele faz com o que fazem com ele.	Deriva sociotécnica se dá a partir de uma espécie de parlamento das coisas, no qual actantes humanos e não humanos interferem na construção do caminho	A priori das relações Os cosmos são construções relacionais. Os aspectos relacionais fazem parte de suas constituições. Eles não podem ser compreendidos sem a consideração dessas dimensões.	Protagonismo em Gestalt-terapia está no humano e na teoria ator rede está distribuído entre humanos e não humanos

Fonte: autoria própria.

Este quadro comparativo nos ajuda a demarcar os aspectos que aproximam as duas abordagens e os aspectos que as distanciam. Nosso objetivo é utilizar da Teoria Ator-Rede e da Cartografia de Controvérsias os aspectos metodológicos que facilitem nossa investigação, sem renunciar a nossa referência principal: a Gestalt-Terapia. Buscaremos, entre outras coisas, acompanhar controvérsias e actantes, porém sem renunciar à noção de que essa pesquisa está sendo descrita por seres humanos, e que, o que percebemos conta do que, em perspectivas fenomenológicas como a Gestáltica, chamamos de coisa mesma e que coisa mesma³⁵ é indissociável de quem observa. Diz respeito a perspectiva do observador e não pode ser compreendida sem que levemos em conta os aspectos do observador que dão margem a tais compreensões. Sendo assim o campo não fala por si só. Quem dá

³⁵ Coisa mesma é um conceito de Edmund Husserl, sinônimo de objeto intencional. (IGT, 2005)

voz ao campo é o pesquisador, logo ele faz parte de seu campo de pesquisa. Como discutiremos no próximo item, pesquisador e campo, são dois pólos de um continuum indissociável.

Compreendendo a relação sujeito objeto como um *continuum*, um dos pontos contrastantes entre Gestalt-Terapia e a teoria ator rede estaria no centro de gravidade desse continuum. Em Gestalt-Terapia ele estaria mais próximo do sujeito, já na teoria ator rede ele estaria mais próximo do objeto. Isto é, enquanto em Gestalt-Terapia quem dá voz ao campo é o pesquisador, na teoria ator rede se busca dar espaço para que o campo fale.

Se quisermos compreender o conteúdo de um texto construído por um pesquisador em sua pesquisa, dentro de uma perspectiva gestáltica, o pólo mais denso do continuum pesquisador campo de pesquisa é o próprio pesquisador com suas metodologias, suas histórias, suas idiossincrasias. Usando conceitos de Latour (2012), o pesquisador é um ator, ele é um mediador, não um intermediário no que se refere a construção de sua pesquisa. Se ele busca assumir uma postura descritiva, a própria opção por essa postura já conta de suas histórias e de suas escolhas pessoais. Quando ele está diante de seu objeto de estudo, os pontos que chamam sua atenção, onde seus olhos recaem, contam de sua história, de que ele está sendo naquele momento.

A partir dessa forma de olhar a experiência do pesquisador se torna um foco fundamental de observação. Não estamos olhando para um objeto que se constrói por si, estamos observando um objeto construído pelo observador em sua relação com seu campo de interesse, composto por fragmentos imanentes de algo em si performados pelo ponto de vista do pesquisador. Desta feita, ao investigarmos esse objeto precisamos compreender os pólos sujeito e objeto, dois lados de uma mesma moeda, que se tornam parcialmente visíveis naquela relação específica. Quanto mais clareza temos sobre de onde estamos olhando, mais consistente é nossa compreensão do que estamos enxergando. Ponto de vista e objeto se desvelam na percepção, Sujeito e objeto se mostram parcialmente quando percepção se dá.

Importante clarificar que não nos baseamos na teoria ator-rede para a construção de nossa pesquisa e, sim, buscamos estabelecer uma interlocução com essa perspectiva. Se tomássemos como base esta forma de olhar, precisaríamos que toda a construção dessa pesquisa guardasse coerência com a estrutura teórica

da teoria ator-rede, não tivemos esta preocupação. Procuramos desenvolver uma postura de interlocução com a mesma, neste sentido nos permitimos utilizar recursos metodológicos que já foram consagrados no meio acadêmico por essa corrente teórica, desde que tais recursos não se afastassem das bases epistemológicas da Gestalt-Terapia.

Da cartografia de controvérsias buscamos utilizar essencialmente os aspectos cartográficos, com sua ênfase em sua metodologia descritiva, na busca de identificação dos principais actantes, de acompanhar fenômenos como controvérsias e de registrar inscrições. Não nos restringimos apenas ao conteúdo evidenciado por tais controvérsias para construir nossa cartografia.

De certa forma como colocamos anteriormente, dentro de uma perspectiva gestáltica, de forma análoga a da cartografia de controvérsias, também buscamos construir mapas a partir dos pontos de desencontro entre os clientes e seus mundos e entre os mundos dos clientes e o mundo do psicólogo. Os contrastes geram possibilidades de percepção. A figura se forma a partir do contraste com seu fundo. Dentro da perspectiva gestáltica não nos resumimos a essa busca de desencontros, mas ela também está presente em nossas práticas. A noção de controvérsia trata de um tensionamento extremo. Estamos interessados em contrastes que também podem se dar de formas mais sutis. Entre a indiferença e a controvérsia existe uma gama de possibilidades de contrastes distintos que possibilitam a formação de figuras que podem ser muito valiosas na compreensão de uma dada experiência. Procuramos estar atentos a esses contrastes mesmo que discretos.

Utilizamos instrumentos elencados por cartógrafos de controvérsias e o mais importante, o aval epistemológico para pesquisas com características descritivas. Pesquisas em que a ênfase esteja em acompanhar as dobras de um campo e não em comprovar hipóteses predefinidas.

No que se refere às classificações em relação a tipos de pesquisa esse estudo pode ser bem compreendido como uma investigação predominantemente qualitativa exploratório/descritiva. Como um estudo de caso holístico cuja unidade de análise/estudo é o processo de apropriação das tecnologias de informação e comunicação por psicólogos clínicos brasileiros.

O aspecto holístico da Gestalt-Terapia se expressa em nossa investigação a partir de nossa busca de compreender nosso objeto de estudo, levando em

consideração suas diversas expressões, como por exemplo, na procura de compreensão dos fenômenos em relação e no evitar construções compreensivas atomistas que geram modelos simplistas. Usando a metáfora da cartografia, nossa busca vai na direção da construção de hologramas multidimensionais ao invés de mapas bidimensionais. Nos hologramas a representação espacial se dá ponto a ponto, de forma a que a representação resultante acompanhe com mais proximidade as formas a serem mapeadas. Nosso objetivo vai na direção da construção de mapas multidimensionais de forma a que nossa compreensão envolva o máximo de dimensões que consigamos representar.

Evidentemente esbarramos nos limites de nossas possibilidades de investigação. As múltiplas dimensões que estão em potência em nosso objeto de estudo tornam infinitas as perspectivas a serem cartografadas, sendo assim, seria impossível esgotar todas as formas de mostraçõ de nosso campo-tema. Buscaremos tratar das dimensões que nos pareçam mais significativas dentre as que conseguimos mapear. Como qualquer compreensão, a nossa também será parcial e limitada.

Entre as infinitas perspectivas que marcam as diversas dimensões de nosso campo-tema buscaremos priorizar a descrição das expressões que se sobressaem na relação pesquisador campo de pesquisa, em outras palavras buscaremos colocar foco nas nuances mais marcantes em nosso campo-tema. Buscaremos descrever o óbvio, sendo esse óbvio controverso ou não.

Não nos resumimos a acompanhar controvérsias e seguir os actantes. Buscamos investigar de forma cuidadosa os impactos vividos pelo pesquisador em suas interações em seu campo de pesquisa. A partir dessa forma de ver, a não investigação do de onde o pesquisador está olhando para enxergar o que ele está enxergando seria ocultar uma parte fundamental do campo de pesquisa. Seria construir um saber não situado, coerente com a ideia de uma verdade única, um olhar divino que não enxerga a partir de um ponto de vista específico.

Quadro 3 - Norteadores metodológicos em Gestalt-Terapia para essa pesquisa.

Norteadores metodológicos em Gestalt-Terapia para essa pesquisa	
Fenomenologia Gestáltica	Ficar com o que se apresenta. Evitar construções explicativas causais. Visão do pesquisador conta sobre de onde ele está olhando

	<p>(objeto indissociável do sujeito, pólos de um mesmo contínuo). Estar sempre atento em relação à minha experiência diante do que observo. O foco está no entre. Busca de dar forma ao que acontece no entre, utilizando lentes coerentes com sua forma de mostração, Ex: descrição, interpretações³⁶, lógicas, músicas, poesias, metáforas, imagens, etc. O método de aproximação/pesquisa deve ser ajustado, a cada momento, de acordo com a forma de mostração do que se quer conhecer.</p>
Olhar de campo	<p>Partir da crença de que realidade é construída a partir de forças no presente. Tudo está em jogo a cada momento. Busca de compreensão em relação às diversas forças que determinam as situações.</p>
Teoria de campo fenomenológica	<p>Busca de compreensão do campo a partir da experiência vivida. O observador como parte fundamental do campo percebido. (YONTEF, 1998 p.158-161)</p>
Postura holística	<p>Busca de formas de aproximação que desvelem os acontecimentos em suas várias dimensões. Sensibilidade e atenção para identificar às expressões mais significativas dos fenômenos em cada momento do processo de investigação, visto que elas, as expressões, e eles, os fenômenos³⁷, são infinitos (onde existe energia no campo-tema em cada momento).</p>
Cartografar controvérsias	<p>Construir mapas descritivos a partir dos contrastes entre diferentes versões, quando diante de controvérsias. Usar uma versão como fundo para a outra de forma a que as figuras se mostrem.</p>
Atitude do pesquisador	<p>Busca de abertura para se deixar tocar e se transformar no contato com seu campo de pesquisa.</p>
Relação com o campo de pesquisa	<p>No ato de pesquisar, pesquisador e seu campo de pesquisa são um contínuo indissociável. O que surge nessa relação conta do objeto pesquisado e também do pesquisador que executa a pesquisa.</p>
Foco no entre	<p>Busca de mapear o que é vivido na relação pesquisador campo de pesquisa como forma de construção de conhecimento.</p>
Ficar com o óbvio (Cartografia Gestáltica)	<p>Investigar o que se sobressai na relação pesquisador campo de pesquisa. Tratamos aqui de algo mais sutil do que uma controvérsia. Aquilo que se faz visível quando histórias distintas se justapõem. Aquilo que se faz presente na relação entre terapeuta e cliente, entre pesquisador e campo de pesquisa, que conta dos dois pólos, mas só é visível em relação. Criar mapas a partir dessa espécie de óbvio que se sobressai no entre.</p>
O óbvio é	<p>A experiência é sempre nova.</p>

³⁶ Interpretações causais lineares tendem a ser evitadas dentro de uma perspectiva gestáltica, visto que normalmente elas são simplificações, porém, podem ser úteis em situações específicas, desde que não se perca de vista os limites de abrangências das mesmas.

³⁷ Os termos expressão e fenômeno nesse momento do texto são quase sinônimos. Mantivemos os dois elementos para enfatizar a distinção de fenômeno em relação à possibilidade de apreensão ou de tradução de fenômeno a que chamamos expressão do fenômeno. O que conseguimos representar, dar forma, do fenômeno vivido.

inesgotável	“Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, porque tanto a água quanto o homem mudam incessantemente.” (Heráclito de Éfeso) ³⁸
Métodos cartográficos	Utilizaremos diversas formas de mapeamento, escolhidas a partir das características do que está sendo mapeado. Mapas buscam trazer possibilidades de descrição, não existindo necessariamente uma busca explicativa no cartografar.
Granularidade dos mapas	A granularidade dos mapas poderá variar de acordo com o que fizer mais sentido em cada contexto. Podendo oscilar desde informações estatísticas até o caso individual, acompanhado de forma detalhada.
Seguir os actantes	Procuraremos seguir os actantes enquanto seus rastros estiverem dentro de nosso campo de interesse (não “seguiremos os rastros dos actantes onde quer que eles nos levem”).
Relação com o produto das investigações	Não existe uma busca de verdades definitivas. Buscamos construir compreensões que permitam facilitar a visualização de um dado campo em um dado momento.
Abrangência do conhecimento	Construir compreensões localizadas no tempo e no espaço. Pesquisar a partir de casos específicos, sem a preocupação de construção de verdades universais e atemporais.
Fazer relatórios de Campo	Aspecto metodológico especialmente útil para o exame da relação pesquisador-campo de pesquisa. No momento de redação do relatório de campo a experiência vivida é revisitada em um novo contexto, dando margem ao desvelamento de novas percepções.
Presença	O conhecimento que se faz na/em relação tem valor especialmente significativo. Atuar na relação com o campo, existir no “campo-tema” de forma a que figuras se formem preferencialmente em uma relação que se dê em modo médio, em que afetemos e sejamos afetados. Nem demasiado ativa nem demasiado passiva. Em relação.
Qualidade do conhecimento produzido	No que se refere à Gestalt-Terapia “profundidade é superfície em extensão” Teresinha Mello da Silveira (1997) Quanto mais diversas as perspectivas que conseguimos em nossa aproximação de nosso objeto de estudo, mais consistente nossa compreensão em relação ao mesmo. Busca de aproveitar a diversidade das possibilidades de aproximação para aprimorar o conhecimento construído. Fundos distintos podem iluminar (dar contorno a) figuras distintas em um mesmo ente.

Fonte: autoria própria.

À medida que acreditamos que o produto dessa investigação é indissociável da forma de olhar, da história de vida, da tradição epistemológica em que se insere o pesquisador precisamos estar continuamente atentos em relação ao que nossa pesquisa nos ajuda a enxergar sobre nossas lentes de investigação. Uma boa pesquisa amplia conhecimentos acerca do objeto de estudos e, também, acerca do pesquisador. Uma boa pesquisa necessariamente transforma a realidade do

³⁸ Heráclito (540-470 a.C.) foi um filósofo pré-socrático da Ásia Menor. Escreveu com extrema complexidade a respeito da ciência, da teologia e das relações humanas. Foi considerado o precursor da dialética e um dos fundadores da metafísica. (FRAZÃO, 2019)

pesquisador.

Coerente com a busca de flexibilidade que marca a perspectiva gestáltica e a cartografia de controvérsias, procuramos explorar nossa inserção profissional em nosso campo de pesquisa de modo a ampliarmos nossas possibilidades de observação das discussões relativas ao processo de apropriação dos psicólogos brasileiros em relação às tecnologias de informação e comunicação.

Ao longo do desenvolvimento dessa investigação passamos por períodos muito distintos, em cada um desses períodos buscamos realizar nossa aproximação de modo coerente com a forma de mostração do que estava sendo investigado. No início de cada capítulo buscaremos explicitar os recursos metodológicos que foram utilizados na construção do mesmo.

Depois de apresentarmos algumas das características mais importantes de nossa metodologia, em especial a necessidade de estarmos abertos e flexíveis em nossa aproximação de nosso tema de pesquisa, buscaremos, no próximo capítulo, delimitar nosso campo de pesquisa explicitando nossa implicação no que se refere ao tema de nossa investigação. Sempre buscando manter a coerência de nossa forma de aproximação com as crenças fundamentais que norteiam nosso trabalho, procuramos desenvolver uma compreensão de campo de pesquisa que fosse coerente com a percepção de que é impossível separar sujeito e objeto, de que não faz sentido pensar um campo de pesquisa dissociado do pesquisador.

2 O CAMPO DE PESQUISA (CAMPO-TEMA)

sempre que alguém escreve, escreve sobre si mesmo [...]. É claro que se pode escrever sobre as assim-chamadas observações objetivas, ou sobre conceitos e teoria, mas de uma maneira ou de outra, o observador é sempre parte dessas observações (PERLS, 1979, p.12).

Partimos do princípio de que o campo de pesquisa não se resume apenas a uma região geográfica/social, envolve também praticamente tudo o que se refere ao tema investigado, incluindo-se aí os aspectos ligados ao pesquisador (**SPINK, 2003**). O campo-tema envolve o pesquisador com toda sua história, expectativas e necessidades. Abrange inclusive, o leitor, isto é, para quem o pesquisador imagina escrever sua pesquisa. Encerra, ainda, as instituições de ensino, os órgãos de fomento, a pretensão de publicação posterior do material produzido e as relações políticas que envolvem todos esses personagens. Peter Spink certifica:

O campo-tema não é um aquário que olhamos do outro lado do vidro; é algo do qual fazemos parte desde o primeiro momento em que dissermos, “estou trabalhando com...”. A investigação em ação, portanto, se refere à ação da investigação; sua localização como parte do tema. Conversar sobre o que entendemos, ampliar argumentos, narrar e publicar o que parece importante narrar ou publicar, não são atividades eventuais e opcionais. Estamos no campo-tema porque disciplinarmente achamos que podemos ser úteis e é sempre bom lembrar que, ao contrário da posição confortável da separação de problema e solução na famosa frase atribuída ao Lenin – se somos parte da solução, provavelmente somos também parte do problema.

Lugares, eventos, pessoas, rostos, artefatos, documentos, impressões, recortes, anotações, lembranças, fotos e sons em partes e em pedaços (muitos pedaços); um confronto de saberes uma negociação de sentidos numa busca de ampliar possibilidades de transformar práticas. Só o mal avisado pode pensar que isso é uma atividade neutra. (**SPINK, 2003, p. 36 - 37**)

Quanto maior a clareza sobre os fatos que geram a conexão entre o pesquisador e o assunto abordado, maior o entendimento em relação ao que é produzido. Todas as nuances significativas no que se refere a nossa implicação no tema deste trabalho foram, dentro do possível, oportunamente explicitadas. Coerente como que nos traz Despret, se referindo ao trabalho da etnopsicóloga Catherine Lutz:

O fato de eu privilegiar, desde as primeiras linhas, o contexto no qual a pesquisadora cresceu para abordar os problemas da passagem de uma cultura para outra não atende a qualquer exigência narrativa ou

biográfica. Eu o faço porque esta especificação aparece ao longo de seus próprios escritos, e da qual ela não é inocente.

Podemos a princípio traduzir essa especificação como uma precaução metodológica que se tornou bastante usual no domínio da antropologia. Essa precaução corresponde àquela que se chama “exigência reflexiva”. Em antropologia, essa maneira de proceder se tornou inerente à própria pesquisa: lembrar de onde se vem, de onde se fala, faz parte atualmente do caderno de encargos do trabalho do antropólogo: toda pesquisa é uma pesquisa “situada”. (DESPRET, 2011, p. 30 - 31)

Donna Haraway em seu texto “Saberes Localizados [...]” também contribui com esse tema, “[...] este texto é um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (HARAWAY, 1995). À medida em que buscamos explicitar, dentro do possível, de onde estamos falando permitimos que nossos interlocutores identifiquem os limites e possibilidades de nosso discurso. Em uma pesquisa que envolve aspectos ligados à uma prática profissional, estar atento a como se constrói nosso olhar é uma questão de responsabilidade. Sendo assim, buscaremos descrever nossa inserção em nosso campo-tema.

2.1 IMPLICAÇÃO EM RELAÇÃO AO TEMA

Vale aqui ressaltar nossa posição inicial no que se refere a esta investigação. Como psicólogo, gestalt-terapeuta, não temos como questão a efetividade ou não da psicoterapia *on-line*. A perspectiva gestáltica é uma abordagem que aposta na relação entre pessoas como terra fértil para o processo de desenvolvimento humano. É coerente com o entendimento de que psicólogos são profissionais da comunicação e que qualquer forma de comunicação tem potencial para gerar mudança, isto é, toda forma de comunicação traz possibilidades de transformação, logo, a interação através de TICs traz possibilidades de mudança, possibilidades psicoterapêuticas. Isso não significa que o valor do atendimento *on-line* seja consensual no âmbito da Gestalt-Terapia, mesmo no universo dos Gestalt-terapeutas este é um tema controverso. Nos parece importante deixar claro nosso posicionamento, de onde estamos olhando, por mais que o fato de que nós tenhamos essa perspectiva não nos impeça de estar atento ao modo como as controvérsias ligadas à adequação desta forma de atuação se articulam em nosso campo de pesquisa.

Estamos acompanhando o processo de apropriação do uso de determinados instrumentos. Em outras palavras: a questão desta investigação não passa pela verificação da eficácia de práticas ligadas à virtualidade, nem se surgirão novas formas de atuação marcadas pela presença de recursos virtuais. Pessoalmente não temos dúvidas em relação a estes pontos. Acreditamos que as transformações tecnológicas, no que se refere às TICs, trazem e trarão impactos transformadores, de forma significativa, no que se refere às práticas psicológicas. A partir dessas crenças, foco desta pesquisa está voltado para o acompanhamento deste processo de apropriação. Buscamos investigar o que estes novos contextos têm para nos mostrar sobre nossas práticas mais tradicionais. De que forma as novas tecnologias de informação e comunicação transformam as práticas no âmbito da psicologia. Estamos interessados em aprender sobre a psicologia e sobre os psicólogos brasileiros, a partir do contexto definido por essas novas possibilidades e, em especial, pelas controvérsias experimentadas ao longo dos processos de transformação performados por elas.

Ao longo do tempo em que confeccionamos nossa pesquisa passamos por alguns períodos bem distintos, esses períodos foram demarcados por dois eventos marcantes, a liberação das práticas psicológicas através de TICs determinada pela resolução CFP nº 11/2018 e o estabelecimento do período de isolamento social determinado em função da pandemia Covid-19, sendo assim, podemos demarcar as seguintes fases principais no decorrer de nossa investigação: período pré-regulamentação e pré-pandemia Covid-19; período pós-regulamentação e pré-pandemia Covid-19 e período da pandemia Covid-19. Não chegamos a acompanhar um período que pudéssemos definir como pós-pandemia Covid-19. Quando concluímos nossa investigação ainda estávamos sobre o efeito das diversas ondas que marcaram o longo tempo de isolamento social, necessário ao enfrentamento desta fase dramática na história da humanidade. Toda essa movimentação nos remete às palavras de Peter Spink (2003):

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações”. Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo; distanciando os pesquisadores das questões do dia a dia. Podemos, sim, negociar acesso às partes mais densas do campo e em conseqüência [sic] ter um senso de estar mais presente na sua processualidade. Mas isso não quer dizer que não estamos no campo em outros momentos; uma posição periférica pode ser periférica, mas continua sendo uma

posição. [...] O campo para a Psicologia Social, para repetir, começa quando nós nos vinculamos à temática... o resto é a trajetória que segue esta opção inicial; os argumentos que a tornam disciplinarmente válida e os acontecimentos que podem alterar a trajetória e reposicionar o campo-tema.[...] Para a Psicologia Social, o passado está sempre no presente por de sua contribuição constante aos textos múltiplos do polissêmico dia-a-dia.[...] o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades. [...] Quando fazemos o que nós chamamos de pesquisa de campo, nós não estamos “indo” ao campo. Já estamos no campo, porque já estamos no tema. O que nós buscamos é nos localizar psicossocialmente e territorialmente mais perto das partes e lugares mais densos das múltiplas interseções e interfaces críticas do campo-tema [...] (SPINK, 2003, p. 28 - 36)

Tanto o processo de liberação da atuação do psicólogo através de TCS, como também a necessidade de transposição de grande parte das práticas psicológicas para a virtualidade em função do período de isolamento social, referente à Covid-19, deslocaram nosso posicionamento como investigador, transformando inteiramente a realidade de nosso campo de pesquisa. Esses deslocamentos vividos ao longo do período de redação deste texto geraram a necessidade de diversas reestruturações na estrutura de nossa escrita. No capítulo 4 trataremos de forma mais cuidadosa das diferentes fases vividas em nossa experiência de pesquisa, definidas por tais mudanças.

No próximo item buscaremos tratar do desafio da delimitação de nosso campo de pesquisa.

2.2 A DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Por mais que identifiquemos a impossibilidade de separação entre pesquisador e campo de pesquisa, a delimitação de uma área de mais densidade onde colocaremos o foco de investigação é necessária para viabilizarmos a confecção de nosso trabalho. Definir o campo de pesquisa foi um grande desafio. Ele não se apresentava com uma dimensão territorial clara e objetiva. Inicialmente tivemos a impressão de que o mesmo era fragmentado. Nos percebíamos com várias áreas de interlocução com nosso tema de estudo.

Atuamos como psicólogo clínico, a partir da Gestalt-Terapia há mais de 30 anos, trabalhamos no treinamento de profissionais desta abordagem há mais de 17 anos, editamos uma revista científica com ênfase nesta perspectiva há cerca de 15 anos³⁹, coordenamos o CDGB centro de documentação da Gestalt-Terapia brasileira⁴⁰ há cerca de 12 anos, presidimos um congresso internacional nessa abordagem há 5 anos, cujo tema foi: “Gestalt-Terapia: Desafios das práticas no mundo em transformação”⁴¹. Coordenamos um instituto ligado à esta abordagem há mais de 20 anos⁴². Todas essas inserções nos colocam muito próximos aos acontecimentos que se dão no âmbito da psicologia clínica e nos fazem ter em nossa rotina cotidiana muitas interfaces com pessoas e instituições que estão lidando com situações impactadas pela expansão das formas virtuais de comunicação.

Foram muitas as possibilidades para investigação dessas controvérsias ao nosso redor. Como vimos, as práticas *on-line* se faziam presentes em nosso dia a dia de diversas formas, em muitas das esferas em que atuávamos: Como supervisor de atendimento individual, em supervisão de atendimento de família, em supervisão de atendimento de grupo, em situações de atendimento individual, de grupo e de família. Frequentemente éramos convidados a dar palestras sobre este tema. Desenvolvemos um grupo de pesquisa sobre este assunto. Criamos um núcleo voltado para a psicologia *on-line* no IGT⁴³, com o objetivo de desenvolver a prática do atendimento *on-line* dentro da perspectiva gestáltica, promover eventos e ministrar cursos sobre este tema.

Os Conselhos Regionais e o Conselho Federal se mostram como partes densas de nosso campo de pesquisa, pensando, em especial, no processo de regulamentação, neste âmbito as discussões sobre este tema são pontuais e com dias marcados. Nós não pudemos ir ao conselho e ficar observando o que ocorre por lá como acontece em muitas pesquisas de campo.

³⁹ <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/index>

⁴⁰ <http://igt.psc.br/ojs2/>

⁴¹ <https://site.cfp.org.br/?evento=xiv-congresso-internacional-de-gestalt-terapia> acesso em:21/07/2022.

⁴² <https://igt.psc.br/site/>

⁴³ IGT - Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar – Pessoa jurídica criada em 1997. É Centro de ensino e pesquisa na área do desenvolvimento humano, fundado e coordenado pelo autor deste trabalho e sua sócia, a psicóloga Márcia C. Estarque Pinheiro da Silva.

Como vimos anteriormente, o atendimento *on-line* só passou a ser permitido pelo Conselho Federal de Psicologia em 2018, sendo assim, tivemos uma experiência vasta em um contexto em que a telepsicologia não era algo permitido e agora estamos assistindo à entrada em cena desta possibilidade de forma oficial. Tivemos a oportunidade de observar as controvérsias e os contrastes entre esses dois contextos: Antes e depois da liberação do atendimento *on-line*. Claro que a data da liberação é apenas um marco em processo que se iniciou há algum tempo, e que não se encerra a partir desta data. Também tivemos a oportunidade de viver e presenciar os efeitos da Covid-19 em todos estes âmbitos, e nos vimos obrigados a reestruturar todas as nossas práticas em função do novo contexto gerado por este actante.

Quando pensamos no processo de apropriação das novas tecnologias, observando aspectos técnicos e metodológicos temos o universo de psicólogos que trabalham com recursos virtuais na clínica, também dos que trabalham com estes recursos nas empresas, nas escolas, em instituições de saúde e nas outras diversas possibilidades de atuação do psicólogo. Eles estão espalhados pelo país. Não estão reunidos em algum espaço físico definido onde nós possamos estar para ficar observando. De certo modo, as controvérsias em relação às práticas psicológicas à distância acontecem de forma fragmentada. São poucos os espaços geográficos ou grupos de psicólogos que apresentam uma perspectiva homogênea em relação a esse tema. Alguns dos actantes mais citados como responsáveis por transformar a forma dos psicólogos e de seus clientes enxergarem as possibilidades de atuação psicológica a distância vem gradativamente ganhando espaço no cosmos ligados à psicologia, nos referimos à própria evolução das tecnologias de informação e comunicação. As transformações tecnológicas vêm ganhando espaço na vida dos psicólogos e de seus clientes de forma gradativa. Os instrumentos de comunicação, os aplicativos de celulares, a velocidade da internet, as mudanças nos hábitos comunicacionais, vão se modificando de forma paulatina e disseminada. Esses actantes vêm transformando as formas de percepção em relação às possibilidades de comunicação de modo virtual. Essas mudanças de percepção não são necessariamente frutos de discussões acaloradas. Toda vez que uma nova forma de comunicação demonstra sua eficiência, os costumes humanos se transformam. O advento de apps como o *whatsapp*, geram impactos nas formas de comunicação em nossa sociedade. Afetam a relação do psicólogo

com seu cliente. Dessa forma nosso campo agonístico é amplo e rarefeito, isso significa que não temos dois times se confrontando. As transformações vão acontecendo de forma cotidiana e gradativa. À medida que as formas de comunicação ampliam suas efetividades, a possibilidade do psicólogo atuar a distância se faz mais plausível, mesmo sem que o tema entre em discussão. De forma similar à que o vento e as águas moldam relevos, as transformações tecnológicas moldam formas de perceber as possibilidades de comunicação entre psicólogos e clientes.

Entre todas as nossas inserções buscamos acompanhar inicialmente o processo de regulamentação promovido pelo sistema conselhos e CFP; os espaços de supervisão que aconteciam no IGT; os grupos de trabalho que também ocorriam no IGT e eventos como simpósios e congressos relativos a nosso tema. Esses foram os fios que seguimos inicialmente, sem, contudo, nos fecharmos para possíveis desvios que viessem a surgir ao acompanharmos nossos actantes.

2.3 FORMAS DE APROXIMAÇÃO

Coerente com um viés gestáltico, procuramos ajustar nossa forma de aproximação com as características das diversas nuances de nosso campo-tema. Procuramos adequar nossa metodologia de pesquisa às características dos aspectos que estavam sendo investigado a cada momento. As características de nosso tema nos colocaram em contato com contextos de pesquisa distintos. Por exemplo, examinamos o processo de regulamentação da utilização de TICs por parte dos psicólogos brasileiros, esse elemento de nossa investigação nos exigiu uma forma de aproximação diferente de quando investigamos as supervisões realizadas no IGT. Na primeira situação fez sentido, entre outras práticas, trabalhar com formas de análise de texto e mapear actantes, na segunda situação trabalhamos predominantemente com anotações de campo. Para facilitar a compreensão do leitor em relação à forma de construção de cada parte desse trabalho, buscaremos explicitar a metodologia de pesquisa utilizada em cada um dos capítulos no início dos mesmos.

Como já citamos anteriormente ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa passamos por dois grandes pontos de inflexão que transformaram de

modo marcante nosso campo tema, provocando grandes modificações no mesmo, foram elas: a resolução CFP nº11/2018 que trouxe a liberação da possibilidade de atuação do psicólogo através de TICs e o surgimento da necessidade de isolamento social em função da pandemia Covid-19. Essas duas transformações nos deslocaram radicalmente em nosso posicionamento diante de nosso campo de pesquisa. Esses dois marcos definiram diferenças notáveis entre o antes e o depois de cada um deles.

Buscamos descrever as características que marcaram diferentes fases em nosso processo de investigação, para tanto utilizamos nossas anotações de caderno de campo, além de uma série de outras referências construídas a partir de observações desenvolvidas em nossas inserções profissionais e de eventos que participamos, ou produzimos, ao longo do período de realização dessa pesquisa. Procuramos dessa maneira identificar algumas das características de cada uma das etapas delimitadas pelos marcadores citados no parágrafo anterior.

Ao longo deste processo buscamos fazer entrevistas com psicólogos que estavam atuando de forma *on-line* e com os representantes de conselhos federais e regionais que, de algum modo, estiveram implicados nas discussões acerca da regulamentação dessas práticas. Também realizamos entrevistas com psicólogos que estavam ou já tinham realizado suas atividades terapêuticas através de recursos virtuais. As entrevistas puderam ser feitas de forma presencial (antes de março de 2020) ou, a partir desse período, com o auxílio de recursos ligados à virtualidade. A utilização deste tipo de recurso na realização de entrevistas enriqueceu nossas discussões a respeito deste tema, já que nos colocou no mesmo ambiente e trabalhando com instrumentos semelhantes aos utilizados no atendimento *on-line*, nos dando a oportunidade de esbarrar com suas virtudes e limitações.

Também experienciamos a própria prática do atendimento psicoterapêutico *on-line* através da realização de atendimentos nesta modalidade. A vivência deste tipo de atendimento proporcionou uma aproximação diferenciada em relação a nosso campo de pesquisa. Essas experiências se intensificaram de forma marcante a partir da necessidade de isolamento social vivida a partir do início do ano de 2020.

Ao longo de todo o processo fizemos registros em nosso caderno de campo. Os relatórios foram realizados de forma cuidadosa e tiveram uma atenção toda especial na busca de aproximação das nuances dessa área de pesquisa. Como nos traz Prestrêlo:

Escrever o diário de campo é um exercício que não se restringe ao ato de recordar o que aconteceu naquele encontro, mas também um instrumento que possibilita ao pesquisador se perceber como alguém que está no campo, atuando e sendo atuado, afetando e sendo afetado pelos fluxos que ali acontecem. (PRESTRELO, 2016, p. 93)

O ato de redigir o relato das experiências observadas tem um papel muito importante na construção de um estudo dentro desse viés metodológico. Neste momento o investigador se reconecta à experiência, muitas vezes em um contexto de recolhimento, busca dar forma aos aspectos que geraram impacto sobre ele em sua estada nas partes mais densas de seu campo de pesquisa. É uma nova experiência de ampliação da compreensão dos aspectos que concorreram para que determinadas situações específicas gerassem impacto naquela pessoa específica, dentro daquele momento específico. No instante da redação do relatório de campo é comum a emergência de lembranças e a construção de novas percepções que enriquecem as possibilidades de compreensão do contexto pesquisado. Como já havíamos colocado em texto anterior:

Meu campo de pesquisa certamente passou tanto pela observação acerca do que afeta as pessoas a meu redor [...] o que afeta a mim, como também pelas lembranças que me foram trazidas à tona a começar a partir do momento em que passei a investigar [...]. Deixar de fora todo esse material seria desperdiçar recursos que podem ser muito úteis nessa busca de compreensão. (PINHEIRO DA SILVA, 2015)

Os relatórios de campo, o produto das entrevistas, os frutos das investigações acerca das discussões já realizadas sobre o tema, a discussão de todo este material instiga novas observações. O contraste entre estas diferentes perspectivas pode facilitar a construção de novas percepções. Como Despret assinala.

Cada história recebe, ou por vezes não recebe uma iluminação particular no contexto onde ela é acolhida ou convocada. Mas cada uma se ilumina diferentemente pelas outras que a ela respondem a partir do seu próprio contexto de enunciação e segundo a maneira, fortuita, pela qual ela se conecta com elas. São estas conexões entre versões que poderiam tornar perceptíveis outras maneiras de visualizar [...] (DESPRET, 2012. p. 241. Tradução ARENDT, 2013)

Na primeira etapa que designamos como pré-reconhecimento estávamos estudando algumas práticas ainda não reconhecidas pelo conselho. Naquele período não tínhamos nenhum indicativo de que esse cenário se modificaria em curto prazo. Esta etapa teve início no dia 07 de dezembro de 2016, data de nossa prova oral para ingresso no PPGHCTE. Durante aquela entrevista ficou evidente a vontade que tínhamos de pesquisar as práticas psicológicas *on-line*, modificando nossa proposta inicial de projeto de pesquisa. A partir daquele evento o tema de nossa investigação de doutorado passou definitivamente a ter como foco psicologia e virtualidade.

Naquele período inicial precisávamos nos aproximar de atividades que, em teoria, ainda não estariam sendo realizadas pelos psicólogos brasileiros. A resolução que regulava as “práticas psicológicas realizadas por meios tecnológicos de comunicação” era a CFP nº 11/2012. Como veremos de forma mais detalhada no próximo capítulo, existia uma exigência de que qualquer psicólogo que atuasse com as práticas já reconhecidas pelo conselho, ou desenvolvesse pesquisas relativas a esse tema, deveria possuir um site com o selo fornecido pelo CFP. Tínhamos a nosso favor o fato de já possuímos um site com o tal selo de certificação do CFP. Anos antes do início dessa pesquisa, já havíamos enfrentado o desafio de buscar a certificação de um site junto ao sistema conselhos. Foi uma empreitada longa e desgastante, porém já havia sido superada. Foram necessários cerca de 2 anos desde o início do processo de certificação até o momento em que conseguimos o selo. Essa experiência nos trazia uma certa compreensão em relação às regulamentações existentes e também em relação aos entraves burocráticos que o sistema conselhos impunham a essas práticas.

Todo esse contexto fez com que identificássemos a importância de darmos início a nossa pesquisa investigando o processo de regulamentação das práticas psicológicas exercidas a partir de TICs, tarefa que buscamos desenvolver, de forma detalhada, no próximo capítulo. Partiremos da busca de compreensão em relação a estrutura de regulamentações que baliza a psicologia brasileira para depois observarmos as normas que foram sendo estabelecidas ao longo dos anos em relação a essas práticas.

3 O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS ATRAVÉS DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Neste capítulo buscamos apresentar de forma breve o sistema de regulamentação da psicologia brasileira, descrever o processo de regulamentação das práticas ligadas à virtualidade no âmbito da psicologia, avaliando o conteúdo das resoluções referentes a esse tema, identificando as mudanças realizadas ao longo do tempo, buscando, quando possível, mapear o processo de construção das mesmas.

Nesta área de investigação, sem nos afastarmos de nosso viés gestáltico, utilizamos métodos muito coerentes com a cartografia de controvérsias visto que o tema em foco se adequava bastante a essa forma de investigação. Elaboramos um rápido histórico sobre os códigos de ética de nossa classe, elencamos as resoluções referentes a esse tema, entrevistamos pessoas que participaram direta ou indiretamente desse processo de regulamentação, acompanhamos os eventos, relativos a esse tema, organizados pelo sistema conselhos de psicologia, que foram realizados ao longo do período de nossa investigação. Buscamos construir grafos de forma a identificar os actantes evidenciados por tais resoluções, utilizamos nuvens de palavras para examinar os termos mais presentes nos textos de cada uma das mesmas. Comparamos as propostas geradas nos Congressos Nacionais de Psicologia (CONPs) com as resoluções desenvolvidas pelas plenárias desse sistema. Discutimos os resultados dessa comparação identificando aspectos que nos ajudaram a compreender a forma como se deu tal processo de regulamentação. Por último, coerente com nossa perspectiva gestáltica, fizemos uma série de considerações enfatizando de forma especial nossa implicação em relação ao tema e as ressonâncias que experimentamos em relação a este tópico de investigação.

As fontes utilizadas nessa parte de nossa pesquisa são oriundas do sistema conselhos de psicologia. As entrevistas que realizamos foram de pessoas que pudemos acessar ao acompanharmos o processo de construção das regulamentações desenvolvidas no sistema conselhos.

Somente ao longo dos anos dedicados a confecção dessa pesquisa 3 (três) resoluções referentes a esse tema estiveram em vigor a CFP Nº 11/2012, a CFP Nº 11/2018 e a CFP Nº 04/2020 (anexos 4, 5 e 7). Essas 3 (três) resoluções não foram as únicas que buscaram regular a atuação do psicólogo à distância. Como já

colocamos anteriormente 3 (três) outras resoluções já haviam vigorado antes delas: a 002/95; a 03/2000; e a 12/2005, todas se encontram nos anexos 1, 2 e 3. Antes de olharmos de forma mais detalhada para o processo de construção da resolução atual vamos trazer um pouco da história das resoluções anteriores e do funcionamento de nosso sistema de regulamentação de práticas psicológicas. Nessa breve incursão histórica não pretendemos construir cartografias detalhadas e de alta granularidade, faremos isso quando estivermos tratando do agitado período em que confeccionamos nossa pesquisa.

3.1 O BALIZAMENTO ÉTICO DA PROFISSÃO DO PSICÓLOGO

A psicologia enquanto profissão traz uma complexidade singular. O psicólogo em qualquer de suas inserções profissionais passa, frequentemente, pelo risco de se ver perante dilemas éticos, sendo assim a discussão e o estabelecimento de parâmetros norteadores para a prática deste profissional se faz necessária. Como nos traz Márcia Amendola:

No caso do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP), trata-se de uma norma jurídica, cuja denominação técnica é Resolução. Enquanto tal, possui caráter normativo e regulador da profissão. A partir desse instrumento jurídico, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) institui, por escrito, o dever-ser da conduta moral do profissional da Psicologia. (AMENDOLA, 2014, p. 663)

Desta forma, segundo Bock (2008), o código de ética do psicólogo se faz também um instrumento regulador. Ele tem como um de seus objetivos proteger a sociedade, estabelecendo regras para a atuação do psicólogo. Como as regras, os costumes e os valores que se fazem presentes nas dinâmicas relacionais de grupos humanos estão sempre em transformação, as normas éticas que norteiam a profissão do psicólogo precisam de constantes revisões. Sendo assim, no período em que desenvolvemos essa pesquisa já estávamos em nosso quarto código de ética.

Amendola (2014) nos conta que nosso primeiro código de ética o “*Código de Ética dos Psicólogos Brasileiros*” foi redigido entre 1966 e 1967, antes mesmo da criação do CFP, o que se deu em 1971, a partir da lei nº 5.776. Foi elaborado pela Associação Brasileira de Psicólogos, entidade fundada em 1954, a partir da tradução de um conjunto de normas éticas publicado pela *New York State Psychological*

Association e foi adaptado para o contexto brasileiro. Este texto serviu como anteprojeto do código estabelecido em 1975, Resolução CFP nº 8, de 02 de fevereiro de 1975.

O segundo código de ética foi aprovado em 30 de agosto de 1979, tendo sua elaboração sido iniciada em 1978. Foi instituído através da resolução CFP nº 029/79. O 3º código de ética surgiu em um período de conquistas de liberdades políticas, após o apagar das luzes da ditadura militar brasileira. O novo código surgia a partir de uma busca no sentido da confecção de um texto menos corporativista, crítica que pairava sobre o código anterior. Após 25 anos de profissão, a resolução CFP nº 002/87 de 15 de agosto de 1987 institui este 3º código:

Apesar de bastante pormenorizado, o CEPP de 1987 recebeu críticas daqueles que tinham predileção pelo anterior, por considerá-lo mais claro e incisivo, enquanto outros salientavam o caráter corporativista e economicista que ainda persistia no Código que entrara em vigor. [...] Algumas dessas críticas repercutiram diretamente no Código de 1987, que sofreu, anos mais tarde, duas alterações: uma em 1990, com a Resolução CFP N° 006-A/90, que revogava o Art. 5º e seus parágrafos, e outra em 1995, com a Resolução CFP N° 002/95, que dispunha sobre a prestação de serviços psicológicos por telefone, incluindo a alínea 'o' ao Art. 2º, vetando esse tipo de atividade. (AMENDOLA, 2014, p. 672 - 673)

Esta segunda alteração, realizada em 20 de fevereiro de 1995, a CFP nº 002/95 (anexo 1), muito nos interessa visto que corresponde à primeira ação regulatória relativa ao “atendimento psicológico através de tecnologias de comunicação e informação”⁴⁴.

3.1.1 A resolução CFP N° 002/95

Esta resolução, como indicado no fragmento acima proibia o atendimento psicológico por telefone. A resolução CFP nº 002/95 em seu texto busca explicar a partir de que contexto se deu sua elaboração:

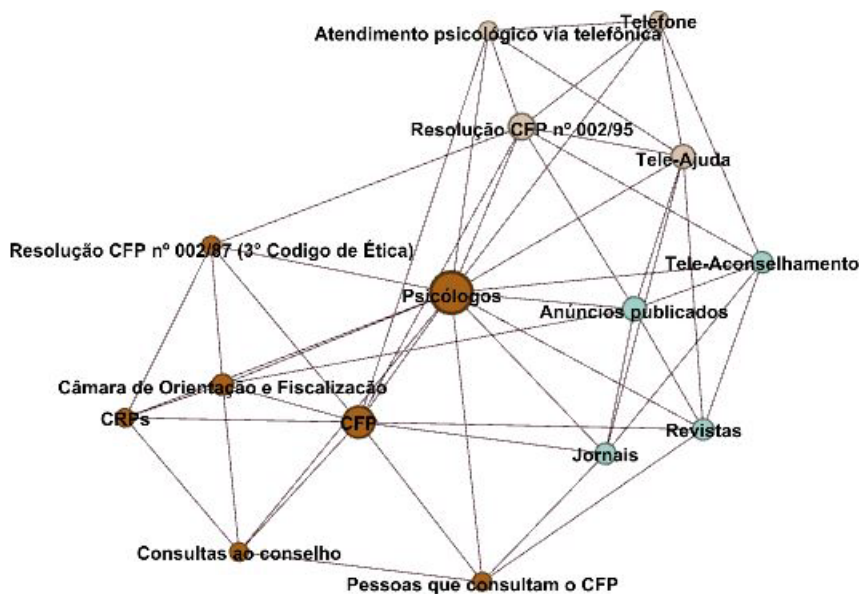
CONSIDERANDO análise efetivada pela Câmara de Orientação e Fiscalização sobre anúncios publicados em jornais relativos a serviços tais como Tele-Ajuda, Tele-Aconselhamento e similares;

⁴⁴ Este termo, como veremos mais tarde passa a ser utilizado a partir da resolução CFP nº 11/2018.

CONSIDERANDO que a matéria tem sido objeto de consultas a este Conselho Federal. (CFP, 1995, n.p.)

Em função da divulgação de oferta de serviços de apoio emocional através do telefone e da reação de terceiros que impactou o sistema conselhos, surgiu o movimento no sentido da delimitação da impossibilidade de que o psicólogo realizasse suas práticas por meio telefônico. A figura 1 representa através de um grafo o mapa da rede de actantes visibilizados de forma explícita ou implícita por esta resolução (CFP nº 002/95):

Figura 1- Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 02/95. As diferenças de tonalidade expressam a modulação¹ da rede; o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7. Distribuição gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2¹.

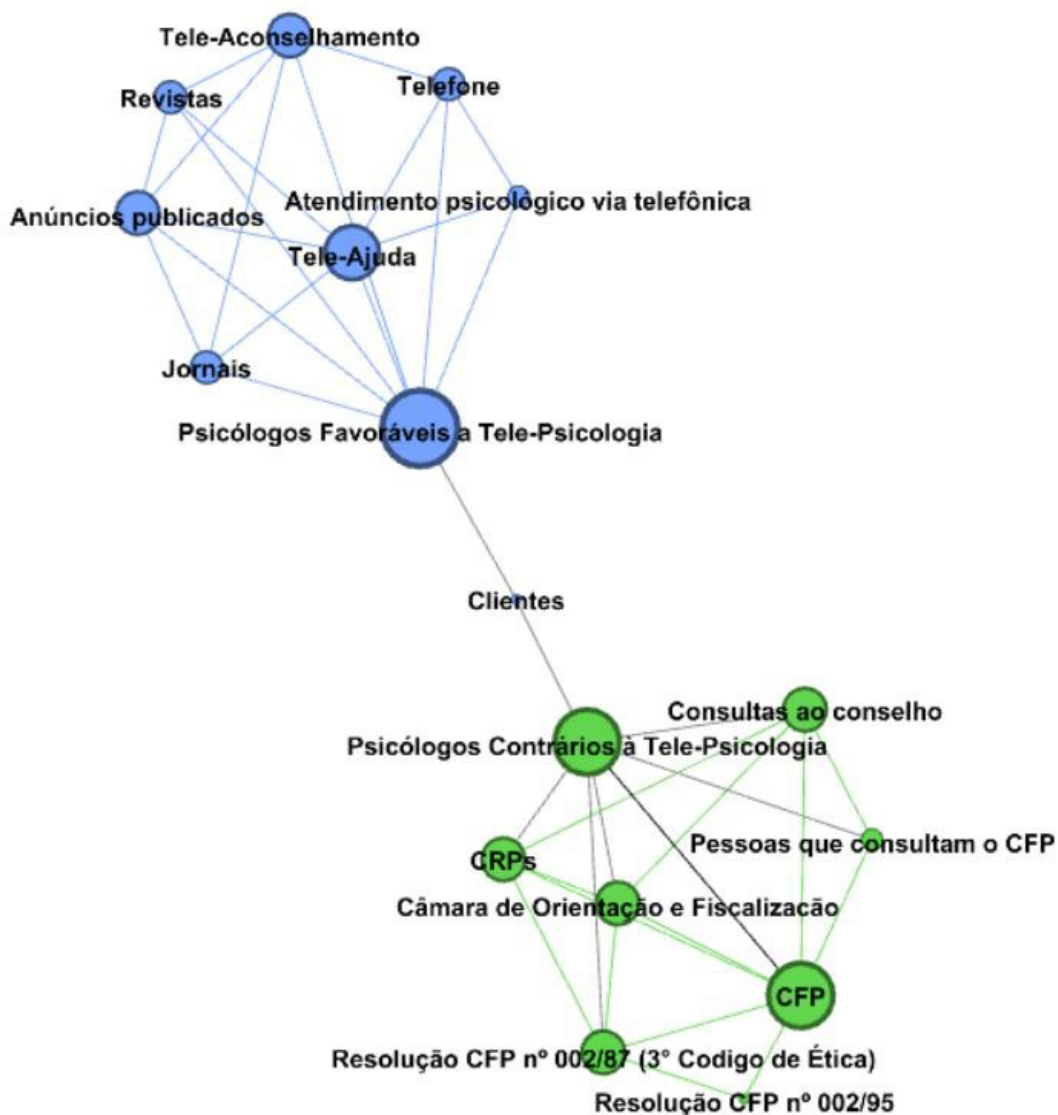


Fonte: autoria própria.

Na figura 1 as arestas representam relações entre actantes, sem levar em conta as características dessas relações. Buscamos criar um novo grafo (Figura 2) que pudesse levar em consideração as características dos vínculos, privilegiando aspectos referentes à afinidade. O objetivo desta nova representação é criar mapas relativos aos cosmos evidenciados a partir do texto desta resolução específica. São

mapas de baixa granularidade, mas nos ajudam a visualizar as divisões denunciadas por essa resolução. Para tanto, buscaremos dividir o coletivo dos psicólogos em dois grupos, visto que a publicação da resolução evidencia a possibilidade de interesse por parte de psicólogos em relação às práticas não autorizadas e evidentemente a existência de psicólogos contrários ao exercício das mesmas. Sabemos que outros actantes que representam coletivos como o próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) também poderiam reproduzir essas divisões, porém não faremos essa cisão no momento. Mesmo levando em consideração que os conselhos são coordenados por psicólogos e, não necessariamente esses psicólogos tinham um posicionamento homogêneo, a posição destas entidades, foi cristalizada naquele momento, através da resolução em questão, sendo assim, vamos considerar os conselhos como actantes e como apresentando um posicionamento definido. Como essa resolução foi criada há cerca de 25 anos e, já ocorreram transformações marcantes em nosso campo de pesquisa, optamos por não nos aprofundarmos de forma exaustiva na cartografia dos cosmos relacionados à mesma. Nossa reorganização gerou o grafo representado na Figura 2:

Figura 2 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 02/95. O grafo foi desenvolvido levando em consideração a composição de cosmos favoráveis e desfavoráveis às práticas psicológicas, através do telefone. As diferenças de tonalidade expressam a modulação da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Alguns ajustes foram realizados manualmente para facilitar a visualização. Ferramenta Gephi 0.9.7. Distribuição gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2.



Fonte: autoria própria.

Ainda com o objetivo de desenvolver diversas possibilidades de representação em relação às resoluções relacionados à nossa pesquisa utilizamos a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office” para criar uma nuvem de palavras envolvendo o texto desta normativa (Figura 3). Nesta nuvem o leitor pode encontrar as 100 palavras que aparecem mais vezes no texto e o tamanho das mesmas é diretamente proporcional ao número de vezes que elas aparecem na resolução:

Figura 3 - Nuvem de palavras criada a partir da resolução CFP nº 02/95, utilizando a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Entre 25 e 28 de agosto de 1994, cerca de 6 meses antes da publicação da resolução CFP Nº 002/95, foi realizado o “I Congresso Nacional da Psicologia” (I CNP). Esta série de eventos ganhou importância fundamental no que se refere a estrutura de regulamentação da classe dos psicólogos como podemos perceber a partir do fragmento abaixo, retirado do “Caderno de Sistematização das Teses” relativo ao “II Congresso Nacional da Psicologia”:

(Art. 24) – O Congresso Nacional da Psicologia é a instância máxima de caráter deliberativo, responsável por estabelecer diretrizes políticas para a atuação da Autarquia para o triênio subsequente à sua realização, devendo se realizar a cada três anos.

(Art. 7) – O Congresso Nacional será constituído a partir dos Congressos Regionais, de onde são eleitos os delegados em número proporcional ao número de psicólogos inscritos na região, com base num critério que combine o número mínimo de delegados por base fixa e um acréscimo proporcional ao número de psicólogos inscritos na região (CFP, 1996, n.p.)

A realização de um “Congresso Nacional da Psicologia” envolve um longo processo de discussão que busca articular, de forma ampla, os integrantes da categoria dos psicólogos. Processo que se inicia com os pré-congressos regionais de psicologia (Pré-Coreps), eventos, organizados pelos CRPs, em que psicólogos e estudantes de Psicologia se encontram para discutir as questões que julgam pertinentes em seus contextos profissionais. Um documento é produzido a partir das discussões e delegados são eleitos para representar a região. Os delegados eleitos nos Pré-Coreps participam dos Congressos Regionais de Psicologia (Corepes). Nesta etapa as propostas vindas do fórum anterior são discutidas selecionadas e sintetizadas. Um novo documento é elaborado e novos delegados são eleitos, agora para discussão a nível nacional, o CNP. As propostas que chegam aos CNPs são discutidas pelos delegados eleitos nos Coreps e um novo documento é confeccionado, o “caderno de deliberações”, este traz as diretrizes para as próximas plenárias que serão eleitas e coordenarão o CFP e o sistema conselhos.

Com o intuito de ampliar a compreensão do contexto que definiu a criação desta resolução, buscamos investigar o texto do documento produzido em agosto de 1994 no “I CNP”. Neste documento não encontramos nenhuma menção a telepsicologia e muito menos sobre a necessidade de regulamentação ou de que esses tipos de práticas fossem coibidas. Sendo assim, podemos entender que, no fórum de discussão desenvolvido pela categoria dos psicólogos e realizado cerca de 6 meses antes da publicação da resolução CFP Nº 002/95 o tema telepsicologia não teve destaque suficiente para ser citado no documento produzido durante aquele evento. Esta é uma informação importante visto que o I CNP, por definição, tinha como objetivo discutir os temas mais relevantes para a categoria dos psicólogos naquele período. Mostra que esta busca específica de regulamentação não surgiu a partir das diretrizes construídas através do recém-criado “Congresso Nacional da Psicologia”, sendo assim, não foi uma demanda do coletivo da categoria dos psicólogos.

Mais tarde a resolução 03/2000 (anexo 2) foi a segunda referente a atuação do psicólogo a distância que seria implementada durante a vigência do código de ética de 1987 e tinha como objetivo restringir o atendimento psicoterapêutico através do computador ao desenvolvimento de pesquisas devidamente autorizadas por comitê de ética.

3.1.2 A resolução CFP Nº 003/2000

Se a resolução de 1995 contava com 179 palavras, a de 2000 chega com suas 1455 palavras. Um texto cerca de 8 vezes maior, mesmo não revogando a resolução de 95. A nova resolução é apenas um acréscimo do ponto de vista da atuação psicológica à distância. Segue abaixo um fragmento com os pontos centrais desta resolução:

RESOLUÇÃO CFP Nº 003/2000:0

Regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador.

O **CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais,

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, o psicólogo só pode prestar serviços psicológicos em condições de trabalho eficientes, de acordo com os princípios e técnicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, o psicólogo deve em seus atendimentos garantir condições ambientais adequadas à segurança e à privacidade que garantam o sigilo profissional; [...]

CONSIDERANDO que os efeitos do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador que ainda não são suficientemente conhecidos nem comprovados cientificamente podem trazer riscos aos usuários;

CONSIDERANDO que ainda não há formação específica para os psicólogos nesse campo de conhecimentos; [...]

RESOLVE:

Art. 1º. O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado no exercício profissional, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I - Faça parte de projeto de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la, e resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia para pesquisas com seres humanos em Psicologia;

II - Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

III - O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la; [...]

Art. 5º. São reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivo-sexual, desde que pontuais e informativos, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia escolar, orientação ergonômica, consultorias a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes informatizados devidamente validados, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada, e outros, desde que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo e nesta Resolução, e garantidas as seguintes condições:

I - Quando esses serviços forem prestados utilizando-se recursos de comunicação on line de acesso público, de tipo Internet ou similar, os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente, a ser desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia. Os selos, números ou outros tipos de certificados eletrônicos conferidos trarão a identificação do ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. As hiperligações ou remissões automáticas dos certificados eletrônicos concedidos deverão necessariamente remeter à página do site do Conselho Federal de Psicologia que conterà o texto integral desta Resolução e também os números de cadastro ou sites que estejam em situação regular, e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

II - Para efeito do disposto acima o psicólogo responsável técnico pelo serviço dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia no qual esteja inscrito, preferencialmente por via on line no site do respectivo Conselho, prestando as informações padronizadas solicitadas em formulário a respeito da natureza dos serviços prestados, qualificação dos responsáveis e endereço eletrônico, e receberá automaticamente uma certificação eletrônica do tipo adequado que deverá ser incluída visivelmente em suas comunicações por meio eletrônico durante a prestação dos serviços validados. O procedimento de cadastro e concessão de certificado eletrônico será sempre gratuito. [...]

Art. 6º. As pesquisas realizadas sobre atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador deverão ser

identificadas com certificado eletrônico próprio para pesquisa, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia, na forma de selo, número com hiperligação ou equivalente, a ser incluído visivelmente nos meios em que são realizadas, como sites e páginas de Internet e equivalentes. (CFP, 2000, n.p.)

As justificativas para a restrição das possibilidades de “atendimento psicoterapêutico mediado por computador”, segundo o texto desta resolução, teriam ligação com o desconhecimento em relação a eficácia dessas práticas, com isso, existiria a hipótese de que elas pudessem vir a trazer riscos para os clientes e, também existiria uma insegurança em relação a aspectos ligados ao sigilo do processo terapêutico. Dentro deste contexto parece ter feito sentido que a leniência, no que se refere “a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia de informação e comunicação (TICs)”⁴⁵ fosse restrita a pesquisa. Este seria um modo de desenvolver conhecimentos sobre a eficácia e segurança destas práticas, em especial, no que tange a formas de se assegurar a busca de cuidados com questões relativas ao sigilo.

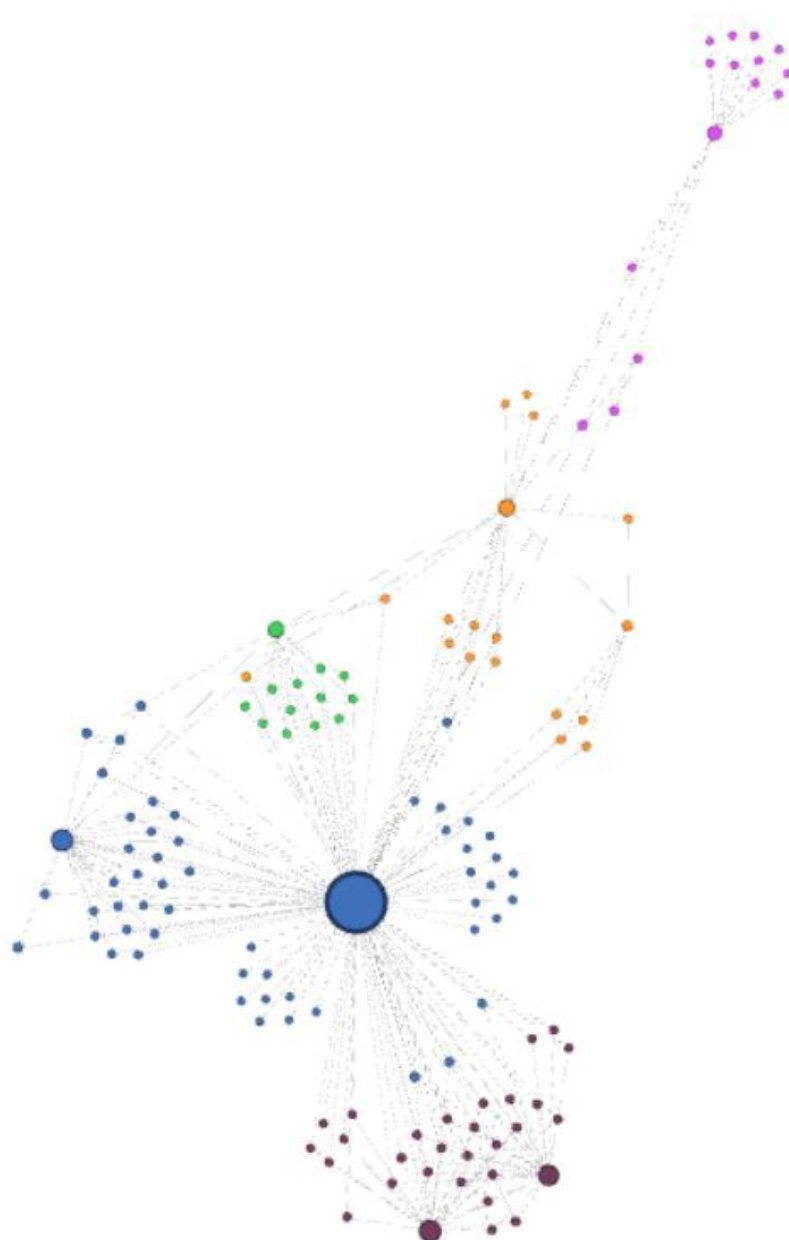
A nova resolução tratava da possibilidade da criação de “recomendações técnicas [...] relativas à segurança e criptografia disponibilizadas pelo CFP” (Resolução CFP Nº 03/2000) e também abria a possibilidade de uma série de práticas através dessas formas de mediação. Colocava em cena o “número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente” (Resolução CFP Nº 03/2000) que constaria nas duas resoluções subsequentes e, como veremos posteriormente, teve um papel importante nas futuras modificações de regulamentação relativas a essas práticas, especialmente no que se refere a liberação das mesmas. Nessa resolução o selo estava associado ao psicólogo, quando atuando nas práticas que passaram a ser autorizadas e ao psicólogo pesquisador no que se refere ao atendimento via TICs.

As figuras 4 e 5, representam os actantes visibilizados pelo texto desta segunda resolução. Utilizamos o algoritmo ForceAtlas 2. Buscamos conectar os actantes entre si de acordo com a existência de relação entre os mesmos. O grafo gerado faz pensar que a divisão agora não seria mais entre psicólogos favoráveis e

⁴⁵ O termo “a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia de informação e comunicação (TICs)” é introduzido pela resolução CFP nº 11/2018 e tem sido utilizado no período de confecção desta tese.

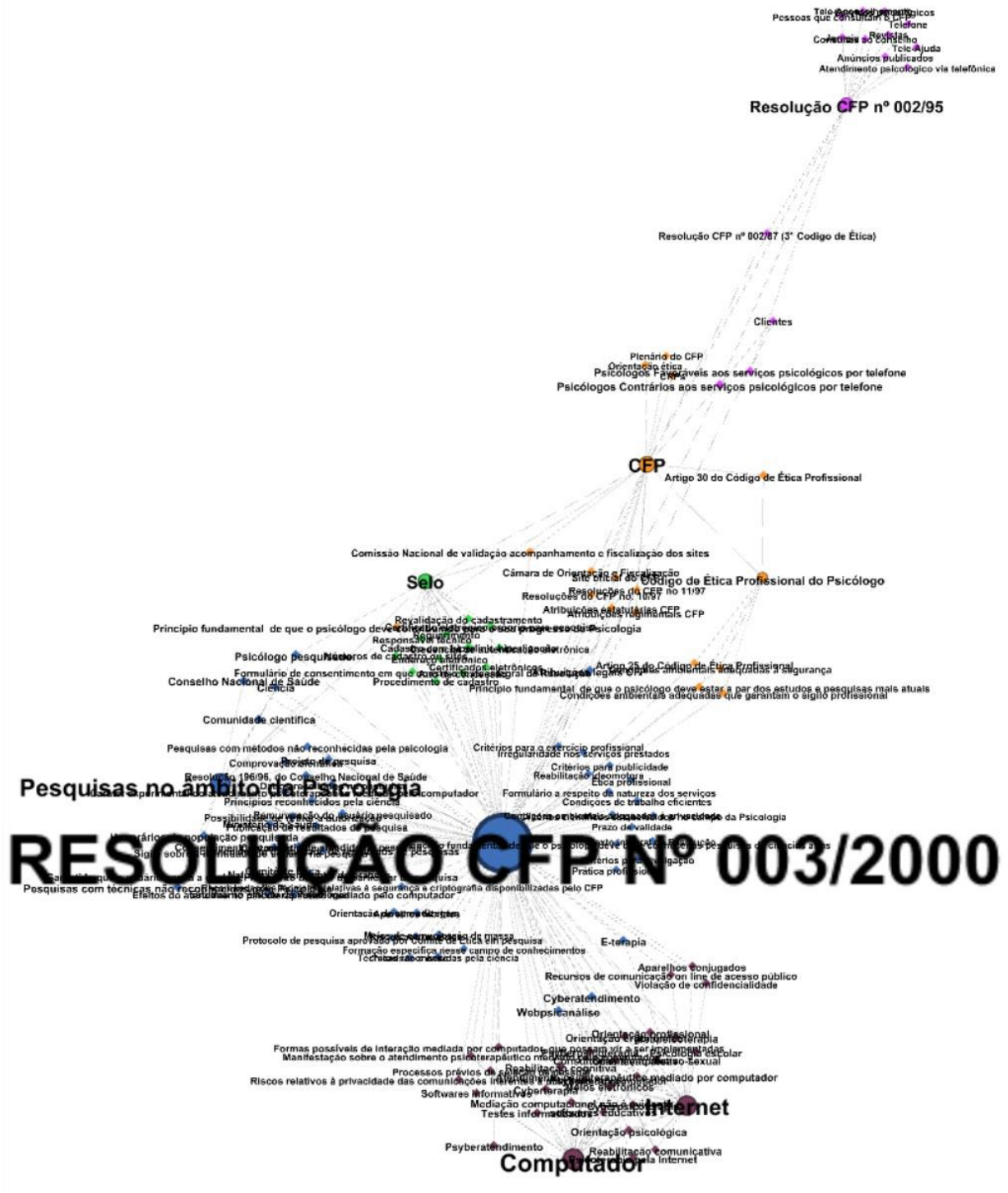
psicólogos desfavoráveis à atuação à distância, algumas novas divisões foram colocadas em cena por este texto:

Figura 4 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 03/2000. As conexões entre os nós foram estabelecidas em função da identificação de relação entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7. A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2.



Fonte: autoria própria.

Figura 5 - Grafo semelhante ao da figura 4, agora com rótulos nos nós. Os rótulos foram dimensionados de forma diretamente proporcional ao grau de cada nó, desta forma, conseguimos ampliar a possibilidade de leitura dos mesmos, principalmente no que se refere aos com maior número de conexões. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Chama a atenção o contraste existente entre as duas resoluções supracitadas. A segunda resolução coloca em cena uma quantidade bem maior de

actantes. Esses actantes foram distribuídos em nosso grafo de forma a evidenciar os universos que se aproximam, gerando uma série de subgrupos. Ocorre um acréscimo de complexidade no campo agonístico. Não faria mais sentido apenas a divisão entre psicólogos favoráveis e desfavoráveis à atuação psicológica a distância. Passam a existir também divisões ligadas ao universo das pesquisas, às instâncias reguladoras, sites, selos, recursos tecnológicos, entre outros.

Na figura 6 o leitor poderá encontrar a nuvem de palavras gerada a partir do texto integral da Resolução CFP nº 03/2000:

Figura 6 - Nuvem de palavras criada a partir da resolução CFP nº 03/2000, utilizando a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada, retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

O termo serviço, que foi o mais frequente no texto da resolução anterior, ainda figura entre as 100 palavras mais citadas, porém várias outras ganharam espaço. Termos como conselho, psicologia, pesquisa e computador ganharam protagonismo. O aumento de incidência do termo computador expressa a ampliação do espaço que as tecnologias ligadas à informação estavam ganhando, no que se

refere às possibilidades de comunicação humana. Uma tendência que só se ampliaria ao longo do tempo.

Entre a publicação da resolução CFP Nº 002/95 e a CFP nº 003/2000 tivemos o II e o III CNPs, realizados respectivamente em agosto de 1996 e em junho de 1998. Observando os textos produzidos a partir daqueles eventos pudemos identificar algumas passagens referentes a informática e tecnologias de comunicação. No texto relativo ao II CNP encontramos:

II CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA

[...]

4Aspectos da comercialização e acesso aos testes psicológicos:

[...] Tendo em vista a crescente tendência à informatização, o CFP e os CRPs devem desenvolver uma política urgente de atuação junto a essa área, tendo por objetivo:

- a) a apropriação, pelos psicólogos, desses novos recursos para o aprimoramento do seu trabalho tanto clínico quanto científico:
- b) desenvolver cuidado especial de fiscalização e orientação, para evitar que testes psicológicos informatizados sejam aplicados por leigos. (CFP, 1996, n.p.)

No evento de 1996 é colocada a percepção da existência de um movimento crescente de informatização. No que se refere ao contexto das ferramentas de avaliação foi enfatizada a necessidade de incentivo para apropriação desses novos recursos e da busca de desenvolvimento de possibilidades de fiscalização em relação a utilização dos mesmos. No texto relativo ao III CNP encontramos os seguintes fragmentos:

III CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA - III CNP

[...]

Globalização

IV- Comunicação / Internet

13 - Os Conselhos de Psicologia deverão promover eventos cuja programação propicie aos psicólogos entendimentos e pronunciamentos sobre a forma ética do uso da Internet como instrumento de comunicação e divulgação dos conhecimentos científicos, estimulando o uso da mesma como meio de divulgação dos trabalhos dos psicólogos, com vistas a futura normatização por parte do CFP e CRPs.

[...]

Interfaces

[...]

VI - Informática

29 - Os Conselhos Profissionais devem implementar um projeto continuado de discussão do tema Informática e Psicologia, visando uma melhor apropriação dos recursos da informática na prática psicológica, dentro dos preceitos técnicos e éticos, e a troca de informações técnicas, científicas e de pesquisas realizadas.

[...]

Políticas Públicas

IX- Formação do Psicólogo

64- Promover o fortalecimento e a participação da categoria na utilização dos mais variados meios de comunicação, como forma de articular os profissionais, bem como tornar público o posicionamento da psicologia com relação às políticas sociais vigentes. (CFP, 1998, p.12-30)

No evento de 1998 a internet é colocada em cena e ficam evidentes as demandas da classe referentes ao fomento de discussão e da apropriação técnica e ética das tecnologias ligadas à informática e à internet, não só por parte dos psicólogos, como também por parte do sistema conselhos.

Para compreender melhor o contexto que marcou o período em que esta resolução foi criada buscamos a contribuição de Oliver Zancul Prado, um dos primeiros pesquisadores brasileiros a investigar a utilização da internet em práticas de psicoterapia.

3.1.2.1 Entrevista com Oliver Zancul Prado

Em 07 de setembro de 2020 realizamos nossa entrevista com Oliver Zancul Prado, um dos pioneiros no que se refere à pesquisa sobre práticas psicológicas realizadas através de tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Oliver concluiu sua pesquisa de mestrado na Universidade de São Paulo (USP) em 2002, o título de sua dissertação foi “Terapia via internet e relação terapêutica”. Nossa entrevista foi realizada de forma virtual em meio ao período de isolamento social causado pela pandemia Covid-19.

Segundo Oliver, o Sistema Conselhos organizou em 1997 o Psicoinfo, um primeiro evento realizado em função da preocupação do conselho com a forma como os psicólogos estariam se apropriando das novas possibilidades de comunicação através da internet. Oliver nos traz que o objetivo era entender o que

estava acontecendo para depois regulamentar. Este evento se repetiu de 2 em dois anos até 2006.

Entre 1998 e 1999 Oliver participou do grupo que tinha como tarefa construir a resolução CFP Nº 003/2000 e o entendimento da época era que precisavam ser realizadas pesquisas. Oliver nos contou que investigações realizadas em outros países não eram suficientes para garantir a qualidade de nossas práticas psicológicas, em função da diferença das realidades de cada país. Segundo ele, dentro deste contexto, a resolução de 2000 teve como objetivo fomentar a pesquisa. Conta que a realização dos “Psicoinfos” não havia gerado o surgimento de pesquisas sobre o tema.

Oliver nos traz que na época as pessoas que estavam interessadas em atuar com essas práticas eram aventureiros, não eram pessoas “sérias”, não eram pessoas vinculadas a lugar nenhum. Não existiam instituições importantes realizando essas práticas. Existia uma expectativa de algum nível de institucionalização. Só a PUC de São Paulo se organizou neste sentido. Por um lado, existiam psicólogos isolados querendo trabalhar e por outro lado, as empresas não queriam tomar para elas o trabalho a mais gerado pela implementação de novas formas de atuação, não queriam contratar mais psicólogos.

Porém, as pesquisas não aconteceram como se esperava, sendo assim a resolução travou um pouco o processo. Segundo Oliver, em outros países, instituições assumiram essas práticas, no Brasil isso não aconteceu. Ele mesmo acreditava na necessidade de realização de pesquisas antes de que essas práticas fossem liberadas para os psicólogos de forma geral. Inclusive foi dentro deste contexto que ele decidiu fazer seu mestrado neste tema e investigar o vínculo terapêutico em atendimentos assíncronos.

Conta que até 2008 a lógica foi essa: pesquisar para poder liberar. Depois ele mesmo mudou de ideia. À medida em que os recursos tecnológicos foram se transformando e a comunicação através da internet se tornou mais identificada, menos anônima, ele não via mais a necessidade de impedimento para essas práticas.

Conta que depois disso passou a dar aula e buscou desenvolver um sistema de gestão de atendimento em psicologia. Com isso passou a ter interesses que o impediram de atuar no conselho, conta também que percebe uma resistência a

sistematização em função do controle que esse processo termina gerando. Viu em muitos lugares as pessoas demonstrarem um interesse inicial e depois se afastarem dessa possibilidade.

Acredita que o movimento de se afastar tem relação com não querer ficar aditável. Os psicólogos não queriam isso. A resistência não seria a informática e sim ao controle que a utilização de sistemas estruturados traria. Para Oliver a busca de evitação a possibilidade de que o trabalho do psicólogo pudesse ser auditado foi um actante importante no movimento de evitação desse tipo de prática que deixa rastros. O psicólogo preferiria se manter dentro de um contexto de isolamento em suas instituições.

Um outro problema que o conselho não trata é o do prontuário eletrônico. Não existe regulamentação em relação a isso. Conta que na cartilha que o conselho emitiu em relação a estágio em tempo de isolamento social não existe nem a palavra prontuário nem o termo registro documental.

Sendo assim, falar de atendimento on-line esbarra nesses dois pontos o trabalho que dá para as empresas e a possibilidade de auditoria. Não existiria interesse nesses dois aspectos.

Por um lado, existiam psicólogos isolados querendo trabalhar de uma forma pouco consistente e por outro as instituições buscando evitar o trabalho que essas pesquisas trariam. Por exemplo, para um hospital montar uma Central de atendimento *on-line* seria trabalhoso. As instituições até tinham psicólogos, mas esses ficavam muito inacessíveis, fazer um trabalho virtual tornaria esses psicólogos mais acessíveis e isso traria muito mais trabalho. Não se queria isso.

Oliver traz a questão de que tudo que é feito por via virtual pode ser auditado e os profissionais não têm interesse nessa possibilidade. Dessa forma este também seria, do seu ponto de vista, um dos aspectos que segurou a ampliação das práticas *on-line*. Sem a informatização o psicólogo, quando dentro de uma instituição, ficaria em uma situação de um certo isolamento do resto da instituição, não podendo ser auditado. Traz o ponto de vista de que a prática clínica fica mais controlável, quando no campo da informática, ao invés de mais difícil de fiscalizar como temos escutado nos conselhos de psicologia. O conselho não gostaria de fiscalizar, daí se construiria um acordo tácito entre classe e conselho.

Oliver também traz questionamentos em relação ao funcionamento dos CNPs. Coloca que as pautas não são necessariamente realizadas. Quem está na coordenação do sistema conselhos termina decidindo o que vai ser realizado e o que não vai ser realizado. Essa colocação é corroborada por nossos achados. Existe uma diferença marcante entre as demandas expressas nos cadernos dos CNPs e o conteúdo das resoluções referentes a esse tema: As propostas advindas dos CNPs tendem a ser no sentido do fomento à aproximação da classe em relação aos recursos tecnológicos e as resoluções construídas pelo sistema conselhos trazem restrições a essas possibilidades.

Oliver conta que dentro daquele contexto, entre 2001 e 2003, não encontrou nenhuma resistência para fazer sua pesquisa de mestrado na Universidade de São Paulo (USP). Sua pesquisa na época era a primeira e única, foi uma pesquisa ampla, com muitos dados, podia até ter sido transformada em um doutorado.

Conta que foi conselheiro até 2007, que o grupo inicial de trabalho se transformou em uma comissão nacional, que passou a tratar da questão do selo, que as resoluções seguintes mantiveram a mesma lógica: psicoterapia não, só pesquisa e o serviço tem que ser formatado, não pode ser aberto, tentando fazer com que isso ocorresse de maneira institucionalizada, e não ocorria.

Até 2008 foi esse esquema: o conselho tentava segurar por um lado e tentar incentivar por outro, mas as coisas não aconteciam. Em 2008 com uma troca de gestão essa comissão foi dissolvida sem muita explicação.

Ao ser perguntado em relação aos atores que permeavam essa discussão, Oliver conta que: *em São Paulo a coisa acontecia na PUC e na USP, tinha um pessoal que era de outros estados, alguém que representava o CRP e alguém que representava o CFP. Basicamente ele, Ivelize, Leonardo, a Rosa, tinham uns quatro ou cinco que participaram desde o início até mais ou menos 2007. Era basicamente o pessoal de São Paulo e tinha uma psicóloga chamada Luciana que era do Rio de Janeiro. Conta que as reuniões eram de forma virtual, então não tinham gastos: Era um grupo que ficava meio de lado. Não estava tão presente no dia a dia do conselho. Enquanto os outros grupos precisavam de verbas o nosso não viajava nunca.*

Quanto aos psicoinfos, Oliver conta que eles aconteceram em São Paulo, a cada 2 anos chamavam pessoas do Brasil todo para participar, com diversos tipos de produções. Isso foi crescendo até 2006, quando mudou a política, daí acabou.

Eles eram organizados pelo sistema conselhos. Foram eventos bem organizados com publicações e seriam uma forma de fomento em relação à informática.

Oliver coloca que a partir de 2008 ele mesmo mudou seu posicionamento. A evolução da tecnologia e das redes sociais fez com que não fizesse mais sentido restringir as práticas *on-line*.

Coloca também que como nós psicólogos não estamos controlando nossas práticas, e preferimos essa ausência de controle, esse controle vai terminar ficando na mão das empresas que estão buscando dominar os mercados. Compara com o CREA, como naquela área o engenheiro precisa sempre registrar seus trabalhos e com isso eles sabem de tudo que está sendo feito.

Em sua visão Oliver coloca ênfase em aspectos ligados à possibilidade de controle, de realização de auditorias, como um dos elementos que contribuiu para o desenvolvimento de uma resistência à ampliação da utilização de TICs no âmbito da psicologia. Esse ponto de vista é bastante peculiar e aponta para uma linha de investigação muito interessante, que merece ser desenvolvida de forma cuidadosa, o que deverá ser realizado em uma outra pesquisa, mas que não poderemos aprofundar nesse trabalho. Essa linha de investigação se afasta dos caminhos apontados por nossos demais informantes, fato que, por si só, já desperta nossa curiosidade, porém os caminhos de nossa investigação nos levaram para outras direções.

Nessa entrevista foi possível ter acesso a aspectos da história das discussões e do processo de elaboração das resoluções produzidas na década de 2000. Uma narrativa contada a partir do ponto de vista de uma das pessoas que vivenciou, de forma muito intensa, aquele período.

Após observarmos o período de elaboração da resolução CFP nº 003/2000, buscaremos tratar do processo de construção da resolução CFP nº 12/2005, já na vigência do código de ética que balizava a conduta do psicólogo brasileiro ao longo do período de confecção de nossa pesquisa.

3.1.3 A resolução CFP Nº 012/2005

O 4º código de ética foi implementado a partir da resolução CFP nº 010/2005. Segundo consta no texto desse código de ética o contexto que tornou necessária a

criação desse novo código surgiu anos antes, em especial a partir da promulgação da denominada Constituição Cidadã, em 1988, e tinha o sentido de uma busca de sintonia com o “contexto institucional-legal do país” (CFP, 2005):

Comparado aos demais, este novo Código (atualmente em vigor) é bastante reduzido, tendo eliminado alguns artigos e alíneas e, por conseguinte, deixando de tratar alguns temas de forma mais específica e direta, para se tornar um instrumento com princípios mais gerais e amplos, com a finalidade de permitir a discussão e reflexão da profissão como um todo. De modo geral, esta foi a intenção do Código: deixar de ser um instrumento fundamentalmente prescritivo para ser um Código que permita o exercício do pensamento, possibilitando a ética se fazer presente, enquanto associada à prática profissional. (AMENDOLA, 2014, p. 676)

O código de ética atual do psicólogo traz a característica de elencar princípios e não se deter em casos mais específicos. Este formato gera espaço para discussões e elaborações sutis, porém, deu margem a uma tendência no sentido da confecção de uma série de resoluções que passaram a preencher as lacunas deixadas em aberto pelo mesmo:

Resultado dessa demanda pela especialização do Código de Ética tem sido a produção de outras normativas pelo CFP que fragmentam, complementam e especializam o Código, via Resoluções e Referências Técnicas outras, para normatizar áreas de atuação específicas. (AMENDOLA, 2014, p. 680)

A abertura que marca a forma de redação do código de 2005, gerou espaço para uma série de controvérsias referentes a adequação ou não deste formato. Mas esta não é a controvérsia que buscamos investigar. Sendo assim buscaremos colocar nosso foco nas resoluções referentes ao atendimento psicológico por meio de tecnologias de informação e comunicação, quatro das quais foram elaboradas já na vigência do código atual.

Coerente com a postura não específica que marca o código de ética de 2005, não encontramos, no mesmo, nenhuma referência à atuação do psicólogo através de TICs. A resolução CFP Nº 12/2005 (anexo 3), a segunda resolução que foi publicada após a edição do “novo” código de ética, já tratava novamente da atuação do psicólogo por meio de tecnologias de informação e comunicação. Cabe lembrar ao leitor que, como colocado anteriormente, a segunda resolução a alterar o código de ética anterior, publicado em 87, foi a CFP 002/1995, também referente à atuação do psicólogo a distância. Vejamos os pontos centrais desta nova resolução, editada em 2005:

RESOLUÇÃO CFP N° 012/2005

Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 003/2000. [...]

CONSIDERANDO o encaminhamento do V CNP – Congresso Nacional da Psicologia – de que o Sistema Conselhos de Psicologia deve continuar e aprimorar a validação de *sites* que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa; [...]

Art. 1o. O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado em caráter experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I - Faça parte de projeto de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la, e resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia para pesquisas com seres humanos em Psicologia; [...]

CAPÍTULO II - DOS DEMAIS SERVIÇOS PSICOLÓGICOS

Art. 6º. São reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivo- sexual, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia escolar, orientação ergonômica, consultorias a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes psicológicos informatizados com avaliação favorável de acordo com Resolução CFP N° 002/03, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada, e outros, desde que pontuais e informativos e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo e nesta Resolução, sendo garantidas as seguintes condições:

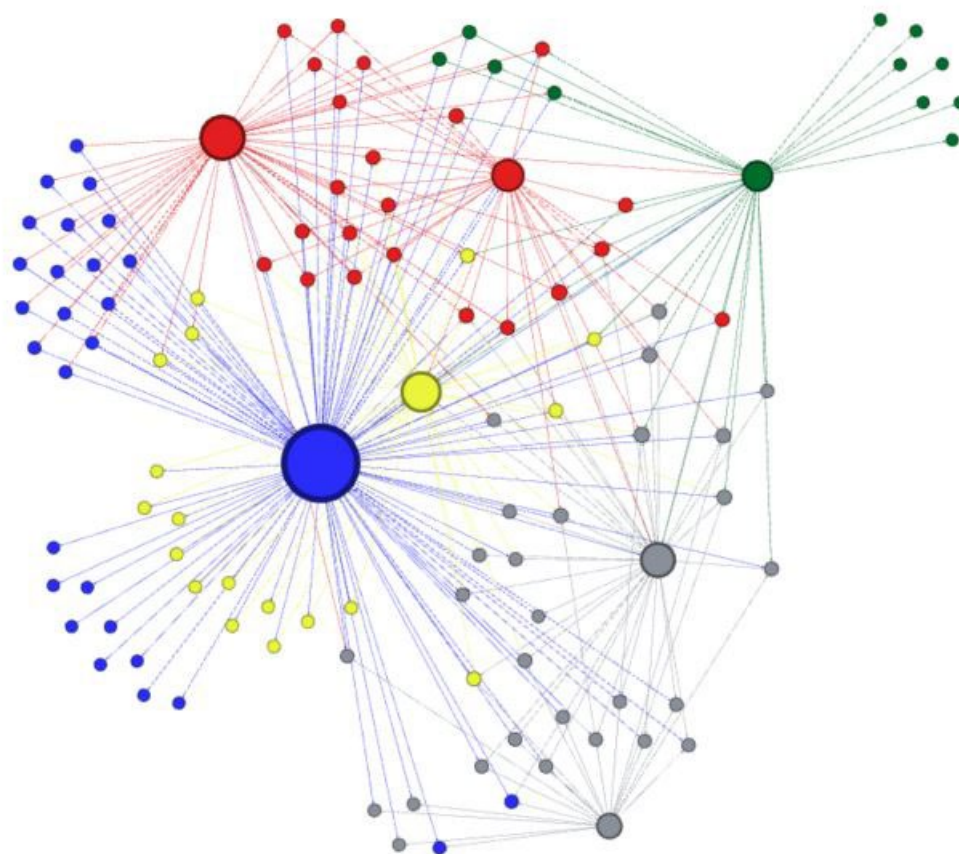
- Quando esses serviços forem prestados utilizando-se recursos de comunicação *on line* de acesso público, de tipo Internet ou similar, os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia. Os selos, números ou outros tipos de certificados eletrônicos conferidos trarão a identificação do ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. As hiperligações ou remissões automáticas dos certificados eletrônicos concedidos deverão necessariamente remeter à página do site do Conselho Federal de Psicologia que conterá o texto integral desta Resolução e também os

números de cadastro ou sites que estejam em situação regular, e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia. (CFP, 2005 b, n.p.)

A nova resolução guardava muitas semelhanças em relação à anterior. Uma parte significativa do texto não foi alterada. Em termos estruturais a resolução de 2005 teve seu conteúdo dividido em 2 capítulos, ficando o primeiro destinado à psicologia clínica e o segundo às outras formas de atuação. No que se refere ao conteúdo, as diferenças mais significativas são:

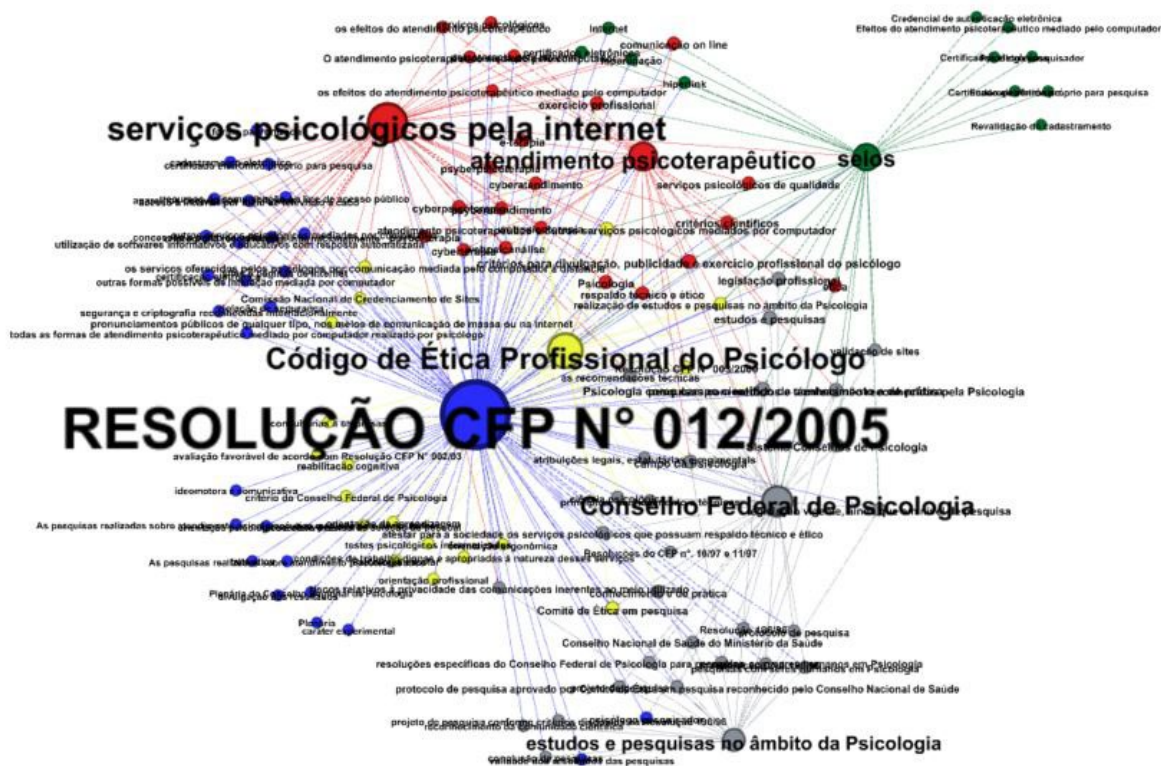
1. Nas justificativas para a existência e forma da resolução são acrescentados 2 itens
 - a. o encaminhamento do V CNP – Congresso Nacional da Psicologia, no sentido de “continuar e aprimorar a validação de *sites* que possam prestar serviços psicológicos pela internet”
 - b. a importância de atestar para a sociedade os serviços psicológicos que possuam respaldo técnico e ético
2. As recomendações relativas à criptografia passam de “seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia disponibilizadas pelo CFP, no site oficial do Conselho Federal de Psicologia” para “seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia reconhecidas internacionalmente”.
3. O requerimento de selo passa a ser realizado através da página www.cfp.org.br/selo.
4. Coloca a resolução CFP N° 002/03 como referência para a correta validação de “testes psicológicos informatizados”.
5. É estabelecido um prazo anual para a validação de cadastro eletrônico substituindo a proposição anterior de que o CFP definisse essa periodicidade.
6. A “Comissão Nacional de validação, acompanhamento e fiscalização dos sites” é substituída pela “Comissão Nacional de Credenciamento de Sites” e que além de abarcar a função de credenciamento de sites, ganha também a função de: “apresentará sugestões para o aprimoramento dos procedimentos e critérios envolvidos nesta tarefa e subsidiará o Sistema Conselhos de Psicologia a respeito da matéria”.

Figura 7 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 12/2005. As conexões entre os nós foram estabelecidas em função da identificação de relação entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7.A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2.



Fonte: autoria própria.

Figura 8 - Grafo semelhante ao da figura 7, agora com rótulos nos nós. Os rótulos foram dimensionados de forma diretamente proporcional ao grau de cada nó, desta forma, conseguimos ampliar a possibilidade de leitura dos mesmos, principalmente no que se refere aos com maior número de conexões. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

A forma de nosso grafo expressa um ganho de integração no conjunto de actantes explicitados/criados por essa resolução. Ainda persiste a presença de vários subgrupos que explicitam a tendência a um ganho de complexidade. Pudemos observar esse aumento de complexidade nos textos das Resoluções à medida em que as mesmas foram se sucedendo. A forma mais arredondada tem relação com o fato de que no grafo da Resolução CFP Nº 003/2000 ainda constavam os actantes relativos à Resolução CFP Nº 002/95, visto que essa não havia sido revogada o que dava àquele grafo uma forma mais alongada. Nesse novo grafo, referente a uma resolução que já foi criada na vigência de um novo código de ética, as resoluções anteriores já não estavam em vigor o que gerou essa maior integração.

Buscamos criar uma nuvem de palavras com as 100 palavras mais presentes entre as 1833 palavras que compunham o texto desta resolução. Esta nuvem pode ser observada na figura 9:

Figura 9 - Nuvem de palavras criada a partir da resolução CFP nº 012/2005, utilizando a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada, retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

Nessa nuvem as palavras Psicologia, conselho, pesquisa, psicólogo computador e serviços foram as que mais se destacaram. Palavras muito semelhantes às da Resolução anterior. De certa forma, a semelhança entre as palavras nos parece coerente com a percepção de que o movimento desenvolvido pelo sistema conselhos em relação ao processo de apropriação das tecnologias de informação e comunicação se manteve seguindo uma mesma direção. Sem tantas novidades.

Como entre seus motivos de existência esta resolução citava as diretrizes estabelecidas para as plenárias eleitas para a gestão do sistema conselhos pelo “V Congresso Nacional da Psicologia”, buscamos verificar como seria a redação das diretrizes propostas naquele evento para a atuação do CFP, no que se refere a psicologia e virtualidade.

No caderno de deliberações gerado a partir daquele evento, “Subeixo: Formação e Exigências de Qualificação” situado no “EIXO III - Exercício Profissional” encontramos a seguinte redação:

Eixo: Exercício Profissional /
Campo e Espaço de Atuação
Tema: Novas Técnicas

Encaminhamentos

O Sistema Conselhos de Psicologia deve:

- Continuar e aprimorar a validação de sites que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa;
- Estimular as universidades para que produzam saberes que possam fazer avançar esta relação da Psicologia com a informática;
- Dar publicidade a trabalhos que tenham sido produzidos no âmbito da Psicologia e informática que possam colaborar para o avanço do campo;
- Viabilizar a continuidade da realização de eventos, seminários ou encontros, para intercâmbio nacional e/ou internacional, que fortaleçam as discussões sobre a utilização da informática no exercício profissional;
- Fomentar a participação dos profissionais nos movimentos da profissão através da inclusão digital;
- Participar efetivamente da luta pela inclusão digital. (CFP, 2004, p.43)

No texto acima encontramos 6 tópicos, o primeiro deles se refere ao aprimoramento do processo de acompanhamento e fiscalização dos serviços psicológicos pela internet, os outros 5 itens se referiam ao fomento da utilização de recursos ligados à informática por parte da classe dos psicólogos. Nos chama atenção o fato de que a resolução construída por aquela plenária só citou em seus motivos este primeiro item, deixando de fora de seus argumentos os outros 5 pontos pleiteados pelos representantes da comunidade dos psicólogos através daquele “Congresso Nacional da Psicologia”.

Alguns anos mais tarde, já em 2012, o CFP edita a quarta resolução referente a nosso tema de pesquisa. A resolução CFP Nº 11/2012 (anexo 4).

3.1.4 A resolução CFP Nº 011/2012

Quando iniciamos essa pesquisa, em 2017, o Conselho Federal de Psicologia regulava a atuação do psicólogo, no que se refere a práticas que utilizassem recursos associados à virtualidade, através da resolução CFP nº011/2012. Esta nova resolução também incluía em seus motivos de existência as demandas referentes a CNPs como podemos verificar no fragmento abaixo:

CONSIDERANDO os encaminhamentos dos Congressos Nacionais de Psicologia – CNPs – a respeito da necessidade de que o Sistema Conselhos de Psicologia deva continuar a aprimorar a validação de sites que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa. (CFP, 2012, n.p.)

Como pode ser observado o conteúdo expresso acima é muito semelhante ao da resolução de 2005, a diferença é que ao invés de se referir a um CNP específico ele se refere a CNPs. Sendo assim, buscamos investigar o conteúdo dos cadernos de deliberação gerados a partir do VI e do VII CNPs, realizados respectivamente em 2007 e 2010, período que antecedeu a publicação desta nova resolução. Nos fragmentos abaixo pode ser observado o que encontramos nestas publicações no que se refere a esse tema:

VI Congresso Nacional da Psicologia

Do discurso do compromisso social à produção de referências para a prática: construindo o projeto coletivo da profissão

Caderno de Deliberações

Brasília, 14 a 17 de junho de 2007. [...]

EIXO III

INTERVENÇÃO DOS PSICÓLOGOS

14) Colaboração e avanço da área de Psicologia e tecnologias de informação: a) Fomentar debates nacionais em congressos e através de promoção de eventos sobre o tema Psicologia e tecnologia da informação e dar continuidade aos eventos na área, tais como os PsicoInfos; b) Articular com as Instituições de Ensino Superior (IES), em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), para a inserção das novas tecnologias digitais como tema transversal na formação em Psicologia; c) Incentivar a formação de grupos organizados e regionalizados da área de Psicologia e tecnologia da informação, promovendo a criação de referências; d) Construir referências sobre a guarda de materiais psicológicos por meios informatizados. (tese 108). (CFP, 2007, p. 34-35)

VII CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA

PSICOLOGIA E COMPROMISSO COM A PROMOÇÃO DE DIREITOS UM PROJETO ÉTICO-POLÍTICO PARA A PROFISSÃO

Caderno de Deliberações

Brasília, 03 a 06 de junho de 2010. [...]

Eixo 2

Construção de Referências e Estratégias de Qualificação para o Exercício Profissional

2) TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO – RESOLUÇÃO CFP Nº 12/2005

- Incentivar e promover o debate sobre a utilização de novas tecnologias na atuação do psicólogo, envolvendo a categoria, entidades do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB) e as IES para discutir as implicações éticas e técnicas, dando continuidade ao processo de construção de referências para a utilização de novas tecnologias no exercício profissional. (CFP, 2010, p. 22)

É interessante observar que em nenhum dos dois documentos aparecia um conteúdo compatível com o fragmento da resolução CFP nº 11/2012 que destacamos anteriormente, a saber: “necessidade de que o Sistema Conselhos de Psicologia deva continuar a aprimorar a validação de sites que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa”. Semelhante texto só aparece no caderno de deliberações do V CNP, realizado oito anos antes da redação desta norma, como uma entre seis proposições e, como já foi colocado, a única referente à fiscalização. Podemos observar que no caderno de deliberações do VI CNP tivemos quatro proposições e no do VII CNP uma proposta multifacetada. Todas elas referentes ao fomento da ampliação do conhecimento e da apropriação de recursos ligados à informática por parte da classe dos psicólogos. Mais uma vez a resolução produzida pelo sistema conselhos não reflete as demandas da classe como elas são expressas nos documentos produzidas nos CNPs. Nestes documentos encontramos demandas de fomento e o sistema conselhos, no que se refere a resoluções, responde com restrição e estratégias de fiscalização. Como exemplo de estratégias de fiscalização, podemos citar a própria criação de um selo para sites e similares que estivessem aprovados pelo sistema conselhos, instituído pela resolução CFP Nº 03/2000 e que se manteve até a resolução CFP Nº11/2012, nessa última o termo selo deixou de ser mencionado, mas os sites credenciados pelo sistema conselhos recebiam um

script⁴⁶ com formato de selo que exibia as informações de vigência do credenciamento.

No que se refere ao conteúdo das deliberações que constavam neste documento, foram reconhecidos e autorizados, através desta resolução, de 2012, como serviços psicológicos de comunicação à distância as atividades descritas no fragmento abaixo:

- I. As Orientações Psicológicas de diferentes tipos, entendendo-se por orientação o atendimento realizado em até 20 encontros ou contatos virtuais, síncronos ou assíncronos;
- II. Os processos prévios de Seleção de Pessoal;
- III. Aplicação de Testes devidamente regulamentados por resolução pertinente;
- IV. A Supervisão do trabalho de psicólogos, realizada de forma eventual ou complementar ao processo de sua formação profissional presencial;
- V. O Atendimento Eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial.

Parágrafo Único: Em quaisquer modalidades destes serviços a(o) psicóloga(o) está obrigada(o) a especificar quais são os recursos tecnológicos utilizados para garantir o sigilo das informações e esclarecer o cliente sobre isso. (CFP, 2012, n.p.)

O atendimento psicoterapêutico *on-line* ainda não era uma prática aceita pelo CFP. Até então ele continuava só podendo ser realizado com fins de pesquisa. Para o CFP, naquele contexto, seria necessário o desenvolvimento de estudos cuidadosos que comprovassem a validade destas formas de atuação para que elas fossem consideradas definitivamente como práticas aceitas para a atuação do psicólogo. A Resolução Nº 011/2012 explicitava:

Art. 9º. O Atendimento Psicoterapêutico realizado por meios tecnológicos de comunicação a distância pode ser utilizado em caráter exclusivamente experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

- I - Apresentar certificado de aprovação do protocolo em Comitê de Ética em Pesquisa, conforme os critérios do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.
- II – Respeitar o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o);

⁴⁶ Após a aprovação do cadastro do site, o Conselho Federal de Psicologia enviará um script a ser incluído no código fonte do site que oferece exclusivamente os serviços psicológicos descritos nessa Resolução (CFP, 2012, n.p)

III – É vedado ao participante pesquisado, individual ou coletivamente, receber qualquer forma de remuneração ou pagamento;

IV- A(o) psicóloga(o) deve se comprometer a especificar quais são os recursos tecnológicos utilizados no seu trabalho e buscar garantir o sigilo das informações;

V - As informações acima citadas deverão constar de forma visível e com fácil acesso no site que realiza a pesquisa.

Parágrafo Único: Nos casos de atendimentos psicoterapêuticos em caráter experimental, o número de sessões corresponderá ao que estiver estabelecido no protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. (CFP, 2012, n.p.)

Comparando a resolução CFP Nº 011/2012 com sua antecessora, podemos observar as seguintes diferenças:

Em termos estruturais tivemos as seguintes modificações:

1. Ocorreu uma inversão, o capítulo especificamente ligado ao atendimento psicoterapêutico passou a ser o segundo capítulo, ao invés de ser o primeiro.
2. A nova resolução traz como anexo um manual de cadastramento de sites.

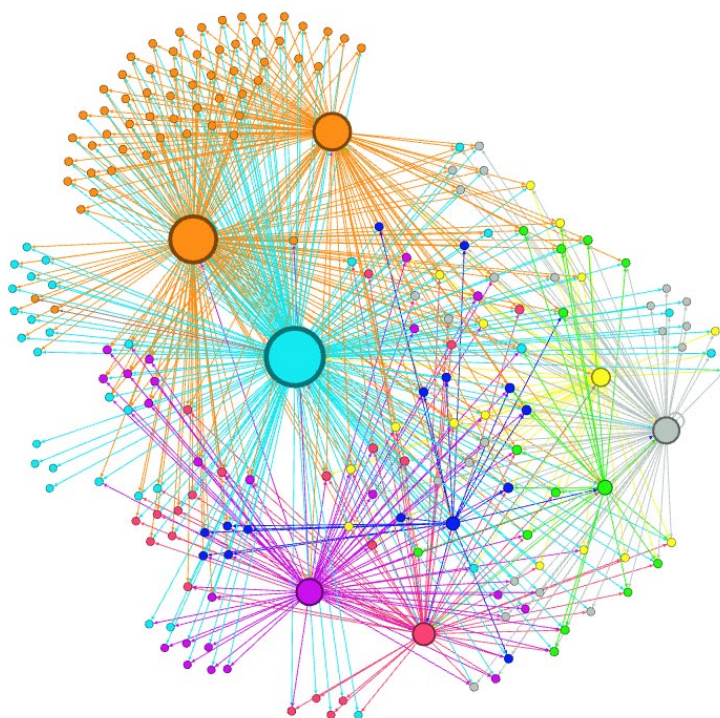
Em termos de conteúdo encontramos uma série de mudanças:

1. O termo “psicóloga” passou a figurar no feminino seguido de uma letra “o” entre parênteses e, como pode ser observado na figura 12, passa a ser a palavra mais presente na resolução, superando em incidência os termos mais frequentes na resolução anterior, a saber, “Psicologia”, “Conselho” e “pesquisa”, nessa ordem.
2. No que se refere aos aspectos que estariam sendo levados em consideração na nova resolução, além do que já foi citado anteriormente não encontramos outras diferenças que nos pareçam relevantes.
3. O nome dos capítulos foi modificado, o capítulo 1 da resolução de 2005 tinha como título: “do atendimento psicoterapêutico”, o capítulo 2 da de 2012: “do atendimento psicoterapêutico em caráter experimental realizado por meios tecnológicos de comunicação a distância”. Já o capítulo 2 da resolução de 2005 era: “dos demais serviços psicológicos”, já no capítulo 1 da resolução de 2012 encontramos “dos serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância”.
4. Comparando o capítulo 1 da nova resolução com o 2 da antiga é possível identificar que:

- a. Passa a ser possível a realização de “Orientações Psicológicas de diferentes tipos, entendendo-se por orientação o atendimento realizado em até 20 encontros ou contatos virtuais, síncronos ou assíncronos”. A orientação psicológica já aparecia como uma possibilidade na resolução anterior, porém não existia nenhuma definição no que se refere a esse termo e também não existia uma definição de número de sessões.
- b. Surge a possibilidade da realização de “Supervisão do trabalho de psicólogos, realizada de forma eventual ou complementar ao processo de sua formação profissional presencial”.
- c. Ela traz também a possibilidade de “O Atendimento Eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial”.
- d. A nova resolução deixa de usar o termo selo e associa de forma mais clara o script conferido pelo sistema conselhos a um site. No texto da resolução anterior existia uma ambiguidade, ora o texto afirmava que “os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink”, ora se referia a uma “Comissão Nacional de Credenciamento de Sites”.

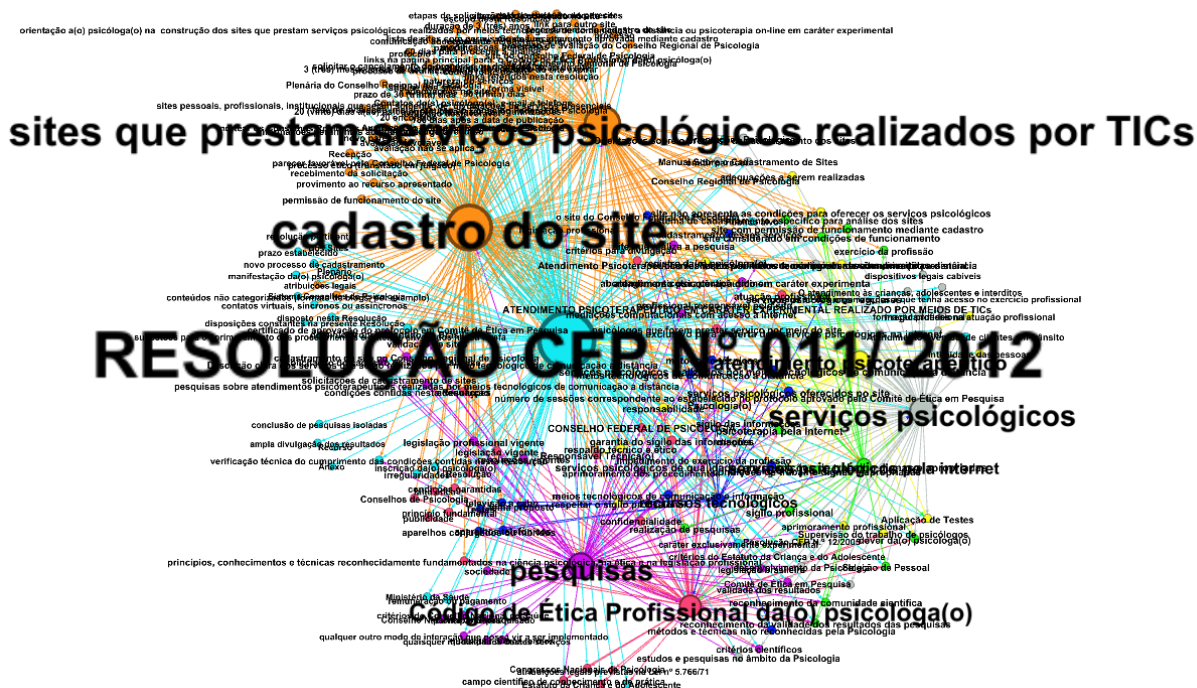
Buscamos representar a rede de actantes formada pela resolução CFP nº 11/2012, para tanto criamos 2 (dois) grafos, sendo um sem rótulos nos nós e outro com os rótulos. Esses grafos podem ser encontrados respectivamente nas figuras 10 e 11:

Figura 10 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 12/2012. As conexões entre os nós foram estabelecidas em função da identificação de relação entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7.A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2.



Fonte: autoria própria.

Figura 11 - Grafo semelhante ao da figura 10, agora com rótulos nos nós. Os rótulos foram dimensionados de forma diretamente proporcional ao número de conexões de cada nó, desta forma, conseguimos ampliar a possibilidade de leitura dos mesmos, principalmente no que se refere aos com maior número de conexões. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Este documento traz em sua totalidade 2227 palavras. Dentre as 6 (seis) resoluções referentes à telepsicologia, confeccionadas até então, essa é a que traz o maior texto. O tamanho do texto é proporcional a sua complexidade, esse documento apresenta inclusive um manual de credenciamento de sites em anexo. Até a resolução CFP Nº11/2012 a cada resolução os textos foram se tornando cada vez mais complexos o que nos parece coerente com o movimento de busca de desenvolvimento de mecanismos de controle que marcou o processo de regulamentação dessas práticas até aquele momento. Com o objetivo de fazer frente às peculiaridades trazidas pelas transformações tecnológicas o sistema conselhos procurava elaborar esses mecanismos de fiscalização.

Quando buscamos elencar os actantes explicitados/construídos por essa resolução, foi possível perceber que até os nomes desses actantes foram aumentando de tamanho. Por exemplo: “sites que prestam serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância e atendimentos psicoterapêuticos em caráter experimental” ou “lista de sites com permissão de funcionamento aprovada mediante cadastro” ou ainda “links na página principal para o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o)”, entre outros nomes igualmente longos ou ainda maiores.

Essa ampliação de complexidade nos mecanismos regulatórios nos convida a pensar se tentar controlar o processo de absorção das transformações tecnológicas pelas práticas dos psicólogos brasileiros, de fato, teria sido uma boa estratégia. Talvez fosse uma tentativa de controlar o que não pudesse ser controlado. A deriva de Hábitos sociais que atravessam praticamente toda a nossa cultura contemporânea, talvez não pudesse ser controlada por resoluções de uma classe profissional. Talvez fizesse mais sentido buscar aprender sobre essa deriva nas formas das relações do que represar suas expressões na relação entre os psicólogos e seus interlocutores/clientes. Os acontecimentos que se sucederam corroboram essa hipótese como veremos posteriormente. Inclusive as resoluções que foram criadas após a Resolução CFP Nº11/2012 foram se tornando mais liberais e seus textos foram ganhando em simplicidade.

Nesse texto, percebemos uma mudança significativa no universo dos termos mais presentes. Agora as cinco palavras mais citadas eram em ordem: Psicóloga, Site, Serviços, Psicologia, meios e tecnológicos, como podemos perceber na figura 12:

sobre o processo de construção desta resolução. Abaixo destacamos alguns pontos que consideramos mais relevantes para nossa pesquisa.

3.1.4.1 Entrevista com Roseli Goffman

Essa entrevista aconteceu no início do período de isolamento social ocorrido em função da pandemia Covid-19. Nosso encontro foi realizado através de tecnologias de informação e comunicação.

Sobre o contexto que envolveu a construção da resolução CFP Nº 11/2012, Roseli Goffman nos contou que naquele período existia muita polemica em relação ao uso da internet. A comunicação estava migrando para as TICs. A mesma pontuou que era preciso ajustar a resolução até no que se referia aos termos utilizados e que a tecnologia se transformava de 3 em 3, ou de 4 em 4 anos. Sendo assim, podemos observar que o processo de transformação tecnológica teve um papel muito importante no que tornou necessária a existência desta nova resolução.

Outro ponto elencado por Roseli Goffman na entrevista foi a demanda de pessoas que estavam fora do país e buscavam no CFP caminhos para terem acompanhamento psicológico no idioma de seu país natal, o Brasil. Segundo ela, também tínhamos, na PUC de São Paulo, um departamento pioneiro nos estudos das questões ligadas ao uso de tecnologias, o NPPI. Existia também na UFRGS uma pesquisa específica sobre psicoterapia *on-line*. Era necessário criar uma resolução que permitisse que os estudos acontecessem, sem dar margem ao “estouro da boiada”, isso é, que o processo fosse realizado de forma cuidadosa. Era importante que as pesquisas fossem realizadas de forma a “validar” essas práticas, antes de que elas fossem liberadas para toda a categoria.

Roseli Goffman conta que por isso a CFP nº 11/2012 não teria aberto essa possibilidade para a categoria, se não, seria o reconhecimento dessas práticas, sem pesquisas que as validassem. Nessa resolução teria ocorrido a ampliação de possibilidades para que as faculdades e os institutos pudessem fazer suas pesquisas.

Dentro da percepção de Roseli, o movimento de controle em relação às práticas online, como a criação de um selo obedecendo a critérios definidos pela resolução 11/2012 para que o atendimento pudesse ser realizado, ou o estabelecimento de um máximo de 20 encontros para orientação, também teria

relação com aspectos que podiam ser identificados na categoria. Roseli fala de “uma certa produção de subjetividade” e afirma que parecia existir um grande grupo de resistência, contrário ao atendimento online. Segundo a mesma seria um grupo mais conservador. O argumento desse grupo era que: traria problemas no atendimento, que seria necessário ser presencial. Havia uma resistência muito grande, principalmente no que se refere à psicoterapia. Fala da importância de que o sistema conselhos balize a conduta dos psicólogos, protegendo a sociedade, a psicóloga e o psicólogo, orientando e regulamentando. Conta que, se naquela época acontecesse a liberação, “ocorreria uma reação muito forte”.

Roseli Goffman traz também a discussão do software livre e dos interesses dos grandes conglomerados, segundo ela, existiria uma preocupação no sentido de que a classe dos psicólogos não atuasse defendendo interesses de empresas multinacionais, produtoras dos aplicativos usados no atendimento *on-line*. Também existia uma preocupação em relação aos custos dos computadores, que na época eram ainda muito caros, levando, em consequência a oportunidades desiguais na categoria. Outro ponto era a questão do sigilo, que representava uma barreira, pelos riscos. Que a tecnologia da Internet em expansão ainda representava uma ameaça, existindo uma preocupação muito grande em relação a esse aspecto.

Roseli Goffman conta que pessoalmente achava que aquela resolução já teria nascido ultrapassada. Relata que em 2012 tiveram discussões digitais envolvendo pessoas da PUC São Paulo e da UFRGS, e mais tarde, estas discussões também contaram com o setor responsável pelas pesquisas sobre atendimento online da Psicologia da UFRJ.

Roseli conta também como as discussões de base nos Pré-COREPs, COREPs e CNPs tiveram importância na construção dessa resolução, corroborando o que a própria resolução nos traz, como pudemos verificar anteriormente. Além desses aspectos, e por último, Roseli fez a sugestão de que nós entrevistássemos Aluísio Brito, pessoa que acompanhou de perto a história das resoluções ligadas a este tema. Infelizmente Aluísio faleceu de Covid-19 antes que pudéssemos entrevistá-lo. Em 18 de novembro de 2020 o sistema conselhos anunciou seu falecimento.

Em 2018 tivemos a publicação, realizada pelo CFP, da resolução 11/2018 (anexo 5) que passou a permitir que o psicólogo realizasse o atendimento psicológico *on-line*. No próximo item trataremos desta resolução.

3.1.5 A resolução CFP Nº 11/2018

Em 11 de Maio de 2018 essa nova resolução foi aprovada. Ela trouxe um posicionamento transigente no que se refere às práticas psicológicas *on-line*.

Especificamente no que tange ao aspecto da legalidade, estávamos diante do processo de consolidação de práticas como o atendimento psicológico *on-line*. A partir desta nova regulamentação o psicólogo precisaria apenas fazer um cadastro junto a seu conselho para poder realizar este tipo de prática, como pode ser observado no trecho abaixo da resolução de 2018:

RESOLVE:

Art. 1º - Regular a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação.

Art. 2º - São autorizadas a prestação dos seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos da informação e comunicação, desde que não firam as disposições do Código de Ética Profissional da psicóloga e do psicólogo a esta Resolução:

I. As consultas e/ou atendimentos psicológicos de diferentes tipos de maneira síncrona ou assíncrona;

II. Os processos de Seleção de Pessoal;

III. Utilização de instrumentos psicológicos devidamente regulamentados por resolução pertinente sendo que os testes psicológicos devem ter parecer favorável do Sistema de Avaliação de Instrumentos Psicológicos (SATEPSI), com padronização e normatização específica para tal finalidade.

IV. A supervisão técnica dos serviços prestados por psicólogas e psicólogos nos mais diversos contextos de atuação. [...]

Art. 3º - A prestação de serviços psicológicos referentes a esta Resolução está condicionada à realização de um cadastro prévio junto ao Conselho Regional de Psicologia e sua autorização.

§ 1º. - Os critérios de autorização serão disciplinados pelos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), considerando os fatores éticos, técnicos e administrativos sobre a adequabilidade do serviço.

§ 2º. - O profissional deverá manter o cadastro atualizado anualmente sob pena de o cadastro ser considerado irregular, podendo a autorização da prestação do serviço ser suspensa.

Art. 4º. O profissional que mantiver serviços psicológicos por meios tecnológicos de comunicação a distância, sem o cadastramento no Conselho Regional de Psicologia, cometerá falta disciplinar. (CFP, 2018, n.p.)

Por mais que, naquele momento dessa pesquisa, estivéssemos assistindo ao processo de remoção de entraves legais para que o psicólogo pudesse realizar práticas psicológicas através de recursos virtuais, a caixa preta parecia ainda estar

aberta. Esta ainda parecia ser uma excelente e rara oportunidade para acompanharmos as controvérsias típicas deste tipo de movimento. As discussões acerca de aspectos básicos desta forma de atuação ainda estavam em andamento, buscamos acompanhar de perto este enredamento em suas derivas. Mesmo com as novas regras no que se refere às práticas psicológicas on-line, ainda pareciam existir muitas controvérsias em relação a este tipo de atuação. Como a resolução CFP nº 11/2018 foi desenvolvida e publicada ao longo do período de nossa pesquisa foi possível acompanhar seu processo de construção. No item 3.2 buscaremos descrever de forma mais detalhada o processo de construção dessa normativa a partir do que pudemos testemunhar ao longo desse processo.

Por agora buscaremos observar o texto dessa resolução tão importante para nossa pesquisa. Para tanto procuramos avaliar a possibilidade de influência dos CNPs que antecederam a confecção deste documento. Fizemos isso a partir da verificação da presença do tema de nossa investigação nos cadernos produzidos pelos VIII e IX CNPs, eventos realizados respectivamente em junho de 2013 e junho 2016. Produzimos também um grafo com os principais actantes identificados no texto dessa resolução. Por último apresentaremos uma nuvem de palavras de forma semelhante às produzidas em relação aos textos das resoluções anteriores.

No que se refere aos Congressos Nacionais de Psicologia que sucederam a resolução CFP nº 11/2018, o primeiro ponto que devemos observar é que diferente das duas resoluções, relativas ao tema, que a antecederam, ela não cita em seu texto os cadernos de tais eventos entre os aspectos que teriam sido considerados para a elaboração de seus artigos. Mesmo assim nos parece importante examinar o que podemos observar nos conteúdos desses cadernos no que se refere a nosso tema, especialmente porque estamos tratando do contexto histórico que antecedeu o momento em que as TICs passaram a ser compreendidas como recursos adequados para o desenvolvimento de práticas psicológicas.

Em relação ao caderno do VIII CNP identificamos que as TICs só são citadas em seu primeiro eixo, relativo a: “Democratização do Sistema Conselhos e ampliação das formas de interação da categoria”, no item “1.3 - Gestão do Sistema – comunicação”. O texto tem a seguinte formulação:

EIXO I

Democratização do Sistema Conselhos e ampliação das formas de interação com a categoria [...]

1.3 - Gestão do Sistema – comunicação [...]

Prever investimento financeiro da conta divulgação para garantir a aquisição de tecnologias de comunicação (teleconferência e centrais telefônicas) em cada Conselho Regional. [...]

Ampliar e qualificar as formas de comunicação com a categoria, utilizando mídias diversas como redes sociais e interativas, de modo a intensificar a mobilização e a participação das (os) psicólogas (os) nos processos de organização[...]

Criar e implantar uma política de comunicação no Sistema Conselhos, a partir das demandas de conhecimento da (o) psicóloga (o) considerando e ampliando os recursos tecnológicos disponíveis, garantindo os recursos financeiros a partir do Planejamento Estratégico[...]

Melhorar a divulgação e a natureza das informações transmitidas para a categoria e sociedade, com investimento na utilização dos avanços tecnológicos existentes para o estabelecimento de comunicação interativa, incluindo redes sociais, jornal virtual, indução de pautas e posicionamentos[...]

Criar ambiente virtual, restrito a profissionais inscritos, que permita a aproximação entre profissionais, e entre psicólogos e Conselho[...]

Tornar os sites do Sistema Conselhos de Psicologia mais didáticos e interativos, acessíveis, mediante ferramentas de busca mais eficazes, e com garantia de acessibilidade e atendimento virtual aos profissionais[...]

Ampliar as estratégias de comunicação dos diversos campos e modos de atuação da (o) psicóloga (o), nos diferentes mecanismos de mídia na divulgação de suas campanhas, objetivando facilitar o acesso de seus discursos às diferentes classes sociais, valorizando e esclarecendo o trabalho dos profissionais da Psicologia[...] (CFP, 2013, p.17-20)

Neste caderno as TICs são citadas, mas todas as propostas se referem a um investimento nas possibilidades de comunicação do próprio sistema conselhos. Não identificamos nenhuma proposta de fomento ou de mudanças na regulamentação no que se refere a utilização dessas tecnologias nas práticas profissionais dos psicólogos.

No caderno produzido no IX CNP as referências que se aproximam de temas relativos às TICs aparecem em quatro momentos distintos, em dois momentos no eixo um, em um fragmento do eixo 3 e em uma das moções aprovadas pela plenária. No eixo 1, que tem o título “Organização democrática do Sistema Conselhos e aperfeiçoamento das estratégias de diálogo com a categoria e sociedade”, ele aparece nos subitens “1.8 Orientação, Fiscalização e Ética” e no “1.21 Formação”. No eixo 3 “Ampliação e qualificação do exercício profissional no Estado de garantia de direitos”, encontramos um tópico dedicado a essas

tecnologias. O tópico “3.18 Serviços de Psicologia realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância”. Por último na seção de moções temos uma moção que se relaciona com nosso tema.

Os textos que figuram no eixo 1 tem as seguintes redações:

Eixo 1

Organização democrática do Sistema Conselhos e aperfeiçoamento das estratégias de diálogo com a categoria e sociedade [...]

1.8 Orientação, Fiscalização e Ética [...]

2) Fiscalizar e denunciar aos órgãos competentes a divulgação indevida de testes e métodos utilizados no processo de avaliação psicológica, em qualquer meio de comunicação, cobrando as devidas providências. Origem: 16 (ES).

3) Garantir amplo processo democrático de debate e revisão do Código de Ética e legislações afins, no que se refere ao sigilo, guarda, registro documental e utilização de novas tecnologias de informação, de forma que garanta uma prática profissional de qualidade. Origem: 12 (SC), 17 (RN), 01 (DF) e 13 (PB).

4) Ampliar as discussões e orientar os (as) psicólogos (as) sobre as práticas emergentes visando o exercício profissional pautado na pesquisa, nas ciências e no Código de Ética Profissional. Origem: 12 (SC) e 05 (RJ). (CFP, 2016, p.11-12)

O segundo tópico, ainda no eixo 1 que envolve o tema traz:

1.21 Formação

4) Que o Sistema Conselhos, de acordo com seu projeto ético-político da Psicologia enquanto ciência e profissão se posicione contrário à regulamentação dos cursos de graduação em Psicologia que não sejam realizados exclusivamente de forma presencial. Origem: 07 (RS) e 21 (PI) (CFP, 2016, p.21-22)

Já o fragmento que consta no eixo 3 tem o seguinte conteúdo:

Eixo 3

Ampliação e qualificação do exercício profissional no Estado de garantia de direitos [...]

3.18 Serviços de Psicologia realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância

1) Ampliar a divulgação, o debate, a orientação e a fiscalização da atuação nos serviços de Psicologia realizados por Meios Tecnológicos de Comunicação à Distância. (Resolução CFP nº 011/2012, que regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005). Origem: 13 (PB) e 12 (SC).

2) Que o Sistema Conselhos de Psicologia promova amplo debate com a categoria sobre a revisão da Resolução de atendimento *on-line* (Resolução CFP nº 011/2012, que regulamenta os serviços

psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005), considerando o limite de atendimentos, o seu caráter experimental, sua aplicação em diversas áreas da Psicologia e as novas tecnologias e dispositivos de comunicação digital. Origem: 06 (SP). (CFP, 2016, p.34-43)

A moção relacionada a nosso tema traz a seguinte redação:

Moções aprovadas pelo plenário do 9º CNP [...]

3. Repúdio à Resolução CNE nº 1 de 11 de março de 2016

Considerando as especificidades do saber psicológico, que vem sendo construído há mais de um século, em diversas linhas teóricas produzidas a partir de diferenciadas concepções de ser humano e de subjetividade.

Considerando que essa multiplicidade não está pautada em constructos expressos em padrões sobre o comportamento, os sentimentos, as aprendizagens, o desenvolvimento, as capacidades cognitivas dos seres humanos. Considerando que as práticas psicológicas profissionais, refletindo a complexidade deste suporte teórico, também não estão ancoradas em técnicas de intervenção padronizadas, e que estas estão pautadas na escuta atenta dos infinitos relatos humanos que serão avaliados a partir das abordagens teóricas, que constituem o filtro que vai orientar as medidas a serem propostas. Os (as) psicólogos (as) reunidos (as) no 9º CNP do Conselho Federal de Psicologia repudiam a adoção de uma nova modalidade de formação superior estabelecida no Brasil, a partir da publicação da Resolução CNE 1, de 11 de março de 2016, que admite a formação superior na modalidade de Educação a Distância.

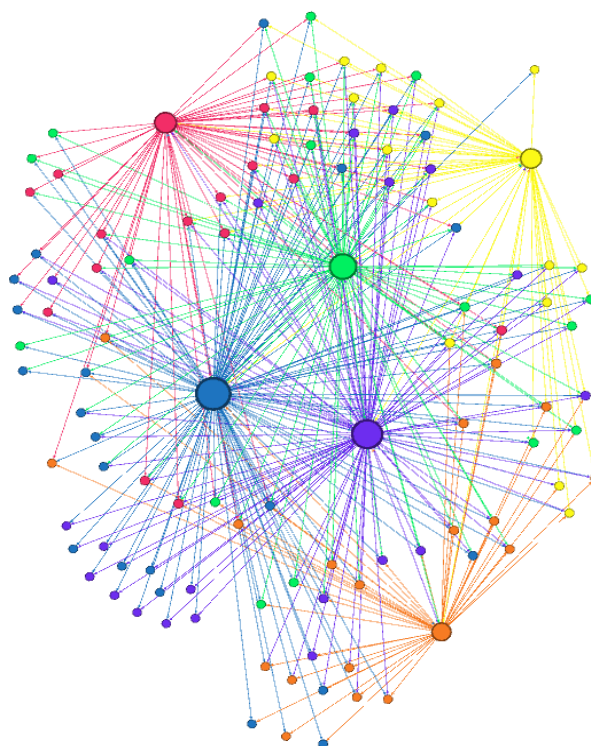
Entendemos que a formação de psicólogos (as) brasileiros (as) não pode ser realizada sem as oportunidades que o ensino presencial viabiliza, ao colocar alunos

(as) e professores, alunos e alunas, frente a frente no debate necessário de ideias, concepções, conceitos, construindo a base para uma prática profissional implicada com ética e com o compromisso social de trabalhar pelo bem comum, e pela saúde e bem-estar dos (as) usuários (as) de seus serviços. Dizemos não à formação em Psicologia em EaD – Educação a Distância. (CFP, 2016, p.47)

Neste caderno nosso tema aparece mais vezes, ora de forma explícita, ora de forma menos evidente. Nos chama atenção em especial que em dois pontos distintos do caderno ele aparece relacionado à resistência ao ensino EaD. Fica evidente o movimento contrário à ampliação do ensino de psicologia a distância em nosso país. Outro aspecto que nos chama a atenção envolve o fato de mesmo este caderno não tendo sido citado no que se refere às razões de existência da resolução CFP nº 11/2018 identificamos a existência, no mesmo, de uma demanda de revisão da resolução CFP nº 11/2012.

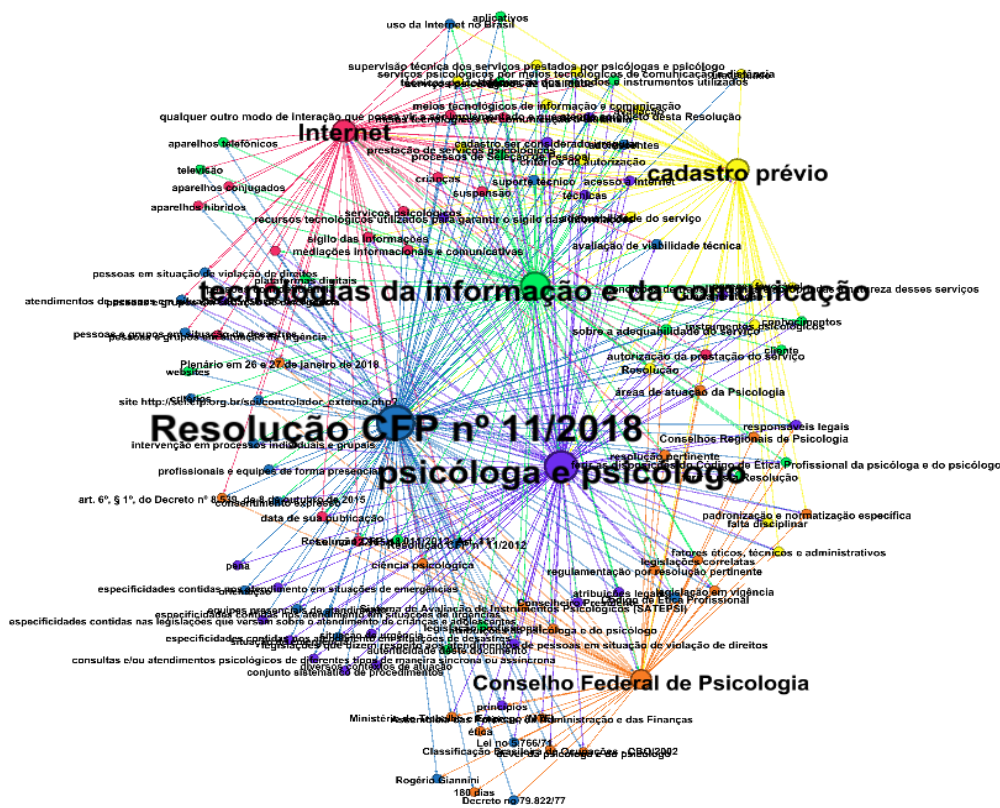
Na busca de nos aproximarmos dos actantes explicitados pela resolução em estudo, construímos os grafos abaixo:

Figura 13 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CRP nº 11/2018 As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7.A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2



Fonte: autoria própria.

Figura 14 - Grafo semelhante ao da figura 13, agora com rótulos nos nós. Os rótulos foram dimensionados de forma diretamente proporcional ao número de conexões de cada nó, desta forma, conseguimos ampliar a possibilidade de leitura dos mesmos, principalmente no que se refere aos com maior número de conexões. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Um dos aspectos que chamam nossa atenção, no que se refere à evolução dos grafos relativos às resoluções estudadas, é que gradativamente os módulos formados pelos actantes foram se tornando mais integrados. Observando a distribuição espacial do grafo dessa resolução chama a atenção a forma arredondada que ele desenvolveu, e também como a “Resolução CFP Nº 11/2018”, “Psicóloga e Psicólogo” e “tecnologias da informação e comunicação” assumiram uma posição central no grafo, formando um triângulo cujo centro está muito próximo ao centro do grafo. Essa distribuição nos faz pensar na existência de um certo equilíbrio na distribuição dos actantes. Não existem módulos muito distanciados, o que traria indícios de um certo grau de polarização da rede.

Buscamos novamente criar uma nuvem com as palavras mais presentes entre as 919 que constavam nesta normativa. Novamente percebemos mudanças expressivas entre os termos mais citados como podemos observar na figura 15:

âmbito da psicologia. Invisível a olho nu, o Coronavírus - Sars-Cov-2 modifica a olhos vistos o contexto de nosso campo de pesquisa. Inicialmente vejamos seus rastros no sistema regulatório das práticas psicológicas no Brasil.

3.1.6 A resolução CFP Nº 04/2020

Em 26 de março de 2020, o CFP publicou uma resolução, de abrangência temporal provisória, suspendendo alguns itens da resolução 11/2018. A resolução CFP Nº 04/2020 (anexo 7):

CONSIDERANDO a declaração de pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus - Sars-Cov-2, realizada pela Organização Mundial de Saúde - OMS em 11 de março de 2020; [...]

Art. 1º Esta Resolução regulamenta os serviços psicológicos prestados por meios de tecnologia da informação e da comunicação durante o período de pandemia do COVID-19.

Art. 2º É dever fundamental do psicólogo conhecer e cumprir o Código de Ética Profissional estabelecido pela Resolução CFP nº 10, de 21 de julho de 2005, na prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologias da comunicação e informação.

Art. 3º A prestação de serviços psicológicos referentes a esta Resolução está condicionada à realização de cadastro prévio na plataforma e-Psi junto ao respectivo Conselho Regional de Psicologia - CRP.

§ 1º O psicólogo deverá manter o próprio cadastro atualizado.

§ 2º O psicólogo poderá prestar serviços psicológicos por meios de Tecnologia da Informação e da Comunicação até emissão de parecer do respectivo CRP.

- Da decisão de indeferimento do cadastro pelo CRP cabe recurso ao CFP, no prazo de 30 dias;

- O recurso para o CFP terá efeito suspensivo, de modo que o psicólogo poderá prestar o serviço até decisão final do CFP;

- A ausência de recurso implicará no impedimento e interrupção imediata da prestação do serviço;

- Na hipótese de ausência de recurso ou de decisão final do CFP confirmando o indeferimento do cadastro pelo CRP, o psicólogo fica impedido de prestar serviços psicológicos por meio de tecnologias da comunicação e informação até a aprovação de novo requerimento de cadastro pelo CRP.

- Incorrerá em falta ética o psicólogo que prestar serviços psicológicos por meio Tecnologia da Informação e da Comunicação após indeferimento do CFP.

Art. 4º Ficam suspensos os Art. 3º, Art. 4º, Art. 6º, Art. 7º e Art. 8º da Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018, durante o período de pandemia do COVID-19 e até que sobrevenha Resolução do CFP sobre serviços psicológicos prestados por meios de tecnologia da informação e da comunicação. (CFP, 2020, n.p.)

Esta resolução eliminava uma série de entraves para a atuação do psicólogo a distância. Segundo o CFP o isolamento social que se fez necessário a partir da situação gerada pela pandemia Covid-19, tornou o atendimento psicoterapêutico on-line a opção mais segura para a atuação do psicólogo. O CFP buscou ajustar a resolução CFP Nº 11/2018 à nova realidade performada por este novo actante, do qual trataremos, de forma detalhada, no capítulo 4.

De forma objetiva as alterações promovidas pela resolução CFP nº 04/2020 foram:

1. Deixou de ser necessário aguardar o resultado do cadastro no e-Psi para que o psicólogo pudesse atuar através de TICs
2. Em caso de indeferimento a partir da apresentação de recurso que deveria se dar em 30 dias o psicólogo voltaria a poder atuar através de TICs enquanto aguardava o resultado de seu pleito.
3. A suspensão dos artigos 3º e 4º tem relação com o ajuste do cadastro e-Psi citado a acima.
4. Quanto a suspensão dos artigos:

6º. – O atendimento de pessoas e grupos em situação de urgência e emergência pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é inadequado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial. [...]

7º. – O atendimento de pessoas e grupos em situação de emergência e desastres pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é vedado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial. [...]

8º. – “É vedado o atendimento de pessoas e grupos em situação de violação de direitos ou de violência, pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.” (CFP, 2018, n.p.)

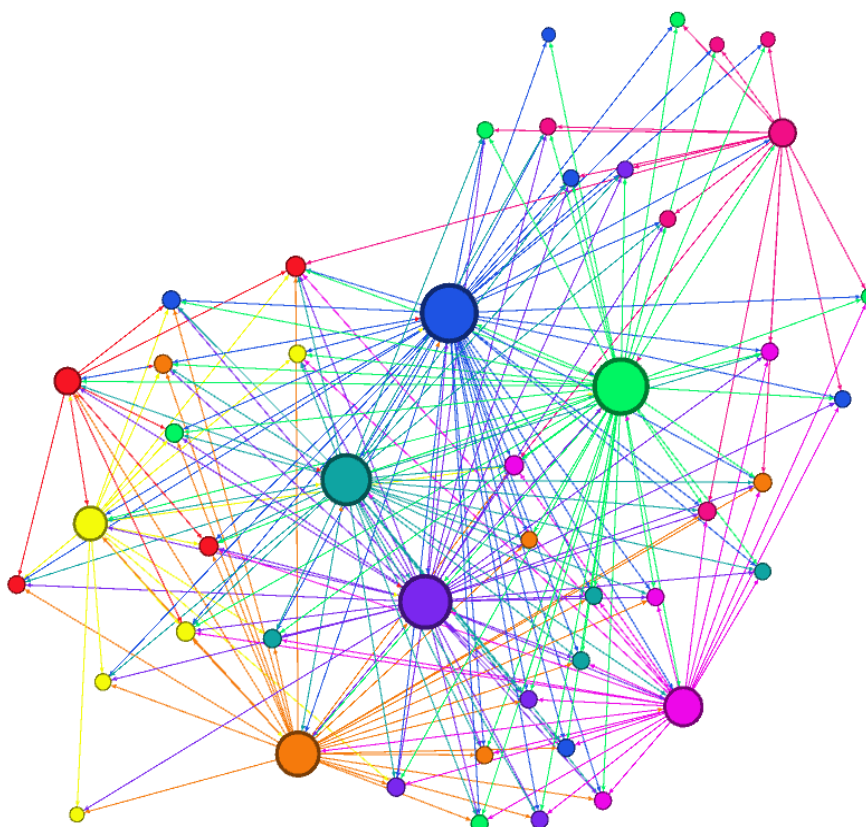
Essas ações se fizeram necessárias pois na vigência dos mesmos os psicólogos estariam de mãos atadas. Não poderiam acompanhar uma série de

peças virtualmente, as quais não teriam como buscar o atendimento presencial sem se colocar em risco de contaminação diante da pandemia.

Cabe observar que mais uma vez o movimento de imposição de limitações às práticas psicológicas mediadas por TICs se tornou inadequado diante das imprevisíveis e surpreendentes transformações sociais. O que gerou a necessidade dos ajustes promovidos por essa nova resolução.

Na busca de nos aproximarmos dos actantes explicitados pela resolução em estudo, construímos os grafos abaixo:

Figura 16 - Grafo que representa a rede evidenciada pelo texto da resolução CFP nº 12/2020. As conexões entre os nós foram estabelecidas em função da identificação de relações. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, O diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Figura 17 - Grafo semelhante ao da figura 16, agora com rótulos nos nós. Os rótulos foram dimensionados de forma diretamente proporcional ao grau de cada nó (número de conexões), desta forma, conseguimos ampliar a possibilidade de leitura dos mesmos, principalmente no que se refere aos com maior número de conexões. Ferramenta Gephi 0.9.7.



Fonte: autoria própria.

Interessante que ao observarmos o grafo formado pela lista de actantes explicitados/criados por essa resolução temos em um extremo o “Coronavírus-Sars-Cov-2”, A “Resolução Nº 04/2020” fica no meio e do outro lado os entes ligados à psicologia: “CFP”; “Código de Ética Profissional do Psicólogo”; “dever fundamental do psicólogo” e outros. Um pouco mais perto do “Coronavírus-Sars-Cov-2”, entre ele e os entes ligados à psicologia aparecem “Tecnologias da Informação e da Comunicação”. Essa distribuição nos parece muito coerente. De fato, o “Coronavírus-Sars-Cov-2”, é um elemento diferente dos demais, ficando em uma posição mais distante do centro de gravidade do grafo. Ele forma um núcleo ao seu redor, porém sua comunidade, isso é, o grupo de nós com os quais faz fronteira é muito conectada com outras comunidades, em especial a formada por “Tecnologias da Informação e da Comunicação”, fato que gera a proximidade dos dois e que é coerente com o sentido da existência dessa resolução. Ela se tornou necessária, em função de ter sido preciso serem realizadas alterações nas regras referentes às

Ao longo da descrição das resoluções que balizaram o processo de liberação do atendimento *on-line* identificamos várias mudanças no que se refere à forma de se referir às práticas psicológicas à distância como buscamos descrever no próximo item.

3.1.7 As mudanças dos termos ao longo do tempo

A leitura das resoluções evidencia um aspecto interessante, ao longo do tempo, os termos referentes a nosso tema foram se transformando. Como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 4 - Termos referentes ao atendimento psicológico através de TICs nas diferentes resoluções

Resolução	Termo utilizado
CFP Nº 002/95	Serviços psicológicos por telefone, Tele-Ajuda, Tele-Aconselhamento serviços de atendimento psicológico via telefônica
CFP Nº 003/2000	Atendimento psicoterapêutico mediado por computador, psicoterapia pela Internet, abordagem psicoterapêutica pela Internet, psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise,
CFP Nº 012/2005	Atendimento psicoterapêutico mediado por computador, serviços psicológicos pela internet, psicoterapia pela Internet, ou quaisquer termos que designem abordagem psicoterapêutica pela Internet, tais como psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise
CFP Nº 11/2012	Serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância
CFP Nº 11/2018	Serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação
CFP Nº 04/2020	Serviços psicológicos por meio de tecnologias da informação e

da comunicação

Fonte: autoria própria.

Após apresentarmos as 6 (seis) resoluções que buscaram regular a atuação do psicólogo a distância ainda com uma baixa granularidade, buscaremos nos aproximar da resolução 11/2018 de forma mais refinada.

3.2 CONSTRUINDO A RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018: A PSICOTERAPIA *ON-LINE* PASSA A SER PERMITIDA

No início do segundo semestre de 2017 fomos convidados a participar de um evento organizado pelo CRP-05. Este evento fez parte do processo de construção da resolução CFP Nº 011/2018. Recebemos este convite em função de possuímos um site cadastrado junto ao CFP, em conformidade com a resolução CFP Nº011/2012, para a realização de orientação psicológica *on-line*. O título do evento foi “Roda de Conversa Atendimento *on-line* e credenciamento de sites: propostas para construção de uma nova resolução do CFP” e foi realizado em 2 de agosto de 2017 (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017) (figura 19)

Figura 19 – Cartaz eletrônico publicado no facebook do CRP 05 com o objetivo de divulgação do evento⁴⁷



⁴⁷ Figura encontrado em 05/01/2019 na URL: <https://www.facebook.com/crpj/posts/1443627829059059/>

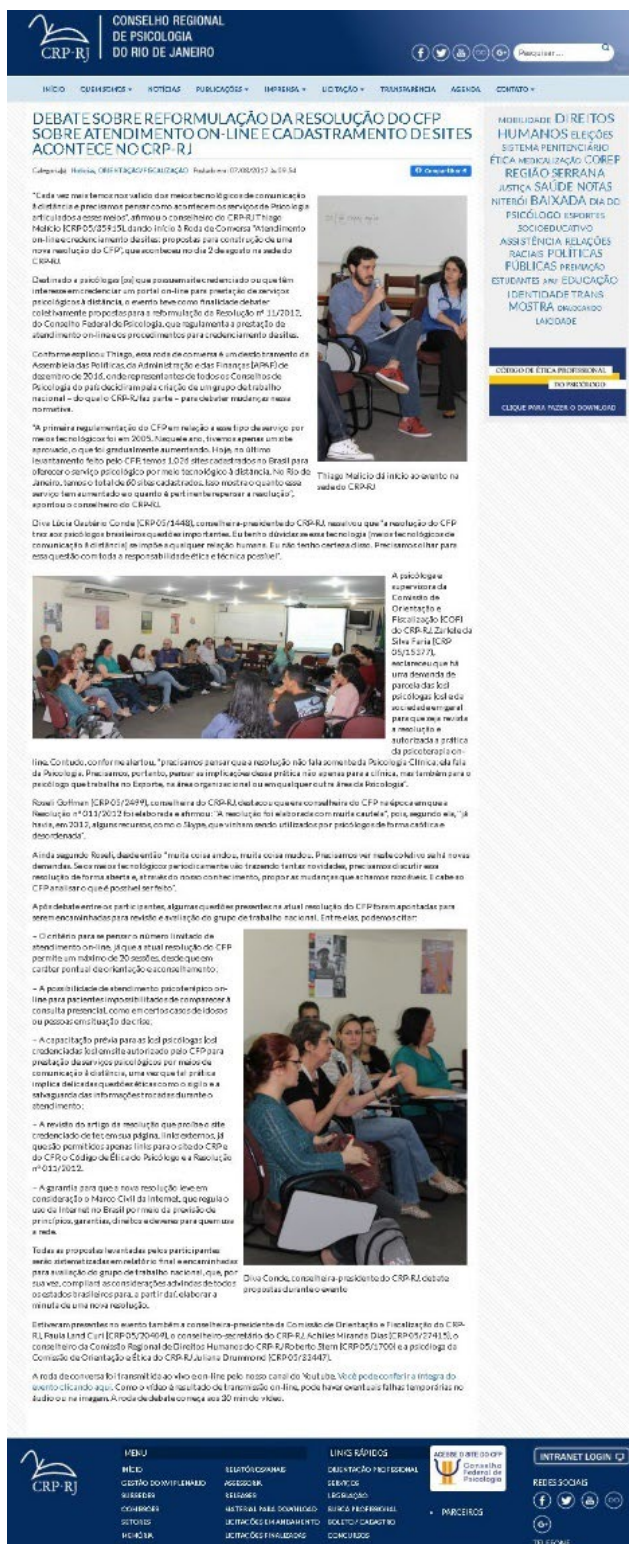
Fonte: facebook do CRP 05.

O processo de construção da resolução CFP Nº 011/2018 se deu a partir de uma série de reuniões como a citada acima. Essas reuniões foram realizadas em várias cidades de nosso país. Os integrantes do grupo de trabalho responsável pela redação da resolução que liberou o atendimento *on-line* promoveram em seus conselhos regionais fóruns de discussão a respeito da situação vivida, no que se refere às práticas virtuais. O objetivo dessas atividades foi conseguir subsídios para a construção da nova regulamentação.

Buscamos participar das discussões realizadas no evento de 02 de agosto de 2017 de forma presencial. Essa roda de discussão foi realizada na sede do CRP-05 como pode ser observado na figura 20 e foi transmitido *on-line*, através do *Youtube* e o vídeo pôde ser encontrado em 12/02/2020 no canal do CFP nesta rede social⁴⁸.

⁴⁸ Vídeo acessado através do link ["https://www.youtube.com/watch?v=fyyNF9a78zc&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0KQw6Yuctbwsr_1X6mSCSIWoaqdRkddEwufIYi1HhIhgI3Hd8_vTX4F5c"](https://www.youtube.com/watch?v=fyyNF9a78zc&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0KQw6Yuctbwsr_1X6mSCSIWoaqdRkddEwufIYi1HhIhgI3Hd8_vTX4F5c)

Figura 20 - Imagem da página do CRP 05 que trata do evento: Roda de Conversa Atendimento on-line e credenciamento de sites.



Fonte: site do CRP 05:- propostas para construção de uma nova resolução do CFP⁴⁹.

⁴⁹ Vídeo acessado na URL: (<http://www.crprj.org.br/site/debate-sobre-reformulacao-da-resolucao-do-cfp-sobre-atendimento-on-line-e-cadastramento-de-sites-acontece-no-crprj/>)

Em torno de 21 (vinte e uma) pessoas, entre representantes do conselho, psicólogos e estudantes de psicologia, participaram de forma presencial desse evento. Entre os representantes do conselho o encontro contou com 3 (três) conselheiros, Diva Lúcia Gautério Conde, então presidente do CRP 05, e alguns funcionários que deram suporte ao evento.

O encontro foi conduzido por Thiago Melício, então conselheiro do 15º plenário do CRP-05. Thiago participava do GT (Grupo de trabalho) criado, no âmbito do sistema conselhos, para desenvolver uma nova resolução relativa à atuação do psicólogo por meio de tecnologias de informação e comunicação. Ele inicia o encontro se apresentando e em seguida fazendo uma contextualização relativa ao motivo de sua realização. Coloca que o evento seria um espaço importante de diálogo, que é uma roda de conversa, que o objetivo do encontro era de circular as opiniões, as ideias e as experiências. Afirma que:

“cada vez mais a gente tem se valido dos meios tecnológicos de comunicação a distância⁵⁰ estamos o tempo todo usando dispositivos, com computadores [...] por um lado nós temos esses recursos tecnológicos e por outro lado como autarquia federal regulamentada pela lei 5766 temos o compromisso de regulamentar, fiscalizar e orientar, a prática psicológica no Brasil [...] que o exercício da profissão tem que ser balizado pelo sistema conselhos. O intuito aqui não é de fiscalizar, é mais de compartilhar as experiências”. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017, n.p)

Thiago explica sobre o grupo de trabalho e sobre o fato de estarem fazendo uma revisão na resolução vigente na época (CFP nº 11/2012). Afirma que o objetivo é fazer uma consulta à categoria, saber como está sendo a experiência de quem possui site, gostaria de possuir ou tem interesse pelo tema. O que acham que é importante estar pensando junto para identificar o que tem sido difícil. Que possíveis mudanças poderiam ser propostas.

Nesta reunião pudemos observar pelo menos 3 movimentos: psicólogos favoráveis a liberação do atendimento *on-line*. Psicólogos que questionam a adequação dessa prática e, o terceiro movimento voltado para os cuidados no

⁵⁰ O quadro que consta no anexo 10 apresenta uma pesquisa realizada pelo IBGE acerca da expansão dos meios de comunicação que ampliam as possibilidades de interação, a partir de recursos virtuais entre os anos de 2016 e 2017:

sentido da necessidade de regulamentação deste tipo de prática. Os psicólogos que ocupam função no conselho se colocaram a favor da regulamentação e oscilaram no que se refere a estar contra ou a favor da liberação deste tipo de atuação. Buscamos organizar os argumentos coerentes com cada um desses três movimentos nos quadros 5, 6 e 7:

Quadro 5 - Argumentos pró telepsicologia.

Pessoa	Função	Argumento pró telepsicologia
Raul	estudante de psicologia de 7º período, formado em administração e marketing, mestrando em tecnologias de inteligência e design digital. Se coloca como para “representar os psicólogos”.	<ol style="list-style-type: none"> 1) Existem vários mitos: que não tem pesquisa, informação, material sobre o tema. 2) já levantou cerca de 40 artigos de várias abordagens falando sobre orientação psicológica on-line, que tratam de sucesso e fracasso nessas formas de atendimento. 3) que existiriam preconceitos em relação ao tema 4) A partir do livro “O que é o virtual”, o virtual seria uma potência do real 5) dentro do mestrado em tecnologias da inteligência e design digital se poderia perceber que tudo que acontece no âmbito on-line seria uma ação complexa do que acontece no mundo off line com mais velocidade, relaciona essa afirmação com a teoria dos sistemas 6) coloca que na Europa práticas <i>on-line</i> seriam utilizadas de forma preventiva 7) Fala também das possibilidades ligadas a inteligência artificial. 8) traz a propostas de se fomentar a pesquisa a partir dos sites e dos cyber-psicólogos credenciados pelo sistema conselhos, incentivando a que os mesmos produzam artigos 9) Questiona a exigência dos sites estarem hospedados no brasil 10) Questiona os conceitos de atendimento síncrono ou assíncrono 11) Questiona o critério para a definição do limite de 20 sessões. Isso impediria a avaliação do número adequado de sessões por parte do psicólogo
Taís	Psicóloga	<ol style="list-style-type: none"> 1) Como cliente não havia percebido diferença entre o atendimento virtual e o presencial. 2) Viveu uma experiência muito importante, quando foi atendida on-line 3) passou a atuar com orientação psicológica e com coach on-line. 4) fazia diferença na vida das pessoas 5) quem não visse sentido em ser atendida on-line, não procuraria 6) Outras pessoas poderiam tirar proveito 7) Os brasileiros que estão fora do país precisariam de suporte. ser atendidas na língua portuguesa

		<p>8) não acredita que todos as pessoas que são atendidas iriam migrar do presencial para o on-line</p> <p>9) existiriam pessoas que prefeririam ser atendidas e psicólogos que prefeririam a forma presencial</p> <p>10) existem pessoas como ela, que se sentem muito bem no ambiente virtual</p>
Roseli Goffman	Conselheira	<p>1) constância de demanda na ouvidoria do conselho de atendimento <i>on-line</i> em função de dificuldades com distâncias para busca de atendimento.</p> <p>2) Demanda de pessoas com fobias que impedem o deslocamento</p>
Psicóloga não identificada	Psicóloga	<p>1) tem um filho que mora na Europa e que conversa quase que diariamente com ele por <i>Whatsapp</i>.</p> <p>2) que não dá para fugir disso.</p> <p>3) que ela havia ido buscar as regras: como pode ser feito o que é diferente no atendimento <i>on-line</i>.</p> <p>4) Cita o ensino a distância como exemplo das possibilidades virtuais.</p>

Fonte: autoria própria.

Quadro 6 - Argumentos contra a telepsicologia.

Pessoa	Função	Argumento contra a telepsicologia
Diva	Presidente do conselho	<p>1) tem dúvidas se essa tecnologia se impõe a qualquer relação humana.</p> <p>2) "Aconselhamento psicológico" seria uma roupa nova para uma prática muito antiga.</p> <p>3) psicólogos por princípio adoram gente, adoram olhar gente, adoram ouvir gente. Adora olhar o rosto de gente, o músculo que mexe, o cabelo que é mexido.</p> <p>4) mediação <i>on-line</i> suscitava muita interrogação.</p> <p>5) naquele momento ela não se via jamais utilizando esse tipo de mediação no atendimento psicoterapêutico e também não indicaria esse tipo de atendimento para nenhum amigo.</p> <p>6) psicologia é uma profissão regulamentada, "disciplinizada" por uma autarquia federal e se está lidando com uma resolução de uma autarquia federal. E que esse limite de 20 sessões teria o sentido de tornar essa "prática assistemática", evitar que tivesse um contínuo.</p>

Fonte: autoria própria.

Quadro 7 - Argumentos favoráveis aos cuidados no processo de regulamentação.

Pessoa	Função	Argumento pró cuidados com a regulamentação da telepsicologia
Thiago Melício	Conselheiro e porta voz do grupo de trabalho (GT)	1) como autarquia federal regulamentada pela lei 5766 temos o compromisso de

	responsável pela reformulação da resolução	regulamentar, fiscalizar e orientar, a prática psicológica no Brasil [...] que o exercício da profissão tem que ser balizado pelo sistema conselhos 2) quando uma pessoa atende alguém que é de outro estado, rompendo as fronteiras geográficas de atuação dos conselhos regionais, como seria a regulamentação dessa prática, nesse caso?
outra psicóloga	Psicóloga	1) afirma que as coisas se transformam muito rapidamente e essa resolução deveria estar ultrapassada
Raul	Estudante de psicologia de 7º período, formado em administração e marketing, mestrando em tecnologias de inteligência e design digital. Se coloca como para “representar os psicólogos”.	1) afirmando que o <i>Whatsapp</i> surgiu 2 (dois) anos após a resolução tornando-a obsoleta
Zarlete	Psicóloga da COF	1) a resolução não tratava só da psicologia clínica. Trata da psicologia[...] seria importante olhar para essa resolução pensando no psicólogo que trabalha com esporte, na psicologia organizacional e em qualquer outra área da psicologia[...] vai muito além de apenas pensar em não precisar pagar um consultório, não precisar existir deslocamento para realizar um atendimento psicoterapêutico com um psicólogo que fica do outro lado da cidade existiriam muito mais possibilidades do que essas. 2) existiria uma proporção de um para mil na quantidade de sites credenciados em relação ao que acontece no meio virtual através de rede social, de portais
Roseli Goffman	Conselheira	1) Será que não se tem sido muito mais rigoroso com as resoluções que abordam os meios tecnológicos do que em qualquer outra aplicabilidade das técnicas psicológicas? 2) Rio de Janeiro não avançou muito com a resolução 11/2012. Em São Paulo e no Rio Grande do Sul temos pesquisas que usam essa resolução. 3) caberia ao CRP através da COF e da COI e também ao federal verificar o que é possível ser feito.

Fonte: autoria própria

A partir do que pôde ser observado no evento supracitado, identificamos a necessidade de fazermos entrevistas com Thiago Melício, visto que foi o porta voz do que foi produzido naquele evento, com Roseli Goffman por ter participado da produção da resolução 11/2012 (entrevista já comentada acima), com o estudante de psicologia Raul por ter demonstrado um engajamento marcante no processo de discussão sobre a regulamentação das práticas virtuais. Também entrevistaremos a

então presidente do CRP 05 Diva Lúcia Gautério Conde em função da veemência com que manifestou sua desaprovação em relação ao atendimento psicológico por meio de tecnologias de comunicação e informação.

O próximo item apresenta a entrevista com Thiago Melício.

3.2.1 Entrevista com Thiago Melício

Em 30 de março de 2020 realizamos entrevista com Thiago Melício. Neste momento buscaremos elencar os pontos de nossa entrevista que contribuem para elucidar que actantes tiveram influência neste processo, de que forma eles atuaram e, se possível, quais eram seus discursos.

Thiago descreve o processo decisório no sistema conselhos, enfatiza o papel de CFP e da Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (Apaf) fórum deliberativo máximo do sistema conselhos. Conta que é na Apaf que as resoluções de abrangência nacional são discutidas e votadas por representantes dos diversos CRPs, fala dos Grupos de trabalho (GTs), que são constituídos para fazer frente às demandas que chegam ao sistema conselhos. Conta que os GTs são constituídos por um representante do CFP e por representantes de alguns CRPs.

Conta que se sabia que muitos psicólogos já estavam atendendo on-line e que isso gerava a necessidade de mudanças. Como o CRP 05 já havia participado da elaboração da resolução CFP nº 11/2012, fez sentido que também participasse das discussões para a nova resolução. Outros fatores que influenciaram neste sentido foi o tamanho do CRP 05, um dos maiores do Brasil e seu nível de organização, inclusive por ter um profissional de tecnologia da informação (TI).

Conta que os GTs buscam discutir seus trabalhos nas plenárias do próprio CRP 05. E que o profissional de TI deu suporte técnico a esse trabalho. O GT representa o regional. Conta que a inserção do CRP 05 nesta discussão veio da gestão anterior, a 14ª plenária⁵¹. Conta que um Conselheira daquela plenária chamada Marília talvez tivesse mais informações sobre a entrada do CRP 05 neste processo.

Thiago relata que neste caso específico, diferente do usual, a definição de sua participação naquele GT não fora por razões técnicas. Ele teria um papel mais

⁵¹ As gestões eleitas dos conselhos são chamadas de plenárias

de representar o coletivo do CRP 05. Conta que um outro fator para sua participação foi o fato de que ele já estava no GT de carteira de identidade profissional e este fato o colocava em diálogo com o setor de TI.

Conta da metodologia de trabalho do GT, que envolveu a realização de reuniões por parte de cada CRP participante de forma a escutar a categoria. Conversamos também sobre o documento construído a partir da reunião de 02 de agosto de 2017 (descrita no item 3.2) que teria sido enviado ao GT. Thiago optou por não me fornecer o documento por ser algo interno. Teria de buscar uma autorização para isso.

Em relação aos fatores que concorreram para a liberação do atendimento *on-line* ele elencou os seguintes itens:

1. Questionamentos em relação ao critério de 20 sessões.
2. Questionamentos em relação a possibilidade de realização de terapia breve nesses 20 encontros.
3. Questionamentos sobre a certificação de sites.
4. Demanda de mais agilidade para a aprovação dos sites.
5. Questionamentos em relação às restrições de links para outras páginas nos sites credenciados.
6. Questionamentos em relação ao fato de que em outros países não existiam tais restrições.
7. A percepção de que uma quantidade muito grande de psicólogos já estava fazendo esse tipo de atendimento.
8. A COF era impactada por essas demandas.
9. A ouvidoria do federal também era impactada por queixas como a demora no credenciamento de sites.
10. A necessidade do conselho no sentido de regulamentar as práticas e estas estavam saindo do controle.
11. O perfil do GT era progressista.
12. Busca de trazer para perto do conselho as pessoas que já estavam praticando.
 - a. Criar canais de comunicação.
 - b. Produzir conhecimento.
13. O entendimento de que também no presencial as pessoas poderiam estar fazendo trabalhos ruins.

14. A percepção de que as possibilidades de controle são difíceis tanto nas práticas *on-line*, quanto nas práticas presenciais.

15. A compreensão de que o que importa é a discussão ética e não as ferramentas.

Fatores contrários à liberação:

1. Fala que a questão do ensino a distância também influenciava nessa discussão, “fazia pano de fundo” para ela.
2. O CFP e uma série de entidades funcionavam em bloco no sentido de ir contra o ensino a distância.
 - a. Abrapso.
 - b. Abep.
 - c. Fenapsi.
3. Conta como quando as faculdades solicitam vaga de graduação ao MEC, quando o ensino é a distância o número de vagas solicitado é muito maior e isso indicaria uma falta de preocupação com a qualidade.
4. Dificuldades de desenvolver formas de fiscalização. “se já é difícil no presencial como fazer no virtual”.
5. Preocupação com a uberização da profissão, isto é, da precarização dos modos de trabalho.
6. Preocupação com as desigualdades regionais de qualidade de ensino e de custo de vida.
7. Receios em relação a dificuldades técnicas, como medo de dificuldades com a internet.

Quando perguntado em relação aos atores que podem ter tido maior influência na construção do texto da resolução CFP nº11/2018, Thiago nos traz:

1. Popularização das redes sociais.
2. Ampliação das ferramentas *on-line*.
3. Ferramentas de comunicação passaram a fazer mais parte do cotidiano das pessoas.
4. Aumento da acessibilidade digital.
5. As reuniões de trabalho *on-line* em várias áreas.
6. O Brasil é um país em que as pessoas têm muitos celulares
7. Fenômeno geral de disseminação de ferramentas de comunicação.
8. Existência de ferramentas gratuitas, por exemplo, whatsapp e Skype.

9. Os problemas da regulamentação anterior,
 - a. Os problemas para cadastrar sites.
 - b. O sistema estava sobrecarregado com essas demandas de credenciamento.
 - c. O fato dos sites passarem a ganhar com essa situação, ocorria uma terceirização.

Checo com Thiago a minha classificação em três grupos, no que se refere a discussão ocorrida no CRP 05, a saber: favoráveis, contrários e preocupados com a regulamentação. Thiago corrobora minha forma de olhar e coloca que o segundo e o terceiro grupo teriam mais condição de diálogo. Ele também coloca que mesmo que estivesse cedo para avaliar, percebia estar havendo uma mudança de posição no primeiro grupo.

Thiago também fala da importância de estarmos atentos aos nomes, que atendimento on-line não dá conta. Pode ser assíncrono, também pode ser por telefone. Que faz mais sentido o nome ser por meio de tecnologia da informação e comunicação. Enfatiza que a resolução não liberou somente o atendimento on-line, a resolução liberou os serviços psicológicos, salvo algumas exceções. Conta que o público das reuniões era um público ligado à psicologia clínica.

Coloca que com as pesquisas que foram feitas se pode identificar que essas possibilidades não estariam restritas às classes mais favorecidas, visto que os celulares estavam popularizados.

Coloca que o movimento do GT foi acertado. Que foi em função da “pandemia tecnológica que se espalhou rapidamente de forma muito contagiosa” e não em função de uma pandemia viral.

Ao ser perguntado se existiria algum tema importante que não teríamos tocado, Thiago nos fala do que ele percebe que ainda está por vir, se referindo aos desafios ligados aos serviços públicos, os CAPS, ambulatorios, o SUAS, o CRAS, o CREAS. Serão possíveis as atuações por meio de tecnologias de comunicação e informação? Essa seria uma discussão que estaria acontecendo naquele momento.

No próximo item trataremos do espaço decisório no qual foi realizada a votação que definiu a aprovação da resolução CFP N°11/2018.

3.2.2 A regulamentação das práticas psicológicas por meio de tecnologias de informação e comunicação

Como já foi dito anteriormente a psicóloga, de Santa Catarina, Rosane Granzzoto, conselheira do CFP era a responsável pela coordenação do grupo de trabalho que estava voltado para a atualização da resolução nº11 de 2012. A resolução em questão tratava das práticas psicológicas a distância. Esta atualização foi proposta pelo CRP de São Paulo, o 06. Vale ressaltar que esta região do país tem sido bastante atuante no que se refere ao tema.

Através de Rosane, tivemos acesso ao vídeo da APAF (Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças) que foi realizada em 16 de dezembro de 2017. Nesta assembleia foi votada a liberação de uma série de práticas psicológicas *on-line*, inclusive o atendimento psicológico *on-line*.

Os grupos de trabalho do sistema conselhos são compostos por representantes de vários Conselhos Regionais, o grupo coordenado por Rosane foi composto por representantes dos seguintes conselhos: CRPs 02; 04; 05; 06; 07; 08; 09; 11; 13; 20 e o CFP. Um grupo de trabalho bem grande, bastante completo, à medida em que é composto por representantes de diversos conselhos regionais. Várias partes do Brasil estavam representadas por esse grupo.

A APAF é um fórum deliberativo muito importante no que se refere ao sistema conselhos, é uma das instâncias mais elevadas deste sistema. Ela busca reunir representantes de cada um dos Conselhos Regionais. Essa reunião atualmente é transmitida *on-line* podendo ser assistida por qualquer psicólogo. Neste fórum cada Conselho Regional (CR) tem um cartão amarelo e este cartão é utilizado no momento da votação, sendo assim cada CR tem apenas um voto. Assistindo a filmagem constatei que cada Conselho Regional estava representado por dois ou três de seus membros.

Os representantes do Grupo de Trabalho, que redigiu a minuta da resolução CFP Nº 11/2018, realizaram uma série de discussões em seus conselhos, coerentes com a que eu participei aqui no Rio de Janeiro, como citado anteriormente. A partir destas trocas produziram uma minuta e a trouxeram como proposta para o estabelecimento de uma nova resolução. No início dos trabalhos de discussão da nova resolução na APAF, ficou combinado que seria realizada a leitura das

propostas e à medida em que alguém quisesse fazer algum destaque, este seria registrado e posteriormente se faria as discussões do mesmo.

Ainda antes do início da leitura alguns dos representantes do Grupo de trabalho pediram a palavra e procuraram fazer uma breve introdução em relação aos caminhos percorridos por aquele grupo. Buscando demarcar as diretrizes que nortearam suas atuações. Identificavam dois pontos nevrálgicos a serem resolvidos: a proibição da psicoterapia *on-line* e a necessidade de manutenção, por parte do psicólogo, de um site exclusivo para esta atividade, o que deu margem a precarização das relações de trabalho, já que gerou a criação de uma série de sites que passaram a receber uma espécie de aluguel dos psicólogos para que estes pudessem atuar nesta modalidade. Segundo eles, o grupo de trabalho partiu de uma lógica antiproibicionista, fomentando a orientação do psicólogo a partir da realização de um cadastro dos psicólogos interessados nestas práticas e colocando no profissional a responsabilidade de identificar a viabilidade de realização das práticas psicológicas a partir destes meios. Vale ressaltar que os membros deste Grupo de Trabalho se manifestaram espontaneamente no sentido de elogiar a condução e o transcurso dos trabalhos desta equipe.

A partir daí foi feita a leitura e certas colocações foram feitas, a maioria delas voltadas para o aperfeiçoamento do texto, cuidando de brechas como a possibilidade de uso de instrumentos de avaliação de forma virtual sem os cuidados adequados. Um ponto interessante é que a única colocação que foi feita, ao longo da discussão, no sentido contrário à aprovação da resolução proposta, foi feita por representantes do CRP de Santa Catarina, exatamente o conselho regional relativo à cidade da presidente do grupo de trabalho. E que, inclusive, fizeram colocações muito duras em relação à qualidade do texto proposto, sugerindo inclusive a existência de erros conceituais e que também não teriam sido observadas sugestões de Comissões de orientação e Fiscalização (COFs). No momento da votação final, após pequenas alterações, o texto foi aprovado sem votos em contrário.

Depois de relatarmos o momento de aprovação da resolução CFP nº 11/2018 buscamos trazer as contribuições de Raul Oliveira, psicólogo que buscou acompanhar de perto as discussões relativas a essa resolução.

3.2.3 Entrevista com Raul Oliveira

Em 14 de Janeiro de 2021 realizamos a entrevista com Raul Oliveira, estudante de psicologia paulista que participou da reunião de setembro de 2017. Na época da entrevista ele já havia se formado. Raul além de participar da reunião ocorrida no Rio de Janeiro também havia ido na reunião realizada em São Paulo. Após uma breve explicação do objetivo de nossa pesquisa perguntamos a Raul, sobre o que chamou sua atenção ao acompanhar as reuniões relativas à construção da resolução CFP nº 11/2018 e em relação ao que ele achava que havia determinado a liberação do atendimento on-line no Brasil.

Raul responde que acompanhar esse processo fez lembrar os questionamentos que se fizeram presentes em 1994, período da chegada da internet no Brasil, citando o tipo de discussão que surgiu naquele período “se seria possível o relacionamento através do computador”. Conta que isso foi tema de uma novela da época (*Explode coração*). Seria um primeiro tópico da discussão em relação a transposição do presencial para o virtual, que o tipo de discussão era muito parecido. Raul enfatiza que mesmo através da internet se estaria no presencial. Exemplifica com a entrevista que estávamos realizando naquele momento, coloca que estávamos em contato presencial por mais que em ambientes diferentes, mediados por computador.

Raul afirma que existe um medo generalizado que ele acredita que seja do desconhecido. Que normalmente quem está à frente das decisões de mudanças de leis, é quem tem mais “experiência” e que essas pessoas estariam descoladas da curva de adesão a tecnologia. Conta de uma pesquisa que mostra 4 linhas específicas referentes a este tipo de processo: A curva de adesão a novas tecnologias; A adesão comercial das novas tecnologias; e a adesão política e de leis dessas novas tecnologias. Elas são totalmente descoladas. A primeira evolui de forma exponencial, a segunda segue como uma linha reta e a última cresce muito mais lentamente.

Perguntamos a Raul que actantes ele identifica, tanto no sentido da busca de liberação do atendimento on-line, como no sentido do impedimento dessas práticas. Como contrários ele coloca *“os psicólogos ortodoxos nas várias linhas, esses ficariam “olhando para suas linhas, mas não olham para fora de sua linha. Acompanham determinado conceito, mas não veem que a complexidade está*

influenciando.” Em segundo lugar ele coloca os teóricos, e responsabiliza o tempo necessário para a estabilização de um conhecimento em comparação com o tempo de avanço tecnológico como obstáculo. A academia não conseguiria acompanhar o ritmo da evolução tecnológica. O tempo necessário para a comprovação científica seria uma limitação. O acadêmico não seria contra, porém, seria lento.

Raul acredita que os psicólogos mais novos, que seriam os aderentes à tecnologia, seriam actantes que atuariam a favor da liberação. Os jovens seriam aqueles que fariam as revoluções.

Aponta as dificuldades de comunicação como um fator importante em relação à dificuldade de absorção das novas tecnologias. Existiriam pessoas que teriam dificuldades com as novas tecnologias e as transferências tecnológicas não seriam fáceis pela dificuldade de comunicação.

Fala da importância da transdisciplinaridade nesse processo de transformação. De como o psicólogo precisa lidar com vários saberes. Essa fala nos suscita o questionamento em relação ao fato de não identificarmos uma tribo defendendo a liberação das práticas virtuais.

Ao ser perguntado sobre como ele compreende a inexistência de tribos voltadas para a liberação dessas práticas Raul responde que a forma disciplinar de nossa organização acadêmica teria relação com isso. A separação dos saberes dificultaria esse processo. Dentro da perspectiva de Raul a organização disciplinar das estruturas de construção de conhecimento seria um fator relevante, dificultando o desenvolvimento do trabalho psicológico através de TICs. Afirmção coerente com o fato de que a realização de tais práticas requer a lida com disciplinas distintas como informática, psicologia, segurança da informação, design, comunicação, entre outras. De fato, a articulação de saberes diferentes pode trazer um custo elevado e certamente não é uma tarefa simples. Articular pessoas que trabalham com áreas distintas do conhecimento é um desafio complexo.

Nessa entrevista nos chamou atenção a ênfase dada por Raul a características do processo de transformação social. A percepção de que esse processo se dá de forma gradual e não homogênea, isso é, setores diferentes da sociedade vivenciam ritmos diferentes em relação à superação de um certo medo do desconhecido. Raul deu ênfase aos conflitos que marcam o processo de absorção de novas tecnologias. Falou também da dificuldade de comunicação entre esses mundos contrastantes.

Raul demarca alguns fatores que concorrem para essa não homogeneidade: quanto às abordagens, ele fala do nível de ortodoxia dos psicólogos, que dentro de uma mesma abordagem existiriam posturas distintas. Quanto à inserção profissional, o teórico acadêmico, demoraria mais para modificar suas percepções. Por último, o aspecto geracional também teria uma grande influência. As gerações mais novas seriam mais permeáveis às novas tecnologias.

Ele chama a atenção para o perfil das pessoas que ocupam o espaço decisório no que se refere à regulamentação das práticas ligadas à psicologia. Aponta para a existência de um contexto em que determinados lugares de fala estariam com uma representação maior do que outros em nosso sistema decisório. Que o perfil dominante, nesse sistema, tenderia a ser composto por pessoas “mais experientes” e descoladas da curva de adesão à tecnologia.

Um outro aspecto muito importante, trazido por Raul, envolve a discussão da concepção de presença nos contextos físico e virtual. Afirma que presença não é algo que deixe de existir no contexto virtual. Esse nos parece um aspecto muito importante e que será discutido em outros pontos deste trabalho como nos itens 4.3.14 e 4.3.15.

Depois de relatar o contato com Raul Oliveira, traremos no próximo item do nosso contato com a ex-presidente do CRP 05, Diva Lúcia Gautério Conde.

3.2.4 Entrevista com Diva Lúcia Gautério Conde

Em 6 de janeiro de 2021 entrevistei Diva. Ex-presidente do CRP 05 conselho regional do estado do Rio de Janeiro. Na reunião de 02 de agosto de 2017, ela havia se manifestado de forma cética em relação às possibilidades de atuação do psicólogo a distância afirmando que se considerava “bastante contrária, com muita dificuldade de aceitar essa ideia”. Cabe lembrar que esta entrevista aconteceu já no transcorrer da necessidade de isolamento social causado pela pandemia Covid-19.

Durante a entrevista, quando eu pergunto a ela sobre o que ela teria para contar acerca de seu posicionamento naquela reunião e se haviam ocorrido mudanças em sua percepção em relação ao nosso tema de pesquisa ela responde que em torno de 2017 quando as discussões da resolução CFP nº 11/2018 foram realizadas, para pessoas como ela que estavam no campo da educação a hipótese do afastamento físico era muito “peculiar”. “Porque essa presença física, esse olhar,

sabe, esse compartilhamento de uma sala, esse compartilhamento de cheiro, de temperatura ambiente, né? De claridade do dia ou de escuridão da noite, da luz que está acesa, do ambiente, o que que tem nesse ambiente, se tem um livro, se tem um quadro, a fotografia dos filhos, a roupa que a pessoa está usando, os sapatos, o gesto que ela faz, o tom de sua voz, o tremor do rosto, esses sinais de humanidade, essas comunicações de humanidade para mim sempre foram muito relevantes, pessoalmente são muito relevantes” e que sendo assim a sua postura inicial era de “negação da viabilidade, de negação de uma efetividade terapêutica” . Diva nos conta que o mundo virtual para ela era muito bem-vindo, mas que talvez ela tivesse “muito essa visão utilitarista da virtualidade. Ela, (a virtualidade) para mim, tinha um lugar utilitário e esse lugar utilitário não era o lugar da profissionalização, da prática profissional, que exigia de mim muito mais do que o uso de instrumentos. [...] Falando com você e pensando nisso [...] eu acho que o meu estranhamento era muito esse. E a clínica psicológica, o contato na psicologia para mim necessariamente passava por essa escuta, por uma escuta ativa e presencial, porque mais do que a voz, ou para além da voz, escutar, para mim, aquela pessoa envolvia todo o resto dela. Envolvia os suspiros, a mão o pé a rigidez a moleza a flacidez, sabe? Incluía tudo daquela pessoa. Então assim, talvez eu fosse um pouco prepotente nessa escuta psicológica, digamos assim. Mas para mim era isso que significava, em todo o meu processo de formação como psicóloga, e a virtualidade deslocava isso, deslocava, deslocava inteiramente.” Para mim era isso. Eu imaginava, eu não conseguia me dar conta, né? Não conseguia conceber um processo terapêutico, com seu objetivo terapêutico, realmente, de colaborar no processo humano, [...] de viabilizar experiências humanas, que facilitem aquela criatura que está ali, pedindo e precisando deste outro contato humano para viver sua própria humanidade. Para restituir a si mesmo suas experiências humanas e ver como vai conseguir tocá-las daqui para frente.

Afirma também que as pessoas que estavam na clínica “possivelmente seriam os profissionais da psicologia que estariam mais atentos e com visibilidade dessa questão, não só por seu próprio interesse imediato como por interesses com vias ao futuro”.

Diva trouxe que “por mais que eu esteja olhando seu rosto e você esteja olhando o meu rosto, você pode estar com o ar refrigerado ligado ou eu estou com a porta da pequena sacada que tem na minha casa aberta e estar entrando um

ventinho, percebe? Por mais que a gente tenha uma troca humana e eu acho que ela começa a existir agora, ela começa a ser inventada agora entre as pessoas e eu estou tendo essa experiência desde o ano passado com meus alunos, com encontros virtuais”.

Diva nos conta que o Conselho Federal de Psicologia havia criado algumas restrições que pareciam coerentes anteriormente, dispositivos de controle ético para essa prática, e que em 2020 com a pandemia, precisou fazer modificações nessas restrições. Afirma que, no início, esse processo não foi fácil para o próprio CFP.

Explica que do ponto de vista da sociedade, surge uma demanda muito grande de atendimento psicológico. Questões relativas à saúde mental passaram a ficar muito em voga. A população passou a entender a importância da saúde mental. Surgiu uma explosão de trabalhos voluntários, de profissionais se disponibilizando a fazer atendimentos emergenciais.

Conta que a possibilidade de reuniões virtuais em pequenos grupos foi uma das grandes mudanças que a pandemia trouxe. Outra grande mudança que, vai economizar tempo e dinheiro para as pessoas, foi a possibilidade de encontros científicos, de exposições de trabalhos, com plateias, com as pessoas podendo participar e fazer perguntas.

Afirma que nesse momento histórico existem limitações de acesso às tecnologias de informação e comunicação para grande parte da população brasileira. Que essas possibilidades seriam muito restritas, não podendo ser estendidas ao público em geral. Que ficaria restrito às práticas que anteriormente eram realizadas em consultórios particulares. Que essas práticas teriam sido deslocadas para a virtualidade. Diva acredita que é nesse âmbito, o das pessoas que têm condição de acesso a recursos tecnológicos, que surgem as novidades. O acesso a práticas psicológicas através de TICs não atingiria a população como um todo.

Conta que se formou em psicologia há 45 anos e que um colega de turma que se dedicou à clínica durante toda a sua carreira, que nem era uma pessoa que adorasse a internet relatou a ela ter se surpreendido, que era muito ruim atender presencialmente na atualidade, em função da necessidade do uso de máscara e dos protocolos de segurança e que na virtualidade pelo menos podia ver o rosto das pessoas. Conta também sobre uma live realizada por um psicanalista muito

conceituado chamado Joel Birman na qual ele conta que “desacreditava do atendimento virtual, mas que se surpreendeu com o atendimento virtual”.

Diva acredita que precisaremos de muito tempo ainda para aferir a eficácia do atendimento on-line, que o contato virtual certamente produz um certo alívio para as pessoas, mas que o avanço terapêutico precisa ser verificado. Que “os profissionais que estão vivendo esta prática precisarão avaliar com muita ética, com muita honestidade e com muita delicadeza a eficácia dessa prática”. Que “muita coisa pode ser concluída desse processo, coisas novas, coisas com as quais a psicologia nunca lidou antes”.

Diva fala da importância de não ser negacionista, de não ficar enclausurado em uma história construída em uma dada realidade e negar o que a contemporaneidade está exigindo. Fala da possibilidade de atendimento a pessoas que residem em locais diversos ao do terapeuta.

Afirma que “esse é um novo lócus que precisa ser pesquisado e que isso leva tempo, não seria algo para os próximos 5 anos. A produção de conhecimento exige muito tempo, muita experiência humana para que se possa oferecer para a população essa possibilidade”.

Quanto a questão de se a virtualidade poderia favorecer a algum charlatanismo, ela afirma que: “isso não seria algo necessário, pois o charlatanismo pode acontecer tanto em um contexto virtual quanto em um contexto presencial”. Coloca também que: “não se trata de substituir o presencial pelo virtual. O presencial vai continuar existindo. As limitações sociais certamente tornarão isso necessário. Existem uma infinidade de situações que tornam isso necessário. A presencialidade não está ameaçada”.

Buscando resumir o que mudou em sua visão a partir do Corona vírus Diva afirma que:

“Aprendi que o transcorrer do processo civilizatório pode colocar para a gente situações inesperadas, que enquanto seres humanos nós vamos precisar estar juntos e próximos da população para tentar responder a isso. Não tem como uma pessoa que vive de clínica virar para as pessoas e dizer: Não vou atender porque sou contra. A circunstância mudou, havia recursos, foi feita essa mudança. E o que nos cabe avaliar é quais são os impactos disso.

Antes não era uma possibilidade. Hoje é uma possibilidade, porém ainda fica um ponto de interrogação acerca da validade terapêutica. Tem um sentimento de que ainda estamos em um patamar muito inicial em relação esses conhecimentos.”

Nessa entrevista ainda conversamos um pouco sobre a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), instituição em relação a qual Diva também tem uma inserção. O conteúdo deste trecho de nossa entrevista poderá ser encontrado no capítulo 4, no item 4.3.13, quando tratamos do ensino da psicologia.

Nessa entrevista Diva descreveu seu lugar de fala, de forma muito sensível conta como havia construído uma compreensão acerca da possibilidade do uso das TICs em práticas psicológicas, a partir de um lugar específico, que naquele período estava muito ligado ao contexto acadêmico. De onde ela olhava, em 2017, o uso desses recursos não faziam sentido. Que a situação gerada pela pandemia tornou evidente o contraste com outras visadas possíveis. Para Diva alguns dos profissionais ligados à clínica tinham condições de enxergar aspectos desse tema que, de onde ela estava, não eram plausíveis naquele período anterior.

Nessa entrevista ficou evidenciado o contraste entre os vários cosmos habitados por profissionais da psicologia e a disparidade de visadas proporcionadas pelas peculiaridades desses cosmos. Temos abordagens diferentes, campos de atuação muito distintos e posicionamentos históricos diversificados. Quando Diva conta sua trajetória ela descreve a forma como seu ponto de vista conta do período histórico no qual foi desenvolvido. Quanto maior a distância entre os universos experimentados por cada uma das diversas gerações de psicólogos que convivem em uma determinada época, maior tenderá a ser a diversidade de suas visões de mundo.


Esse contexto nos remete à imagem de uma verdadeira torre de babel. Nos aponta para a importância do exercício do diálogo, da necessidade de cuidado para que os embates entre esses diversos cosmos em relação tragam ampliação de possibilidades, não embotamento e desencontro. Aponta para a importância de que nossas representações de classe contemplem essa diversidade de perspectivas, o que não é simples. No que se refere ao sistema conselhos, esse tema será mais bem discutido no item 3.4.

Após o relato da entrevista com Diva, os próximos itens trazem passagens importantes de eventos coordenados pelo sistema conselhos sobre o tema dessa pesquisa.

3.2.5 Psicologia digital e contemporaneidade

Em 22 de outubro de 2018, recebemos um convite, por e-mail, para participar de um debate na sede do CRP-RJ que teria o seguinte título: “Psicologia Digital e Contemporaneidade” como pode ser observado nas figuras 14, 15 e 16. Esta reunião, se deu uma semana depois, dia 29/10/2018 (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2018), às vésperas da entrada em vigor da resolução CFP 11/2018 e tinha como objetivo debater a nova resolução e outros temas ligados à Psicologia e virtualidade:

Figura 21 - Convite para participar do debate “Psicologia Digital e Contemporaneidade”.

<p>Assunto: Convite - Debate "Psicologia Digital e Contemporaneidade"</p> <p>De: Informe CRP-RJ <informe@crprj.org.br></p> <p>Data: 2018-10-22 16:06</p>	
---	---

Debate "Psicologia Digital e Contemporaneidade" acontecerá na sede do CRP-RJ: programe-se e participe!

O Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro convida você, psicóloga (o) que contribuiu com a pesquisa sobre Psicologia Digital, a participar, no dia 29 de outubro, das 18h às 20h, na sede do CRP-RJ, do debate "Psicologia Digital e Contemporaneidade".

O encontro é gratuito e tem por objetivo debater a Resolução CFP nº 11/2018 – que entra em vigor em novembro desse ano e fala sobre o atendimento psicológico on-line –, além de outras temáticas relacionadas à interface da Psicologia com o mundo digital, tais como: dependência em jogos eletrônicos, crimes cibernéticos e fakeneews.

Ainda durante o evento, serão divulgados e debatidos os resultados obtidos a partir do levantamento realizado pelo CRP-RJ entre setembro e outubro desse ano a respeito da temática da Psicologia Digital.

As inscrições serão realizadas no próprio local, sujeitas à lotação do espaço.

A sede do CRP-RJ fica localizada na Rua Delgado de Carvalho, nº 53 – Tijuca (próximo ao Largo da 2ª Feira e à estação de metrô São Francisco Xavier).

Programe-se e participe!
Atenciosamente,

Felipe Simões (MTB 31728/RJ)
Assessor de Comunicação Social - CRP-RJ
ascom@crprj.org.br
Tel: (21) 2139.5407
www.crpj.org.br

Fonte: E-mail recebido em 22/10/2018.

Figura 22 - Cartaz de divulgação do debate: “Psicologia Digital e Contemporaneidade”.



Fonte: site do CRP 05⁵².

⁵² A transmissão *on-line* pode ser encontrada em 24/02/2020 no link <https://business.facebook.com/crprj/videos/249264779094770/>

Figura 23 – Publicação do CRP 05 sobre o evento “Psicologia Digital e Contemporaneidade”.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

PSICÓLOGAS (OS) SE REÚNEM PARA DEBATE SOBRE “PSICOLOGIA DIGITAL E CONTEMPORANEIDADE”

Categoria(s): Notícias, ORIENTAÇÃO/FISCALIZAÇÃO Postado em: 05/11/2018 às 16:38

No último dia 29 de outubro, o auditório da sede do CRP-RJ recebeu psicólogas (os) para debater a Resolução CFP nº 11/2018 – que fala sobre o atendimento on-line e entra em vigor a partir de 10 de novembro deste ano -, além de outros temas que relacionam a Psicologia ao mundo digital, tais como: dependência em jogos eletrônicos, crimes cibernéticos e fake news. Conduziram o debate as conselheiras do CRP-RJ Roseli Goffman (CRP 05/2499) e Viviane Martins (CRP 05/32170) e a psicóloga Luclana Nunes (CRP 05/15513).

A psicóloga fiscal da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP-RJ Helen Cristlan de Vasconcelos Manhães (CRP 05/40664), também presente no encontro, falou sobre a nova resolução do CFP, que autoriza o atendimento psicológico por meio de tecnologias da informação e da comunicação. Segundo ela, a normativa traz “grandes mudanças” para a prática psicológica.

“O Conselho Federal de Psicologia está usando na resolução o termo ‘atendimento psicológico’ no lugar de ‘psicoterapia’. Optou-se por isso porque, como a psicoterapia não é uma prática exclusiva da Psicologia, preferiu-se como tal para deixar bem marcado o nosso lugar como psicólogos. Então, nesta resolução, onde vocês lerem ‘atendimento psicológico’, é sinônimo de ‘psicoterapia’”, pontuou.

A psicóloga fiscal também lembrou diretrizes importantes do Código de Ética da (o) Psicóloga (o) para nortear a prática por meio de tecnologias da informação e da comunicação. “Nosso Código de Ética diz que devemos avaliar ética, técnica e profissionalmente se temos condições de dar conta de determinada demanda. E, além disso, afirma que é responsabilidade do psicólogo prestar um serviço de qualidade independentemente do espaço de atuação” destacou.

A Resolução nº 011/2018 entra em vigor no dia 10 de novembro. Até o dia 9 de novembro, o CRP-RJ fará um comunicado à categoria sobre os procedimentos obrigatórios a serem adotados para que a (o) psicóloga (o) possa prestar o atendimento on-line. Fique de olho em nosso site e mídias sociais!

Resultado da pesquisa on-line

No encontro, também, foi divulgado o resultado da pesquisa levantada pelo CRP-RJ, entre setembro e outubro deste ano, sobre o perfil das (os) profissionais e estudantes interessadas (os) pelas novas demandas da Psicologia Digital. Dos pouco mais de 700 participantes, a pesquisa contou com participação expressiva de estudantes de Psicologia, que corresponderam a 64% dos participantes do levantamento.

As psicólogas Luclana Nunes (CRP 05/15513) e Teresinha Anciães (CRP 05/5403), integrantes do Grupo de Trabalho Psicologia Digital e Contemporaneidade do CRP-RJ, destacaram alguns pontos sobre o levantamento, dentre eles, “a participação significativa do psicólogo clínico” e seu interesse nas áreas digitais.

Outro assunto relevante debatido no encontro foram os transtornos emocionais decorrentes da Dependência a Jogos Eletrônicos, refletindo o movimento internacional a partir do qual foi incluída no CID 11, publicado recentemente pela Organização Mundial da Saúde, como Transtorno de Dependência a Jogos Eletrônicos. Além disso, foi discutida a preocupação sobre um posicionamento ético da (o) psicóloga (o) no mundo digital fomentando a necessidade de desenvolver orientações e atualizações na atuação da Psicologia Digital.

Transmissão on-line

O debate foi transmitido ao vivo e on-line pelo canal do CRP-RJ no facebook. Para rever a íntegra do encontro, clique aqui.

PREMIAÇÃO REGIÃO SERRANA
RELAÇÕES RACIAIS
ÉTICA ESPORTES
MOBILIDADE
CÓREP
AFAP
DIREITOS HUMANOS
MOSTRA NOTAS
DIALOGANDO
IDENTIDADE
TRANS LAICIDADE
EDUCAÇÃO
BAIXADA
ASSISTÊNCIA
MEDICALIZAÇÃO
NITERÓI
DIÁRIO DO PSICÓLOGO
POLÍTICAS PÚBLICAS
ELEIÇÕES
SOCIOEDUCATIVO
ESTUDANTES
SISTEMA PENITENCIÁRIO
JUSTIÇA SAÚDE

CODIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO

CLIQUE PARA FAZER O DOWNLOAD

MENU

- INÍCIO
- GESTÃO DO XVI PLENÁRIO
- SUBSEDES
- COMISSÕES
- SETORES
- MEMÓRIA
- NOTÍCIAS
- JORNAL
- LIVRO
- CARTILHAS
- VIDEOS
- REFERENCIAL TÉCNICAS
- RELATÓRIOS/ANÁIS
- ASSESSORIA
- RELEASÉS
- MATERIAL PARA DOWNLOAD
- LICITAÇÕES EM ANDAMENTO
- LICITAÇÕES FINALIZADAS
- TRANSPARENCIA
- AGENDA
- ENDEREÇO / HORÁRIOS
- FALE CONOSCO
- PERGUNTAS FREQUENTES

LINKS RÁPIDOS

- ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
- SERVIÇOS
- LEGISLAÇÃO
- BUSCA PROFISSIONAL
- BOLETO / CADASTRO
- CONCURSOS

ACESSO AO SITE DO CFP Conselho Federal de Psicologia

PARCEIROS

INTRANET LOGIN

REDES SOCIAIS

- Facebook
- Twitter
- YouTube
- Google+

TELEFONE

(21) 3613-8700

DESENVOLVIDO POR: AGÊNCIA PARQUE

Fonte: Site do CRP 05⁵³.

A discussão:

⁵³ <http://www.crpj.org.br/site/psicologas-os-se-reunem-na-sede-do-crp-rj-para-debate-sobre-psicologia-digital-e-contemporaneidade/>

Buscaremos trazer aqui um breve resumo do que ocorreu naquele evento. Reproduziremos de forma textual alguns momentos da descrição, como o leitor poderá observar no que se refere a uma pesquisa que foi apresentada naquele encontro.

O evento foi organizado por Roseli Goffman; Teresinha Anciães e Luciana Nunes (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2018). Depois das apresentações, de um momento em que os participantes puderam tirar suas dúvidas foram apresentados os resultados de uma pesquisa como podemos observar no fragmento abaixo:

Roseli: Nós tivemos e colocamos durante um período, ainda no mês de outubro, um questionário que é um levantamento das pessoas que estariam interessadas em psicologia digital e contemporaneidade. Resulta que hoje a gente tem uma base de dados de 745 psicólogos que responderam e dedicaram o seu tempo para responder essas perguntas e a gente tem essa base de dados para qualquer informe, qualquer dúvida, qualquer coisa que surja no caminho dessa nova metodologia de trabalho a gente tem essa base para distribuir a informação. O que eu acho que é uma tendência interessante, porque você tem aquele registro, daquelas pessoas que têm interesse e o conselho vai passar e se corresponder de alguma forma com essa base de pessoas que responderam o questionário. Agora eu vou lá alterar o computador e vou pedir para a Terezinha e para a Luciana apresentarem o levantamento.

Luciana: Nós nos nossos encontros do GT e psicologia digital, a gente criou esse perfil, a gente queria conhecer exatamente quem somos e quem são os interessados pela psicologia digital e partir daí criamos 11 perguntas que foram discutidas, eliminamos algumas e acrescentamos outras. E foi muito discutido essa questão das perguntas, isso pra falar um pouco da metodologia. Eu acho que para falar um pouco desse perfil, eu estou lendo ali, e acho que é interessante a gente mencionar que também o conselheiro Thiago Melicio, ele também participou desse processo, Anie Meller também participou desse processo, mas não atualmente no GT em função de projetos outros. Acho que é importante mencionarmos os dois, que tiveram grande participação, dentro desse grupo de trabalho. Foram 11 perguntas. Esse inventário foi divulgado dentro das redes sociais do Conselho Regional de Psicologia/05 do RJ, teve uma participação que eu achei que foi bem significativa, mais de 700 profissionais, responderam voluntariamente esse questionário, a gente pode ir seguindo, a gente pode passar um pouco essa parte, por que fala de como que a gente fez e essa foi a postagem dentro do link, dentro das nossas redes sociais do Conselho Regional de Psicologia, algumas coisas que a gente pode mencionar do questionário que tiveram algumas participações no Facebook do CRP, falando eu gostaria de ter múltiplas respostas. Esse foi o primeiro levantamento, não significa que a gente vai fechar por completo, mas tiveram algumas limitações, mas eu acho que foi efetivo. A primeira pergunta que foi feita é se o psicólogo estava inscrito no CRP do RJ, sendo

que não estava inscrito, e não foi surpresa nenhuma que a maioria, acho que foi 62% de estudantes, não estavam inscritos porque obviamente não se formaram, não são graduados, os estudantes demonstraram realmente uma presença mais significativa e determinante nesse questionário com 62%. 34% eram psicólogos ativos dentro do nosso conselho, e somente 3.2% não ativos. Dentro de interesse das áreas, a gente pode ver a presença significativa do psicólogo clínico, não é também surpresa a gente já sabe disso, e teve participações fortes com 4% de psicólogo educacional, 2.3% de psicologia do esporte, 4% de hospitalar, 6.8% de psicólogo jurídico, 7% de psicólogo social e assim segue.

Terezinha: Quería só fazer um comentário, que eu acho que, o fato da gente ter visto o maior número de pessoas descobrindo a área clínica, eu acho que isso pode se relacionar ao fato de que como se vê vinculada a questão das mídias digitais e da psicologia digital, um dos setores que é mais, apesar de não ser a única coisa, mais um dos setores que as pessoas mais querem se informar a respeito é do atendimento on-line, então obviamente eu acredito que os que mais responderam a esse questionário, estavam pensando nessa perspectiva. Se a gente fizer uma rápida lembrança da história que todo mundo contou ao seu respeito aqui, a maior parte das pessoas, falou sobre o desejo de realizar atendimento on-line, que eu acho que faz parte dessa clínica. Você mesmo colocou e isso a gente vai ver aí depois, a questão dos jogos, da psicologia do esporte e também vinculado ao trabalho digital.

Luciana: Vocês podem ver que 85% com a graduação a escolaridade máxima sendo a faculdade, a graduação em Psicologia, o que também a gente tem que imaginar que 62% eram estudantes, então, na hora que marcou qual era sua graduação máxima, cursando o curso de psicologia, então é natural que 88%, 83% com a graduação máxima na universidade, 7% com mestrado, eu acredito, 3.4% com doutorado, 1% com pós-doutorado. Lembrando que a gente tem a maioria de estudantes que responderam esse questionário, então, seria natural que isso acontecesse, com relação a distribuição dos CRPs, nós temos a grande maioria com 72% na sede aqui do Rio de Janeiro, 10% na Baixada que a nossa sub sede é em Nova Iguaçu. Norte e Nordeste, Campos dos Goytacazes com 7%, Leste Fluminense – Niterói 6.8% e 3% em região Serrana. Então, houve interesse de psicólogos em todas as nossas sub sedes, então, a psicologia digital é um assunto de interesse do psicólogo no Rio de Janeiro e do estudante de psicologia também. Quanto à faixa etária é natural, obviamente lembrando que nós temos sessenta e poucos por cento de estudantes, que fosse 52% abaixo de 30 anos, 38% de 31 a 49 anos e somente 9.1% acima de 50 anos. Também, lembrando que existe a motivação de você fazer questionário, depende da sua motivação, do que você quer, obviamente se inteirar. Por falar nesse perfil de identidade, como a gente já sabe, a psicologia tem uma identificação de 78.1% por feminino, seguido por masculino 16.9%. O que a gente sabe que a psicologia é uma profissão predominantemente do gênero feminino, mas eu achei muito interessante que nós tivemos uma participação de masculino trans, de feminino trans, não binário e outros que, se consideraram a experiência interna individual do psicólogo em relação ao seu gênero que caracteriza a nossa profissão como uma profissão que aceita

diversidade e a nossa participação nela é, o nosso perfil é esse. Com relação a raça e cor, 61% se identificou como brancos, negros 10.9%, pardos 26.2%, amarelos com representatividade de 1%, índios não foram identificados neste questionário. Depois dessas primeiras perguntas que faziam uma análise do perfil do psicólogo. Agora a gente vai entender qual é o perfil do psicólogo em relação a tecnologia. Agora vem as perguntas que a gente se debruçou melhor em poder se desenvolver. E a primeira coisa que a gente vê passando mais para baixo, é: Qual é o melhor dispositivo? Qual é o dispositivo de opção do psicólogo, do estudante de psicologia dentro da psicologia digital? 88% acessam e optam por smartphone que seria o que segue ao desenvolvimento natural dos dispositivos de entrada de mobile, de entrarem sempre nos celulares. Essa foi uma pergunta que tinham múltiplas respostas então a gente também pôde identificar que 49% utilizavam o acesso por dispositivos fixos, que são os computadores de mesa, que são os desktops e 45.7% tablets e laptops. Então, mobile, celular seguindo bem à frente, mas estamos conectados por todos esses dispositivos. Depois vem uma pergunta que eu gostaria muito de poder entender um pouco mais. Porque como as pessoas falam que existe geração x, y, z. Esquece isso. Na verdade, a geração tipo digital já está vivendo isso há muito tempo, a gente não está pensando quantos anos cronologicamente você tem que vai associar sua relação com sua geração tecnológica, se a gente fosse imaginar assim. Mas quão acessível você é com a tecnologia. Então, indiferente nós temos, que eu chamo de a geração analógica e a geração digital. Dentro dessa geração digital qual é a relação do psicólogo em relação a utilização da tecnologia. Então a gente descobriu que 62.6% dos psicólogos e estudantes de psicologia pesquisados, eles dizem que são capazes de contribuir com conteúdo e interagir com outras pessoas da internet. O que isso significa? Que sabe desenvolver um blog, que sabe utilizar o Facebook, que consegue alimentar com ferramentas de informação nas redes sociais, não só para se relacionar, mas produzem conteúdo. Depois nós temos uma outra categoria que eu acho de geração 1.0 27.7% que utilizam o mundo digital de uma forma mais passiva. Que é aquela forma da web 1 que a pessoa ver a internet como uma revista digitalizada. Eu não produzo conteúdo, mas eu acesso para informação. Eu vou entrar no site do CFP e vou ver que tem o link do site. É o psicólogo que utiliza a internet como uma ferramenta só de informação. E 8% dos psicólogos, que eu acho que entra ali na parte do Douglas que são as pessoas que são capazes de criar plataformas de comunicação entre as pessoas. Por exemplo, eu posso entrar na web e criar um site, eu não vou estar só desenvolvendo conteúdo, e sim criar um site, criar uma plataforma, criar um aplicativo. Nós temos 8% e isso é bastante significativo, temos psicólogos atuantes dentro da internet, não só como consumidores mais atuantes como desenvolvedores da internet. Os avessos da tecnologia são 1.7%. O que significa que nós estamos abraçando a psicologia digital de uma forma muito participativa. 76.2% de profissionais e estudantes de psicologia se classificam dentro do movimento do mundo digital, contudo sem identificação de alternativas apresentadas somente 1% apresenta sua presença, nos sites, dos selos. O profissional ou estudante quando ele fez o questionário, ele disse que 22% que tem um site sim de serviços psicológicos, mas somente 1% deste site tem a legitimação do nosso

selo vigente, da nossa autorização atual de atendimento por tecnologia. E 76% colocou em outros, que significa que existem profissionais divulgando no Instagram. Eles não consideram Instagram site. Eles divulgam atividade profissional por Whatsapp, então não é considerado site identificador. Então vamos olhar bem esse número que a gente vai ver que 76% estão utilizando outras formas de apresentação profissional, senão o site. O site nada mais é que o endereço eletrônico, você utiliza o site como tem o seu consultório. Você tem seu consultório aonde? Ah, tenho meu consultório no Méier. Agora como a gente vai viabilizar esse serviço de psicologia mediado pela tecnologia, se vai ser pelo Whatsapp – que eu tenho muitas restrições e limitações, mas isso é uma questão minha - ou se vai ser pelo Skype, ou pelo Hangouts, ou se vai ser por qualquer outra plataforma. Você vai estar descrevendo isso dentro do seu endereço eletrônico, que é o site. Quando eu vejo 58% não tendo site e tendo outras plataformas, eles estão divulgando um consultório de atendimento on-line fora dos padrões que a gente gostaria como profissional.

Sobre a questão dos temas, sem menor dúvida o tema que atrai maior interesse é o atendimento psicológico on-line. Nós tivemos aqui 53.5% de participações que tem o interesse no atendimento psicológico on-line. Tem um outro ponto que eu acho muito interessante que permeia tudo isso que é 17.5% de posicionamento ético no mundo digital, que tem a ver com o que a gente está falando aqui. Como vai ser o marketing do profissional? Como a gente vai ter esse posicionamento? Qual é o contrato que a gente vai ter? Isso tudo vai estar relacionado ao posicionamento ético junto ao atendimento, mediado pela tecnologia. Mas tivemos a tecnologia esportiva para esportes eletrônicos com 2%. Psicologia jurídica para crimes cibernéticos, 6.3% e 11% dos transtornos emocionais. Lembrando que o CID-11 identificou a dependência de game como transtorno emocional. Nós psicólogos somos responsáveis por esse tipo de atendimento. Quais são os critérios diagnósticos? Quais são os critérios para este diagnóstico? Quais são as pesquisas já realizadas? Quais são as formas de atendimento? Isso tudo gerou interesse, foi identificado como 11% dentro desse perfil. Estou falando dos dados mais pragmáticos, queria que a Terezinha fizesse a conclusão geral.

Terezinha: A conclusão na verdade fala que os estudantes, os profissionais que vão liderar o interesse sobre essas questões da psicologia digital, clínica e ética. Como eu falei, a questão do atendimento on-line é aquilo que mais está presente e interessa nesse momento, apesar de ter outras colocações em relação a questão on-line, digital. Outra observação é que 14% não se identificou com as alternativas de psicologia clínica, psicologia escolar, psicanálise da classificação brasileira de ocupações, não foi representativo. O atendimento clínico foi o que foi relevante pelo recente movimento que foi feito pelo Conselho Federal que divulgou essa resolução de 11/2018 que vai sair agora, até o dia 10, e que vai atualizar essa do ano de 2012 aos atendimentos psicológicos que a gente discutiu aqui. Um assunto relevante foi a questão da dependência de jogos eletrônicos, que reflete um movimento internacional, conforme a própria Luciana falou. O CID-11 já tem a notícia, apesar da gente ainda não ter acesso, vai ser apresentado a

comunidade científica no início de 2019, e a gente já sabe que foram algumas coisas incluídas, e o games disorder é uma dessas inclusões e vai trazer mais um outro campo importante. A clínica como principal área de interesse deve estar em torno, da segunda área mais votada de conhecimento sobre os transtornos mentais. É uma coincidência que aconteceu, na verdade diria que o Conselho Federal, lança essa nova regulamentação da nova resolução ao mesmo tempo que o tão esperado CID-11 aparece. O CID-11 está prometido há muito tempo, há pelo menos um ano ou menos, à medida que tem mais entre 20 e 15 anos que o CID-10 saiu. O CID-11 está esperado, porque geralmente ele sai de 15 em 15 anos. Houve uma junção do próprio movimento do Conselho, e ao mesmo tempo o surgimento do CID-11, por isso acho que as duas áreas mais importantes apareceram foram estas.

Luciana: Eu gostaria de finalizar com a parte de esporte eletrônicos. Vocês devem ter visto o boom que tem o esporte eletrônico dentro da nossa sociedade, a gente teve um evento gigantesco no parque olímpico, nós temos um investimento internacional e nacional. E a Confederação Brasileira de Esporte Eletrônicos criou o cargo de coordenadora de psicologia de esporte eletrônicos. Isso significa que a confederação legitima o psicólogo dentro dos esportes eletrônicos e isso significa mercado de trabalho. Então eu vejo um futuro muito próspero dentro do mundo digital. Espero que vocês se animem não só com os atendimentos, mas também em outras áreas. Fechando aqui o nosso evento. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2018)

Considerações:

Neste evento, alguns pontos chamam a nossa atenção: o interesse na psicologia clínica por grande parte dos participantes; o fato de 62% dos participantes serem estudantes de psicologia; a faixa etária de 52% ter sido abaixo de 30 anos; 22% tinham site, porém só 1% tinha o selo do conselho; 76% se divulgam digitalmente por outros meios que não os sites e, por último à ênfase dada a questões ligadas a jogos eletrônicos.

A ênfase na psicologia clínica corrobora uma tendência que identificamos ao longo de toda a nossa investigação. Falar de psicologia e virtualidade se confunde muitas vezes com falar em atendimento *on-line*. Nossa inserção pessoal é muito marcada pela psicologia clínica o que, por si só, já poderia trazer esse viés. O fato dessa tendência ter sido evidenciada nessa pesquisa mostra que não é apenas um viés produzido pela nossa inserção como pesquisador.

A presença de tantos estudantes de psicologia na amostra e a tendência a prevalência de pessoas com menos de 30 anos pode estar relacionado, entre outros motivos, ao fato de que pessoas mais novas tenham um maior interesse no tema ou a uma presença maior desse perfil nas redes sociais, por onde o questionário foi

divulgado. De uma forma ou de outra, este fato aponta para uma diferença relativa à faixa etária no que se refere à inserção dessas pessoas no contexto virtual, fato que nos parece bastante coerente com nosso contexto sociocultural. Por mais que a faixa etária não seja determinante, isso é: nem todas as pessoas mais velhas se mostram desinteressadas em relação ao mundo virtual e nem todas as pessoas mais novas são tão voltadas para esses meios.

A questão dos sites, da presença marcante de outras formas de divulgação por meios digitais e de uma pequena incidência de pessoas que tinham de fato o selo do conselho em seus sites também nos convida a pensar no quanto a estratégia do psicólogo estar associado a um site certificado pelo sistema conselhos para exercer atividades através de TICs não teve efetividade. Essa estratégia de controle não pareceu ter tido sintonia com a realidade vivida pela classe dos psicólogos. Convida a pensar sobre o que esse fenômeno conta em relação a forma como a classe dos psicólogos vem construindo suas regulamentações. O que concorreria para o estabelecimento desse desencontro entre as estratégias escolhidas para regulamentação e a realidade vivida pelos psicólogos que vinham atuando através de TICs? Esse tema é melhor discutido no item 3.4

Quanto a questões relativas aos jogos eletrônicos, a presença e o interesse em relação a esse tema apontam para a importância crescente do mesmo dentro nos tempos atuais. Convida a estarmos atentos aos impactos desse crescimento em nossa sociedade. Como esse fenômeno impacta as relações humanas, e como impacta as relações dos psicólogos com a sociedade mais ampla. Mais uma vez nos evoca o trecho da música que diz: “todo o artista tem que ir aonde o povo está” Milton Nascimento e Fernando Brant (1981).

Do evento organizado pelo CRP 05 (Rio de Janeiro) vamos para um evento organizado pelo CFP.

3.2.6 Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento *On-line*

Em 10 de novembro de 2018 entrou em vigor a nova resolução que libera as práticas *on-line* em psicologia (CFP - 11/2018), substituindo a resolução CFP-11/2012. No dia 6 de novembro, quatro dias antes, O conselho federal de psicologia realizou um evento com o título “Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento On-

line”. Este evento faz parte de uma série denominada “Diálogo Digital”. Nosso conselho federal já vem realizando há algum tempo este tipo de evento. Para tanto, utiliza as redes sociais e efetua transmissões ao vivo, permitindo inclusive a participação ativa das pessoas que estão assistindo a distância. Através de chat ou por e-mail essas pessoas podem se colocar e fazer perguntas. O conselho utiliza recursos ligados à virtualidade, provavelmente, para atingir um grande número de representantes da categoria psi. Nestes encontros o conselho vem promovendo a discussão de temas pertinentes à atualidade.

A mesa redonda, transmitida através do *Facebook*, contou com a participação de três pessoas: Ionara Vieira Moura Rabelo⁵⁴, Maria Adélia Minghelli Pieta⁵⁵ e Rosane Lorena Granzotto⁵⁶. Rosane, como já foi dito anteriormente, foi quem presidiu o grupo de trabalho responsável pela redação inicial da resolução 11/2018 (Anexo 5), a quinta resolução voltada para a regulamentação de práticas psicológicas a distância⁵⁷.

No 20 de novembro de 2018, 14 dias depois da transmissão, foi possível verificar através de um levantamento, que ocorreram cerca de 6,4 mil visualizações,

⁵⁴ Ionara Vieira Moura Rabelo - Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UNESP-ASSIS (2011) com estágio sanduíche na República Dominicana (INSTRAW/ ONU Mulheres). Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás/ Regional Goiás e professora da Universidade Paulista (UNIP-Campus Flamboyant/Goiânia). Psicóloga do Núcleo de Vigilância às Violências e Promoção da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Goiânia. É pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Violência e Gênero da UNESP-Assis. Psicóloga na organização Médicos sem Fronteiras com missões nos Territórios Ocupados da Palestina (2011), Tabatinga-Amazonas (2012), fronteira da Turquia e Síria (2014 e 2015), projeto de Ebola (Liberia, 2015) e Equador (2016). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Saúde atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, gênero, psicologia da gestão integral de riscos e desastres, violência e saúde coletiva.

⁵⁵ Maria Adélia Minghelli Pieta - Possui graduação (2003), mestrado (2009) e doutorado (2014) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS (1995). É bolsista de pós-doutorado pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFRGS, auxiliando na divulgação da ciência e educação a distância. Tem interesse no estudo de psicoterapias, psicoterapia pela Internet, intervenções baseadas na Internet e aliança terapêutica. Tem experiência em pesquisa em álcool e drogas e em desenvolvimento moral.

⁵⁶ Rosane Lorena Granzotto - Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1977). Especialista em Psicologia Clínica (CFP - 2001). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Psicoterapeuta, coordenadora e professora do curso de Especialização em Gestalt-terapia do Instituto Granzotto de Psicologia Clínica Gestáltica. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase na diagnose e na intervenção terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: clínicas gestálticas, ética e fenomenologia. Estuda pintura e seus processos desde 2008. Coordenadora do Projeto Inclusão Psicossocial na Cultura, aprovado pelo Ministério da Cultura e desenvolvido pelo Instituto Granzotto de Psicologia Clínica Gestáltica.

⁵⁷ As resoluções anteriores foram: CFP – 02/1995; CFP - 03/2000; CFP - 12/2005 e CFP - 11/2012

180 compartilhamentos e 285 reações a este evento. Esses dados foram colhidos na rede social, através da qual o evento foi veiculado no URL <https://www.facebook.com/conselhofederaldepsicologia/videos/313009495959312>.

Neste endereço foi possível assistir ao evento e acompanhar os comentários realizados através do próprio *facebook*. Também foi possível extrair alguns gráficos da rede social, utilizando um complemento do *facebook* chamado Netvizz. Esses gráficos nos permitem comparar o impacto deste evento com outras postagens realizadas pelo CFP. Optamos por extrair informações das últimas 500 (quinhentas) postagens realizadas pelo CFP nesta rede social retrospectivamente a partir de 20 de novembro de 2018:

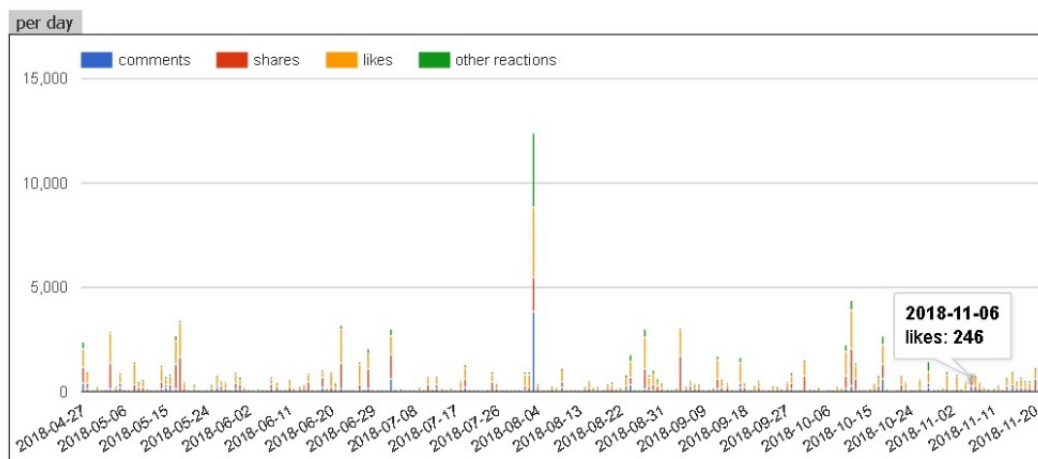
Gráfico 1 – Comparativo sobre as formas de reações ao Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento On-line.

Aggregate Analysis

500 posts covering the period from 2018-04-27 13:57:49 to 2018-11-20 17:58:04

12862 comments (25.724 average)

66157 reactions (132.314 average)



Fonte: complemento do facebook – Netvizz.

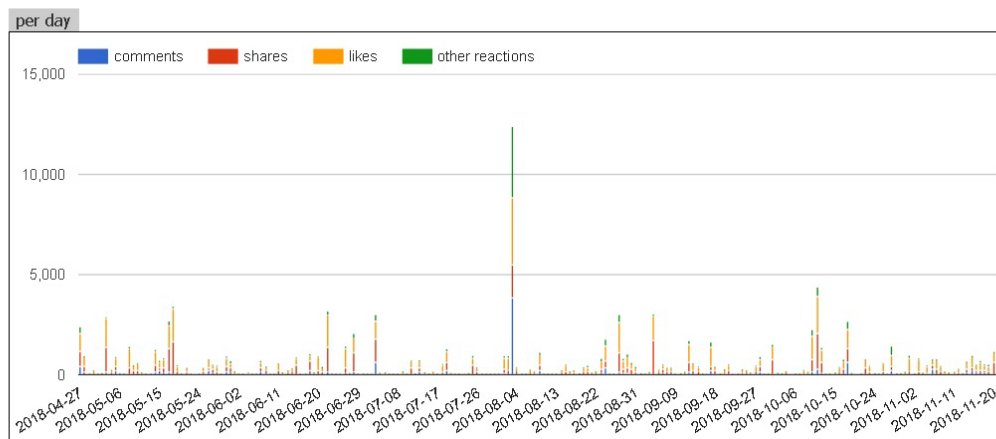
Gráfico 2 - Comparativo sobre as formas de reações ao Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento On-line, sem identificação para melhor visualização.

Aggregate Analysis

500 posts covering the period from 2018-04-27 13:57:49 to 2018-11-20 17:58:04

12862 comments (25.724 average)

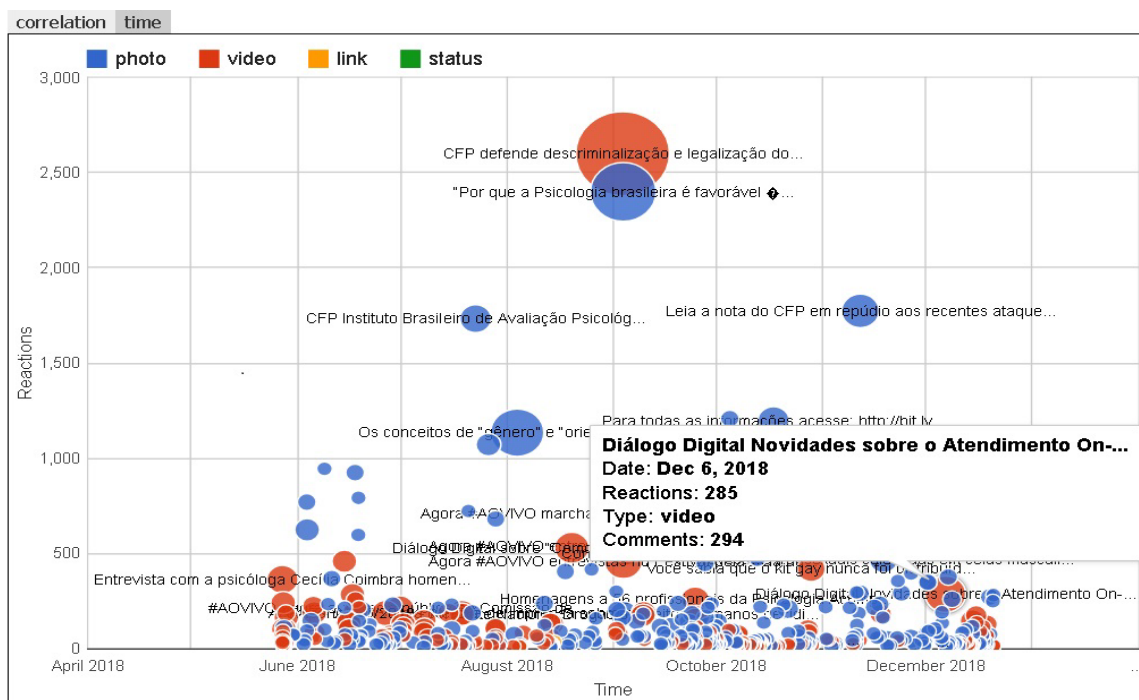
66157 reactions (132.314 average)



Fonte: complemento do facebook – Netvizz.

Nos gráficos 1 e 2, podemos observar que o universo de 500 (quinhentas) postagens cobriu um período de cerca de 7 (sete) meses e que o número de comentários, compartilhamentos, curtidas e outras reações relativos a esta postagem não se destaca de forma marcante das demais postagens realizadas neste período, por mais que esteja acima das áreas de maior incidência em relação aos parâmetros observados como pode ser melhor percebido nos gráficos 3 e 4. Cabe observar que, com o tempo novas, reações podem ser associadas às postagens e isso pode modificar as comparações entre elas:

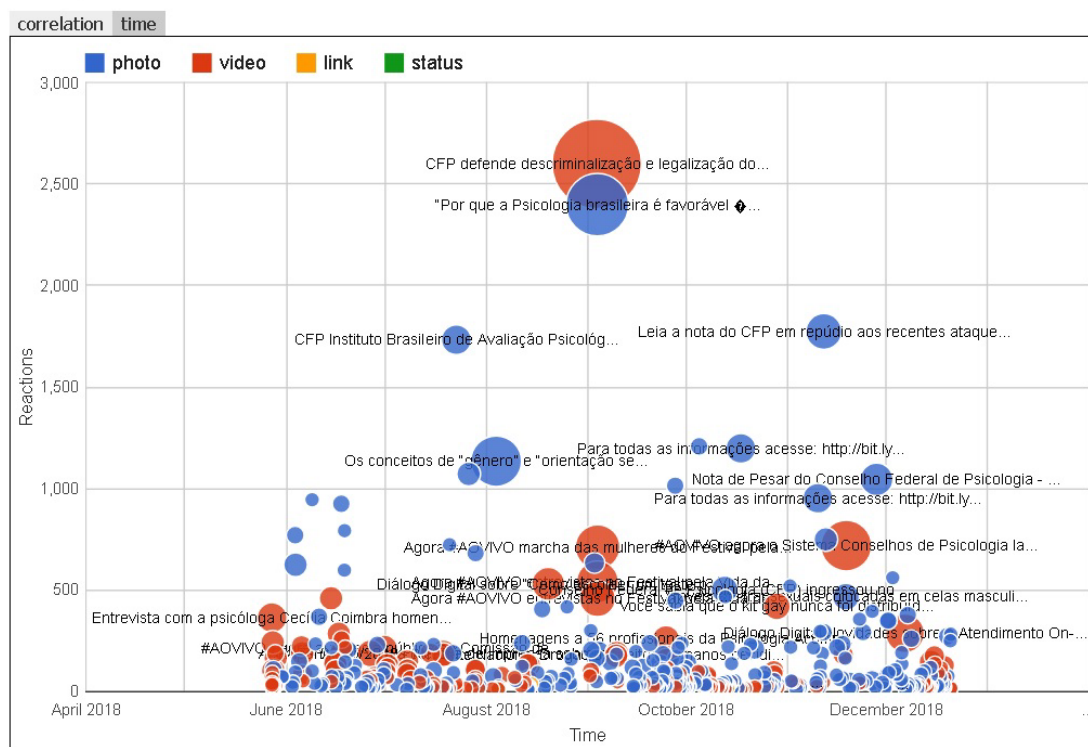
Gráfico 3 - Comparativo sobre tipos de postagem e quantidade de reações ao Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento On-line.



Fonte: complemento do facebook - Netvizz

Gráfico 4 - Comparativo sobre tipos de postagem e quantidade de reações ao Diálogo Digital Novidades Sobre o Atendimento On-line, sem identificação para melhor visualização.

Post Explorer



Fonte: complemento do facebook – Netvizz.

Os gráficos 3 e 4 nos permitem distinguir tipos de postagem, fotos em azul e vídeos em vermelho. Nos gráficos 3 e 4 o tempo está no eixo horizontal, ampliando a distribuição das postagens e permitindo uma melhor visualização em relação ao posicionamento das mesmas. O diâmetro dos círculos está ligado ao número de comentários e no gráfico vertical temos o número de reações. Entende-se como reações *likes* e outras reações emocionais expressas a partir de emojis, figuras que de alguma forma expressam coloridos afetivos. Foram 238 “curtidas”, representadas por uma mão fazendo sinal de positivo, 39 “amei” representado por um coração, 5 carinhas bravas e 3 carinhas assustadas.

Rosane iniciou a mesa cumprimentando a todos, delineando os objetivos da mesa que eram: Orientar profissionais da psicologia, conselheiros e a população em geral acerca da nova resolução. Também buscariam responder questões como: de que forma os serviços psicológicos realizados por meios de informação e comunicação são regulamentados em outros países? Quais as pesquisas que já temos acerca de eficiência e eficácia destes serviços? Como a resolução foi construída pelo CFP? Quais as principais mudanças da nova resolução? Como fazer para prestar serviços psicológicos *on-line* por meio de tecnologia e quais os critérios técnicos metodológicos e éticos para realizar estas práticas? Por fim, Rosane apresentou às duas outras oradoras que participariam da mesa, sinalizou que pela escassez do tempo as falas seriam resumidas e passou a palavra a Maria Adélia para que falasse sobre suas pesquisas.

Maria Adélia iniciou sua fala comentando os avanços das práticas *on-line* existentes em outros países, em especial na Austrália, pioneira em relação a este tema. Em função de suas dimensões continentais esse país vem se desenvolvendo, há mais de 20 anos, nesse tipo de atuação, de forma a dar conta do atendimento a pessoas residentes em lugares remotos. Para ela o Brasil agora está acompanhando este movimento já presente em várias outras nações, no sentido de regulamentar estes meios de atuação. Coloca que nos outros países as normatizações foram evoluindo gradativamente, de acordo com suas peculiaridades, e que isso provavelmente ocorreria também no Brasil. Afirma que aqui nossa regulamentação está seguindo preceitos parecidos com os dos outros, a saber, estar de acordo com os princípios mais amplos do código de ética já existente.

Conta que muitos países já permitem este tipo de atuação desde a década de 90. Sem entrar muito em detalhes, também enfatizou a existência de uma produção maior em relação às práticas virtuais no exterior, onde podem ser encontradas pesquisas que mostram que o atendimento *on-line* funciona e que a aliança terapêutica se mostra nessa forma de atendimento psicológico da mesma maneira do que no presencial, e que isso se dá em abordagens diversas. Que existem mais pesquisas com o referencial da TCC. Contextualizou as modalidades síncrona e assíncrona de atendimento. Também citou algumas pesquisas realizadas no Brasil. Trouxe a pesquisa desenvolvida por Oliver Prado na USP, referente ao atendimento assíncrono. Comentou sobre a Existência de uma pesquisa relativa ao atendimento de grupo dentro de um viés psicanalítico, realizada na PUC de Campinas. Também citou suas pesquisas na UFRGS e as da Universidade Federal do Pará, esta última em terapia breve com um referencial Gestáltico.

Fala sobre a importância de um bom contrato terapêutico, um consentimento esclarecido, este deve compreender o tipo de serviço a ser realizado; recursos necessários; como são os contatos entre sessões; conhecimentos imprescindíveis e riscos possíveis. Também trata da importância de uma boa preparação, tanto por parte dos psicólogos como por parte dos clientes. Ambos devem dominar o manejo das tecnologias próprias a este tipo de trabalho e ter uma noção clara dos recursos tecnológicos necessários. Enfatiza a necessidade da identificação da adequabilidade dessa prática para cada caso a ser atendido.

Posteriormente Rosane retoma a palavra e fala de forma mais detalhada da resolução. Conta que a decisão de criar a mesma foi tomada em dezembro de 2016 na APAF e que isso teria se dado em função de demandas da categoria. Chama a atenção, em especial, para as restrições que a nova resolução mantinha, e da necessidade de que o psicólogo, para realizar atendimento através de TICs, preencha o cadastro no site e-psi – Cadastro Nacional de Profissionais para Prestação de Serviços Psicológicos por Meio de TICs. Apresenta um tutorial para preenchimento do cadastro e dá o endereço do cadastro e-psi⁵⁸. Conta que esse cadastro é aberto para consulta por parte da população, de forma a que as pessoas possam saber se aquele profissional pode de fato fazer o atendimento através

⁵⁸ Site: "<http://e-psi.cfp.org.br>"

desses meios.

Ionara Vieira Moura Rabelo afirmou a importância de um contrato detalhado, enfatizando que o trabalho através de TICs produz provas materiais dando margem a processos éticos, sendo assim o psicólogo deve ser especialmente cuidadoso ao documentar seus contratos e que seria fundamental que no contrato fosse colocados os riscos referentes ao sigilo e também os cuidados necessários e coerentes com esses riscos. Ela chama a atenção para a necessidade do contrato tratar das questões ligadas a possíveis trocas de mensagens entre sessões: se existirá ou não a possibilidade desse tipo de troca, quantidade, prazos de resposta etc. Busca revisar também outros pontos relativos à prática clínica como, por exemplo, as regras de registro de sessões e as formas de validação de documentos digitais.

Um outro ponto que nos chamou atenção, de forma marcante, foi uma fala de Adélia ao responder a primeira pergunta feita através da internet, que foi: *“Por que o atendimento on-line é tão malvisto pelos profissionais brasileiros, e principalmente nas universidades, faculdades, por parte de professores mais antigos?”*. Ela afirma não saber, coloca que deve ser algo cultural. Que nós não costumamos fazer pesquisas para saber o que funciona e não funciona em terapia, e que lá fora, em muitos países, os profissionais já investigam há muitos anos a eficácia da psicoterapia, a própria aliança terapêutica. Que a cultura de investigação envolve dar valor a evidências. Uma coisa seriam crenças, o que a pessoa pensa e sente e outra é o que os dados mostram e que talvez na cultura desses outros lugares que já vem investigando há muito tempo o que funciona e o que não funciona, eles teriam uma visão menos apaixonada, mais crítica. Muitas vezes as evidências mostram coisas contraintuitivas, que contrariam as crenças e de como essa abertura seria importante. Que isso também deveria acontecer na nossa psicoterapia aqui no nosso país, pois esse movimento da prática baseada em evidências já acontece no mundo todo desde a década de 80 e seria bastante presente na área da saúde e nós deveríamos nos movimentar mais nesse sentido, investigar mais, deixar um pouco mais de lado as crenças e ir lá observar o que acontece mesmo.

Rosane se coloca também e conta que é psicóloga clínica há mais de 30 anos, que essa questão, talvez, tivesse relação com um certo apego que existiria em relação às peculiaridades do atendimento presencial, que seria necessário compreender que o atendimento através de TICs seria uma nova forma de se fazer,

não seria uma versão do atendimento presencial. Não seria a mesma coisa, teria uma outra metodologia, que precisaria de inclusive estudos. Afirma a necessidade de uma certa abertura, um certo exercício de desapego. Talvez essa resistência que se sabe que existe seja um apego a tudo aquilo que se conhece, que se pratica e seria necessário um exercício de abertura para o novo.

Adélia coloca que se a pessoa não se sente à vontade para fazer esse tipo de trabalho ela não deve realizá-lo. Não é porque ela não se sente à vontade com isso que ela deve dizer que não funciona, que não tem cabimento. Por isso, a necessidade de separar o gosto pessoal do que mostram as evidências.

Chamou nossa atenção a forma como Maria Adélia lançou mão da existência de pesquisas científicas sobre o que funciona e o que não funciona, de “práticas baseadas em evidências” como forma de argumentação contra crenças contrárias às práticas *on-line*. Esta fala nos gerou impacto, já que de algum modo busca apoio no método científico clássico para tentar pôr fim às controvérsias geradas pelo confronto de crenças trazido pelas possibilidades ligadas à virtualidade. É interessante e curioso ver uma argumentação tão clássica ser evocada mais uma vez. Me vem à mente a música “Como nossos pais”, na voz forte, dramática e emocionada de Elis Regina.

Dentro deste contexto buscamos examinar esta colocação tanto investigando as pesquisas citadas por Maria Adélia, o que fizemos posteriormente, como também a partir do exame do sentido do impacto que vivemos ao nos depararmos com tal argumentação. Para tanto trouxemos a música que nos foi evocada para exame:

Como nossos pais

Elis Regina

*Não quero lhe falar meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos*

*Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar*

*Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa*

*Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram*

*E o sinal está fechado prá nós
Que somos jovens*

*Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz*

*Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração*

*Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais*

*Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer
Que eu 'tô por fora
Ou então que eu 'tô inventando
Mas é você que ama o passado
E que não vê
É você que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem*

*Hoje eu sei que quem me deu a ideia
De uma nova consciência e juventude
'Tá em casa
Guardado por deus
Contando vil metal*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos como os nossos pais*

Compositor: Antônio Belchior

Fizemos a opção de colocar a letra da música por nos parecer uma forma interessante de explorar nossa percepção acerca do argumento supracitado. O incômodo que vivemos ao nos depararmos com o uso do método científico clássico como meio de argumentar em favor da utilização de uma nova metodologia no trabalho clínico. Colocamos em itálico os trechos da música que parecem poder contribuir com nossa discussão, de forma a destacá-los. A música quase toda ficou em destaque.

Nas primeiras duas estrofes ele define do que quer falar. Diz que quer falar do que viveu e coloca que a vida é maior do que algumas outras traduções, no caso “o que aprendeu nos discos”. Esse pedaço já chama para a dança, já traz a complexidade do vivido, que é nossa matéria prima como psicólogos.

A terceira estrofe fala que “eles venceram e que o sinal está fechado para nós que somos jovens”. Dentro deste contexto este trecho nos remete ao confronto entre o olhar tradicional e as novas possibilidades de olhar, mais descritivas e encarnadas e menos coerentes com a linguagem chapada/objetiva do método científico.

A quarta estrofe que fala do “abraçar e beijar” nos remete as várias dimensões do humano e também da distância que tende a ser associada com a virtualidade.

A quinta estrofe do “estou encantada com uma nova invenção” traz um aspecto que provavelmente foi muito importante para que essa música fosse evocada em nossa memória. A música tematiza as relações entre o novo e o velho, como o novo encanta a alguns e ao mesmo tempo provoca a rejeição de outros. Por

um lado, abre certas possibilidades, por outro, fecha outras tantas. A música parece tratar das tensões oriundas dessa deriva.

A sexta estrofe nós não destacamos. As 3 estrofes seguintes nós vamos reproduzi-las na íntegra:

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais
Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer
Que eu 'tô por fora
Ou então que eu 'tô inventando
Mas é você que ama o passado
E que não vê
É você que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem*

As falas dão a perceber que as coisas não mudam assim tão fácil e como nos vemos presos ao passado, aos antigos ídolos, às antigas formas e daí me parece que vem nosso maior incômodo, uma certa confusão entre o novo e o antigo. Ainda precisamos de velhas crenças para colocar em jogo novas possibilidades. De alguma forma isso nos dá um certo enjoo. Talvez uma certa descrença na novidade do novo, talvez um aborrecimento por ainda não termos argumentos jovens que deem sustentação para as novas possibilidades. Onde estão as falas das abordagens menos objetivistas? Será que estas abordagens não estão tão abertas para as novas possibilidades? O que será que afasta as pessoas que pensam em perspectivas não dualistas destas novas possibilidades? Em outras palavras onde está a nossa tribo nesta discussão? Será que a suposta frieza da informática e dos recursos virtuais está afastando estas pessoas?

Será que essas pessoas que representariam uma corrente tão revolucionária no passado, hoje são as que se colocam de forma mais conservadora. Será que

aquela postura vanguardista não está mais presente. Será que mais uma vez a vanguarda precisa da solidez do método científico?

Mais uma vez as ressonâncias nos surgem como perguntas. A partir delas, neste momento ficamos curiosos com como as diferentes abordagens estariam performando a apropriação em relação aos novos recursos que estão cada vez mais disponíveis. Realmente talvez faça sentido que os psicólogos que escolhem as abordagens comportamentais se sintam mais à vontade com a informática. Relações mais objetivas não seriam tão afetadas com a mediação através do computador. Talvez as abordagens que investem mais nas relações enfrentem desafios mais difíceis ao colonizar a virtualidade.

Depois de examinar o impacto que o argumento ligado às evidências gerou em nós, se faz necessário examinar essa fala de forma a desdobrá-la, explorando o que mais ela pode nos trazer. Maria Adélia fala da existência de pesquisas que, com base em evidências, comprovam a eficácia do atendimento *on-line*. Buscamos investigar essa colocação a partir das produções científicas da mesma. Procuramos identificar a que ela se refere quando se posiciona desta forma.

No dia 04/08/2019 colocamos no Google “Maria Adelia Minguete Pieta pdf”, com o intuito de encontrar publicações dessa pesquisadora sobre o tema. Obtivemos uma série de resultados. O título do primeiro artigo nos parece bastante coerente com a argumentação apresentada no vídeo em estudo: Psicoterapia Pela Internet: Viável ou Inviável?

Já no resumo do artigo encontramos indícios de que esta publicação nos trará mais informações sobre os argumentos trazidos pela autora em sua fala:

O objetivo do presente artigo foi realizar uma revisão dos estudos em psicoterapia pela internet, discorrendo sobre os recursos e os limites desse atendimento psicológico e suas implicações para a relação terapêutica e para a efetividade do tratamento. São apresentadas questões legais e éticas concernentes à prática. Os resultados apontaram similaridades entre a relação terapêutica *online* e a presencial, mostrando-se a psicoterapia pela internet efetiva nas mais distintas modalidades, embora a maioria dos estudos seja sobre intervenções cognitivo-comportamentais. (PIETA, 2014, p. 19)

O artigo está organizado em 4 partes:

Na primeira, discorre sobre o início e o desenvolvimento da psicoterapia pela internet, com atenção à terminologia empregada e à distinção entre psicoterapia *online* e intervenções baseadas na

internet. A segunda volta-se para o núcleo central dos tratamentos psicológicos e quer saber o que se altera ou como se configura a relação terapêutica nesse novo ambiente. A terceira apresenta e analisa evidências empíricas sobre a efetividade da psicoterapia pela internet, em estudos quantitativos e qualitativos recentes. A exposição examina, por fim, as questões legais e éticas concernentes ao assunto. (PIETA, 2014, p. 19)

No que se refere à argumentação que estamos investigando a terceira parte deste artigo é a que mais nos interessa, um texto curto que figura entre as páginas 24, 25 e 26. Neste fragmento a autora cita 19 artigos, todos publicados em língua inglesa para dar sustentação a sua posição no sentido de que o atendimento *on-line* é “efetivo”. Em sua maioria os artigos apresentados se baseiam na avaliação de processos conduzidos à luz da TCC terapia cognitivo comportamental, abordagem que aparece de forma marcante na nuvem de palavras construída a partir das duzentas palavras mais frequentes neste fragmento do texto. Ficam evidentes a existência de abordagens distintas em psicologia e, que dentre tais abordagens, a TCC se destaca, no que se refere à pesquisa sobre atendimento *on-line*.

As duas nuvens de palavras foram criadas a partir do mesmo universo, a saber: o fragmento do texto no qual Pieta discorre sobre as pesquisas que baseadas em evidências confirmam a efetividade da “psicoterapia *on-line*”. O programa, uma extensão do próprio Word, selecionou as 200 palavras mais frequentes no texto e as organizou modulando o tamanho das mesmas de acordo com a incidência de cada uma delas de forma a que as que mais aparecessem assumissem um tamanho maior. As 5 maiores foram em ordem decrescente: *on-line*; resultados; terapeuta; terapia e TCCs.

Como o termo TCC aparece no plural e no singular fizemos a experiência de separar o “s”, porém isso não gerou uma diferença significativa como podemos observar na segunda nuvem. De toda a forma esta é a única abordagem psicológica que se destaca nas nuvens de palavras, corroborando a afirmação de Pieta no sentido de que as pesquisas sobre atendimento *on-line*, no universo de sua investigação, são predominantemente ligadas à TCC:

Figura 24 - Nuvem de palavras criada a partir da terceira parte do artigo “Psicoterapia Pela Internet: Viável ou Inviável? Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente

proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

Figura 25 - Nuvem de palavras criada a partir da terceira parte do artigo “Psicoterapia Pela Internet: Viável ou Inviável?” Dessa vez removemos o s do termo TCCs nas ocorrências em que aparecia dessa forma. Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

Para além do termo TCC e das palavras mais óbvias como *On-line*, *Terapia*, *terapeuta* e *internet* que naturalmente tenderiam a estar presentes em nossa nuvem

de palavra, encontramos termos coerentes com o discurso científico como: resultados, estudos, efetividade, encontraram, baseadas. Termos coerentes com pesquisas objetivas que buscam comprovações de hipóteses a partir de evidências.

Naquele período, para se cogitar a possibilidade do desenvolvimento de práticas psicológicas através de TICs, era necessário provar o valor de tais práticas virtuais. As pesquisas precisavam ser defendidas a partir de métodos científicos inquestionáveis. Afirmações favoráveis ao atendimento através de TICs precisavam estar blindadas a partir de metodologias consagradas e chanceladas pelo pensamento científico. Aqueles eram indícios de uma certa resistência, uma certa indisposição em relação a estas ferramentas.

Depois de tratarmos deste evento que precedeu a entrada em vigor da resolução que permitiu ao psicólogo brasileiro a possibilidade do atendimento psicológico através de TICs, buscamos relatar nossa entrevista com aquela que conduziu o grupo de trabalho que abriu essa possibilidade.

3.2.7 Entrevista com Rosane Granzotto

Do dia 23 ao dia 25 de agosto de 2019, foi realizado o IV Congresso IGT de Gestalt-Terapia. Nesta ocasião convidamos Rosane Granzotto, a psicóloga que presidiu o grupo de trabalho que redigiu a resolução CFP Nº11/2018 a participar de nosso evento. Rosane ministrou um minicurso de pré-congresso que teve o título “Atendimento on-line em Gestalt-Terapia: Limites e Possibilidades”, além de fazer uma participação em uma mesa com o tema: “O “experimental” no mercado de trabalho do psicólogo: Inovações, riscos e aprendizados no contexto atual”.

Naquela oportunidade realizamos uma entrevista com Rosane de quase 2:00 horas de duração. Serão transcritos abaixo alguns fragmentos de nossa conversa que pareceram bem pertinentes para o objetivo de nossa investigação.

No início da entrevista, recordamos uma conversa que tivemos anos atrás sobre a possibilidade de críticas severas em relação ao primeiro centro de Gestalt-terapia que se aproximasse do atendimento on-line. A partir daí Rosane coloca que, em um primeiro momento, essa rejeição se fez presente de uma forma geral na categoria dos psicólogos. Afirma também que não foi só no âmbito da psicologia que

a virtualidade sofreu uma rejeição inicial. Conta que quando a internet deu seus primeiros passos, muitos intelectuais se colocaram receosos em relação as consequências negativas que a mesma poderia trazer. Os receios eram de que poderia “afastar as pessoas, que elas poderiam se encolher atrás de uma tela, não mais se relacionar”.

Rosane coloca que percebe uma divisão na categoria dos psicólogos, muitos aderindo cadastrando sites e outros criticando. Afirma que a maior crítica é que “a qualidade do atendimento vai diminuir porque a presença garante coisas que a relação virtual não garante; que inicialmente a crítica era muito pautado na questão da comunicação não verbal porque os primeiros atendimentos eram por mensagem de e-mail, Messenger e aí, obviamente, era só a linguagem escrita, sem nada de visualização, de ênfases. Os que defendem dizem que existe sim uma diferença, mas que não seria para melhor ou para pior, argumentam que existem recursos próprios da escrita, carinhas, etc, e com a imagem de vídeo fica melhor ainda, uma presença virtual”.

Perguntamos a Rosane sobre como ela terminou assumindo essa função de coordenar o grupo de trabalho que resultou na regulamentação do atendimento on-line. Ela conta que sempre foi ativa no sistema conselhos atuando como conselheira federal em duas gestões e por ser psicóloga clínica vem recebendo algumas pautas ligadas à psicoterapia. Explica que as pautas são distribuídas de acordo com as competências. Conta que “as pautas do CFP são definidas nos Congressos Nacionais da Psicologia pela categoria desde a base, nos Congressos Regionais. Quando uma nova gestão entra, as pautas já estão definidas”.

Conta que na APAF - Assembleia de Políticas, Administração e Finanças se define quem vai trabalhar nos Grupos de trabalho (GTs) “os conselheiros regionais se candidatam, demonstrando seus interesses nas diferentes pautas”. Ali se definiu o GT sobre o atendimento *on-line*. “Os grupos são compostos de representantes dos conselhos regionais e de um membro do Conselho Federal. Quem coordena sempre é o membro do Conselho Federal”, no caso ela, em função da pauta ter sido identificada como ligada à psicologia clínica.

Optamos por redigir de forma literal o próximo fragmento de nossa entrevista, visto que trata de alguns aspectos que nos pareceram especialmente sensíveis.

MARCELO - Foi tranquilo receber essa atribuição?

ROSANE - Olha..., para mim foi um desafio... Eu acho que isso deve estar na cabeça de muito gestalt-terapeuta. Tinha muito forte em mim que fazer a clínica gestáltica implicava necessariamente na presença, na presença física, na coisa de mexer com o corpo, do experimento, da mobilidade, do olhar... essa observação que a gente tem assim muito acurada para olhar para nuances de expressão e tal... Então eu entrei, assim, ao mesmo tempo curiosa querendo saber o que é isso, vamos ver onde é que vai dar, né? E sabendo que eu tinha de cumprir um certo avanço... atualizar, não ia fazer um retrocesso. E inicialmente, assim, um pouco crítica. Eu li vários depoimentos, a gente tinha várias fontes. O próprio site do conselho tem uma ouvidoria aonde as pessoas se queixam, sugerem, reclamam ou às vezes denunciam coisas. Muito importante para nós esse canal. Aí eu li muita coisa.

E aí, tinha algo acontecendo muito forte ali no final de 2017, quando a gente começou a trabalhar nesta resolução, que era a presença das plataformas. Assim eu acho que a gente teve vários elementos que nos impulsionaram a rever a resolução. Obviamente a definição da APAF para que ela fosse atualizada também se devia a essas pressões.

MARCELO - A solicitação que chegou a APAF seria através dos COREPs. Tem os COREPs, Nos COREPs surgem as propostas, as propostas são levadas pelos delegados ao CNP(CMP), aí isso chega para ser trabalhado no conselho federal? O que chegou e gerou essa necessidade da revisão de 2012 foi algum tipo de solicitação no sentido de liberação? Como é que isso chegou lá?

ROSANE – Então, eram várias questões, Primeiro sim, um pedido de liberação. Em função de que a tecnologia já estava fazendo parte da vida cotidiana de todo mundo, na comunicação, isso já estava acontecendo, e os psicólogos se sentindo muito engessados. Na utilização dos sites, era muito limitado aquilo ali, a questão das 20 sessões. Também na definição de orientação psicológica, existe uma dificuldade no discernimento do que era uma orientação psicológica. Havia sempre essa pergunta: defina orientação psicológica? Defina psicoterapia? qual é a diferença? Qual é o limite de uma e de outra? Sempre tínhamos que lidar com isso. Mas eu acho que o que mais pressionou foi a proliferação das plataformas administradas por terceiros, por empresários, pessoas não psicólogas, que estavam

explorando o trabalho dos psicólogos, e não estavam nem aí para o código de ética, principalmente na questão da divulgação.

MARCELO - Que foi um subproduto da resolução de 2012?

ROSANE – Foi um subproduto, foi uma consequência da resolução de 2012. Por isso que eu digo, o objetivo da resolução 2012 foi, assim... vamos criar um ambiente onde a gente possa minimamente cadastrar, orientar, fiscalizar. O criar um ambiente gera uma contradição, pois quando você trabalha com a questão à distância, com o on-line, o espaço não é importante, é uma outra realidade. Mas eu acho que essa questão da criação do site teve a ver com essa coisa de manter um espaço. Aí vamos fiscalizar um espaço, sabe? Porque essa era a prática. Onde o CRP vai ver como o psicólogo trabalha? Lá no consultório dele, lá no local de trabalho ele vai olhar os documentos, se tem o isolamento acústico, se não vasa som, a garantia da preservação do sigilo.

MARCELO - Como se fosse uma forma de materializar para controlar?

ROSANE – Isso! Eu acho que foi isso! mas assim, é claro que sou eu que acho, não está escrito em lugar nenhum e, ninguém me disse isso. Mas teve esse subproduto que juntou com essa onda da “Uberização”.

MARCELO – Então muito do que gerou a necessidade de mexer na resolução foi a presença dos sites que exploravam a mão de obra dos psicólogos?

ROSANE - Muito! Sabe por que Marcelo? A gente recebia denúncias! Reclamação! Diariamente.

MARCELO - Quem reclamava?

ROSANE - Os psicólogos. Eles diziam assim: como o conselho permite que isso esteja acontecendo? E citavam as plataformas.

MARCELO - Se sentiam explorados?

ROSANE – Não, dos psicólogos que trabalhavam nas plataformas nunca veio reclamação. E nenhum deles denunciando a plataforma. Eram outros psicólogos que viam isso acontecer. Essas plataformas já estavam em aplicativos. Você já deve ter entrado em alguns, né?

MARCELO - Teve a polêmica do “Fala Freud”, né?

ROSANE – Então, eu não queria citar nomes, mas esta plataforma ela foi assim... detonadora do processo. Porque é uma plataforma que se cadastrou, foi aprovada. Se cadastrou lá na região norte, e pouco tempo depois começou a descumprir o código de ética. Descumprir em que aspectos: divulgando preços baratos. E, até hoje, são pacotes, são depoimentos de consultentes, depoimentos de terapeutas. Várias coisas que ferem a ética, principalmente pelo uso do preço, do valor, na divulgação.

MARCELO - Essa plataforma específica, ela é de propriedade de um psicólogo?

ROSANE – Não, não é. E ela foi descredenciada.

MARCELO – Eu queria saber um pouquinho mais sobre como funciona isso, o que é necessário? A plataforma podia ser proposta como um site para ser reconhecido pelo conselho mesmo sem ter autoria de um psicólogo?

ROSANE - Até novembro de 2018, quando a resolução de 2012 estava em vigor, as exigências em relação ao site eram que tivesse o responsável técnico e algumas outras exigências, mas a propriedade não precisava ser de um psicólogo [...]

Eles foram descredenciados, mas continuaram fazendo do jeito que queriam. Ele até fez algumas tentativas de contato com o conselho, mas sempre no sentido de que tínhamos que entender, que o mundo agora é assim.

Este parece um aspecto muito interessante para a nossa discussão. De alguma forma, dentro da percepção de Rosane, um dos atores que contribuiu de modo marcante para a realização de uma nova resolução relativa à psicologia e a virtualidade, e que também influenciou no sentido de que o conteúdo dessa nova resolução fosse mais transigente no que se refere às práticas on-line, foi a existência de plataformas. Dentro da percepção de uma série de psicólogos que se manifestaram junto ao Conselho Federal e aos Conselhos Regionais de Psicologia, estava a constatação de que esses aplicativos passaram a explorar o trabalho dos psicólogos, e dentre esses aplicativos um deles se destacou: o aplicativo Fala Freud. Com isso temos dois grupos de actantes: o primeiro deles são os psicólogos que buscaram se manifestar contra os sites, pressionando o conselho a tomar providências; o segundo são os sites que utilizam a mão de obra dos psicólogos. Por

ora, continuaremos a descrever os fragmentos mais significativos da entrevista com Rosane.

Ao ser perguntado sobre outros actantes que possam ter contribuído na aprovação das práticas psicológicas através de TICs:

ROSANE - Não só isso, esse é um dos elementos, existe também o desenvolvimento tecnológico avançado, existe o aumento do uso da tecnologia para a comunicação diária, cotidiana e em todos os setores, família, amigos, namorado e trabalho também.

MARCELO - A tecnologia foi se impondo?

ROSANE - Foi se impondo na vida, nas comunicações e existiu também a constatação que muitos psicólogos queriam, e já estavam fazendo esse trabalho, mas não explicitamente, e também a questão de que o conselho não tinha oficializado esse trabalho e nem sabia que estavam fazendo isso. Então com o cadastro individual você sabe quem está fazendo e até em que jurisdição ele está.

[...]

MARCELO - Então, outro ator, que terminou atuando de uma forma bem marcante foi a percepção do que acontecia em outros países e de fato a gente tem muitos países, fiz contato com o pessoal da Itália, e uma das pessoas que trabalha no Conselho da Itália, falou sobre isso, que nunca teve uma restrição. E acho que alguns anos atrás eles criaram uma espécie de um guia para apoiar o profissional para lidar com isso. E na última mudança que teve no código de ética deles, no primeiro artigo, quando eles vão definir o trabalho do psicólogo, já está dentro das formas de trabalho qualquer forma de atuação a distância. Então está lá, na alma do negócio, sabe? E nunca foi restrito né. Eu queria perguntar um pouco sobre isso, a gente vê ao longo do tempo uma postura muito restritiva na psicologia brasileira no que se refere a virtualidade, por exemplo, a primeira resolução de 95 ela é curta e grossa, é pequenininha, e fala assim: não pode atender por telefone, ela se refere ao atendimento telefônico, é bem objetivo e diz não. E a gente sabe que se não fosse o CVV, uma quantidade enorme de pessoas poderia ter perdido a vida mesmo. O que estou colocando é que o psicólogo ficou impedido de atuar na virtualidade e a gente sabe que existiram outros atores que terminaram ocupando este espaço e fizeram

uma contribuição bastante importante para a sociedade. Acho que o CVV foi uma contribuição bastante importante para a sociedade.

ROSANE - Pois é, mas isso para mim não é muito contraditório porque veja só, EUA, Europa, Itália, Espanha, enfim, Europa e América do Norte, eles são rígidos, tem as leis bem claras e bem definidas e todo mundo obedece... tudo funciona e aí de você se quiser fazer uma coisinha de nada, sair da fila, não, você tem que continuar na fila entende. E aí eu acho assim, o brasileiro não é assim, o brasileiro não está nem aí, tanto que olha só, o que eles estavam fazendo? Os psicólogos já atendiam. Eu comentei que fui em um TCC que a aluna fez uma pesquisa sobre atendimento *on-line*, e não estava nem regulamentado, entende? Eles não estão nem aí, aí você fica pensando... tá, tem que segurar esse povo. Aí para segurar, você vai lá e põe uma retranca. Talvez esteja tudo errado, mas eu acho que tem uma certa coerência. Precisa ser mais rígido porque se soltar, o que vão fazer?

[...]

ROSANE – [...] e também a dificuldade de fiscalização de São Paulo (Maior colégio eleitoral, então eles têm uma demanda enorme de número de sites querendo cadastramento e o conselho não estava dando conta de responder e fiscalizar)

[...]

ROSANE - Não teve nenhuma judicialização, que é uma coisa muito comum ultimamente. Eu até vou analisar agora quando for para lá esses processos que vieram para julgamento de segunda instância, então também ainda não tenho conhecimento do que foi barrado pelos regionais. Mas esse é um processo normal, o psicólogo tem o direito de pedir uma revisão do federal. Então assim, eu não sei essa tua ideia da cartografia das controvérsias, tenho a impressão que você vai encontrar pouca controvérsia aí ou pouca força contrária. A coisa meio que fluiu, e obviamente fluiu a partir de vários atores que se configuraram ali. Eu acho assim, eu vou participar agora, sexta-feira ou quinta de um seminário lá em Brasília do fórum pela redução da diferença de exclusão social, não lembro exatamente o nome, mas o tema do seminário vai ser a organização dos serviços e o conselho federal foi convidado para falar para mostrar como pela resolução a gente resolveu essa

questão, entende? Porque as plataformas são a “uberização” do serviço do psicólogo. Entende?

Para além da importante contribuição em relação à informação sobre como o incomodo gerado pelas plataformas de atendimento através de TICs contribuiu para deflagrar o desenvolvimento da resolução N°11/2018, Rosane elencou outros fatores que também nos parecem ser “efeitos colaterais” dos aspectos ligados ao controle e restrição trazidos pelas resoluções anteriores, em especial pela resolução CFP n°11/2012 a saber: a impossibilidade de fiscalização em relação aos sites cadastrados, o fato de muitos psicólogos estarem fazendo atendimento *on-line* à revelia do sistema conselhos, as dúvidas geradas pelas restrições a 20 (vinte) sessões de orientação. Já como fatores importantes que não parecem ter relação com as resoluções anteriores, ela apontou o desenvolvimento das TICs e a forma como elas vinham alterando as possibilidades das relações sociais.

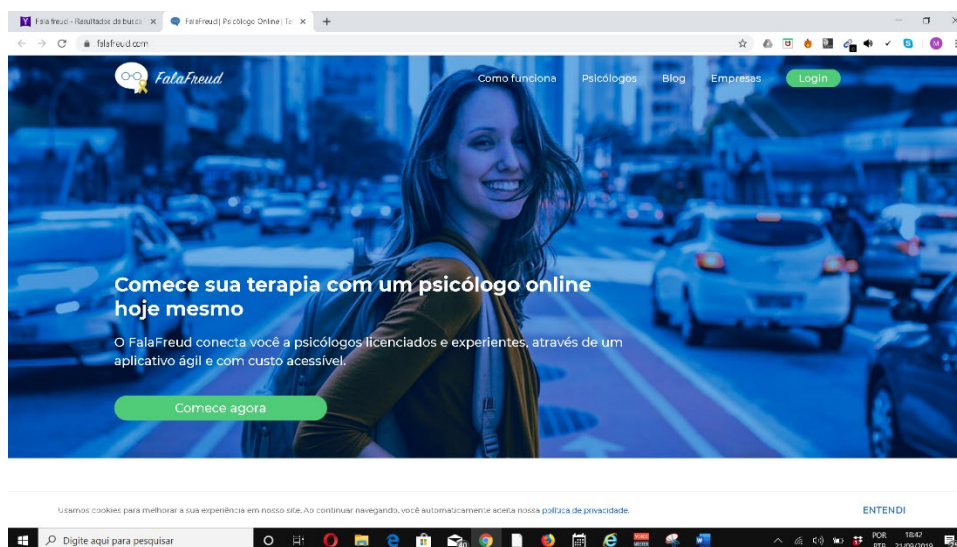
A entrevista com Rosane também nos trouxe uma compreensão interessante em relação ao processo de elaboração dessa resolução que removeu grande parte dos entraves para as práticas virtuais em psicologia.

Em seguida retrataremos nossa busca pela contribuição de Yonathan Yuri Faber empresário responsável pela plataforma Fala Freud.

3.2.8 Entrevista com Yonathan Yuri Faber, responsável pelo Fala Freud

Dia 21 de setembro de 2019 abrimos a página da internet do aplicativo “Fala Freud”. A página de abertura do site está retratada na figura abaixo:

Figura 26 – Página principal do site do Fala Freud.



Fonte: Site do Fala Freud acessado em 21 de setembro de 2019,

A Entrevista

No dia 26 de setembro de 2019, Rosane nos encaminhou o contato de Yuri, o responsável pelo Fala Freud e personagem importante no processo de liberação do atendimento *on-line*. Ele mora nos Estados Unidos, o que é bastante coerente com o contexto do atendimento a distância. Não sendo psicólogo, não deve fazer atendimentos, porém atua administrando sua plataforma de um outro país. No dia 30 do mesmo mês enviei a mensagem abaixo e não tive resposta:

Boa tarde, Yuri, tudo bem?

Meu nome é Marcelo Pinheiro, sou psicólogo e estou fazendo doutorado. Meu tema está ligado ao atendimento on-line. Rosane Granzotto me deu seu telefone. Gostaria de convidar você para uma entrevista.

Seria muito importante para minha pesquisa.

Você concordaria em participar?

Grato pela atenção.

Depois de algumas tentativas de contato telefônico, no dia 14 de outubro de 2019, consegui meu primeiro contato ao telefone com ele. Yuri me explicou que estava no supermercado comprando coisas para seu filho recém-nascido. Se mostrou solícito, explicou não ter respondido minha mensagem anterior por estar de férias e que, posteriormente havia caído no esquecimento. A partir daí me pediu

para que mandasse para ele uma mensagem de áudio com minhas perguntas que ele buscaria contribuir com minha pesquisa.

Enviei um áudio no mesmo dia, no qual explicava o sentido de minha pesquisa e que “dentro de minha percepção ele poderia colaborar muito, visto que acompanhou o processo de liberação do atendimento *on-line* de um ponto de vista bastante peculiar: não é psicólogo e acompanhou o processo de liberação:

Boa noite, como eu tinha dito antes, eu estou fazendo meu doutorado. O meu tema tem a ver com o processo de apropriação da virtualidade, dos recursos ligados à virtualidade, pela psicologia.

*Você termina que acompanhou isso a partir de um ponto de vista muito peculiar, né? Porque você administra uma estrutura, acho que é um site e um aplicativo, voltado para o atendimento *on-line*. Você já vem trabalhando com isso há um tempo, né? A Rosane Granzotto, foi a responsável pela última discussão que aconteceu sobre isso, para a confecção da resolução que liberou inclusive o atendimento *on-line*. Ela me disse que você foi muito ativo nesse processo, se colocou bastante e você acompanha esse processo de um ponto de vista que pra mim é bem interessante.*

Segundo ela, você não é psicólogo, mas administra esse aplicativo, que foi um aplicativo que obteve bastante espaço na mídia. Seria muito interessante saber do teu ponto de vista. Saber o que que você assistiu, não só assistiu como tem assistido, em relação a esse processo que a gente tem vivido no que se refere a se apropriar desses recursos ligados à virtualidade.

Então que temas você acha interessante abordar acerca do processo de liberação? Assim, eu fico muito interessado relação ao que que você viu. O que chamou a sua atenção? Como você percebe a forma como os profissionais da psicologia e a própria psicologia, enquanto conselho, está lidando com esse processo? Seria bem interessante ter o ponto de vista de alguém que está olhando à partir de um lugar diferente do lugar do psicólogo.

*Uma outra pergunta: você acompanhou o processo de liberação do atendimento *on-line* por parte do CFP, como você avalia esse processo? Assim, qual a tua visão em relação à forma como esse processo vem sendo conduzido? Então, meu interesse é saber o que que você poderia contribuir em relação ao que você assistiu, o que você viveu nesse processo, do lugar de alguém que está trabalhando com a área, mas não é psicólogo. Então, isso é, o teu lugar, o teu ponto de vista pra mim termina sendo muito importante. É especial por causa disso. Você é alguém que tá lidando com a situação e olha por um outro viés, entendeu? Então isso pra mim pode ser bem interessante. E a tua participação, você pode estar*

conversando comigo via WhatsApp, ou a gente pode marcar pra fazer uma videoconferência. Você vai colocar o que você quiser colocar e você pode retirar e atualizar a qualquer momento, para que se use o material que a gente vai estar produzindo. Fico aguardando um retorno seu. Um abraço.

Yuri respondeu, por texto, minhas perguntas da seguinte forma:

Tô aqui disponível para te ajudar, pode enviar suas perguntas detalhadas

digitando com apenas uma mão e segurando meu filho.

Realmente não sou psicólogo, acho que os psicólogos que tentaram ou os que venham a tentar fazer uma plataforma não terão êxito. Muitos não teriam a coragem ou o entendimento de como ser disruptivo e, ainda assim, ir contra o código de ética em prol dos usuários. Só conseguimos crescer e chegar onde chegamos porque batemos o pé no chão e fomos adiante, mesmo com toda a classe contra a gente. Se não tivéssemos criado tanta confusão, não haveria uma nova resolução hoje.

2 - Acho que os conselhos ainda são antiquados e despreparados, em sua grande maioria são pessoas que não entendem nada de internet e de serviços disruptivos... ainda pensam como se pensava há 30/40 anos atrás. Do outro lado, a formação de psicologia no Brasil, pelo que me parece e o que já foi falado pela nossa equipe no FalaFreud, não prepara os psicólogos para essa nova forma de atendimento... muitos saem da faculdade e não sabem nem vender um picolé, por isso muitos acabam não obtendo sucesso em suas carreiras e correm para atender on-line como uma forma de ganhar dinheiro sem ter que trabalhar muito, mas depois descobrem que a quantidade de trabalho é igual ou maior que no consultório....

Se você tiver algumas perguntas detalhadas, me avisa.

O posicionamento de Yuri é muito enfático. Traz um olhar bastante crítico no que se refere à formação do psicólogo, em especial no que se refere às possibilidades de empreendedorismo. Essa fala nos remete à percepção de que muitos cursos de graduação em psicologia não tratam de um tema muito importante para profissionais liberais: a gestão de carreira. O psicólogo clínico precisa gerir sua carreira como autônomo e suas formações acadêmicas normalmente não os preparam para isso.

Quanto a ser disruptivo, essa colocação nos remete ao tensionamento em relação à absorção de novas tecnologias. O cenário vivido a partir da experiência propiciada pela pandemia Covid-19 evidenciou o quanto a resistência às práticas

através de TICs tinham muito mais relação com uma dificuldade em ser disruptivo, do que a algum tipo de inadequação em relação a essas práticas. Esse tema é mais bem discutido no item 4.3.15.

De alguma forma parece ser difícil viver a inovação em psicologia. Pelo menos, no caso específico do processo de apropriação de tecnologias de informação e comunicação, esse processo não pareceu se dar de modo fluido.

A seguir trataremos de alguns outros depoimentos que podem contribuir com nossas compreensões acerca do processo de regulamentação e de apropriação das TICs por parte dos psicólogos brasileiros.

3.3 OUTRAS ENTREVISTAS RELATIVAS AO PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS MEDIADAS POR TICs

Fizemos mais duas entrevistas que podem contribuir para a compreensão do contexto histórico em que o processo de regulamentação foi sendo desenvolvido e também com nossa busca de compreensão em relação ao processo de apropriação das práticas através de TICs por parte dos psicólogos Brasileiros

3.3.1 Entrevista com Ivelise Fortim de Campos

Em 15 de setembro de 2020 realizamos nossa entrevista com Ivelise Fortim, psicóloga de São Paulo, atual responsável pelo grupo de pesquisa Janus, anteriormente conhecido como Núcleo de pesquisa de psicologia e informática (NPPI) um dos centros pioneiros no que se refere ao atendimento mediado por TICs no Brasil. Ivelise nos contou que o NPPI foi criado em 1995 pelos professores Rosa Farah e Lorival de Campos Novo. No começo eles fizeram uma Home Page basicamente para a clínica ter um site, depois esse site passou para PUC como um todo. A PUC gerencia os sites. E o que aconteceu foi que eles começaram a receber demanda por meio dessa página. Eles começaram a receber muitas pessoas que mandavam e-mails pedindo ajuda “*Então, tô mal me ajudem*”. E aí aos poucos eles começaram a pensar o que poderiam fazer com aqueles pedidos de ajuda, “*que era meio inusitado*”. De início eles ofereceram a clínica presencial, depois de um debate: Do que eles poderiam fazer, a opção foi a de começar a responder essas mensagens. Nessa época Ivelise não era uma estagiária, pois já era formada, mais estava entrando naquele contexto, buscando pensar aquele serviço. Paralelo a isso

estavam acontecendo as discussões que culminaram com a resolução de 2000. Conta que participou dos debates do conselho relativos à construção daquela resolução.

Conta que se mantiveram trabalhando com e-mails até o falecimento da professora Rosa Fará cerca de 3 anos antes daquela entrevista. Que assumiu o serviço a partir deste período e com isso mudou o nome e reformulou a atuação acrescentando as práticas *on-line*. Conta que ainda fazem atendimento por e-mail em função das dificuldades com usos de dados, e também, em função do sigilo. Algumas pessoas estão com dificuldades com o sigilo, pois as famílias estão muito em casa.

Quando perguntada sobre as vozes resistentes a essas práticas ela traz que identificava questões ligadas à linha teórica. O pessoal da comportamental era mais a favor dessas práticas.

Ao ser perguntada em relação a porque no Brasil, diferente de em muitos outros países nós tenhamos vivido este movimento de restrição e controle em relação ao atendimento *on-line*, ela nos traz que acredita que um dos fatores que teria influenciado no sentido do movimento de restringir o atendimento *on-line* teria relação com a reserva de mercado. Conta que eles achavam que se liberassem o atendimento *on-line* iriam prejudicar outros tipos de atendimentos.

Ivelise afirma que não se estaria pensando em pontos que são muito importantes como a “Lei geral de proteção de dados” isso deveria estar sendo discutido e não estaria sendo. Afirma que atendimentos através de redes sociais como o Whatsapp alimentariam os algoritmos dessas empresas e que isso seria um absurdo. Traz também a necessidade de discutir os ICBTs (Internet-based cognitive behavioral therapy) que tem relação com a TCC feita por robôs, que essa prática está chegando forte no Brasil e isso precisa ser discutido. Fala que fora do Brasil isso já existe há muito tempo e que o psicólogo só entra calibrando a inteligência artificial que estaria por detrás dessas práticas. Conta inclusive que ela já foi procurada para isso.

Ivelise coloca também que todas as legislações ficariam correndo atrás da tecnologia, que isso não seria exclusividade do nosso conselho. *“porque enquanto a gente tá fazendo a resolução pra ser aprovado. Cara. A tecnologia já deu dois saltos, entendeu? E isso é só um problema geral de legislação. A legislação está sempre correndo atrás.”* Dá o exemplo das *fake news*, conta que a secretária do

Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tinha afirmado que enquanto a indústria da *fake news* está de Ferrari o TSE está indo atrás a cavalo.

Em relação às resoluções de 2000 e de 2005, conta que em 2000 a internet ainda estava muito ruim, o acesso ainda era discado e que em 2005 a internet já estava melhor, o que justificaria uma maior liberalidade, e também, que naquela época já havia muita gente atendendo, independente do conselho. Isso teria gerado uma série de discussões acerca da hipocrisia da situação

Nas palavras de Ivelise:

Começou a ter uma série de problemas porque você punha o site e aí você dava um selo pra pessoa. Você dava um selo como estava descrito no site. Só que aí a pessoa ia e atualizava o site e colocava qualquer outra baboseira e o selo tava lá, entendeu? E você deu o selo pra pessoa e aí a pessoa mudou o site. E aí o conselho tinha que ir lá e ver que ela mudou pra caçar o selo. Você acha que o conselho tem braço pra 50 mil sites?

Daí pra frente começou a se fazer uma discussão sobre a questão de um selo e sempre se fez uma discussão. Isso geral de qual a necessidade de selo e do cadastro? Isso é uma discussão desde o começo. Porque você não se cadastra para nenhum outro serviço no conselho. Você já tem CRP. Então assim sempre teve uma discussão que esse selo esse cadastro não fazer sentido ou isso é uma prática da psicologia permitida e é assim que as coisas são. Pode fazer se pode fazer. Agora ninguém pede para você ter cadastro para atender na psicologia hospitalar, ninguém pede para você fazer cadastro para atender na escola. Então mesmo dentro do conselho, né? E fora, sempre teve essa crítica. A gente tá fazendo o que? A gente tá fazendo um CRP a parte para atender on-line. Não faz sentido isso. Entendeu?

Eu acho que tem questões políticas das gestões do conselho, mas eu não saberia te dizer grupos específicos sabe? Mas eu acho que tem questões políticas também. Mesmo hoje por exemplo, teve que liberar estágio on-line não sei se você acompanhou essa discussão? Do estágio?

Na polémica do ensino *on-line* fica visível o posicionamento dos regionais. O CRP de São Paulo é muito mais favorável à liberação que os outros, percebia uma aliança entre o federal e o conselho de São Paulo em relação a essa questão.

Conta que na véspera de nossa entrevista havia dado uma palestra na semana de psicologia de uma faculdade de Santos e uma professora se manifestou de uma forma muito crítica ao atendimento *on-line* afirmando que o atendimento *on-*

line desumaniza e as pessoas precisam de interação humana, que *on-line* não seria relação humana, Ivelise diz que desumanizar seria deixar de ser humano, sendo assim quando se fala pelo computador se deixaria de ser pessoa, passaria a ser robô! Como se as pessoas fossem ficando robotizadas. Ivelise afirma que essa crítica de desumanização é frequente e que ela não compreende bem o que ela significaria.

Comenta sobre a primeira frase do conselho no documento sobre ensino de psicologia durante o isolamento social “psicologia se faz com presença”, como se a telepresença não fosse uma presença de verdade. Afirma que de fato a telepresença não seria igual a presença física, mas que para algumas pessoas é como se não fosse uma interação verdadeira. Ivelise conta que em um episódio anterior em que a professora Rosa estava dando uma palestra na UNIP e uma professora gritou com ela falando “*Vocês estão brincando com coisa muito séria! Vocês acham que terapia é brincadeira? Porque para mim, fazer terapia on-line isso ai é brincadeira. Vocês estão fingindo de fazer terapia, para fazer terapia um tem que estar na frente do outro!*” Então tem essa crítica como se não fosse terapia de verdade.

Fala que “*deixar um áudio no whatsapp é muito mais perigoso do que a invasão de hackers. É muito frequente existir uma inabilidade em mexer no computador, daí você tem uma crítica de algo que a pessoa não entende direito, não sabe como é, não sabe muito bem como funciona e já acha que é ruim porque é mediado. E eu não sei se a pessoa sabe dizer o que ela acha ruim.*” Conta que “*em um episódio quando estava discutindo o tema em uma outra ocasião, uma das pessoas que estava na mesa falava assim: “não, mas isso é errado,” e quando ela perguntava por que seria errado a pessoa respondia “porque não é assim que se faz.” Tá, mas por que que não é assim que se faz? A impressão que me dá é que a pessoa acha que aquilo está errado, mas não sabe dizer por que aquilo está errado. Tem uma coisa das pessoas serem contra sem saber o que é.*” Conta que nos idos de 2000 tinha uma afirmação de que não seria possível fazer vínculo *on-line*. “*Esse papo tinha bastante, até a pesquisa do Oliver foi um pouco por conta disso.*”

Ivelise coloca que concorda com as críticas em relação ao atendimento a crianças porque seria muito difícil fazer esse tipo de atendimento, porque não se conseguiria manter a criança na frente do computador, porque a interação com a criança é uma interação corporal e no *on-line* você não consegue ter uma interação

corporal. Ivelise conta que tem medo da questão do suicídio visto que já é difícil o manejo no presencial, quanto mais no atendimento *on-line*. Também seria difícil o atendimento a psicóticos pela dificuldade do manejo. Cita também a dificuldade com o atendimento a pessoas de fora do país. Conta que teriam pessoas que teriam levado seus negócios para fora do país para sair da jurisdição do conselho, cita o Fala Freud, que teria ido para Miami, que eles teriam ido em vários conselhos até conseguir um CRP que aprovasse. Comenta que outra questão seria o uso do preço como propaganda, também a questão da “Uberização” da profissão.

A entrevista com Ivelise foi muito interessante. Ela nos fala a partir de um lugar muito central tanto no que se refere ao processo de regulamentação da atuação do psicólogo através de recursos virtuais, como também de quem vem estudando e discutindo esse processo há bastante tempo. Ela contribuiu em nossa pesquisa com uma visão histórica, em relação a forma como o Sistema Conselhos lidou com o processo de regulamentação das práticas através de TICs. Trouxe detalhes sobre o trabalho desenvolvido na PUC de São Paulo, aspectos e experiências que nos ajudam a compreender algumas das tensões presentes em nosso campo de pesquisa.

Seus relatos sobre a forma como aconteciam as críticas ao trabalho através de TICs evidencia essas tensões. Aponta para incômodos que não conseguiam ser traduzidos em palavras. Como se algumas pessoas tivessem uma certa intuição de que essas possibilidades não seriam apropriadas, mas não conseguissem explicar claramente o porquê. E mesmo quando alguma explicação era desenvolvida, não parecia muito plausível para ela que de fato estudava o assunto de forma consistente.

Ivelise também chamou nossa atenção para discussões que não têm estado muito presentes no âmbito da psicologia, em especial para o uso de ICBTs, contribuição que culminou na construção do capítulo 5 (cinco) de nossa tese onde tratamos de outras tecnologias que trazem um potencial de mudança muito grande para as práticas psicológicas, a saber inteligência artificial, realidade aumentada e realidade virtual.

3.3.2 Entrevista com Carmelita Gomes Rodrigues

Em 17/09/2020 tivemos nossa entrevista com Carmelita. Autora de uma dissertação de mestrado sobre atendimento psicoterapêutico através de TICs. Ela

nos conta que fez a coleta de dados para sua pesquisa no segundo semestre de 2013, que defendeu sua dissertação em junho de 2014 e que daquela data até 2020 se afastou bastante do atendimento através de TICs. Neste período só havia atendido 2 (duas) pessoas. Conta que fez um site, porém não divulgou muito e trabalhou com valores que talvez fossem elevados, quando comparados com o de outros profissionais. Conta que ficou com a impressão que a ideia do atendimento on-line *“não atraía, só em caso de muito desespero as pessoas recorreriam ao atendimento on-line e que na pandemia isso foi quebrado na marra”* Conta que escutou de algumas pessoas, a partir do contexto da pandemia que quando acabasse a pandemia continuariam fazendo on-line por terem gostado muito. Reproduzindo os resultados positivos que ela havia encontrado durante sua pesquisa. Carmelita conta que, após o término de sua pesquisa, se aquietou um pouco em relação ao atendimento *on-line*, até porque, prefere o atendimento presencial.

Quanto ao encontro de discursos contrários ao atendimento on-line durante sua pesquisa, ela nos conta que ao pedir apoio a profissionais que trabalhavam na mesma instituição que ela no sentido de encontrarem clientes que se voluntariassem para a sua pesquisa, eram cerca de 18 (dezoito) Psicólogos e 6 (seis) psiquiatras, e todo esse universo apenas uma psiquiatra aderiu a proposta. Carmelita acredita que naquela época a possibilidade do atendimento on-line talvez fosse muito distante para aquelas pessoas.

Carmelita relata que seu próprio orientador resistiu a seu tema de pesquisa buscando desencorajá-la em relação ao mesmo. Na ocasião ele havia pensado na reputação dele, na segurança da faculdade, na segurança dos pacientes e na segurança da própria Carmelita. *“Esses receios hoje soam quase como imaturidade, porém na época não era assim, essas preocupações eram pertinentes.”* O fato do conselho não aprovar justificava essa preocupação. Carmelita conta que na época o conselho estava incomodado, recebia demandas de psicólogos que tinham interesse em realizar atendimentos, tinham denúncias de que haviam profissionais atuando à revelia do conselho. Relata que um amigo que buscou se informar com o conselho em relação a uma situação que estava vivendo achou tudo muito burocrático e fez a opção de realizar seu atendimento à revelia do CRP, optou por acolher a pessoa que estava precisando de ajuda ao invés de ficar com as regras do Conselho. Ele

havia tentado fazer a coisa certa, porém esbarrou com uma barreira burocrática tão grande que se tivesse optado por seguir os trâmites a cliente ficaria desassistida.

Dentro deste contexto ela coloca o conselho no rol de quem foi muito resistente, excessivamente cauteloso. Que seria importante levar em consideração as limitações do conselho. Os conselheiros não são remunerados, não teriam tempo para ler os artigos de fora e que teriam poucas pesquisas dentro do país.

Carmelita conta que se surpreendeu quando em 2018 houve a liberação. Inclusive ficou preocupada. Achou que a resolução teria sido liberal em demasia. Conta que ela defendia a liberação, porém com alguns cuidados. Conta que acha que *“no presencial as coisas já são muito frouxas, imagina no on-line que a distância pode ser usada para encobrir algum despreparo ou até a má fé do psicólogo. Quem vai checar, Marcelo?”* Coloca que o fato de psicoterapia não ser exclusividade do psicólogo também é um fator preocupante. Poderia ser difícil para o cliente ter informação da qualidade de quem está fazendo o atendimento. *“Como vai saber se é um psicólogo?”*

Conta que um amigo dela ao procurar terapia on-line enfrentou dificuldades para encontrar um bom profissional. Viveu uma situação em que um terapeuta solicitou que ele preenchesse um formulário depois desapareceu, bloqueou ele no Whatsapp e não deu mais nenhum retorno. Segundo ela no presencial tem o cara a cara, ficaria mais fácil identificar os maus profissionais, enfatiza que estamos vivendo uma crise moral no Brasil. Não existiriam amarras éticas, as pessoas achariam que vale tudo e estariam perdendo o respeito em relação ao outro e que o conselho serve para isso, para esse controle. As pessoas que buscam terapia seriam pessoas que estariam fragilizadas e isso pode diminuir o senso crítico.

Carmelita pontua que não daria para comparar a abertura vivida em outros países com a realidade brasileira em razão da diferença moral, até porque a legislação nesses outros países é bem mais rígida que a brasileira. Um erro médico nos Estados Unidos gera uma indenização gigantesca, o que faz com que os outros pensem muito bem no que estão fazendo. Conta que em um artigo que escreveu sobre os cuidados a serem tomados neste tipo de atendimento e indica a necessidade do atendimento por vídeo como forma de garantir um pouco mais a identidade do profissional que está do outro lado.

Carmelita nos traz também como as restrições ligadas a ter um site com um selo do conselho foram obstáculos difíceis de serem superados quando da

realização de sua pesquisa. Relata que para ela o que ajudou foi ter parentes que dominavam essas tecnologias e a ajudaram nesse ponto, mas que para os psicólogos de forma geral esse obstáculo era muito grande e que dificultaria a realização de pesquisas na área. Conta também que um empresário ligado à segurança na informática viabilizou a pesquisa visto que seu orientador estava muito reticente e a busca de um suporte no que se referia à segurança foi fundamental para que ela tivesse o aceite do mesmo, e que esse empresário deu suporte a ela de forma gratuita, caso contrário não teria conseguido fazer sua pesquisa.

Conversamos sobre a percepção de que pessoas que não eram ligadas a psicologia se empolgavam mais com o tema do atendimento *on-line* do que os próprios psicólogos. Carmelita coloca que isso talvez tenha relação com um certo conservadorismo do campo da psicologia.

Carmelita coloca também que, muito a partir da influência do campo de pesquisas de seu orientador, que tinha o suicídio como tema, ela teve uma preocupação especial com os riscos ligados a possibilidade de suicídio no que se refere ao atendimento *on-line*. Conta que chegou a interromper um atendimento por perceber essa possibilidade em um caso específico. Questiona se só colocar essa restrição na resolução resolveria ou se não seria interessante que fossem feitas palestras, cursos, treinamentos e outras intervenções do gênero. Conta que ao longo de todo o período de 3 anos que levou fazendo sua pesquisa procurou por eventos ligados à psicoterapia *on-line* e não ocorreu nenhum. Tinha ocorrido um em 2011, antes de seu período de estudos. Ela coloca também que mesmo na atualidade seria importante que o conselho promovesse eventos que auxiliassem o psicólogo dentro da situação que estamos vivendo com a pandemia.

Um dos pontos mais marcantes na entrevista de Carmelita tem relação com a resistência que ela encontra para fazer sua pesquisa. Como o meio acadêmico se mostrou pouco aberto para receber sua investigação, ela teve de viver quase uma corrida de obstáculos para conseguir realizar seu trabalho. Muito marcante a fala de seu orientador sobre os riscos para a reputação de quem viesse a pesquisar esse tema.

É como se existisse uma espécie de tabu velado sobre o assunto. Não é estranho que dentro deste contexto a própria Carmelita perdesse um pouco seu interesse pelo tema. Interessante pensar que um dos argumentos para manter a proibição da psicoterapia *on-line* era a falta de pesquisas. Como superar a falta de

pesquisas quando o meio acadêmico, para onde vão grande parte das verbas destinadas à pesquisa, pelo menos na experiência de Carmelita, não estava aberto a realização das pesquisas sobre esse tema.

Depois de acompanharmos o longo caminho trilhado para que o psicólogo brasileiro pudesse trabalhar utilizando Tecnologias de Informação e Comunicação em suas práticas cotidianas, faremos alguns comentários acerca desta etapa de nosso processo de apropriação em relação a esses meios de comunicação.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS ATRAVÉS DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Após nos aproximarmos de uma história de cerca de 25 anos de discussão e regulamentações acerca do que inicialmente foi chamado de tele psicologia, hoje em junho de 2021, imerso e atravessados por um contexto de isolamento social que transformou profundamente nossas práticas psicológicas, como trataremos no próximo capítulo, vale tecer alguns comentários sobre nosso processo de regulamentação:

Com 6 (seis) resoluções a atuação através de TICs, até o momento, foi um dos temas relativos à prática psicológica que mereceu mais resoluções por parte do CFP. De certa forma isso fala da fluidez de nosso tema, de como o contexto ligado a essas práticas está em constante transformação e também do aspecto polêmico que marca o assunto.

Algumas forças marcaram o cenário agonístico desse processo. A primeira está ligada à deriva tecnológica que paulatina e continuamente foi introduzindo modificações no contexto das possibilidades de comunicação à distância em nossa civilização. Essa deriva transformou hábitos e costumes abrindo espaço para o que vivenciamos na atualidade. Vivemos um momento histórico de pandemia em que podemos afirmar que a ampla maioria dos psicólogos brasileiros vem atuando há mais de um ano através de TICs.

Em um certo sentido o processo de liberação vem se dando parcimoniosamente. As resoluções parecem trazer um movimento de abertura, porém buscam manter alguma forma de controle. Sistemáticamente as tentativas de

controle veem sendo colocadas em xeque pelas situações da deriva humana. Tem sido como tentar segurar água. Se existe um caminho, a água encontra e se esvai através dele. O telefone foi proibido, surgiu o computador. Se criou um selo e a necessidade de manutenção por parte do psicólogo de um site exclusivo para esta atividade, isso deu margem a precarização das relações de trabalho, já que gerou a criação de uma série de sites que passaram a receber uma espécie de aluguel dos psicólogos para que estes pudessem atuar nesta modalidade. Foi definido um número máximo de 20 sessões de orientação, esse movimento não foi respeitado por inúmeros psicólogos. Foram estabelecidas algumas limitações para o atendimento *on-line* veio a COVID-19 e fez com que essas restrições fossem revogadas. É como se o Sistema Conselhos buscasse resistir às transformações culturais performadas pelas mudanças tecnológicas e as situações de vida fossem jogando por terra essas resistências.

O sistema Conselhos de Psicologia teve uma atuação marcante no sentido de frear o avanço da telepsicologia como pudemos observar no descompasso entre as demandas da categoria expressas nos CNPs e as regulamentações construídas ao longo dos anos.

O meio acadêmico esteve presente em nosso palco agonístico atuando muito mais como agente de conservação dos hábitos já instaurados em nossas práticas psicológicas do que como agente de transformação. Fenômeno que aparece na narrativa de vários de nossos entrevistados e que marca de forma direta os processos decisórios no sistema conselhos. Identificamos que muitos dos integrantes do sistema conselhos são docentes e estão ligados à academia.

Um questionamento se faz presente: A academia, área em que temos os principais financiamentos de pesquisa, não deveria abrir espaços para inovações, construídas de forma segura e consistente, porém, apontando para avanços tecnológicos? O que acontece na classe dos psicólogos para que isso não se dê dessa forma?

Parece existir uma forte conexão entre os profissionais ligados ao meio acadêmico e a estrutura do sistema conselhos de psicologia. Pesquisando a composição da plenária atual deste sistema encontramos a seguinte composição: Elencamos 106 conselheiros, desses cerca de 52 (49,05%) atuam na área do ensino; 44 (41,5%) atuam em outras áreas; não conseguimos encontrar a ocupação

de 10 (9,43%) conselheiros. Quando checamos a profissão dos conselheiros que ocupam a presidência de seus Conselhos identificamos que dos 25 presidentes 15 (60%) são professores; 8 (32%) têm outras ocupações e em 2 (8%) casos não conseguimos encontrar a ocupação. No que se refere ao CFP, no universo de 11 conselheiros encontramos 9 (81,81%) ligados à academia e apenas 2 (18,18%) sem esse tipo de ligação. Cabe ressaltar que a presidente do CFP está ligada à educação. Não precisamos fazer um levantamento das áreas de atuação dos psicólogos de forma geral para percebermos que os percentuais elencados acima não retratam a composição de nossa categoria. Seria interessante que os órgãos decisórios de nossa categoria fossem compostos por profissionais ligados às várias áreas de atuação de nossa classe. Talvez dessa forma as instâncias decisórias de nossa classe conseguissem estar mais sintônicas com as demandas da categoria.

A colocação de Roseli Goffman, de que o movimento da necessidade de controle em relação às práticas on-line, também teria relação com aspectos difíceis de serem registrados. de “uma certa produção subjetiva”, de que parecia existir um grande grupo de resistência, contrário ao atendimento on-line. Segundo a mesma, seria um pessoal da psicanálise e alguns psicólogos mais conservadores. Existiria uma resistência difícil de ser mapeada. E que *“se a gente ali em 2012 abrisse para o atendimento on-line, sem as pesquisas, nós seríamos muito atacados, muito atacados, ocorreria uma reação muito forte”*. A fala de Carmelita em relação à busca de proteção de reputações em jogo diante do tema de sua pesquisa. A forma como ela coloca a preocupação de seu orientador em relação aos riscos no que se refere a imagem da própria Carmelita, da instituição em que atuavam e da reputação dele como orientador, em função de sua busca de estudar o atendimento através de TICs. A conversa com Rosane sobre a percepção de que o primeiro centro a abrir o tema sofreria um linchamento por parte de outros centros. A demanda de nosso antigo orientador de que eu substituísse as palavras “liberação do atendimento on-line” por “leniência em relação ao atendimento on-line”. A ideia de leniência se aproxima da ideia de tolerância, dessa forma substituir liberação por leniência traz um sentido de contrariedade, de ausência de apoio. A pergunta realizada no Diálogo digital de 06 de novembro de 2018: *“Por que o atendimento on-line é tão malvisto pelos profissionais brasileiros, e principalmente nas universidades, faculdades, por parte de professores mais antigos?”* Todas essas situações nos fazem pensar sobre

uma certa rejeição às mudanças, uma certa necessidade de cuidado com os riscos em relação a possibilidade de perda de reputação que parece ter sido vivida por muitos profissionais no campo da psicologia ao pensarem em se alinhar com a temática de nossa pesquisa.

3.4.1 Quem “sou eu” diante de toda essa história?

Nesse fragmento do texto me darei a autorização de falar em primeira pessoa. Observar as questões suscitadas acima me remete ao processo de escolha de meu tema de pesquisa. De certa forma eu me senti livre para trabalhar neste tema em função de um contexto muito específico. Me parece importante examinar o cenário que fez com que eu me sentisse aberto para fazer o que eu tivesse vontade e achasse adequado, sem me preocupar com possíveis consequências para a minha reputação junto comunidade à gestáltica.

O contexto que em 2017 me fez sentir livre em relação a qualquer possível difamação perante a comunidade gestáltica passa por uma história que começa no ano de 2013, em uma conexão de um voo com destino a Cartagena das Índias, Cidade turística da Colômbia. Nesta conexão encontrei um casal de brasileiros que estava indo para o mesmo objetivo que eu. O XIII Congresso internacional de Gestalt-Terapia. No momento daquele encontro discutimos algumas impressões em relação a aspectos demasiadamente políticos que identificávamos na organização daquele evento. Nitidamente uma determinada corrente da Gestalt-Terapia havia construído o evento a partir de interesses muito próprios. Tínhamos a impressão de que este tipo de movimento era prejudicial para o desenvolvimento de nossa abordagem, sendo assim, conversamos sobre a possibilidade de trazer o evento para o Brasil.

O referido casal propôs o meu nome para presidir o XIV Congresso Internacional de Gestalt-Terapia. Esta proposta se deu em função de minha inserção no universo da Gestalt-Terapia brasileira. Eu Coordenava um Instituto de Gestalt-Terapia, era o editor da primeira revista virtual de circulação gratuita dessa abordagem no Brasil, coordenava o CDGB centro de documentação da Gestalt-Terapia brasileira, iniciativa que tinha como objetivo filmar os congressos nacionais e estaduais da Gestalt-Terapia e disponibilizar gratuitamente os vídeos através da internet com a finalidade de divulgar essa abordagem e, também, promover o

diálogo entre os Gestalt-Terapeutas brasileiros. Tinha um excelente trânsito entre os Gestalt-Terapeutas de uma forma geral. Essas inserções me credenciavam para a função.

Para mim aquele era um grande desafio, porém, um desafio irrecusável. Meu nome foi aceito e com isso assumi uma enorme responsabilidade. Chegando ao Rio de Janeiro uma de minhas primeiras medidas foi convocar uma reunião com os representantes dos diversos centros formadores presentes em nossa Cidade e dos professores universitários ligados à Gestalt-Terapia do Rio de Janeiro. Meu objetivo era compor uma liga para organizar aquele evento. Convoquei também os alunos do IGT para participarem desse processo de organização.

Nessa primeira reunião algumas pessoas, ligadas a outro instituto, se colocaram de forma extremamente hostil. Questionando o fato de termos trazido o evento para o Rio de Janeiro, como se isso fosse um absurdo. Uma das pessoas mostrou seu celular e perguntou por que eu não havia ligado de lá para perguntar se deveria trazer o evento ou não. Não satisfeita essa mesma pessoa inquiriu os participantes da reunião, em especial os alunos do IGT, perguntando quem eram eles, como que afirmando que eles não teriam legitimidade para organizar um congresso de Gestalt-terapia. Aquelas posturas me fizeram abrir mão do movimento de tentar unir as pessoas ao redor daquele congresso. Eu sabia da força que tinha o nome daquele encontro, da força da Gestalt-Terapia no Rio de Janeiro e do poder de atração de minha cidade.

Busquei apoio da UERJ e tive a minha disposição uma estrutura gigantesca: 21 salas, 4 auditórios com capacidade para 250 pessoas cada, uma igreja ecumênica, um teatro com capacidade para 1000 pessoas, e todo o apoio logístico da Sexta maior faculdade da América Latina. Tudo o que eu solicitei à UERJ, me foi concedido. Mesmo com a resistência de algumas pessoas conseguimos organizar o maior evento de Gestalt-Terapia de todos os tempos, com mais de 1300 inscritos, mais de 10 convidados internacionais, vários convidados nacionais e tudo mais que tínhamos direito.

Este evento gerou um incomodo muito grande em uma série de integrantes de nossa comunidade. De uma forma míope alguns indivíduos acreditavam que o sucesso daquele encontro seria ruim para seus interesses comerciais. Sofri pressões para que o congresso seguisse o mesmo viés do congresso anterior, isso

é, que o mesmo grupo que havia sido privilegiado no congresso anterior também tivesse o mesmo espaço em nosso evento. Não julguei necessário ceder a essas pressões. Dentro deste clima de tensão todos sabíamos que se qualquer coisa desse errada naquele congresso esses vários grupos de pessoas tentariam me crucificar.

Nosso evento estava marcado para os últimos dias de maio de 2015. Em 2014 Dilma Rousseff foi eleita para seu segundo mandato como presidente da república, mandato que não chegaria ao fim. O final de 2014 foi marcado por uma grande crise que afetou o repasse de verbas do governo federal para os estados brasileiros. Crise que atingiu diretamente os cofres da UERJ. A universidade no período entre o final de 2014 e o início de 2015 passou a fazer uso de sua prerrogativa contratual de pagar seus fornecedores de 3 em 3 meses. Ocorreram greves e surgiu um nível de tensão marcante no campus da universidade. Busquei acompanhar de perto todo aquele movimento. 15 dias antes do congresso a UERJ estava com suas contas em dia o que me tranquilizou.

Porém, próximo ao início do evento a prefeitura do Rio de Janeiro fez uma intervenção em uma comunidade vizinha à universidade. Algumas construções ilegais foram demolidas, o que gerou um tumulto. Um grupo de alunos da UERJ se envolveu na confusão e ao retornar à universidade vandalizou uma das entradas da mesma, quebraram vidros e entraram em confronto com os seguranças da instituição. Ocorre que este fato se deu na hora do credenciamento de nosso congresso. Gerando um grande tumulto e impossibilitando o bom andamento do credenciamento e gerando um movimento de evacuação da universidade. No dia seguinte ocorreram novas ameaças de tumulto o que fez com que precisássemos migrar o evento para a universidade Santa Úrsula, de forma a assegurarmos o espaço para a realização de todas as atividades. Assim foi feito, a organização passou a noite trabalhando e conseguimos fazer a migração. O espaço para as atividades foi assegurado.

Obviamente esse contexto, associado às dificuldades normais de um congresso daquelas proporções, deu espaço para que pessoas enciumadas associadas a pessoas que tinham interesses mercadológicos distintos usassem aquela situação para denegrir minha imagem, através das redes sociais. Meu advogado me orientou a não responder a nenhuma colocação, visto que meu

patrimônio pessoal ficou em risco dentro daquela circunstância. Duas pessoas fizeram o movimento de tentar formar grupos para me processar. Não obtiveram êxito, mas existia um risco que não podíamos descuidar. Dentro de uma visão jurídica qualquer coisa que eu colocasse em minha defesa poderia ser usada contra mim. Tive que assistir calado, para só me pronunciar em juízo, caso algum processo importante de fato viesse a acontecer, o que, de fato não veio a ocorrer.

Passar por aquela situação, de ver pessoas mal intencionadas criarem uma série de intrigas e de perceber como elas tiveram facilidade em jogar várias pessoas contra mim e depois de observar como muito pouca gente se levantou em minha defesa; ver pessoas que não faziam nada pela Gestalt-Terapia, que não fosse defender interesses pessoais de curto prazo, conseguiram denegrir a minha imagem daquela forma, fez com que deixasse de ser importante para mim prestar atenção em o que iriam ou não falar a meu respeito.

Cabe ressaltar que nenhuma das pessoas que agiram daquela forma tinham feito um décimo do que eu já havia feito por essa abordagem e mesmo assim falas ridículas e extremamente inconsistentes ganhavam crédito. Todo esse contexto me fez ter uma certa sensação de liberdade que foi muito importante em minha decisão de realizar essa pesquisa. Já não me importava de forma alguma se iriam ou não falar mal de mim por estar estudando este tema, que na época era visto como polêmico. Este contexto teve um papel muito significativo para minha escolha. De certa forma eu me sentia vacinado em relação ao vírus da difamação.

Me recordo nitidamente da sensação de liberdade e de como essa sensação teve um peso importante na definição de meu tema de pesquisa. Lembro de sentir uma certa satisfação ao me perceber livre para tratar de um tema que me parecia importante e muito promissor. Aquela seria uma das formas de transformar o limão que havia recebido em uma bela limonada. O futuro me daria razão.

Essa experiência torna necessário o questionamento em relação a porque existiria essa impressão de que mexer com esse tema daria margem a desqualificações. Que sentido tem este fenômeno? Por que esse tema traria esse tipo de rejeição? Por que seria importante a esquiva em relação a este tipo de crítica? O que desautorizaria as pessoas a pensarem de formas distintas?

De algum modo parece que as pessoas dentro deste universo são muito facilmente manipuláveis. O discurso maniqueísta parece não sofrer muita resistência. Pessoas são colocadas no lugar de “boazinhas” e de “mazinhas” com muita facilidade. Facções frequentemente são construídas ao redor desse tipo de discurso que desqualifica o outro.

Certamente este tipo de realidade não é exclusividade da psicologia, porém, dentro do contexto de nossa área, os aspectos políticos terminam tendo um peso muito significativo. Os profissionais ligados à psicologia sobrevivem muito a partir de suas famas. Ser bem-visto significa receber mais clientes, receber mais alunos nos casos dos cursos, network tem um peso muito importante, o que torna necessário um cuidado marcante com a imagem. Neste contexto coerente com a frase creditada a Napoleão Bonaparte “A versão vale mais que a verdade”.

É interessante notar que alguns dos entrevistados quando se referem ao movimento de resistência ao atendimento on-line falam de uma forma difusa em relação a esse movimento. É como se fosse uma resistência sem rosto. Parece que em nossa controvérsia não temos grupos unidos pela busca de liberação nem grupos unidos pela busca de manutenção das restrições ao atendimento on-line, são dois movimentos que se apresentam nas entrelinhas, com arautos pontuais. Porém, de alguma forma se fazia presente uma certa pressão social em torno do movimento de restrição às práticas virtuais na psicologia.

Ao refletir sobre a minha sensação de que sem estar vacinado contra difamação seria delicado tratar deste tema, enxergo também uma espécie de pressão sem rosto. Seria como se aquelas pessoas que teriam interesse mercadológico em denegrir minha imagem passassem a ter algum tipo de argumento desqualificador, um rótulo para apoiar o interesse na desqualificação.

Vale ressaltar que, infelizmente, no âmbito da Gestalt-Terapia temos uma tradição conflituosa muito presente. Com frequência centros de formação vizinhos apresentam uma convivência difícil, em que discursos maniqueístas constroem mocinhos e bandidos.

Como ilustração podemos citar os funerais do próprio Perls. Segundo Claudio Naranjo (IGT, 2007), ele teria sido insultado de tal forma em seu funeral que a ala da

Gestalt-Terapia que o apoiava fez um segundo funeral para ele em desagravo à primeira cerimônia.

Não sei se essas formas de relação marcam a sociedade humana de uma forma geral, mas sei que se fazem presentes de modo marcante nessa abordagem que a princípio seria formada de pessoas especialistas em estabelecer relação. Paradoxalmente “profissionais da relação” demonstram uma dificuldade muito grande de convivência.

No item considerações finais do livro que publiquei alguns meses antes da realização daquele congresso eu já havia escrito o seguinte fragmento:

As dificuldades de escrever na primeira pessoa do singular.

Como foi definido no item metodologia, busquei trabalhar o texto sempre com base na primeira pessoa do singular. Meu objetivo foi ser coerente com uma abordagem que estimula a discursos claros e bem demarcados. Desta forma, o agente do discurso fica melhor delineado. Não fica uma fala sem dono, uma fala não marcada.

Não foi fácil escrever um texto neste formato. Em muitos momentos me vi sentindo a necessidade de modificar frases, pois elas pareciam ganhar ares de arrogância por estarem na primeira pessoa do singular.

Esbarrar com a forma agressiva que o texto tomava em função da primeira pessoa do singular me remeteu diretamente a questões que marcam a história da Gestalt-Terapia, a saber: as dificuldades de relação entre os integrantes da comunidade gestáltica.

Presenciei inúmeras situações difíceis nos mais de vinte anos de convivência ativa no âmbito desta comunidade. Nestas situações, a falta de cuidado em relação ao outro, associada a posicionamentos demasiadamente autocentrados e muitas vezes até arrogantes, prejudicaram muito as possibilidades de um relacionamento mais cooperativo entre os gestalt-terapeutas. Estas dificuldades são recorrentes e prejudicam muito as possibilidades destes profissionais trabalharem em grupo. Elas marcam a história desta abordagem desde as primeiras gerações de gestalt-Terapeutas (JULIANO, 2004, p.13; GINGER, A; GINGER, S, 1995, p.61).

No que se refere ao Brasil, observo dificuldades principalmente entre os que atuam em uma mesma região. Não parece algo apenas de um ponto do país e sim algo que tende a se repetir, em alguns momentos, de uma forma geral.

A comunidade gestáltica brasileira tem funcionado bem quando se reúne ao redor de tarefas de curto prazo. Os congressos bianuais, organizados por comissões específicas para esta finalidade, funcionam bem. Os eventos acontecem e têm se mantido ao longo dos anos. Refiro-me em especial aos congressos nacionais desta abordagem, os quais vêm contribuindo de forma marcante para o desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil.

Já assisti vários movimentos de Gestalt-Terapeutas perderem força simplesmente porque as pessoas gradativamente iam se sentindo machucadas e se desmobilizavam. Por exemplo, os congressos estaduais no Rio de Janeiro acontecem a cada 2 anos, porém passam por dificuldades mais complexas. Os entraves relacionais afetam mais este tipo de congresso. Eles se repetem em uma mesma região geográfica. Não acontece o revezamento presente nos congressos nacionais que oscilam de Estado em Estado, gerando um revezamento em relação às suas comissões organizadoras.

Quando os congressos estaduais do Rio de Janeiro foram reeditados, novamente, como de costume, em um primeiro momento tivemos um número grande de pessoas participando da organização. Com o tempo e a sucessão dos eventos, mais uma vez assistimos ao esvaziamento deste grupo.

As tentativas de organização de associações formais de gestalt-terapeutas em nosso país também não têm sido bem-sucedidas. O "GT-Rio", uma associação de gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro, criada na década de noventa, se iniciou com muita força, porém, gradativamente foi perdendo seus membros até terminar. A associação Brasileira foi tentada, mas não chegou nem a ser fundada. Precisamos cuidar deste tipo de desgaste desnecessário.

Como coloquei no item 3.4, a ênfase da utilização das próprias sensações no desenvolvimento de trocas, quando mal-conduzida, pode levar a uma postura egocêntrica que se afasta dos aspectos mais fundamentais desta perspectiva, a saber, a crença de que o ser humano é um ser social e interdependente. (PERLS, 1981, p.126) Ter um bom relacionamento com o outro ser humano contribui muito para o viver saudável.

Não é fácil ocupar um lugar de coordenação dentro desta comunidade. Falo isto da posição de quem, neste momento, está presidindo um evento de grande porte, que cinco meses antes de sua realização já está alcançando a milésima inscrição. Refiro-me ao XIV Congresso Internacional de Gestalt-Terapia, que será realizado no Rio de Janeiro, em Maio de 2015.

Sem dúvida alguma, o maior desafio com o qual venho lidando para cumprir a missão de coordenar esta organização é administrar a fogueira das vaidades. Especialmente pela forma agressiva e sem autocrítica de algumas pessoas.

Minhas experiências anteriores, em funções de coordenação neste meio, têm sido fundamentais na lida com estas posturas. Especialmente no sentido de buscar escolher as danças que quero dançar. Procurar, dentro do possível, gentilmente abrir mão de convites a trocas desnecessariamente agressivas e bélicas.

Gestalt-terapeutas são profissionais da relação. Era de se esperar que conseguissem se relacionar com facilidade. Nem sempre isto acontece. Será que a comunidade Gestáltica paga um preço elevado pela valorização da auto-expressão? Do falar de forma direta? Do estar atento aos próprios sentimentos? Se a resposta a estas perguntas for positiva, seria muito importante repensarmos os processos de facilitação do desenvolvimento dos gestalt-terapeutas. Algo precisa ser revisto.

Não acredito que este seja um fenômeno que se restrinja à Gestalt-Terapia. Porém, penso que a comunidade gestáltica poderia ter ganhos importantes olhando com atenção para este tipo de situação. Inclusive este me parece um bom tema para pesquisa.

A perspectiva gestáltica tem muito que crescer e vem crescendo de forma marcante. Acredito que olhar para os entraves especialmente quando eles se repetem é uma escolha fundamental para darmos prosseguimento a nosso desenvolvimento de forma cada vez mais intensa. Como esta abordagem merece. (PINHEIRO DA SILVA, 2015, p.142-145)

3.4.2 Onde estão os Gestalt-Terapeutas na discussão do atendimento através de TICs?

A partir deste ponto buscaremos retomar a fala na primeira pessoa do plural. No fragmento acima e em todos os parágrafos nos quais nos expressamos na primeira pessoa do singular, buscamos tratar de um fenômeno observado na comunidade Gestáltica, porém, quando observamos o processo de regulamentação da atuação do psicólogo através de TICs identificamos descrições semelhantes experimentadas em um âmbito mais amplo. Estamos tratando da classe dos psicólogos de uma forma mais geral. Percebemos a existência de uma certa identidade nas descrições encontradas nesses dois âmbitos.

Cabe aqui retomarmos o questionamento em relação a onde estão os Gestalt-Terapeutas na discussão do atendimento através de TICs? Para tanto vale buscar a contribuição do livro de lançamento de nossa abordagem:

Em circunstâncias ideais o *self* não tem muita personalidade. [...] Onde o *self* tem muita personalidade, vimos, é porque carrega consigo muitas situações inacabadas, atitudes inflexíveis recorrentes, lealdades desastrosas, ou então abdicou completamente, e a sensação que tem de si próprio nas atitudes com relação a si mesmo são as que introjetou (PHG, 1997 p.230 - 231).

A afirmação acima trata de um aspecto marcante no que se refere à perspectiva gestáltica. Dentro dessa forma de olhar a possibilidade de ajustamento criativo diante de situações novas, como já vimos anteriormente, tem relação com a dinâmica de um organismo saudável. As cristalizações estão intimamente conectadas a buscas de ajustamento social. As cristalizações que marcam o que se entende como personalidade nessa perspectiva falam de ajustamentos neuróticos, explicitando um desencontro entre o indivíduo e seu mundo. Explicitando então aspectos do indivíduo e do meio. Por mais que a ideia de “situações ideais” citada no fragmento acima trate de uma realidade hipotética, parece que estamos mais

distantes de tais circunstâncias ideais do que gostaríamos. Parece que como comunidade, no que se refere à história do processo de apropriação das TICs, estivemos com fortes impedimentos para o fluir das possibilidades mais ousadas de ajustamentos criativos. Parece existir uma forte pressão para a manutenção de um certo *status quo*.

O lugar de vanguarda que seria coerente com profissionais ligados a uma abordagem necessariamente aberta como a gestáltica, talvez não seja o espaço que vem sendo mais ocupado por muitos gestalt-terapeutas na atualidade. Vale recordar que a arte da Gestalt-Terapia passa por cuidar de relações, por construir relações com o outro, encontrar a linguagem desse outro, se reinventar no contato com o outro.

Uma abordagem em que o “se reinventar” faria parte da rotina usual do dia a dia, na qual a busca de encontrar o outro seria nossa arte. O não habitar esse espaço abre a questão em relação a o quanto a comunidade Gestáltica tem funcionado, ou não, de forma coerente com suas crenças mais básicas. Como anda a qualidade de nosso discurso e de nossas relações?

3.4.3 O Centro de Valorização da Vida CVV

Um último ponto que gostaria de comentar referente ao quesito regulamentação é a existência do Centro de Valorização da Vida CVV, instituição responsável por apoiar emocionalmente um número enorme de pessoas, salvando muitas delas da possibilidade do suicídio. O CVV trabalha remotamente há muitos anos, enquanto nós psicólogos nos impedimos de atuar por esses meios. Fico muito feliz que essa organização venha ocupando uma parte da lacuna que a psicologia brasileira deixou em aberto durante esses 23 anos em que as práticas psicológicas à distância estiveram impedidas, mas me parece importante pensar em nossa responsabilidade social. A psicologia ocupa um espaço em nossa sociedade e somos responsáveis pelas consequências de nossas opções. Quando tomamos medidas como a de nos impedir de utilizar tecnologias disponíveis para ampliar nossas possibilidades de atuação ou quando atuamos de forma descuidada e pouco consistente, sem discutirmos cuidadosamente nossas práticas, consequências são vividas. Tanto a prudência excessiva quanto a falta de cuidado trazem

consequências para o mundo ao nosso redor, o cuidado na busca de equilíbrio entre esses extremos é uma questão que envolve nossa responsabilidade social.

Depois de examinarmos o processo de regulamentação das práticas psicológicas realizadas através de TICs, em nosso próximo capítulo tratamos de diversas histórias que compuseram o cenário de nosso campo tema. Utilizamos nossos registros de campo para balizar algumas das situações que foram experimentadas ao longo de nossa pesquisa. Buscamos fazer a demarcação dos diferentes contextos propiciados por acontecimentos que transformaram drasticamente o cenário de nossa investigação.

4 PONTOS DE INFLEXÃO (CLINÂMEN) E REPOSICIONAMENTOS. AS DIVERSAS TRANSFORMAÇÕES VIVIDAS EM NOSSO CAMPO TEMA: UM POUCO DE HISTÓRIA

Como já colocamos anteriormente os dois grandes pontos de inflexão que experimentamos em nosso processo de pesquisa foram a criação e entrada em vigor da resolução CFP nº 11/2018, que autorizou o psicólogo brasileiro a atuar através de TICs de forma mais livre e a entrada em vigor do processo de isolamento social decorrente da pandemia Covid-19. Utilizamos esses dois marcos como referência para balizar e distribuir os relatos de experiências que nós vivemos ao longo da construção desse trabalho. Experiências que de alguma forma puderam nos ajudar a construir compreensões em relação ao processo de apropriação dos psicólogos em relação às práticas mediadas por TICs, em especial no que se refere ao atendimento psicológico *on-line*.

Nessa fase da pesquisa, coerente com nossa metodologia de pesquisa, colocaremos o foco nas descrições das situações que conseguimos acompanhar, a ênfase estará nas características de cada fase experimentada e em o que conseguimos identificar sobre o processo de apropriação das TICs por parte dos psicólogos que acompanhamos em cada uma das mesmas. Não estaremos preocupados em identificar actantes e cosmos como fizemos no capítulo anterior. Procuramos ajustar nossa forma de aproximação às características do contexto investigado. No capítulo anterior tínhamos como foco a construção do processo de liberação de tais práticas, sendo assim fazia sentido mapear as forças que estavam em jogo, as controvérsias, os actantes que estavam atuando. No capítulo atual não

procuramos estar tão focados em controvérsias e sim nas nuances que se fizeram visíveis ao longo dos diferentes momentos que pudemos acompanhar. Tratamos de uma grande quantidade de situações específicas que tivemos a oportunidade de acessar a partir de nossa inserção em nosso campo tema. Procuramos explorar as diversas entradas que experimentamos em relação nossa área de pesquisa. Cada uma das situações descritas nos permitiu observar algumas nuances. São como várias pequenas janelas que nos permitem observar nosso tema por ângulos peculiares.

Utilizamos questionários, trabalhamos com gráficos, quadros e nuvens de palavras quando julgamos necessário. Buscamos descrever e examinar os aspectos de nosso campo-tema que conseguimos acessar por meio de nossas diversas inserções no universo pesquisado. Após as descrições, quando pertinente tecemos nossas considerações pessoais.

Seguindo a ordem cronológica, em um primeiro momento trataremos do período que precedeu a entrada em vigor da resolução CFP nº 11/2018. Lembrando que quando demos início a essa pesquisa não tínhamos notícias sobre a possibilidade de criação de uma nova resolução sobre esse tema.

4.1 PERÍODO PRÉ-RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 E PRÉ-COVID-19

Para fazer frente aos desafios de nossa investigação, na busca de nos aproximarmos/integrarmos mais a nosso campo de pesquisa, uma de nossas primeiras medidas foi a criação de um grupo de pesquisa com os alunos do IGT. Com esse intuito fizemos um convite aberto aos alunos e ex-alunos do instituto. Nossa convocação foi atendida por cerca de 8 (oito pessoas). Esse grupo teve início em 16 de fevereiro de 2017 e se mantém ativo até os dias de hoje. Os produtos de sua existência até 28/08/2021, data em que escrevemos essas linhas, foram: muitas horas de estudo e discussão, a criação de um setor de psicologia e virtualidade no IGT coordenado pela psicóloga Ana Carolina Fonseca Bianchi, 4 artigos, 3 simpósios, algumas apresentações em congressos, um curso de especialização (Pós-graduação Lato senso) em psicologia e virtualidade e atualmente esse grupo

passou a fazer parte do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq com o nome: Psicologia e virtualidade: Gestalt-terapia e Práticas Transdisciplinares⁵⁹. A composição dos participantes se modificou ao longo do tempo. O formato e objetivo do grupo também se alterou de acordo com as mudanças vividas no campo de atuação do mesmo, como veremos ao longo deste capítulo.

O IGT, historicamente, se constituiu como um centro de ensino e pesquisa na área do desenvolvimento humano, a partir de um referencial gestáltico. Tradicionalmente o momento de confecção do TCC de nossos alunos de pós-graduação propiciava uma importante possibilidade de produção de pesquisas.

A organização de grupos de pesquisa contribui de forma importante nessa busca de desenvolvimento de conhecimentos. A participação em grupos de pesquisa traz para os alunos uma oportunidade de apoio na redação dos artigos referentes aos TCCs. Propicia um espaço de troca onde pessoas que demonstram interesse por um mesmo tema central encontram oportunidade de interlocução e incentivo em suas construções. Os simpósios, que são organizados anualmente pelos grupos de pesquisa, trazem a oportunidade de se mostrar para o mundo externo o que se está produzindo, promovendo a possibilidade de interlocução com um universo mais amplo de pessoas, enriquecendo de forma marcante a produção de conhecimento desses grupos.

Na primeira fase do desenvolvimento do grupo de pesquisa referente a psicologia e virtualidade os temas investigados foram: o vínculo terapêutico dentro de um contexto de virtualidade, o perfil dos psicólogos que se interessavam por este tipo de prática e claro, o processo de apropriação das TICs pelos psicólogos brasileiros. Esses temas marcaram o “I Simpósio IGT de psicologia e virtualidade” como veremos posteriormente.

Esse primeiro evento de maiores proporções foi realizado em 15 de dezembro de 2018, poucos dias depois da entrada em vigor da resolução CFP nº 11/2018, sendo assim, seu processo de construção foi realizado em um período de transição, no qual, tínhamos conhecimento de que essa resolução já tinha sido aprovada e estava prestes a entrar em vigor. Nossas pesquisas haviam sido iniciadas antes de

⁵⁹ Endereço para acesso ao Grupo de pesquisa Psicologia e virtualidade: Gestalt-terapia e Práticas Transdisciplinares: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4270900882163532

termos notícias de que existiria uma nova resolução, porém, a notícia da chegada da daquela resolução e o conhecimento de seu conteúdo já nos deslocava diante de nossos campos de pesquisa. Até a própria realização do simpósio naquela data foi influenciada pela entrada em vigor daquela resolução.

Para respeitarmos a cronologia dos fatos, no item 4.2.1, nos dedicaremos a tratar de forma um pouco mais detalhada daquele evento. Por hora vejamos, então, os registros que buscamos realizar em nosso caderno de campo ao longo dessa fase inicial que antecedeu a resolução CFP nº11/2018:

4.1.2 A virtualidade invadindo espaços de supervisão a atendimentos presenciais

Neste item buscaremos trazer algumas das anotações realizadas ao longo do processo de confecção dessa pesquisa que guardam relação com nossa atuação como supervisor no IGT. As anotações tratam de situações experimentadas em nossas práticas profissionais que nos impactaram de alguma forma ao longo daquele período de nossa investigação. Vivemos uma série de experiências ligadas ao tema deste estudo na posição de supervisor. Atuamos como supervisor tanto do grupo de pesquisa relativo ao tema da virtualidade na psicologia, como também em relação a atendimentos presenciais que eram realizados por alunos de curso de especialização no IGT. Durante esta primeira fase as supervisões realizadas com alunos desses cursos, envolviam atendimentos presenciais nos quais apenas eventualmente aconteciam sessões *on-line*.

4.1.3 No trabalho com adultos

26/07/2017

Uma aluna oriunda de RH, mas que estava fazendo especialização em psicologia clínica, realizou o atendimento *on-line* de uma cliente que estava passando quatro sessões viajando. Esta aluna já tinha um histórico de trabalho com seleção de pessoal e suporte aos funcionários de sua empresa via internet.

Estávamos reunidos para supervisão. Nosso grupo era formado por 5 alunos e nós tínhamos o papel de supervisor. Depois da supervisão de outros alunos, foi

feito o relato de uma sessão de atendimento *on-line*. Já no início da narrativa chamou nossa atenção a forma como este relato gerou um *frisson* no grupo. As atenções se intensificaram de forma marcante.

A psicóloga se mostrou bastante satisfeita com a sessão realizada. Contou, em especial, sobre a forma como pôde perceber melhor a mobilização afetiva vivida pela cliente durante o atendimento *on-line*. A psicóloga identificou a proximidade do rosto da cliente na tela do computador como um dos fatores que permitiu uma percepção muito clara das mobilizações afetivas vividas ao longo daquele atendimento. Assinalou também como o fato de ter experiências anteriores de trabalho pela internet facilitou sua interação com a cliente, já que estava à vontade no ambiente virtual. Conta que só precisou se adaptar em termos da forma de interação. No trabalho com RH ela precisava se colocar de maneira mais assertiva, no atendimento clínico precisou se posicionar de modo mais amável.

A cliente se mostrou muito satisfeita em poder realizar o atendimento *on-line*. Tivemos a impressão de que o fato do atendimento ter sido realizado em um contexto diferente do consultório propiciou percepções de certas nuances muito interessantes. A cliente estava em uma casa com outras 20 pessoas de sua faixa etária, porém nenhuma daquelas pessoas sabiam o que ela estava vivendo. Ela se sentia muito solitária e essa solidão ganhou um realce todo especial dentro daquele contexto, onde as pessoas ao seu redor se divertiam e ela não conseguia sair da solidão.

Outra situação interessante surgiu a partir da colocação de uma outra aluna que parecia não ver com bons olhos esta forma de atendimento. Esta aluna se mostrou muito interessada em relação ao que foi bom e o que foi ruim nesta situação de atendimento e depois, de alguma forma trouxe a discussão acerca da validade deste tipo de prática. A partir daí tivemos uma discussão interessante a este respeito.

Naquela época, como já dissemos, o “atendimento psicológico realizado por meios tecnológicos de comunicação a distância”⁶⁰ surgia muito raramente nas supervisões realizadas no IGT, sendo assim, vinha como uma novidade e causava um certo estranhamento para alguns alunos. Para mim, como supervisor, trazia

⁶⁰ “Atendimento psicológico realizado por meios tecnológicos de comunicação a distância” termo utilizado na resolução CFP nº 11/2012.

normalmente a oportunidade de nos aproximarmos mais de tais práticas. Situações como a viagem de uma cliente traziam essa possibilidade, já que esse modo de atendimento psicoterapêutico só era permitido de forma eventual, como em situações como viagens rápidas. A identificação de nossa aluna, de uma condição mais clara de percepção das reações emocionais da cliente, nos pareceu algo bastante interessante na época, apontava para uma nuance que, naquele período, para as pessoas que estavam naquela sala, ainda era nova. Além disso, o fato dela estar vivendo uma sensação de solidão em uma viagem com amigos e que os amigos estavam na sala ao lado também nos apresentou uma possibilidade muito interessante de aproximação da experiência *in loco*, propiciada pelo atendimento a distância. Naquela situação a cliente pôde tratar de uma experiência enquanto ela ainda estava sendo experimentada, parafraseando Venturini (2010), “O magma ainda estava incandescente”.

A aluna que se mostrou curiosa em relação ao trabalho através de recursos virtuais falou de seu estranhamento. Nitidamente aquele atendimento havia gerado um incômodo, mas ela não conseguiu colocar em palavras o que de fato poderia ser inadequado naquela situação. Existia um incômodo, porém, não existia uma clareza a respeito dos motivos para tal incômodo, ela não conseguia traduzir verbalmente os motivos para sua estranheza.

Estávamos lidando com possibilidades de atuação pouco conhecidas. Aspectos bastante evidentes como a posição da câmera junto a face e as diferenças no contexto geográfico propiciada pelo atendimento a distância nos traziam informações surpreendentes. As discussões quanto a pertinência ou não de tais práticas ainda pareciam coerentes com um tema pouco discutido naquele âmbito. Os argumentos pareciam ainda estar em construção. Por mais que as tecnologias necessárias à realização de tais formas de atuação já estivessem disponíveis e acessíveis a uma camada razoável da população brasileira nós ainda parecíamos estar engatinhando em relação às mesmas, o que era coerente com o fato de serem práticas que sofriam severas restrições por nosso sistema de regulamentação.

Naquele período, em nossas relações, as falas acerca das possibilidades de atendimento através de tecnologias de comunicação se baseavam em hipóteses, as situações em que atendimentos psicoterapêuticos aconteciam eram pontuais e raras. Sabíamos que existiam psicólogos que burlavam as regras impostas pelo CFP e realizavam atendimentos psicoterapêuticos por meio dessas tecnologias, porém,

eram práticas marginais. Os questionamentos eram na linha de que se esse tipo de atuação seria adequado ou não.

Também no dia 26 de julho de 2017 recebemos um e-mail do CRP 05. A correspondência trazia um texto curto e uma carta em anexo:

Prezados (as)

Segue carta Circular CRP Nº 013/2017 convite para Roda de Conversa no dia 02/08/2017 às 18h30' no auditório do Conselho Regional de Psicologia.

A carta que vinha em anexo (Figuras 27 e 28) era um convite para: “Roda de Conversa Atendimento *on-line* e credenciamento de sites: propostas para construção de uma nova resolução do CFP”. Aquele seria o primeiro indício de uma das grandes transformações que viriam a acontecer em nosso campo de pesquisa. Através daquela correspondência tivemos nossa primeira notícia de que possíveis modificações em relação a resolução CRP nº 11/2012 estavam em discussão. Em um primeiro momento pensamos na possibilidade de que aquela iniciativa poderia trazer uma abertura definitiva em relação às práticas que estávamos investigando.

Figura 27 - E-mail convite para reunião no CRP 05 (parte 1).



Conselho Regional de Psicologia
do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 2017.

Carta Circular CRP-RJ nº 013/2017

Assunto: Convite Roda de Conversa

Prezado(a),

O Conselho Regional de Psicologia da 5ª REGIÃO, Autarquia Federal, instituído pela Lei 5.766/71, regulamentado pelo Decreto Lei n.º 79.822/77, dotado de personalidade jurídica de direito público, destinado a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Psicólogo e zelar pela fiel observância dos princípios éticos e disciplinares da profissão vem por meio desta convidar a participar do próximo evento do CRP-RJ sobre Atendimento on-line e cadastramento de sites e ajude a reformular a resolução do CFP sobre o tema!

Se você já credenciou, junto ao CRP-RJ, um site para prestação de serviços psicológicos ou deseja credenciar um, não perca a Roda de Conversa "Atendimento on-line e credenciamento de sites: propostas para construção de uma nova resolução do CFP", que acontecerá no dia 2 de agosto, às 18h30min, na sede do CRP-RJ, na Tijuca.

Destinado a psicólogas (os) que possuem site credenciado ou que têm interesse em credenciar um portal on-line para prestação de serviços psicológicos à distância, o evento é gratuito e tem o objetivo de debater propostas para a reformulação da Resolução nº 11/2012, do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta a prestação de atendimento on-line e os procedimentos para credenciamento de sites.

Sede | Rio de Janeiro | (21) 2139 5400 | Rua Delgado de Carvalho, 53 Tijuca cep. 20260-280 Rio de Janeiro RJ
Subsedes | Leste Fluminense - Miraflores (21) 2717 3211 | Baixada Fluminense - Nova Iguaçu (21) 2768 0007
Região Serrana - Petrópolis (24) 2243 0834 | Norte Fluminense - Campos dos Goytacazes (22) 2728 2057
www.crpj.org.br | crpj@crpj.org.br

Fonte: E-mail.

Figura 28 - E-mail convite para reunião no CRP 05 (parte 2).



Fonte: E-mail.

Recebemos esse convite em função de termos um site para “orientação psicológica *on-line*” cadastrado junto ao sistema conselhos como já havíamos citado anteriormente. Respondemos prontamente àquela convocação e no dia 2 de agosto de 2017 estávamos no local indicado, tivemos a companhia de duas das pessoas que integravam o grupo de pesquisa que havíamos criado no IGT.

A forma como a discussão foi proposta e a maneira como os representantes do sistema conselhos se posicionaram nos fez pensar que a abertura em relação as possibilidades de atuação através de tecnologias de comunicação ainda estavam

muito distantes. Parecia que a busca era de aperfeiçoar os mecanismos de controle que já existiam, não de remover os entraves referentes àquelas práticas. Tratamos de forma mais detalhada as discussões realizadas naquela reunião no capítulo 3 (três) no item 3.2 (três ponto dois) quando abordamos a construção da resolução CFP nº 11/2018.

Participar daquelas trocas, ter acesso aos posicionamentos que pudemos presenciar naquela reunião e que já discutimos no item 3.2, ter acesso a informação de que existia uma discussão em andamento sobre as possibilidades de mudança nas regulamentações referentes a nosso tema de pesquisa, toda essa experiência nos direcionou no sentido de colocar foco no processo de regulamentação de tais formas de atuação, o que mais tarde geraria a construção do terceiro capítulo desta tese. Naquele período buscamos nos informar no conselho acerca de como estava se dando o processo de elaboração das alterações na resolução CRP nº 11/2012, como veremos no próximo item.

4.1.4 Contato com a coordenadora do grupo de trabalho responsável pela redação da resolução CFP Nº 11/2018

Ao fazer contato com o CFP, descobrimos que a conselheira responsável por coordenar a discussão do tema atendimento *ON-LINE*, na época, era Rosane Granzotto, uma Gestalt-Terapeuta de Florianópolis, nossa conhecida.

Em 16 de novembro de 2017 procuramos por telefone Rosane e a mesma contou que no dia 15 de dezembro de 2017 ocorreria uma reunião na qual seria votada a nova resolução que poderia trazer modificações em relação à resolução vigente à época, referente ao atendimento *on-line*.

A comissão responsável por conduzir as discussões a respeito deste tema, formada por representantes de vários conselhos regionais, baseada em pesquisas em relação ao funcionamento desta forma de atendimento em outros países, decidiu modificar radicalmente a resolução que tratava sobre este assunto na época. Segundo Rosane, eles iriam propor:

- Abolir a certificação de site
- Abolir o limite no número de sessões

- Colocar como exigência um cadastramento individual para os psicólogos que realizam atendimento a distância.
- Retirar a ideia de orientação psicológica
- Colocar um outro nome próximo à psicoterapia, porém guardando semelhanças em relação ao aspecto prático deste termo, visto que o termo psicoterapia não é de uso exclusivo do psicólogo.

Estas modificações, se aprovadas, traduziriam a autorização destas práticas enquanto atividades pertinentes aos psicólogos. E de fato foi isso que aconteceu. As previsões de Rosane se confirmaram, em 16 de dezembro de 2017, a nova resolução foi aprovada na Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças (APAF). Decisão ratificada na plenária do CFP realizada em 26 e 27 de janeiro de 2018. A resolução CFP nº 11/2018 foi assinada pela conselheira presidente do CFP Rogerio Giannini em 11 de maio de 2018.

A concretização dessas mudanças se deu a partir de novembro de 2018, momento em que a nova resolução entrou em vigor, cento e oitenta dias após sua aprovação, como vimos de forma mais detalhada no capítulo 3, item 3.1.5. Por hora, no próximo item, trataremos apenas das mudanças performadas em nosso campo de pesquisa por esta resolução que havia sido recém-criada.

4.2 PERÍODO PÓS-RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 E PRÉ-PANDEMIA COVID-19

A liberação das práticas psicológicas mediadas por TICs modificou drasticamente nosso contexto de pesquisa. Agora estávamos investigando uma forma de atuação pouco conhecida pelos psicólogos brasileiros, porém, uma atividade que poderia ser realizado por esses profissionais. Pudemos presenciar a abertura de todo um novo campo de trabalho com seus encantos e desafios.

Precisávamos desenvolver um posicionamento em relação ao nosso campo de pesquisa que fosse coerente com aquela nova conjuntura, buscar criar formas de aproximação em relação ao mesmo que tivesse sintonia com nosso posicionamento como pesquisador, psicólogo e coordenador de um instituto de psicologia com suas inúmeras inserções. Dentro deste contexto, a partir dessa nova realidade que se impôs buscamos desenvolver um setor de psicologia e virtualidade no IGT. Também demos início a criação de um curso de especialização em Psicologia e virtualidade

como havíamos citado anteriormente. Essas iniciativas tiveram como objetivo principal nos colocar diante dos desafios e venturas que aquele momento histórico propiciava. Se queríamos acompanhar o processo de apropriação das tecnologias de informação e comunicação pelos psicólogos brasileiros, nada melhor do que nos implicarmos naquele processo. Esses empreendimentos também nos pareciam bastante interessantes do ponto de vista da coordenação do IGT, instituição que historicamente vinha se mantendo na vanguarda no que se refere à utilização de recursos tecnológicos nos campos do ensino, da pesquisa e das práticas clínicas.

Naquele período nosso grupo de pesquisa relativo à psicologia e virtualidade já se aproximava de seus 2 anos de existência. Dentro daquele contexto, diante da importância do marco da entrada em vigor da resolução que liberava os psicólogos brasileiros para o atendimento psicológico através de TICs realizamos o primeiro simpósio IGT de psicologia e virtualidade.

4.2.1 O I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade⁶¹

Em 15 de dezembro de 2018 das 9h até às 18h realizamos o I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade (IGT, 2018). Naquela data tínhamos cerca de um mês de liberação de práticas como atendimento psicológico através de TICs. O evento contou com 3 (três) mesas redondas com temas definidos e uma mesa de encerramento onde a organização do evento abriu espaço para que todos os participantes pudessem trocar sobre as ressonâncias das atividades anteriores. Não vamos fazer uma descrição detalhada de cada uma das atividades desenvolvidas naquele evento, buscaremos demarcar de forma sucinta os pontos que nos pareceram mais marcantes nas mesmas.

⁶¹ Informações e vídeos relativos ao I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade podem ser encontradas no site do IGT em <https://www.igt.psc.br>

Figura 29 - Cartaz do I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade.

I Simpósio IGT
de Psicologia e Virtualidade

Dia:
15 de Dezembro de 2018
das 09h às 19h

Objetivo: Discutir os atravessamentos da virtualidade nas práticas do psicólogo.

Local: Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
Inscrições: www.igt.psc.br ou (21)2567-1038 / contatos@igt.psc.br

Participe presencialmente ou virtualmente!!

PROGRAMAÇÃO:
Mesa 01: Telessaúde - cuidando de aspectos emocionais: quem somos e o que precisamos buscar?
Mesa 02: A construção das práticas psicológicas na virtualidade
Mesa 03: A Construção de vínculos na virtualidade.
Mesa 04: Roda de conversa sobre as práticas psicológicas e fechamento do evento.

IGT Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar
CDGB CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GESTALT TERAPIA BRASILEIRA
PHCE - Perspectiva Humana Cursos e Eventos

Fonte: acervo do IGT.

PROGRAMAÇÃO:

Mesa 01: Telessaúde - cuidando de aspectos emocionais: quem somos e o que precisamos buscar?

Mesa coordenada pela psicóloga Ana Gabriella Assis Duarte Costa psicóloga graduada pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em psicologia hospitalar pelo CRP, pós-graduanda em psicologia clínica pelo IGT e participante de nosso grupo de pesquisa. A mesa contou também com a presença da psicóloga, professora doutora Claudia Catão Alves Siqueira, doutora pelo instituto de Psicologia da USP, coautora do livro *Psicoterapia On-line Ética Segurança e Evidencias*

Científicas. e com a participação de Maria das Graças Araujo, porta-voz do CVV⁶², coordenadora da região do Rio de Janeiro e Espírito Santo daquela instituição e também do programa CVV Comunidade.

Cláudia atuava em São Paulo e na época já desenvolvia um curso relativo a práticas psicológicas através de TICs. Acompanhou as discussões, realizadas naquela cidade, referentes à construção da resolução CFP nº 11/2018. Ela trouxe, para o evento, uma apresentação com o título Psicoterapia On-line Sem Restrições: “Revolução ou Precarização da Prática Psicológica?” Em sua fala enfatizou a necessidade de que o psicólogo buscasse se preparar para poder realizar tais atividades, trouxe a importância de que se evitasse simplesmente transpor as práticas presenciais para a virtualidade sem as devidas transformações e os cuidados necessários para a prestação de um bom trabalho. Se colocou avessa a argumentos como praticidade e baixo custo como justificativa para a realização dessas formas de atuação. Afirmou as limitações de possibilidade de contato humano nas práticas virtuais. Colocou como necessária a experiência prévia em prática presencial, para que o psicólogo pudesse realizar adequadamente o atendimento on-line. Afirmou que se trata de uma prática mais difícil, que exigia um maior preparo do psicólogo e envolvia um alto custo. Coerente com a resolução CFP nº11/2018, colocou a existência de uma série de restrições no que se refere a essa forma de atendimento: urgência, emergência, pessoas com problemas com drogas, pacientes psiquiátricos não estabilizados, pessoas com ideação suicida. Essas seriam situações contraindicadas para o atendimento através de TICs.

Claudia falou de 3 modalidades de telepsicologia: a realizada por psicólogos; a realizada por sites específicos sem a participação direta de um profissional e uma terceira que seria mista onde existiria um profissional que terapêutico que de forma presencial prescreve um caminho, esse caminho envolve a utilização de recursos tecnológicos autônomos⁶³, ocorreria um acompanhamento à distância, através de um aplicativo. Falou da responsabilidade em relação ao sigilo dos dados, coerente

⁶² “Centro de Valorização da Vida, fundado em São Paulo, em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato”. (O CVV, 2021)

⁶³ Os atendimentos sem a participação de psicólogos e atuação mista serão melhor examinados no capítulo 5.

com o marco civil da internet⁶⁴ e também da necessidade de busca de adequação em relação aos equipamentos a serem utilizados pelos psicólogos, que esses precisariam ser sempre de última geração. Quanto a aplicativos citou, como exemplo, especificamente o uso do Skype como inadequado para as práticas psicológicas on-line. Claudia colocou ainda que de forma alguma incentivava o atendimento de criança de forma remota. Por último buscou falar da responsabilidade do psicólogo no sentido de que se fizéssemos um bom trabalho, com preparo e seriedade poderíamos revolucionar a psicologia de forma nunca vista. Em contrapartida se o trabalho fosse feito de forma descuidada estaríamos precarizando nossa profissão. Segundo ela com cuidados rigorosos e com um bom preparo dos psicólogos poderíamos chegar a resultados de eficácia terapêutica semelhantes ao trabalho realizado com presença física, por mais que fossem situações diferentes e não pudessem ser colocadas como equivalentes. Recorreu ao argumento das práticas baseadas em evidências como importante norteador para identificar a validade do atendimento psicológico através de TICs.

Ana Gabriela fez uma contextualização bibliográfica no que se refere à telepsicologia. Apresentou os resultados de um questionário divulgado especialmente entre os psicólogos que atuavam com esses recursos no Rio de Janeiro. O questionário foi enviado, por e-mail, para 42 psicólogos com sites cadastrados no CRP 05 (Rio de Janeiro) que tinham seus sites funcionais e acessíveis e suas informações disponíveis nos mesmos. Também foi veiculado em grupos de WhatsApp e Facebook. A divulgação do questionário se deu imediatamente após a entrada em vigor da Resolução CFP nº 11/2018. Foi preenchido por 6 psicólogos.

Esse questionário buscava informações sobre: vantagens e desvantagens observadas no atendimento on-line; características dos clientes e vínculo terapêutico. 5 mulheres e 1 Homem participaram da pesquisa. 1 participante com idade entre 18 e 29 anos 1 entre 30 e 45 e 4 com idade entre 45 e 60 anos. Entre eles, 5 relataram ter feito curso de especialização e um apenas graduação. No que se refere à abordagem teórica, 1 relata trabalhar com a abordagem Reichiana e com pós-graduação em TCC, 1 com Psicanálise e 4 com Gestalt-terapia.

⁶⁴ Lei nº 12.965, aprovou em 2014, mais conhecida como Marco Civil da Internet.

Quanto as vantagens dessa forma de prática foram elencadas: comodidade, possibilidade de continuação de atendimento mesmo quando existem questões geográficas ou relativas a impossibilidade de deslocamento, facilidades logísticas e por último a geração de um novo campo de trabalho para o psicólogo. Quanto as desvantagens e riscos foram relatadas: a perda de contato em função do distanciamento físico que dificultaria a manutenção do vínculo terapêutico, as questões ligadas ao sigilo, a materialização de provas em caso de processo ético contra o psicólogo e por último o fato do cliente não estar fisicamente a alcance do psicólogo em situações de grande mobilização afetiva.

Quanto as ferramentas utilizadas 5 falaram que utilizavam o Whatsapp, 4 utilizavam o Skype, 1 citou o Messenger, 1 citou hangout e 1 citou o zoom.

No que se refere aos fatores que fizeram com que os clientes fizessem a opção do atendimento on-line, foi relatada a dificuldade de acesso ao consultório por algum impedimento pontual ou por questões geográficas, por exemplo mudança para fora do país.

Em relação a faixa etária dos clientes atendidos o espectro oscilou entre 18 e 65 anos. Não foram relatados atendimentos nem a crianças nem a adolescentes.

Quanto a questão do vínculo terapêutico, 2 psicólogos colocaram que o vínculo com seus clientes tinha sido construído em atendimento presencial anterior ao atendimento on-line, 3 afirmaram se dar da mesma forma que no atendimento presencial e um ressaltou a importância de se cuidar deste aspecto. Nenhum dos 6 enfatizou uma dificuldade superior a encontrada no atendimento presencial. Quanto a algum fator que poderia dificultar a formação de um vínculo terapêutico foi colocada a questão do distanciamento físico.

Ana Gabriela conta que o número de participantes da pesquisa foi muito pequeno, porém, foi compatível com o tamanho do universo de psicólogos que tinham sites aprovados pelo CRP 05. Ela também trouxe a hipótese de que muitos dos psicólogos que já tinham experiência clínica no que se refere ao atendimento psicológico através de TICs, não teriam se sentido seguros para se colocar, visto que até um mês antes daquele evento, a psicoterapia através de TICs não era permitida em nosso país, sendo assim, revelar experiência clínica nessas práticas naquele momento, denotaria infração ética.

Graça, terceira componente da mesa, se apresentou como representante do CVV. Ao apresentar a instituição, conta que em um encontro internacional sobre os tipos de práticas realizadas por aquela instituição foi constatado que o CVV tem sido pioneiro em nível mundial em relação a suas formas de atuação à distância. Ela nos falou sobre a importância e o valor do trabalho de acolhimento a pessoas em vulnerabilidade no que se refere a possibilidade de suicídio. Conta que diferente do que foi colocado pela psicóloga Claudia Catão e do que apareceu na pesquisa de Ana Gabriela o CVV recebe um número grande de contatos de crianças e adolescentes e que esses buscam o serviço utilizando o contato por escrito. Eles evitam o contato telefônico, segundo ela por não se sentirem seguros através desta forma de comunicação, porém, se colocam de forma mais transparente quando se comunicam teclando através de *chat*. Inicialmente, cerca de 10 anos antes, 35% deles buscavam o serviço por ter ideia suicida, atualmente o percentual está em 50%. Coloca que a faixa etária dos 17 anos tem sido a mais atingida por este tipo de pensamento. Conta que naquela época, segundo a Organização Mundial de Saúde, cerca de um milhão de pessoas estavam cometendo suicídio por ano e que no mundo eram perdidas diariamente, aproximadamente, 3 mil vidas por suicídio. Conta que o CVV estava recebendo naquele período de 10 mil a 11mil chamadas por dia. No ano anterior tinham sido 2 milhões de chamadas e a expectativa para aquele ano era de atingir de 2 milhões e meio a 3 milhões de chamadas. Graça enfatiza que um viés coerente com a abordagem centrada na pessoa marca o trabalho que vem sendo desenvolvido no CVV.

Comentários:

Nessa mesa alguns contrastes se fizeram marcantes: enquanto Cláudia Catão condenava veementemente o uso do Skype, em função de aspectos ligados a sigilo, 5 entre os 6 psicólogos que se disponibilizaram a falar sobre suas práticas relataram utilizar essa ferramenta. Enquanto as regulamentações da psicologia restringiam as práticas psicológicas, o CVV salvava vidas com acolhimento emocional realizado a distância especialmente a pessoas em situação de risco de suicídio. Enquanto os psicólogos se mantinham distantes do atendimento a crianças e adolescentes através de TICs, a porta-voz do CVV nos contava que os adolescentes se abriam com mais facilidade através de *chats*, em especial quando tratavam de temas de grande importância como os pensamentos ligados a suicídio.

Enquanto uma instituição como o CVV coloca o Brasil em uma situação de vanguarda em relação ao apoio emocional a distância, a psicologia brasileira se mantém, por cerca de 25 anos, restrita no que se refere a telepsicologia.

Essas disparidades de perspectivas nos remetem a metáfora da caverna de Platão. Quanto mais ignoramos uma certa realidade, mais díspares são as fantasias em relação a ela. Pareciam existir diferenças de percepção em relação a aspectos muito básicos no que se refere à segurança e a que tipo de práticas seriam possíveis dentro daquele contexto. Naquele período parecia existir espaço para muita divagação em relação ao que faria sentido, e ao que não faria sentido, no que se refere a práticas psicológicas através de TICs.

Mesa 02: A construção das práticas psicológicas na virtualidade

Coordenamos a segunda mesa do dia, nesta atividade pudemos contar com a presença de Jgor Francesco Luceri, psicólogo italiano, gestalt-terapeuta desde 2011, ligado a SGT *Scuola Gestalt Torino*. Ele trabalhava como Juiz Honorário no Tribunal Juvenil do Piemonte e Membro do Valle d'Aosta com atuação didático-organizacional⁶⁵, coordenava um centro clínico multidisciplinar para crianças e para famílias, além de ser conselheiro da ordem dos psicólogos de Piemonte. Contamos também com Luciana Nunes, psicóloga brasileira coordenadora do Psicoinfo. Luciana Nunes fundou o Psicoinfo em 1999, 20 anos antes daquele evento. Este instituto estuda a contemporaneidade em um mundo virtual. Trata de temas como a dependência tecnológica. Ela também participava de um grupo de trabalho no CRP 05 sobre psicologia digital. Na época era perita do tribunal de justiça do Rio de Janeiro para crimes cibernéticos. Também atuava como psicóloga esportiva de atletas de esportes tradicionais e de esportes eletrônicos.

Em sua fala Jgor nos conta que na Itália o conselho jamais proibiu as práticas virtuais. Ao contrário, criou uma espécie de guia de orientação para o atendimento *on-line*. Esse guia buscava orientar os psicólogos em aspectos básicos, como por exemplo em relação a forma de receber pagamentos, a segurança da privacidade da relação, forma de contratação, entre outros. O movimento na Itália foi de apoio à

⁶⁵ Giudice Onorario presso il Tribunale per i Minorenni del Piemonte e Valle d'Aosta Membro dello staff didattico-organizzativo (Tradução nossa)

telepsicologia. A maior preocupação era a privacidade dos pacientes. Naquele país o conselho vinha buscando indicar caminhos confiáveis para o psicólogo.

Ao ser questionado, ele nos conta não ter recebido notícias de processos éticos ligados ao atendimento através de TICs. Afirma que as questões éticas mais frequentes naquele país tem relação com os documentos escritos. A existência de psicólogos Italianos atuando de forma virtual não desencadeou situações que viessem a gerar processos éticos.

Do ponto de vista técnico, como Gestalt-Terapeuta, conta que identifica desvantagens no que se refere a possibilidades de um trabalho mais experimental. Explica que busca atuar de forma mais fenomenológica quando atende virtualmente. Coloca também que não atende crianças por meios virtuais visto que sua forma de trabalhar com as crianças não funcionaria em um contexto mediado por TICs. Afirma que percebe que ainda se tem muito a discutir e a evoluir no que se refere a essas formas de atuação.

Luciana iniciou sua apresentação contando sobre as diversas oportunidades de trabalho que os aspectos ligados a virtualidade abrem para o psicólogo, dentro e fora do âmbito clínico. Ela também trouxe em sua fala uma preocupação com os cuidados básicos necessários a uma boa atuação, por parte do psicólogo, dentro desse tipo de contexto. Fala sobre o marco civil da internet, da importância de que o psicólogo conheça seu conteúdo, de como ele é uma referência, inclusive, para quando o psicólogo redige seu modelo de contrato de atendimento clínico.

Enfaticou a importância de se saber identificar quando a indicação para o atendimento clínico através de TICs é de fato adequada. Deu um exemplo de uma cliente que a procurou em crise, mostrou a transcrição de sua fala, depois exibiu um áudio com o mesmo conteúdo, porém com o colorido emocional da entonação de sua voz. Com isso buscou demonstrar a diferença do impacto das duas formas de comunicação. Coutou que a partir do que percebeu na expressão da cliente através do áudio, identificou a inadequação da possibilidade de atendimento através de TICs, em função da gravidade do caso. Relatou ter encaminhado a cliente para o CVV e para instituições que pudessem fazer o atendimento psicoterapêutico de forma presencial. Como a cliente havia relatado dificuldades financeiras, Luciana indicou o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de faculdades de psicologia que existiam na proximidade da residência da cliente. Luciana coloca também como

inadequado o atendimento por Whatsapp, em função de questões ligadas ao sigilo. Para fechar sua fala, Luciana enfatiza novamente a necessidade dos cuidados para a realização dessas práticas e, também, de como a telepsicologia pode ser um instrumento de democratização para a atuação do psicólogo clínico.

Em nossa participação buscamos “Compartilhar algumas reflexões acerca do processo de apropriação da psicologia em relação às novas tecnologias de comunicação, em especial no que se refere ao atendimento *on-line*”. Iniciamos nossa fala colocando uma impressão de contradição ao ver o psicólogo não identificando como adequado o trabalho com pessoas com risco de suicídio através da atuação a distância, e ao mesmo tempo, identificando no CVV um caminho adequado para esse tipo de indicação. Se o CVV, atuando a distância, salva tantas vidas com esse tipo de recurso o que tornaria esse tipo de atuação inadequada para o psicólogo?

Buscamos enfatizar o aspecto de abertura para o novo que marca a postura de um gestalt-terapeuta, explicitamos a visão de homem coerente com essa abordagem. Colocamos como o ser humano só pode ser compreendido dentro de seu contexto. Se o contexto se transforma o homem se transforma e a psicologia precisa acompanhar essas transformações. A prática da Gestalt-Terapia passa pelo construir relação com o outro. Passa pela aproximação em relação ao outro em sua singularidade. Por um amor a diferença.

Apontamos os grandes impactos causados pelas transformações tecnológicas. Falamos da dificuldade de lidar com o diferente como um entrave para o psicólogo em sua aproximação com os novos hábitos e costumes performados pelas transformações sociais, em especial no que se refere aos impactos gerados pela evolução de recursos ligados a internet.

“Todo o artista tem que ir aonde o povo está”⁶⁶. Colocamos que toda a forma de comunicação traz possibilidades de mudança. Enfatizamos a importância da aposta na relação terapêutica como terra fértil para o desenvolvimento humano. De como para tanto precisamos buscar estar abertos para às novas formas de relações que vão surgindo. Precisamos manter nossa curiosidade e interesse no humano. Essa seria nossa arte, a de construir relação com o outro em sua singularidade.

⁶⁶ Trecho da musica “Nos Dares da Vida” de Milton Nascimento e Fernando Brant (1981).

Falamos da história das resoluções criadas pelo CFP relativas a nosso tema, da necessidade de revermos nossa metodologia de regulamentação. As resoluções criadas, em média, de 6 em 6 anos não dariam conta da velocidade das transformações tecnológicas. Citamos o *WhatsApp* que chegou ao Brasil logo depois da publicação da resolução 2012, deixando-a obsoleta muito rapidamente, visto que os hábitos de comunicação se transformaram e os psicólogos passaram a interagir com seus clientes via internet, através daquela ferramenta, de forma cotidiana.

Como exemplo de transformação nas formas de comunicação, contamos de um cliente que imediatamente após passar por uma situação muito importante que havia gerado muitas expectativas nos escreveu uma mensagem contando detalhes da situação. De como essa ação gerou uma troca de mensagens intensa, gratificante e muito significativa no que se refere ao andamento daquele processo terapêutico. Questionamos como poderíamos classificar esse tipo de troca. Seria um atendimento assíncrono? De que se trataria essa forma de interação?

Como regulamentar práticas psicológicas dentro de um contexto em que as mudanças acontecem de forma tão fluidas. A velocidade das transformações tecnológicas só tende a aumentar e com elas as dinâmicas socioculturais tendem a se modificar contínua e cada vez mais rapidamente. Se até então nossas possibilidades de regulamentação não conseguem acompanhar as transformações que temos experimentado, caso não encontremos um novo caminho para exercer a regulamentação deste tema, certamente não conseguiremos regular, de forma adequada, as práticas que tenderão a surgir no futuro.

Considerações:

A mesa 2 nos fez pensar em como o argumento de que as práticas psicológicas através de TICs trariam problemas ligados ao sigilo, e que a possibilidade de provas materiais, geradas por essas práticas, desaguaria em processos éticos contra psicólogos, não se confirmou na Itália. Caso esse fosse um risco de tão grande intensidade, seria provável a existência de processos éticos relativos a essas práticas naquele país, isso não aconteceu. Da mesma forma que no Brasil, aonde até então essas práticas eram proibidas, segundo Jgor, a maior fonte de processos éticos contra psicólogos italianos são os documentos escritos.

Outro ponto realmente surpreendente é a ideia de que o CVV teria mais condições de dar apoio a uma pessoa em risco emocional do que a classe dos psicólogos. Não quero aqui desqualificar o CVV, muito pelo oposto, quero questionar o posicionamento do sistema conselhos ao criar uma resolução que limita a atuação do psicólogo, mesmo com todo o histórico de salvamento de vidas realizado por essa instituição em nosso país. Nos parece que não honramos, em nossa resolução, o legado construído a partir de tantos anos de trabalho e dedicação desenvolvidos pelo CVV, esta organização brasileira. Será que mais uma vez estaríamos deixando de observar e de dar valor à produção nacional?

Mesa 03: A Construção de vínculos na virtualidade.

Nossa terceira mesa foi coordenada pela psicóloga Ana Carolina Fonseca Bianchi. Ana Carolina é Especialista em Psicologia Clínica pelo IGT e Mestre em Neurociências pela Universidade Autônoma de Madri. Esta mesa também teve a presença de Maria Adelia Mingueli Pileta, graduada em Psicologia e em Direito, além de mestre e doutora em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O tema do doutorado concluído por Adélia em 2014 foi: “Psicoterapia pela Internet: a relação terapêutica”. Essa mesa contou também com Aline Marineli engenheira de produção, coach de carreira e idealizadora do site Psicologia Smart.

Abrindo a mesa, após ser apresentada por Ana Carolina, Maria Adélia falou de sua felicidade em ver este tema sendo tratado em um simpósio de uma abordagem humanista visto que, em sua experiência, essas abordagens vinham sendo mais refratárias a esse assunto. Fez uma introdução histórica em relação ao tema. Contou que na Austrália, Grã Bretanha, Estados Unidos, Canada e vários outros países a psicoterapia *on-line* já vinha sendo praticada há décadas. Que desde a década de 50 existem registros de atendimento por telefone e de análise por telefone e que em meados da década de noventa começam os registros do uso da internet para essa finalidade. Que em 1995 a APA⁶⁷ cria um comitê de estudos sobre psicoterapia *on-line*. As preocupações iniciais eram: a relação terapêutica *on-line* e aspectos éticos como confidencialidade, identidade de paciente e terapeuta,

⁶⁷ American Psychological Association (APA)

papéis desempenhados na rede e o manejo de situações de emergência. Do ponto de vista legal: questões de jurisdição e regulamento da prática. Outro foco de preocupação daquela instituição era o preparo dos psicoterapeutas para essas práticas.

Apresenta uma pesquisa realizada por Santos em 2005 na qual 9 psicólogos, que já haviam vivido alguma experiência de atendimento *on-line*, se colocaram de forma favorável a essa prática, e 14 psicólogos, que não haviam vivido nenhuma experiência, se colocaram de forma desfavorável a essa possibilidade. Adélia afirma que, em termos de abordagem, naquela pesquisa terapeutas cognitivo-Comportamentais se posicionaram no sentido de achar viável o atendimento *on-line*. Terapeutas com orientação psicanalítica ficaram divididos e Gestalt-Terapeutas consideraram inviável. Afirma que em torno de 2013 um outro estudo semelhante chegou a resultados parecidos no que se refere ao posicionamento dos psicoterapeutas de acordo com suas abordagens.

Conta que, naquele ano, em 2018 havia ocorrido uma defesa de dissertação na Universidade do Pará com o tema “Uma Concepção Gestáltica do Vínculo Terapêutico em uma Psicoterapia Breve Virtual”, defendida por Gabriela Moreira de Faria. Nessa pesquisa 3 atendimentos realizados via chat foram investigados e os resultados foram bastante favoráveis.

Traz o relato de um trabalho de análise no qual analistas estrangeiros fizeram a análise de mais de 70 chineses que estavam em formação pela *China American Psychoanalytic Alliance*. Eles foram atendidos via Skype, visto que naquele período não existiam analistas na china, e o relato é de que os processos teriam sido muito bem-sucedidos e que teria transcorrido de uma forma muito parecida com os processos presenciais.

Define aliança terapêutica como: a aliança entre um indivíduo que busca mudança e alguém que se oferece como agente de mudança. Uma boa aliança terapêutica se caracteriza por: Um bom vínculo afetivo; consenso sobre objetivos e tarefas do tratamento e colaboração entre paciente e terapeuta. Fala da importância dessa aliança para que se consiga bons resultados em psicoterapia.

Cita 3 estudos em que se encontrou similaridade entre a aliança terapêutica *on-line* e presencial, são eles o de Prado & Meyer realizado na USP em 2006

investigou o atendimento via e-mail, em 2014, Pieta & Gomes realizado na URGs e o de Rodrigues realizado em Brasília. Adélia nos conta que com diferenças foram identificadas: perda na linguagem corporal; diferenças na forma que se dá a empatia, existe uma desinibição maior e a simetria terapeuta/cliente também seria maior dentro do contexto virtual.

Sobre seu estudo ela nos conta que investigou a terapia psicanalítica. 8 terapeutas realizaram 24 atendimentos 12 via Skype e 12 de forma presencial. Foram aplicados inventários de aliança terapêutica nas 4^a, nas 8^a e nas 12^a sessões. Que os resultados foram semelhantes nos dois grupos.

Adélia enfatiza que foi identificada uma maior desinibição no atendimento *on-line* do que no presencial. Os pacientes com frequência relataram ter se sentido muito à vontade, inclusive, mais à vontade do que quando compararam com o atendimento em consultório físico. Contaram que a figura do terapeuta foi vivida como menos imperativa, como mais simétrica. Conta também que a associação livre, característica do processo analítico, e a lida com as situações de silêncio ficaram prejudicadas quando a conexão não era boa. Ficava a dúvida de que se era um silêncio por parte do cliente ou uma falha de conexão.

Relata também que a participação ativa dos clientes foi muito marcante. Buscaram cuidar do *setting* terapêutico que foi classificado por Adélia como híbrido, parte do *setting* estava no ambiente do terapeuta parte estava no ambiente do cliente.

Quanto ao atendimento textual, que pode ser síncrono ou assíncrono traz a possibilidade de causar ansiedade, fala da importância de se trabalhar com prazos bem definidos. Coloca que o intervalo de tempo entre as trocas também tem seu valor, favorece a reflexão e a autoexpressão, tanto por parte do cliente como também por parte do terapeuta. O que seria importante, principalmente dentro de um contexto de tanta aceleração como estamos vivendo na atualidade.

Conta de uma desinibição marcante por parte tanto dos clientes como dos pacientes e de como é importante que o terapeuta esteja atento a essas diferenças. Pode ser muito bom que o paciente se sinta mais desinibido para se colocar, porém o psicólogo precisa ter cuidado com os limites de sua desinibição.

Afirma que a ausência do contato visual é compensada pela possibilidade de uma maior desinibição durante o processo, e também um maior controle do que se quer revelar. Os pacientes se sentiriam mais à vontade para tratar de temas que presencialmente poderiam ser constrangedores.

Enfatiza bastante a necessidade de se cuidar bem das regras a serem definidas no contrato terapêutico. Da importância de se combinar de forma clara por escrito o que terapeuta e cliente devem esperar em relação ao processo. Por exemplo, no caso de troca de mensagens, em que momentos o terapeuta irá fazer suas respostas. Ou ainda o que acontece se ocorre falha tecnológica que interrompe uma sessão. Como se dá o contato entre terapeuta e cliente no período entre as sessões.

Aline contribui chamando a atenção para a importância de uma presença bem desenvolvida pelo psicólogo nas redes sociais. Coloca como a interação nas redes sociais tem ampliado rapidamente sua importância tanto na divulgação do trabalho do psicólogo quanto na construção de sua imagem na relação com seu cliente. Fala da importância de que o psicólogo produza conteúdos que tenham utilidade para seus possíveis clientes e como esse movimento pode dar início à construção de uma conexão, que pode vir a se concretizar como vínculo terapêutico. Aline afirma que 70% dos clientes estariam buscando seus terapeutas nas redes sociais, porém só 30% dos psicólogos estariam usando as redes sociais como forma de contactar seus clientes.

Ana Carolina Bianchi contribui falando dos primeiros contatos com os clientes. Fala dos sites de divulgação de profissionais da saúde. Como eles podem ser úteis para trazer novos clientes. Ana Carolina coloca que atualmente tem vivido os primeiros contatos com seus clientes via WhatsApp. Enfatiza o quanto a forma de contato nos momentos iniciais de um atendimento presencial, pode facilitar ou dificultar o início do atendimento. Traz exemplos de contatos preliminares que viveu com seus clientes presenciais aonde a forma de suas colocações terminaram facilitando a construção de um vínculo de confiança, mesmo antes que ela tivesse um contato mais direto com aquelas pessoas. Coloca também a importância do contato terapeuta cliente no período entre sessões. Dos limites e possibilidades desta forma de contato. Como pode ser importante e como precisam ser estabelecido limites para esse tipo de interação.

Após as colocações da mesa surgiu toda uma discussão sobre a postura do psicólogo nas divulgações em redes sociais. Até que ponto ele deveria se expor publicamente.

Também surgiu um questionamento em relação a possibilidade ou não da utilização do Skype para realizar atendimento psicoterapêutico. Visto que nas pesquisas Citadas por Adélia existia a utilização desta ferramenta, e na primeira mesa Claudia Catão tinha afirmado categoricamente essa impossibilidade.

Considerações:

Essa mesa nos fez refletir em relação a alguns pontos. O primeiro é que o tom do discurso naquele período ainda ia na direção de demonstrar o valor e a adequação das práticas virtuais. Maria Adélia nos traz relatos de experiências pontuais e enfatiza o tratamento mais liberal que essas práticas receberam em outros países. Observar esse discurso amplia nosso questionamento em relação ao que determinou o caminho desenvolvido pela psicologia brasileira no que se refere a contenção das práticas psicológicas através de TICs?

Outro ponto que nos toca na contribuição de Adélia se refere à percepção de que terapeutas e clientes se sentiriam mais à vontade nas relações estabelecidas através da virtualidade. Fenômeno que batizamos em artigo publicado anteriormente como “intimismo virtual” e que, coerente com o que ela nos traz, precisa ser melhor compreendido por psicólogos de forma geral e, em especial, pelos que trabalham utilizando TICs. Essa discussão será mais bem aprofundada no item 4.2.3.

O relato das diferenças na forma como psicólogos de abordagens distintas enxergava a telepsicologia também chamou muito nossa atenção, em especial pelo fato de que entre as abordagens elencadas, a Gestalt-Terapia foi a abordagem na qual os discursos eram mais refratários. Por um lado, isso nos colocava com mais acesso a esses discursos mais refratários, visto que estamos mais próximos à comunidade gestáltica o que poderia ser interessante para nossa pesquisa. Por outro lado, o contraste de nossa visão que, já naquela época, identificava claras possibilidades de desenvolvimento de práticas gestálticas a partir de recursos virtuais, com a tendência de uma postura refratária por parte de gestalt-terapeutas, nos trouxe questionamentos em relação à nossa identidade com essa parte, talvez predominante, de tal comunidade. Esse contraste parecia guardar uma oportunidade

interessante de ampliação de compreensão em relação a aspectos de nossa visão pessoal e, também, em relação ao que levaria a que diversos gestalt-terapeutas não identificassem essas potencialidades. O que essas diferenças de percepção teriam para nos contar? Essa questão será mais bem discutida no final deste item e, também nos itens 4.2.5 e 4.3.15.

A questão da percepção de uma maior horizontalidade na relação psicoterapêutica, que Adélia relatou ser identificada pelos clientes em telepsicologia, nos pareceu muito interessante, especialmente quando pensamos em práticas coerentes com a Gestalt-Terapia. Como vimos em nossa discussão teórica realizada no capítulo 1, a postura de um Gestalt-terapeuta passa por uma busca de horizontalidade na relação terapêutica, por um voto de pobreza em relação a verdades pré-estabelecidas, a uma busca de abertura para surpresas que possam colocar em xeque qualquer pressuposto anteriormente construído. Nesse aspecto existiria uma identidade entre a utilização de TICs e a prática a partir de nossa abordagem.

Também chamou nossa atenção a discussão relativa à presença do psicólogo nas redes sociais. As possibilidades de divulgação e a forma como o psicólogo expõe sua imagem por esses meios. Aline aponta para um contraste entre o modo como as pessoas estariam procurando seus psicoterapeutas e o percentual de psicólogos que estariam utilizando essas possibilidades em suas formas de divulgação. Como categoria ainda estaríamos pouco presentes nesses meios. Como se os psicólogos não estivessem acompanhando as mudanças nos hábitos performados por ferramentas como as redes sociais. Essa afirmação abre questionamentos em relação a se seria adequado e esperado que a classe dos psicólogos acompanhasse mais de perto essas práticas e também a como andam nossos espaços de discussão em relação a essas derivas sociais.

Por último, a contribuição de Ana Carolina nos traz a percepção de o quanto mesmo não discutindo e se apropriando de forma mais elaborada das ferramentas digitais, elas vão encontrando espaços nas relações entre terapeutas e clientes. Quantos terapeutas que se colocavam avessos às práticas virtuais e se comunicavam cotidianamente com seus clientes através do Whatsapp?

Mesa 04: Roda de conversa sobre as práticas psicológicas e fechamento do evento.

Neste momento do evento coordenamos uma roda de discussão com todas as pessoas que estavam participando do simpósio de forma presencial ou virtual. O objetivo era criar um espaço de interlocução de modo a que as ressonâncias do que foi vivido ao longo do dia pudessem ser discutidas de forma ampla.

A troca foi marcada por questionamentos, A maior parte das pessoas que estavam no evento ainda não tinham experimentado as práticas mediadas por TICs. O tom era de curiosidade e incertezas.

Foi muito enfatizada a importância do evento como um todo, no sentido de ser um espaço de discussão em relação ao tema. Especialmente porque muitas pessoas se viam dando os primeiros passos no terreno da virtualidade.

Foi colocada a importância e o potencial dessas práticas como contribuição para o cuidado com a saúde mental. Como, de certa forma, a facilidade de acesso que a psicoterapia *on-line* propicia, poderia contribuir no sentido de facilitar a superação de limitações internas relativas a preconceitos em relação aos cuidados com aspectos emocionais que muitas vezes impedem a busca de suporte psicológico.

Foi afirmada a necessidade de cuidados éticos no que se refere a apropriação em relação às práticas ligadas a telepsicologia. Foi enfatizado o quanto estávamos engatinhando em relação a esse mundo novo que estava se descortinando.

Surgiram colocações em relação aos riscos no que se refere ao sigilo como quanto mais as tecnologias se desenvolvem mais estamos sem privacidade, e que isso também acontece no presencial. Os riscos trazidos pelas câmeras e pelo microfone do celular por exemplo. Esses aparelhos normalmente estão presentes nas sessões presenciais e colocam em risco a privacidade desses encontros e muitos psicólogos não estão atentos a esse fato.

Também se discutiu a necessidade do psicólogo se acompanhar em seu processo de apropriação em relação a esses recursos, de forma a respeitar seu bem-estar. Como muitas vezes o psicólogo se sente impelido a se expor de uma forma que não percebe como confortável para se inserir no mercado. E também como a simples inserção dos psicólogos nas redes sociais já traz impactos nos processos terapêuticos, especialmente em função da exposição da vida pessoal dos mesmos em tais redes.

Foi questionado como ficaria a linguagem do corpo dentro dessas práticas, em especial dentro de uma perspectiva gestáltica em que o contato é algo tão importante. Como fica está linguagem que está sendo perdida com a ausência de diversas nuances que a presença física nos traz? Como essa deficiência é superada? Esse questionamento foi feito por uma pessoa que relatou ainda não ter realizado nenhum atendimento *on-line* e foi corroborado por outro participante que estava na mesma situação e que contribuiu na discussão afirmando que certamente as possibilidades de trabalho através de virtualidade trariam grandes releituras para a teoria da Gestalt-Terapia.

Ele trouxe a teoria de campo. Buscou chamar a atenção para a experiência vivida a partir do campo construído dentro de um contexto de proximidade física. Das nuances sutis da ordem da intuição que se fazem presentes dentro de um contexto de proximidade corporal. Como ficaria a influência do campo em um atendimento a distância? A influência do campo diminuiria, as percepções que surgem a partir do campo, da ordem da intuição, poderiam se fazer presentes? Trouxe esses questionamentos como algo que ainda ficaria em aberto para ele. Não como impossibilidade e sim como algo a ser conhecido.

A partir desses questionamentos é colocado que de fato é diferente que certas nuances deixam de estar presentes e outras passam a ter uma nova ênfase. Que a intensidade do contato presencial é muito interessante, porém, não traz necessariamente o único contexto possível para uma psicoterapia acontecer. Surgem exemplos de aspectos da troca na virtualidade que não são possíveis na troca dentro de um contexto presencial. Um exemplo que foi trazido ilustrou a forma como muitas vezes os clientes terminam se permitindo emocionar mais na interação virtual do que na presencial, talvez pelo decréscimo de tensão em função da mediação do contato pelos recursos virtuais. Um outro ponto levantado foi que se pode ver mais de perto o rosto do cliente o que permite identificar nuances que no presencial não podem ser percebidas. Foi comentado sobre o fato do cliente ser atendido dentro de casa, dentro do campo emocional no qual ele está tendo dificuldades.

Foi feita a afirmação de que muitos psicólogos desconhecem as resoluções e muitas pessoas estavam atendendo de forma ilegal. E, também, que na academia

esse tema fica pouco presente. Não existiriam matérias voltadas para essas práticas.

Foi trazido o exemplo de uma cliente que contou que voltava para casa pensando no que havia vivido na sessão quando os atendimentos eram presenciais e que esse ritual era importante para ela. Como no atendimento virtual não tinha essa oportunidade, esta passou a fazer faxina na casa após os encontros. Ela se deu conta de que essa foi uma forma de ter um tempo para metabolizar o que havia vivido nas sessões. Essa percepção foi importante, trouxe possibilidades de compreensões em relação a forma de funcionar daquela pessoa.

Se discutiu sobre a possibilidade de determinados clientes terem melhor resultado em uma prática do que em outra. Exemplo da pessoa que trabalha com timidez e que percebe os clientes com mais facilidades de superar certas barreiras no contexto virtual. Que, em função de um alto nível de tensão, esses clientes não sabem nem para onde olhar quando estão no presencial e no virtual conseguem se organizar melhor e, com isso, se aproximar de forma mais gradativa de suas dificuldades.

Foi discutido como certas questões que são colocadas diante do contexto do atendimento virtual também se aplicam diante do atendimento presencial. De como se aproximar de um novo contexto faz aprender sobre o contexto antigo. Como é importante “Ter olhos de ver e ouvidos de ouvir” quando nos aproximamos de um mundo diferente e como essa é a arte da Gestalt-Terapia. Surge o exemplo de como um bom filme nos toca profundamente, independentemente de ser uma interação de mão dupla ou não.

Surge a discussão do atendimento assíncrono que, antes da palestra da Maria Adélia, para muitos ali não era algo razoável, porém a partir da ênfase na possibilidade de ser uma escrita que tem um tempo para ser elaborada, que pode ser construída em contextos de profunda meditação, passou a fazer sentido. Remeteu também às trocas de cartas que aconteciam no passado onde as pessoas faziam confidências muito significativas. Freud e Jung atenderam por carta, e que negar a possibilidade do atendimento virtual seria negar a história da psicologia. Se discutiu também como os desafios da virtualidade trazem luz para as práticas psicoterapêuticas realizadas no contexto presencial.

Comentários

As discussões foram muito interessantes trouxeram muitos pontos que poderíamos desenvolver, porém nesse momento, vamos nos limitar a discutir as falas que trouxeram pistas que nos ajudem a compreender as leituras que, naquela época pareciam afastar os gestalt-terapeutas das práticas mediadas por TICs. Neste sentido conseguimos elencar os seguintes pontos:

- Risco em relação ao sigilo.

Certamente existe um incremento no que se refere a riscos ligados a manutenção do sigilo, até porque esse risco passa a ser compartilhado, de forma mais evidente, com o cliente. Se o cliente não tomar os cuidados necessários, a relação terapêutica ficará exposta.

- O conforto pessoal do psicólogo ao se colocar em contextos ligados a virtualidade.

Este é um outro ponto importante, o psicólogo não é obrigado a gostar de interagir de forma virtual. Ele pode simplesmente se sentir mais confortável dentro de um contexto de presença física e não há mal nenhum nisso.

- A questão da linguagem corporal e as limitações que a troca através de recursos virtuais trariam para a relação terapêutica.

O olhar holístico coerente com a Gestalt-Terapia que envolve estar conectado com a pessoa como um todo certamente é vivido de forma diferente dentro de um contexto de virtualidade. Certos movimentos, certos tensionamentos não poderiam ser identificados exatamente da mesma forma que no contato com presença física. Em contrapartida, o atendimento através de TICs abre espaço para uma série de percepções não são possíveis no contexto de presença física, como por exemplo o acesso aos ambientes habitados pelo cliente.

- A questão do campo experimentado no contexto de um encontro presencial. A possibilidade de que existam nuances não quantificáveis que de alguma forma perpassam as relações humanas em um contexto presencial e que talvez não viessem a se reproduzir quando se está dentro de um contexto de virtualidade.

Existem muitas dimensões na experiência humana que não temos como quantificar, neste sentido, o questionamento acerca dessas dimensões que podem ser etéreas, mas que não deixam de poder ser importantes no contato entre humanos não serão fáceis de serem comparadas.

De certo que existem compreensões que apenas a maturidade poderá nos trazer. Quando tratamos de sutilezas relativas ao campo, de certas formas de

intuições que são difíceis de serem explicadas, mesmo quando estamos diante de um contexto de presença física com a qual trabalhamos há muitos anos, fica evidente que também precisaremos de tempo para entendermos sobre as mesmas dentro do contexto da virtualidade. Em dezembro de 2021, quando escrevemos essas linhas, o trabalho através de TICs ainda é muito recente para os psicólogos brasileiros no que se refere a compreensão desse tipo de nuance.

4.2.2 O Pré-COREP da região serrana

Fomos convidados para em 9 de fevereiro de 2019 fazer a abertura de um COREP (Congresso Regional de Psicologia) que seria realizado em Petrópolis, cidade situada na região serrana do estado do Rio de Janeiro. Este evento foi realizado na Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Nossa tarefa seria falar sobre “Atendimento on-line”.

Figura 30 – Divulgação do Pré-COREP Região Serrana.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

INÍCIO QUEM SOMOS NOTÍCIAS PUBLICAÇÕES IMPRENSA LICITAÇÃO TRANSPARÊNCIA AGENDA CONTATO

PETRÓPOLIS SEDIA O PENÚLTIMO PRÉ-CONGRESSO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA REGIÃO SERRANA

23/02/2019 às 15:36

A cidade de Petrópolis recebeu, no dia 9 de fevereiro, o penúltimo Pré-Congresso Regional de Psicologia da Região Serrana. O evento aconteceu na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e reuniu diversas (os) psicólogas (os) e estudantes.

Antes da instalação do Pré-Congresso, houve uma mesa de debates sobre o tema "Atendimento on-line", com participação do psicólogo Marcelo Pinheiro da Silva (CRP 05/16499), doutorando pelo HCTE da UFRJ, mestre em Psicologia Social pela UERJ, especialista em Psicologia Clínica, Terapia de Casal/Família e Psicologia Organizacional.

Em sua fala, Marcelo Pinheiro contextualizou o processo de apropriação da Psicologia em relação às práticas on-line e apontou o momento histórico atual, em que novas tecnologias de comunicação, especialmente a internet, vem afetando profundamente as relações humanas em âmbito familiar, profissional e subjetivo.

De acordo com o palestrante, "o psicólogo é um profissional da relação e deve estar consonante com seu tempo. Se os modos de relação se transformam, as práticas psicológicas precisam se transformar. A Psicologia não deve se permitir estar anacrônica. Toda forma de comunicação é possibilidade de transformação e cada uma delas possui suas limitações e suas virtudes".

"O trabalho presencial, que nos é mais conhecido, traz todas as vantagens do calor de uma relação bastante direta onde a presença física tem toda a sua intensidade. O trabalho mediado por recursos virtuais traz novos desafios à medida que não estamos tão acostumados a essas práticas. O mais importante é que permite que o trabalho psicoterapêutico aconteça em situações onde o encontro presencial é impossível", afirmou.

Em seguida, teve início o Pré-Congresso com a instalação da mesa diretoria, a leitura e aprovação do Regimento Interno do evento. Na sequência, foi feita a eleição de delegadas (os) para o 10º Congresso Regional da Psicologia (COREP), que acontecerá entre 5 e 7 de abril no Rio de Janeiro. Foram eleitas (os) 11 delegadas (os), além de um estudante. Ao final, houve a votação de propostas. Foram apreciadas 23 propostas, sendo seis delas aprovadas na íntegra, outras 16 aprovadas com modificações e uma suprimida.

Parte das (os) delegadas (os) eleitas (os)

CLIQUE PARA FAZER O DOWNLOAD

MENU

- INÍCIO
- GESTÃO DO XVII PLENÁRIO
- SUBSEDES
- COMISSÕES
- SETORES
- MEMÓRIA
- NOTÍCIAS
- JORNAL
- LIVRO
- CARTILHAS
- VÍDEOS
- REFERÊNCIAS TÉCNICAS
- RELATÓRIOS ANUAIS
- ASSESSORIA
- RELEASES
- MATERIAL PARA DOWNLOAD
- LICITAÇÕES EM ANDAMENTO
- LICITAÇÕES FINALIZADAS
- TRANSPARÊNCIA
- AGENDA
- ENDEREÇO/HORÁRIOS
- FALE CONOSCO
- PERGUNTAS FREQUENTES

LINKS RÁPIDOS

- ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
- SERVIÇOS
- LEGISLAÇÃO
- BUSCA PROFISSIONAL
- BIOLETO/CADASTRO
- CONCURSOS

ACESSO AO SITE DO CPP

INTRANET LOGIN

REDES SOCIAIS

- Facebook
- Twitter
- LinkedIn
- Google+

TELEFONE

DESENVOLVIDO POR AGENCIA PARQUE

Fonte: Site do CRP 05⁶⁸.

Comentário:

Nos sentimos muito honrados em sermos convidados para fazermos a abertura daquele Pré-COREP. O objetivo de uma palestra ou uma mesa de abertura tem relação com atrair as pessoas para o evento e também de servir de

aquecimento para as discussões que seriam realizadas naquele encontro. Naquele período, cerca de 3 meses depois da resolução CFP nº11/2018, o tema do atendimento on-line, dentro da visão da organização daquele evento, estaria suficientemente aquecido, para servir como chamariz e, também, como aquecimento para aquelas discussões, confirmando mais uma vez a importância do tema de nossa pesquisa. Infelizmente não nos foi possível acompanhar os debates desenvolvidas após o término de nossa apresentação. Naquele mesmo sábado eu também estava participando de um Workshop de final de semana em Mendes, uma outra cidade da região serrana do estado do Rio de Janeiro.

A participação naquele evento nos permitiu ser delegado para participar do COREP, o fórum das discussões referentes à seleção das propostas oriundas dos Pré-COREPs da 5ª região. Essa oportunidade nos ajudou a compreender melhor o funcionamento do sistema conselhos. Tivemos a oportunidade de acompanhar as discussões e participar do processo de votação referente à escolha das propostas que seriam encaminhadas para o próximo Congresso Nacional de Psicologia (CONEP).

Não vamos tratar de forma detalhada daquele evento. No próximo item trataremos de relatórios de campo referentes à utilização do *Whatsapp* na prática psicoterapêutica.

4.2.3 Os limites no *Whatsapp*

Relatório de campo de 31/05/2019.

Era Sexta feira e tínhamos um tempo interessante para supervisionar os casos de uma aluna. Ela contou que havia preparado com mais cuidado o relato de um de seus atendimentos. Logo se pôs a ler seu relato. Quase que imediatamente surgiu uma questão. Como administrar seus contatos via *whatsapp* com a família de seu cliente. Ela contou que se comunicava quase continuamente com as famílias das crianças e adolescentes que atendia. Relatou que inclusive tinha passado a formar grupos de *whatsapp* com essas famílias. Que em especial no contato com a família desse cliente ocorria que a mãe buscava deixá-la a par de tudo que ia acontecendo, mandava foto de boletim, contava em tempo real os impasses que vivia com o filho. E que ela, a aluna, respondia de forma muito empática e acolhedora a essas comunicações.

Ela contou que dessa forma as famílias se sentiam muito bem acompanhadas. Ela acredita inclusive que essa postura terminava gerando novas indicações que contribuía bastante para que estivesse com sua agenda cheia. Relatou que esse acompanhamento em tempo real gerava nos pais uma sensação de suporte que era bastante confortável. Uma parceria muito próxima.

Acontece que em uma determinada sessão seu cliente trouxe uma versão de história que não era compatível com o que sua mãe já havia relatado à mesma. Essa situação foi desconcertante para a psicóloga. Ela se viu com informações privilegiadas que desmentiam as palavras de seu cliente. E agora, o que fazer dentro daquele contexto? Essa era uma das questões que ela queria trazer para a supervisão. Para aquela aluna o *whatsapp* tinha um papel muito importante no contato que vivia com seus clientes e suas famílias. Ao mesmo tempo os limites de sua atuação não estavam ficando muito claros. O enquadre dos atendimentos estavam se perdendo.

Ela ainda acrescentou que seu marido tinha se queixado, que nos últimos tempos vinha indo dormir antes dela, pois ela vinha gastando muito tempo à noite se comunicando com seus clientes através do *whatsapp*. Na supervisão discutimos como o *whatsapp* estava importante para a mesma, mas ela ainda não havia encontrado uma forma equilibrada de gerenciar suas relações. Como talvez precisasse rever seus acordos. Estabelecer regras contratuais coerentes com esse contexto. Amadurecer sua relação com essa ferramenta para tentar ficar com o que tinha de bom e minimizar as consequências negativas que ela estava experimentando.

A aluna não havia trazido questões ligadas a uma busca de realizar atendimentos *on-line*. De certa forma a virtualidade foi ocupando espaço em sua forma de lidar com as famílias de seus clientes, foi ganhando importância e intervindo nas relações que ela vinha experimentando. Naquele momento ela estava sentindo necessidade de rever essa forma de administrar tais relações. Regular sua conduta de um modo compatível com suas ferramentas comunicacionais.

Considerações:

Nesse caso específico um aspecto em especial chamou muito nossa atenção: como as possibilidades de comunicação através de TICs foram ganhando espaço na prática profissional daquela aluna, gerando situações que a surpreenderam, tanto no

que se refere à administração do contato com seus clientes e suas famílias, como também no que se refere aos limites entre sua vida profissional e sua vida pessoal.

Esta situação nos aponta para a importância da elaboração das transformações que gradativamente vão tomando espaço nas relações entre terapeuta e cliente, simplesmente porque são transformações que atravessam as relações humanas de uma forma geral. A elaboração dessas transformações passa por muita reflexão e também por muita discussão. Estamos tratando aqui de um processo de invenção de novas posturas clínicas que precisam ser coerentes com as novas realidades que vão sendo performadas a partir das contínuas transformações sociais engendradas pelas transformações tecnológicas, transformações que veem se dando de forma cada vez mais rápida.

As convenções sociais se modificam sem que precisemos estabelecer acordos formais. Nos dias de hoje, início da década de 2020, muitas pessoas antes de fazer uma ligação telefônica para um amigo, mandam um Whatsapp para saber se a ligação seria oportuna naquele momento. Fazer uma ligação telefônica sem avisar antes, atualmente é muito mais invasivo do que era a tempos atrás. Não foi feito um acordo nesse sentido, os hábitos simplesmente foram se modificando de forma gradativa a partir da existência de novas possibilidades de comunicação. São os impactos dessas transformações sociais nas relações terapêuticas que precisam ser acompanhados de forma contínua e cuidadosa.

Naquele período esse tipo de transformação cultural que se dava independente de uma postura deliberativa parecia estar gradativamente aproximando os psicólogos das possibilidades de atuação através de TICs. Este processo parecia se dar de forma descentralizada e distante de palcos de discussão teórica. Muitos psicólogos iam gradativamente migrando suas relações com seus clientes para um contexto virtualizado, sem parar para discutir e se apropriar dessas mudanças de forma cuidadosa e com uma consistência compatível com a intensidade de tais transformações.

Relatório de campo de 31/05/2019.

Estava dando uma aula sobre recursos técnicos para o atendimento infantil. Falávamos sobre o trabalho com histórias. Eu comentava sobre a possibilidade de usar o gravador do celular para registrar as histórias contadas pelas crianças e como dessa forma era possível escutar junto com a criança, criar novas versões, etc.

Nesse momento uma aluna do curso contou que por ter dificuldades de lembrar de seus sonhos, para conseguir trabalhar com eles em terapia passou a gravar seus sonhos com o *whatsapp* e enviar os mesmos diretamente para sua psicóloga. Fazia isso quando acordava à noite independentemente do horário.

A psicóloga recebia os sonhos em tempo real, depois elas trabalhavam com eles na hora dos atendimentos. Desse modo ela conseguia evitar o problema de esquecer seus sonhos. Cena curiosa: a psicóloga está dormindo tranquilamente quando entra uma mensagem, é a cliente relatando seu sonho.

Antigamente alguns psicólogos tinham como estratégia para trabalhar com sonhos solicitar a seus pacientes que colocassem um caderninho ao lado da cabeceira de suas camas para que quando acordassem durante o sonho pudessem anotar o conteúdo dos mesmos, essa estratégia fazia com que pessoas que não conseguiam lembrar de seus sonhos, pessoas que, inclusive, muitas vezes, acreditavam não ter sonhos durante o sono conseguissem se lembrar de seus sonhos e produzir material para o trabalho psicoterapêutico. Na situação narrada por nossa aluna tudo parecia mais prático. A cliente gravava em áudio sua descrição do sonho, o que seria mais prático do que ligar a luz fazer anotações em um caderno depois voltar a dormir e o material já ficava disponível para a terapeuta em tempo real.

Comentários:

Esse relato foi muito surpreendente para mim. Jamais tinha pensado naquela possibilidade até escutar o relato da aluna. Em um primeiro momento me soou absurdo, mas depois do impacto inicial do relato e pensando melhor, se terapeuta e cliente combinam essa possibilidade estamos falando de um valioso acompanhamento assíncrono no qual a cliente gera material para terapia em tempo real e de forma bastante organizada. Algumas medidas administrativas simples como manter o telefone no silencioso quando a terapeuta não quiser ser incomodada e alguns cuidados no estabelecimento de um contrato terapêutico que preveja regras em relação a possíveis respostas a essas mensagens e as coisas podem funcionar de modo muito interessante.

Certamente esse tipo de prática altera de forma acentuada a relação de cumplicidade entre terapeuta e cliente. O quanto essas alterações serão positivas ou negativas para a qualidade da relação vai depender das características do terapeuta

e da relação estabelecida com cada cliente específico e da adequação dos contratos estabelecidos com os mesmos

No próximo item trataremos de situações vividas nas reuniões do grupo de pesquisa “Psicologia e virtualidade: Gestalt-terapia e Práticas Transdisciplinares.”

4.2.4 A coordenação do grupo de trabalho sobre psicologia e virtualidade

As discussões e as situações vividas a partir do processo de coordenação do grupo de trabalho sobre psicologia e virtualidade que constituímos no IGT deram margem a uma série de registros em meu caderno de campo. Neste item buscaremos trabalhar a partir desses registros. Esse grupo foi muito marcado pela parceria que estabelecemos com Ana Carolina Fonseca Bianchi, psicóloga responsável pela coordenação do setor de psicologia e virtualidade do IGT. Somos muito gratos em relação às contribuições de Carol. Os registros elencados neste item se deram a partir de nossas reuniões e de produções que desenvolvemos nesse contexto.

Relatório de campo de 19/03/2018.

Era final da manhã de uma segunda-feira de março de 2018, Ana Carolina chega, existe uma agitação no ar, seus olhos parecem brilhar. Se coloca de forma agitada, transparecendo algo que parece uma grande ansiedade. Conta ter tido seu primeiro encontro com L, sua primeira cliente que atenderia inteiramente através da internet. L é uma brasileira que mora no Canadá.

Carolina conta que a cliente relata ter feito a opção pelo atendimento on-line em função dos custos da terapia no Canadá. Lá o valor médio de sessão era de cem dólares, ficando então mais em conta o atendimento on-line realizado por Brasileiros. Carolina havia colocado como valor de sessão uma quantia que, na época, equivalia a menos de metade do custo que L teria, se buscasse atendimento no Canadá.

No que se refere ao contato com a cliente, Ana Carolina conta que a troca entre elas fluiu muito bem. Diz ter ficado muito satisfeita em relação à construção do vínculo entre as duas.

Comentários:

Esse relato de Carol na época nos remeteu às seguintes questões:

Como ficam as fronteiras geográficas quando estamos em um contexto de virtualidade? Por um lado, uma das virtudes do atendimento através de TICs está justamente na possibilidade de atendimento a brasileiros fora do território de nosso

país. Sabemos o quão comum é que pessoas que estão fora de sede vivam dificuldades emocionais e a possibilidade de atendimento realizado por alguém que compartilhe uma mesma origem, no que se refere à terra natal, pode ser um grande facilitador, porém nesse caso específico o valor da consulta parece ter sido o diferencial para a realização do atendimento.

De certo que o atendimento realizado por profissionais que estão em um local no qual o custo de vida é mais baixo e estes poderem cobrar valores menores em relação a valores de outros locais pode gerar problemas graves de mercado, no que se refere ao ponto de vista econômico. Pode gerar uma competição injusta que colocaria os profissionais que residem em cidades que tenham o custo de vida mais elevado em uma situação delicada.

Além disso, esse relato, que enfatizou os aspectos financeiros no processo de escolha de um terapeuta, nos remete ao fato de sabermos que as facilidades geradas pela ampliação nas possibilidades de comunicação trazidas pelos aplicativos que utilizam a internet propiciam relações mais fluidas, com menos compromisso. A facilidade de encontrar pessoas para o estabelecimento de experiências afetivas, por exemplo, leva algumas pessoas a valorizar menos as relações afetivas individualmente. De alguns anos para cá acompanhamos, no consultório, vários relatos de pessoas que experimentavam na relação afetiva uma facilidade de descarte, isso é, se surge alguma dificuldade simplesmente se troca o parceiro. Quais seriam as consequências dessa maior possibilidade de fluidez nas relações terapêuticas?

As reflexões e os questionamentos citados acima foram coerentes com aquele momento histórico. Um momento ainda de aproximação em relação às práticas virtuais. Hoje, 3 anos depois daquele episódio e dentro de um contexto em que todos os meus atendimentos estão se dando de forma virtual, o que pude perceber em minha experiência clínica é que, dependendo da forma com que os clientes me acessaram ao longo do tempo, pude identificar diferenças em relação a seus níveis de comprometimento. Pessoas que me procuraram por indicação se mostraram muito comprometidas com nossa relação e algumas das pessoas que me encontraram a partir de redes sociais ou pelo site do instituto se mostraram menos comprometidas, gerando um vínculo terapêutico menos estável. Essa é uma experiência pessoal e não necessariamente se constitui em uma regra geral.

Relatório de campo de 23/05/19.

Iniciamos nossa reunião no primeiro horário de uma quarta feira, na segunda quinzena de maio de 2019. Ana Carolina inicia nosso encontro contando que estava em um parque na Espanha, fala como que contando um segredo que estava na casa de amigos e que havia se sentido incomodada com a presença de câmeras de vigilância no apartamento dos mesmos. Era um ambiente extremamente tecnológico e ela não conseguia entender porque câmeras de segurança se não existiam crianças naquela casa.

Ana contou que estava se sentindo insegura para realizar seus atendimentos naquele local. A presença marcante de recursos tecnológicos ligados à informática dava a ela uma sensação de que poderia ser vigiada em suas atividades enquanto estivesse naquele ambiente. Ela me contou como estava traçando estratégias para conseguir realizar seus atendimentos de uma forma segura. Falou em usar a internet desde seu próprio celular para não se expor na rede daquela casa. Ela estava sentindo a necessidade de encontrar formas de cuidar de seu *setting* terapêutico neste contexto de viagem e isso não estava fácil.

A experiência de nômade digital mostrava alguns de seus aspectos desafiadores. Como construir segurança quando não jogamos em nosso próprio campo?

Comentários:

Um dos aspectos que nos parece interessante no atendimento através de TICs é a liberdade que o terapeuta passa a ter para estar em qualquer lugar que tenha acesso a uma internet, que disponha de velocidade suficiente e um contexto compatível com o sigilo necessário e assim poder realizar seu trabalho profissional, sem o compromisso de estar geograficamente restrito. Essa possibilidade traz uma sensação de liberdade muito interessante.

A experiência de desconforto vivida por Carol nos remete a certos limites para essa liberdade. Carol não havia imaginado a possibilidade de esbarrar com tecnologias que pudessem deixá-la insegura. Ela só identificou o contexto de desconforto quando chegou ao local onde havia combinado de ficar por alguns dias. Ela não havia chegado naquele lugar com um plano “B” já alinhado para equacionar a situação que encontrou. Ela foi obrigada a improvisar no que se refere a aspectos básicos para a realização de seu trabalho. Provavelmente esse contexto de insegurança teve algum impacto em seus atendimentos. Com certeza essa foi

uma oportunidade de aprendizado. Um tipo de situação a ser evitada. Se normalmente identificamos a necessidade de termos um plano “A”, um plano “B” e um plano “C” para ficarmos confortáveis para fazermos o atendimento on-line quando estamos em ambiente conhecido, quando nos aventuramos em um ambiente desconhecido temos que antever as situações de risco e estarmos preparados com nossos vários caminhos para a garantia de um atendimento tranquilo, livre de angústias desnecessárias, que podem facilmente comprometer a qualidade do trabalho a ser realizado.

Essa busca de antever as situações de risco não é simples. Passa por planejar cuidadosamente qualquer viagem, chegar nos espaços onde pretende realizar atendimentos com antecedência suficiente para equacionar situações que possam ameaçar o contexto terapêutico. Os cuidados precisam ser proporcionais ao risco que os ambientes desconhecidos podem trazer, em especial no que se refere a sigilo e ao acesso à internet. Quanto ao desafio que é a segurança em relação ao acesso à internet, ter recursos seguros que possam ser transportados pelo terapeuta e que garantam essa possibilidade de acesso ou pelo menos um plano “B” que seja confiável pode trazer uma tranquilidade importante para quem pretende atender mesmo estando fora de sede.

Relatório de campo de 30/05/19.

A luz e as sombras administrando tentações.

Ana Carolina como sempre sorridente inicia nosso encontro colocando que tínhamos muito a resolver. Era verdade, tínhamos as questões do grupo de trabalho e também as situações ligadas a um congresso que estávamos organizando. Os prazos estavam em nosso encaixe.

Surpreendentemente Carol inaugura aquela reunião confidenciando uma história. Com uma cara entre perplexidade e preocupação conta que uma amiga que também estava morando fora do Brasil e atuava atendendo *on-line* contou que estava hospedada com seu marido em um ambiente em forma de estúdio. Não existia uma separação de cômodos entre quarto e sala. O fuso horário contribuía com sua dificuldade já que a Europa está à frente do Brasil. Com isso ela muitas vezes tinha de atender tarde da noite. Naquele contexto, ao esbarrar com a dificuldade de o que fazer com seu marido enquanto realizava seus atendimentos fez uma estranha escolha. Ela cedeu à tentação de deixar o marido quietinho no ambiente em que realizava seus atendimentos.

A amiga contou que em uma determinada situação seu marido terminou dormindo e que nesse momento começou a roncar, deixando-a em uma saia justa com seu cliente. Não sei muito bem se essa situação trouxe alguma consequência para a psicóloga. Isso de fato nem importa muito.

Comentários:

A luz, as sombras e a tentação. A câmera do computador ou a do celular só torna visível uma parte restrita do ambiente o restante fica nas sombras nem psicólogo, nem cliente sabem quem habita estas sombras geradas pelo contexto de atendimento *on-line*. Nesta situação específica a psicóloga fez a opção de, sem contar para sua cliente, permitir que uma outra pessoa habitasse aquelas sombras. Escolha sombria. Quando Carolina me contou a história senti um enjoo no estômago, literalmente aquela situação me deu náuseas. Fiquei com a impressão de que essa psicóloga estava traindo a confiança de seus clientes de uma forma muito baixa. Os clientes não tinham muito como se proteger. As sombras abriam esse espaço. A desonestidade de fato poderia trazer situações como essa com facilidade. O cliente termina realmente ficando indefeso e de fato pode se ver exposto de modo covarde.

De certa forma a existência da sombra traz este tipo de tentação. O fato do psicólogo ter a liberdade de atender nos lugares mais diversos, traz a possibilidade de que ocorram desafios constantes. O compromisso ético do psicólogo e seu caráter precisam estar muito claros, tanto para ele como também para as pessoas com quem divide seus ambientes.

Em uma sala de atendimento presencial o cliente tem uma condição muito melhor de avaliar os cuidados que seu psicólogo tem em relação ao sigilo de suas informações do que em um *setting* virtual. O psicólogo pode trair a confiança de seu cliente em uma sessão presencial, pode, entre outras coisas, gravar a sessão com uma câmera escondida sem a permissão de seu cliente e muito mais, porém isso é trabalhoso. Na situação narrada ela só teve de ser permissiva, de não forçar a barra de seu marido para que deixasse o ambiente e pronto estava construída a traição.

Penso que a assinatura de um contrato escrito deve tratar de um compromisso de parte a parte para que as sombras não sejam usadas de forma inadequada. E essa é uma via de mão dupla tanto clientes como terapeutas podem deixar de ter os cuidados necessários. Isso pode se dar por desconhecimento e ingenuidade ou por leviandade mesmo.

Como coloquei na descrição essa situação me embrulhou o estômago. Acredito que a sensação de traição que eu vivi está ligada a ideia de que um terapeuta precisa ser alguém confiável. O convite a que o outro se abra passa por assegurar a esse outro uma confiança básica. A traição dessa confiança me parece algo muito desrespeitoso. Aquele relato me deixou triste.

Refletindo enquanto escrevo essas palavras à medida em que busco compreender essa tristeza, identifico que parte dela tem relação com o fato de que realmente os clientes ficam expostos a ação de profissionais desonestos. Essas sombras, esse espaço que fica fora do controle dos clientes, que envolvem inclusive os próprios recursos tecnológicos do psicoterapeuta, criam um espaço perigoso para o cliente e em menor escala para o terapeuta também.

Um psicoterapeuta precisa ser uma pessoa honesta e responsável, independentemente do tipo de atendimento que realiza, porém, quando se trata do atendimento através de TICs parece ser mais fácil que a desonestidade e a falta de responsabilidade tragam consequências negativas para os clientes. Ele, o cliente, fica mais exposto à possível desonestidade e/ou falta de compromisso ético por parte de seu terapeuta.

Relatório de campo de 05/07/2019

Em 02 de abril de 2019 foi enviada a primeira mensagem de divulgação sobre o curso. Em 05 de Julho de 2019 demos início a primeira turma do curso “Formação em psicologia *on-line*: a virtualidade sob uma perspectiva gestáltica”. Esse curso foi construído em parceria e com a coordenação de Ana Carolina. Naquele período ela estava atendendo de forma estritamente virtual e residia fora do Brasil.

A construção desse curso de especialização teve início no final de 2018, início de 2019. Mais tarde esse curso seria transformado em “Especialização em psicologia *on-line*: a virtualidade sob uma perspectiva gestáltica”. O curso foi construído com base nos conhecimentos desenvolvidos na coordenação dos cursos “Especialização em Psicologia Clínica. (Indivíduo, grupo, casal e família)” e “Especialização em Psicoterapia Infantil: trabalhando com crianças, adolescentes e suas famílias”. Buscamos aproveitar a organização básica daqueles cursos e os conhecimentos desenvolvidos ao longo dos 18 anos de experiência, que tínhamos naquele momento, coordenando e ministrando aulas naqueles que foram respectivamente o primeiro curso de especialização em psicologia clínica com um referencial gestáltico desenvolvido no estado do Rio de Janeiro e o primeiro curso de

especialização em psicoterapia infantil ministrado no Brasil, todos com o reconhecimento do MEC.

Um outro aspecto que contribuiu muito no processo de construção deste curso foi o fato de já termos anos de estudos dedicado aos temas ligados à virtualidade, de editarmos uma revista virtual, de termos toda uma história de coordenação de congressos e simpósios realizados de forma híbrida presencial/virtual. E também de organizarmos quinzenalmente palestras híbridas no IGT. Palestras que contavam com um público presencial e um público que assistia às mesmas em tempo real através do Youtube. Todas essas experiências nos deram subsídios para o desenvolvimento de nosso modelo de atuação.

Comentários:

A experiência de construir esse curso com 2 anos de duração foi muito importante. Nele, buscamos abarcar todos os conteúdos necessários para que nossos alunos se aproximassem da Gestalt-Terapia, construíssem os conhecimentos teóricos e tivessem condições de alcançar um nível de desenvolvimento pessoal que fosse compatível para a atuação dentro de um contexto de virtualidade a partir de um referencial gestáltico. Esse desafio nos rendeu uma quantidade enorme de horas discutindo, elaborando e criando espaços de aprendizado em relação a atuação do psicólogo através de TICs. Essa vivência certamente auxiliou na maturação dessa pesquisa. Participar dessa construção também gerou uma interface interessante com nosso tema de estudos, dando margem ao surgimento de situações que poderiam vir a contribuir em nossa investigação.

Em 2020 esse curso ganhou o reconhecimento do MEC. Passou a ser um dos primeiros cursos de pós-graduação lato sensu (Especialização) em psicologia e virtualidade de nosso país com um referencial gestáltico.

Nesse momento percebemos um aspecto que sempre marcou nossa conduta como Gestalt-Terapeuta, a marca do pioneirismo. Para o bem e para o mal esse movimento de estar buscando caminhos que nem sempre são usuais é algo que faz parte de nossa história. Estamos falando de uma postura que, ao longo de nosso percurso na psicologia, contribuiu fortemente para nossa identificação com a Gestalt-Terapia. Essa abordagem que nos convida a nos reinventarmos a cada encontro, ao estarmos abertos para o que chamamos de encontro existencial que

necessariamente nos transforma, pois envolve uma abertura para o diferente de nós, para o outro, para o novo.

Talvez pelo fato de um dos pontos pelo qual nos identificamos com a Gestalt-Terapia passe por essa espécie de amor à diferença que se torne para nós tão surpreendente esse movimento de resistência, por parte de alguns gestalt-terapeutas, às novas possibilidades de comunicação que vêm deslocando o ser humano e suas experiências e em suas relações. Acredito em uma Gestalt-Terapia que por definição tem vocação para estar na vanguarda. Uma abordagem aberta, uma arte de viver relações, de estabelecer trocas e com isso se transformar. Uma perspectiva que convida o psicólogo a estar próximo de seus clientes, a calçar os sapatos deles, a uma busca de estar próximo à experiência de vida dos mesmos. Dessa forma se a experiência cultural humana se modifica, seria coerente e esperado que o Gestalt-terapeuta também se modificasse.

Nos impressiona o fato de uma abordagem com essas características não reunir terapeutas que de alguma forma naquele tempo não se viam tão abertos para novas possibilidades de relação quanto terapeutas ligados à abordagem comportamental ou mesmo à psicanálise, como nos afirmou Maria Adélia no item 4.2.1. É claro que a Gestalt-Terapia não se resume a esse aspecto específico. Acredito que os Gestalt-terapeutas que naquele período não se percebiam abertos às possibilidades que as TICs proporcionavam se identifiquem prioritariamente com outros aspectos dessa perspectiva.

Há alguns dias recebemos a seguinte mensagem via WhatsApp:

Oi Márcia, estava aqui pensando em um bando de coisas e lembrei do centro de documentações criado pelo Marcelo.

Então resolvi escrever para parabenizar você e o Marcelo por mesmo tantos irem contra vocês nunca desistiram de construir algo lá no passado, que parecia ser tão fora do propósito, mas que hoje mostra a importância.

Vocês já possuem há anos o que muitos estão quebrando a cabeça para ter hoje.

Mais uma vez. Parabéns.

Essa mensagem ilustra dois lados dessa moeda chamada pioneirismo. Por um lado, são congratulações por outro lado fala de um estranhamento em relação ao momento em que estava buscando constituir e cuidar do CDGB, Centro de Documentação da Gestalt-terapia Brasileira.

Quando, em 2004, criamos a IGT Na Rede, a primeira revista de Gestalt-Terapia virtual de circulação gratuita que foi editada no Brasil, escutamos

comentários semelhantes. Era “estranho” para algumas pessoas o fato de que estávamos fornecendo, de graça e com acesso livre para quaisquer pessoas, materiais que outros optavam por guardar escondido a sete chaves. Atualmente, como havíamos profetizado e incentivado em nossos primeiros editoriais, várias outras revistas ligadas à Gestalt-Terapia seguiram o mesmo caminho.

Essa tendência a nos reinventarmos de acordo com os contextos nos ajudou a estar muito em sintonia com as situações vividas, porém tendia e ainda tende a gerar um contexto muito solitário. Com frequência as pessoas ao redor não compreendiam em tempo real o sentido de certos movimentos. Esse não é um lugar fácil de habitar. Até porque, de forma inversa a esse amor à diferença que enfatizamos tanto, como diz a música, “narciso acha feio o que não é espelho”.

Pensar nisso nos faz construir um questionamento que nos parece promissor para compreendermos um pouco mais sobre os gestalt-terapeutas à luz desse processo de apropriação dos recursos virtuais por parte dos mesmos. Se a abertura para o novo nos é um ponto de identificação muito importante em relação à Gestalt-Terapia, quais seriam os pontos de identificação que aproximariam essas outras pessoas, que naquela época olhavam de forma tão negativa para as novas possibilidades trazidas pela deriva tecnológica, para essa abordagem? Esse contraste poderia nos trazer compreensões interessantes em relação ao psicólogo, à psicologia e ao processo de apropriação das TICs. Poderemos aprofundar um pouco mais essa discussão no item 4.3.15.

Relatório de Campo de 16/09/2019

A reunião do grupo de trabalho com Ana Carolina, naquele dia, deveria ter como tema o curso *on-line* que estávamos construindo, mas naquele momento um outro tema atravessou a nossa pauta. Alguns dias antes, Ana havia me enviado uma mensagem falando da situação de uma amiga que fora procurada por uma brasileira que estava no Japão e que precisava ser atendida *on-line*. Ela colocou nas mensagens que essa pessoa se disse muito desesperada e que pensava em cometer suicídio.

Ana contava que essa psicóloga se viu muito angustiada, pois a resolução 11/2018 coloca que, nesses casos, seria importante encaminhar essa pessoa para um atendimento presencial, posto que seria uma situação de crise. Como pedir para uma pessoa buscar atendimento presencial no Japão? Além da dificuldade ligada à barreira cultural, a moça tinha dificuldades econômicas e, com isso, seria um

atendimento social. Já havíamos trocado mensagens anteriormente discutindo essa situação.

O assunto atravessou a nossa pauta, pois Ana tinha novas informações sobre o caso em questão. A terapeuta que fazia o atendimento, contou que à medida em que foi tendo sessões com tal cliente, esta foi contando que, por várias vezes terminou sendo expulsa dos lugares onde morou, pois não arcava com suas responsabilidades nos acordos que estabelecia, que havia se aborrecido com sua família e, que em função disso interrompera o localizador de celular que estava compartilhado com sua família, como uma espécie de forma de punição para seus familiares.

A partir daí conversamos bastante sobre as possibilidades de manipulação que a psicóloga poderia viver caso a cliente reproduzisse este tipo de postura na relação com a mesma. Como o discurso de risco de suicídio poderia ser muito difícil de lidar em um atendimento à distância, daquela forma. Como poderia ser angustiante caso ela interrompesse o contato, como fez com a própria família, em um contexto como aquele.

Comentários:

Naquele período cada situação que presenciávamos nos fazia pensar bastante e aquele relato no qual a cliente trazia temas pesados, estava fora de sede, em um país culturalmente tão diferente, em um contexto que parecia ser complicado montar uma rede de apoio. Além de tudo isso, descrevia uma postura manipulativa no contato com a própria família. Aquele contexto nos fez pensar sobre os riscos daquele atendimento e sobre nossos limites como terapeutas.

Por um lado, fazer um atendimento naquelas condições parecia muito perigoso, por outro lado, não era muito simples encontrar algum outro caminho para o acolhimento daquela pessoa. Se interpretássemos literalmente as resoluções que estavam em vigor naquele momento, pensando no território brasileiro, a terapeuta deveria fazer um encaminhamento de forma a que a pessoa fosse atendida de modo presencial por um psicólogo ou por uma instituição. Não estávamos falando especificamente do território brasileiro e não tínhamos conhecimentos sobre possibilidade de suporte presencial para brasileiros no Japão. Naquele período só conseguimos visualizar duas possibilidades para aquela psicóloga: ou assumia os riscos e fazia o atendimento, ou acompanhava a cliente em uma busca por um

caminho para receber suporte o que seria uma tarefa muito difícil dentro do contexto em que ela se encontrava.

Essa situação aponta para os limites e desafios do trabalho através de TICs. Traz também indícios de que as regulamentações que tínhamos na época não seguiam uma lógica que pudesse dar conta das inúmeras possibilidades que as práticas a partir de recursos virtuais nos apresentavam. Mostrava que ainda tínhamos muito a desenvolver no que se refere às discussões sobre as questões colocadas em jogo pelas transformações tecnológicas.

Em nosso próximo item buscaremos descrever e discutir os resultados de uma dinâmica realizada com alunos do curso de especialização em Psicologia Clínica do IGT que pode contribuir com nossas investigações.

4.2.5 Pesquisando com alunos do IGT

Julho de 2019

Em julho de 2019 utilizamos em duas das turmas de Especialização em Psicologia Clínica do IGT um dispositivo pedagógico que também tinha intuito de pesquisa. Após solicitarmos autorização das turmas para a finalidade de investigação buscamos filmar nossa atividade. Dividimos as turmas em dois grupos, um grupo das pessoas que identificavam no atendimento através de TICs uma prática interessante e outro dos alunos que não viam essas práticas como adequadas e interessantes. A partir dessa divisão convidei os membros de um dos dois grupos a conversar sobre o que pensavam em relação a essas práticas de forma a que o outro grupo pudesse assistir à conversa. Posteriormente o grupo que ficou assistindo conversava sobre o que ouvira do grupo anterior e também conversava sobre suas percepções em relação ao tema. Em seguida abríamos para que a turma inteira trocasse sobre o tema. Busquei alternar nas diferentes turmas que grupos se posicionavam em um primeiro momento e que grupos tinham a fala após escutar as pessoas que pensavam de modo diferente. Por último cada aluno teve a oportunidade de falar sobre como foi viver aquela experiência.

Os objetivos deste dispositivo/experimento eram propiciar um espaço de reflexão sobre as possibilidades de atuação através de TICs, tema relevante no que se referia a alunos de um curso de especialização em psicologia clínica em um período no qual as possibilidades de atendimento psicoterapêutico por esses meios

ainda eram recentes. E também de explicitar a forma como aquelas pessoas enxergavam tais práticas naquele momento específico, o que seria muito útil para nossa pesquisa.

Construímos quadros com argumentos favoráveis e argumentos desfavoráveis às práticas relativas à psicoterapia *on-line* que foram elencados por aqueles alunos de curso de especialização do IGT naquele período (quadros 8 e 9). Participaram das discussões no total 20 pessoas. 19 psicólogos formados e 1 estudante de psicologia.

Quanto a formação dos grupos tivemos uma divisão bastante equilibrada nas duas turmas. Na primeira, a que funcionava na parte da manhã, contamos com a participação de 14 pessoas 13 psicólogos 1 estudante de psicologia, 1 aluna de um curso de formadores que estava assistindo/participando da e uma professora do curso. Nós conduzimos a dinâmica. Desse universo 6 pessoas se posicionaram resistentes à psicoterapia através de TICs e 8 se colocaram simpáticas ao tema. Na segunda turma, que funcionava na parte da noite, tínhamos 6 pessoas presentes, 3 pessoas se colocaram a favor das práticas através de TICs e 3 se colocaram de forma desfavorável a essas práticas. coincidentemente duas das pessoas que se manifestaram simpáticas às práticas *on-line* estavam participando da através de videoconferência no WhatsApp, uma delas já tendia cotidianamente através da internet.

Após uma breve explicação sobre como trabalharíamos naquele encontro buscamos fazer a divisão do grupo entre pessoas que apresentavam uma expectativa favorável às práticas através de TICs e o grupo que não se identificava com essas práticas.

Em uma das turmas, a que funcionava na parte da manhã, buscamos convidar a que o grupo que não se identificava com as práticas psicoterapêuticas através de TICs iniciasse a discussão enquanto o outro grupo inicialmente se manteria apenas assistindo.

A primeira aluna a se posicionar coloca a questão do sigilo como delicada e perigosa. Não se teria certeza de que a pessoa está “sozinha naquele ambiente” nem se a pessoa está ou não fazendo a gravação daquele atendimento. Precisa ter cuidado em relação a ferramenta a ser utilizada, coloca também que “gosta do contato” e um outro ponto ainda era que ela se distrai se alguma coisa acontece ao seu redor o mesmo poderia se dar com o cliente do outro lado, sendo assim ela se

perguntava em relação a entrega dentro daquele contexto. A segunda aluna afirmou que compartilhava dos pontos trazidos pela primeira, a terceira toma a fala e conta que também pretendia colocar algo semelhante ao que a primeira havia trazido. Contou, como exemplo dos riscos, que já havia vivido uma situação no âmbito organizacional na qual precisou fazer uma reunião de forma virtual com uma determinada pessoa e que a reunião foi gravada pela tal pessoa. Naquela oportunidade foram explorados aspectos da conversa usando frases descontextualizadas para atingir objetivos escusos, e que aquela pessoa, que gravou, teria feito isso junto ao sindicato da mesma.

A primeira aluna retoma a palavra colocando que se já existisse um vínculo anterior, por exemplo, um cliente já conhecido que faz uma viagem, que aí tudo bem, não seria tão perigoso. A segunda aluna retoma a palavra e conta que esporadicamente tem vivido situações de atendimento *on-line* com clientes que ficam por algum motivo impedidos de comparecer à sessão e que recentemente estava atendendo uma adolescente e que de forma inesperada a mãe da cliente entrou no ambiente no qual o atendimento estava acontecendo e a cumprimentou. Que em seu entendimento a cliente estava se colocando de forma “falseada” em função da presença da mãe. Conta ainda que essa mesma cliente ficou chorando depois de uma sessão e que a mãe identificou seu choro e ficou questionando os motivos do choro. Situações em que a pessoa fica muito mobilizada sem estar sozinha em casa seriam muito complicadas. E mesmo se ela estiver sozinha em casa o sigilo estará ok, porém, ela não terá alguém para dar um abraço, para dar a mão, para fazer um acolhimento para ouvir ela chorar e se lamentar. Que tem a questão do contato, da presença e que isso fica perdido. Que se está se tratando de uma questão pontual, sem aprofundamento, como em um *coach*, seria ok, porém se envolve coisas mais profundas seria muito complicado.

Uma outra aluna entra na discussão enfatizando o aspecto do contato como algo que, para ela seria muito complicado, coloca que principalmente por se estar tratando de Gestalt-Terapia, abordagem que enfatizaria a relação e o contato. Afirma que cerca de 50% do contato ficaria perdido porque não tem o contato físico, muita coisa sutil se perde: uma olhada para cima, um pé balançando. Só seria possível ver da cintura para cima. Afirma que se perderia 50% da qualidade de uma sessão.

Uma outra aluna pede a palavra e fala que seria olhar para um tema que ela desconhecia, por mais que já tenha acompanhado vídeo conferência com colegas

que não puderam vir a aula, quando se tratava do atendimento ao cliente, que tem toda essa abordagem, que tem o contato, o olho no olho, o abraço ela achava que realmente ficaria a desejar, pelo menos naquele momento, mas que ela estava ali para aprender.

A terceira aluna a falar retoma a fala e volta a enfatizar os riscos de gravação e como isso inibiria o terapeuta. Contou que tinha conhecimento que existiriam gravadores em forma de caneta que também poderiam gravar a sessão presencial, porém que era diferente. Conta uma outra situação em que mandou um áudio de whatsapp para a mãe de uma cliente e essa mãe, sem o consentimento dela, repassou o áudio para o colégio onde a filha estudava e que aquela situação poderia ter trazido desdobramentos muito ruins, visto que ela tinha outros clientes daquela escola. Que ela inclusive estava revendo sua postura em relação a contatos pelo whatsapp.

A primeira aluna a ter se colocado afirma que seria importante colocar esses itens no contrato de atendimento, de forma a que se o cliente gravasse estaria descumprindo o contrato. Mas que mesmo assim o risco existiria independentemente da existência do contrato. Alguém que não tivesse uma conduta ética faria do mesmo jeito.

Por último, a aluna que enfatizou bastante os riscos de quebra de sigilo afirma que não deixaria de fazer um atendimento *on-line* em função desses riscos, mas que faria com todos os cuidados, cheia de “se mas”.

O primeiro grupo esgotou suas falas, a partir daí invertemos a organização da sala e o segundo grupo, que simpatizava mais com a psicoterapia através de TICs assumiu a palavra. Relembramos a consigna, a tarefa desse grupo seria comentar o que acabaram de escutar, isso é, trazer as ressonâncias em relação ao que havia sido dito e em seguida fazer comentários em relação as formas como enxergavam o tema. A primeira aluna a se colocar afirma não excluir essa possibilidade, achar ela válida em lugares em que a psicologia tem dificuldades em chegar. Existiriam lugares no Brasil em que não haveria tantos psicólogos assim. E também em caso de viagem de clientes que estivessem em atendimento. Conta que tomaria cuidado em relação ao sigilo, orientando o cliente a estar em um lugar seguro, com porta fechada, utilizando fones de ouvido. Faria um contrato com as exigências relativas ao sigilo e solicitaria que a câmera ficasse a uma distância capaz de abarcar o máximo possível do corpo. Que já havia pensado algumas dessas coisas, outras

pensou a partir da escuta do grupo anterior. Mas faz a ressalva que aquilo não substituiria o contato presencial, porém seria uma opção a mais.

Uma outra aluna assume a palavra e coloca que seria mais uma ferramenta, que existem situações em que a pessoa quer fazer terapia, porém, não tem tempo para ir ao consultório, seria o caso de alguns empresários por exemplo e que algumas pessoas poderiam querer ser atendidas por um psicólogo específico. Conta que tinha uma ex-cliente que foi morar em Portugal e que está vindo para voltar a fazer terapia com ela por já a conhecia e não queria fazer com outra pessoa. Colocou a importância das regras e de que caso elas não fossem cumpridas deveriam existir consequências, por exemplo, se percebesse a presença de mais alguém no ambiente faria a interrupção da sessão imediatamente e reforçaria a importância do cumprimento dos acordos. E que se a situação persistisse interromperia o atendimento e que essa dificuldade terminaria sendo tema de atendimento. Ela afirma que entendia que não seria igual, mas que as diferenças podem ser trabalhadas. A câmera pode ser ajustada para existir uma visão mais ampla, e que se poderia trabalhar com o que se tem. Seria uma possibilidade importante para que algumas pessoas não ficassem sem atendimento e que tem também o lado financeiro, que o profissional também pode ter um alcance maior em relação a seus clientes, aumentando suas possibilidades de atendimento. Uma terceira aluna coloca as dificuldades de deslocamento na cidade do Rio de Janeiro e que esse também seria um obstáculo que o trabalho na virtualidade poderia auxiliar. Conta que já teve cliente que saiu de casa com uma hora de antecedência e não conseguiu ser atendido, não chegou no consultório a tempo. Coloca que já perdeu clientes que se mudaram. Também foi levantada a situação de pessoas que teriam dificuldades de deslocamento, acamados, cadeirante, entre outros.

Uma outra aluna conta do trabalho que tem feito com duas pessoas. Uma que ela atendia presencialmente e que se mudou para outro país e uma outra que havia sido encaminhada para ela iniciar o atendimento já de forma virtual e que nos dois casos o retorno estava muito positivo. Explica que o atendimento inicialmente era em arteterapia e que o resultado estava sendo excelente, conta ainda que a medida em que começou o curso de Gestalt-Terapia tem utilizado alguns recursos coerentes com essa abordagem e que o resultado está sendo melhor ainda. Conta que ela mesmo havia resistido bastante à essa possibilidade, porém, a pessoa estava precisando de atendimento. Comenta que ela tem a preocupação com o sigilo, mas

as duas clientes que ela atendia virtualmente ficavam sozinhas em casa e as coisas fluíam bem nesse aspecto.

Uma outra aluna afirma que não havia atendido ainda dessa forma, mas que tinha curiosidade, já que estaríamos na era da tecnologia e que esse seria um caminho sem volta. Que seria importante ter os devidos cuidados, mas que ela tinha interesse em se aproximar dessas práticas, se aprofundar, conhecer mais. Que seria importante se adequar socialmente, dançar conforme a música, acompanhar os movimentos socioculturais.

A professora que estava participando da atividade se coloca enfatizando a necessidade de definirmos o que seria atendimento *on-line*. Que a psicoterapia tradicional se dá dentro de uma sala de atendimento, e que também existem os contatos fora do espaço terapêutico como telefonemas e mensagens. Afirma que tem visto psicólogos fazerem verdadeiras sessões de atendimento pelo telefone, fazendo monitoramentos pelo whatsapp, sem se dar conta de que essas são formas de atendimento. Conta que sente falta dos psicólogos cuidarem por exemplo de não usar o próprio telefone para mandar mensagens para os clientes, sem levar em consideração os riscos de perder o telefone ou ser assaltada, situações em que as informações que estariam no celular ficariam expostas. Conta de alunos que faziam os relatórios em cadernos e que tiveram esses cadernos extraviados. Fala da importância de estarmos discutindo esse tema e o quanto não daria para pensar que a forma de atuar no atendimento *on-line* seria similar a forma de atuar no presencial, que são coisas diferentes e precisam ser vistas dessa forma, que teriam muitas coisas a serem desenvolvidas em relação ao atendimento através de TICs.

No terceiro momento abrimos a roda e convidamos, quem quisesse, a fazer seus comentários. Uma das pessoas que se colocava de forma contrária às práticas virtuais coloca que estava em busca de ser convencida de que seria uma boa ideia atender *on-line* e que o comentário da professora foi convincente, a ideia de que seria apenas uma outra forma de atendimento, com perdas, ganhos e cuidados distintos. Essa forma de olhar ficava mais confortável. Seria mais uma modalidade possível. Uma outra pessoa do mesmo grupo que a anterior assumiu a palavra e colocou que quando pensava em atendimento *on-line* só pensava no atendimento por vídeo e com hora marcada e que ao escutar a fala da professora se deu conta que vinha interagindo com seus clientes através do WhatsApp, em especial, com clientes que apresentavam risco de suicídio e que essa era uma forma de

acompanhar mais de perto esses clientes. Duas outras alunas do grupo favorável contaram situações parecidas nas quais usaram um tempo grande, às vezes em momentos complicados, para acompanhar pacientes em risco de suicídio em momentos de crise, utilizando recursos virtuais e como não entendiam esses momentos como trabalho. Era como se fosse um apoio humanitário.

Surge uma discussão em relação a se esses contatos entre sessões deveriam ou não ser cobrados. Ninguém no grupo relatou já ter realizado alguma cobrança com essa característica, nem ter colocado essa possibilidade de cobrança em contrato. Por um lado, o de se fazer a cobrança, havia o argumento de ser um trabalho. Por outro lado, o de não se cobrar, o de que seria uma troca importante que gera fidelização e sentimento de gratidão por parte do cliente. Foram colocados varios exemplos de situações ilustrativas: Uma cliente que tinha ideação suicida descobriu que estava grávida, daí, ligou angustiada para a terapeuta em um sábado à noite. A terapeuta levou um bom tempo acolhendo a cliente naquele momento e em outras situações que também pareciam críticas. Essa disponibilidade da terapeuta pareceu ter trazido um efeito muito positivo para o atendimento, segundo ela a cliente foi muito bem no processo terapêutico e inclusive a indicava, com frequência, para outras pessoas. Um outro exemplo favorável à não cobrança foi como outros profissionais como obstetras e pediatras são acionados até de madrugada e não cobram por isso.

Outra discussão, ainda próxima a este tema, foi sobre o quanto o terapeuta deve se colocar disponível para o contato virtual entre sessões. Mais uma vez a situação de risco de suicídio foi colocada como argumento favorável a esse tipo de disponibilidade. A ocorrência de situações em que o terapeuta não teria condições de responder de forma imediata, por exemplo quando está atendendo a outra pessoa, foi colocado como argumento contrário a essa possibilidade de contato assíncrono entre as sessões. Novamente a questão da clareza contratual foi colocada como necessária para fazer frente a essa questão. A importância de estar acordado com antecedência os limites do terapeuta no que se refere à possibilidade de responder a contatos assíncronos, definição de prazos, entre outros.

Alguns outros temas mais distantes de nossa pesquisa surgiram, sendo assim, optamos por não os comentar. Para fechar a atividade os participantes que quisessem foram convidados a contar, em poucas palavras, sobre como tinha sido

viver aquela experiência. Os comentários das alunas que em um primeiro momento não se identificavam com as práticas através de TICs estão elencados a seguir:

- Havia sido angustiante olhar para o lugar dela enquanto terapeuta. Ver que é uma ferramenta que tem seus benefícios, seu mercado, que ela mesmo já havia usado e que sabia que funcionava, porém ao mesmo tempo existiriam tantas reticências para ela que isso falaria de uma insegurança dela como profissional, daí a angústia, em função da dificuldade de lidar;

- Extremamente válido para pensar a prática atual dela e também para o futuro que precisaria estudar muito mais e que naquele momento não se via nem contra nem a favor, mais, em estudo;

- Muito rico e pensar tudo isso contribuiria muito para o amadurecimento profissional, um momento de reflexão, com uma certa angústia;

- Curiosa com as novas tecnologias, por mais que ela tivesse muito receio de lidar com o celular, era sim uma ferramenta que poderia gerar acolhimento, que deveria ser utilizada com todos os cuidados que seriam necessários;

- Continuava refletindo muito em relação aos cuidados, porém seria apenas uma ferramenta, uma modalidade de atendimento que estaria em processo, que seria algo novo;

- Interessante, gera curiosidade e estudos

As falas das pessoas que se colocaram inicialmente favoráveis às práticas através de TICs foram as seguintes:

- Seria um desafio;

- Havia gerado muitas reflexões até na prática atual dela, em relação à questão do sigilo;

- É um tema interessante que necessitaria de estudos para aprofundamento;

- Seria algo novo as pessoas ainda estariam se adaptando, e também fez pensar nas práticas atuais dela, fez identificar alguns pontos a serem cuidados, no que se refere às questões ligadas ao sigilo;

- Válido porque fez refletir várias questões não só sobre a modalidade, mas sobre as práticas dela como um todo.

A segunda turma que passou por nossa dinâmica foi a de quarta-feira à noite. Das 6 alunas que participaram daquela aula, duas estavam presentes através do Skype. Justamente essas duas foram as que primeiramente manifestaram seus interesses e suas percepções positivas em relação ao atendimento através de TICs.

Neste grupo fizemos a opção de iniciarmos as discussões pelo grupo favorável a essas práticas.

Do trio a pessoa que estava na sala relata já ter tido experiências pontuais de atendimento por telefone e de já ter sido atendida on-line. Contou que pensou, se funcionou para ela, por que não atender outras pessoas? Uma das alunas que estava por Skype já tinha experiências de atendimentos contínuos. Teve uma cliente de uma cidade pequena e essa indicou uma outra da mesma região. Ambas, as clientes, relataram a dificuldade de acesso a atendimento psicoterapêutico. Segundo ela, este exemplo enfatizaria a importância da possibilidade de atendimento a pessoas de lugares distantes. A outra aluna que estava on-line coloca que é o futuro da psicologia e de outras ciências. Contou que, naquele período, estava viajando e que se já tivesse conseguido resolver seu cadastro no e-psi poderia estar continuando os atendimentos de seus clientes. Que o atendimento on-line seria fundamental. Existiriam situações em que a pessoa não pode ir ao consultório. Que essa seria uma ferramenta que a psicologia estaria se apropriando.

A aluna que tinha mais prática se lembra de um atendimento que havia iniciado com uma pessoa que a procurou de Angola. Não conseguiram dar prosseguimento ao processo em função de questões ligadas a forma de realização do pagamento do atendimento, visto que seria uma transação internacional. Que não era uma brasileira em Angola e sim uma angolana que a encontrou no Instagram. Enfatizando que esse seria um exemplo de como o alcance do profissional se amplia muito, estaria passando a ser possível atender pessoas de outras nacionalidades, em seus países de origem.

Surge uma discussão em relação a questão da rede de apoio. Mais uma vez a pessoa que já tinha uma experiência prática contou ter sido procurada por um cliente e que por ser um caso grave ela havia entendido que não teria condições de criar uma rede de apoio e que em função disso orientou a pessoa a procurar um atendimento presencial, acompanhando as orientações da resolução que contraindicaria o atendimento a casos mais graves. A aluna coloca a importância de na primeira entrevista se avaliar se existiriam condições para a realização do atendimento. Conta que mesmo sendo possível o atendimento a menores de idade, ela fazia a opção de não realizar o atendimento a esse público. Coloca que acreditava que seria necessário um cuidado maior ao se iniciar um atendimento através de TICs.

Ocorre uma troca em relação a importância da rede de apoio. Se surge uma situação complicada, poderia ser importante existir a possibilidade de uma intervenção presencial por parte de alguém da rede social do cliente.

A aluna que estava na sala conta não saber como funcionaria a questão do pagamento, se seria antecipado? Como seria feito? A que já realizava a prática on-line conta que normalmente não vinha tendo problemas com essa questão. Contou que uma amiga dela pedia o pagamento antecipado para fazer o agendamento das sessões e que ela, a aluna, não trabalhava dessa forma. Seus clientes faziam seus pagamentos por sessão ou de 4 em 4 sessões.

Conversaram sobre possibilidades de queda de conexão e também sobre a questão do sigilo. Novamente a aluna que já estava vivendo a prática, coloca ainda não ter vivido nenhuma dificuldade que não conseguiu lidar, em relação à conexão. Que no que se refere ao sigilo ela havia pesquisado e que o que oferecia criptografia de ponta a ponta seria o WhatsApp que nem o Skype nem o Telegram teriam esse cuidado naquela época.

Falam também sobre as orientações do conselho, no sentido de que o cliente seja orientado a não utilizar computadores que não sejam da própria pessoa ou que sejam públicos. Essa seria uma forma de minimizar os riscos no que se refere ao sigilo, mas que sempre existiria algum risco.

Conversam também sobre as orientações para a primeira entrevista. A importância de ter um conjunto de instruções, de ter orientações gerais sobre a primeira entrevista que envolveriam: cuidados com o sigilo, a importância de uma boa conexão, também de se ter um lugar de apoio para o telefone ou para o computador e de se ter um fone de ouvido.

Sobre o contrato, a aluna mais experiente conta que trabalha com o contrato escaneado. Ela manda para o cliente ele imprime, assina, escaneia e manda de volta. Ela aproveitou para contar também que vinha tendo dificuldades em alguns momentos no sentido de realizar experimentos através de TICs. Percebia que existiam limitações nessas práticas, quando comparadas às práticas exercidas no presencial, mas conta que também existiriam possibilidades que não seriam tão fáceis no presencial. Dá um exemplo de que em uma sessão surgiu a curiosidade em relação ao significado do nome do cliente e rapidamente fizeram uma pesquisa no google e descobriram o significado. Afirma que a grande sacada seria identificar os pontos em que a virtualidade facilitaria e ser criativo em relação aos pontos em

que a virtualidade trouxesse dificuldades. Fala que a presença física seria algo importante, mas, seria fundamental estar “presente de conexão, estar verdadeiramente conectado com seu cliente, mesmo que esteja distante fisicamente dele”.

Conversaram também sobre quando o cliente fica muito mobilizado emocionalmente, que quando se está no atendimento presencial o terapeuta poderia se aproximar fisicamente, pegar um lenço de papel, acolher de alguma forma e que na virtualidade só se teriam as palavras. Foi colocado que seriam limitações sim, mas que as palavras seriam importantes e que teria o depois também, a atitude do terapeuta, o buscar saber como estaria o cliente. Essas também seriam formas de acolher. Que seria uma coisa nova e que seria necessário aprender formas de fazer isso. O tema da rede de apoio e da necessidade de estar atento em relação à quando o caso é indicado ou não para o atendimento on-line foi trazido. É colocada a importância de que o psicólogo esteja atento em relação a se ele se sente pronto para realizar aquele atendimento específico.

Conversam também sobre a possibilidade de o cliente fazer contato fora do horário da sessão. A aluna, que tinha mais experiência em relação a nosso tema, conta que já havia recebido mensagens fora do horário de atendimento da mesma forma que no atendimento presencial, mas sessões em vídeo ela é quem sempre dava início, sendo assim, não existia a possibilidade de o cliente abrir a sessão.

Depois da conversa se esgotar invertemos os grupos. A primeira aluna a se colocar afirma concordar com o que foi dito pelo grupo anterior, especialmente no que se refere ao atendimento de pessoas que residam em lugares distantes ou tenham alguma dificuldade de sair de casa para fazer o atendimento, por ter alguma deficiência ou síndrome do pânico, por exemplo. Coloca que acredita que nem todos os experimentos seriam possíveis, mas que como tudo teriam prós e contras. Que o desafio seria pensar outras formas para trabalhar as questões que o cliente está trazendo. O segundo aluno a falar conta que não havia pensado nisso, mas concordava com a ideia de que existem casos e casos, que nem todos os casos poderão ser atendidos on-line, que seria interessante atender dessa forma, mas seria importante ter a noção de quando essa forma de atendimento seria indicada e de quando não seria. Seria importante ter abertura para se adaptar à modernidade.

Foi comentado que o que prejudicaria o atendimento *on-line* é o fato de não ser possível enxergar o corpo inteiro. O terapeuta perde a possibilidade de enxergar o que estaria ocorrendo em várias partes do corpo e, como se saberia, o corpo fala.

A terceira pessoa conta que tem um pouco de resistência em relação a essa forma nova, mas que precisava pensar também que não seria para substituir o atendimento presencial, que seria mais um instrumento. Que, pensando assim, as pessoas que não estavam muito simpáticas a essas formas de atendimento podiam compreender melhor essa possibilidade, porém ela via muito mais problemas e desafios do que vantagens nessas práticas. Ela listou as vantagens e os cuidados que haviam sido elencados pelo grupo anterior e colocou que identificou mais cuidados a serem tomados do que vantagens e que, sendo assim, ela não achava que viria a compreender essas práticas como sendo uma nova ferramenta. E, principalmente, que o contato, o olhar, o visual total da pessoa que ficariam mais restritos.

A primeira pessoa, que havia falado, desse grupo retoma a palavra e coloca que a própria relação terapêutica se torna mais fácil quando se está presente fisicamente, que imagina que a construção de um vínculo terapêutico demoraria mais do que no presencial. A segunda pessoa a falar coloca que o fato de o cliente estar na casa dele no conforto, no ambiente seguro dele e com essa energia talvez ele não revelasse alguma coisa. Que poderia ser um trabalho bom, mas talvez não fosse tão profundo quanto o presencial. Que as pessoas mudariam muito quando estão *on-line*. Coloca que ainda não estaríamos com um nível de tecnologia que tornaria a troca mais completa. Holograma, uma internet mais estável, aí sim o virtual poderia substituir o presencial. Ainda não seria tão completo.

A terceira pessoa retoma a palavra colocando parecer que seria mais cômodo para o terapeuta e que dava a impressão de não existir uma preocupação em relação a ser melhor para o cliente. A pergunta que ela teria é que se o paciente deixasse na mão dos alunos do outro grupo para que eles tomassem a decisão se eles prefeririam fazer o atendimento *on-line* ou presencial qual seria a resposta? Coloca que é menos custoso para o psicólogo, deixaria de ser necessário o tempo de deslocamento, os custos de transporte. Seria mais cômodo para o terapeuta. Seria pensar apenas na comodidade do terapeuta e isso não seria adequado.

Surge a possibilidade da pessoa não se conectar tanto por estar em casa e com isso podem acontecer barulhos de criança correndo na sala, de telefone, de

interfone, e outros sons que poderiam distrair a atenção da pessoa, impedindo uma maior conexão. Ela poderia estar diante do psicólogo, mas estar pensando na louça que está na pia por exemplo. Isso talvez variasse de cliente para cliente. Ela poderia olhar para alguma coisa na casa e se distrair e isso poderia influenciar. Que imagina que estar em casa deveria atrapalhar. E que o que mais prejudicaria seria a impossibilidade de fazer experimentos que seriam possíveis no presencial. Perderia um pouco da qualidade. Seria válido, porém não deveria ser a primeira opção. Deveria ser uma exceção caso não existisse nenhuma outra possibilidade. Também poderia ser algo complementar, se o paciente precisasse fazer uma viagem e quisesse continuar seu atendimento, aí tudo bem, não existiria tanto problema. E coloca como pergunta se esse tipo de prática que envolve os dois tipos de atendimento estaria sendo feito.

Após abrirmos a roda. A aluna que já tinha experiência contou de uma cliente enfermeira que trabalhava por escala e quando ela não tinha folga o atendimento acontecia de forma virtual, quando tinha folga o atendimento era presencial. Que as pessoas que ela atendia on-line ela não teria como atender presencialmente em função da distância.

Ela falou também que existiam os cuidados necessários, porém as pessoas que ela estaria atendendo dessa forma (Através de TICs) não poderiam ser atendidas de outra maneira. Que já até havia visto divulgação de psicólogos que só faziam atendimento on-line, mas esse não seria o caso dela. Ela preferia fazer os atendimentos de forma presencial, mas nos casos em que essa forma não seria possível, daí ela fazia o atendimento on-line.

Conta também de uma pessoa que ela estava atendendo que vinha de anos de psicanálise e que buscou uma terapia diferente e que esta descreveu um desenvolvimento em seu processo terapêutico virtual muito mais interessante do que havia conseguido viver no atendimento presencial. Que com isso ela teria percebido que com certeza é mais difícil, precisa de mais cuidado, porém não teria isso de que o presencial é melhor, são muitas as variáveis que vão interferir.

Surge a questão das cidades pequenas em que a pessoa conhece todo mundo, daí se sente exposta de ser atendida por alguém da localidade. Trazem também a questão do “Fala Freud”, como um aplicativo que buscava substituir os terapeutas presenciais. Que a sessão inicial no Fala Freud teria o custo de R\$29,90 o que, por ser um valor muito baixo, gerou uma comoção entre os alunos. E

que dava a impressão que eles trabalhavam com sessões avulsas tipo estou com um problema, tenho uma sessão no “Fala Freud” e pronto, resolvido, posso seguir a vida.

Citam o Whindersson Nunes⁶⁹ que estaria criando um aplicativo de atendimento on-line e a questão seria o quão sério seria esse trabalho. Que como ferramenta seria válido, porém substituir o trabalho presencial seria algo inadequado.

Colocam também a possibilidade de a sessão ser gravada o que comprometeria o sigilo. Conversam sobre a possibilidade de se assinar um termo de responsabilidade para não haver a gravação.

Um outro ponto trazido foi que uma das alunas havia escutado um comentário a respeito de que como o atendimento estaria podendo ser on-line, então poderiam querer que o curso de psicologia passasse a ser on-line também. E que ela, a aluna, concordava com os que não gostavam dessa possibilidade.

Para fechar mais uma vez pedimos que às pessoas falassem sobre como foi viver a troca, elencamos abaixo as colocações, iniciamos com os não favoráveis:

- Cada vez que me permito conversar sobre o assunto, escutando pessoas que já têm experiência com o tema é possível entender um pouco mais e ficar mais flexível para aceitar essa nova modalidade;

- Nada melhor do que pessoas com experiência para falar sobre o tema, faz ficar mais claro. Dá um medo é da bagunça;

- É interessante ouvir pessoas que já estão atendendo para ter informações

As três pessoas que achavam o tema interessante colocaram:

- Fico cada vez mais curiosa para conhecer e para atender mesmo;

- Foi bem interessante poder ver a opinião de cada um. Para mim é um desafio tenho meus medos meus limites, mas acho que é uma tendência da psicologia e de outras áreas. É uma outra ferramenta uma outra possibilidade de atendimento;

- Foi legal ouvir as percepções de cada um e perceber que os medos são parecidos. É algo muito novo, ninguém tem uma super experiência para dizer: eu atendo *on-line* há 5 anos e sei os caminhos. Estaria todo mundo se descobrindo

⁶⁹ Whindersson Nunes - comediante, youtuber, cantor e ator brasileiro

ainda. Foi legal ver que a gente tem essa preocupação de trabalhar de uma forma ética.

Quadro 8 - Argumentos favoráveis ao atendimento por meio de TICs.

Argumentos favoráveis ao atendimento por meio de TICs
Terapeuta amplia seu alcance.
A possibilidade de pessoas que vivem em cidades pequenas buscarem atendimento com alguém fora de seu círculo social.
Possibilidade de atender mesmo quando o terapeuta está viajando
Seria o futuro da psicoterapia.
Existem situações em que a pessoa não consegue ir ao consultório de psicologia até por falta de tempo
Possibilidade de atender pessoas que estão em outros países ou pessoas de outros países
Não é igual ao presencial, mas as diferenças podem ser trabalhadas
Pode beneficiar pessoas que têm dificuldade de acessibilidade: acamados, cadeirantes, entre outros.
Existiriam vantagens financeiras
Facilita a superação das dificuldades de deslocamento vividas em cidades grandes
Importância de acompanhar os movimentos socioculturais

Fonte: autoria própria.

Quadro 9 - Argumentos contrários ao atendimento por meio de TICs.

Argumentos contrários ao atendimento por meio de TICs
Dificuldades em relação ao sigilo
Não se sabe o que existe nas sombras das câmeras
Não se tem o controle sobre a possibilidade de gravação
No caso de gravações, fragmentos podem ser usados de forma descontextualizada
Risco em relação à acústica na casa do cliente
Se a pessoa se mobiliza pode ficar exposta a pessoas que estejam na mesma unidade após a sessão.
A presença de outras pessoas na casa pode gerar insegurança e tornar artificial a troca entre terapeuta e cliente.
Se a pessoa se mobiliza e está sozinha, não teria ninguém para dar suporte
Os riscos em relação às ferramentas, elas podem não ser seguras
Gostar de contato presencial
Contato e presença ficariam perdidos
A Gestalt-Terapia em especial não seria compatível com essa forma de atendimento. A

relação e o contato que são muito importantes nessa abordagem ficariam prejudicados
Só seria possível lidar com coisas superficiais. Coisas mais profundas não seriam possíveis
Possibilidades de distração nos ambientes de terapeuta e do cliente
Necessidade de ter uma rede de apoio, especialmente em casos mais graves.
Impossibilidade, coerente com a regulamentação então em vigor de atender pessoas que apresentem risco de suicídio
Dificuldades com o acesso à internet
Dificuldade de receber os honorários de pessoas que estão fora do país
Dificuldades na realização de experimentos
Dificuldade em dar suporte a alguém que fique muito mobilizado
Impossibilidade de ver a pessoa inteira
A relação terapêutica deve fluir melhor no atendimento presencial do que no atendimento <i>on-line</i>
Parece necessitar muitos cuidados, sendo assim o presencial parece fazer mais sentido
Pode ser um trabalho bom, porém, não tão profundo como o presencial, acho que pelo fato da pessoa estar em sua própria casa ela talvez não se aprofunde tanto, pela energia da situação
<i>On-line</i> as pessoas são diferentes. Nossa tecnologia não proporciona uma situação tão mais completa, por exemplo holograma, sendo assim as informações são muito restritas, você vê a pessoa de forma muito parcial
Que a comunicação através do WhatsApp também traz riscos
Estar atento em relação a forma como se utiliza recursos como WhatsApp para não cometer equívocos por falta de atenção a nuances importantes.
Entender que são ferramentas diferentes que precisam ser tratadas dessa forma. Evitar simples transposições de práticas feitas sem os devidos cuidados

Fonte: autoria própria.

Comentários:

Primeiro ponto que nos chamou a atenção é que as falas estavam muito baseadas em hipóteses, não tanto em experiências vividas. Que as falas que traziam experiências pessoais pareceram mais envolventes. Muita opinião e pouca experiência prática. Isso me remete à psicologia, a complexidade de nosso objeto de estudo.

Como em psicologia não podemos colocar o ser humano em uma cadeira e sair fazendo testes. Talvez tenhamos que trabalhar muito no campo das hipóteses e isso não é simples. Pensamos também em nossa metodologia para essa pesquisa que também traz o centro de gravidade pesquisador/campo de pesquisa mais para perto do pesquisador. Perceber os riscos no que se refere a opiniões que não se norteiam tanto por dados concretos, nos coloca alertas para a importância de estarmos sempre colocando em questão o de onde estamos falando. A busca de estarmos atentos a forma como construímos nossos pontos de vistas não tem

relação com um descaso em relação aos dados objetivos, muito pelo oposto. Precisamos estar especialmente atentos a dados objetivos, a o que chamamos de óbvio, mas fazer isso em toda a sua complexidade. Olhar para o óbvio, para o que o óbvio tem para contar tanto de si quanto de quem o vê como óbvio. O óbvio é óbvio para alguém. É um fenômeno que conta do que está sendo percebido e de quem está percebendo. Nossa busca vai justamente na direção de ficar com a superfície da experiência, de não nos perdermos em devaneios teóricos que não se apoiem de uma forma muito direta na experiência vivida.

Outro ponto interessante foi como mesmo pessoas que, a princípio, não eram favoráveis ao atendimento através de TICs utilizavam esses recursos justamente para acompanhar mais de perto pessoas em risco de suicídio, indo num certo sentido na contramão do que foi definido na resolução CFP nº 11/2018. Não vejo nessa prática uma falta ética, visto que os clientes em questão vinham sendo atendidos de forma presencial, porém não deixa de ser interessante a percepção do valor desses recursos justamente para o trabalho com pessoas em risco de suicídio, quando a resolução coloca entre outras restrições a inadequação do atendimento on-line especificamente no caso desse tipo de risco. Lembrando mais uma vez que o CVV utiliza exatamente essas formas de comunicação como um de seus meios principais para a prevenção ao suicídio.

Outro tema que surgiu novamente foi o estabelecimento de relação entre a ampliação da telepsicologia como a pressão para a migração de faculdades de psicologia para o EAD, como se esses dois temas ficassem atrelados. Talvez esses dois temas realmente estejam conectados. Nos parece que essa preocupação tende a se fazer presente no âmbito dos professores universitários. Com certeza esses profissionais têm uma condição melhor do que a nossa para mapear esse tipo de “risco”, se é que devêssemos identificar esses meios de ensino como um “risco”, como algo puramente negativo. Será que não existiriam possibilidades de ganhos em uma maior apropriação dos recursos virtuais por parte do meio acadêmico?

Uma pergunta que se faz presente neste momento: quem ganha e quem perde se o EAD de fato vier a ganhar espaço? O argumento que vem sendo colocado é que a qualidade do ensino ficaria prejudicada. Pessoalmente não temos certeza de que essa é uma afirmação necessariamente verdadeira. Se a ampliação de recursos EAD for desenvolvida de forma pouco cuidada, certamente poderá vir a existir um decréscimo de qualidade no ensino de psicologia, porém não creio que

esse seja o único caminho possível. Identifico na área da educação um descompasso entre os métodos de ensino que venho tendo contato e as possibilidades tecnológicas existentes. Percebo que os paradigmas que norteiam colégios e universidades não têm acompanhado as derivas tecnológicas. O meio acadêmico, salvo exceções, tem se mantido bastante conservador em relação à estrutura das salas de aula. Frequentemente temos um professor dando aulas expositivas e alunos assistindo de forma passiva. Posteriormente o conhecimento dos alunos é aferido através de provas dissertativas ou de múltipla escolha. No colégio de nossa filha de 16 anos esse modelo se manteve mesmo durante o período de isolamento social decorrente da pandemia COVID-19. Essa ausência de modificações nos pareceu bastante inadequada de forma geral, e em especial no que se refere ao processo de avaliação, visto que a escola não tinha a menor possibilidade de controlar as trocas de informações entre os alunos durante a realização dos exames, necessidade básica para esse método de verificação de aprendizado. Atividades como confecção de trabalhos ou realização de pesquisas poderiam substituir esses métodos de avaliação de forma bem mais coerente com aquela realidade específica. Discutiremos de forma mais cuidadosa temas relativos ao ensino de psicologia nos itens 4.3.12 e 4.3.13.

Um outro ponto que nos parece importante quando acompanhamos as discussões tem relação com o quanto os contratos terapêuticos precisam ser coerentes com o estilo de cada terapeuta. O quanto as situações que a virtualidade coloca em jogo, pelo menos durante o período em que o psicólogo ainda está se apropriando desse tipo de ferramenta, geram uma necessidade de amadurecimento contínuo no que se refere a tais contratos de atendimento.

Ao final quando pedimos para que as pessoas comentassem suas experiências identificamos um maior deslocamento no posicionamento daquelas que de início se colocavam contrárias às práticas através de TICs. Não temos como identificar se isso teria se dado em função de pressão social, visto que era uma pesquisa sobre o tema o que talvez pudesse gerar uma certa pressão para o desenvolvimento de um olhar favorável à aprovação dessas práticas. Porém, o que veríamos no futuro com o advento da pandemia nos faz pensar que um maior contato com o tema, um olhar com mais informações gerou também um deslocamento na mesma direção nas pessoas que responderam nosso questionário como pode ser verificado no item 4.3.15.

As discussões não trouxeram um ganho de compreensão apenas no que se refere a futuras possíveis atuações através da telepsicologia. Tivemos alguns relatos no sentido de que essas discussões teriam feito repensar aspectos ligados a práticas já realizadas por aquelas psicoterapeutas, sendo as mesmas ligadas ou não ao trabalho através de TICs. Essas colocações confirmam nossa impressão de que olhar para essas possibilidades de atuação pode nos ajudar a compreender melhor nossas outras possibilidades de práticas, mesmo em relação às mais tradicionais e já consagradas.

Quanto a questão sobre o que distanciaria alguns gestalt-terapeutas das práticas através de TICs, podemos buscar algumas pistas nas falas trazidas por nossos alunos relativas a questionamentos referentes a tais formas de atendimento: as questões ligadas ao sigilo se fizeram muito presentes, porém esse tipo de preocupação talvez dependa menos do referencial teórico. Independentemente da abordagem o cuidado com o sigilo parece permear as práticas psicológicas, até porque, marcam nossas convenções éticas. Essa é uma necessidade que consta no código de ética do psicólogo. Para além desse tema, as palavras contato, presença e relação apareceram de forma recorrente nas colocações contraias às práticas virtuais. Além disso, a ideia de perder a visão completa do corpo também se fez presente em vários relatos. Esses são temas muito próprios à Gestalt-Terapia e muito importantes para as práticas dentro desta perspectiva. De fato, existem diferenças em relação a esses pontos quando na comparação com práticas presenciais.

Parece que naquele período antes de viver as experiências relativas à virtualidade essas possíveis limitações contribuam para esse distanciamento, pelo menos para aqueles estudantes de Gestalt-Terapia. A impressão de que existiriam limitações no acesso a imagem das pessoas em atendimento e a hipótese de que isso seria um obstáculo ao contato humano e a possibilidade de presença na relação terapêutica e que esses aspectos prejudicaria o processo psicoterapêutico favorecia ao distanciamento daqueles psicólogos, Gestalt-terapeutas em formação, em relação à utilização de TICs em suas práticas clínicas.

4.2.6 Considerações gerais sobre o período entre a liberação do atendimento através de TICs e o período de isolamento social referente a Covid-19

Naquele período pareciam existir visões muito heterogêneas, alguns psicólogos enxergavam possibilidades interessantes na telepsicologia, enquanto para outros existiam dúvidas em relação a viabilidade do encontro humano através de TICs, para outros ainda existia uma certeza das impossibilidades deste tipo de relação. Como se existisse uma espécie de qualidade mínima nas possibilidades de troca para que o processo terapêutico pudesse se dar, e a telepsicologia não pudesse alcançar essas condições mínimas.

Naquele período o tema da telepsicologia ficou mais presente, porém, com frequência as colocações eram feitas a partir de suposições pré-concebidas. Chamava a atenção a firmeza de certos posicionamentos, mesmo sem que existissem experiências práticas que sustentassem tais posições. No item 4.3.15 poderemos discutir esse ponto de forma mais cuidadosa.

Foi uma época em que foi possível observar uma certa movimentação em relação ao trabalho através de TICs, porém ainda era um tema muito polêmico e as questões ainda se referiam a o quanto seriam possibilidades adequadas ou não para as práticas psicológicas.

No próximo item nos aproximamos de um período no qual muito da heterogeneidade que descrevemos nos parágrafos acima deixaram de estar presentes. Estamos nos referindo ao período de isolamento social decorrente da pandemia Covid-19. Buscaremos tratar dos rastros deixados por um dos actantes que mais rápida e profundamente marcou o processo de apropriação do psicólogo brasileiro em relação às TICs: o SARS-CoV-2.

4.3 COVID-19 E TELEPSICOLOGIA

Os anos de 2020, 2021 e 2022 ficaram definitivamente marcados, na história da humanidade, pela presença de um actante, invisível a olho nu, porém, com uma capacidade enorme de gerar dor e transformações. O SARS-CoV-2 se espalhou pela sociedade humana de forma devastadora. A pandemia covid-19, a nível mundial, levou a óbito aproximadamente 6.384.128 (seis milhões trezentos e oitenta e quatro mil cento e vinte oito) pessoas ao longo do período de março de 2020 a

junho de 2022 (OMS, 2022)⁷⁰ e provavelmente ainda trará muitas outras perdas humanas ao longo dos anos que virão. Pouco mais de um ano depois da liberação do atendimento *on-line* no Brasil, esse vírus surge na China e populariza de forma surpreendente o atendimento psicológico através de TICs. A pandemia Covid-19 transforma o atendimento presencial em uma prática arriscada e, temporariamente, contraindicada pelo sistema conselhos de psicologia. A telepsicologia passa a ser a modalidade de atuação recomendada por este sistema.

O fragmento abaixo traz de forma resumida a cronologia do início da pandemia Covid-19:

Em dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) notificou oficialmente ao mundo o primeiro caso de COVID-19 na China. No mês de março de 2020 notificou a pandemia. [...] Em 26 de fevereiro de 2020 tomamos conhecimento do primeiro caso de COVID-19 no Brasil, teria sido um paciente vindo da Itália. [...] a OMS em 11 de março de 2020 decreta pandemia, reconhecendo o alargamento da escala da contaminação. No Brasil, seguindo os critérios da OMS, em 13 de março de 2020 o Ministério da Saúde define critérios de isolamento para pacientes com suspeita ou confirmação de COVID-19. No mesmo dia o Rio de Janeiro decreta situação de emergência⁷¹ e suspende por 15 dias as atividades com presença de público nas esferas privada e pública e em 17 de março de 2020 é notificada a primeira morte no Brasil [...].

A partir dessa data se instala o isolamento social, momento em que a ampla maioria das categorias de trabalho foram afetadas e tiveram (sic) que alterar sua rotina, onde Psicólogos (as) através do Conselho Federal de Psicologia (CFP), seguiram as orientações para atuação em momentos de crise em consonância com as medidas governamentais e de prevenção da OMS (CFP, 2020). Esse novo cenário mundial levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a soar um alarme para o mundo sobre a necessidade de uma abordagem integral nos cuidados com a saúde da população mundial, para evitar um caos nessa área e o adoecimento em massa, considerando o estado emocional como um agravante do quadro. (TAVARES ALVES et al, 2020, p.81)

O desenvolvimento da pandemia impactou de forma marcante o universo da psicologia. Além de modificar as possibilidades de atuação da classe dos psicólogos proporcionou um grande desafio para a população: como administrar as questões emocionais causadas pela situação de isolamento social e pelas dificuldades de lidar

⁷⁰ <https://covid19.who.int/> acessado em 28/07/2022

⁷¹ DECRETO Nº 46.970 de 13 de março de 2020 - dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (covid-19), do regime de trabalho de servidor público e contratado, e dá outras providências. (RIO DE JANEIRO, 2020)

com os medos e incertezas proporcionados pelo risco de vida que se fazia presente? Como lidar com a insegurança em relação ao futuro económico? Como lidar com as perdas humanas e sociais causadas pela pandemia? Como gerenciar as relações humanas diante desse novo contexto? O psicólogo se viu diante do desafio de administrar sua própria saúde emocional diante de tal conjuntura, se reinventar profissionalmente e buscar ocupar um espaço importante dentro daquela realidade. Em entrevista concedida à rede globo de televisão, no programa Bom dia Rio, em 31 de março de 2020 o presidente do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-05), Pedro Paulo Gastalho de Bicalho afirmou que:

Desde 2018 o conselho federal de psicologia pela resolução 11 de 2018 reconhece os serviços psicológicos prestados por meios de tecnologias de informação e comunicação como uma atuação possível para psicólogos e psicólogas no Brasil, portanto essa não é uma resolução que surgiu agora de uma hora para a outra, é baseada em uma série de estudos, uma série de experimentações, que nós fomos fazendo ao longo dos anos e nesse momento, é um momento importante de priorizarmos o atendimento remoto. É importante fazer com que psicólogos e psicólogas estejam presentes, presencialmente, apenas em atividades que são consideradas essenciais e é importante que a população reconheça o cuidado em saúde mental especializado, como da maior importância para um momento como esse. Como eu falei anteriormente a ansiedade, ela é um gatilho para o agravamento de sintomas respiratórios, a dificuldade de respirar, então esse é um momento que a saúde mental precisa ser levada a sério e profissionais de psicologia no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, estão prontos, não somente para atender a população de forma remota, mas principalmente para um cuidado efetivo nas políticas públicas, esse é um momento em que o sistema de saúde precisa reconhecer a importância do profissional de psicologia, nos seus quadros e a assistência social em função do agravamento de todas as implicações sociais que a Covid-19 venha produzir para nós. (TORRES, 2020)

Essa nova realidade modifica drasticamente o contexto de nossa pesquisa, passa a ser fundamental acompanhar as transformações performadas por esse actante inusitado, o SARS-CoV-2, nas práticas psicológicas mediadas por TICs, caso contrário, nossa pesquisa já estaria anacrônica em seu momento de conclusão. Descrever as transformações protagonizadas pela presença deste vírus no que se refere ao humano seria uma tarefa impossível visto a amplitude de seus efeitos. Buscamos neste capítulo construir uma descrição de alguns aspectos, que se sobressaíram em nosso campo de pesquisa, no que se refere à forma como esse novo actante deixou seus rastros na dinâmica de apropriação das TICs por parte dos psicólogos brasileiros.

A ampla maioria dos psicólogos precisou migrar suas práticas para a virtualidade de uma hora para a outra, invertendo instantaneamente a situação das formas de atuação dos mesmos. Se antes da pandemia Covid-19, quase todos os psicólogos atuavam dentro de um contexto de presença física, durante o período de ocorrência da mesma, a totalidade desses profissionais, como já comentamos anteriormente, foi orientada pelo próprio Sistema Conselhos de Psicologia a, dentro do possível, atuar através de TICs.

Acompanhamos este processo de uma perspectiva bastante privilegiada: além de estarmos em meio a essa pesquisa sobre psicologia e virtualidade, coordenávamos um instituto de psicologia que, afora ministrar um curso especificamente voltado para a atuação de psicólogos por meio de TICs⁷², já havia acompanhado cerca 524 psicólogos em seus processos de construção como Gestalt-Terapeutas, capacitando-os para o atendimento psicoterapêutico a famílias e a adultos nas modalidades individual e em grupo, e 150 psicólogos em suas construções para o atendimento a crianças e adolescentes como Gestalt-terapeutas. Durante o período de transição do atendimento com presença física para o atendimento através de TICs, além de buscarmos dar suporte a esses ex-alunos, também acompanhávamos 49 psicólogos como alunos em nosso curso “Especialização em psicologia clínica, Gestalt-Terapia: Indivíduo, Grupo, casal e Família” e 12 psicólogos como alunos no curso “Especialização em Psicoterapia Infantil, Trabalhando Com Crianças e Suas Famílias: uma perspectiva Gestáltica”. Dentro deste contexto pudemos acompanhar o processo de transição de uma parcela significativa de nossos ex-alunos e de praticamente a totalidade de nossos alunos em seus processos de transição para a atuação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Com o intuito de mapearmos os rastros deixados pelo SARS-CoV-2 em nosso campo de pesquisa buscamos descrever os aspectos mais significativos do que pudemos acompanhar a partir de nossa inserção profissional ao longo do período entre março de 2020 e dezembro de 2021. Descrevemos o processo de migração do IGT para a virtualidade, registramos o depoimento de alguns dos nossos

⁷² O curso “Especialização em Psicologia *On-line*: A virtualidade sob uma perspectiva gestáltica” teve o início de sua primeira turma em 5 de julho de 2019 e tem como objetivo preparar psicólogos para o atendimento através de TICs a partir de uma perspectiva gestáltica.

entrevistados sobre o tema, acompanhamos as publicações realizadas pelo CFP neste período e também as controvérsias que se desenvolveram sobre o ensino em psicologia no contexto de isolamento social e utilizamos dois questionários para enriquecer nossa investigação.

No próximo item daremos início a descrição e discussão acerca do processo de transição do IGT para o âmbito da virtualidade.

4.3.1 Conduzindo um instituto de psicologia em um contexto de isolamento social

O contexto de isolamento social tornou necessário migrar o IGT para a virtualidade. De certa forma estar realizando uma pesquisa sobre as práticas psicológicas através de tecnologias de informação e comunicação facilitou muito este processo. Protagonizar esse movimento de migração trouxe muitas contribuições para essa pesquisa. Neste item buscamos descrever como foi vivido este movimento. Dentro do possível discutiremos os aspectos que marcaram esta dinâmica.

O IGT é um centro de ensino e pesquisa na área do desenvolvimento humano. Neste instituto realizamos uma série de atividades ligadas ao aprimoramento pessoal e a busca de superação de dificuldades emocionais a partir de práticas psicológicas. Atuamos na psicologia clínica, na psicologia organizacional, na área de orientação profissional, na supervisão de psicólogos e no treinamento desses profissionais. Temos vários cursos voltados para o aperfeiçoamento de psicólogos.

Nos últimos anos algumas destas atividades já vinham sendo realizadas eventualmente através de tecnologias de informação e comunicação. Outras atividades já haviam passado a ocorrer cotidianamente através desses recursos. Os atendimentos psicoterapêuticos realizados pelo staff do instituto e pelos alunos em treinamento através de cursos presenciais já estavam, esporadicamente, podendo acontecer de forma virtual. Esses episódios normalmente aconteciam quando algum cliente se via impossibilitado de comparecer presencialmente aos atendimentos, geralmente, por motivo de viagem.

Alguns processos de supervisão também já aconteciam sistematicamente de forma *on-line*. Era o caso de uma de nossas turmas que tinha aulas mensais presenciais em finais de semana. Esta turma foi projetada para receber alunos que

residissem fora do Rio de Janeiro ou que por algum motivo não pudessem assistir aulas na frequência semanal. Essa turma funcionava de forma híbrida: As aulas eram presenciais, porém, as supervisões aconteciam semanalmente de forma remota.

Por último, como já foi colocado anteriormente, nós já estávamos ministrando um curso EAD chamado: “Especialização em Psicologia *On-line*: A virtualidade sob uma perspectiva gestáltica”, este, um curso à distância com aulas gravadas, porém, com o processo de supervisão aos atendimentos virtuais acontecendo de forma *on-line*. A experiência que já havíamos desenvolvido em função deste curso em especial e das outras atividades a distância que já vínhamos realizando foram muito importantes para que conseguíssemos ter sucesso na transição de todas as nossas atividades para o meio virtual.

4.3.2 A migração das aulas

Historicamente, no IGT sempre trabalhamos com turmas pequenas, em nossa primeira turma iniciada em 2002 utilizamos o limite de 6 (seis) alunos. Ao longo dos anos flexibilizamos este limite e atualmente trabalhamos com o limite de 16 (dezesesseis) alunos por turma. A opção de utilização de turmas pequenas está ligada ao fato de que o processo de construção de identidade de um gestalt-terapeuta é um processo de desenvolvimento pessoal que precisa ser acompanhado com muita atenção. Como já foi colocado anteriormente não passa apenas pelo desenvolvimento de um conhecimento teórico. Passa pelo que chamamos de uma conversão fenomenológica, por um desenvolvimento de uma certa postura diante do outro. Os alunos precisam aprender sobre eles mesmos.

O processo acadêmico de nossos alunos passa pela apropriação dos conteúdos teórico-filosóficos e, também, por um processo de desenvolvimento pessoal que é construído a partir das trocas estabelecidas entre os integrantes de cada turma, entre os alunos e seus clientes e entre os facilitadores (professores) e seus alunos. O relacionamento humano e a apropriação em relação a forma como cada aluno se constrói em seu contexto relacional são aspectos fundamentais no processo desenvolvimento de um Gestalt-terapeuta.

A partir de 18 de março de 2020 todas as aulas realizadas no IGT passaram ser ministradas de forma virtual. Tínhamos, naquela época 4 turmas de especialização em psicologia clínica dentro de uma perspectiva gestáltica e uma

turma de formação em psicoterapia infantil dentro da mesma perspectiva. De um dia para o outro o formato das aulas foi reformulado. Passamos a receber nossos alunos em plataformas digitais.

Nosso desafio era construir novamente um contexto relacional que tornasse possível o processo de construção de identidade de nossos alunos. Precisávamos encontrar caminhos que pudessem facilitar o desenvolvimento dos mesmos de forma condizente com o trabalho que desenvolvíamos presencialmente. Tínhamos algumas convicções em relação ao processo de aproximação em relação ao contexto da virtualidade: 1^a - era possível facilitar o desenvolvimento de nossos alunos através dos recursos virtuais; 2^a - precisávamos construir caminhos coerentes com nossa nova realidade, ficar presos aos paradigmas antigos não seria a melhor opção. A simples transposição de uma prática tão delicada para uma realidade tão distinta provavelmente não traria resultados adequados; 3^a - existia um mundo novo a nossa frente que precisava ser desbravado.

Naquele período o desafio que experimentávamos era instigante e promissor. Por mais que o contexto estivesse cercado de sofrimento, medo e incertezas em função das questões sanitárias sabíamos que existia muito a construir e que esse processo traria muito aprendizado. Tinha algo de vida naquele contexto de dor.

Tínhamos a nosso favor o fato de já estarmos desenvolvendo um curso de formação em psicologia e virtualidade no formato EAD tradicional. De cotidianamente realizarmos palestras com transmissão *on-line* desde 2014, de nos dedicarmos ao estudo da relação entre psicologia e virtualidade desde 2013 e, também, que desde 2009 já havíamos passado a permitir que alunos, que por algum motivo não tinham condições de assistir, ocasionalmente, alguma aula de forma presencial, pudessem assistir a essa aula de forma virtual. Sendo assim, já vivíamos, esporadicamente, a experiência de aulas híbridas, sendo assistidas de forma presencial e virtual simultaneamente. Já tínhamos também a experiência de cursos híbridos. Tínhamos uma turma mensal que vivia supervisões semanais de forma virtual e uma turma virtual que tinha aulas gravadas e supervisão realizada em tempo real de forma virtual.

Nosso objetivo com as turmas que estavam em andamento de forma presencial não era coerente com o modelo EAD tradicional. Precisávamos de algo mais relacional do que as aulas gravadas. Como já tínhamos a experiência das

aulas híbridas a decisão de colocar todas as turmas para assistirem aos cursos de forma virtual foi imediata.

Já nos primeiros encontros pudemos observar uma partilha muito intensa entre todos nós, professores e alunos. A estranha situação de estarmos lidando com os impactos da pandemia gerou uma grande necessidade de compartilhar entre as pessoas, essa sede de troca sobre o que estávamos vivendo facilitou muito nossas primeiras aulas. Cada um de nós pôde falar um pouco sobre o que estava experimentando e ter acesso a forma como o outro estava buscando lidar com aquela situação. A troca emocional foi muito intensa, produziu uma sensação de cumplicidade muito grande entre os participantes daqueles encontros. De forma geral conseguimos manter aquela intensidade de trocas nas interações que se sucederam. Essa experiência de presença, contato, encontro humano ajudou muito aquelas pessoas na construção de uma compreensão de que o encontro humano também é possível dentro de um contexto de virtualidade, principalmente para aquelas que não acreditavam nessa possibilidade.

A intensidade e o valor das experiências vividas no contato com nossos alunos nos inspiraram a convidar nossos ex-alunos a também viverem encontros semanais para acompanhá-los no processo de elaboração daquelas novas situações como veremos de forma mais detalhada no item 4.3.10.

Cada uma de nossas turmas tinha uma cultura grupal singular e cada uma delas passou de uma forma peculiar por aquela situação. As diferenças entre as turmas foram se tornando mais evidentes, especialmente à medida em que foi ficando claro que permaneceríamos por um longo prazo no contexto virtual.

Alguns fatores puderam ser observados como trazendo impactos significativos em relação à forma como as turmas elaboraram o processo de transição, em especial à maturidade do corpo grupal⁷³ e o tema do curso. As turmas que já tinham um corpo grupal mais consistente metabolizaram com mais facilidade o processo e a turma relativa ao atendimento infantil teve uma certa dificuldade

⁷³ O conceito de “corpo grupal” tem relação com os laços que unem uma determinada turma. Esses laços se fazem presentes em diversa âmbitos, como por exemplo na vinculação afetiva desenvolvida entre seus integrantes, entre seus integrantes e a turma como totalidade, entre os integrantes da turma e o próprio curso e entre os alunos e coordenação. Além dos aspectos afetivos, a existência de um conjunto de regras tácitas de relacionamento, de uma linguagem comum, de histórias vividas em comum e de códigos internos também concorre para a força desse corpo. Tudo isso traz segurança, cumplicidade e comprometimento para esse tipo de grupo social.

inicial, em especial no que se refere à parte prática do curso. Como veremos no próximo item.

4.3.3 A turma voltada para o atendimento a crianças e adolescentes

Foi mais difícil construir um contexto de segurança para o enfrentamento dos desafios da prática psicológica *on-line* com crianças. Essa possibilidade parecia mais distante para muitos profissionais ligados à psicologia. Sendo assim, alguns alunos tiveram dificuldades para abrir mão dos antigos paradigmas. Essa turma chegou a perder uma integrante que não acreditou nas possibilidades de trabalhos terapêuticos com crianças dentro de um contexto virtual. Outras integrantes continuaram o curso, mesmo não acreditando na possibilidade de realizarem a parte prática do curso neste contexto. Outras ainda não trouxeram este tipo de questionamento. Foi muito interessante acompanhar a forma como as alunas que, mesmo não acreditando muito nas possibilidades de trabalho psicoterapêutico *on-line* com crianças, continuaram o curso, modificaram drasticamente sua percepção em relação à possibilidade do trabalho terapêutico com crianças através da internet.

Este curso tinha previsão de 12 (doze) módulos cada um com 7 (sete) aulas. Um desses módulos já seria dedicado ao trabalho com crianças e adolescentes através de tecnologias de informação e comunicação. Na programação original do curso este conteúdo seria dado em torno de 6 (seis) meses após aquela época. Buscamos adiantar este módulo de forma a facilitarmos a superação desta etapa e disponibilizamos gratuitamente para essa turma e, também, para todas as outras turmas ativas no instituto um módulo chamado “Psicologia *on-line* primeiros passos⁷⁴”. Este módulo fazia parte do curso EAD psicologia e virtualidade e trazia o que um psicólogo precisava conhecer para iniciar suas atividades de forma virtual.

Como já havíamos colocado foi especialmente interessante acompanhar o processo da turma do curso de psicoterapia infantil. Alguns contrastes se fizeram muito aparentes. O primeiro deles tinha relação com a dificuldade dos psicólogos em se ver interagindo com as crianças no contexto virtual. Um dos desafios comumente encontrados por psicólogos que trabalham com crianças, mesmo fora de um

⁷⁴ Este curso também foi disponibilizado para qualquer psicólogo que tivesse interesse por menos de 10 % de seu valor usual.

contexto de atendimento on-line, tem relação à dificuldade de interagir com as crianças em seus mundos. Muitos psicólogos enfrentam uma grande limitação para superar a barreira do brincar. Sentem dificuldades de se imaginar simplesmente brincando com uma criança. Essa dificuldade pareceu muito maior quando precisaram se imaginar brincando com as crianças no contexto virtual. A possibilidade de simplesmente brincar, buscar se divertir no contato com uma criança é extremamente importante na construção e no desenvolvimento do vínculo terapêutico, que por si já tem um papel facilitador muito importante, no que se refere ao desenvolvimento infantil.

As crianças e os adolescentes de classe média e alta frequentemente são criticados por ficarem durante um tempo excessivo nos universos virtuais. Elas interagem, jogam, se divertem nestes ambientes e os psicólogos não conseguiam se imaginar interagindo com elas nos ambientes que, para muitas delas, eram um de seus ambientes mais frequentemente habitados. Essa situação faz pensar. Traz, mais uma vez, para cena a música do Milton Nascimento que diz “todo artista tem de ir aonde o povo está”. Será que os psicólogos infantis têm frequentado os mundos que seus clientes habitam? Será que eles conhecem os espaços virtuais que têm marcado as histórias dessas crianças e desses adolescentes? Será que eles sabem quem são? Qual é a dinâmica emocional dos filmes e dos personagens com quem seus clientes se identificam?

Uma das consequências da aceleração contínua das transformações tecnológicas é um certo aumento no distanciamento da experiência de infância entre as gerações. Quanto mais rapidamente o contexto social se modifica mais marcante a diferença da experiência vivida por avós, pais e filhos. Em nossa prática clínica podemos perceber uma certa tensão entre esses grupos. Normalmente se faz presente uma atitude muito crítica de parte a parte e uma falta de curiosidade em relação aos mundos habitados por essas diferentes gerações. Os pais acham ruim o fato de seus filhos estarem muito no mundo virtual, porém, não buscam conhecer de forma prática os mundos virtuais que seus filhos habitam. O mesmo pode ser observado no discurso dos filhos que discordam da forma de olhar de seus pais, mas não ficam curiosos em relação a de onde esses pais estão falando. Estamos em um momento histórico em que as divergências de opinião estão muito presentes e a possibilidade de diálogo muito escassa. Inclusive os algoritmos das redes sociais e as bolhas de internet parecem estar contribuindo bastante no ganho de

intensidade das divergências e na ampliação das dificuldades de comunicação (GUEDES, 2017).

Essa diferença entre gerações parece se expressar nos consultórios de psicologia. Com frequência percebemos nestes ambientes jogos e brinquedos compatíveis com as infâncias dos terapeutas, porém, em alguns casos, bem distantes dos contextos das infâncias dos clientes. Inclusive existe uma certa rejeição aos jogos virtuais, como se esses não promovessem interação entre terapeuta e cliente. Coerente com uma crença muito presente de que a imersão na virtualidade afasta as pessoas umas das outras. Como colocar em um consultório de psicoterapia infantil recursos que são percebidos como geradores de distanciamento nas relações sociais por muitos pais e, também, por outros adultos, que participam da rede social de nossos clientes?

A imagem negativa em relação aos ambientes virtuais termina ofuscando os aspectos positivos presentes nestes contextos. Existe uma ideia de que as crianças que ficam muito no computador vão ter, por exemplo, sua coordenação motora prejudicada, mas não se identifica os possíveis ganhos que podem ser vividos a partir dessas experiências: exercitar a concentração; exercitar a memória; a aquisição de conceitos; a capacidade de criar estratégias; exercitar planejamento; desenvolver organização; estabelecer contato social com pessoas de localidades distantes; exercitar o trabalho em equipe; a lida com limites entre outros são ganhos importantes que muitas vezes não são considerados. (RODRIGUES, 2021)

Como pudemos observar, o distanciamento entre as gerações, associado a uma certa indisponibilidade para observar e buscar o sentido das realidades experienciadas por pessoas que se construíram em gerações distintas, a falta de curiosidade em relação ao mundo do outro, contribuiu de forma marcante para a construção das dificuldades experimentados por terapeutas, que trabalham com crianças, em seus processos de transição para o atendimento através de TICs. Foi muito interessante acompanhar nossos alunos irem gradativamente superando preconceitos e aos poucos se permitirem viver as trocas com seus clientes no âmbito da virtualidade. À medida em que eles puderam se abrir o suficiente para se permitir experimentar as possibilidades que a virtualidade tenha a oferecer, as transformações em suas visões se deram de forma muito rápida. A possibilidade de se permitir experimentar fez toda a diferença. Mais uma vez ficou evidente a

necessidade de cuidarmos de nossos preconceitos, estarmos atentos em relação ao quanto eles nos habitam.

4.3.4 A migração dos *Workshops*

Em nossos cursos de especialização e de formação, além das aulas teóricas e dos atendimentos supervisionados também temos os workshops. São atividades longas e muito interativas. No curso Especialização em psicologia clínica Gestalt-Terapia Indivíduo, grupo, casal e família, curso que tem cerca de 840 horas, distribuídas em dois anos e meio de duração, ocorrem dois workshops por semestre. O primeiro é de um dia, se dá em um sábado ou em um domingo, se inicia às 9 (nove) horas da manhã e termina às 17 (dezesete) horas, com intervalo de almoço. O segundo workshop de cada módulo tem seu início no sábado às 9 (nove) horas da manhã e termina às 12 (doze) horas de domingo, com intervalo para almoço e para dormir. Quando funcionávamos de forma presencial este workshop acontecia em uma pousada situada em Mendes, uma cidade serrana no estado do Rio de Janeiro.

Essas atividades tão longas e tão relacionais nos pareceram, em um primeiro momento inadequadas para serem realizadas de forma virtual. Nós mesmos, no início daquele período, nos vimos cogitando a possibilidade de aguardar o final da pandemia para realizar essas atividades. Ainda tínhamos a impressão de que a pandemia não duraria tanto tempo. Seria muito tempo diante de um computador e a dúvida era se não ficaria excessivamente cansativo. Chegamos a cogitar buscar um formato diferente, porém, em reunião do colegiado do instituto⁷⁵ decidimos manter a carga horária de atividades. Mais uma vez nos surpreendemos positivamente. O tempo pareceu voar durante essas atividades e novamente recebemos um feedback muito positivo de nossos alunos. O desgaste experimentado pelos alunos nesta atividade se fez compatível com o que já era experimentado na versão presencial da mesma.

As atividades de *Workshop* tendem a gerar uma mobilização emocional marcante, são atividades muito intensas, o que faz com que as pessoas vivam uma impressão de que o tempo passa muito rápido. Esta mesma intensidade tende a propiciar uma sensação de cansaço ao final da atividade. O relato “*dormi muitas*

⁷⁵ O Colegiado do IGT é composto por 2 (dois) coordenadores do instituto e por 4 (quatro) professoras que fizeram seus cursos de especialização em Gestalt-Terapia no IGT.

horas depois de nossas atividades” é muito frequente. Não identificamos diferenças em relação ao quesito cansaço em nosso trabalho entre as modalidades presencial e *on-line*.

Cabe ressaltar que a utilização de nomenclaturas como prática presencial e prática *on-line* ou virtual parecem ser inadequadas visto que traz a ideia de que não existiria presença no contato mediado por TICs, que presença seria algo restrito a situações em que pessoas estariam em um mesmo ambiente físico. Ainda não identificamos uma terminologia adequada para definir essas possibilidades. Um de nossos alunos tem proposto o termo “presencial físico” para os atendimentos realizados com presença física e “presencial virtual” para os atendimentos realizados através de TICs, porém em tempo real. Esta seria uma forma de, no que se refere às práticas realizadas através de TICs, diferenciar o trabalho em tempo real do trabalho realizado de forma assíncrona através de vídeos gravados com antecedência, desse modo o trabalho *on-line* realizado em tempo real seria designado como “presencial virtual”. Essa seria uma maneira de deixar de difundir a ideia inadequada de que não existiria presença em um encontro virtual. Voltaremos a essa discussão no próximo item no qual abordaremos a experiência com as palestras realizadas no IGT.

4.3.5 As transformações nas palestras do instituto

Entre as práticas que realizamos no IGT temos as palestras gratuitas. Essas palestras são realizadas sempre com temáticas ligados à psicologia. Costumamos receber profissionais com experiência em diversos assuntos. Buscamos temas pertinentes em relação aos períodos em que as palestras são realizadas. Nossas palestras ocorrem às sextas feiras das 19:30 às 21 horas, sempre foram abertas ao público e deram direito a um certificado de participação.

Desde que presidimos o congresso internacional de Gestalt-Terapia em 2015 e que começou a ser organizado em 2013, buscamos nos aproximar de forma mais efetiva das possibilidades de transmissão de nossas atividades de forma *on-line* através de tecnologias de informação e comunicação. Passamos a transmitir as palestras que já eram realizadas quinzenalmente no IGT através da internet. As palestras eram realizadas de forma presencial e fazíamos a transmissão simultaneamente através do youtube. Com o início da situação de isolamento social

foi necessário que as palestras passassem a acontecer de forma exclusivamente virtual.

O novo formato nos colocou em contato com um contexto bem diferente. Enquanto as palestras aconteciam de forma mista nossa atenção ficava dividida e de certa forma a ênfase maior das atenções recaía no público presencial. As pessoas que participavam de forma remota até faziam suas perguntas e colocações, porém o tom da palestra, o clima emocional do encontro ficava muito marcado pelos participantes presenciais. A partir do momento que o presencial desapareceu, passamos a viver uma outra realidade.

O contexto emocional gerado pela ausência da intensidade afetiva provocada pela presença física de pessoas no ambiente da palestra, aliada simplificação do processo de realização das mesmas, modificou campo emocional radicalmente. No período das palestras híbridas tínhamos que utilizar uma grande quantidade de materiais eletrônicos que envolviam muitos cabos, microfones, mesas de som, computadores, câmeras de vídeo etc. Tínhamos um longo processo de montagem deste cenário e após a palestra tínhamos um movimento de desmontagem do mesmo. Sempre existia o risco dos problemas técnicos. Buscávamos ter redundâncias em cada um de nossos sistemas. Tínhamos preocupações com *coffee break* com a recepção dos participantes presenciais. Ao final do evento tínhamos que acompanhar a despedida desses participantes. Todos esses aspectos tomavam nossa atenção, desviando nosso foco, diminuindo nossa concentração em nosso tema e em nossa comunicação com os participantes virtuais. Atualmente nós precisamos apenas de nosso computador pessoal, usamos uma webcam para melhorar a qualidade da imagem, um *software* para transmissão, o acesso à internet e nada mais.

A simplificação do contexto nos trouxe um incremento na qualidade de nossa presença nas palestras. Percebemos um envolvimento maior com o tema, com o comunicar e com as reações dos participantes *on-line*. Afetivamente falando, identificamos uma maior possibilidade de estarmos mais sensíveis e até mesmo mais criativos em nosso contato com o público destes eventos. Usando uma linguagem gestáltica, é como se a diminuição dos ruídos de fundo tornasse mais fácil a formação de figuras mais bem delineadas e mais claras.

Paradoxalmente, naquela situação, pudemos observar uma qualidade melhor em nossa “presença” no contato com as pessoas dentro do contexto virtual do que quando existiam os contextos “presencial” e “virtual” de forma simultânea. A palavra presença como presença de espírito se remete à qualidade do estar. Como já havíamos visto anteriormente fica evidente, mais uma vez, a necessidade de ajustarmos nossos termos. A diferenciação entre encontro presencial e encontro virtual insinua uma intensidade menor de “presença”, que definitivamente não corresponde à realidade. Precisamos encontrar formas de designação que evitem referências que possam ser associadas à qualidade do encontro. Mais uma vez fica evidente que a qualidade da presença humana não é necessariamente determinada pelo meio de comunicação. A utilização de termos como “práticas psicológicas realizadas através de TICs” diminui um pouco o peso da palavra “virtual”, porém não elimina o contraponto trazido pela palavra “presencial”, termo utilizado quando nos referimos às práticas realizadas em um mesmo ambiente físico.

Nos próximos itens trataremos brevemente da passagem dos atendimentos realizados no IGT para práticas realizadas através de TICs.

4.3.6 A migração dos atendimentos individuais

A migração dos atendimentos individuais foi a parte mais tranquila, visto que já tínhamos experiência de atendimentos particulares que realizávamos nessa modalidade. Também já vínhamos supervisionando os atendimentos dos alunos do curso de psicologia e virtualidade EAD. Mesmo os alunos dos cursos presenciais ocasionalmente realizavam sessões virtuais. Sendo assim, o processo de migração dos atendimentos individuais se deu de forma suave, inquestionável e não gerou um grande impacto nem nos alunos nem nos clientes.

O único senão que ficou presente teve relação com a situação de nossos alunos que ainda eram estudantes de psicologia. Surgiu um impasse se esses alunos também poderiam realizar suas práticas, visto que surgiu uma polêmica em relação a essa possibilidade no âmbito dos estágios dos alunos universitários. Se eles não podiam atender em suas universidades, como poderiam atender em um curso fora dos muros de suas faculdades.

Dentro deste contexto nos mantivemos acompanhando as discussões relativas a polêmica ligada a possibilidade ou não do estudante de psicologia realizar

sua prática clínica e sua supervisão através de TICs e com seu desfecho passamos a acompanhar a prática desses alunos da mesma forma dos demais. Essa polêmica será mais bem descrita no item 4.3.13. Por agora colocaremos apenas o questionamento: como o psicólogo poderia atender on-line quando formado, mas enquanto estivesse na faculdade, se preparando para a prática essa não seria uma possibilidade? Isso não parecia fazer muito sentido. Por que o psicólogo não poderia se preparar para uma prática que poderia realizar quando estivesse formado? A longa duração da pandemia, inclusive está fazendo com que toda uma geração de estudantes de psicologia chegue a um mercado em que o atendimento através de TICs, se não é a única possibilidade, em termos sanitários é a possibilidade mais adequada.

4.3.7 A migração dos atendimentos de grupo

A migração dos atendimentos de grupo para nós foi novidade. Passamos a atender nossos grupos presenciais de forma remota ao mesmo tempo que iniciamos as supervisões de nossos alunos nessa modalidade. Já havíamos procurado iniciar um grupo de adolescentes de forma virtual, porém, no momento em que havíamos buscado este caminho terminamos lidando com uma certa indisposição dos membros em relação à possibilidade do atendimento *on-line* o que teve como consequência a dificuldade em dar início a essa prática.

Uma das angústias que vivíamos em relação a esta modalidade tinha relação com a questão do sigilo. Existia o medo de que algum cliente viesse a gravar os atendimentos e que essas gravações pudessem vazar para a internet. Até o momento em que redijo este texto, nada aconteceu nessa direção, e atualmente essa preocupação não tem estado mais tão presente. Além disso, se pensarmos bem, a possibilidade de gravação de sessão também existe no contexto presencial. Parece que esta insegurança se encontra mais ligada ao lidar com um contexto diferente do que a um risco eminente como nos assombrava em um primeiro momento. Quanto mais tempo de prática vamos adquirindo menos presente vai ficando a hipótese da gravação e mais importante ficam os cuidados com o contrato terapêutico nas práticas virtuais. Mais pontos a serem tratados no contrato vão sendo identificados, a impossibilidade de gravação é um desses pontos fundamentais.

4.3.8 A migração dos atendimentos de famílias para a virtualidade

Dia 25 de março de 2020, foi realizado o primeiro atendimento em equipe reflexiva com alunos de pós-graduação através de TICs no contexto da pandemia. Como este tipo de atendimento envolve uma certa complexidade me parece importante descrever como ele se dá em um contexto de presença física antes de tratarmos de sua forma virtual.

O atendimento realizado dentro de um contexto de presença física com uso do modelo de equipe reflexiva se dá da seguinte forma: Dois psicólogos ficam na sala de atendimento com a família, o restante da equipe, de normalmente entre 2 e 6 alunos e 1 supervisor, fica acompanhando o atendimento em uma outra sala contígua à sala de atendimento e ligada a ela por um espelho unidirecional. Essa estrutura permite o controle de som e imagem e a equipe reflexiva contribui quando solicitado pela coterapia (os dois terapeutas que estão no campo com a família).

A comunicação da equipe com os coterapeutas se dá inicialmente por meio de um interfone. Caso seja necessário quem está atrás do espelho unidirecional liga para quem está no campo. O coterapeuta que atende o telefone, repassa ao outro coterapeuta e aos membros da família o que foi colocado pela equipe no telefonema.

Em algum momento da sessão, quando os terapeutas de campo sentem a necessidade, a equipe reflexiva é convocada. Nesse momento existem duas possibilidades em relação a entrada da equipe, na primeira os membros da equipe reflexiva invertem a luz e o som, sendo assim a sala onde fica a equipe reflexiva passa a ser vista e ouvida. Nesse contexto a equipe reflexiva conversa sobre a família na frente da mesma. A outra possibilidade é a de que os membros da equipe reflexiva entrem na sala de atendimento, sentem-se em círculo, fora do círculo de atendimento, e conversem entre si sobre como foram impactados pelas falas da família até aquele momento. Nas duas situações a família é orientada a se limitar a ouvir, não interagir com a equipe, ficar na posição de audiência. após a saída da equipe, os familiares são convidados a partilhar entre eles e a coterapia sobre os sentimentos e os pensamentos que vieram a partir daquela escuta em relação a equipe reflexiva.

Frequentemente a entrada da equipe reflexiva gera um aprofundamento nas trocas estabelecidas no espaço terapêutico. Seu impacto se dá tanto no que se refere às compreensões em relação aos temas da sessão, como também, no que se refere ao contexto emocional do campo terapêutico. Geralmente essa mudança no contexto emocional auxilia nas possibilidades de diálogo no espaço terapêutico.

São acordados contratos de 8 encontros com os membros da família, com a duração de 1 hora cada encontro. Antes da chegada da família é feita uma pré-sessão de 30 minutos, na qual a equipe se prepara para o atendimento e depois da sessão é realizada uma pós-sessão também de 30 minutos, momento em que se discute sobre o que foi vivido durante o atendimento. Essa forma de trabalho é muito produtiva para o casal ou a família atendida e também é muito rica para o treinamento de terapeutas.

Com a migração para a virtualidade o funcionamento básico do atendimento foi mantido. O número de sessões, a formação da equipe, a utilização do modelo reflexivo. Tudo isso se manteve. Passamos a trabalhar em um primeiro momento com a plataforma *Whereby* e posteriormente com a plataforma Zoom. Nas duas situações a equipe reflexiva se manteve com as câmeras fechadas durante a sessão e ao ser convocada a participar abria a câmera e fazia seus comentários. A equipe de campo fazia o movimento inverso, isto é, mantinha as câmeras ligadas ao longo da sessão desligando-as no momento da entrada da equipe reflexiva.

As equipes terapêuticas se comunicavam internamente a partir de grupos de WhatsApp. Essa comunicação era necessária para envio de links e trocas burocráticas entre sessões. Durante as sessões mantivemos o movimento de que a equipe reflexiva só trocava diante da família e dos terapeutas de campo. Ao evitarmos trocas fora da presença das pessoas que estão no campo, evitamos que os integrantes da equipe reflexiva influenciem uns aos outros. Cuidamos para que o diálogo entre os participantes da equipe se dê de forma não combinada. A busca é de que cada participante possa trazer sua visão desenvolvida a partir de seu ponto de vista singular. Não existe uma preocupação de estabelecimento de consensos, não objetivamos verdades absolutas e sim versões pessoais.

As diferenças que chamaram mais nossa atenção em relação a esse novo contexto foram: um ganho de facilidade no que se refere ao fato dos membros das famílias não precisarem estar em um mesmo ambiente físico para que a consulta

acontecesse. Passou a ser possível atender um casal mesmo quando um dos membros não tinha condição de estar no mesmo local que o outro.

Mais uma vez a migração se deu de forma muito tranquila. Buscamos enfatizar os cuidados necessários ao que se refere às questões de sigilo e também aos cuidados com a qualidade do acesso à internet.

Elencamos a seguir os relatos de alguns de nossos alunos que vivenciaram o processo de transição dos atendimentos a casal e família que, antes da pandemia, eram realizados de forma presencial e passaram a acontecer através de TICs:

“Eu que já vivia antes da pandemia o atendimento *on-line* individual...Fiquei maravilhada, empolgada e encantada com a capacidade de ajustamento dos grupos e das famílias!”

“A família que acompanhávamos no presencial, juntamente com uma equipe de psicólogos em formação e nossa supervisora, foi automaticamente para o virtual e fomos nos adequando, usando a tecnologia para manter as equipes de campo e reflexiva, funcionando com qualidade e mesma eficácia!”

“A família também deu um show de ajustamento, entrega, resiliência e presença.”

“O virtual possibilitou até a presença de familiares que por trabalho, compromissos, ou distância geográfica não chegariam a tempo para consulta!”

“A família evoluiu, recontratou no *on-line* e segue num novo contrato, sabendo que será *on-line* também e nem por isso de menor qualidade!”

“Os alunos não perderam em nada no aprendizado.”

“Ganharam experiência no *on-line* e nos fundamentos da Gestalt e hoje temos na equipe uma integrante do Rio Grande do Sul!”

“Quer riqueza e amplitude maior que a possibilidade do *on-line*?”

“Se conhecem me contém, pois estou convicta que com ética e dedicação o *on-line* é eficaz e revolucionário!”

“A experiência de acompanhar um atendimento de família virtualmente tem sido incrível e surpreendente. Essa modalidade me mostrou que é possível se conectar, criar vínculos e obter resultados tanto quanto uma terapia presencial.”

Também elencamos o relato de uma aluna que já começou seus atendimentos dentro do contexto de isolamento social:

“A terapia de família é bem dinâmica e as ferramentas que temos nos aplicativos dispararam processos e vivências únicos. Por exemplo, o uso da música, a possibilidade de buscar no YouTube e a família compartilhar algo que tem a ver com eles nos levam para uma maior

compreensão do que eles vivem! A experiência de acompanhar terapia no on-line tem sido surpreendente e se vê que o processo acontece com muita riqueza!”

Em seguida temos relatos de pessoas que eram clientes de atendimento de família no período de transição:

“Apesar de, inicialmente, causar desconforto e até mesmo certa desconfiança, por conta de sua chegada abrupta, o atendimento de família remoto, nos traz esperança e a oportunidade de darmos continuidade ao atendimento” (R.)

“No início achei que não daria certo, mas topei tentar, tivemos que nos ajustar à tecnologia, e por fim conseguimos nos adaptar. Claro que prefiro presencial, mas tem sido de muito valor as nossas consultas on line.” (M.)

“no início achei que seria melhor não fazer e continuo preferindo presencial, mas hoje entendo que é melhor fazer assim do que não fazer e pra mim a maior diferença é a equipe reflexiva, que *on-line* parece que está falando diretamente com a gente (o que não parecia no presencial)” (J.)

Observações realizadas por nossos supervisores sobre os atendimentos:

- Temos no IGT hoje 6 equipes realizando atendimentos nesse modelo. Nesse período de março a novembro de 2020 tivemos apenas uma desistência em relação ao atendimento de família, que não foi relacionado ao uso do modelo virtual.
- Observamos a realização de novos contratos de 8 consultas nas 5 outras famílias/casais clientes.
- Percebemos grande evolução nas questões ligadas à forma de comunicação em todas as famílias atendidas.

Considerações:

A transferência dos atendimentos de casais e famílias para a virtualidade se deu de uma forma bastante tranquila. As fantasias que tínhamos relativas a problemas com o sigilo por enquanto não se confirmaram. Em especial, quando tratamos do atendimento às famílias e aos casais, prática que, como vimos, no IGT se dá de uma forma mais complexa do que as outras formas de atendimento, os recursos virtuais se encaixaram com muita facilidade. Os ajustes necessários foram

muito pequenos. E podemos afirmar que existiram muitos ganhos com esse novo modelo. Provavelmente após o término da pandemia o atendimento presencial vai passar a conviver com sessões virtuais e até com atendimentos realizados de forma integralmente virtual.

Passamos a ter de fato uma nova possibilidade de atuação disponível, que dependendo da situação poderá ser a melhor opção. Uma das grandes dificuldades que vivemos quando lidamos com os atendimentos de família tem relação com a dificuldade de ajustarmos os horários dos vários integrantes das mesmas, a possibilidade de realizarmos atendimentos mesmo com as pessoas estando em lugares diferentes pode facilitar muito esse aspecto, viabilizando processos que anteriormente não seriam possíveis.

4.3.9 A mudança do perfil de nossos alunos

Uma das consequências do funcionamento de nosso curso através das tecnologias de informação e comunicação foi a mudança da configuração de nossas turmas. À medida em que foi se tornando claro que não existia uma perda de qualidade nos cursos ministrados de forma virtual, ficou evidente que este formato veio para ficar. Com o término da pandemia voltaremos a ter turmas presenciais, porém as turmas virtuais, a princípio, não deixarão mais de existir. Sendo assim passamos a receber alunos de qualquer lugar do mundo. Esta tem sido uma experiência muito interessante. Atualmente todas as nossas turmas são atravessadas por inúmeros sotaques distintos.

Neste período, Além de termos recebido em nossas turmas pessoas de diversas partes do Brasil, já tivemos a oportunidade de trabalhar com alunos que residiam no Japão, em Portugal, na França, na Dinamarca e em Moçambique. Essa diversidade de realidades tem propiciado um contexto de troca muito interessante para nossas aulas. Em um curso em que se trabalha muito a partir do diálogo, em que as turmas têm um limite reduzido de alunos, justamente para privilegiar a intimidade e possibilidade de interlocução entre os participantes, o contraste entre aspectos culturais é muito enriquecedor. As turmas passaram a apresentar diversidade no que se refere a dimensões das cidades, temos pessoas de cidades bem pequenas interagindo com pessoas que moram em grandes metrópoles. Temos toda a diversidade cultural de um país continental como o nosso. Da

ascendência indígena, aos descendentes diretos de imigrantes europeus e de orientais. Tudo isso contribui para o convívio de perspectivas muito distintas, ampliando a riqueza das trocas.

Um exemplo ilustrativo dessa riqueza foi poder conversar sobre como os japoneses, os franceses e os portugueses estavam lidando com a situação da pandemia, a partir do relato de pessoas que estavam vivendo lá questões muito parecidas com as quais estávamos nos deparando aqui. Pessoas que estavam exercendo suas práticas clínicas naqueles países e que estavam participando de nossas discussões em sala de aula.

Do ponto de vista dessas pessoas que estavam fora do país, tivemos o relato de que, a pandemia ampliou dramaticamente suas possibilidades de buscar aprimoramento profissional dentro de um contexto cultural e linguístico que, para elas, estava fazendo muito sentido. Elas puderam ter acesso aos cursos no Brasil como não podiam anteriormente, simplesmente por que esses cursos não eram oferecidos de uma forma que elas teriam possibilidade de acesso.

No próximo item buscaremos tratar dos movimentos que fizemos para acompanhar nossos ex-alunos, contribuir com os psicólogos brasileiros e com nossa sociedade de forma geral durante aquele período de exceção.

4.3.10 Acompanhando alunos e ex-alunos e nossa busca de contribuição social

A partir do momento em que experimentamos as aulas no IGT e percebemos como as trocas dentro do contexto de pandemia estavam muito importantes fez todo o sentido estendermos estes espaços de troca para nossos ex-alunos e para as pessoas que acompanham o instituto. A partir daí instituímos um encontro de alunos e ex-alunos do IGT, iniciamos uma série de *lives* nas quais compartilhamos nossos conhecimentos e articulamos dois eventos virtuais associados ao CRP, todos esses espaços de troca foram realizados através de TICs. Basicamente utilizávamos a plataforma *Zoom*, o *Facebook*, o *Instagram* e o *Youtube*.

Quanto aos encontros de alunos e ex-alunos, esses aconteceram semanalmente aos sábados de 10 (dez) horas da manhã até às 12 (horas) horas. Foram 19 encontros em que podíamos conversar sobre o que estávamos vivendo. Foi uma troca muito importante para todos nós. Os encontros contavam em média

com cerca de 30 participantes, aconteceram entre 11 de abril e 10 de outubro de 2020

Naqueles encontros falávamos sobre o que estava sendo vivido. Os desafios, os medos as angústias, os caminhos que cada uma daquelas pessoas estava seguindo para superar aquela situação de excepcionalidade. Eram conversas emocionantes e extremamente construtivas. O espaço de interlocução facilitou muito a que todos nós pudéssemos elaborar as questões trazidas pelo contexto da pandemia. Vivíamos sensações de cumplicidade e de pertencimento. As pessoas se colocavam de forma muito afetiva. Aquelas trocas foram importantes pela possibilidade de intercâmbio de informações e em especial por terem sido encontros muito suportivos para todos nós.

Um dos aspectos que foi muito marcante naquela experiência teve relação com o fato de nos sentirmos como estando em um mesmo barco. Cada uma daquelas pessoas pôde lidar com aquela situação de uma forma própria, mas existia algo muito semelhante no contexto que estávamos atravessando.

A experiência daqueles encontros inspirou uma nova iniciativa, agora para realizar a função social de dar suporte a pessoas que estivessem vivendo dificuldades para lidar com a pandemia. Demos início ao “IGT com Você: Acolhimento na Rede”, desenvolvemos um trabalho de apoio realizado através de grupos abertos, com equipe reflexiva e suporte técnico, experiência que trataremos no próximo tópico (4.3.11).

Quanto a *lives* e palestras, essas tiveram o intuito de contribuir com as pessoas que acompanhavam o IGT a ter acesso a uma série de informações que já vínhamos construindo há muito tempo em nossas pesquisas.

Nossa primeira *live* aconteceu na segunda feira 16/03/2020⁷⁶, 3 (três) dias depois do início da situação de isolamento social no Rio de Janeiro que havia sido decretado na sexta feira dia 13/03/2020 como já havíamos citado anteriormente. O tema foi: Orientações sobre o covid-19 e o Atendimento Psicológico *On-line*. Contamos com a participação de Ana Carolina Bianchi e Juliana Pontillo. Nosso

⁷⁶ Esta live pode ser acessada em duas partes através dos links: <https://youtu.be/Q34fDq6YDAc> e <https://youtu.be/QPLL8Cnyhc0>

objetivo foi auxiliar aos que nos assistissem a evitar problemas previsíveis em seus primeiros contatos com o atendimento através de TICs.

Quanto ao conteúdo, em um primeiro momento, divulgamos um comunicado proferido na véspera pelo sistema conselhos que tratava de orientações sobre as práticas psicológicas naquele período, apontava uma série de cuidados a serem tomados por aqueles que se mantivessem atendendo de forma presencial e também da possibilidade do psicólogo realizar o atendimento *on-line* apenas dando entrada em seu cadastro no e-psi, que nos meses de março e abril de 2020, não seria necessário aguardar a aprovação do mesmo pelo sistema conselhos como definido na resolução CFP nº11/2018. Depois desse comentário, tratamos de pontos como a questão dos cuidados relativos ao sigilo que na telepsicologia passa a ser responsabilidade tanto do psicólogo como de seu cliente, visto que este teria de cuidar do mesmo em seu local de atendimento.

Falamos da necessidade de planos A, B e C para realização do atendimento através de TICs, tanto no que se refere ao acesso à internet quando o atendimento fosse realizado através da rede, como também em relação às ferramentas a serem utilizadas, a importância de que as baterias dos aparelhos estivessem carregadas. Também afirmamos a importância de podermos utilizar pelo menos 3 (três) possibilidades de *softwares* para evitarmos surpresas desagradáveis, visto que não tínhamos como prever a possibilidade de alguma incompatibilidade da aparelhagem de nossos clientes com os *softwares* que estaríamos propondo para o atendimento, e que seria fundamental que os psicólogos buscassem se preparar, que eles procurassem dominar as ferramentas que pretendessem utilizar nos atendimentos.

Falamos das ferramentas disponíveis para o atendimento a distância e de como algumas delas, em seus contratos de uso, não se comprometiam com a questão do sigilo. Que o psicólogo precisava estar atento a isso ao escolher a ferramenta que utilizaria.

Tratamos da importância de que fosse passada uma mensagem com instruções por escrito antes do primeiro atendimento, explicando a necessidade de um bom acesso à internet, de que o cliente instalasse e testasse com antecedência o *software* a ser utilizado nesse primeiro encontro virtual, de que o cliente buscasse um lugar em que existisse uma boa condição de sigilo, trazendo sugestões como a utilização, quando necessário, de algum tipo de aparelhagem de som do lado de fora do local do atendimento para auxiliar na proteção acústica. De como esse tipo de

mensagem diminui muito as chances de problemas frustrantes nesse primeiro encontro.

Tratamos também da importância dos aspectos a serem observados na confecção do contrato para atendimento, da importância de que o contrato fosse feito por escrito. De que contivesse informações sobre as medidas necessários e sobre os limites em relação ao sigilo no atendimento. Como mesmo com todos os cuidados, ainda assim existiriam riscos e que o cliente estaria ciente e que estaria assumindo esses riscos ao realizar seu atendimento nessa modalidade. De como não seria aconselhável que sessões fossem gravadas em função dos riscos que se tornariam bem maiores.

Comentamos, ainda, como também seria importante que o contrato contivesse regras em relação a como se daria o contato entre sessões, se o terapeuta se comprometeria ou não a responder mensagens e em quanto tempo, evitando o surgimento de expectativas irreais. Protegendo, assim, a relação terapêutica desse tipo de desencontro.

Fizemos a observação de que o atendimento assíncrono, que podia parecer uma forma de atendimento distante para muitos psicólogos, também seria uma prática possível e eficiente. Naquele contexto muitas pessoas estavam sem condição de acessar um local no qual pudessem receber atendimento com condições mínimas de privacidade, visto que seus familiares estavam continuamente juntos dentro de casa em função da situação de isolamento social. Dentro daquela realidade a linguagem escrita poderia ser uma forma de lidar com aquelas limitações.

Falamos sobre os cuidados com as vestimentas a serem utilizadas nos atendimentos. Como o fato de só uma parte do corpo do terapeuta estar exposta durante o atendimento pode dar margem a fantasias. Se uma terapeuta utiliza um “tomara que caia” e a vestimenta não aparece na câmera, fantasias poderiam ser suscitadas. O cliente fica sem saber se a terapeuta está vestida e isso poderia não ajudar o processo terapêutico. Seriam cuidados diferentes dos que normalmente temos no atendimento presencial.

Chamamos atenção para a necessidade de cuidado com o conforto do terapeuta. Como poderia ser desconfortável, por exemplo, atender 50 minutos com o celular em sua mão. Como isso poderia afetar a presença do terapeuta na sessão.

Os desconfortos não ajudariam o terapeuta a estar inteiro, a estar totalmente disponível, na relação com seu cliente.

Prevenimos os participantes para a possibilidade de que mobilizações emocionais intensas fossem vividas durante o atendimento via TICs. Na época esse fenômeno ainda não havia recebido o nome de “intimismo virtual”. Tratamos de forma cuidadosa deste ponto no item 4.3.14.

Enfatizamos que o atendimento virtual seria diferente do atendimento presencial. Que seria muito importante que o psicólogo buscasse construir uma prática coerente com as características dessa outra forma de atuação, que ele não fizesse apenas uma transposição das práticas presenciais para as através de TICs, sem as devidas modificações.

Os pontos elencados acima foram os que identificamos como os mais importantes em nossas falas. Eles foram desenvolvidos a partir de uma lista de tópicos que havíamos projetado e também a partir das perguntas que foram feitas pelas pessoas que nos assistiam.

Os participantes fizeram uma série de perguntas, algumas foram respondidas diretamente através do chat do Instagram, essas não puderam ser recuperadas, outras foram lidas e respondidas verbalmente ficando registradas em vídeo. As perguntas que foram trazidas pelas pessoas que estavam assistindo a *live* e que ficaram registradas foram:

- Como se dariam os experimentos?
- Se deveria existir diferença de preço para o atendimento *on-line*?
- Como funcionava o tempo de encontro na plataforma Zoom?
- Se o contrato deveria ser realizado por escrito?
- Como lidar com problemas técnicos?

Essas perguntas ilustram algumas das preocupações das pessoas que estavam nos assistindo. São perguntas relativas a aspectos muito básicos no que se refere a práticas clínicas: como trabalhar, com que enquadre, como estabelecer o contrato terapêutico e como lidar com as peculiaridades do meio de atendimento, isto é, com os recursos tecnológicos. Naquele período, muitas pessoas estavam precisando do básico para conseguirem dar seus primeiros passos no mundo dos atendimentos através de TICs.

No dia 20/03/2020, 7 dias depois do início da situação de isolamento social no Rio de Janeiro e 9 dias depois da Organização Mundial de Saúde (OMS) ter decretado estado de pandemia nós realizamos em parceria com o CRP uma mesa redonda com o título: “Covid-19 e atendimento psicológico *on-line*: discutindo possibilidades”. Este evento foi transmitido pelo Youtube e contou com 779 inscritos⁷⁷.

Nossa mesa redonda contou com a participação de Ana Carolina Bianchi (05/44.939), Ismael Eduardo Machado Damas (CRP 05/42.823), Marcelo Pinheiro da Silva (CRP 05/16.499) e Zarlete da Silva Faria (CRP 05/15.377)


⁷⁷ Este evento pode ser acessado através do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=HUnid6Oo0JM>

Figura 31 - Divulgação da Mesa redonda COVID-19 e atendimento psicológico on-line: discutindo possibilidades.

MESA REDONDA GRATUITA

COVID-19 E ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE : DISCUTINDO POSSIBILIDADES

Data: 20/03/2020 (sexta-feira) às 19:30h

 MESA REDONDA COM TRANSMISSÃO AO VIVO PELO YOUTUBE!

Objetivos: Trazer informações fundamentais relativas as práticas psicológicas online em tempos de Corona Vírus. Tirar dúvidas e discutir questões relativas ao tema.


Público-alvo: Psicólogos e estudantes de psicologia


Convidados: Zarlete da Silva Faria (CRP 05/15377), psicóloga supervisora da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP-RJ (COF) e Ismael Eduardo Machado Damas (CRP 05/42823), conselheiro efetivo do CRP-RJ.

Informações: (21) 2567-1038 / 2569-2650 - contatos@igt.psc.br
Inscrições: www.igt.psc.br


Ana Carolina Bianchi - CRP 05/44939
 Psicóloga, Gestalt-terapeuta, Mestre em Neurociências pela Universidad Autónoma de Madrid e Coordenadora do Setor de Psicologia Online do IGT.

Marcelo Pinheiro da Silva - CRP 05/16499
 Psicólogo. Gestalt-terapeuta. Doutorando (UFRJ), Mestre (UERJ), Coordenador e responsável técnico do IGT - Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar






IGT
Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar



CDGB
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GESTALT TERAPIA BRASILEIRA



PHCE - Perspectiva Humana
Cursos e Eventos

Fonte: site do IGT.

Este evento foi criado especificamente com o intuito de aproximar os psicólogos da rede social do IGT ao sistema conselhos para podermos trocar sobre a situação inusitada e surpreendente que estávamos vivenciando naquele momento. Para tanto, definimos a data de nossa mesa redonda e solicitamos alguém para representar o CRP/05. Zarlete Faria psicóloga que trabalha há muitos anos no CRP/05 e que atuava na Comissão de orientação e fiscalização (COF) e Ismael Damas, conselheiro coordenador da COF nos foram indicados para representarem nosso CRP. No dia e hora marcados realizamos nosso encontro. Ao longo de duas

horas pudemos conversar sobre as medidas que nossa representação de classe vinha tomando para fazer frente àquela situação.

Muitas dúvidas puderam ser sanadas. Vamos colocar aqui, dentro de nossa avaliação, os principais pontos que foram tocados naquele momento. Foi explicado que naquele período o sistema conselhos havia passado a atuar de forma remota, que havia sido deliberado que os psicólogos passavam a poder atender através de TICs apenas a partir do preenchimento de seus cadastros no E-psi, e que não precisavam mais aguardar a aprovação por parte do sistema conselhos para atuar através de TICs. Foi enfatizado que estudantes de psicologia não poderiam fazer atendimento em seus estágios de forma remota mesmo que seus supervisores tivessem cadastro no E-psi, essa atuação configuraria prática ilegal da psicologia. Como ainda não havia saído a resolução CFP nº 04/2020 ainda existia a orientação de que o atendimento a pessoas com risco de suicídio não fosse realizado através de TICs. Também foi colocado que aquelas orientações poderiam ser modificadas ao longo do tempo e que seria muito importante que os psicólogos se mantivessem atentos às publicações realizadas pelo sistema conselhos.

O número de inscritos naquele evento já demonstra sua importância. Nossa classe estava vivendo um período de acomodação àquela nova realidade. Existiam muitas dúvidas, tudo era muito novo e incerto. Muitas pessoas que até então haviam se mantido distantes das práticas psicológicas através de TICs estavam tendo que se reinventar. Aquela mesa redonda foi muito bem-vinda dentro daquele contexto.

No dia 24/03/2020, quatro dias depois realizamos uma nova Live: Conversando sobre o Atendimento *On-line* em tempos de Covid-19⁷⁸ novamente com Ana Carolina Bianchi e Marcelo Pinheiro. Nessa *live* buscamos nos concentrar em responder perguntas, Depois de contextualizarmos sobre de onde estávamos falando procuramos nos colocar a partir de perguntas que nos tinham sido enviadas e das dúvidas trazidas pelas pessoas que estavam participando do evento. As perguntas e os comentários que se fizeram presentes naquele momento foram:

- Como se daria o atendimento a crianças e adolescentes?
- Como lidar com o medo dos prejuízos financeiros, com as dificuldades econômicas?

⁷⁸ Esta live pode ser encontrada através do link: <https://youtu.be/-zTYnBlnWSc>

- Sobre grupos de apoio a dependentes químicos e a pacientes oncológicos?
- Como seria o trabalho realizado de forma assíncrona?
- Como garantir o sigilo especialmente em tempos de isolamento social?
- Como lidar com o contrato dentro do contexto de atendimento virtual?
- O contrato poderia ser verbal ou teria de ser por escrito?
- Como funciona o aplicativo Zoom para o atendimento em grupo?
- Qual seria o tempo de duração das sessões no atendimento em grupo?
- Comentário: se a pessoa está *on-line* normalmente estamos dentro da casa dela o que traria intimidade.
- Seria necessário um contrato diferente no atendimento *on-line*?
- Comentário: o contrato precisa ser atualizado sistematicamente.
- Como fazer o contrato em situações de atendimento *on-line*, sem ônus?

No dia seguinte 25/03/2020 tivemos uma aula aberta sobre atendimento infantil através de TICs: A virtualidade no atendimento a crianças e adolescentes⁷⁹. Esta aula já estava marcada antes mesmo do estabelecimento da necessidade de isolamento social em nosso país. Foi criada para fazer parte da composição do curso “Especialização em Psicologia *On-line*: A Virtualidade sob uma Perspectiva Gestáltica”. Aquele tema se encaixou muito bem naquele contexto. Como já vimos no item 4.3.3, muitas pessoas naquele período acreditavam na impossibilidade de realização de atendimento a crianças e adolescentes através de recursos virtuais. Naquele encontro pudemos tratar de temas como o quanto crianças e adolescentes de classe média e alta, em sua maioria, estão interagindo cotidianamente através da internet. Outro ponto abordado foi que de forma geral e em especial no caso do atendimento a esse público nosso trabalho se dá especialmente a partir da relação terapêutica estabelecida entre terapeuta e cliente, sendo assim, o contexto virtual nos traria inúmeras possibilidades de formas de estabelecermos relação. Que a dificuldade encontrada por terapeutas para estabelecer estes atendimentos estaria muito mais ligada ao distanciamento estabelecido entre o universo das crianças e adolescentes e o universo dos psicólogos que estavam experimentando estas

⁷⁹ A virtualidade no atendimento a crianças e adolescentes: pode ser encontrada no link: <https://youtu.be/OJBFZcNuNgg>

dificuldades. Formas de interação energizadas e significativas existiam e faziam parte do dia a dia desse público, inclusive existia uma queixa muito frequente entre os pais no sentido de que os filhos estariam até demasiadamente conectados ao universo virtual. Mesmo assim muitos psicólogos não conseguiam imaginar formas de estabelecer relação com seus clientes por aqueles meios.

Em 31/03/2020 realizamos uma nova *live* com o título: “O contrato no atendimento *on-line* e as novidades da resolução CFP n° 4, de 26/03/2020”⁸⁰. Este evento contou novamente com a participação de Ana Carolina Bianchi e Marcelo Pinheiro e com o apoio de Juliana Pontillo. Os dois temas foram escolhidos respectivamente pela demanda de muitos psicólogos que inclusive nos solicitavam que enviássemos um modelo de contrato e que também tinham muitas dúvidas, como por exemplo, como assinar o contrato no contexto de isolamento social?

Depois de demarcarmos a importância dos cuidados com o contrato, de demarcarmos como este instrumento é valioso para zelarmos pela relação terapêutica, fizemos a opção de ler o contrato que utilizamos no atendimento da clínica social do IGT, quando realizado por alunos do curso “Especialização em Psicologia *On-line*: A Virtualidade sob uma Perspectiva Gestáltica”. Procuramos ler cada item e comentar sua importância. Tratamos também do momento em que devemos estabelecer o contrato e de como é importante mandarmos uma mensagem inicial com o objetivo de criar bases para nosso primeiro encontro. Como já vimos anteriormente, essa mensagem deve conter instruções sobre cuidados com o acesso à internet, com a plataforma que será utilizada e também com medidas para que o sigilo seja garantido.

Também fizemos a opção de tratarmos da resolução CFP n° 04/2020, recém-publicada, visto sua importância dentro daquele contexto. Esta resolução já foi cuidadosamente examinada no tópico 3.1.6.

Em 21/08/2020 fizemos a palestra/mesa redonda: "Ideação suicida e outras situações de risco: o que o psicólogo deve fazer em tempos de isolamento social"⁸¹ (figura 32) contamos com a presença de Daniel Maribondo Barboza (CRP 05/42740) colaborador da COF que representou o CRP 05, além de ser profissional da área da

⁸⁰ Live: O contrato no atendimento online e as novidades da resolução CFP n° 4, de 26/03/2020 <https://youtu.be/nL3nea2tmXA>

⁸¹ Palestra | Ideação suicida e outras situações de risco: o que o psicólogo deve fazer em tempos de isolamento social <https://youtu.be/yu10B7bm6vc>

saúde, psicólogo clínico em um ambulatório de saúde mental no município de Búzios, Marcelo Pinheiro da Silva (CRP 05/16499) e Norma (Voluntária do CVV- Centro de Valorização da Vida).

Figura 32 – Divulgação da Palestra Ideação suicida e outras situações de risco: o que o psicólogo deve fazer em tempos de isolamento social.



PALESTRA COM TRANSMISSÃO AO VIVO PELO YOUTUBE!

IDEAÇÃO SUICIDA E OUTRAS SITUAÇÕES DE RISCO: O QUE O PSICOLOGO DEVE FAZER EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Data: 21/08/2020 (sexta-feira) às 19:30h

INSCREVA-SE PARA ASSISTIR GRATUITAMENTE!

Objetivo: Discutir possibilidades de atuação e encaminhamento quando o psicólogo lida com situações de risco, como ideação suicida, no atendimento online, dentro de um contexto de isolamento social

Público-alvo: Psicólogos e estudantes de Psicologia

Com: Daniel Maribondo Barboza, Marcelo Pinheiro da Silva e Norma (Voluntária CVV - Centro de Valorização da Vida)



Informações: (21)99287-8493 ou (21)99238-7628 - contatos@igt.psc.br

Inscrições: www.igt.psc.br

Daniel Maribondo Barboza, Me. - CRP 05/42740 - Psicólogo Clínico. Psicólogo Clínico da Prefeitura Municipal de Armação dos Búzios. Cursando o Doutorado em Psicologia pela UFRJ (desde 2016) com pesquisa sobre subjetividade, mobilidade, cidade e biopolítica; Atua como colaborador da Comissão de Orientação e Fiscalização (COF) do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP/RJ) desde janeiro de 2020

Marcelo Pinheiro da Silva - CRP 05/16499 - Psicólogo. Gestalt-terapeuta. Doutorando (UFRJ), Mestre (UERJ), especialista em psicologia clínica pelo CRP, especialista em psicologia organizacional pelo CRP, especialista em atendimento de casal e família na abordagem sistêmica (I.T.F.- RJ). Coordenador e responsável técnico do IGT - Instituto de Gestalt Terapia e Atendimento Familiar, Editor chefe da Revista IGT na Rede, Coordenador do CDGB e autor do livro "O Afeto e o Afetar em Relações de Grupos: Um olhar a partir da Gestalt-Terapia".



IGT
Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar



CDGB
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GESTALT TERAPIA BRASILEIRA



PHCE - Perspectiva Humana
Cursos e Eventos

Fonte: Site do IGT.

Naquele período já estava evidente que nos manteríamos por algum tempo em situação de pandemia e os quadros ligados a angústia e depressão estavam

muito presentes. O psicólogo se via desafiado a trabalhar aquelas questões dentro de um contexto de isolamento social, realizando seus atendimentos de forma virtual. Fez sentido promover aquele encontro em função de vários relatos de terapeutas que se viam angustiados com a lida com clientes que estavam apresentando ideação suicida. Dentro daquela realidade criar um espaço de interlocução com o conselho e com o CVV nos pareceu muito pertinente.

O representante do conselho tocou em vários temas e ressaltou pontos como a necessidade da notificação compulsória ao Sistema Único de Saúde (SUS) em situações de violência auto e heteroinflingida, especialmente quando mulheres, crianças e idosos estivessem envolvidos. Sobre a importância de que o psicólogo mantenha registros sobre os atendimentos. Como quando ao lidar com situação de risco de suicídio em caso de atendimento a alguém que resida em um município distante pode ser importante fazer contato com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da região do cliente caso a intervenção presencial seja necessária. Enfatizou também a importância de se ter contato de pessoas da rede social do cliente, especialmente quando identificamos possibilidade de ideação suicida.

Norma explica que como voluntária do CVV se apresenta só com seu primeiro nome sem nenhuma referência de cargo ou currículo, como todos os outros voluntários, ela representa o CVV como corporação. Afirma que o primeiro plantão realizado pelo CVV foi em 01/03/1962. Buscou descrever a história e as formas de atuação da instituição.

Foram feitas uma série de perguntas relativas a aspectos práticos do trabalho com pessoas em situação de risco. Foi uma troca bastante produtiva e muito elogiada pelos participantes do evento.

Muitas outras palestras e mesas redondas foram realizadas ao longo daquele período, mas citaremos por último a que teve o recorde de inscritos. Em 19/03/2021, quando acabávamos de chegar ao final do primeiro ano de isolamento social, fizemos a palestra: A elaboração de luto e a covid19: uma perspectiva gestáltica⁸². com Marcelo Pinheiro da Silva CRP 05/16.499 este evento contou com 918 inscritos (figura 33):

⁸² A elaboração de luto e a covid19: uma perspectiva gestáltica <https://youtu.be/gTQdlhpnYdA>

Figura 33 – Divulgação da Palestra A elaboração de luto e a COVID19: uma perspectiva gestáltica.

A ELABORAÇÃO DE LUTO E A COVID19: UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA.

PALESTRA GRATUITA

com **MARCELO PINHEIRO**

objetivo: Discutir as peculiaridades dos desafios relativos ao processo de elaboração de luto dentro do contexto de isolamento social decorrente da busca de superação da pandemia covid19.

**Dia 19/03 (Sexta)
às 19h30**



IGT
Instituto de
GESTALT-TERAPIA
e atendimento familiar



programa de pós-graduação
em história das ciências e das técnicas
e epistemologia HCTE - UFRJ



Fonte: Site do IGT.

Naquela palestra buscamos contextualizar nosso ponto de vista, a Gestalt-Terapia, tratamos da situação da experiência do luto, procuramos descrever a situação vivida no contexto de pandemia com suas várias restrições/perdas, inclusive em relação aos rituais para a lida com os próprios lutos, por último tratamos da situação do terapeuta que trabalha acompanhando a dor do outro muitas vezes vivendo o mesmo contexto de sofrimento. “Sabe lá o que é não ter e ter de ter para dar” Dijavan (1984).

O número de pessoas inscritas naquele evento já demonstra o quanto aquele tema permeava a experiência dos psicólogos brasileiros. O número de perguntas e a ansiedade dos participantes também foram coerentes com a pertinência daquele tema, dentro do que estava sendo vivido naquele período. Em um certo sentido a intensidade do que foi vivido naquele encontro demarca a forma como a pandemia afetou nossas vidas naquela fase, modificando hábitos, colocando em xeque todo

um estilo de vida. Nossos rituais foram interditados, a forma de lidar com a morte, com a despedida, a impossibilidade de acompanhar entes queridos em momentos críticos que muitas vezes terminavam no falecimento dos mesmos, tudo isso convidou os seres humanos a uma busca de reinvenção. Não tínhamos receitas prontas precisávamos digerir todas aquelas mudanças e nos reinventar, sem direito de tempo extra para essa reorganização. Fomos forçados a lidar com mudanças e a nos reconstruirmos a partir dessas mudanças. Buscamos explorar aquele tema com todo o cuidado e dedicação que ele merecia, dentro daquele contexto tão delicado. Nosso esforço foi recompensado. A palestra foi muito elogiada por sua audiência.

No próximo item trataremos de um trabalho desenvolvido a partir das experiências vividas nos encontros que experimentamos com nossos alunos e ex-alunos e que teve como objetivo prestar suporte a nossa comunidade e construir um contexto de experiências ricas para todos os participantes.

4.3.11 IGT com você: Acolhimento na Rede

Dentro do contexto de sofrimento gerado pela situação de pandemia nos pareceu importante contribuir de alguma forma com nossa sociedade. Auxiliar na busca de equilíbrio emocional de nossa população durante aquele período nos parecia muito importante. Procuramos encontrar caminhos em que de alguma forma pudessemos contribuir socialmente e ao mesmo tempo conseguíssemos construir algo relevante para o instituto e para as pessoas envolvidas. Tínhamos a nosso favor um grande grupo de profissionais egressos do IGT que estavam unidos nos encontros de alunos e ex-alunos e que conheciam uma mesma série de técnicas de trabalho relacionadas ao atendimento a grupos terapêuticos e a grupos íntimos⁸³. Tínhamos também a experiência de troca que vivíamos a cada encontro de alunos e ex-alunos. Existia uma comoção muito grande naqueles episódios, as pessoas saíam se sentindo muito nutridas a partir da experiência de troca que viviam naqueles encontros. Nos pareceu importante utilizar esses ingredientes para a

⁸³ Grupos íntimos são grupos que são atendidos por psicólogos, mas que preexistem a intervenção terapêutica e que provavelmente continuarão existindo após essa intervenção. Normalmente a atuação terapêutica se faz necessária nesse tipo de grupo em função de questões relacionais entre seus membros ou pela existência de sintomas que tenham relação com dificuldades dessa ordem. Desta forma são diferentes dos grupos terapêuticos que são construídos visando o desenvolvimento individual de cada um de seus membros. Exemplo de grupos íntimos são famílias, empresas turmas de cursos etc.

construção de uma prática que pudesse contribuir socialmente e gerar aprendizado para todos os participantes, tanto para os que estivessem à procura de apoio emocional como para os voluntários que se dispusessem a dedicar seu tempo e sua afetividade para aquela causa.

Buscamos desenvolver um trabalho que pudesse de alguma forma alcançar sinergia entre essas pessoas para atingirmos os objetivos supracitados. Convidamos as pessoas próximas ao IGT, em especial as que estavam frequentando os encontros dos sábados, a se voluntariarem para a construção de um trabalho com grupos abertos utilizando o método reflexivo. Essa proposta aliava a construção de uma metodologia nova com a experiência e a expertise de nossos alunos e ex-alunos. Trazia o trabalho com grupos abertos, unido a atuação em equipe, e também, a utilização do modelo reflexivo.

Tradicionalmente o modelo de atuação em equipe utilizando a metodologia reflexiva é utilizado no atendimento a famílias por algumas correntes da abordagem sistêmica. Essa nova junção, entre as práticas mencionadas no parágrafo anterior, foi algo criado para aquela situação específica. Foi um trabalho muito gratificante e produtivo. Esse trabalho gerou a construção do artigo: IGT na Pandemia da COVID-19: Apoio psicológico *on-line* em grupos abertos publicado em 22 de setembro de 2020 na revista IGT na Rede. Também foram realizadas palestras e a apresentações em eventos a partir desse trabalho como trataremos de forma breve no item 4.3.17. A seguir elencamos alguns fragmentos do artigo supracitado, texto que produzimos a 22 mãos (por 11 pessoas), que buscou descrever aspectos significativos da experiência que vivemos juntos naquele projeto.

O projeto “IGT com Você: Acolhimento na Rede” foi constituído a partir de um cenário mundial extremo que é a pandemia da COVID-19. Frente a esse panorama, o IGT promoveu em 11 de abril, um encontro *on-line* de alunos e ex-alunos, com o intuito de entender como os psicólogos estavam vivenciando esse momento em suas vidas pessoal e profissional. A ideia de promover um espaço de escuta e acolhimento aos profissionais ligados ao IGT evoluiu para a formação de um grupo de psicólogos que se organizaram e se disponibilizaram de forma voluntária para acolher a população nesse momento de crise com o suporte do instituto. Como está previsto no código de ética profissional do psicólogo (TAVARES ALVES et al, 2020, p.83).

A base metodológica do projeto partiu da teoria e da prática da Gestalt-Terapia. Foram considerados também o seu diálogo com a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e a utilização de equipes reflexivas como método de trabalho nos grupos de encontro. A

equipe reflexiva é um procedimento criado pelo psiquiatra norueguês Tom Andersen e utilizado no atendimento a famílias no IGT. (TAVARES ALVES et al, 2020, p.84 – 85)

Após seis meses de funcionamento do projeto, pudemos perceber que houve um grande aproveitamento por parte dos participantes que foram beneficiados, além de trazer muita satisfação e aprendizado para os psicólogos integrantes da equipe. Diante disso percebemos o trabalho fluir de forma muito criativa e emocionante, e a cada encontro éramos, enquanto equipe, surpreendidos com novas situações, emoções e experiências, e fomos nos enriquecendo como profissionais com todos os aprendizados. Não podemos esquecer o quanto imprevisível é o trabalho em grupos abertos pois nunca sabemos quem vai aparecer e em que estado emocional se encontra.

Os ajustes em nossas relações e nas funções realmente se configuraram como um marco do nosso trabalho. A equipe estava sempre muito sintonizada e atenta às necessidades de cada integrante do IGT, considerando que nós também como pessoas estávamos enfrentando muitas questões que eram trazidas pelos participantes. As reuniões de suporte de sábado, as trocas pós sessão e as intervenções cumpriam o papel de manter a equipe unida, afinada, equilibrada e com saúde emocional para permanecer na execução do trabalho. (TAVARES ALVES et al, 2020, p.87 – 88)

As sessões de acolhimento em grupo eram realizadas em três etapas: pré-sessão, atendimento e pós-sessão, sendo que o atendimento em si também se configurava em três momentos, por envolver a participação de uma equipe reflexiva. Tanto na pré-sessão quanto na pós sessão eram discutidos aspectos que pudessem aperfeiçoar ou reforçar a proposta inicialmente traçada para o trabalho.

A escolha por trabalhar com grupos partiu da necessidade de se trabalhar com as pessoas sob uma perspectiva sistêmica, considerando o indivíduo e suas múltiplas relações, com o mundo e com as outras pessoas. Visualizamos o grupo como um suporte emocional no momento de crise e uma possibilidade de criação de uma sensação de pertencimento, considerando que a pandemia suscitava muitas emoções ligadas ao desamparo. No momento da pandemia somos influenciados pelo contexto que estamos vivendo de forma intensa, sendo assim, muitos aspectos da vida ficam sob uma “lente de aumento”, evidenciando a importância dos relacionamentos entre as pessoas [...]

A modalidade de atendimento escolhida foi o grupo aberto, onde os participantes teriam a flexibilidade de estarem de acordo com suas necessidades emocionais no período de funcionamento do grupo. Não existindo um compromisso rígido de frequência e permanência, os participantes no momento inicial do acolhimento individual no projeto sabem e aceitam seu funcionamento dessa maneira, e têm seu encaminhamento para esta modalidade de atendimento mediante concordância.

Destacamos algo inédito com o qual nos deparamos no decorrer do trabalho, inicialmente pensamos em um trabalho de co-terapia, no qual dois psicólogos estariam em campo com os participantes e a equipe reflexiva sendo chamada para compartilhar

em determinado momento, observamos que virtualmente para esse trabalho novas posições teriam que ser configuradas, inclusive com nomes apropriados para cada uma delas.

Desta forma, no campo tivemos um dos terapeutas com o papel chamado condutor, que organizava as partilhas, acolhia e recebia os participantes, informando sobre o funcionamento do grupo e o outro terapeuta como “back”. O “back” é o terapeuta que poderia se colocar, mas sua função principal era ficar atento a equipe reflexiva durante o atendimento, ficando responsável pelo contato com a equipe reflexiva no “WhatsApp” (um aplicativo de mensagens) que poderia sugerir ajustes, músicas, ou percepções importantes para serem cuidados. O “back” teria a atribuição de dividir as informações da equipe reflexiva com o psicólogo condutor e os dois juntos decidiriam diante do grupo, quais os caminhos que deveriam ser tomados a condução do mesmo.

Na equipe reflexiva também precisamos modificar algumas funções para que o trabalho se desse no formato “*on-line*”. Nessa equipe ficamos com um psicólogo reflexivo/redator que é responsável por registrar o atendimento e enviar para nosso banco de dados através de um formulário. Outra função importante na equipe reflexiva é do psicólogo reflexivo/emergencial, que ficava preparado para caso algum participante se mobilizasse ao ponto de não conseguir ser acolhido no grupo. O procedimento desse acolhimento individual se daria a partir da solicitação pelo condutor para que o psicólogo emergencial fizesse uma chamada individual com esse participante isoladamente, em outra sala do “ZOOM” (um serviço de videoconferência baseado em nuvem que você pode usar para se encontrar virtualmente com outras pessoas – por vídeo, somente áudio ou ambos – e permite gravar essas sessões para visualização posterior), até que ele pudesse retornar para o grupo. Vale acrescentar que essa função não chegou a ser utilizada o que demonstra a força do grupo em acolher participantes mais mobilizados e a capacidade autorregulação orgânica. Foi acrescentado também o psicólogo reflexivo/suporte técnico, ficando com a responsabilidade por dar suporte aos participantes que encontrassem dificuldades com a ferramenta do ZOOM e não conseguissem acessar o grupo. (TAVARES ALVES et al, 2020, p.86 - 87)

Pode-se dizer que o atendimento em grupos abertos na modalidade *on-line*, com equipe reflexiva é uma experiência inédita em Gestalt-Terapia no Brasil e essa característica por si só representa um contexto rico de experimentação, com um amplo potencial de construção teórica. (TAVARES ALVES et al, 2020, p.85)

Para a confecção deste artigo também foi realizada uma pesquisa de satisfação entre as pessoas que buscaram suporte emocional através deste projeto e o retorno obtido foi extremamente confirmador. Os resultados dessa pesquisa não serão reproduzidos aqui, porém podem ser acessados diretamente no corpo do artigo que está disponível para acesso livre na revista virtual IGT na Rede.

Comentários:

Esse trabalho foi desenvolvido de uma forma muito bonita. Fizemos questão de utilizar vários fragmentos desse artigo escrito a 22 mãos, pois sua própria existência ilustra a riqueza do trabalho em equipe com suas belezas e limitações. Esse foi um exemplo de construção em que sinergia e criatividade puderam andar de mãos dadas em uma organização coletiva. Todo o trabalho foi realizado de forma virtual, tanto no que se refere a seu planejamento, como também no que se refere a sua execução, isso é, aos encontros realizados com as pessoas que buscaram nosso suporte.

Foi possível construir caminhos inovadores, desenvolvidos sobre medida dentro daquele contexto singular e peculiar que estávamos vivendo. Conseguimos unir um grupo relativamente grande de pessoas em torno de um projeto original que foi sendo ajustado ao longo de seu caminho de existência. Muitas das pessoas que trabalharam juntas ao longo daquele período nunca se viram pessoalmente e mesmo assim puderam compartilhar muitos momentos emocionantes e de muita humanidade.

Foi uma experiência extremamente nutritiva, tanto para os psicólogos que participaram de seu desenvolvimento, como também, para as pessoas que puderam usufruir dos espaços de troca que conseguimos construir. Dentro de um contexto de muito sofrimento foi possível estruturar um ambiente de segurança e de encontro humano. A força da experiência de relação humana pôde se expressar, vivida como suporte para pessoas que estavam em um momento de extrema fragilidade.

Essa possibilidade se deu a partir das TICs. Um exemplo de presença e humanidade vividas de forma virtual. Mais uma vez fica impossível enxergar a relação através de TICs como uma relação sem presença. Essa experiência corrobora nossa visão pessoal no sentido de que toda a forma de comunicação é possibilidade de transformação e que as TICs trazem um potencial riquíssimo no que se refere a possibilidades de práticas psicológicas através de recursos virtuais, porém, de fato, essa é apenas nossa visão pessoal.

Dando continuidade à nossa investigação, no próximo item buscaremos escutar estudantes sobre como foi viver o processo de migração de seus cursos para a virtualidade.

4.3.12 O que alunos têm para contar sobre o processo de transição de seus cursos para a virtualidade

Para conhecer melhor a experiência vivida por alunos de cursos ligados à psicologia que experimentaram o processo de migração para a virtualidade, buscamos desenvolver um instrumento de pesquisa, de forma a que pudéssemos acessar as opiniões de pessoas que haviam passado por essa experiência. Neste sentido elaboramos um questionário (Apêndice 2). Nosso questionário foi respondido por 81 (oitenta e uma) pessoas entre 02/08/2021 e 17/10/2021. Foi divulgada em redes sociais e através da mala direta do IGT. Não temos objetivo de construir uma amostra que represente o psicólogo brasileiro. As respostas desse questionário se resumem a representar o universo das pessoas que responderam o mesmo. Tratamos aqui de um saber localizado que não se pretende universal. O que nos importa é o que esse saber, mesmo localizado, nos convida a pensar.

Também é importante demarcar que, em muitos casos, o processo de migração do ensino presencial para o ensino virtual se deu quase como uma simples transposição do que era feito tradicionalmente para o novo contexto. Não se teve tempo para realizar as devidas reconstruções dentro das novas bases que a virtualidade constituía. A migração foi realizada sem uma preparação prévia. De um dia para o outro as instituições de ensino tiveram de transformar totalmente suas práticas. Sendo assim, estamos comparando a experiência de uma práxis que veio sendo desenvolvida cotidianamente ao longo de nossa história cultural, com uma prática predominantemente improvisada.

Após ler o termo de consentimento livre e esclarecido, definir a concordância em participar da pesquisa e se identificar, os participantes foram convidados a responder, em nosso questionário, as 14 perguntas elencadas no quadro abaixo.

Tivemos perguntas dissertativas e perguntas objetivas. Apresentamos o cômputo geral das respostas e buscamos fazer as segmentações que nos pareceram mais elucidativas. Tecemos os comentários que nos pareceram pertinentes quando julgamos adequado.

Quadro 10 - Questionário sobre o ensino de psicologia no período da pandemia COVID-19.

1	Data de nascimento:
2	Gênero:
3	Nome do curso
4	Nível do Curso?
5	Area profissional:
6	Instituição na qual o curso foi ou está sendo realizado?
7	A partir da migração para a virtualidade suas aulas passaram a acontecer de forma:
8	Em relação ao seu aprendizado você identificou:
9	Caso tenha ocorrido decréscimo em suas possibilidades de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado decréscimo em suas possibilidades de aprendizado)
10	Caso tenha ocorrido ganhos em sua possibilidade de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado ganhos em suas possibilidades de aprendizado)
11	Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?
12	Por quê?
13	Principais pontos positivos que você encontrou no ensino à distância?
14	Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?

Fonte: autoria própria

Pergunta:

- Data de nascimento:

Os participantes precisaram selecionar o dia, o mês e o ano de seus nascimentos. Buscamos mapear a facha etária dos participantes de nossa pesquisa a partir dessas datas como está disposto no quadro 11:

Quadro 11 – Distribuição do número de pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19 por faixa etária.

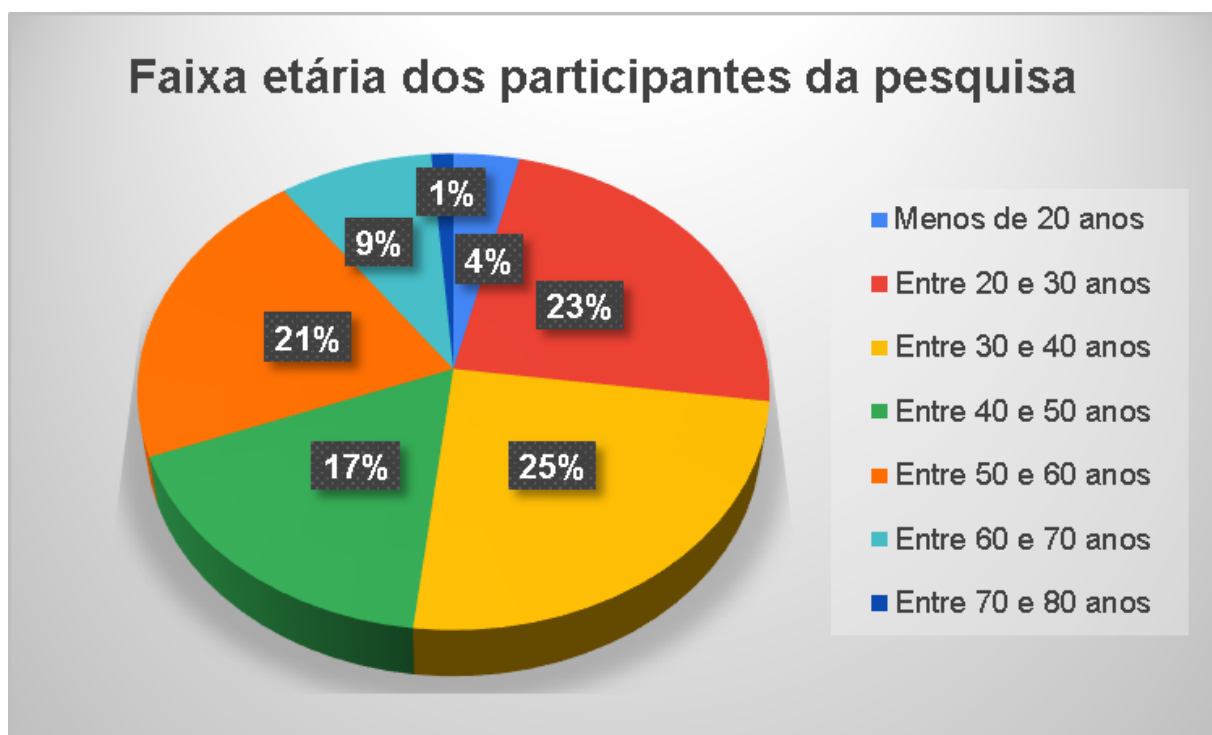
Menos de 20 anos	3
------------------	---

Entre 20 e 30 anos	19
Entre 30 e 40 anos	20
Entre 40 e 50 anos	14
Entre 50 e 60 anos	17
Entre 60 e 70 anos	7
Entre 70 e 80 anos	1

Fonte: autoria própria.

Organizamos as informações sobre faixa etária dos participantes a partir de suas distribuições percentuais. Essa informação se encontra disposta no gráfico 5:

Gráfico 5 – Percentuais por faixa etária das pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria..

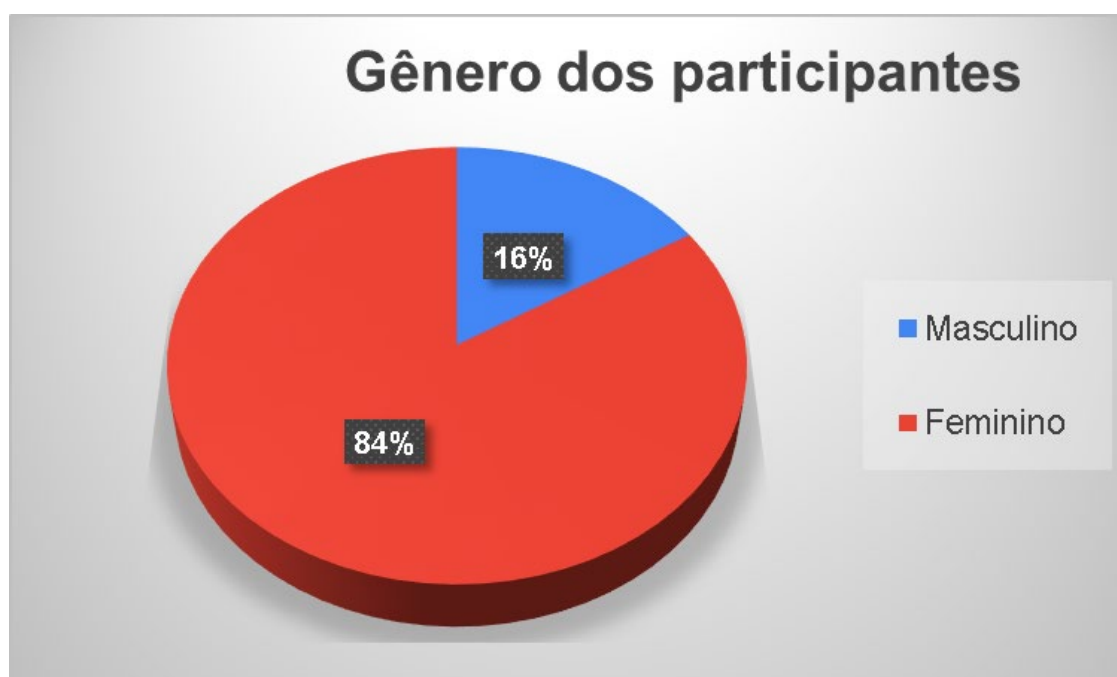
Pergunta:

- Gênero:

Nesse item o participante teve a possibilidade de escolher entre Masculino, Feminino e Outros, opção que criava um campo para que a pessoa pudesse

escrever como se identifica caso as duas opções disponibilizadas não fossem adequadas. Tivemos 68 pessoas que se identificaram com o gênero feminino e 13 pessoas que se identificaram com o gênero masculino. Não foram propostas outras classificações, mesmo existindo essa possibilidade. No gráfico 6 o leitor poderá observar a distribuição percentual de gênero dos participantes de nossa pesquisa.

Gráfico 6 - Percentuais quanto aos gêneros M e F das pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria.

Pergunta:

- Nome do curso:

Nesta pergunta permitimos que os participantes respondessem de forma discursiva. Fizemos a opção de não construir um quadro com o nome dos cursos, visto que não identificamos nas respostas uma padronização que nos permitisse construir um quadro consistente. Os mesmos cursos apareceram com nomes diferentes.

Pergunta:

- Nível do Curso?

Nesta pergunta os participantes tiveram opções de múltipla escolha de forma a que pudessem selecionar o nível acadêmico do curso a que se referia seu

questionário. Na opção Pós-Graduação foi colocado entre parênteses “formação ou especialização”. Cursos de formação são muito presentes no âmbito da psicologia e por mais que não tenham reconhecimento do MEC⁸⁴ costumam trazer conteúdo teórico/prático coerentes com um curso que prepara o aluno para a prática profissional como é esperado de um curso de especialização. Por último a opção “Outros” permitia o preenchimento discursivo. O formulário foi preenchido por 26 alunos de graduação em psicologia, 6 alunos de curso de extensão e 49 alunos de Pós-Graduação (formação ou especialização). (Gráfico 7)

Gráfico 7 – Percentuais de cursos, classificados segundo as modalidades acadêmicas gerais, realizados por pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria.

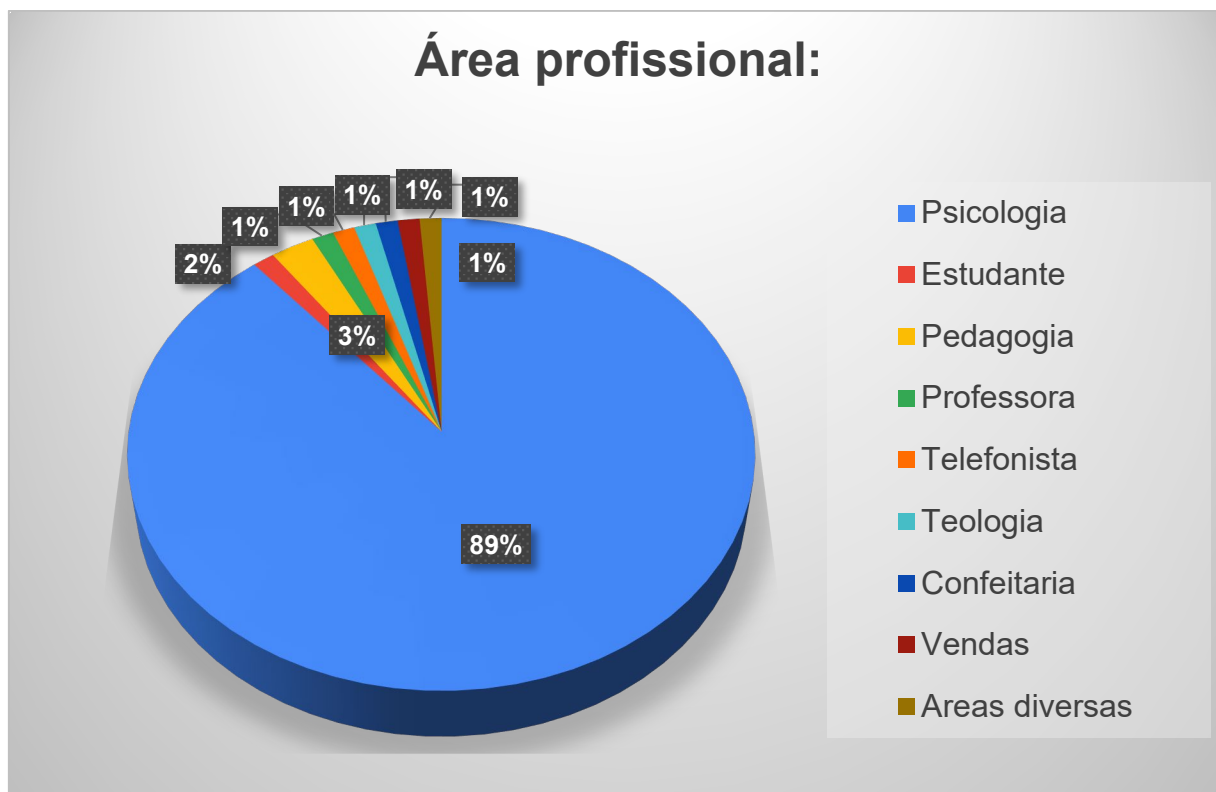
Identificamos como positiva a forma como os participantes de nossa pesquisa se distribuídos no que se refere ao nível do curso realizado. Ter acesso a experiência de alunos referentes a esses 3 níveis nos permitiu realizar inferências interessantes.

Pergunta:

- Area profissional das pessoas que responderam nosso questionário:

⁸⁴ Ministério da educação

Gráfico 8 – Percentuais de incidência de áreas de profissionalização das pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria.

Interessante notar que cerca de 90% dos psicólogos ou estudantes de psicologia que responderam nosso questionário afirmaram estar atuando na área da psicologia. Nos parece um percentual bem elevado.

Pergunta:

- Instituição na qual o curso foi ou está sendo realizado?

Essa pergunta trazia como opções de resposta “IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar” e a opção outros que permitia o preenchimento discursivo. Como sabíamos que teríamos um número elevado de participantes ligados ao IGT e que existiriam inúmeras outras possibilidades optamos por essa forma de organização.

Gráfico 9 – Instituições nas quais o curso foi realizado durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria.

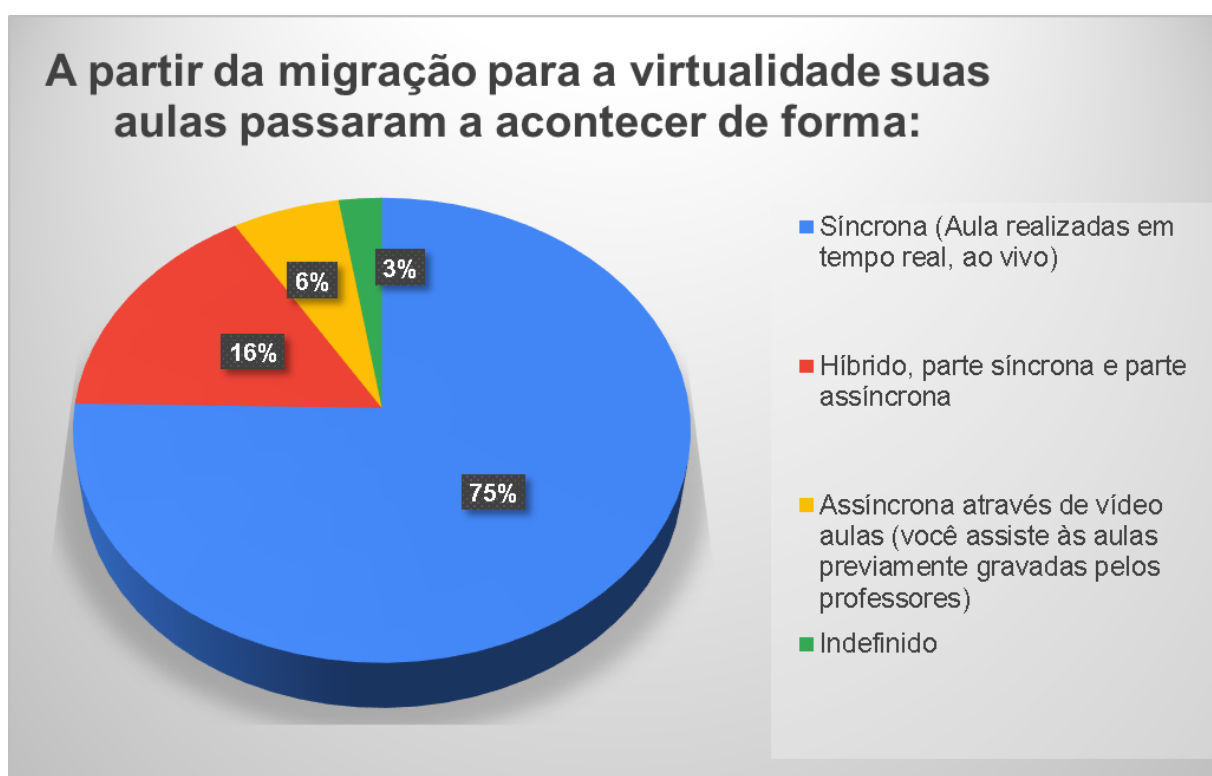
O fato de 53% de nossos participantes declararem ter feito seus cursos no IGT demonstra o quanto nosso público não é representativo no que se refere ao universo dos psicólogos. Ocorrência que demarca limites em relação à nossa investigação, porém não elimina o valor da contribuição de nossos participantes em nossa busca de acompanhar psicólogos em seus processos de apropriação em relação às TICs.

Pergunta:

- A partir da migração para a virtualidade suas aulas passaram a acontecer de forma:

Nessa pergunta o participante pode escolher entre: “1. Síncrona (Aulas realizadas em tempo real, ao vivo)”, “2. Assíncrona através de vídeo aulas (você assiste as aulas previamente gravadas pelos professores)”, “3. Híbrido, parte síncrona e parte assíncrona” e “Outros”. Como nas perguntas anteriores, esta última opção permitia o preenchimento dissertativo. A distribuição percentual dos formatos dos cursos identificados por nossos participantes consta no gráfico 10.

Gráfico 10 – Percentuais de incidência de diferentes modos de aplicação dos cursos realizados por pessoas que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19.



Fonte: autoria própria.

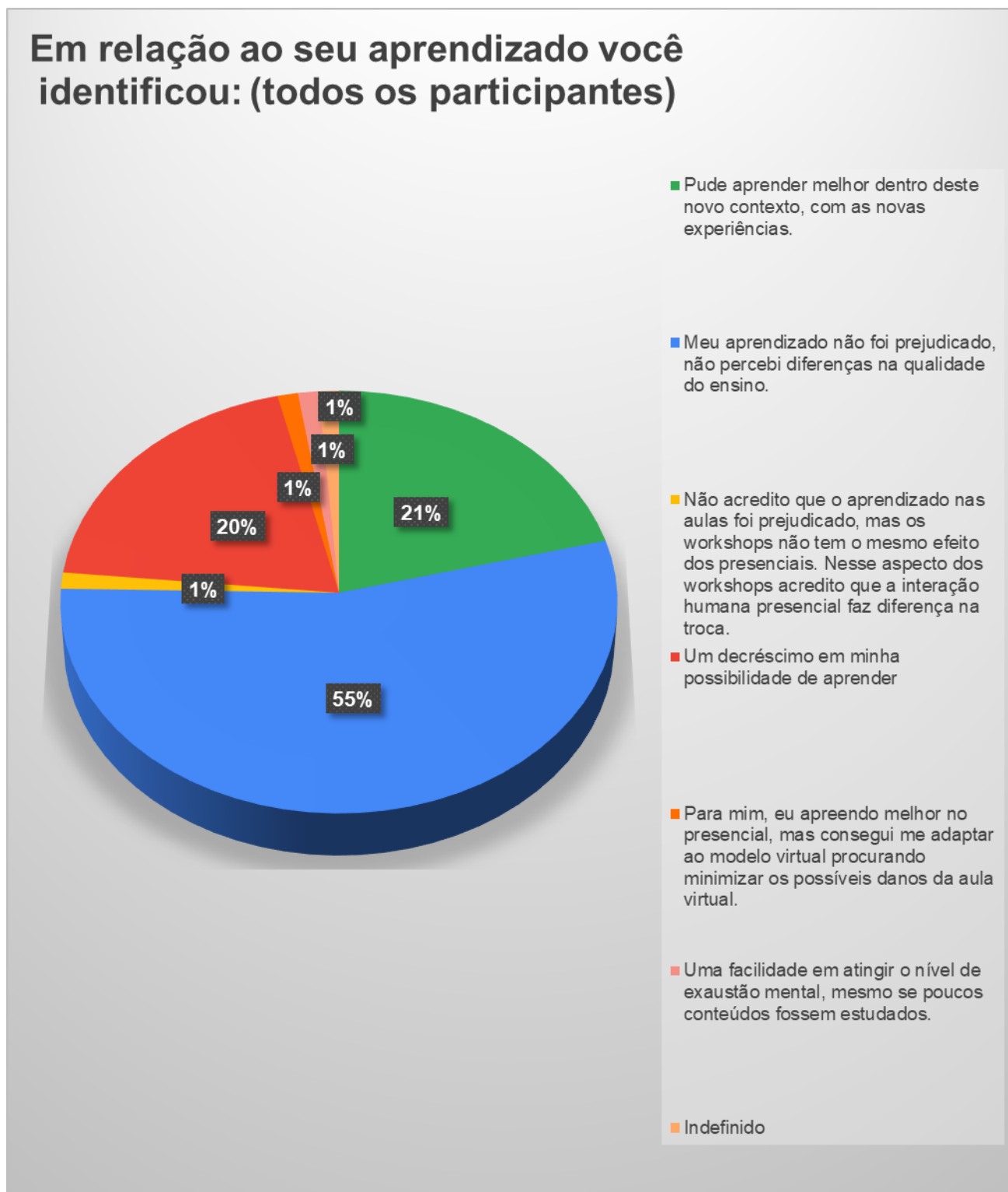
Interessante perceber que 3/4 (75%) dos alunos tiveram experiências de aulas exclusivamente realizadas em tempo real e 16% tiveram aulas híbridas, sendo assim, 91% dos participantes viveram em algum momento a experiência de aulas realizadas em tempo real. Fato que contrasta com a imagem mais tradicional dos cursos realizados à distância (EAD), nos quais, nos parece, as aulas tendiam a ser gravadas.

Pergunta:

- Em relação ao seu aprendizado você identificou:

Neste item o participante pode optar entre: “Um decréscimo em minha possibilidade de aprender”, “Meu aprendizado não foi prejudicado, não percebi diferenças na qualidade do ensino”, “Pude aprender melhor dentro deste novo contexto, com as novas experiências” e Outros, opção como sempre com a possibilidade de preenchimento dissertativo.

Gráfico 10 - O que mudou no aprendizado segundo todos os participantes que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19. Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Esse gráfico já traz informações bastante surpreendentes. Pensar que 76% dos psicólogos que responderam nosso questionário se viram não tendo prejuízo em

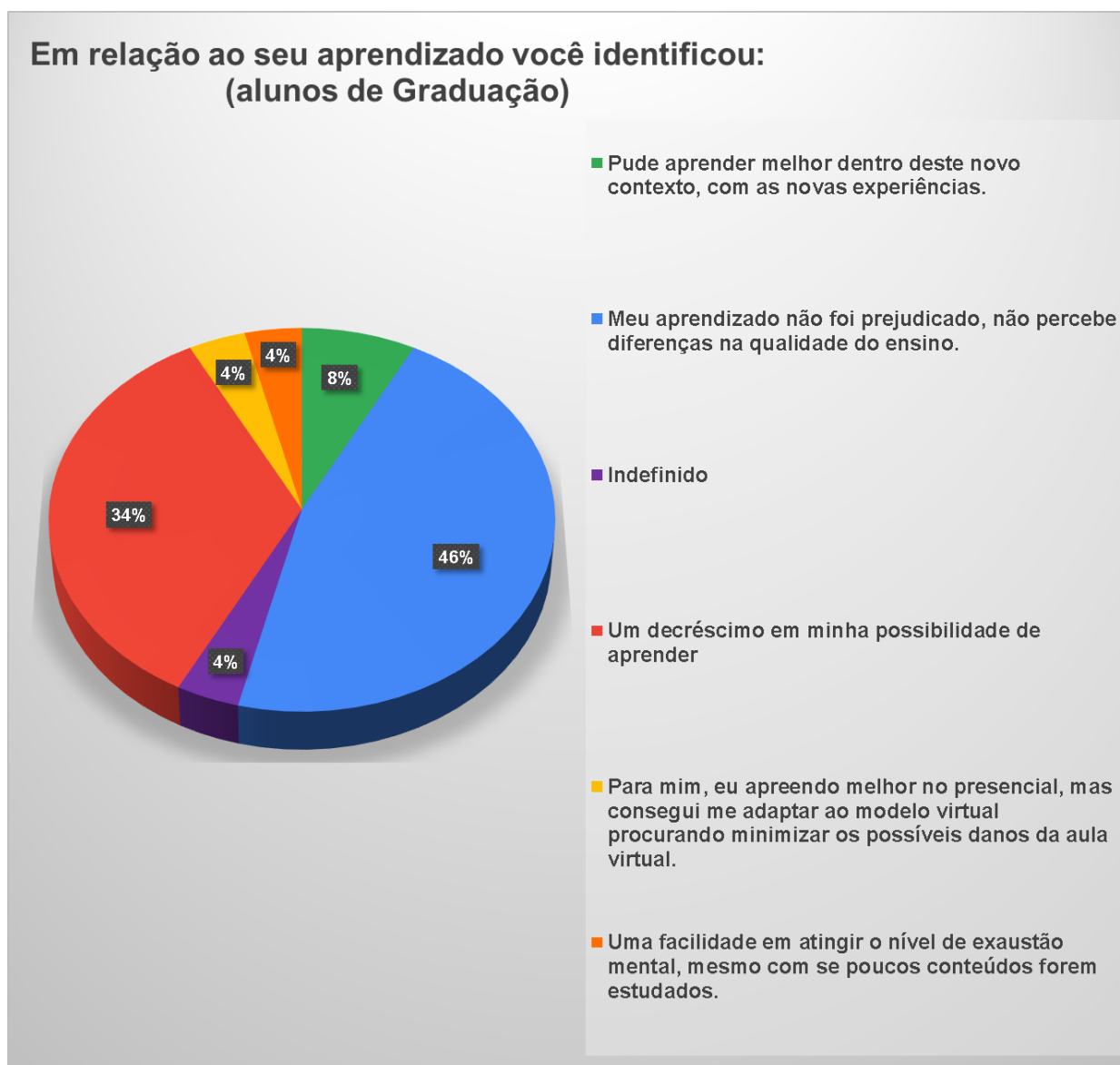
seus aprendizados ou até tendo ganhos em suas possibilidades de aprendizado nos parece algo inusitado, em especial se levarmos em consideração o quão improvisadas foram essas aulas, como não se teve tempo de fazer uma transição elaborada e o quanto o contexto, de uma forma geral, era inadequado. Vivíamos um período de medo, sofrimento e muita exaustão.

Buscamos analisar as respostas a essa pergunta de forma segmentada como apresentamos a seguir. Dividimos nossos participantes em relação ao tipo de instituições de ensino, observamos em especial as respostas dos alunos do IGT. Também fizemos a segmentação em relação ao tipo de modalidade, se síncrona ou assíncrona.

O primeiro segmento foi o de alunos de graduação. Tivemos 26 pessoas neste segmento (gráfico 12). Ao compararmos suas respostas com as respostas do universo total de participantes foi possível observar um aumento de 70% em relação à resposta “um decréscimo em minha possibilidade de aprender. Um decréscimo de 61,9% no número de respostas referentes a possibilidade de aprender melhor e um decréscimo de cerca de 16,36% em relação a respostas relativas a não identificação de perdas.

Dentro deste universo específico, os estudantes universitários se viram menos satisfeitos com as aulas virtuais, porém, mesmo assim 54% desses participantes relataram não perceber perdas ou identificar ganhos em suas possibilidades de aprendizado. Ainda nos parece um índice surpreendentemente positivo se levarmos mais uma vez em consideração a forma improvisada como as aulas se deram.

Gráfico 11 - O que mudou no aprendizado segundo os alunos de graduação que responderam questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19. Percentuais de incidência.

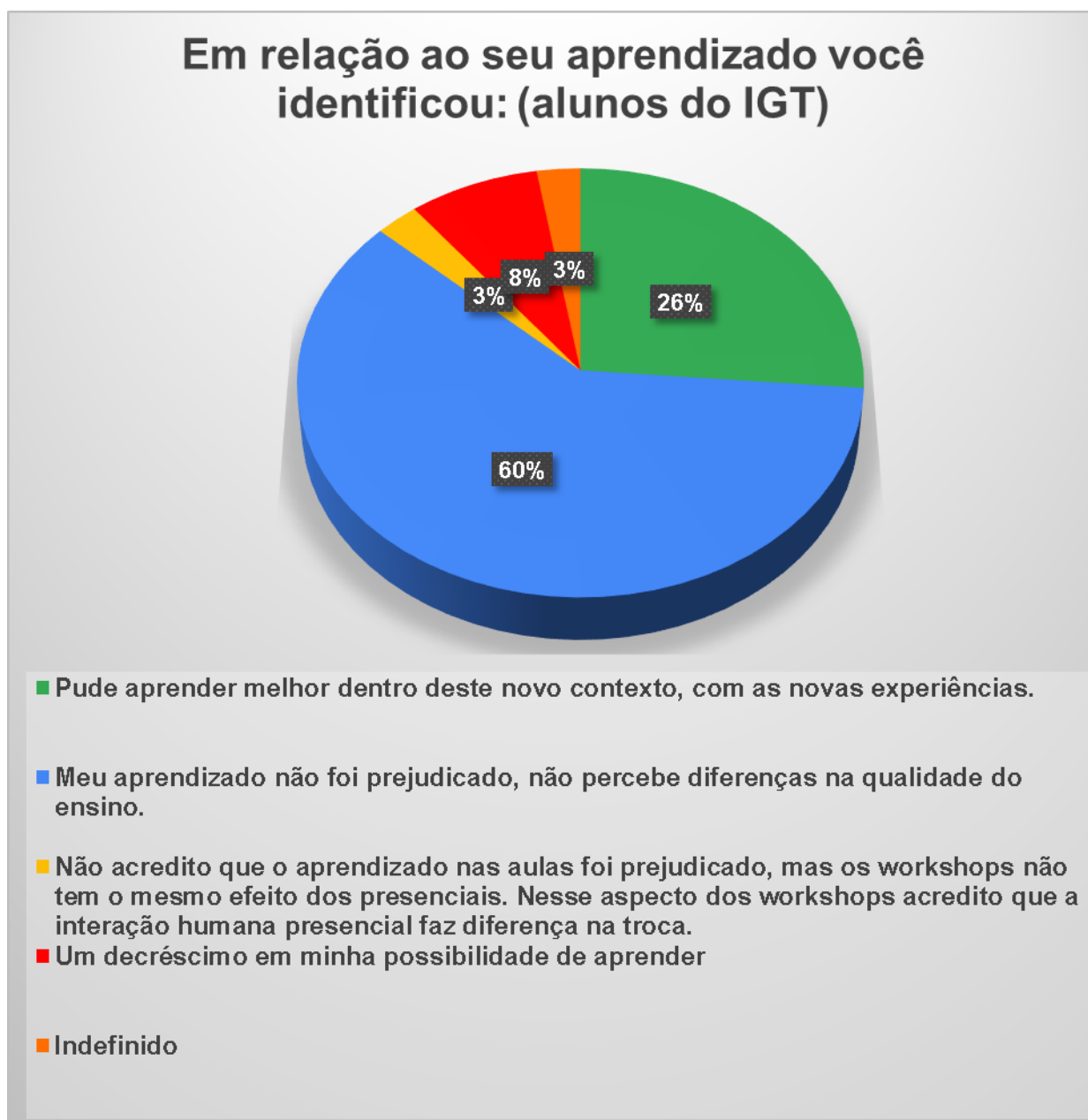


Fonte: autoria própria.

Quanto a alunos do IGT tivemos 38 respostas (gráfico 13). Quando comparamos com o universo total dos participantes observamos um decréscimo de 60% nas respostas “um decréscimo em minha possibilidade de aprender”. Um acréscimo de 9,09 % nas respostas “Meu aprendizado não foi prejudicado...” e um acréscimo de 23,8% nas respostas “pude aprender melhor...”. Somando as opções relativas a não identificação de perdas com a relativa a identificação de ganhos chegamos a um percentual de 86% de respostas que claramente não apontam para uma insatisfação no que se refere ao ensino através de TICs, número que

consideramos muito positivo. Especialmente dentro de um contexto de improviso no qual ainda não foram desenvolvidas muitas das possibilidades que o contexto virtual nos oferece. Esse valor é 13,16% mais elevado do que se obteve no universo total de participantes.

Gráfico 12 - O que mudou no aprendizado segundo os alunos do IGT que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19 (). Percentuais de incidência.



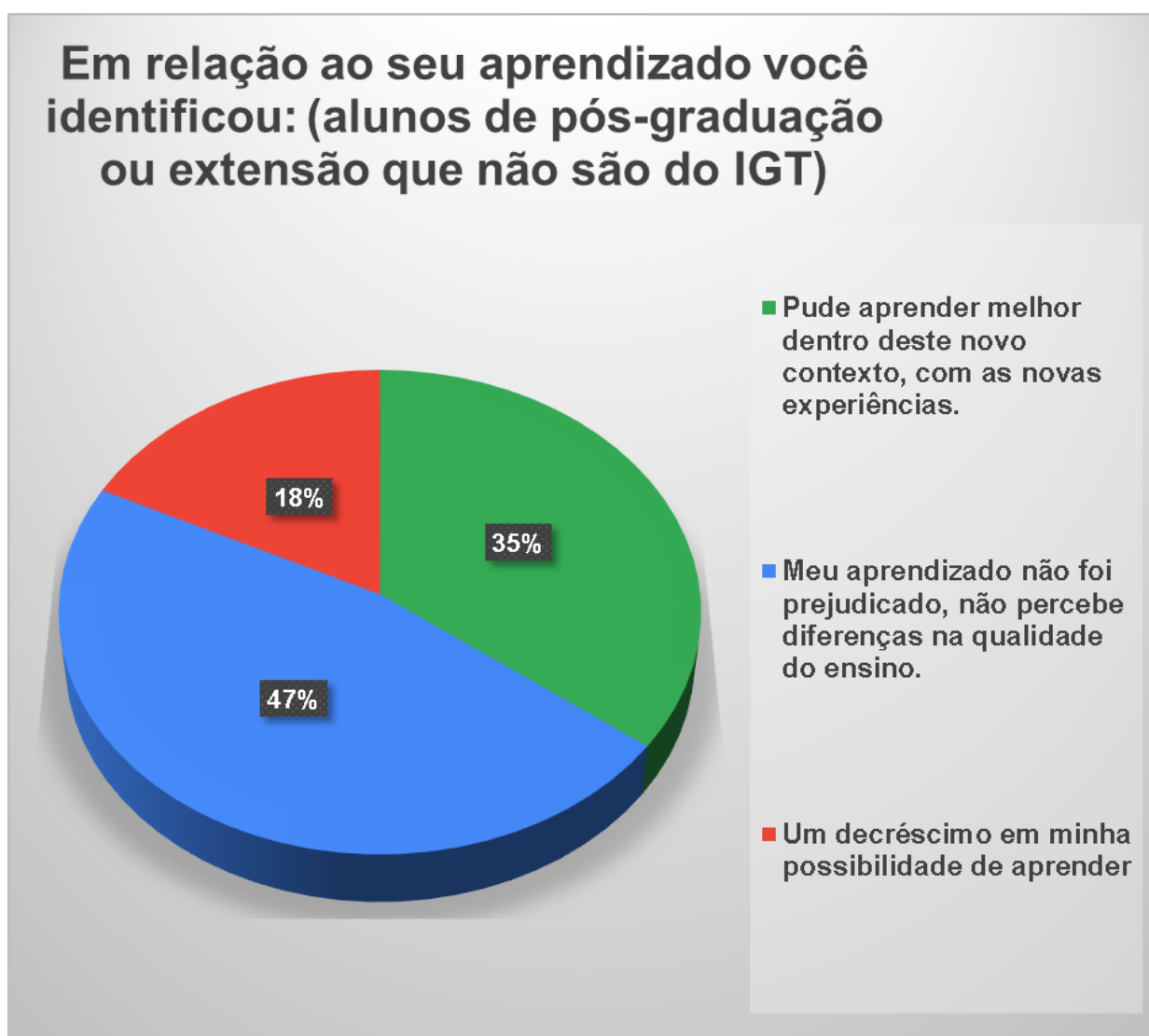
Fonte: autoria própria.

No universo dos Alunos de pós-graduação ou extensão que não são do IGT tivemos 17 respostas (gráfico 14). Nesse grupo chamou a atenção um aumento de

66,67% no número de respostas referentes a uma melhora nas possibilidades de aprendizado quando comparado ao universo total, curiosamente acompanhado por um decréscimo de 14,5% no número de pessoas que não percebeu perdas em seus aprendizados. A soma de alunos que não identificaram perdas com os que perceberam ganhos nesse grupo chegou 83%, performando um aumento de 7,9% em relação ao percentual relativo ao gráfico que apresenta todas as respostas.

As respostas referentes a pós-graduação, tendo ou não ligação com o IGT, apontaram para um grau muito elevado de satisfação, mesmo dentro de um contexto de improviso. Isso afasta uma possível hipótese de que os alunos ligados ao IGT poderiam ter respondido positivamente em função de algum tipo de influência/pressão social. Fica a pergunta: que nível de satisfação poderia ser alcançado em uma realidade de menos improviso e de maior elaboração?

Gráfico 13 - O que mudou no aprendizado segundo alunos de pós-graduação ou extensão, que não são do IGT, que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19. Percentuais de incidência.

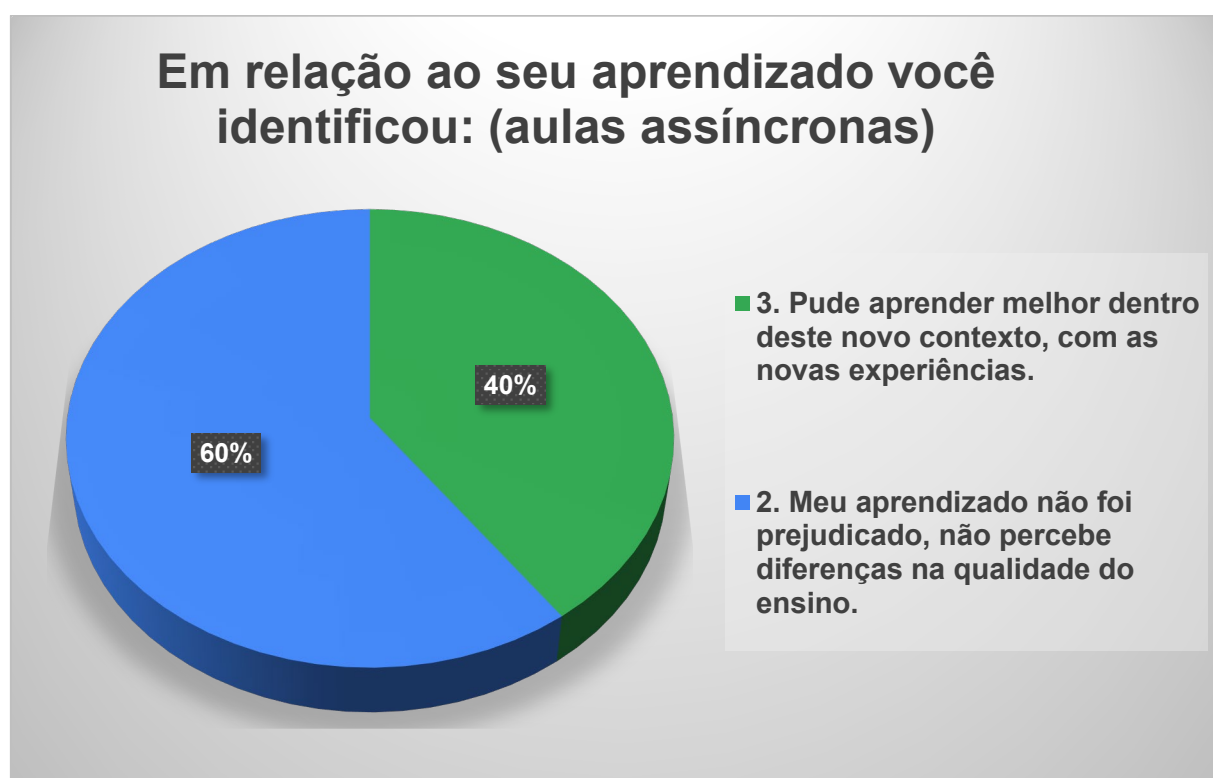


Fonte: autoria própria.

Quanto aos alunos que em relação a suas aulas marcaram a opção: Assíncrona através de vídeo aulas (você assiste às aulas previamente gravadas pelos professores) tivemos um grupo pequeno, apenas 5 pessoas. Suas respostas se dividiram entre as duas opções que consideramos demonstrar claramente não terem identificado prejuízo nas experiências das aulas virtuais (gráfico 15). Mesmo sendo um grupo de tamanho reduzido a unanimidade de respostas que indicam satisfação chama a nossa atenção. Poderíamos criar hipóteses explicativas sobre os motivos para essa unanimidade, porém acreditamos ser mais interessante deixar esse tema para ser investigado em outra pesquisa. Seria importante realizar uma

nova investigação, buscando ampliar o número de participantes desse universo específico e buscando identificar se essa proporção voltaria a se fazer presente, e também, procurando informações que pudessem ajudar a compreender essa diferença.

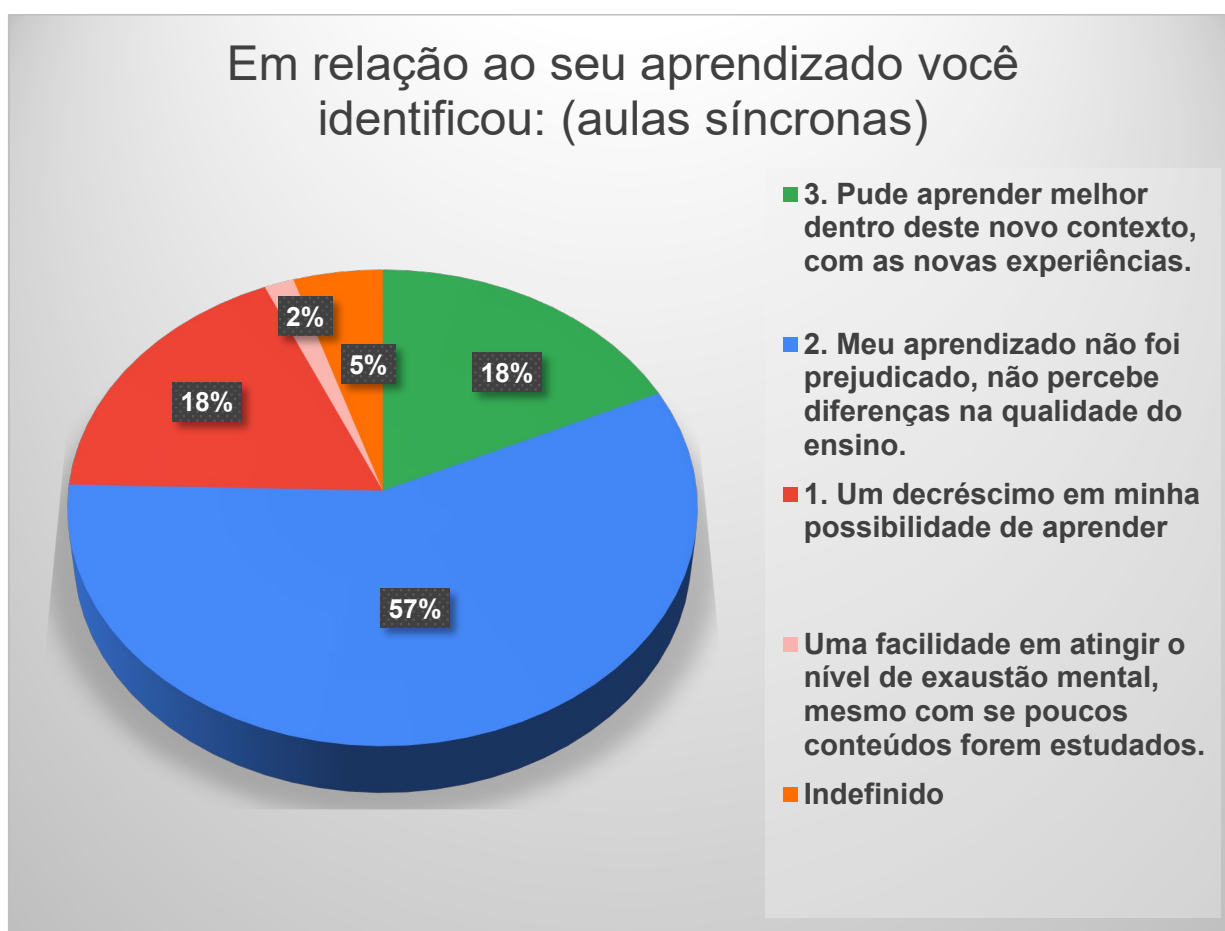
Gráfico 14 - O que mudou no aprendizado, segundo as pessoas que frequentaram aulas assíncronas, e que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19. Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

No grupo que colocou ter vivido a experiência de aulas “Síncrona (Aula realizadas em tempo real, ao vivo)”, composto por 61 alunos (gráfico 16), encontramos um resultado muito parecido com o resultado encontrado no relativo ao cômputo total das respostas. Nesse universo 75% das respostas expressaram satisfação em relação ao trabalho realizado através de TICs e 18% de respostas foram na direção contrária. Números que, como havíamos discutido anteriormente, são surpreendentes por demonstrar um nível de satisfação marcante.

Gráfico 15 – O que mudou no aprendizado, segundo as pessoas que frequentaram aulas síncronas, e que responderam ao questionário sobre ensino de psicologia durante a pandemia COVID-19. Percentuais de incidência.



Pergunta:

- Caso tenha ocorrido decréscimo em suas possibilidades de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado decréscimo em suas possibilidades de aprendizado)

Essa pergunta recebia respostas dissertativas. Buscamos montar um quadro com as respostas e uma nuvem de palavras para ajudar a organizarmos as ideias trazidas por nossos participantes.

Quadro 12 – Respostas à pergunta: “Caso tenha ocorrido decréscimo em suas possibilidades de aprendizado, a que você atribui?”

Caso tenha ocorrido decréscimo em suas possibilidades de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado decréscimo em suas possibilidades de aprendizado)

Me senti mais cansado

Em alguns momentos me sinto mais cansada pela exposição por muitas horas em frente a tela, mas é a única coisa prejudicial ao meu ver.
A falta de contato presencial, ao distanciamento que a virtualidade me impõe.
A aula fica mais cansativa no <i>on-line</i>
A rotina de trabalho intensa mesmo em home office.
Percebi menor atenção minha às discussões de aula, mais distração, menos motivação para assistir aulas
Minha atenção fica mais facilmente dispersa e dependo das condições da minha casa para me concentrar, ter espaço, som e internet adequados assim como conforto em geral. Sinto maior dificuldade em conversar e trocar informações e meu local de estudos torna cansativo acompanhar as aulas
Acho que o presencial, me deixa à vontade e consigo interagir de uma forma plena.
Acredito que primeiro devido ao contexto social não ser propício ou adequado, segundo as ferramentas necessárias para uma boa aprendizagem são bastantes difíceis.
De início, senti dificuldade na concentração, me distraía se a minha câmera não estivesse ligada, porém, com o passar dos seis primeiros meses tendo aula <i>on-line</i> senti que fui me adaptando melhor e modificando o meu espaço de estudo para ter menos distrações.
Falta de concentração por meio da tela
Curso <i>on-line</i>
Há dispersões em meio às aulas
A autodisciplina, troca presencial é mais profunda e valiosa
Interação com colegas
Perda de atenção; aumento de ansiedade; maior tempo em telas; diminuição de foco nas leituras; aumento da sensação de não-absorção do conteúdo, apesar das notas nas avaliações terem aumentado; decréscimo da saúde mental
Não houve
Menor cobrança com as exigências normativas da instituição

Fonte: autoria própria.

Pergunta:

- Caso tenha ocorrido ganhos em sua possibilidade de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado ganhos em suas possibilidades de aprendizado)

Essa pergunta é simétrica a anterior. Também recebe respostas dissertativas, sendo assim mais uma vez construímos um quadro e uma nuvem de palavras que são apresentadas a seguir.

Quadro 13 – Respostas à pergunta: “Caso tenha ocorrido ganhos em sua possibilidade de aprendizado, a que você atribui?”

Caso tenha ocorrido ganhos em sua possibilidade de aprendizado, a que você atribui? (só responder caso tenha identificado ganhos em suas possibilidades de aprendizado)
Me trouxe mais conforto e qualidade de vida (por conta do deslocamento até o curso), e muitos desafios das aulas on-line se tornaram aprendizados para os atendimentos.
Ganhos em situação de isolamento social e poder compartilhar conhecimento com pessoas de diversos lugares.
Conseguir render mais em virtude do tempo poupado e esgotamento físico com deslocamento.
Maior concentração nas aulas, além dos subsídios levados para a prática clínica, no ambiente presencial virtual
Não ter deslocamentos até o local, trouxe mais otimização do tempo para outras atividades de estudo. Facilidade de troca na turma.
Foi muito interativo, mesmo sendo <i>on-line</i> e teve muita riqueza no face a face da virtualidade.
Poder estudar em casa, facilitou minha organização profissional e pessoal.
Não há deslocamento e isso é muito favorável.
A adesão pela facilidade em poder acessar de qualquer lugar, tem sido um diferencial para a permanência no curso.
Poder reduzir o tempo de deslocamento entre os pontos físicos e escolher e adequar o ambiente me auxiliou a ter mais tempo e conforto para entender e me dedicar aos meus formatos de aprendizagem
Didática apresentada
Poder assistir aulas gravadas é a melhor forma de aprendizado para mim, pois posso voltar e assistir quantas vezes quiser podendo assim rever algum conteúdo que eu tenha ficado com dúvida.
Leitura dos textos
Aumentei minha participação nas aulas e, conseqüentemente, o contato com os professores.
Não perco tempo me deslocando
Eu consegui interagir com professores e colegas como se estivesse na sala de

aula, mas penso que ela é menor que no modelo presencial. Possibilidade de pesquisar assuntos diferentes concomitante à aula.
Favoreceu pela tranquilidade e pelo ambiente; apesar de ser essencial aulas presenciais para o ser humano.
Primeiramente, a possibilidade de fazer cursos (tal como o do IGT) que, em tempos “normais” não haveria essa possibilidade. Segundo, que a equipe faz com que tudo aconteça com tamanha naturalidade, que parece que já somos pertencentes ao grupo virtual rs. Para finalizar, acredito que com a pandemia, tudo fechado, sem muito acesso a coisas e locais físicos, o virtual acabou sendo o ponto de apoio de todos e com os estudos não foi diferente.
Como muitas vezes as aulas ficam gravadas, eu consigo rever e anotar coisas que eu não tinha percebido no momento da aula. Criei esse costume e vem dado muito certo pra mim, percebo que assistir mais de uma vez a aula e anotar, tem melhorado meu entendimento.
Ganho do tempo que passava na condução para o curso, fora o gasto que diminuiu com lanche e passagem.
Possibilidade de assistir gravação e apreender conteúdo que não foi possível no momento da aula
O conteúdo
Diminuição do tempo de locomoção
A forma de assistir novamente ao conteúdo se for preciso.
As especializações não ocorriam <i>on-line</i> e isso dificultava pelo deslocamento.
Mais tempo para o estudo, comodidade de estar em casa e se dedicar , ganhei 4 horas de estudo entre idas e vindas durante o trajeto de condução. Amei estudo <i>on-line</i>
A possibilidade de conhecer novas pessoas e oportunidades que não seriam possíveis no presencial
Pude fazer muitas atualizações, novos conhecimentos pela facilidade de acesso <i>on-line</i> .

Fonte: autoria própria.

Figura 35 - Nuvem de palavras criada a partir de respostas à pergunta: “Caso tenha ocorrido ganhos em sua possibilidade de aprendizado, a que você atribui?” Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição



Fonte: autoria própria.

Da mesma forma que no item anterior encontramos respostas construídas a partir de experiências práticas. A forma como as respostas são construídas mostra que elas vêm de um lugar de fala de quem viveu e experiência, fato que dá mais consistência às mesmas.

As palavras deslocamento, poder, possibilidade, assistir, conteúdo, estudo e facilidade apareceram de forma marcante em nossa nuvem de palavras e ilustram bem as colocações feitas em relação aos ganhos ligados às possibilidades geradas pelos cursos através de TICs. Apontam para um ganho de tempo e de possibilidade de acesso a cursos anteriormente indisponíveis em função da distância. Ganho de qualidade de vida em função da comodidade de poder inclusive estar na própria casa e, mesmo assim, viver a possibilidade de troca com pessoas que residiam distante.

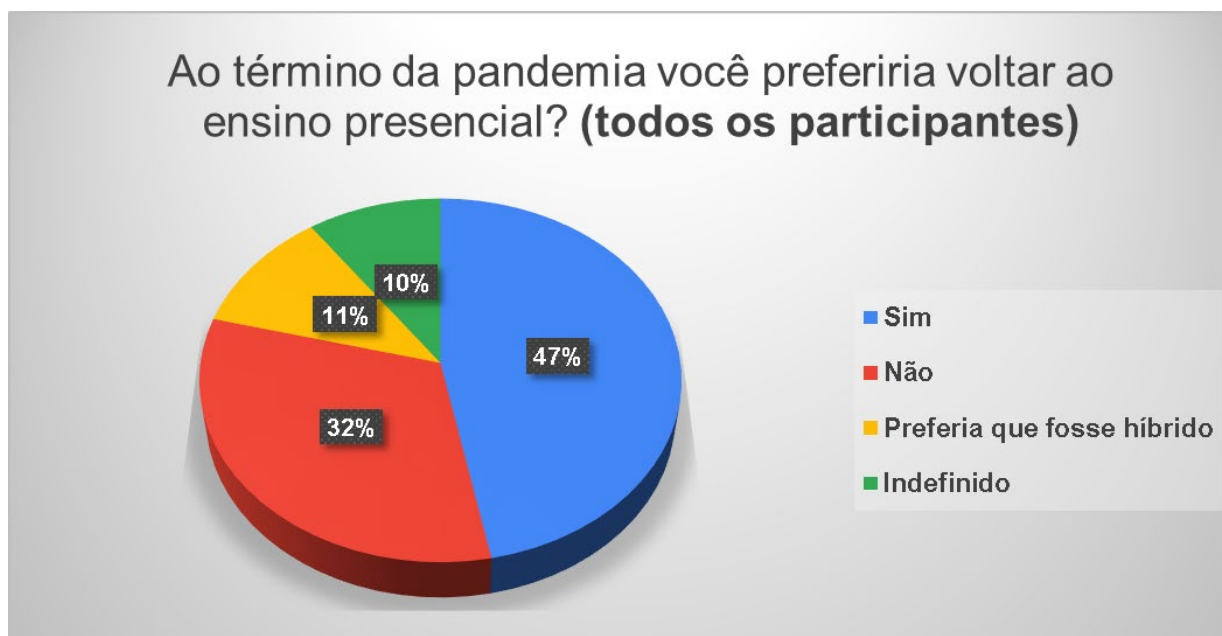
Curiosamente o argumento de uma maior possibilidade de concentração se fez presente nos dois universos, no referente às dificuldades e também no referente às facilidades vividas no contexto de virtualidade. Como facilidade a melhora na condição de atenção fica associada a um desgaste menor gerado pela diminuição

do tempo de deslocamento e a um acréscimo de qualidade de vida. A incidência desse argumento teve uma frequência maior nas respostas referentes a dificuldades vividas no ensino através de recursos virtuais. Esse poderia ser tema para uma nova pesquisa que mereceria ser feita de forma especialmente cuidadosa: o que leva algumas pessoas a terem dificuldade de concentração no ambiente virtual e outras a experimentarem uma maior facilidade nesse aspecto? Essa pergunta trata de um dos pontos mais polêmicos no que se refere aos ganhos e perdas no ensino a distância, como ele foi vivido no período de pandemia. Uma melhor compreensão deste tema pode trazer ganhos para possibilidades futuras de ensino através de TICs.

Pergunta:

- Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?
Opções de resposta: Sim, Não e outras (a opção “Outras” permitia redação própria).

Gráfico 16 - Respostas à pergunta: “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” (todos os participantes). Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

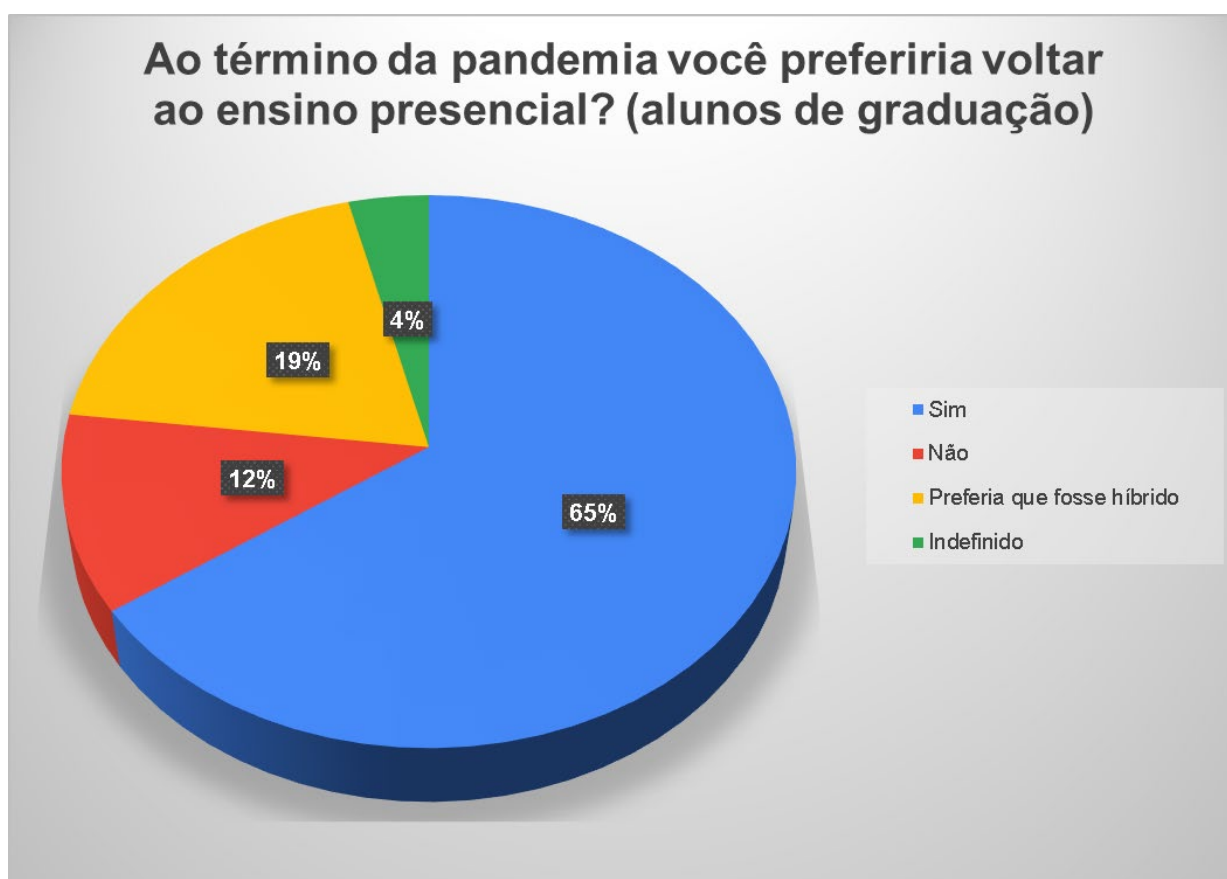
A soma das respostas no sentido de manutenção do contexto virtual com a possibilidade do ensino híbrido, opções que trazem a em si uma opção, mesmo que parcial, pela virtualidade atinge 43% do total, um número apenas 4% menor do que

os 47% de respostas sim que fala de uma preferência pelo retorno ao presencial. Essa diferença nos parece muito pequena, levando em consideração o aspecto improvisado e todo o potencial que identificamos como ainda não explorado que os recursos virtuais podem oferecer.

Buscamos segmentar as respostas relativas a essa pergunta, a partir dos seguintes critérios: “alunos de graduação”, “alunos do IGT” e “alunos que não são nem do IGT nem de graduação. Obtivemos os seguintes gráficos:

Alunos de graduação: 26 respostas.

Gráfico 17 - Respostas à pergunta: “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” (alunos de graduação). Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Neste universo obtivemos uma maioria absoluta de respostas referentes a vontade de retorno ao ensino totalmente presencial, 65% dos estudantes de graduação se posicionaram nesse sentido, contra 31% que se posicionaram no sentido de vontade de um não retorno às aulas presenciais ou ainda que as aulas passassem a ser híbridas. Comparando com o grupo total as diferenças foram de

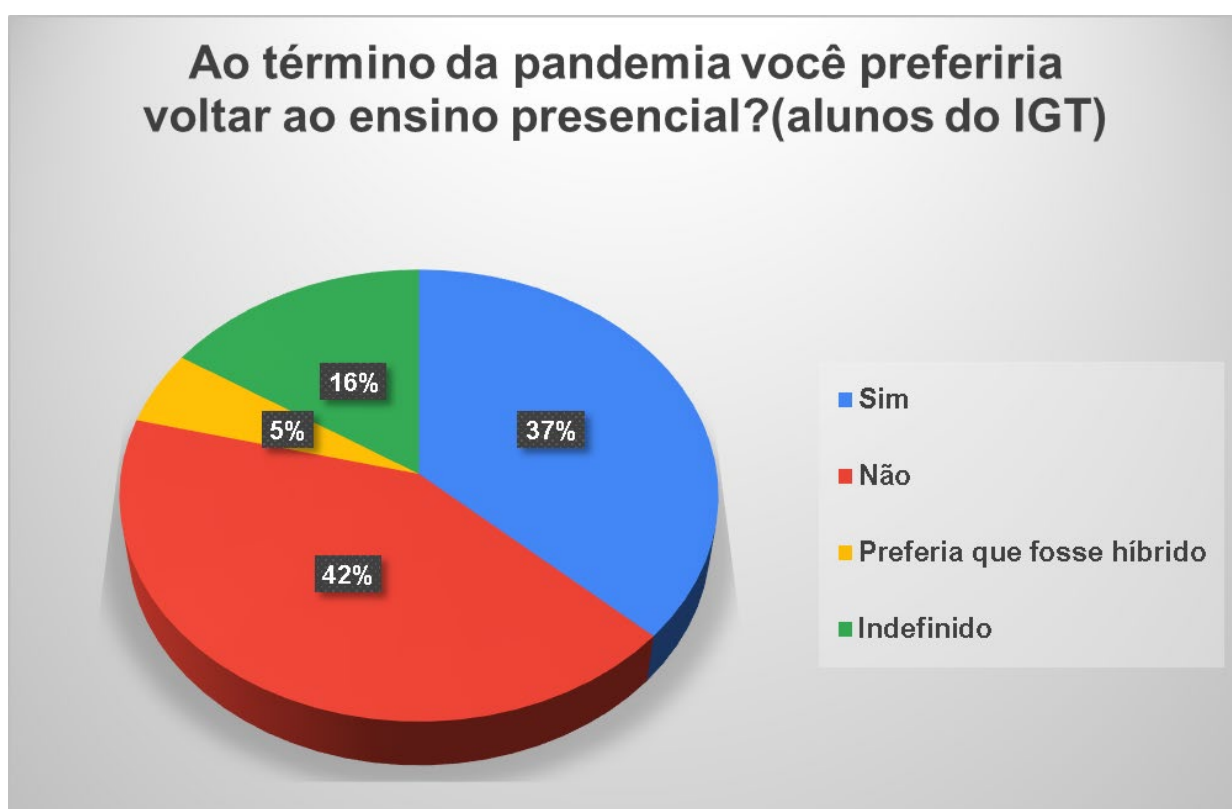
18% a mais de respostas relativas ao desejo de retorno ao presencial e de 27,9% a menos no que se refere a vontade de não voltar

Neste item o contraste entre alunos de graduação e de pós-graduação também se mostrou evidente, como podemos ver a partir dos gráficos abaixo.

Alunos do IGT: 38 respostas (gráfico 19).

No universo dos alunos do IGT 37% trouxeram a intenção de retornar ao contexto presencial contra os 47% encontrados no gráfico 17, relativo à totalidade dos participantes. Uma diferença de 21,3% menos de respostas relativas à vontade de retorno. No que se refere a vontade de não retornar ao ensino puramente presencial tivemos 47% das respostas o que significa, quase metade das respostas, e também, um aumento de 9,3% nas respostas relativas à vontade de não voltar ao ensino totalmente presencial, quando comparamos com o grupo total.

Gráfico 18 - Respostas à pergunta: “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” (alunos do IGT). Percentuais de incidência.

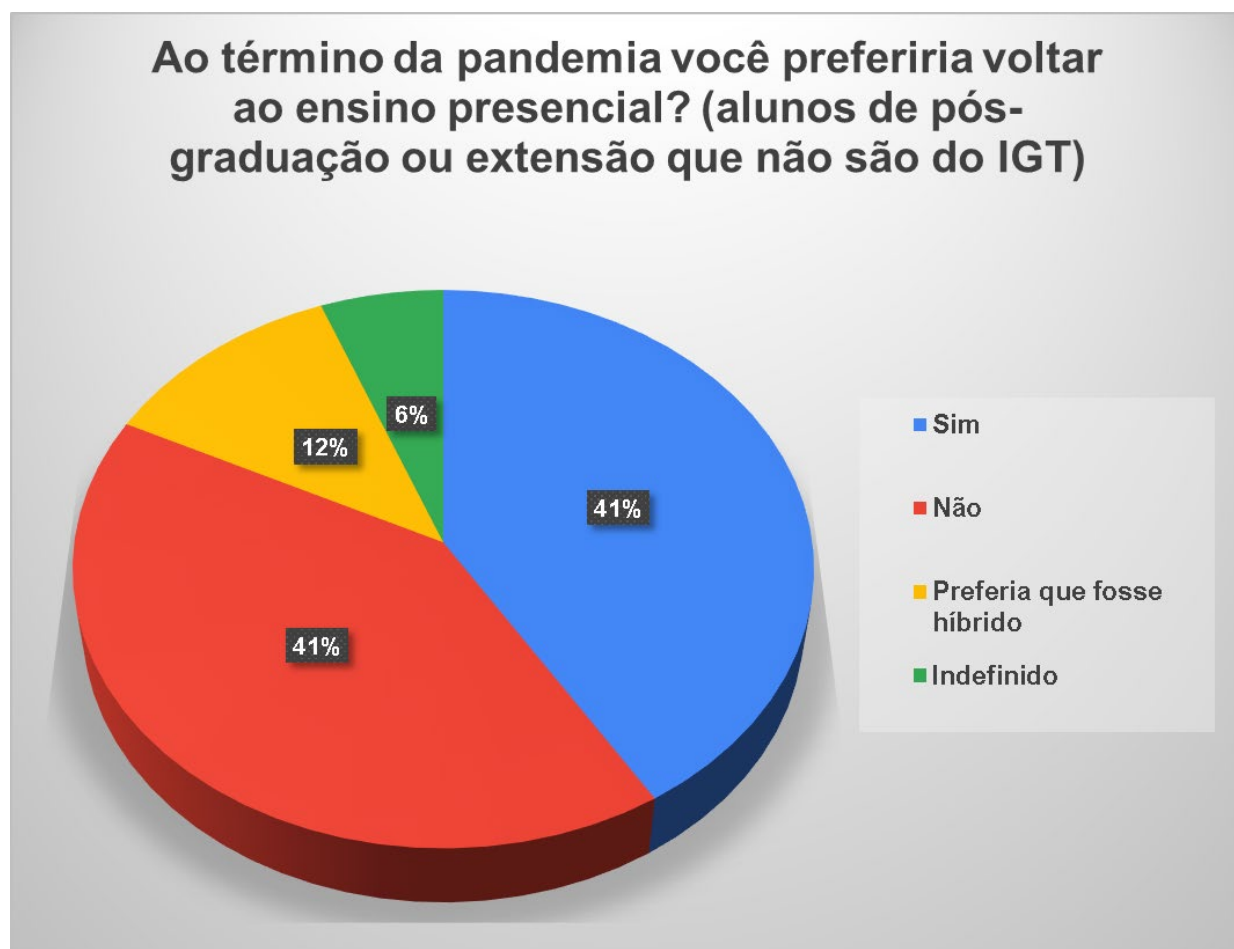


Fonte: autoria própria.

Alunos de pós-graduação ou de extensão que não são do IGT: 17 respostas (Gráfico 20).

Analisando as 17 respostas do grupo relativo à pós-graduação não ligado ao IGT, obtivemos um resultado muito parecido com o encontrado no referente a nossos alunos, com um acréscimo significativo de alunos que gostariam das aulas híbridas. No caso dos alunos ligados ao IGT identificamos 5% dos alunos expressando essa vontade e no gráfico relativo a outros cursos, 12% das respostas foram nessa direção. Com isso 53% desses alunos demonstraram o interesse em não voltar para o ensino puramente presencial. Isso é, mais da metade dos alunos relataram preferir se manter pelo menos de forma parcialmente virtual. Um número impressionante, em especial quando, novamente, levamos em consideração que estamos comparando práticas improvisadas com práticas desenvolvidas ao longo de anos.

Gráfico 19 - Respostas à pergunta: “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” (alunos de pós-graduação ou extensão que não são do IGT). Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Nessa questão foi possível encontrar uma homogeneidade maior no que se refere aos cursos de pós-graduação e um contraste entre esse universo e o universo dos alunos de graduação. Fica muito forte a impressão de que a experiência vivida nesses dois contextos foi muito diferente. O contraste expresso por esse questionário mais uma vez aponta para a necessidade de novas pesquisas que visem criar possibilidade de aprendermos mais sobre nossas práticas de ensino tradicionais e as possibilidades que a virtualidade nos tem a oferecer, questão que foge ao escopo desse trabalho.

Pergunta:

- Por quê?

Buscamos criar quadros com as respostas segmentadas a partir das 4 possibilidades de respostas que obtivemos no item anterior (Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?): “Sim”, “Não”, “Preferia que fosse híbrido” e “Indefinido”.

Quadro 14 – Respostas à pergunta: “Por quê?” que se seguiu à: “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”

Por que? (Pessoas que responderam sim à pergunta “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”)
Acho que a interação com os outros alunos e com os professores é maior no presencial
Considero importante a interação presencial com os professores e demais alunos.
Gosto do contato, da troca que acontece no presencial
Porque sinto que me faz bem esse compromisso de sair de casa e ir até a instituição para ter a possibilidade de aprender.
Acho importante a troca presencial com as pessoas no espaço acadêmico. As aulas <i>on-line</i> são bastante cansativas pelo tempo de exposição nas telas
Acredito que a troca é mais proveitosa
Por causa do contato que a formação traz em um curso presencial
Para formular parâmetros entre um modelo de atendimento e outro, na verdade gostaria de manter os 2 modelos de atendimento.
Sinto que amplia minhas relações e o contato presencial me proporciona uma experiência mais completa, o que a mim favorece o aprendizado.
Simplemente porque prefiro presencial, nesse caso específico. Considero as trocas da prática muito mais interessantes.
Sinto falta do contato físico
O contato é muito precioso
O contato com os colegas da turma são mais efetivos no presencial.
Pelo convívio social e pelas trocas durante as aulas.
Eu prefiro o presencial
Gosto do contato, telas cansam mais.
A interação é muito melhor.
Creio que convívio entre alunos e entre professores em ambiente físico em comum é importante, possibilitando a experiência de se ver por inteiro e fazer uso de outros

sentidos - olfato, tato - que a interação on line não possibilita.
As experiências de ensino adquiridas presencialmente vão além do conteúdo programático. É importante aos profissionais saberem lidar com outras pessoas, gerir conflitos, trabalhar em grupo e outras competências que a presencialidade pode proporcionar.
Contato com colegas e professores, sair do ambiente doméstico
Sinto que consigo prestar mais atenção se estiver num ambiente voltado para aprendizagem, diferente da minha própria casa com estímulos diversos
Acho melhor
Por maior interação
Embora seja bom estar na comodidade de casa, eu gosto de ir a faculdade de ter o contato presencial.
Por que não me adaptei ao ensino remoto
Acho que presencialmente a minha capacidade de aprendizado e concentração no conteúdo é maior
Você interage com o professor
Melhor para obter o aprendizado e convivência com os professores e colegas. O contato social é de extrema importância.
Pois o convívio em sala de aula, a troca e o professor presencial contribuiu e muito para o decorrer dos períodos
Interação, dinâmica e proximidade
O ensino remoto tem sim suas vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens pode-se pontuar que são: o corpo do indivíduo está em constante costume, porque o mesmo acorda, faz o social (se arrumar), se direciona ao meio de transporte, chega na instituição de ensino, assiste as aulas e retorna. Portanto isso é rotina. Já, as desvantagens são: estamos em nossa casa, ou seja em repouso.
Por mais que o ensino virtual seja cômodo em alguns aspectos, creio que as interações no ambiente de sala de real fazem falta.
Menos estímulos externos que podem me distrair e também porque o contato físico com as pessoas e o olho no olho me dão mais prazer e energia para fazer as coisas.
Porque é uma experiência boa.
Maior interação professor-aluno; contato social com pessoas diferentes do círculo familiar; mudanças de ambientes; separação da vida privada-acadêmica; fim da frustração de trabalhar com pessoas que nunca vi pessoalmente; tempo para digerir os processos e questões; tempo para o ócio criativo;
Porque prefiro a troca da sala de aula
O aprendizado é bem maior e mais focado
O aprendizado rende mais e um maior vínculo entre professor-aluno

Fonte: autoria própria.

Figura 36 - Nuvem de palavras criada a partir de respostas à pergunta: “Por quê?” em seguida à “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

As respostas encontradas no quadro acima parecem muito coerentes e me convidam a pensar na moldura de um quadro. Temos o ensino como o centro e as outras coisas que envolvem o ensino: o deslocamento para o local de estudo; o contato com outras pessoas, com os colegas de turma e com os professores e funcionários das instituições de ensino. Esses outros aspectos que envolvem a situação vivida dentro do contexto presencial também têm suas importâncias e, de fato, ainda não estão equacionadas nas práticas virtuais e, talvez, não venham a estar equacionadas no futuro.

Nos parece muito importante, quando se tem a intenção de aprimorar o ensino a distância, que se estudem formas de superar a perda nas relações sociais que a ausência do encontro entre pessoas que se dá no intervalo das aulas possa vir a acontecer. Precisamos de praças na internet, de espaços de convivência saudável. Resolver esse déficit nos parece um dos grandes desafios para o ensino de psicologia a distância.

Talvez seja necessário algum tipo de aquecimento no qual os alunos cheguem 10 minutos antes da aula começar e talvez saiam 10 minutos mais tarde. Não sabemos ainda qual pode vir a ser a solução para essa diferença ou mesmo se ela deve ser equacionada de fato.

Quadro 15 – Respostas à pergunta: “Por quê?” após negarem em resposta à pergunta “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”

Por quê? (Pessoas que responderam não a pergunta “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”)
Tenho me sentindo menos preocupada em relação ao trânsito ou a hora que irei chegar em casa, e isso me deixa mais atenta e focada nas aulas. Sinto que minha qualidade de vida melhorou e isso reflete na minha atenção e participação das aulas, consigo estar mais inteira e confortável, me preocupando menos com fatores externos
Não, para poupar tempo e dinheiro com transporte e alimentação.
Porque pude perceber a liberdade e a possibilidade da manutenção de um atendimento clínico de qualidade, dentro de uma base móvel, sem limitações geográficas, além da redução do custo demandado pelas instalações físicas.
Apesar de sentir falta do encontro presencial "momento do cafezinho", me sinto muito bem adaptada ao virtual e os ganhos no todo foram maiores do que no presencial.
A praticidade e menos desgaste e custos favoreceram
O aprendizado não foi prejudicado na forma <i>on line</i>
Porque hoje é possível essa nova adaptação da virtualidade, aliar o tempo e adaptá-lo dentro de outras necessidades; conforto de estar em casa, segurança.
Porque é mais confortável e não fica presa geograficamente às atividades.
Acho confortável a modalidade <i>on-line</i> , me permite ter mais tempo, menos deslocamento e preocupação com segurança em uma cidade como o Rio de Janeiro (minha presencial era na parte da noite).
Economia de tempo e dinheiro
Porque quanto às aulas e supervisões não senti prejuízo no aprendizado e ganho na questão do tempo de deslocamento até o Instituto. Os workshops eu gostaria que fossem presenciais.
Pela praticidade, conforto, diminuição com as despesas de deslocamento e alimentação.
Não tenho disponibilidade para deslocamento até o local de ensino.
Acredito que funcionou muito bem o ensino e não preciso perder tempo no deslocamento.
Acho muito confortável fazer as aulas de forma <i>on-line</i> . Não preciso me deslocar, ganho tempo, economizo dinheiro, fico no conforto do meu lar e não há perda alguma na aprendizagem.
Comodidade
Porque me acostumei com cursos no formato <i>on-line</i> e gosto mais dessa forma.
O instituto é em outro estado
Pela comodidade
Gosto dos ganhos de tempo e praticidade
Por questões do tempo que gasto no deslocamento
percebo que assistir mais de uma vez a e anotar, tem melhorado meu entendimento. além disso, há um ganho na questão do tempo, pois não há mais o deslocamento e esse desgaste, podendo otimizar melhor o nosso tempo
Medo
Pelo deslocamento para outro estado.
E mais cômodo, não preciso perder tempo em ponto ônibus, ganhei 4 horas dedicando elas aos estudos
Por ter a facilidade de fazer cursos <i>on-line</i> , já que moro em Belém do Pará e geralmente não tem cursos por aqui.

Fonte autoria própria.

Figura 37 - Nuvem de palavras criada a partir de respostas à pergunta: “Por quê após negarem em resposta à pergunta “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?” Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

As respostas encontradas no quadro acima também nos parecem muito coerentes. Tratam de ganhos marcantes. Fica evidente que nossa moeda tem 2 lados. Os ganhos e as perdas. Fico pensando nas possibilidades de customização, de busca do desenvolvimento de um ensino que esteja mais de acordo com as necessidades individuais. O contraste entre as respostas dos dois grupos mostra que não se trata de qual grupo está certo e qual está errado, não nos parece ser essa a questão. Para nós fica o desafio da construção de um ensino mais personalizado, menos de massa. Um ensino que tenha condições de fazer frente a essas diferentes necessidades expressas pelas pessoas que preencheram nosso questionário, e também, de pessoas que não o fizeram.

Nos parecem interessantes os desafios que as novas experiências vividas a partir da pandemia podem nos trazer. Será que a classe dos psicólogos aceitará esse convite?

Quadro 16 – Respostas à pergunta: “Por quê?” daqueles que declararam “Preferia que fosse híbrido?”.

Por quê? (pessoas que responderam “Preferia que fosse híbrido” à pergunta anterior)
Pela praticidade do <i>on-line</i> e pela maior facilidade nas “trocas” do presencial
Sinto falta de estar em contato físico com as pessoas, mas acho que a vida ficou muito facilitada na modalidade <i>on-line</i> . A qualidade no instituto que no início estava passando por um momento de adaptação um pouco complicado, hoje está ótima!!!
Apesar de ser possível o aprendizado e atendimento virtual, há quem prefira contato com outras pessoas pessoalmente.
Considero que algumas matérias necessitam de presença física, enquanto outras não.
Se as aulas não fossem gravadas eu me sentiria melhor em fazer parte delas <i>on-line</i> (pq eu não faço perguntas pq sou tímida e sei q ficará gravado)
As atividades que não precisam ser interativas, poderiam continuar no modelo virtual; evitar deslocamentos e reduzir custos com transporte e alimentação.
Porque favorece qualitativamente não somente ao aprendizado, mas a saúde mental (integral) da pessoa.
Hoje sinto que me adaptei melhor ao modelo <i>on-line</i> , apesar de ter demorado bastante, consigo me concentrar bem quando as aulas acontecem com todos com a câmera ligada. Sem contar que me abriu a possibilidade de procurar cursos em outros estados que agora estão seguindo o modelo <i>on-line</i> . Ademais, as vantagens na questão do tempo e passagem. Porém, gostaria que tivesse a possibilidade de aulas presenciais também, pois sinto falta do contato com outras pessoas, acho que a relação de estar no mesmo ambiente de fez enquanto se faz necessária também.
Por fatores relacionados a economia de tempo e dinheiro e também pelos benefícios que a tecnologia traz no formato <i>on-line</i> .

Fonte: autoria própria.

Figura 38 - Nuvem de palavras criada a partir de respostas à pergunta: “Por quê?” daqueles que declararam “Preferia que fosse híbrido?”. Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

As respostas desse grupo parecem buscar associar os aspectos positivos das duas formas de ensino. As colocações parecem valorizar os aspectos identificados como positivos nas duas formas, apostam na associação das duas práticas como forma de assegurar a soma dos benefícios.

Quadro 17 – Respostas à pergunta: “Por quê?” daqueles que se declararam não decididos se “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”

Por quê? (pessoas que responderam de forma indefinida à pergunta “Ao término da pandemia você preferiria voltar ao ensino presencial?”)
Quando não puder estar no presencial, ter a modalidade <i>on-line</i> é fundamental.
Sinto falta do contato físico presencial, mas é confortável não precisar sair.
talvez, dependendo da minha disponibilidade de tempo e da proximidade da Instituição até residência.
O presencial parece interessante por conta da interação, mas o deslocamento e o desconforto de passar o dia inteiro na rua são relevantes e duvidosos na minha decisão.
Medir a efetividade conforme a modalidade pode ajudar a ficar melhor o conteúdo e ampliar o desempenho nas atividades e assimilação.
Apesar das dificuldades tem a facilidade do tempo de deslocamento e possibilidades de alimentação e tempo livre
Justificado na questão anterior.
Ir no presencial, para mim, seria bom decorrente de poder sair de casa . E aulas <i>on-line</i> a possibilidade de economizar.

Fonte: autoria própria..

Conforto e comodidade	16
Possibilidade de fazer cursos em qualquer lugar	9
Possibilidade de troca com pessoas de qualquer lugar	9
Aulas gravadas, Poder escolher a hora em que assistirei as e aulas rever quantas vezes forem necessárias	9
Poder acessar de qualquer lugar	7
Poder assistir de casa	7
Ganho de segurança	4
Pela praticidade	4
Economia de dinheiro com alimentação	3
Excelente qualidade	3
Facilitou para conciliar cursos com a agenda de trabalho e de vida pessoal	3
Melhorar alimentação	2
Melhores condições ambientais	2
Qualidade de vida	2
O treino da autonomia	2
Absorção de novas qualificações e habilidades	1
Compartilhamento de materiais acontece de forma muito dinâmica e rápida	1
Custo reduzido de alguns cursos e eventos	1
Ganho de mobilidade	1
Maior pontualidade	1
Melhora no aprendizado	1
Não precisa se preocupar com mobilidade	1
Nenhuma	1
O treino de autodidatismo	1
O treino de disciplina no estudo	1
Otimizar tempo de trabalho	1
Poder desligar a câmera ou o áudio para evitar situações indesejáveis	1
Poder escolher a velocidade dos vídeos	1
Poder estar com a família	1
Possibilidade de buscar respostas diretas do google	1

significativas, que não devem ser ignoradas quando forem discutidas as regras em relação ao ensino de psicologia.

Pergunta:

- Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?

Quadro 19 – Respostas à pergunta: “Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?” Ocorrências em números absolutos.

Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?	Ocorrência
A interação pessoal com os participantes faz falta	45
Dispersão	11
Muito tempo de tela traz cansaço	11
Problemas técnicos com recursos e internet	8
Dificuldade para tirar dúvidas	3
Ficar muito sedentário	2
Dificuldade de delimitar os horários	2
Necessidade da metodologia ser ajustada para o contexto virtual	2
Quando as câmeras não são ligadas	2
Queda de aprendizado	2
Preocupação com os cuidados para assistir às aulas diminui	2
O ambiente e a falta de privacidade da casa podem atrapalhar	1
Não ter o café da manhã da turma	1
A impossibilidade do toque físico	1
Dificuldades para atividades em grupo	1
Tédio em aulas mais extensas	1
Aumento do número de trabalhos para compor as notas	1
Professores com dificuldade de adesão à tecnologia	1
A desigualdade social	1
Falta de ambiente e instrumentação adequada	1
Falta de motivação	1
O fato da aula estar sendo gravada é constrangedor	1
Aumento da demanda doméstica	1
Dificuldade na comunicação com os professores	1

Falta de suporte técnico adequado	1
A qualidade de ensino	1
O estudo fica mais maçante	1
Aumento de ansiedade	1
Decréscimo da saúde mental	1
Todas	1
Nenhum	1

Fonte: autoria própria.

Figura 41 - Nuvem de palavras criada a partir de respostas à pergunta: “Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?” Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto *artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.*



Fonte: autoria própria.

Novamente nossa nuvem de palavras parece traduzir as principais questões salientadas por nossos participantes: Falta, Contato, Colegas, interação, professores. São palavras que traduzem pontos que precisam ser cuidados para uma melhora na qualidade do ensino através de TICs. São desafios que hoje ainda não parecem ter sido equacionados de forma adequada.

Comparando as respostas a essa pergunta com as respostas que encontramos no quadro 12, onde as respostas tinham relação com a percepção de decréscimo de aprendizado, podemos perceber que ao se falar em desvantagens a ênfase foi colocada na perda de contato pessoal com colegas e professores,

enquanto na pergunta anterior as ênfases estavam em cansaço e dificuldade de concentração.

Mais uma vez gostaríamos de salientar que esses números estão longe de representar o universo dos estudantes de psicologia brasileiros. Temos que lembrar que nosso questionário foi distribuído de forma virtual, divulgado através de redes sociais e esse caminho já traz públicos específicos. Também devemos enfatizar que, mesmo não representando a totalidade dos psicólogos brasileiros, as respostas que conseguimos obter nos permitem refletir sobre nosso tema. Em especial quando a polêmica do ensino de psicologia a distância tem se feito tão presente.

Acreditamos ser muito importante que a discussão de o quanto o ensino de psicologia deve ou não ser realizado a distância passe pela escuta em relação a experiência das pessoas que viveram a oportunidade de experimentar essa prática no período de isolamento social, por mais que ela tenha sido vivida de forma improvisada e dentro de um contexto de sofrimento. As respostas encontradas em nossa pesquisa no mínimo apontam para a necessidade de se olhar com seriedade para essa questão. Inclusive que se busque definir de forma clara quais são os interesses que estão em jogo. Se estamos tratando da qualidade do ensino, se estamos lidando com questões relativas a mercado de trabalho ou a disputas que passam por outros interesses que talvez ainda não estejam visibilizados.

Em nosso próximo item buscaremos tratar da controvérsia do ensino de psicologia a distância por um outro viés. Buscaremos acompanhar a polêmica relativa a possibilidade de estágio em psicologia dentro de um contexto de isolamento social.

4.3.13 O estudante de psicologia deve atender *on-line*? Como aprender psicologia em tempos de isolamento social?

Uma frente de batalha muito intensa no que se refere às controvérsias relativas ao atendimento *on-line* se fez presente no âmbito do ensino da psicologia. Com a necessidade de isolamento social surgiram questões em relação a como funcionariam as instituições de ensino, como se dariam as partes práticas dos cursos e em especial como poderiam funcionar os estágios clínicos. As questões referentes a este tema envolvem vários âmbitos. Uma série de instituições participam da polêmica como veremos a seguir. Antes de buscarmos nos aproximar

do campo agonístico referente ao estudo de psicologia através de TICs, é importante recordar as conexões apontados por nossos informantes no que se refere a relação dessa disputa com os tensionamentos referidos a ampliação da utilização de TICs nas práticas psicológicas.

Cabe lembrar a colocação de Thiago Melício de que a questão do ensino a distância também influenciava na discussão relativa a utilização de TICs por parte dos profissionais ligados à psicologia, “fazia pano de fundo” para ela contribuindo no acirramento das resistências ao avanço de tais práticas. Impedir o avanço do atendimento através de TICs teria relação com a busca de impedir o avanço do ensino EaD em psicologia. Afirmação coerente com o bordão que marca o posicionamento de instituições contrárias a ampliação do ensino EaD, a saber, “Psicologia se aprende com presença”.

O CFP e uma série de entidades funcionavam em bloco no sentido de ir contra o ensino a distância. Thiago elencou a Abrapso, a Abep e a Fenapsi como instituições que se posicionavam de forma uníssona contra o avanço dessas práticas de ensino. Thiago nos conta como quando as faculdades solicitam vaga de graduação ao MEC, quando o ensino é a distância o número de vagas solicitado é muito maior e isso indicaria uma falta de preocupação com a qualidade deste ensino.

Oliver Zancul Prado corrobora a afirmação de Thiago, segundo ele a resistência ao avanço das TICs também teria relação com a resistência ao ensino EaD. Coloca que os professores perderiam muito com essa forma de ensino, que nas universidades públicas os professores teriam seus empregos garantidos, mas isso não acontecia nas privadas, que o avanço do EaD ameaçava o emprego desses professores. Coloca também que essas Universidades particulares ganhariam muito dinheiro com o ensino a distância. Neste sentido, para Oliver, existiria uma polarização entre a classe dos professores universitários e o interesse capitalista das universidades particulares.

Oliver traz também que, no que se refere à interrupção dos estágios a partir da pandemia, ele acredita que foi um movimento corporativo relacionado com a interrupção das aulas nas universidades públicas. Como as públicas pararam, as particulares teriam de parar também.

Coloca que essa situação não levou a discussões sobre mudanças curriculares, no sentido de integrar essa nova realidade trazida pelas transformações tecnológicas. De como não aconteceram discussões em relação aos prontuários, da questão da evitação do controle. Esse contexto teria dado margem a contradições como: *“se as práticas psicológicas através de TICs já estão regulamentadas porque interromper os estágios no contexto do isolamento social?”* *“Ficaria essa coisa de conservadorismo e progressismo atritando e não iria muito em frente”*.

Resumindo: no que se refere ao EaD em psicologia teríamos em jogo o interesse da classe dos professores por um lado, o interesse das instituições capitalistas ligadas ao ensino por outro, a evolução tecnológica tensionando todo o contexto e a regulamentação das práticas psicológicas sofreria uma grande influência dessa disputa. E que instituições como o sistema conselhos estariam dentro deste campo de tensionamentos. Não podemos esquecer que no universo do sistema conselhos, que é o sistema que regulamenta as práticas psicológicas, temos uma presença muito grande de professores universitários como assinalamos no item 3.4 e que essa presença tão marcante traz consequências no processo decisório desse sistema.

Segundo Diva Lucia no período de nossa entrevista em janeiro de 2021 *“a ABEP estava sofrendo com a pandemia”*, pois por questão de princípios ela defendia o ensino presencial. Como muitos professores e alunos estariam vendo ganhos no ensino virtual em função da experiência vivida com o isolamento social, a preocupação da ABEP seria como defender o ensino presencial dentro deste novo contexto.

Dentro do ponto de vista de Diva existiriam limitações no ensino à distância. Os professores não teriam acesso a filigranas do contato humano que são perceptíveis no contato presencial e que fariam diferença. Na aula presencial o professor seria capaz de perceber o muxoxo, a sobrelha levantada, o balançar da cabeça do aluno e poderia atuar a partir daí. Conta que naquele período de pandemia os alunos assistiam às aulas com as câmeras desligadas e que esse seria um limite em relação à privacidade deles. Que os próprios alunos colocariam esse limite. A possibilidade que os professores teriam para acompanhar seus alunos, dentro deste contexto, ficaria muito prejudicada.

Ao ser questionada se estariam ocorrendo mudanças no ponto de vista dos membros da ABEP a partir da experiência proporcionada pela pandemia, Diva afirma

que, a nível de ABEP, ainda não estariam ocorrendo mudanças de posicionamentos. Que naquele período (janeiro de 2021) ainda nem teria sido possível escutar os professores.

Afirma que pouco depois do início da pandemia as mantenedoras e os alunos já começaram a pressionar para que o ensino à distância pudesse ser realizado de forma plena. Diva afirma que o princípio formador da psicologia desde seu início tem relação com a troca humana. Que os conhecimentos desenvolvidos a nível de psicologia se inscreveriam dentro deste contexto.

Em relação à polêmica sobre a possibilidade do estudante de psicologia realizar seu estágio de forma virtual, Diva coloca que não existiriam no Brasil supervisores com experiência acumulada para acompanhar os estagiários. De início, segundo ela, esse questionamento foi mal elaborado. As pessoas não tinham muita clareza em seus posicionamentos diante das questões que estavam surgindo. A visão de Diva se mostra sempre coerente com a ideia de que ainda precisamos de muito tempo e de muito estudo para compreender de fato as possibilidades e as limitações das práticas psicológicas e do ensino de psicologia através de tecnologias de informação e de comunicação.

Fica evidente como a entrada em cena do SARS-CoV-2 tornou mais intensa as tensões referentes ao ensino de psicologia a distância. No trecho abaixo buscaremos descrever a controvérsia referente ao ensino de psicologia durante o período de pandemia a partir dos registros gerados pelas instituições envolvidas nessa disputa.

Em 17/03/2020, mesmo dia em que tivemos o primeiro registro de falecimento por Covid-19 no Brasil e 6 dias depois da data em que a OMS decretou a existência de pandemia a nível mundial o MEC publica a Portaria 343: O Conselho Nacional de Educação/MEC sugeriu que as instituições disponibilizassem atividades não presenciais para dar continuidade às atividades de ensino e aprendizado (ficando a cargo de cada instituição a decisão de quais disciplinas poderiam ser substituídas pelo formato EaD, aplicação dessa substituição ficou vedada no que se referia aos cursos de Medicina e às práticas profissionais de estágios e de laboratório dos demais cursos. (BRASIL, 2020b)

EM 19/03/2020 o MEC publica a Portaria 345: portaria que mantém a aplicação das atividades no formato EaD para todos os cursos e estende a

autorização as disciplinas do curso de Medicina, mantendo o veto às práticas profissionais de estágio e laboratório. (BRASIL, 2020c)

EM 20/03/2020 o MEC publica a Portaria 356: autoriza os alunos matriculados nos dois últimos anos do curso de Medicina e do último ano dos cursos de Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia do sistema federal de ensino, em caráter excepcional, a possibilidade de realização do estágio curricular obrigatório em unidades básicas de saúde, unidades de pronto atendimento e rede hospitalar enquanto durar a situação de emergência de saúde pública. (BRASIL, 2020a)

Em 22/03/2020 o Presidente da República adota a medida provisória nº 927 com força de lei. Medida provisória que:

Dispõe sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19). (BRASIL, 2020e, n.p)

Essa Medida Provisória em seu segundo capítulo no artigo 5º determina que durante o período de Estado de calamidade pública “Fica permitida a adoção do regime de teletrabalho, trabalho remoto ou trabalho a distância para estagiários e aprendizes”. O texto não estabelecia nenhuma ressalva referente a qualquer área de atuação. (BRASIL, 2020e)

EM 24/03/2020 CFP e ABEP publicam “Nota sobre atividades acadêmicas nos cursos de graduação em Psicologia em tempos de pandemia” (CFP; ABEP; FENAPSI, 2020): contra a flexibilização sugerida pelo MEC a ABEP, em conjunto com as demais entidades da Psicologia assinam uma nota, onde ressaltam a importância dos cuidados e medidas para o enfrentamento dessa pandemia. Ratificando as orientações “contidas nas Portarias 343/2020 e 345/2020 do Ministério da Educação, que estabelecem, em caráter excepcional, a possibilidade de oferta de disciplinas a distância em substituição às disciplinas presenciais” e a impossibilidade de substituição dos estágios e práticas profissionais no EaD, devendo estes serem posteriormente repostos. Concordando com os artigos 3º e 14º das diretrizes aprovadas pelo CNE em 2019, mas que aguardavam homologação do MEC e que afirmavam que:

artigo 3º: “O curso de graduação em Psicologia deve ser oferecido na modalidade presencial, tendo em vista a natureza complexa das competências profissionais do psicólogo, e segue os marcos legais para os cursos de bacharelado.”

E em seu artigo 14º, estabelece:

“O projeto de curso deve incluir os estágios obrigatórios supervisionados que garantam a articulação entre os diferentes componentes curriculares e a consolidação das competências que compõem o perfil do egresso”.

§ 1º As atividades de estágio obrigatório supervisionado devem ser orientadas de acordo com as normativas legais e com os preceitos éticos da prática profissional.

§ 2º Os estágios obrigatórios supervisionados devem assegurar o contato do estudante com diferentes situações e contextos de trabalho, e serem distribuídos ao longo do curso.

§ 3º A atividade de estágio obrigatório supervisionado deve ter orientação presencial, conduzida por professores psicólogos, docentes da instituição formadora.” (CNE apud CFP; ABEP; FENAPSI, 2020, n.p)

E a nota segue:

“Embora a Medida Provisória Nº 927 de 23 de março de 2020, que dispõe sobre suspensão de contratos e outras providências relativas ao mundo do trabalho, autorize o trabalho de estagiários por meios remotos, ela é, em seu todo, de natureza genérica, voltada ao funcionamento das organizações, e não observa especificidades de cada área de formação. Há que se observar também sua fragilidade, já que foram impetradas nesse mesmo dia medidas jurídicas visando sua anulação.” (CFP; ABEP; FENAPSI, 2020, n.p)

A nota ainda ressalta um questionamento sobre a qualidade na formação dos profissionais de Psicologia:

“Em um momento em que lutamos pela garantia da oferta da Psicologia apenas na modalidade presencial, embora tenhamos consciência da excepcionalidade da situação, devemos adotar acriticamente a modalidade a distância? Renunciaremos aos princípios amplamente discutidos e consolidados em nosso processo de revisão das diretrizes?” (CFP; ABEP; FENAPSI, 2020, n.p)

E encerram a nota:

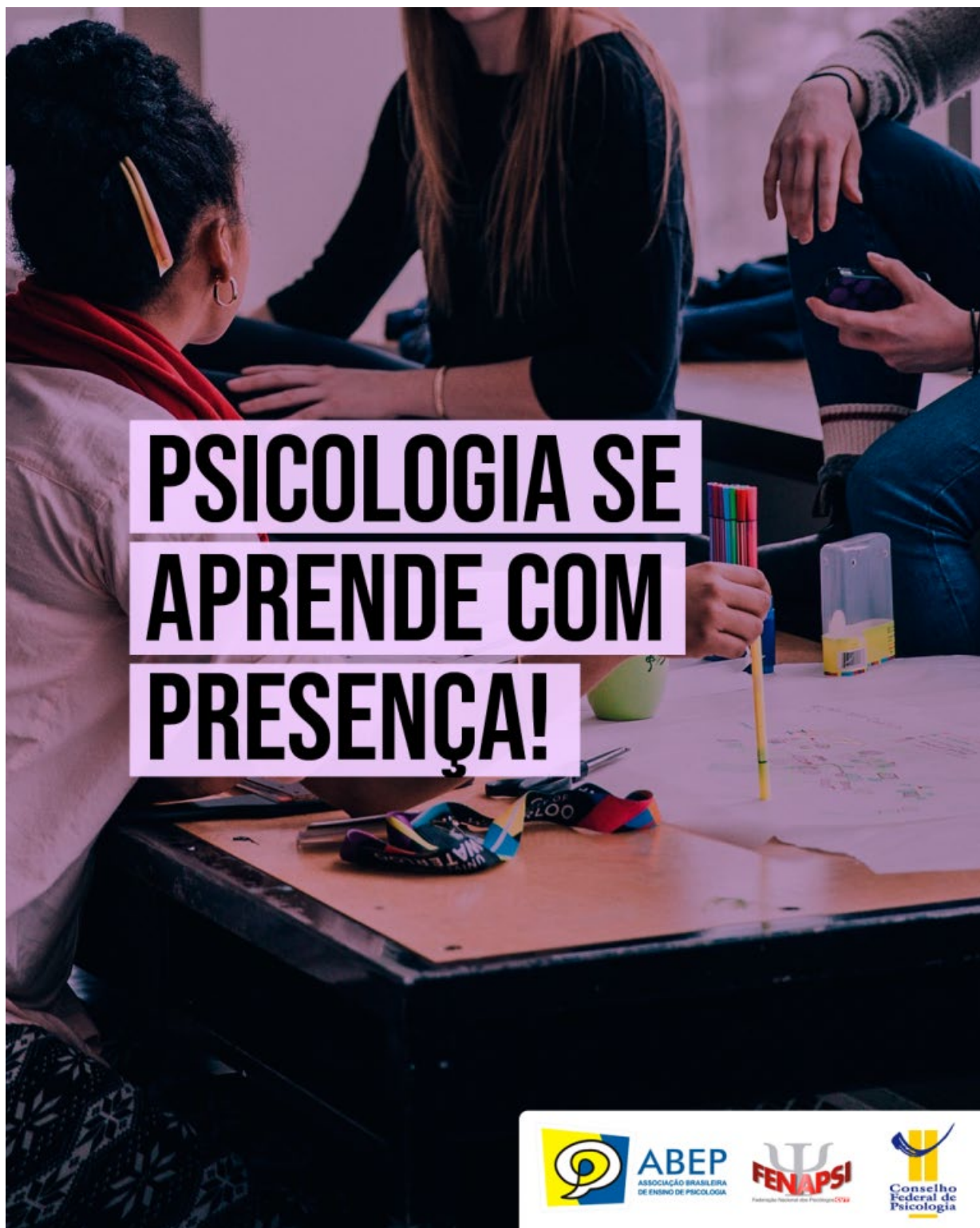
“Assim, em coerência de nossos princípios, amplamente divulgados no Manifesto “Psicologia se aprende com presença” (site.cfp.org.br/psicologias-se-aprende-com-presenca/), e como entidades que zelam pela qualidade da profissão e da formação e sua orientação humanista e ética, solicitamos a nossas coordenações de curso e corpo docente que avaliem a pertinência das medidas a distância a serem adotadas, que não aceitem a proposição de disciplinas a distância em percentual superior aos já excessivos 40% permitidos pela Portaria MEC Nº. 2.117/2019, que não ofereçam estágio e supervisão a distância (obedeçam aos regramentos legais), que proponham calendário realista de

reposição, que zelem pela qualidade de seus cursos e, ao mesmo tempo, pela saúde de seus docentes e discentes – mantenham contato, criem estratégias de diálogo interno e externo, mas não comprometam a formação em Psicologia e tratem com justiça e equidade a comunidade universitária.” (CFP; ABEP; FENAPSI, 2020, n.p)

Mesmo estando em um período de emergência em saúde pública, existia uma busca de não somente impedir a realização dos estágios através de TICs, mas também da manutenção do limite máximo de 40% de aulas através de recursos virtuais. Nos parece evidente a importância que essas instituições davam, naquele momento, para a busca de conter um possível avanço do EaD.

Como já citamos, essa nota teve como signatários a ABEP – Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, FENAPSI – Federação Nacional dos Psicólogos, CFP – Conselho Federal de Psicologia e os 24 CRP's do país. Sendo assim, para além dos 24 CRPs, a nota foi assinada pelas mesmas instituições que, em 24 de outubro de 2019, assinaram a nota “Psicologia se Aprende com Presença!” (CFP; ABEP; FENAPSI, 2019). Como podemos ver na figura abaixo, que ilustrava tal documento.

Figura 42 - Psicologia se aprende com presença (cartaz).



Fonte: Site do CFP.

“Psicologia se aprende com presença” como vimos esse bordão marca uma busca de resistência, desenvolvida pelas instituições supracitadas, no sentido da manutenção do ensino da psicologia dentro de um contexto de presença física.

Esse bordão ora aparece com o formato supracitado, ora aparece com a forma “Psicologia se **faz** com presença” nesse formato a afirmação deixa de estar restrita ao ensino e passa a fazer referência às práticas psicológicas como um todo. Essa variação nos parece coerente com a percepção de existência de uma íntima relação entre a resistência ao EaD e a resistência às práticas psicológicas mediadas por TICs.

Quanto aos argumentos em relação a necessidade de resistência ao EaD colocados por estas instituições, através do documento dessa nota publicada em 24 de outubro de 2019, eles vão na direção da manutenção de um ensino de qualidade. A ideia é que dentro de um contexto de ensino EaD existiria um comprometimento da qualidade da educação. O bordão propaga a ideia de que presença só se dá quando existe um contexto de presença física.

Nessa nota as 3 instituições se posicionavam de forma “totalmente contrária à graduação em Psicologia na modalidade EaD” buscavam descrever a situação da graduação em psicologia naquele período, enfatizando a inexistência de cursos EaD e a ilegalidade do desenvolvimento de tais possibilidades. Citam também o posicionamento de instituições como o Conselho Nacional de Saúde (CNS) que seria contrário à oferta de cursos EaD na área da saúde, enfatizando que esse posicionamento abrangeria a psicologia.

Abaixo temos textualmente a forma como as 3 instituições se posicionaram em 2019 na nota conjunta “Psicologia se aprende com presença!”:

Posicionamento conjunto da ABEP, CFP e Fenapsi

Mais de 85% do ensino superior brasileiro hoje é privado, e essa condição tem estabelecido uma lógica hegemônica de expansão baseada no lucro, em que a educação se transformou em um negócio e não em um direito social, a despeito do empenho e seriedade das coordenações de curso e corpo docente. O objetivo do lucro cada vez maior tem determinado um menor aporte de recursos que atinge as condições do ensino, precariza o trabalho docente e traz graves riscos à população.

Nos cursos em EaD isso se agrava seriamente, com uma expansão descontrolada de vagas, que chega a um aumento de mais de 5.000% em dois anos, em algumas áreas. A proporção de professores, em média, cai para 7 por 1.000 alunos, com a contratação de muitos tutores, com salários e direitos trabalhistas precários.

Muitas vezes essa expansão descontrolada é divulgada, de forma distorcida, como democratização do ensino ou inclusão, quando na verdade atende a metas financeiras dos grandes conglomerados,

desconsiderando a educação como estratégia de desenvolvimento e de promoção de direitos. E o mais grave é que essa prática perversa atinge tanto os que buscam uma formação profissional quanto a toda a população, que certamente ficará exposta a profissionais com sérias deficiências em sua formação. (CFP; ABEP; FENAPSI, 2019, n.p)

Na sequência a nota explica o porquê de tal posicionamento:

Por que não podemos prescindir da formação presencial

A ABEP, o CFP e a Fenapsi são entidades defensoras da formação de qualidade ética e técnica, capaz de construir uma identidade profissional marcada pelo respeito às diferenças, pela compreensão das muitas vidas possíveis, pela empatia com o sofrimento e os dilemas da vida vivida, pela capacidade de compreender e dialogar com as muitas formas de pensar e ser, contidas em nossa cultura e diversidade nacional. O diálogo, o confronto de ideias, o debate respeitoso fundamentado em nossa pluralidade teórico-metodológica e nas diversas interpretações que fomentam, a descentração necessária à reflexão e compreensão na diferença, o desenvolvimento de atitudes e afetos que acolhem devem ser a marca do processo de formação em Psicologia.

Esse conjunto de requisitos que formam a identidade profissional não se adquire por meio dos recursos a distância. Ele exige convivência, contato com as diferenças culturais, teórico-metodológicas, experienciais, entre docentes, estudantes e a comunidade. Exige vivências acadêmicas ricas e múltiplas, em que o espaço da sala de aula complementa-se com os demais espaços universitários, como laboratórios, salas de recursos e de orientação, com participação em grupos de pesquisa e estudo, frequência a eventos de natureza acadêmica, conhecimento da estrutura institucional e representação estudantil, conhecimento e contato com instâncias representativas da categoria, entre outros. E em que os espaços acadêmicos complementam-se com espaços de atuação profissional do psicólogo na comunidade, viabilizando a integração teórico-prática e as experiências reais de atuação durante todo o processo de formação.

Sendo assim, a recusa da oferta de cursos de graduação em Psicologia não se constitui em resistência ao uso das tecnologias nos processos ensino-aprendizagem; essas já fazem parte do cotidiano das instituições de ensino superior e podem coadjuvar os processos de formação. A recusa fundamenta-se nos requisitos essenciais à constituição de uma identidade profissional comprometida, competente e ética.

Ao defender a formação presencial, defendemos as/os profissionais que se dedicam ao ensino de Psicologia, que devem ser tratados como docentes e não relegados a categorias secundárias, com condições adequadas para o desenvolvimento de seu trabalho, bem como as coordenações de curso, que se empenham para garantir um ensino de qualidade e atento às Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. Defendemos, ao mesmo tempo, as pessoas, grupos, instituições e comunidades, que nos diferentes espaços onde se insere a/o profissional de Psicologia,

têm direito a um trabalho marcado pela competência técnica e pelo respeito. (CFP; ABEP; FENAPSI, 2019, n.p)

Nessa nota, anterior à pandemia Covid-19, as instituições envolvidas afirmam de forma contundente a relação entre EaD, interesse mercadológico, ensino de baixa qualidade e precarização de relações de trabalho com prejuízo direto à classe docente.

Em 15/04/2020 MEC publica Portaria 395: essa portaria, em seu artigo 1º, prorroga por mais trinta dias, o prazo previsto no parágrafo 1º do artigo 1º da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. O prazo definido inicialmente pela Portaria nº 345 também era de trinta dias. (BRASIL, 2020f)

Em 28/04/2020 o CNE emite o Parecer 05/2020 CNE/CP. Este documento teve como objetivo traçar diretrizes para os vários níveis de ensino de forma a minimizar os prejuízos oriundos da situação de pandemia:

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou, por unanimidade, nesta terça-feira, 28 de abril, as diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus. Os 21 conselheiros votaram, em plenário virtual, um documento que traz orientações e sugestões para todas as etapas de ensino, da educação infantil à superior. O parecer foi elaborado com a colaboração do Ministério da Educação (MEC). (BRASIL, 2020h)

Neste documento fica evidente uma busca de flexibilização em relação a métodos de ensino e sobre os cronogramas referentes ao ano letivo. Os recursos virtuais são mencionados como um dos meios adequados para garantir um menor prejuízo a sociedade brasileira, no que se refere ao contexto educacional.

O parecer afirma a necessidade de utilização de práticas de EaD para fazer frente ao período de pandemia e que, em especial no que se refere ao ensino superior, exalta o fato de já existir uma tradição de utilização das práticas de EaD, as quais, já em 2018, seriam responsáveis por 40% do total dos ingressantes nesse nível de ensino em nosso país. E que, além disso, a partir da Portaria MEC nº 2.117/2019 40% do conteúdo dos cursos presenciais nesse segmento já havia passado a poder ser ministrado à distância.

O parecer propõe “um largo uso dessa modalidade como forma de continuidade das atividades de ensino e aprendizado”. Propõe também que:

Quanto às atividades práticas, estágios ou extensão, estão vivamente relacionadas ao aprendizado e muitas vezes localizadas

nos períodos finais dos cursos. Se o conjunto do aprendizado do curso não permite aulas ou atividades presenciais, seria de se esperar que, aos estudantes em fase de estágio, ou de práticas didáticas, fosse proporcionada, nesse período excepcional da pandemia, uma forma adequada de cumpri-lo a distância. (BRASIL, 2020h)

Como podemos observar esse parecer, no que se refere ao ensino superior, fomenta o uso de atividades EaD inclusive no que se refere às práticas de estágios e de extensão. O MEC começa a dar sinais de não estar mais tão alinhado com o movimento de resistência das instituições ligadas à psicologia que estavam envolvidas no combate a ampliação das possibilidades do ensino a distância.

Em 12/05 MEC publica a Portaria Nº 473: Prorroga por mais 30 dias a autorização para substituir disciplinas presenciais por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação em cursos que estão em andamento. (BRASIL, 2020g)

Em 01/06 o Parecer 05/2020 CNE/CP é homologado e em 15/06 o CFP e ABEP publicam nota - Realização de estágios e práticas nos Cursos de Graduação em Psicologia no contexto da Pandemia de COVID-19: posição e orientações do CFP e ABEP. (CFP; ABEP, 2020b)

Nessa nota as duas instituições modificam seus posicionamentos no que se refere à campanha pela manutenção do limite de apenas 40% do conteúdo dos cursos de psicologia poderem ser ministrados à distância mesmo dentro do contexto de pandemia, porém reafirmam seus posicionamentos contrários a realização de estágio de forma virtual. Colocam como incoerente a mudança de postura do MEC. Elencam uma série de argumentos contrários a realização de estágio através de TICs e propõem orientações para as IES. (CFP; ABEP, 2020b)

Argumentos apresentados:

- EaD como precarização do ensino
 - O contexto virtual não traria possibilidades compatíveis com o necessário para a formação de psicólogos
- Possibilidade de aumento na Exclusão social
 - Muitos estudantes não teriam condições tecnológicas para realizar seus cursos
- Falta de conhecimentos sobre as práticas virtuais
 - Ainda não existiriam conhecimento acumulados para o ensino dessas práticas

- Os docentes não estariam preparados
- Dificuldades com o sigilo
 - Aponta para as dificuldades no cuidar do sigilo no contexto da virtualidade
 - Relata dificuldades na criação de um espaço íntimo no ambiente doméstico dentro de um período de pandemia
- Limitações do contato virtual
- Medo de que a abertura na situação de exceção se torne irreversível ao final da pandemia

Orientações realizadas:

- Que os estágios não fossem oferecidos de forma remota
- Promoção de discussão entre docentes e discentes sobre outras possibilidades de atividades de ensino a serem desenvolvidas ao longo do período de isolamento social
- Elaboração conjunta de planos para um retorno gradual às práticas presenciais de forma cuidadosa e também para uma futura reposição das experiências não realizadas no período de pandemia. (CFP; ABEP, 2020b)

Em 17/06/2020 MEC publica no Diário Oficial a Portaria 544: após discussões realizadas com a Secretaria de Supervisão da Educação Superior (SERES), a Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES) e com o Conselho Nacional de Educação (CNE). Essa portaria dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por “atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais” (BRASIL, 2020i n.p.) enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Estende o ensino remoto até 31 de dezembro de 2020. Coloca como responsabilidade das instituições “a definição dos componentes curriculares que serão substituídos, a disponibilização de recursos aos alunos que permitam o acompanhamento das atividades letivas ofertadas”. Trata ainda, de forma específica, no que se refere às práticas profissionais de estágios ou às práticas que exijam laboratórios especializados, que a aplicação da substituição deve obedecer às Diretrizes Nacionais Curriculares

aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE. E que, a substituição de práticas profissionais ou de práticas que exijam laboratórios especializados deverá constar em planos de trabalhos específicos, aprovados, em âmbito institucional, pelos colegiados de cursos e apensados ao projeto pedagógico dos mesmos (BRASIL, 2020i).

Com essa portaria o MEC retira os empecilhos legais para a realização dos estágios supervisionados a partir de TICs e coloca como responsabilidade das IES a avaliação e execução de tais práticas. Nesse momento as instituições que buscava manter a resistência em relação ao ensino à distância de forma plena no âmbito da psicologia não tinham mais amparo no argumento da legalidade. O impedimento em relação a realização dos estágios de forma virtual estava restrito ao posicionamento daquelas instituições específicas. Não existiam mais trincheiras externas naquela batalha.

No que se refere ao âmbito da psicologia, naquele momento, tínhamos todo o universo de estudantes que estavam em período de estágio assistindo suas formações universitárias sendo comprometidas pela impossibilidade de viver suas práticas supervisionadas. Ficou posto o questionamento: O psicólogo pode atender de forma virtual como ficou definido a partir de 2018, porém o aluno de psicologia não pode viver essa prática de forma supervisionada de modo a se preparar para o exercício profissional a partir desses recursos.

Quando aqueles estudantes terminassem suas graduações, fazendo o cadastro E-psi, eles poderiam atuar de forma virtual, porém seus espaços de formação acadêmica não poderiam ajudá-los a se preparar minimamente para exercer essa possibilidade. Existia um tensionamento entre o interesse dos estudantes de psicologia, principalmente dos que estavam terminando seus cursos e o interesse das instituições contrárias a ampliação do EaD no âmbito dessa área.

Entre 25/06 e 09/07/2020 CFP/ABEP realizam os Seminários regionais: o CFP convida todos os CRPs a promover, em formato de seminários, um debate com os coordenadores, professores, supervisores e discentes dos cursos de Psicologia levantando as principais questões acerca das atividades remotas durante o período de pandemia. Publicou em seu site:

A flexibilização da prática de estágio – de forma remota – na área da Psicologia decorrente da pandemia da Covid-19 tem gerado uma série de dúvidas por parte de comunidade acadêmica, como

coordenadoras(es) de curso, docentes, supervisoras(es) e estudantes.

Visando ampliar o diálogo com todas as pessoas envolvidas no intuito de construir colaborativamente estratégias alternativas, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) irão realizar uma série de seminários virtuais.

As atividades serão organizadas pelos 24 Conselhos Regionais de Psicologia (CRP) em parceria com os núcleos estaduais da ABEP, culminando com um seminário nacional previsto para o dia 14 de julho. Todas as atividades serão realizadas de forma *on-line*. A agenda dos seminários será disponibilizada em breve e poderá ser acompanhada tanto no site e redes sociais do CFP quanto dos Conselhos Regionais de Psicologia.

A ideia é que cada CRP construa uma agenda de reuniões com coordenadoras(es) de curso, orientadoras(es), supervisoras(es) e representantes estudantis locais para discutir sobre os impactos, as consequências e os desdobramentos do ensino remoto na formação de Psicologia, tendo como referência a Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, do Ministério da Educação. Ao final, cada Conselho Regional de Psicologia sistematizará o conteúdo desses diálogos, que será discutido em âmbito nacional na atividade do dia 14 de julho.

Embora a educação emergencial remota tenha sido apontada como possibilidade de atuação frente à pandemia do novo coronavírus, não existem consensos sobre sua adequação para a realização de estágios e práticas em Psicologia. Tampouco, conhecimentos acumulados sobre os impactos na formação de psicólogas(os) do uso da mediação tecnológica sem a presencialidade.

Tanto o CFP quanto a ABEP defendem a presencialidade dos estágios, considerando que os processos de ensino-aprendizagem pressupõem uma formação que se realiza na troca de experiências, implicando convivência e diálogo, além de práticas colaborativas fundamentalmente presenciais. Além disso, defendem as instituições, o conjunto de requisitos que formam a identidade profissional não se adquire por meio de ensino a distância, uma vez que essa dinâmica exige convivência, contato com as diferenças culturais, teórico-metodológicas e experienciais entre docentes, estudantes e a comunidade. (CFP; ABEP, 2020b, n.p)

No documento citado acima CFP e ABEP propõem um diálogo com as partes que identificam como sendo as mais interessadas naquela situação, porém, mais uma vez, buscam se posicionar de forma clara contra a possibilidade de os estágios acontecerem de forma remota. Firmam essa posição mesmo dentro do contexto de exceção gerado pela necessidade de isolamento social. É um convite para discussão, mas no texto do próprio convite já são colocados parâmetros contrários a abertura para a realização de atividades de estágio através de TICs. (CFP; ABEP, 2020b)

Em 23/07/2020 CFP e ABEP realizam o Seminário nacional (CFP; ABEP, 2020c), ao final de cada um dos seminários regionais, cada um dos CRPs sistematizou o conteúdo dos diálogos desenvolvidos em âmbitos regionais. Esse material foi recolhido, sintetizado e trazido para o evento nacional. Todo texto a seguir é transcrição direta do vídeo do seminário nacional. (CFP; ABEP, 2020c),

O evento é aberto pela presidente do CFP que dá as boas-vindas, faz os agradecimentos e coloca novamente o posicionamento contrário a mercantilização do ensino associada ao avanço do EaD. Conta que no evento será apresentada uma síntese das discussões realizadas a nível de CRPs.

Angela Soligo, Representante da ABEP coloca que “psicologia se aprende com presença” reafirma os argumentos contrários a expansão das práticas de EaD já elencados anteriormente. Apresenta uma linha do tempo com as comunicações do MEC e de outras entidades ao longo do período de pandemia. Afirmo a importância do aspecto democrático que norteia as entidades CFP e ABEP e coloca que essa postura democrática se expressaria na forma como esse seminário foi construído. Conta como foram realizados 24 seminários em todos os estados do país com o objetivo de pensar as práticas formativas em Psicologia, em especial os estágios, para esse período de excepcionalidade decorrente da pandemia do Corona Vírus. Foram ouvidos mais 600 coordenadores(as), mais de 900 docentes e supervisores(as) e mais de 2200 discentes do curso de Psicologia. Também foram escutadas as entidades do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB).

Em seguida foram apresentadas sínteses das tendências das ideias que surgiram nesses seminários, que resultariam em orientações e em um documento a ser publicado e divulgado pelo CFP e ABEP.

O roteiro da apresentação seguiu os seguintes itens:

- Síntese dos seminários regionais
- Posição das entidades do FENPB
- Reflexões finais: implicações

Os seminários foram orientados por eixos temáticos definidos a partir de cinco perguntas norteadoras:

- **Primeiro eixo:**
 - Que atividades práticas poderiam ser oferecidas emergencialmente em caráter remoto?

- **Segundo eixo:**
 - Que condições são requisitos indispensáveis para a oferta de práticas em caráter emergencial remoto?
- **Terceiro eixo:**
 - O que não deve ser oferecido/considerado estágio profissionalizante em modo remoto?
- **Quarto eixo:**
 - Pode-se dar um tratamento diferenciado às(aos) estudantes concluintes (último ano e/ou semestre)?
- **Quinto eixo:**
 - Essas possibilidades se diferenciam por área ou campo de atuação das (dos) psicólogas(os)?

Os 5 eixos foram apresentados oralmente por representantes do Sistema Conselhos, da ABEP e de entidades do FENPB.

Primeiro eixo: Que atividades práticas poderiam ser oferecidas emergencialmente em caráter remoto?

Foi colocado que esse eixo foi organizado pensando fundamentalmente em quais são os princípios norteadores das discussões levantadas para então avaliar quais são as possibilidades para o estágio emergencial remoto.

Dessa forma, foi considerado:

- O compromisso da Psicologia com as demandas sociais e para a atuação em situação de emergência e desastre.
- A presencialidade: Foi unânime durante os seminários que a Psicologia se faz com presença, mas que diante do momento de excepcionalidade da possibilidade do estágio remoto, se faz necessário estabelecer uma proporcionalidade entre o estágio emergencial remoto e o estágio presencial, ou seja pensar um percentual para cada modalidade. E garantir que a experiência presencial seja pré-requisito para o estágio emergencial remoto.
- O compromisso da qualidade da formação, estabelecendo um número máximo e estagiários(as)/turma por supervisora(or).
- Respeito as DCNs, que o estágio emergencial remoto esteja de acordo com as diretrizes estabelecidas para a formação em Psicologia e que diferença entre o ensino emergencial remoto e ensino à distância fique evidenciado.

- Equidade de condições para todas(os) as(os) estagiárias(os): não restringindo a possibilidade de estágio às(aos) que possuem recursos tecnológicos.
- Atenção para especificidades e diferentes contextos.
- Amplo diálogo entre a comunidade acadêmica e os campos de atuação.
- Articulação com as redes e compromisso com o serviço público.
- Atendimento à diversidade de áreas e ênfases, pensando em estratégias que englobem a Psicologia na sua riqueza, para além do âmbito da clínica.

Dessa forma, no que se refere as práticas aplicáveis ao formato de estágio emergencial remoto (serviços de Psicologia mediados por Tecnologias de informação e comunicação (TICs)) foram elencados os seguintes itens:

- Telepsicologia

- Acolhimento
- Orientação
- Apoio
- Plantão Psicológico

- Atividades síncronas e assíncronas organicamente articuladas no estágio.

- Reuniões com equipes de profissionais e grupos de usuários(as) de serviços, que promovam qualidade de formação experiencial do campo.

- Supervisão

- Foi delimitado que os grupos que poderiam ser beneficiados com a prática do estágio emergencial remoto seriam:

- Idosos(as), Jovens e Adultos(as). Não sendo permitido o atendimento à crianças.
- Populações, grupos e instituições que demandem os serviços de Psicologia.
- Profissionais da linha de frente no enfrentamento da COVID-19.

- Mulheres vítimas de violência (que não residam com o agressor).

Segundo eixo: Que condições são requisitos indispensáveis para a oferta de práticas em caráter emergencial remoto?

Durante os seminários surgiu a necessidade pensar quais são as condições necessárias para aplicação de práticas remotas garantindo a segurança, confiabilidade e uma realização de qualidade.

- Condicionantes gerais:

- Garantia de condições ambientais e materiais para atenção a princípios éticos (garantia de sigilo, privacidade, confidencialidade).
- Capacitação (qualificação) docente e discente.
- Avaliação constante sobre impactos do estágio remoto (por exemplo, por meio de um comitê formado por docentes e discentes).
- Atenção às características regionais (por exemplo, nem todas as regiões tem bom fornecimento de Internet).

- Para que o ensino e estágio emergencial remoto sejam possíveis, adequações são necessárias:

- Elaboração de protocolos orientadores, planos de atividades e material com subsídios para práticas remotas.
- Supervisoras(es) para acompanhar as atividades, quando necessário (avaliação de necessidade da(o) supervisora(o) no momento da atividade requerida).
- Relação adequada entre atividades remotas e presenciais, quando necessárias: práticas no serviço-escola (quando proposto pela instituição; atuação remoto a partir da instituição); estrutura física e condições de segurança e saúde.

- Acessibilidade

- Conhecer/identificar a realidade de acessibilidade das(os) estagiárias(os) (condições físicas e tecnológicas).
- Empréstimo/aquisição de equipamentos para estudantes.
- Equipamentos de qualidade (condições de acessibilidade por docentes e estudantes)
- Aprimoramento das plataformas
- Internet de qualidade (ofertada pelas IES; parcerias com empresas para planos de baixo custo; auxílio-bolsa para contratação de internet)
- Garantia de acesso ao público atendido.

- Condições de trabalho

- Atenção à saúde mental e bem-estar de docentes e estagiárias(os).
- Condições adequadas de trabalho docente.
- Condições adequadas de supervisão.
- Oferta de ferramentas pela instituição para o trabalho docente.
- Oferta de formação para docentes e estudantes para uso de ferramentas e recursos *on-line*.
- Diálogo com instância sindical.

Terceiro eixo: O que não deve ser oferecido/considerado estágio profissionalizante em modo remoto?

Os seguintes tópicos foram elencados:

- Em relação a população:

- Atendimento emergencial remoto à criança
- Crianças e adolescentes vítimas de violência e violência sexual.

- Condições não atendidas

- Ausência de cadastro no e-Psi das(os) supervisoras(es)
- Não atendimento de condições que garantam princípios éticos (sigilo, privacidade, confidencialidade)
- Estágio para estudantes que estão iniciando as práticas, que ainda não tiveram experiência presencial.
- As práticas do estágio emergencial remoto não podem ser:

- substituídas por atividades sociais e informativas;
- Grupos de estudo, discussões teóricas, estudo de caso, análise de filmes e simulações;
- Pesquisa científica fora de uma ênfase em processo de investigação;
- Elaboração de documentos (que não estejam organicamente vinculados às demais ações do estágio);
- Dar continuidade ao estágio quando há experiências ou intercorrências negativas/problemáticas com a sua realização de modo remoto (supervisor(a) deve assumir a atividade);
- Estágios em que não haja garantia de guarda de documentos (virtuais ou físicos).

Quarto eixo: Pode-se dar um tratamento diferenciado às(aos) estudantes concluintes (último ano e/ou semestre)?

- Possibilidade de conclusão do curso tendo cumprido presencialmente a porcentagem substancial da carga de estágio (nunca inferior aos marcos legais).
- Continuação de forma remota dos estágios já iniciados presencialmente.
- Formação para atendimento *on-line*.

Quinto eixo: Essas possibilidades se diferenciam por área ou campo de atuação das (dos) psicólogas(os)?

Durante os seminários surgiu a questão de quais seriam as áreas que poderiam efetivamente compor as atividades de estágio emergencial remoto? Dessa discussão surgiram nove áreas de atuação e sugestões para essas práticas:

- Clínica:

- Atendimento remoto (na instituição, desde que atendida todas as normas de biossegurança);
- Orientações *on-line*;
- Continuidade de atendimentos iniciados presencialmente;
- Práticas psicoterápicas;

- Elaboração de documentos referentes ao estágio.

- Jurídica:

- Interlocução com políticas públicas;
- Atendimento a demanda do Tribunal de Justiça (interação remota de mediação com a presença do supervisor(a), quando necessário) ;
- Acompanhamento do trabalho dos profissionais do Tribunal de Justiça;

- Avaliação Psicológica:

- Entrevista

- Psicologia Organizacional e do Trabalho:

- Recrutamento, seleção, entrevistas;
- Práticas em empresas que já atuam de modo remoto;
- Participação em reuniões de campos de estágio.

- Escolar:

- Atividades remotas com familiares, profissionais, professoras(es) e demais profissionais da educação;
- Orientação vocacional (sem aplicação de testes)
- Atividades psicoeducativas.

- Saúde/Assistência Social (foram incluídas no mesmo eixo em função das respostas terem sido muito similares):

- Supervisões com uso de TICs;
- Grupos *on-line* com trabalhadores(as) e usuários(as) da Saúde e da Assistência Social;
- Teleatendimento multiprofissional;
- Projetos de mídia para educação em saúde (Facebook, Instagram, Telegram, Jornal, etc).

- Licenciatura:

- Manuseio de documentos da escola;

- Elaboração do plano de aula.

- Social/Comunitária:

- Grupos, seminários, atividades abertas para comunidades.

Quanto à posição das entidades ligadas à psicologia, que compõem o Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), foi apresentada a seguinte síntese:

Diante do questionamento da possibilidade da oferta de práticas ou estágios remotos as entidades apresentaram posicionamentos diferentes.

- Entidades contrárias a prática de estágios remotos:

Associação Brasileira de Profissionais e Especialistas em Educação (ABRAPEE);

Associação Brasileira de Psicologia Política (ABPP);

Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO).

Justificaram o posicionamento em concordância com a nota CFP/ABEP publicado em Junho, onde não recomendavam a oferta de estágios de forma remota, com os argumentos:

- Evitar o processos de precarização da prática docente;
- Acessibilidade dos seguimentos vulneráveis (Pontos que surgiram de forma homogênea a dos seminários);
- Estágio como dimensão formativa fundamental;
- Não exclusão de alunos;
- TICs deveriam ser peças auxiliares na presencialidade e não substitutas.

- Entidades a favor:

Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP);

Associação Brasileira de Psicologia Positiva (ABP+);

Associação Brasileira de Psicologia da Saúde (ABPSA);

Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (AsBRo);

Associação Brasileira de Psicologia de Tráfego (ABRAPSIT);

A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP);

Associação Brasileira de Psicologia Jurídica (ABPJ);

Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP);

Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP);

Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC);

Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP);

Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH);

Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho (SBPOT);

Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP).

Essas entidades defendem que a presencialidade fundamental, mas que diante da excepcionalidade do momento se colocam a favor da oferta de estágio emergencial remoto e justificam:

- O momento de crise requer ajustes ou condicionalidades
- Diferentes níveis de práticas.

As entidades teriam se preocupado com os estágios do núcleo comum, com os componentes práticos, atividades práticas dos componentes disciplinares.

Campo da Avaliação Psicológica- IBAP; ASBRo

- Possibilidade de oferta remota:

- Ênfase nas competências e habilidades fundamentais necessárias para o psicólogo(a) conduzir de forma ética e competente uma AP;
- Praticar os procedimentos informatizados e remotos em situações simuladas antes de realizá-los em situações reais com clientes;
- Se necessário o uso de algum teste psicológico, utilizar restritamente aqueles aprovados para aplicação remota.

- Condições necessárias:

- NÃO utilizar testes psicológicos aprovados pelo SATEPSI. Utilizar apenas instrumentos de livre acesso disponíveis em artigos científicos;
- Ensinar testes *on-line* de forma síncrona, não disponibilizando aulas gravadas. Monitoramento audiovisual durante toda a administração do teste;
- Destacar a importância de proteger os materiais de teste; utilizar um Termo de Compromisso com a integridade e a segurança dos materiais de teste.

Campo da Clínica/Saúde - ABP+; SBPH; ABPSA; ABRAP; IBNeC; SBnP.

- Possibilidade de oferta remota

- **Contexto hospitalar**
- **Acesso virtual à realidade clínica e institucional** (participar de reuniões e acompanhar as discussões em andamento).
- **Saúde**
 - É possível o atendimento remoto na atenção básica em saúde. Apoio social e acolhimento. Atendimento psicológico *on-line*, incluindo profissionais de saúde, a pessoas em situação de luto.
- **Neuropsicologia**
 - Entrevistas, análise de vídeos e tarefas verbais ou testes validados pelo CFP;
 - Reabilitação individual de casos em que há avaliação neuropsicológica prévia presencial;
 - Reabilitação com encontros *on-line* de psicoeducação em grupo;
 - Reabilitação com encontro *on-line* de apoio e orientações para pacientes para compartilhamento de experiências.

- **Condições necessárias**

- A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA não deve ser realizada por via remota, ainda que síncrona, em nenhuma fase do desenvolvimento (criança, adultos ou idosos);

- Assegurar o acesso ao modo pelo qual os seus supervisores e os demais profissionais de saúde têm enfrentado os desafios impostos pela crise sanitária;
- O atendimento psicológico mediado por tecnologias, na situação da formação só pode ser desenvolvido se o aluno tiver tido alguma experiência de atendimento presencial previamente; (ABRAP)
- As tecnologias virtuais podem ser incorporadas como dispositivos pedagógicos auxiliares. Definir um percentual de carga horária viável para atividades remotas.

Campo do Trabalho - SBPOT; ABOP.

- Possibilidade de oferta remota

- **Psicologia do Trabalho**

- Análise de processos de trabalho (redução de riscos à saúde);
- Observação de postos de trabalho (vídeos)

- **Psicologia Organizacional**

- Levantamentos e pesquisas sobre vários fenômenos individuais e grupais;
- Análise de processos de mudança (inclusive da pandemia).

- **Gestão de Pessoas**

- Todas as práticas desenvolvidas sob a forma teletrabalho.

- **Orientação Profissional**

- Intervenções de informação em Orientação Profissional (e posteriormente escolar);
- Intervenções psicopedagógicas em Orientação Profissional;
- Intervenções dialógicas do conselho de acompanhamento à construção do si;
- Planejamento de carreiras com ênfase na estrutura da vida.

- **Condições Necessárias**

- A carga-horária prática não pode ser substituível por atividades complementares, como ler livros, assistir filmes, simular atividades fora do contexto de trabalho;
- Foco importante: impactos da pandemia no mundo do trabalho;
- O ambiente de trabalho, para muitos profissionais, hoje, passa a ser remoto: estágio em condições similares.
- Risco: A substituição de processos mediados por computador pelos processos realizados por inteligências artificiais e plataformas de informação sem interação com humanos.

Campo Trânsito e Justiça – ABRAPSIT; ABPJ.

- Possibilidades de oferta remota

- **Psicologia do Trânsito**

- Educação para o trânsito
- A realização de pesquisas através das diversas tecnologias atuais;
- O suporte às vítimas de acidentes, aos seus familiares, aos profissionais do volante;
- O trabalho de sensibilização aos candidatos a obtenção da CNH;
- Acolhimento e sensibilização dos condutores que apresentam traumas para a condução veicular;
- Participação na elaboração de projetos de segurança viária.

- **Psicologia Jurídica**

- Revisão de processos;
- Caracterização de uso de instrumentos;
- Indicação sobre tipos e limitações de técnicas;
- Processos de aprendizagem a partir de problemas casos.

- Condições Necessárias

- Impossível: perícia psicológica para fins de CNH
 - Para a devida possibilidade de perícia psicológica para fins de CNH será necessário o desenvolvimento e aprovação das técnicas remotas

que se apliquem a totalidade do contexto e de normatizações que garantam ao profissional psicólogo um campo de atuação técnico e ético.

- Atividades remotas não abarcam todo o campo; são pontuais e não podem responder por todo o estágio na área jurídica.

Campo Formação Básica - ANPEPP; SBHP; SBP.

- Possibilidades de oferta remota

- **Disciplinas teórico-práticas**
 - Atentar para contextos em que práticas presenciais foram substituídas.
- **Disciplinas práticas de laboratório**
 - Há disponibilidades de softwares que simulam condições experimentais.
- **Disciplinas de formação em pesquisa** (IC, TCC, Estágio do núcleo comum)
 - **Revisão de literatura, a coleta de dados na forma de formulários *on-line* e mesmo entrevistas realizadas por ferramentas *on-line* ou videoconferência;**
- História da Psicologia, Fundamentos Epistemológicos da Psicologia, Teoria e Sistemas Psicológicos e outras congêneres podem ser lecionadas na modalidade remota.

- Condições Necessárias

- É preciso olhar, caso a caso, considerando a diversidade de áreas e campos: que práticas e estágios possíveis de migrarem para o modo remoto;
- Há áreas que, antes mesmo da pandemia já estruturam suas atividades na modalidade remota – especialmente no campo dos serviços;
- Atentar para o RISCO de contribuir para o divórcio entre teoria e prática: se for ministrada parte teórica *on-line* e a prática postergada pós período de isolamento social;
- Os planos de devem ser reformulados para o modo *on-line*, com incorporação das competências e habilidades esperadas.

Reflexões finais:

Ao final do evento a Presidente do CFP e a representante da ABEP assumiram a palavra e buscaram definir algumas “implicações” decorrentes do seminário nacional.

1. Defender condições dignas de trabalho e de contrato de docentes;
2. Apoiar políticas públicas e institucionais que garantam acesso e permanência dos estudantes no Ensino Superior;
3. Criar GTs, comitês permanentes e fóruns para discussão e acompanhamento (esses últimos com presença de entidades);
4. Elaboração de nota pública direcionada à sociedade, IES, CNE e MEC sobre as resoluções elaboradas a partir do Seminário;
5. Elaboração de nota conjunta sobre os impactos no trabalho docente;
6. Gerar orientações, parâmetros, regulamentação pelo CFP e ABEP.

Por último algumas das perguntas colocadas no chat do Youtube foram respondidas. (CFP; ABEP, 2020c),

Em 23 de fevereiro de 2021, quando já alcançávamos cerca de um ano de pandemia, o CRP e a ABEP capitanearam a realização de uma nova *live* juntamente com outras entidades. Essa *live* teve o título: “Ensino De Psicologia Na Pandemia” (CFP; ABEP, 2021). Nessa ocasião o mesmo posicionamento contrário às práticas de ensino através de TICs foi apresentado, sempre em nome de uma não precarização do ensino. Nesse evento foi utilizado novamente o bordão “psicologia se **faz** com presença”, estabelecendo mais uma vez a relação de presença com a proximidade física e estendendo a ideia da necessidade da presença física para a adequada realização de práticas psicológicas de forma geral. Nessa *live* também foi feita a afirmação de que a pandemia estaria acelerando o processo de precarização do ensino de psicologia, processo esse que, segundo essas instituições, já estaria sendo implementado a algum tempo (CFP; ABEP, 2021).

Considerações:

Nos chama a atenção o movimento de resistência ao ensino à distância mesmo dentro de um contexto de pandemia. Ficou muito forte a busca de evitar que essa prática se desse mesmo em um período de exceção como aquele. Parecia existir um medo de que, caso ocorresse alguma ampliação no espaço do EaD, não

seria possível o retrocesso ao final daquela situação de emergência. Caso a porteira fosse aberta não poderia ser novamente fechada.

Difícil não surgir questionamentos como: se a diferença de qualidade entre essas duas formas de ensino fosse tão evidente não ficaria fácil retroceder após o término da necessidade de isolamento social? Seria difícil demonstrar a inadequação de tais práticas de ensino?

Se a resposta para as questões elencadas acima forem afirmativas, no mínimo estamos diante de um contexto em que as percepções positivas ou negativas não são tão facilmente evidenciadas. O contraste não seria tão grande assim ou ainda a possibilidade de mensuração não seria tão palpável como a paixão explicitada pelos posicionamentos das instituições envolvidas evidencia. Sendo assim, surge mais uma vez a pergunta: se a questão não está relacionada a um evidente decréscimo de qualidade de ensino então está ligada a que outros interesses? Seria a busca de manutenção de uma realidade conhecida? Seria a busca de evitar um risco de perda de postos de trabalho? Seria uma busca de controle em relação ao número de psicólogos formados anualmente?

Quaisquer que sejam as razões envolvidas nessa questão, nos parece que quanto mais claramente elas forem explicitadas, mais condições teremos de identificar os melhores caminhos a serem seguidos.

Chama a atenção o quanto é feita uma associação entre ensino à distância e precarização de ensino. Não percebemos um movimento no sentido de desenvolver referências para um ensino de qualidade mesmo que à distância. Não seria possível buscar os ganhos que as TICs podem proporcionar associados a parâmetros que possam nos trazer um ensino desenvolvido de forma ética e cuidadosa? Esse questionamento surge à luz do que pudemos observar nas respostas dos questionários que retratamos em nosso item anterior. Chama a atenção o distanciamento nas posições que pudemos elencar nesses dois capítulos. No primeiro temos relatos de estudantes predominantemente satisfeitos com suas experiências de ensino à distância, por outro CRP e ABEP afirmando a precariedade dessas práticas.

Será que ensino e estágio precário teria relação com o meio virtual? Será que seriedade e postura ética tem relação com o contexto de presencialidade? Por exemplo, existe a recomendação de que nos estágios os atendimentos, mesmo virtuais, devem acontecer nas instalações das IES, como se dessa forma se

pudesse garantir uma situação de sigilo que poderia não ser respeitada nas residências dos estagiários. Nós já tivemos acesso a salas de SPA com divisórias de Eucatex sem proteção acústica. Nesse caso existe uma falta ética mesmo dentro de um contexto de presença física. Por que se acreditaria que os estudantes não possuiriam ambientes adequados para o atendimento e o psicólogo formado possuiria?

Cabe lembrar o que identificamos no item anterior, isso é, as pessoas que responderam nosso questionário expressaram uma surpreendente satisfação em relação ao ensino à distância mesmo dentro de um contexto tão adverso. Cursos realizados de forma improvisada e em meio aos sofrimentos causados por uma pandemia.

Tanto no campo do ensino como no da psicologia clínica, a medida em que a aproximação com as TICs se tornou necessária, temos identificado a percepção de resultados bem mais positivos do que muitos psicólogos esperavam. Porém, em especial no âmbito do sistema conselhos, no que se refere a aspectos ligados ao ensino, essas percepções não têm sido reconhecidas e uma grande ênfase vem sendo dada a situações em que fatos inadequados são encontrados, como se no ensino presencial eles não existissem. A falta de cuidado com a qualidade do ensino não tem relação direta com ele se realizar com presença física ou através de TICs. Tem mais relação com compromisso, ética dedicação e preparo.

Uma das consequências do contexto de pandemia foi a propagação de um tipo diferente de aulas EaD, essas realizadas em tempo real, como vivenciamos no IGT e como acompanhamos em várias outras instituições. Vários colégios e universidades adotaram este tipo de ensino e os resultados parecem ter variado muito de instituição para instituição. No documento produzido a partir do Seminário Nacional que teve o título: “Práticas E Estágios Remotos Em Psicologia No Contexto Da Pandemia Da Covid-19 Recomendações” (CFP; ABEP, 2020b) esse estilo de ensino ganhou o nome de “Ensino emergencial remoto” de forma a estabelecer uma diferenciação em relação ao EaD mais tradicional.

No IGT tivemos bons resultados com essa forma de ensino, como pudemos observar através das respostas obtidas no questionário apresentado no item anterior. Nossa inserção como coordenador de um instituto que em seus cursos busca continuamente a excelência e que tem encontrado possibilidades muito interessantes, em especial, a partir do “ensino emergencial remoto”, nos força a

trazer nesse ponto um depoimento pessoal: não encontramos, em nossa experiência institucional, algo que pudéssemos identificar como possibilidades precárias em relação ao ensino à distância que desenvolvemos no IGT ao longo do período de pandemia. A diversidade cultural aberta pelo ensino à distância nos trouxe um contexto de muita riqueza. Conseguimos desenvolver possibilidade de relações vivas e intensas mesmo nas trocas mediadas por TICs. Em nossa instituição trabalhamos com turmas de no máximo 16 (dezesesseis) alunos, esse número não foi aumentado em função da utilização de recursos tecnológicos. Temos que afirmar que é possível realizar um trabalho sério e comprometido mesmo que à distância. A seriedade e consistência do trabalho não depende da presença física, está ligada outros aspectos.

A partir de nossa experiência, no momento em que redigimos esse texto, acreditamos que a qualidade do ensino, sendo ele à distância ou presencial, depende em especial do comprometimento ético e profissional das instituições formadoras, da clareza de valores e objetivos e do preparo dos profissionais envolvidos. No que se refere ao ensino à distância, essa qualidade, depende também da abertura para buscar novas possibilidades tecnológicas, meios para a construção de um contexto adequado de trocas educacionais. Depende também do conhecimento tecnológico e do preparo dos profissionais envolvidos nessa busca. Esses são alguns dos principais fatores que definem a qualidade dos resultados no processo de ensino. Os meios para a realização de ensino de qualidade mesmo que à distância existem.

Acompanhando a experiência de minhas filhas, uma em idade escolar e outra no contexto universitário, não identificamos os mesmos resultados que estávamos encontrando no IGT. Ambas trouxeram uma percepção de decréscimo de qualidade em seus processos educacionais. Viveram a experiência das aulas realizadas em tempo real, porém com os alunos mantendo suas câmeras desligadas e descreveram dificuldades parecidas com as apresentadas por algumas das pessoas que preencheram nosso questionário apresentado no item anterior, que haviam passado pelo mesmo tipo de experiência.

Mas uma vez temos a percepção de que seria muito importante tirar proveito da experiência gerada pelo isolamento social que estamos experimentando por estarmos desenvolvendo práticas consistentes com nosso momento sócio-histórico em todas as áreas ligadas à psicologia. A ideia que era muito difundida no âmbito da

psicologia de que presença humana dependeria de presença física é uma das crenças que o período de isolamento social colocou em xeque. Muitos profissionais ligados a práticas exercidas por psicólogos foram surpreendidos em relação a essas crenças. No próximo item buscamos examinar de forma um pouco mais cuidadosa essa forma de pensar a partir da definição do conceito de intimismo virtual que buscamos cunhar.

A seguir trataremos de um fenômeno que já nos chamava a atenção antes mesmo do período de isolamento social e que ajuda a compreender algumas das diferenças entre o atendimento com presença física e o atendimento em que a presença se dá de forma virtual.

4.3.14 O intimismo virtual

Em entrevista concedida ao Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP), em 16 de junho de 2020 (EBEP, 2020), o consagrado psicanalista Joel Birman, na busca de descrever a “experiência psicanalítica” no contexto de pandemia, conta que com o isolamento social foram forçados a suspender as consultas presenciais e todos foram lançados no mundo das consultas virtuais, por telefone, por whatsapp ou Skype. Conta que já existiam profissionais que exerciam este tipo de prática, mas que no caso dele não vivia cotidianamente essas formas de atuação.

Conta que a grande maioria de seus pacientes aceitou fazer suas análises de forma virtual, poucos não aceitaram e fizeram a opção de esperar o término do período de isolamento. Conta que de forma geral tem atendido por telefone e que apenas um ou dois de seus pacientes tem tido sessões por whatsapp por preferirem este caminho, por preferirem ser vistos. Confessa que estava cético em relação ao que iria acontecer e que achava que alguns pacientes também estavam céticos em relação a possibilidade de análise de forma virtual. Acreditava que ficaria mais num trabalho de suporte em relação às angústias imediatas geradas por essa circunstância, mas que confessava ter sido surpreendido.

Fui surpreendido porque me vi diante de um incremento muito grande das intensidades do envolvimento das pessoas na experiência de análise. De pessoas que independente do fato de estarem fazendo análise por telefone, elas fazem análise pelo

telefone como se estivessem no meu consultório, como se estivessem deitadas no divã ou se estivessem face a face comigo. Elas fazem análise exatamente da mesma forma: com a mesma intensidade, com a mesma produção psíquica comum. Fazendo seus processos de associações livres, sonhando, trazendo sonhos, analisando sonhos, fazendo lapsos. Enfim tudo isso que a gente conhece das nossas práticas psicanalíticas propriamente ditas, em um nível de intensidade que me surpreendeu. Esse foi um depoimento de muitos pacientes meus que diziam que não esperavam que fosse acontecer isso, mas o fato é que está acontecendo. Então eu acho interessante esse tipo de relato vindo da parte dos meus analisandos em relação a isso, além da minha experiência com eles, em que houve um incremento deste tipo de envolvimento, de intensidade, inclusive tem relatos de pacientes de que fazer análise nessas condições produziu para eles verdadeiras inflexões em suas análises. Deles poderem explorar universo até então nunca explorados de sua psique, por conta do mergulho que essas intensidades provocaram.

Evidentemente que diante dessa experiência duas perguntas se colocam: primeira pergunta é o seguinte: por que isso acontece? Evidentemente eu como analista não posso me furtar a ter que fazer essa pergunta de por que isso acontece, né? E evidentemente que eu fui em busca de tentar formular uma resposta para isso. E a resposta para isso se deu da seguinte maneira: eu acho que as pessoas sob a experiência do corona vírus, vivendo a experiência eminente da morte, vendo a sua vulnerabilidade no estado limite, em estado de desamparo ou de desalento, elas tem a sensação que elas tem que intensificar a sua relação com a vida. Elas têm que tentar dar tudo que podem, porque elas estão vivendo uma situação limite. Elas estão vivendo a sua finitude de maneira radical. Eu estou usando aqui o conceito de finitude no sentido que o Foucault utiliza a experiência da finitude, no sentido que o Heidegger fala da experiência da finitude, mas também que a gente pode traduzir essa experiência da finitude em termos de Freud, naquilo que Freud chama da experiência da castração, do limite da castração. Então, os nossos pacientes vivendo a experiência do corona vírus investem na análise, dão tudo porque eles estão vivendo uma experiência limite e eles efetivamente sabem que a vida é finita, que a vida não é infinita. Diferentemente do que eles faziam antes quando se analisavam. O que eles faziam antes: a pesar deles saberem que eles eram mortais, como no título do livro da Simone de Beauvoir, "Todos os Homens São Mortais" a gente acreditava que era mortal mais ou menos. A gente era mortal, mas acreditava que era imortal, né? Segundo aquele preceito lá do Octave Mannoni, eu sei, mas mesmo assim havia uma recusa de acreditar que a gente era mortal, então havia uma ilusão de eternidade. De forma que o que a pandemia trouxe e nos obrigou a viver na sua radicalidade: a experiência da finitude. Por isso a análise pode operar e pode funcionar exatamente porque isso: viver nesse limite é fundamental para qualquer possibilidade de experiência analítica, com ou sem a presença do analista. (EBEP, 2020)

Interessante a forma como Joel busca compreender o acréscimo de intensidade que identificou na experiência de atendimento *on-line*. A ideia de que a proximidade da morte teria gerado este ganho de intensidade faz sentido para quem começou a viver este tipo de atendimento em meio a pandemia. Para nós, que já vínhamos experimentando este tipo de prática antes desta situação, essa explicação não é suficiente, visto que esse tipo de fenómeno já vinha sendo verificado em um contexto em que essa ameaça não estava presente, como pudemos identificar nos exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Em 2019 havia acompanhado como supervisor uma relação terapêutica que transpareceu algo que, naquela época, já vínhamos presenciando em outros atendimentos. Naquela relação ficou evidente como terapeuta e cliente puderam enriquecer suas possibilidades de troca a partir de momentos em que viveram seus encontros terapêuticos através de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Eles conseguiram ficar mais perto um do outro através da internet.

Um aspecto peculiar e especialmente interessante que pudemos observar em relações mediadas por TICs foi a possibilidade de um certo acréscimo de sensibilidade em trocas mediadas por este tipo de recurso.

Abaixo traremos fragmentos de um artigo escrito por nossa supervisionanda, Juliana Pontillo, este texto naquele momento se encontrava no prelo. Neste artigo ela descreve uma experiência vivida em sua prática supervisionada na especialização em psicologia clínica que cursou no IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar. E nele poderemos observar alguns aspectos do que gostaríamos de examinar.

O primeiro atendimento do cliente no IGT foi no dia 13 de agosto de 2018. O cliente procurou o atendimento psicológico na clínica social do IGT com um diagnóstico de esquizofrenia. Contou na 1ª sessão como foi o “primeiro e único surto” que ocorreu em outubro de 2016: “Me tremia todo e fui internado. Depois em casa só queria dormir!” Ele foi afastado do trabalho pelo INSS. [...]

acredito ser importante contextualizar que este cliente no atendimento presencial não se mostrava aberto ao contato físico, ele dentro da sala de atendimento em muitos momentos não me olhava nos olhos e fixava constantemente o olhar para o teto ou na direção da porta.

Nome do cliente fictício: Jorge.

Por seis meses os atendimentos foram exclusivamente presenciais e semanais. O primeiro atendimento *on-line* foi no dia 05 de fevereiro de 2019.

Primeiro atendimento *on-line*:

[...]

Chamou minha atenção ser a primeira vez que ele chorou numa sessão.

Durante a supervisão desse caso observamos que ele funciona mais na vida *on-line*, com “anteparo”, um computador mediando a relação. [...] “Ela veio e acabou!”

Essa observação do supervisor Marcelo Pinheiro (“Ela veio e acabou!”) é em referência a noiva que morava em São Paulo. Ele a conheceu através de um chat de relacionamento. Eles tiveram um relacionamento de um ano e meio com algumas idas dele lá, mas bem espaçadas. Nesse último encontro eles estavam 6 meses sem se ver. Ela veio com o filho passar Natal e Ano Novo no Rio de Janeiro e em janeiro eles terminaram o relacionamento por mensagens e nunca mais se falaram.

Nos atendimentos seguintes (que se revezaram em presencial e *on-line*) fiquei atenta para investigar essa forma dele agir mais emocionalmente presente quando longe [...]

Data do atendimento: 11/02/19.

Contei para ele que longe ele fala que tinha planos com a ex-noiva. E que quando ficaram juntos de alguma forma o relacionamento acabou. Pergunto como ele vê isso.

Ele responde que não consegue descrever, mas lembra que aqui com ela que ele mudou totalmente. Teve uma inversão. Eu fiquei pessimista! Caiu essa ficha pra mim.[...]

Eu falei da minha curiosidade de *on-line* ele falar e se emocionar mais comigo e fico curiosa de como foi o contato com ela presencialmente, pois ele parecia mais distante dela (ele me contou que no sofá, por exemplo ele ficava distante, na verdade um no sofá e o outro no chão).[...]

2° atendimento *on-line*

Data do atendimento:16/04/19

Ele estava de cabelos cortados e na casa da nova namorada que mora em Campos (outro município do estado do Rio de Janeiro). [...]

Ele conta que tinha um conflito grande em relação a relacionamentos. Diz que hoje se assemelha mais com o que teve com a primeira noiva,[...] em relação a 4 paredes. [...] Ele diz que se o relacionamento está bom fora...lá dentro (na cama) é bom. É um reflexo.

Falo que é legal ver essa dança. Que vejo o sexo como uma dança.

Ele diz que é travado e não consegue falar a palavra sexo.

Falo que é curioso as palavras travarem.

Ele diz que deve ter tido uma educação machista e contou um episódio íntimo com a mãe do filho dele (exemplo: esposa).

Falo com ele da minha sensação de conseguirmos falar coisas mais íntimas por ser *on-line*. [...]

Fico com a sensação de ele estar mais a vontade e sem problemas pra falar intimidades e da nossa relação terapêutica. [...]

Essa namorada ele conheceu num chat de relacionamento também. O que nos chamou atenção nesse segundo atendimento *on-line* foi ele pela primeira vez falar sobre sexo.

Vejo como importante lembrar que nas consultas presenciais anteriores e posteriores às *on-line* o cliente em muitos momentos não me olhava nos olhos. Ficava em muitos momentos olhando pra porta ou pro teto.

Essa diferença de contato nas duas modalidades me fez pensar e sentir como a presença física no mesmo espaço não é determinante. E que o contato pode se dar de forma até mais intensa no *on-line*. Com mais momentos de emoção e mais coragem pra tocar em assuntos delicados que no presencial possa vir com a vergonha como impeditivo. (PONTILLO, 2020)

Nestes fragmentos podemos observar indícios que nos sugerem que o cliente teria podido experimentar uma relação de maior liberdade. Talvez o decréscimo de tensão possibilitado pelo fato de existir a mediação dos recursos ligados à virtualidade tenha favorecido a relação. Tenha facilitado que o cliente pudesse se deixar aproximar pela terapeuta de uma forma bem diferente do que vinha conseguindo no atendimento presencial. Esse fenômeno merece um nome. Vamos chamá-lo aqui de “intimismo virtual”.

Há alguns anos temos nos visto aproximando deste mundo diferente que as possibilidades de trocas através de recursos virtuais têm possibilitado. Precisamos conhecer melhor esse fenômeno, o intimismo virtual. Ele tanto pode se fazer presente em relações terapêuticas como também em várias outras possibilidades de troca.

No âmbito da psicologia clínica o “intimismo virtual” traz condições que podem, como no caso acima, criar um contexto interessante para um processo terapêutico. Porém, é importante que o psicólogo compreenda bem esse tipo de fenômeno para conseguir entender as experiências de seus clientes. Vou colocar a seguir um outro relato que ilustra minha colocação:

Relatório de campo de 12/05/2019.

A virada de módulo gera uma situação em que a supervisão de casos no IGT fica distanciada, com isso, ocorreu um acúmulo de sessões a serem trazidas à supervisão por alunos do curso de especialização que acontece no Instituto. Uma aluna tinha 10 sessões para trazer à supervisão.

A aluna começou a ler seus relatórios, que felizmente estavam muito bem escritos, foi como uma novela em capítulos, sendo que no terceiro ou quarto capítulo ocorreu uma sessão *on-line*, fato que naquela época estava começando a se tornar comum nos atendimentos realizados na clínica social do IGT.

Antes mesmo de iniciar o relato da sessão *on-line* a aluna se apressou em dizer que não gostava muito da ideia de viver este tipo de atendimento. À medida em que foi descrevendo os fatos ocorridos naquela sessão, pudemos perceber uma intensidade marcante na mobilização afetiva experimentada naquele encontro.

Chamou a atenção o contraste entre o que foi vivido naquele atendimento em comparação ao que se deu nos demais. A cliente chorou muito e trouxe em seu discurso um conteúdo que gerou na psicóloga uma grande preocupação em relação à possibilidade da mesma fazer algo contra a própria vida. Em momentos anteriores esta possibilidade já havia sido aventada pela cliente. Mas naquela sessão em especial a forma como a cliente se mobilizou gerou uma grande preocupação na psicóloga, e o fato do atendimento ser *on-line* agravou esta preocupação. A psicóloga não identificava no contexto da virtualidade recursos para atuar de forma suportiva no contato com sua cliente.

Dentro deste contexto a psicóloga decidiu ativar a rede social de sua cliente. Combinou de ela relatar o que estava vivendo para sua mãe que estava na casa aonde a mesma se encontrava. Se a mãe da cliente não fizesse contato telefônico com a psicóloga em um prazo de 2 horas, a psicóloga tomaria a iniciativa de fazer contato telefônico com a mesma. Tudo correu bem. A mãe da cliente ligou dentro do prazo estabelecido e esta situação promoveu transformações nas relações: Essa mãe passou a acompanhar mais de perto o que a filha estava vivendo. A cliente, em um primeiro momento pensou em interromper a terapia, em função de ter sido forçada a se expor na relação com sua mãe, mas posteriormente pareceu construir um vínculo ainda mais intenso com sua psicóloga.

Na supervisão conversamos como vínhamos observando com uma certa frequência a ocorrência de sessões muito intensas do ponto de vista afetivo em atendimentos *on-line* realizadas no transcorrer de processos terapêuticos presenciais. Talvez se esta aluna tivesse mais experiência neste tipo de situação, não fosse surpreendida pela intensidade emocional experimentada naquele encontro e possivelmente não tivesse tomado as decisões que tomou.

Este é um bom exemplo de como as diferenças entre o atendimento presencial e o atendimento *on-line* precisam ser bem conhecidas por psicólogos clínicos. Não é possível tratar estas práticas com se fossem práticas equivalentes.

Este fenômeno ao qual estamos dando o nome de “intimismo virtual”, trata-se de um ganho de segurança experimentado por terapeuta e cliente, quando no contexto de virtualidade. As pessoas parecem ficar mais à vontade. Como se o peso do olhar do outro se desse com menos intensidade quando se está vivendo um contato mediado por TICs. As pessoas com muita frequência terminam se permitindo exposições que nem sempre são possíveis dentro do contexto de um atendimento presencial. Um terapeuta que não tem consciência dessas diferenças pode ser surpreendido e interpretar de forma inadequada essas diferenças. Uma percepção semelhante acerca desse fenômeno também foi trazida por Maria Adélia em sua participação em nosso I Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade como já relatamos no item 4.3.1.

Este fenômeno, como já colocamos, não se restringe às práticas psicoterapêuticas. Ele pode ser observado em contextos como conversas através de chats, de *WhatsApp* e de outras redes virtuais. Ao longo da pandemia pudemos observar essa maior facilidade de mobilização em aulas realizadas de forma virtual e também nas palestras quinzenais realizadas no IGT. Essa é uma das diferenças que já conseguimos conceituar de forma clara. Certamente ao longo do tempo outras diferenças significativas poderão ser identificadas, ampliando nossa compreensão em relação às possibilidades clínicas virtuais e também nos auxiliando a revisitar as possibilidades clínicas dentro de um contexto de presença física iluminadas agora por esse novo contexto.

A partir da percepção das diferenças entre os encontros terapêuticos dentro de contextos presenciais e virtuais, buscamos divulgar um questionário para termos acesso as mudanças na percepção de diversos psicólogos sobre esses contrastes.

Buscamos colocar nosso foco, especialmente, em como a experiência do atendimento virtual durante o período de isolamento social transformou suas percepções acerca das possibilidades de trabalho psicoterapêutico com o intermédio de TICs.

4.3.15 O que mudou na visão de psicólogos em relação ao atendimento através de TICs a partir da pandemia Covid – 19

Para entendermos as transformações performadas pela pandemia Covid-19 na percepção de psicólogos em relação às práticas psicoterapêuticas realizadas através de TICs, elaboramos um questionário que foi divulgado através de redes sociais, por e-mail para a mala direta do IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar e, também, junto a participantes de eventos realizados neste instituto. Esse questionário foi veiculado entre 26/07/2021 e 16/10/2021. Foi respondido por 105 psicólogos ou estudantes de psicologia brasileiros. Nosso questionário se compôs de 17 perguntas pertinentes ao que se refere à nossa busca de compreensão em relação a tais transformações.

Antes de entrarmos nesse tema tão significativo em nossa pesquisa é necessário esclarecer os limites de nossas possibilidades de investigação. Trataremos aqui de um saber localizado. Como estamos lidando com um questionário o que poderia induzir o leitor a acreditar que se trata de uma amostra significativa em relação ao conjunto dos psicólogos brasileiros, acreditamos ser necessário, tornar claro que não é esse o nosso objetivo. Esse questionário (Apêndice 3) foi divulgado por um Gestalt-Terapeuta, que tem um histórico específico de produções e está ligado a um instituto específico. Esse contexto já molda parcialmente a amostra de quem veio a respondê-lo. Para além disso, ele foi divulgado utilizando meios virtuais e este é mais um fator que o torna mais acessível a pessoas “mais tecnológicas” e menos acessíveis aquelas avessas a esses recursos. Sendo assim, estudamos as respostas de quem acessou nosso questionário e se disponibilizou a respondê-lo. Suas respostas representam unicamente os seus perfis profissionais e pessoais. O acesso, com o auxílio de nosso questionário, ao que elas puderam trazer sobre o que estavam vivendo e pensando nos traz possibilidades de reflexão sobre o nosso tema, independentemente de ser, ou não, um universo que represente a totalidade dos

psicólogos brasileiros. Isso nos interessa. Não estamos interessados em verdades absolutas e sim em versões inspiradoras, contextos que deem margem a formações de figuras elucidativas em relação a experiências singulares.

Exibimos, a seguir, um quadro com o resumo das perguntas presentes em nosso questionário. Em seguida buscamos apresentar o conteúdo das respostas obtidas e a nossa avaliação em relação às mesmas.

Quadro 20 - Perguntas de nosso questionário.

Listagem das perguntas presentes em nosso questionário
Dados pessoais (Conjunto de perguntas sem relação direta com nosso tema de pesquisa)
Trabalha como psicólogo clínico há quantos anos?
Com que abordagem psicológica você mais se identifica?
Qual é a sua instituição formadora, se houver (Formação, especialização, etc.)?
Já atendia <i>on-line</i> antes da pandemia Covid-19?
Qual era sua visão em relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?
Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?
Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?
Em que se baseava sua visão anterior?
Como você realiza seus atendimentos?
Que aplicativos você utiliza para realizar seus atendimentos?
Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender através de TICs?
Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender em consultório presencial?
Quanto à intensidade emocional da experiência clínica através de TICs, você identifica que o encontro psicoterapeuta-cliente se dá predominantemente:
Como você vê o atendimento a crianças através de TICs?
Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i> , durante o período de isolamento social, trouxe para você?

Fonte: autoria própria.

Em um primeiro momento buscamos apresentar os dados pessoais dos participantes de nossa pesquisa que julgamos pertinentes à nossa investigação. Quanto às faixas etárias os participantes se distribuíram conforme descrito no quadro abaixo:

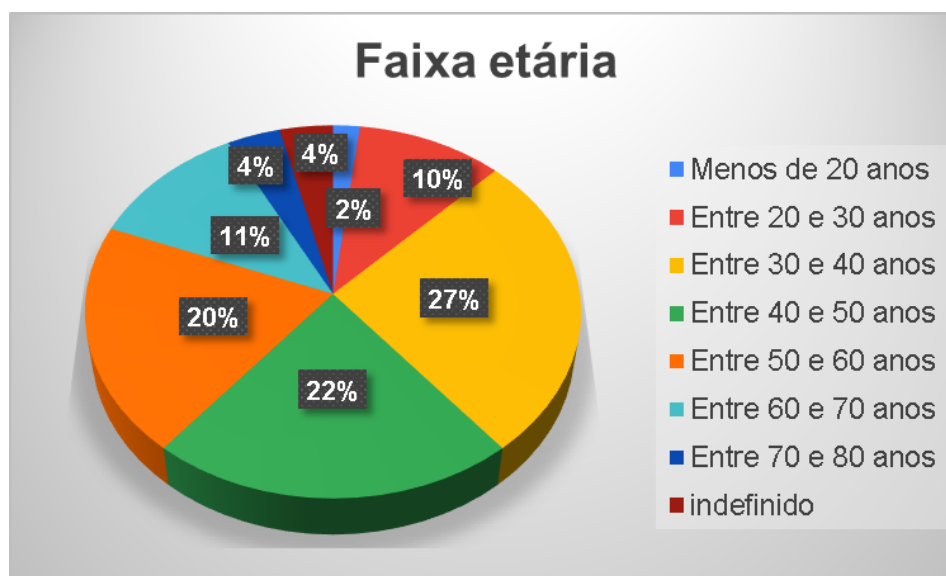
Quadro 21- Faixa etária dos participantes. Ocorrências em números absolutos.

Faixa etária	Quantidade	Faixa etária	Quantidade
Menos de 20 anos	2	Entre 20 e 30 anos	11
Entre 30 e 40 anos	28	Entre 40 e 50 anos	23
Entre 50 e 60 anos	21	Entre 60 e 70 anos	12
Entre 70 e 80 anos	4	indefinido	4

Fonte: autoria própria.

Em termos percentuais as faixas etárias dos participantes se distribuíram de acordo com o gráfico abaixo:

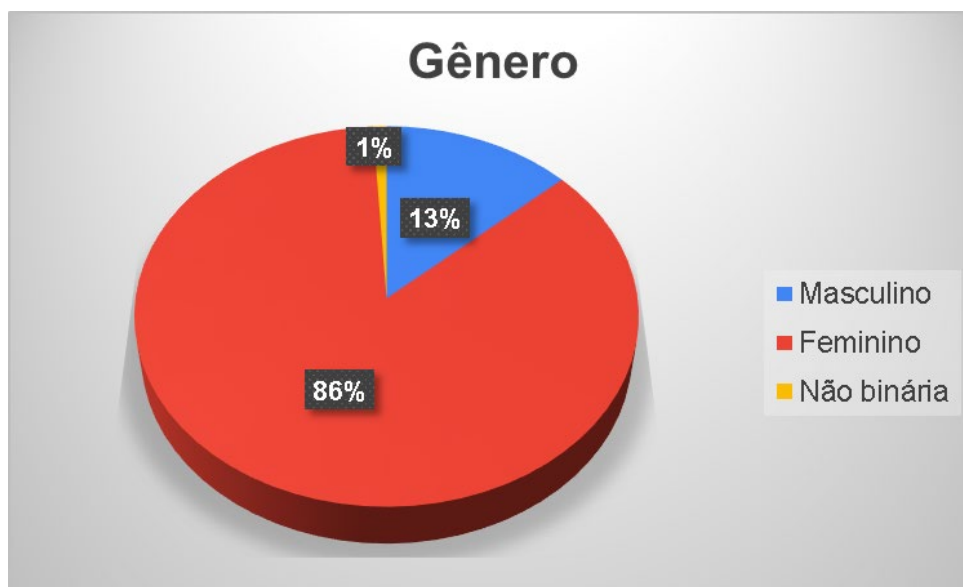
Gráfico 20 - Distribuição percentual dos participantes por faixa etária.



Fonte: autoria própria.

No que se refere ao gênero de nossos participantes encontramos a distribuição percentual expressa no quadro exposto a seguir:

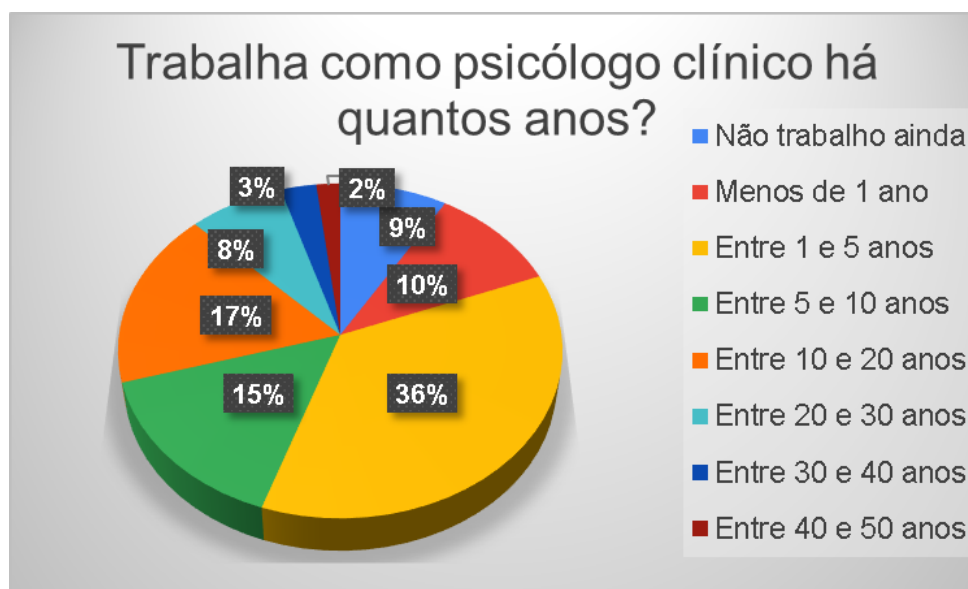
Gráfico 21 – Percentual de participantes por gênero masculino, feminino e pessoa não binária.



Fonte: autoria própria.

Em relação ao tempo de prática no trabalho como psicólogo clínico obtivemos a seguinte distribuição:

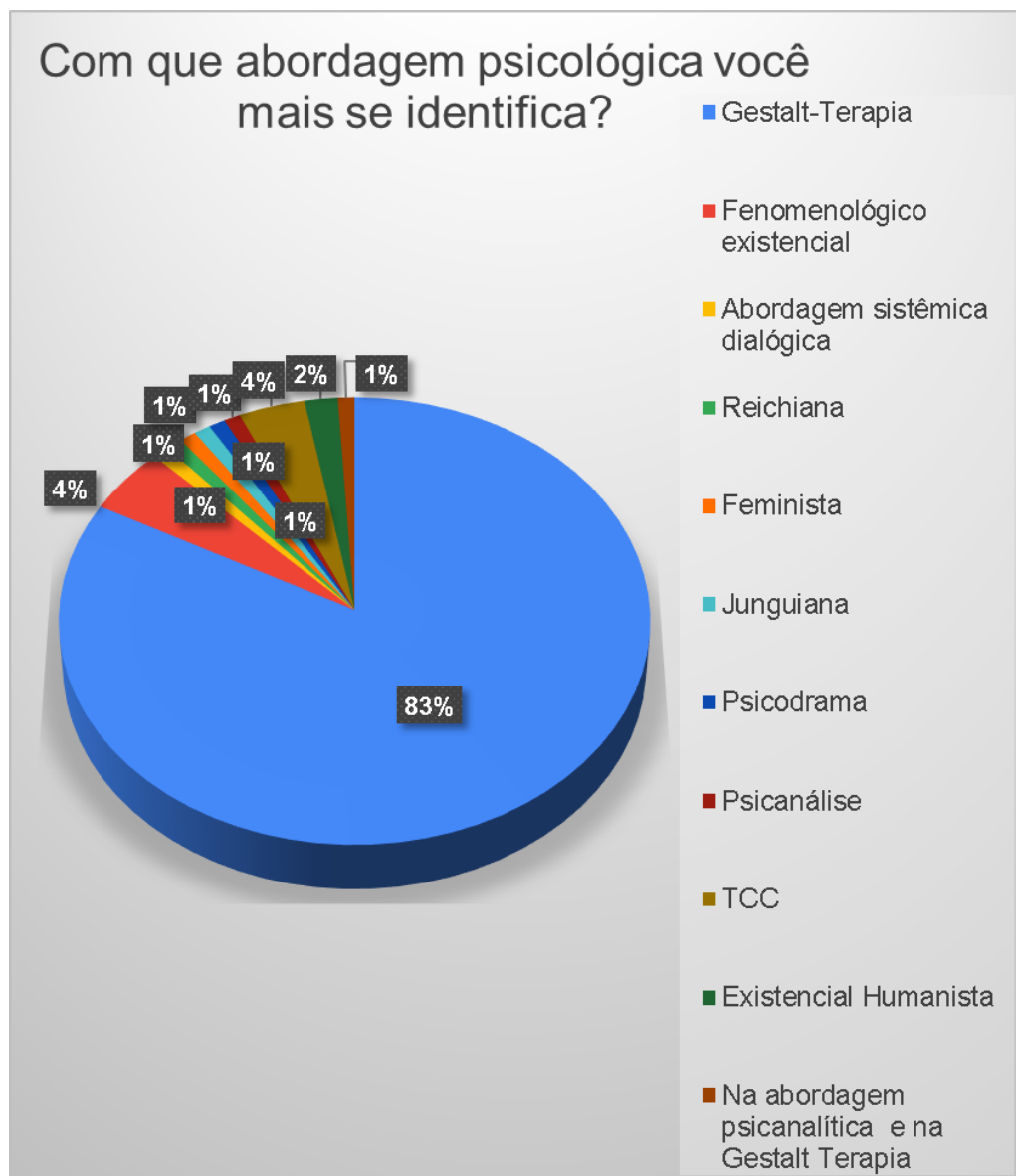
Gráfico 22 – Percentual de participantes segundo a faixa de tempo de prática clínica.



Fonte: autoria própria..

Quanto à abordagem psicológica de nossos participantes obtivemos a seguinte distribuição:

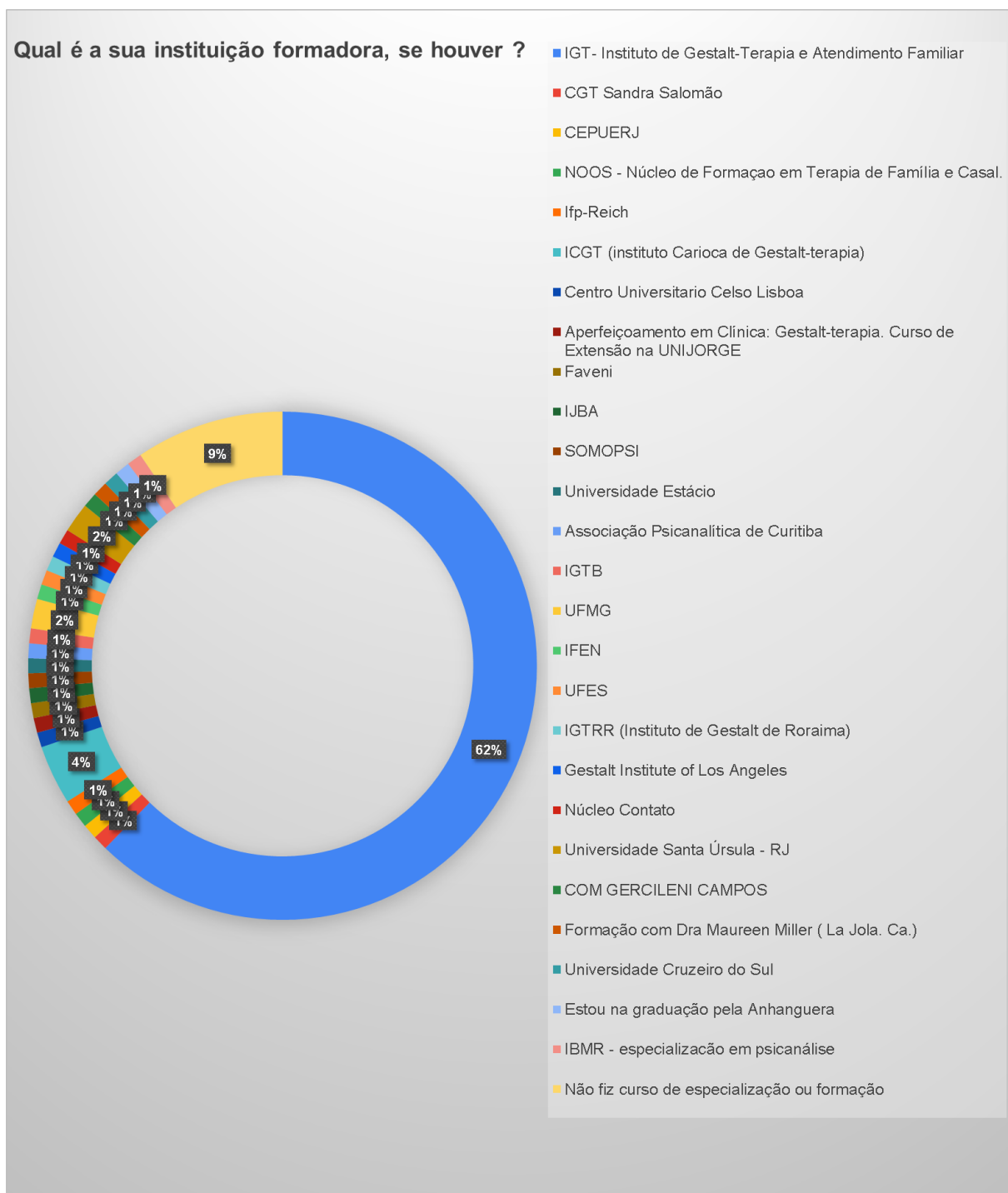
Gráfico 23 – Percentual dos participantes segundo suas afinidades com diferentes abordagens na Psicologia.



Fonte: autoria própria.

No que se refere às instituições formadoras dos participantes dessa pesquisa obtivemos a distribuição expressa no gráfico abaixo:

Gráfico 24 - Instituições formadoras dos participantes. Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

As perguntas apresentadas a seguir já se aproximam mais diretamente do tema central de nossa investigação:

Pergunta:

- Já atendia *on-line* antes da pandemia Covid-19?

Em relação a essa pergunta obtivemos a distribuição percentual apresentada no gráfico abaixo, nele o leitor poderá perceber que 74% dos participantes jamais haviam tido a experiência do atendimento através de TICs antes da pandemia. Apenas 7% deles já trabalhavam de forma cotidiana com esses recursos. Vejamos o gráfico:

Gráfico 25 - Respostas à pergunta: “Já atendia on-line antes da pandemia COVID-19?” Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Perguntas:

- Qual era sua visão em relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?
- Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?

Essas duas perguntas serão analisadas de forma conjunta, o contraste entre as respostas tem um valor muito significativo para nossa investigação. Os próximos gráficos trazem informações sobre a imagem que esses psicólogos tinham sobre o atendimento através de TICs e sobre as mudanças experimentadas por eles em suas percepções. As respostas a questão: “Qual era sua visão em

relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?” estão expressas a seguir:

Gráfico 26 - Respostas à pergunta: "Qual era sua visão em relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?" Percentuais de incidência.

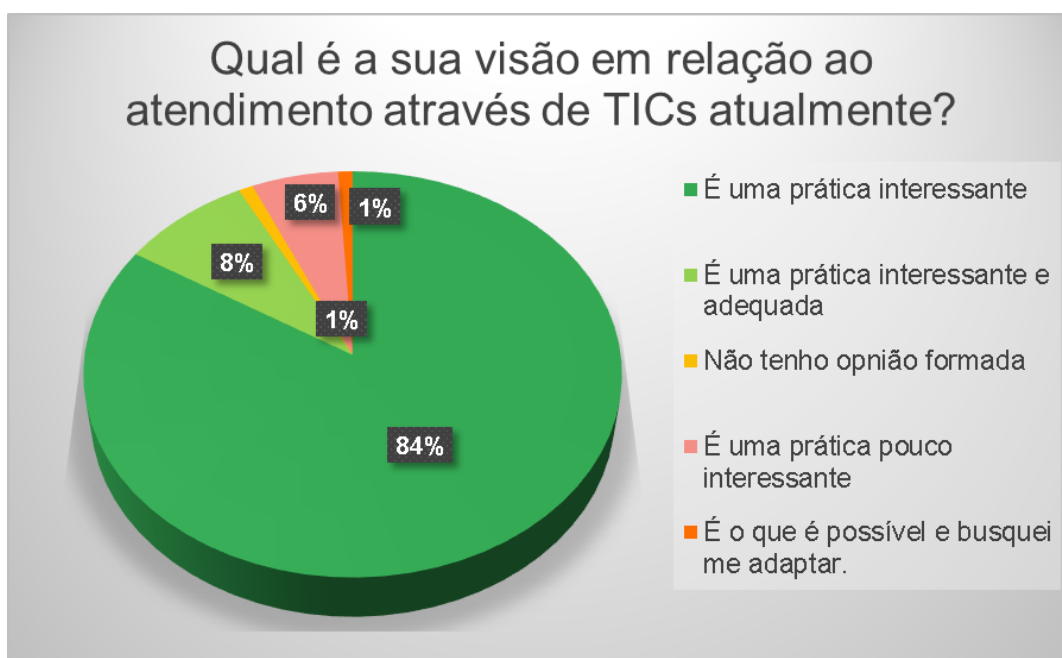


Fonte: autoria própria.

Podemos observar um grande contraste entre as respostas expressas na figura acima e as apresentadas na figura abaixo. O gráfico exposto abaixo se refere às respostas obtidas a partir da pergunta: “Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?” Essa pergunta buscou a percepção que os psicólogos tinham em relação às práticas psicológicas realizadas através de TICs após cerca de um ano e meio de pandemia. Esse contraste ilustra a amplitude das

transformações no que se refere às visões desses profissionais em relação a telepsicologia, a partir das influências geradas pelos SARS-CoV-2 em suas rotinas de trabalho. Para auxiliar na percepção das transformações experimentadas pelos psicólogos que participaram de nossa pesquisa buscamos manter as mesmas cores nas respostas que eram equivalentes nos dois gráficos, como pode ser observado a seguir:

Gráfico 27 – Respostas à pergunta: “Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?” Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Em nosso universo ficou evidente uma transformação marcante na percepção relativa ao atendimento através de recursos virtuais. Fica evidente a distância existente entre a imagem que essas pessoas tinham desse tipo de atendimento antes de ter uma experiência concreta dessas práticas e o que elas encontraram quando experimentaram de fato essas ferramentas. Esse fenômeno já nos convida a observar com muito interesse as questões posteriores de nosso questionário, em especial as que buscam investigar como foi construída essa distância. O que teria levado a que mais de 63% dos participantes de nossa pesquisa tivessem uma visão tão negativa acerca das possibilidades relativas a tais práticas (entre inadequadas, menos eficazes pouco interessantes). Porque elas encontraram algo tão diferente do que imaginavam quando experimentaram um contato real com esses recursos terapêuticos.

Pergunta:

- Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática *on-line*, que possa ter gerado essa mudança?

Essa questão já busca colocar foco em como se deu esse processo de mudança. Os participantes da pesquisa foram convidados a responder a esse item de forma dissertativa. Para avaliarmos as respostas obtidas buscamos criar um quadro, no qual, procuramos elencar as diferentes ideias trazidas pelos mesmos. Optamos por desprezar respostas que não fossem coerentes com a pergunta que havia sido realizada e que, em nossa avaliação, não tivessem trazido contribuições significativas e interessantes para o reposicionamento de nossa investigação. As ideias encontradas estão dispostas em ordem decrescente de acordo com seus números de ocorrência:

Quadro 22 – Conteúdo das respostas à pergunta: “Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática *on-line*, que possa ter gerado essa mudança?” Ocorrências em números absolutos.

Conteúdo das respostas a pergunta: “Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?”	Ocorrência
Os resultados clínicos positivos	27
Perceber que a qualidade da relação terapêutica pode fluir muito bem na virtualidade	20
O conhecimento de recursos clínicos	18
A flexibilidade geográfica	17
A experiência clínica	14
A praticidade	6
A busca por conhecimento	5
A demanda de pacientes	5
Perceber que a conexão emocional flui positivamente	4

Perceber que a possibilidade de contato se mantém	3
A redução de custos	3
A economia de tempo	3
Perceber que o vínculo terapêutico pode fluir bem na virtualidade	3
O maior conforto	2
Perceber que a presença flui positivamente	2
A segurança sanitária	2
A virtualidade traz uma maior flexibilidade	1
Mais vontade, interesse e disposição para acolher <i>on-line</i>	1
Mudança de perspectiva dos terapeutas e clientes sobre essa modalidade de atendimento	1
Para se fazer relaxamento corporal com o paciente fica mais fácil se for presencial	1
Perceber a preferência de clientes por esse meio	1
Perceber um aumento de disponibilidade no encontro <i>on-line</i>	1
Ter mais acesso ao mundo do cliente	1

Fonte: autoria própria.

Para ajudar a organizar as informações de modo a visualizarmos os termos mais utilizados, buscamos fazer uma nuvem com as 100 palavras mais presentes nas respostas originais relativas a essa pergunta:

Figura 43 – Nuvem de palavras das respostas à pergunta: “Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática on-line, que possa ter gerado essa mudança?” Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



Fonte: autoria própria.

A nuvem de palavras parece traduzir bem as colocações de nossos participantes. Possibilidades, necessidade, recursos, contato, presença entre outras nos fala de o quanto essas pessoas, a partir da necessidade, se permitiram experimentar algo fora de suas zonas de conforto e puderam aprender sobre as possibilidades de relação, contato e presença que a virtualidade nos traz. Para além das respostas referentes à comodidade e relativa às vantagens ligadas a aspectos mercadológicos, as respostas mais frequentes que pudemos encontrar foram ligadas às surpresas relativas à eficácia terapêutica, sobre a possibilidade de contato, e sobre a presença nas relações terapêuticas mesmo na virtualidade. Esses foram os fatores mais citados por nossos participantes.

Pergunta:

- Em que se baseava sua visão anterior?

A seguir buscaremos trabalhar com as respostas a pergunta: “Em que se baseava sua visão anterior?” Consideramos essa pergunta de extrema importância para nossa pesquisa. A partir do que pudemos observar nos itens acima, existiu uma mudança marcante na percepção de vários dos participantes de nosso questionário quando comparamos a visão que tinham antes da situação de isolamento social, quando tiveram que viver a experiência prática do atendimento através de TICs com a visão que passaram a ter depois dessa experiência. Esse contraste nos traz a oportunidade compreender a forma como essas visões que não se apoiavam em uma experiência prática foram sendo construídas. Essa compreensão pode nos ajudar a mapear nuances indicativas de como esses psicólogos constroem e administram suas crenças. Traz a oportunidade de compreendermos melhor a relação desses psicólogos com a virtualidade e nos traz pistas de como eles constroem compreensões importantes para suas práticas profissionais de forma mais ampla.

As respostas obtidas em nosso questionário foram classificadas com o auxílio do software Atlas.ti. A partir dessa classificação buscamos organizar as informações de forma a podermos aproveitar bem a contribuição de nossos participantes.

A seguir apresentamos alguns quadros com as classificações que conseguimos desenvolver a partir das respostas que obtivemos em relação a essa pergunta. A pergunta “Em que se baseava sua visão anterior?” a princípio convidaria à uma resposta relativa à forma como as crenças teriam sido construídas, porém, entre as respostas que consideramos válidas tivemos um percentual grande de classificações que se referiam a descrição de crença, ao invés da descrição de como tais crenças haviam sido construídas sendo assim dividimos nossas classificações em 2 grupos e trabalhamos os mesmos separadamente. A primeira divisão que identificamos como necessária foi no sentido de avaliar se a resposta descrevia uma crença ou se tratava da forma como os participantes construíram suas crenças sobre as práticas psicológicas mediadas por TICs antes da situação de isolamento social causado pela Covid-19. O gráfico abaixo apresenta as ocorrências das respostas a partir dessa nossa primeira classificação:

Quadro 23 – Classificação das respostas quanto à crença. Ocorrências em números absolutos.

Classificação quanto ao tipo de resposta	ocorrência
Descrição de crença	53

Descrição de forma de construção de crença	41
--	----

Fonte: autoria própria.

Os dois grupos de respostas definidos no quadro acima podem ser mais bem avaliados se analisados de forma separada, o que faremos a seguir. No quadro a seguir o leitor encontrará as classificações referentes às respostas que descreviam crenças. Separamos em quadros diferentes as crenças quanto a se eram favoráveis ou desfavoráveis ao atendimento através de TICs. Explicitamos também a ocorrência de cada uma das classificações. Buscamos dispor os itens de nossos quadros de forma decrescente em relação a suas ocorrências. Em nosso quadro 24 elencamos as crenças desfavoráveis ao atendimento através de TICs no 25 as favoráveis:

Quadro 24 - Descrição de crença desfavoráveis. Ocorrências em números absolutos.

Descrição de crença desfavoráveis:	Ocorrência
Crença na dificuldade no contato	5
Crença na importância do contato físico	5
Crença na perda de qualidade do atendimento	5
Crença na dificuldade de estabelecimento de relação por meio virtual	4
Crença na ineficácia do atendimento	4
Crença de que o atendimento através de TICs não seria possível	3
Crença de que faltariam referências para o atendimento virtual	3
Crença de que a perda do contato com a linguagem corporal seria prejudicial	2
Crença de que faltariam recursos no <i>on-line</i>	2
Crença de que no atendimento virtual a relação seria distante	2
Crença na relevância do contato cinestésico para acolher o cliente	2
Crença na importância dos corpos em relação	2
A percepção de que essa prática seria invalidada no meio acadêmico	2
Crença de que um campo de visão reduzido prejudicaria o atendimento	1
Crença de que na metodologia da Gestalt-terapia o uso dos sentidos fica mais precário no atendimento <i>on-line</i>	1
Crença de que a prática virtual seria superficial	1
Crença de que existiria pouco contato humano	1
Crença de que interferências externas poderiam atrapalhar a psicoterapia	1
Crença de que no atendimento virtual a relação seria fria	1
Crença de que o atendimento através de TICs não era necessário	1
Crença de que o atendimento através de TICs não era oportuno	1
Crença de que o atendimento através de TICs seria muito cansativo	1
Crença de que o atendimento através de TICs seria pouco interessante	1
Crença de que o presencial seria mais proveitoso	1

Crença de que o vínculo no atendimento presencial físico é maior	1
Crença na falta de condições para o sigilo	1
Crença na importância no contato com o todo	1
Crença na impossibilidade de acolhimento em relações virtuais	1
Crença na impossibilidade de conexão com o cliente	1
Crença na impossibilidade de conexão profunda	1
Crença de que as interferências externas atrapalhavam o atendimento	1
Tinha o atendimento presencial como única possibilidade	1
Crença de que o atendimento presencial era o único possível em Gestalt-Terapia	1

Fonte: autoria própria.

Quadro 25 - Descrição de crença favoráveis. Ocorrências em números absolutos.

Descrição de crença favoráveis:	Ocorrência
Crença na possibilidade de atender pessoas em outros lugares do mundo	3
Crença de que o atendimento através de TICs seria adequado	2
Achava interessante o atendimento <i>on-line</i> (na parte teórica)	1
Crença de que era uma ferramenta subestimada	1
Crença de que essa seria uma possibilidade de psicoterapia	1
Crença de que o <i>on-line</i> sempre foi possível	1

Fonte: autoria própria.

As crenças expostas nos quadros acima foram predominantemente desfavoráveis em relação as possibilidades de práticas psicológicas através de TICs. Quando desfavoráveis tratavam predominantemente de aspectos ligados à dificuldade no contato humano através de recursos virtuais, que de alguma forma comprometeriam a qualidade do atendimento. Já as poucas colocações que constaram no quadro das favoráveis poderiam ser resumidas na seguinte frase: o atendimento através de TICs seria possível, adequado, interessante e permitiria atender pessoas em qualquer lugar do mundo.

Chama a atenção o quanto as crenças contrárias às possibilidades de atendimento através de TICs se faziam presentes sem que se buscasse apoio em experiências práticas. Os recursos tecnológicos já estavam tão próximos, porém parecia existir um distanciamento paradigmático muito grande. As compreensões pré-existentes impediam a abertura para as novas possibilidades. Estamos falando de uma postura conservadora e de uma abertura restrita em relação ao novo. Quando a experiência prática se fez inevitável novas percepções puderam surgir.

Qual é o lugar do psicólogo? Quem somos nós diante das pessoas que nos procuram? Estamos imersos em um contexto social e não existem posições neutras. O refúgio da neutralidade não nos pertence. Nossas posturas trazem consequências. Somos agentes de conservação? Somos agentes de transformação? Estamos alheios às derivas sociais? Certamente não existem respostas absolutas para essas questões. Nossos posicionamentos mais consistentes tenderão a um relativismo, onde cada situação é singular. Porém, tendo em vista a inserção social e a responsabilidade ética do psicólogo, nos parece importante avaliar cuidadosa e cotidianamente essas questões. No que se refere a esse grupo de psicólogos que respondeu nosso questionário a história mostrou que existiu um movimento predominantemente conservador no que se refere às práticas psicológicas através de TICs. De alguma forma, as práticas psicológicas de grande parte de nossos participantes resistiam a se abrir para um nível de virtualização coerente com o que já se fazia presente em vários âmbitos de nosso contexto sociocultural. Esse contraste se faz presente em especial no que se refere às crianças e aos adolescentes que compõem às gerações mais novas, esses se constroem cada vez mais imersas nos universos virtuais.

Foi preciso uma pandemia para que esse contraste pudesse ser observado. Essa é uma oportunidade muito singular e muito rara. Em quantos outros aspectos não estaremos pecando por um conservadorismo exagerado? Será que esse fenômeno só se deu com esse grupo de profissionais e em relação a esse tema específico? Creio que não. Acredito que precisamos aprender com essa experiência. Em especial psicólogos que se identificam com abordagens que valorizam o amor a diferença como a Gestalt-Terapia, psicólogos que se dedicariam a estar abertos ao outro, ao se deixar tocar pela diferença podem aproveitar essa experiência para se perguntar sobre o quanto de fato estão se deixando tocar pelo que não é conhecido.

Que “psicologia se faz com presença” parecem não haver dúvidas, mas o que de fato seria presença? Essa é a questão. Presença seria estar no mesmo espaço físico ou presença tem relação com estar disponível para encontrar ou outro de forma íntegra e dentro de seu contexto sociocultural. Estar disponível e participativo na construção de pontes para o universo do outro ser humano. Pontes construídas não com cimento areia e pedras, mais sim com qualquer material que criativamente possamos utilizar para ser tocado e tocar o outro em sua singularidade. Encontrar

esse outro em uma fronteira própria construída artesanalmente em cada contexto vivido. Uma vibrante e desafiadora busca incessante de construção de pontos de interlocução aonde nós e nossos clientes consigamos nos fazer visíveis. O que também poderíamos chamar de presença de espírito na relação com o outro.

Dentro de nossa visão, e coerente com um olhar gestáltico, presença em um contexto terapêutico está muito distante de um simples contato físico, está muito mais ligado a uma postura, uma atitude que envolve atenção, curiosidade, disponibilidade, honestidade, respeito e sobretudo um amor a diferença, um amor a sabedoria do existir do outro ser humano, uma vontade ativa de conhecer genuinamente o universo de uma outra pessoa. O ser humano existe em relação. Presença envolve entrega a viver a relação. Se deixar ver pelo outro e estar interessado e disponível para ver o outro na relação. Isso independe dos meios que permitem esse encontro. Hoje após esse longo período de isolamento social parece ter ficado claro, para grande parte dos participantes de nossa pesquisa, que o que chamamos de presença em uma relação terapêutica não está diretamente ligado ao contato físico.

A seguir vamos examinar as respostas que de fato buscaram descrever a forma como as crenças acerca das práticas psicológicas mediadas por TICs haviam sido desenvolvidas antes da pandemia Covid-19, para tanto organizamos o quadro abaixo:

Quadro 26 - Descrição de forma de construção de crença. Ocorrências em números absolutos.

Descrição de forma de construção de crença	Ocorrência
Falta de conhecimento	15
Falta de experiência no atendimento <i>on-line</i>	9
Preconceito	8
Falta de familiaridade em relação ao tema	7
Experiência clínica	7
Falta de interesse na psicoterapia <i>on-line</i>	5
Falta de conhecimento sobre atendimentos por TICS	5
Na experiência clínica presencial física	3
Prática invalidada no meio acadêmico	2
Dificuldade de lidar com a virtualidade	2
De tanto ouvir falar que não seria adequado atender <i>on-line</i>	2
Não sabia interagir com tecnologia	1
Não gostar de tecnologia	1
Na tradição	1
Na minha formação profissional	1

Insegurança	1
Falta de preparo para o trabalho através de TICs	1
Existência de muitos profissionais críticos à telepsicologia	1
Acreditar em liberdade na profissão	1
Atitude conservadora	1

Fonte: autoria própria.

Observando as respostas relativas a uma visão desfavorável às práticas psicológicas através de TICs em nosso quadro, encontramos principalmente dois tipos de respostas: o primeiro se refere a crenças limitadoras que não se baseavam em experiências práticas e o segundo tipo de resposta se referia a falta de conhecimento ou de familiaridade com esse tema. Nos perguntamos por que não se buscou conhecer melhor essas ferramentas que já estavam tão presentes? Onde estão nossas pesquisas de inovação técnica?

Lembrando da discussão que desenvolvemos no item 3.4. Como o espaço acadêmico é o espaço onde temos mais pesquisa, é provável que a resistência da categoria docente tenha freado bastante o processo de apropriação das TICs pela classe dos psicólogos. Vale lembrar novamente do depoimento de Carmelita Rodrigues sobre a forma como seu orientador tentou dissuadi-la de sua intenção de pesquisar o atendimento *on-line* como descrevemos nos itens 3.3.2 e 3.4 e também de outras situações que apontavam na mesma direção, e que elencamos no mesmo item 3.4. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) fomenta as pesquisas em nosso país a partir de investimentos que são canalizados em especial para a área acadêmica. Se no meio acadêmico encontramos uma campanha acirrada contra a ampliação do uso de TICs nas práticas psicológicas, ou mesmo um desinteresse em relação ao tema, os caminhos para esse desenvolvimento ficam dificultados. Esse parece ser mais um fator coerente com a lacuna que identificamos entre desenvolvimento tecnológico e utilização das tecnologias de informação e comunicação no âmbito da psicologia.

Nos parece importante enfatizar o quanto essas observações nos apontam para as consequências negativas da existência de uma distância entre quem ensina e quem pratica a psicologia. Os professores universitários ocupam um lugar de influência em relação ao processo de construção dos conhecimentos básicos dos psicólogos brasileiros. Eles têm um papel fundamental na definição dos focos de pesquisa em nossa área. Também influenciam o processo decisório de nossa

categoria. Estão muito presentes no sistema conselhos, muitas vezes ocupando cargos de liderança como pudemos observar no capítulo 3.

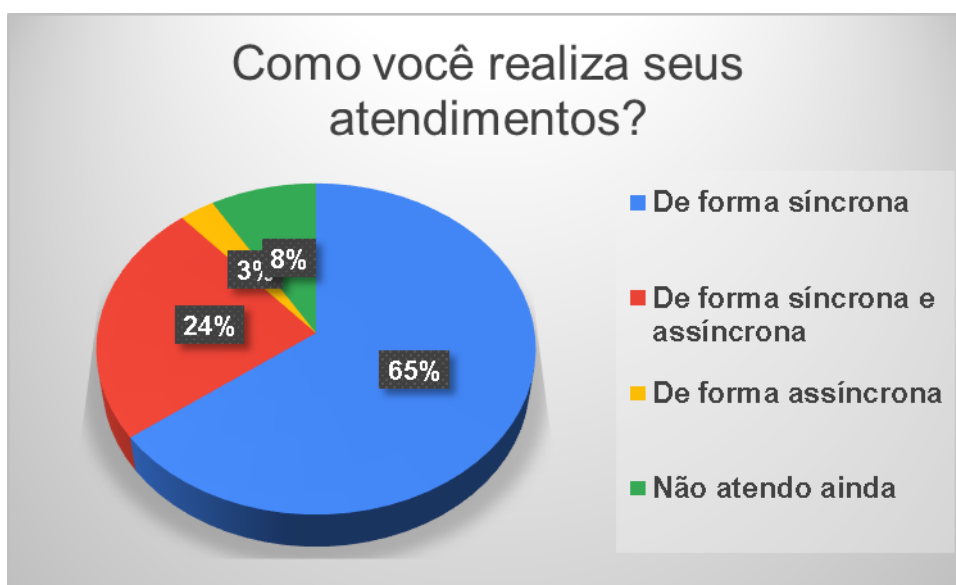
É importante assinalar que alguns professores nem se quer mantém ativas suas inscrições de CRP. Contraste curioso esse: temos professores universitários que ocupam espaços políticos importantes no sistema conselhos e em contrapartida temos professores que suspendem suas inscrições de CRP.

Também se faz necessário ressaltar a existência de professores universitários que conjugam a vivência das práticas psicológicas com o ensino das mesmas, condição que pessoalmente julgamos como a mais adequada. Acredito que esse tema, referente a posição ocupada por nossos professores e suas inserções no âmbito da psicologia seja um tema que merece uma pesquisa cuidadosa que pode trazer impactos importantes para o desenvolvimento de nossa categoria profissional.

Pergunta:

- Como você realiza seus atendimentos?

Gráfico 28 - Respostas à pergunta: “Como você realiza seus atendimentos?”. Percentuais de incidência por modo de atendimento.



Fonte: autoria própria.

Como já esperávamos a ampla maioria dos psicólogos que participaram de nossa pesquisa atuavam de forma síncrona, o que é muito coerente com o que nossos recursos tecnológicos já nos permitiam naquele período, por mais que a

pandemia também tenha impactado a aproximação de muitos psicólogos das possibilidades de atuação de forma assíncrona como pudemos verificar no item 4.3.18.

Pergunta:

- Que aplicativos você utiliza para realizar seus atendimentos?

Gráfico 29 – Respostas à pergunta: “Que aplicativos você utiliza para realizar seus atendimentos?” Ocorrências em números absolutos.



Fonte: autoria própria.

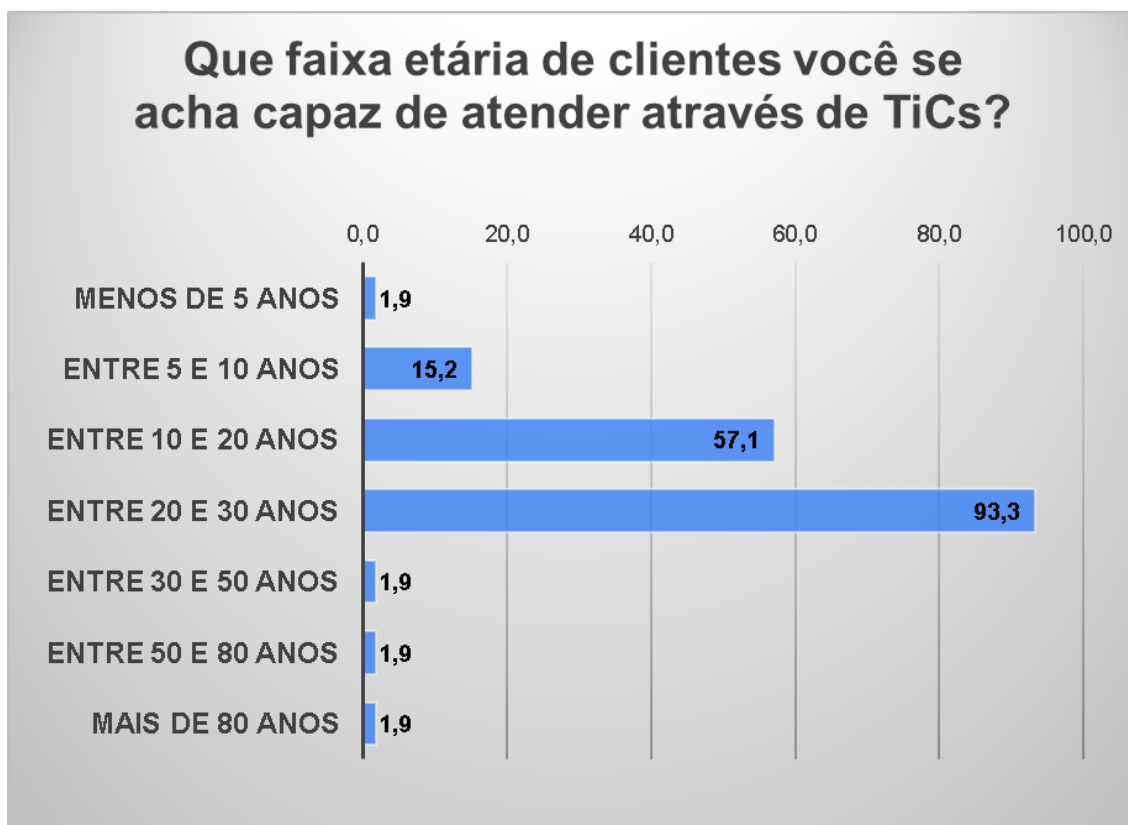
A preocupação com o sigilo, muitas vezes é colocada como uma das grandes questões no que se refere ao atendimento através de TICs. É interessante observar que o Google Meet e o Skype ferramentas que, na época que efetuamos nossa pesquisa, em seus contratos de uso não garantiam o sigilo, terminaram constando entre as 4 mais utilizadas nas práticas desse grupo de psicoterapeutas.

Perguntas:

- Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender através de TiCs?

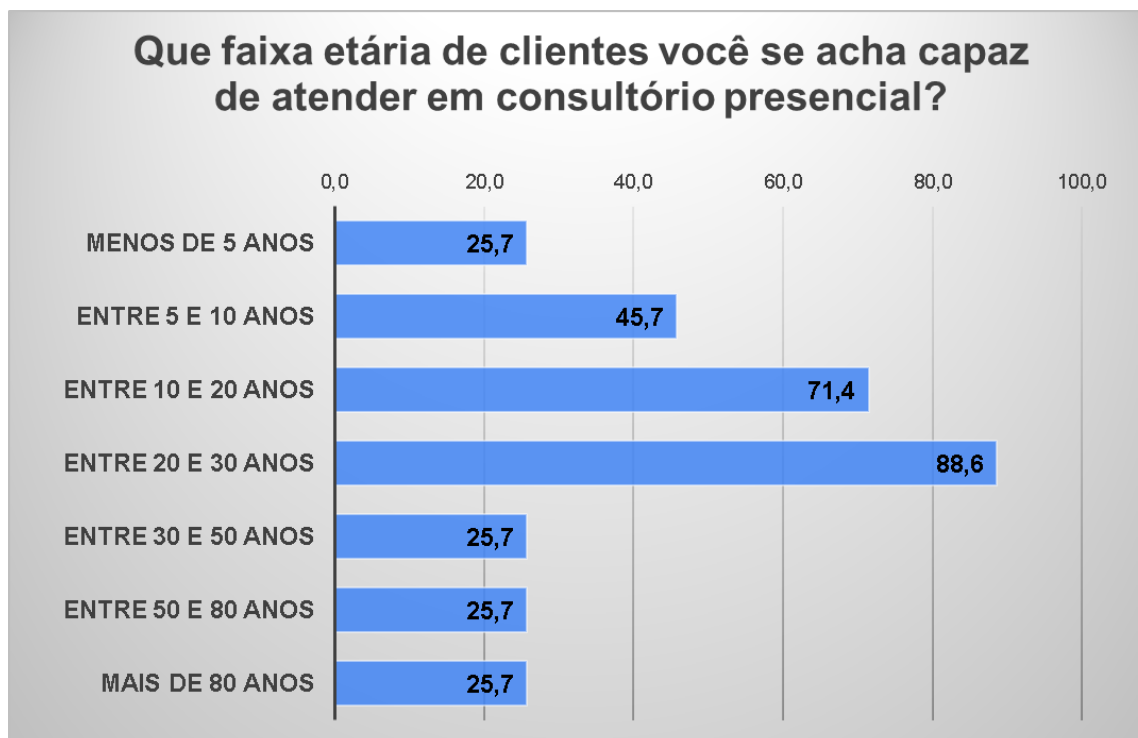
- Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender em consultório presencial?

Gráfico 30 – Respostas à pergunta: “Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender através de TiCs?” Ocorrências em números absolutos.



Fonte: autoria própria.

Gráfico 31 – Respostas à pergunta: “Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender em consultório presencial?” Ocorrências em números absolutos.



Fonte: autoria própria.

Comparando os dois gráficos anteriores fica evidente a queda de percepção de possibilidade de atendimento através de TICs nos dois extremos das faixas etárias. Surpreendentemente, no que se refere ao universo das pessoas com faixa etária mais elevada, a queda começa já a partir dos 30 anos o que nos parece uma faixa muito jovem. Fenômeno intrigante. No que se refere a faixa etária dos mais jovens, temos a confirmação do que já havíamos discutido no item 4.3.3, ficando evidente que mesmo com crianças e adolescentes tão imersos na internet, muitos psicólogos naquele período ainda se viam sem caminhos para acessá-los.

Pergunta:

- Quanto à intensidade emocional da experiência clínica através de TICs, você identifica que o encontro psicoterapeuta-cliente se dá predominantemente:

Gráfico 32 – Respostas à pergunta: “Quanto à intensidade emocional da experiência clínica através de TICs, você identifica que o encontro psicoterapeuta-cliente se dá predominantemente?” Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Essa pergunta surgiu partir da conceituação de “intimismo virtual” discutido no item 4.3.14. Nosso intuito foi verificar se esse fenômeno teria sido identificado pelos participantes de nossa pesquisa. Apenas 4 % dos participantes identificaram um ganho de intensidade emocional nos atendimentos realizados através de TICs. 76%, a ampla maioria, identificou semelhanças nesse quesito entre as duas formas de atendimento.

De toda a forma 80% dos participantes relataram ter encontrado uma intensidade emocional semelhante ou superior à vivenciada nos atendimentos presenciais. Essas respostas contradizem a crença de que a relação através de

TICs envolveria uma certa frieza. A discussão sobre “presença” em relações vividas através desse tipo de recurso também ganha luz nesse ponto, visto que “presença” também tem relação com a intensidade afetiva do encontro humano. Fica claro que para 80% de nossos pesquisados, nós não estamos tratando de relações esvaziadas afetivamente quando nos aproximamos das trocas vividas através de TICs.

Pergunta:

- Como você vê o atendimento a crianças através de TICs?

Gráfico 33 – Respostas à pergunta: “Como você vê o atendimento a crianças através de TICs?” Percentuais de incidência.



Fonte: autoria própria.

Como coordenador de um curso de especialização em atendimento infantil, depois de acompanhar meus alunos em suas buscas de realizar seus atendimentos através de TICs, depois de testemunhar as superações de seus preconceitos em relação às possibilidades de atendimento *on-line*, e de acompanhar seus atendimentos predominantemente bem-sucedidos à crianças de diversas idades, também de realizar pessoalmente atendimentos a crianças e adolescentes através de TICs. Após cerca de um ano e meio de isolamento social, lidando com essas possibilidades de atuação, sem encontrar grandes obstáculos. Depois de tudo isso, é impactante, mas não surpreendente, observar que menos de 30% dos participantes de nossa pesquisa identifiquem essa prática como uma prática interessante.

O contraste entre nossa experiência pessoal e a percepção de grande parte de nossos pesquisados, nos aponta para a dificuldade de nossa classe no sentido de acompanhar o estilo de vida das novas gerações. Nossa experiência clínica nos faz identificar que grande parte das crianças e adolescentes, de classe média e alta, convivem cotidianamente com recursos virtuais de comunicação e informação. Inclusive o excesso de utilização desse tipo de recurso é uma das queixas recorrentes entre os pais de nossos clientes. Esses jovens tipicamente não parecem ter dificuldades em estabelecer relações através desses meios. Quem não consegue acompanhar essa possibilidade de troca parecem ser os psicólogos. Mais uma vez surge a afirmação “todo o artista deve ir aonde o povo está.” Milton Nascimento e Fernando Brant (1981) Parece que não está fácil para os psicólogos acompanharem as formas de existir das novas gerações. Temos identificado uma dificuldade especial para que os psicólogos consigam se imaginar interagindo com seus clientes, crianças e adolescentes, dentro de um contexto de virtualidade.

Nos chama a atenção em especial que Gestalt-terapeutas apresentem essa dificuldade de acompanhar as novas gerações em suas formas de existência. Um dos aspectos fundamentais dessa abordagem é a busca de estar aberto a encontrar nosso cliente, é a busca de estar a serviço da relação, é o movimento de inclusão, de transitar entre nosso mundo e o mundo do outro, de buscar se aproximar de forma empática da experiência da pessoa que está a nossa frente. Esse movimento não parece estar sendo simples no que se refere ao contato com as crianças.

Em especial o atendimento a crianças passa por interações lúdicas. O brincar é a forma de interação mais natural para os mais jovens. Na atualidade é possível

perceber que esse brincar tem migrado para jogos, vídeos, redes sociais e outras formas de interação *on-line*. Percebemos que muitos psicólogos não se imaginam interagindo com seus clientes dentro desse tipo de campo. Inclusive esse tipo de recurso tende a não estar presente nos consultórios para atendimento presencial. Esse tema é discutido de forma mais detalhada no item 4.3.3, sendo assim, por agora, não nos deteremos mais nesse ponto.

Pergunta:

Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento *on-line*, durante o período de isolamento social, trouxe para você?

Neste item deixamos novamente nossos participantes livres para escrever suas respostas. A seguir apresentamos um quadro com as ideias que conseguimos elencar a partir de tais respostas com suas ocorrências. Fizemos a opção de colocar todas as ideias elencadas mesmo as que só apareceram uma vez. Essa opção tem relação com o quanto essa pergunta nos parece importante para nossa pesquisa. Em seguida fizemos uma nuvem de palavras e tecemos nossos comentários em relação ao conteúdo encontrado.

Quadro 27 – Ideias elencadas a partir das respostas à pergunta: “Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento *on-line*, durante o período de isolamento social, trouxe para você?” Ocorrências em números absolutos.

Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i>, durante o período de isolamento social, trouxe para você?	Ocorrência
Que o atendimento <i>on-line</i> é possível	10
É possível sim fazer um atendimento de qualidade e com bons resultados de forma virtual	8
Possibilidade de atender pessoas em outros lugares do mundo	9
A virtualidade me permitir experimentar novas possibilidades	5
Aprendi a importância de estar aberto ao novo	5
Presença não requer proximidade física	5
Que o vínculo terapêutico pode se construir da mesma forma e com a mesma intensidade no atendimento <i>on-line</i>	5

A possibilidade de nos adaptarmos a qualquer contexto	4
Contato não requer presença física	4
O atendimento virtual amplia possibilidades de trabalho / atuação	4
Que podemos quebrar paradigmas e nos reinventar	4
Que somos capazes de nos adaptar	3
A construir ajustes criativos	2
A descoberta de uma nova forma de atendimento	2
A grandeza da capacidade de transformação e adaptação do ser humano	2
A psicologia clínica precisa explorar novos recursos	2
A virtualidade facilita muito que os atendimentos aconteçam por não precisar de deslocamento	2
A virtualidade permite a manutenção de renda em tempos de isolamento social	2
A virtualidade permite atender demandas em momento de isolamento social	2
A virtualidade traz mais praticidade	2
A visibilidade da Psicologia aumentou	2
Aprendendo sobre novos mundos podemos expandir o alcance do nosso trabalho	2
As possibilidades de trabalho são infinitas, reunir pessoas de qualquer lugar	2
É possível uma prática profunda mesmo à distância	2
Estamos em um ambiente do cliente	2
O atendimento através de TICs é Presencial Virtual	2
O atendimento virtual gera menos gastos para o terapeuta	2
Que podemos explorar mais as possibilidades	2
Que sempre é possível se aproximar de quem necessita de apoio psicológico	2
Que somos capazes de nos adaptar	3
Relação não requer presença física	2
A criatividade como ferramenta terapêutica	1

A cuidar para que o isolamento físico não se tornasse um isolamento emocional	1
A importância da Amplitude dos atendimentos <i>on-line</i>	1
A importância de manter-se atualizada com a tecnologia	1
A me adaptar ao novo	1
A melhorar o manuseio das plataformas de reunião	1
A pensar o sigilo no atendimento <i>on-line</i>	1
A psicologia clínica precisa acompanhar seu tempo	1
A psicologia clínica precisa ampliar sua atuação	1
A psicologia clínica tem muito espaço para as duas modalidades: presencial física e <i>on-line</i>	1
A psicologia está e poderá estar onde estiverem pessoas	1
A psicoterapia <i>on-line</i> coerente com a atualidade	1
A realizar terapia de forma mais confortável	1
A relação através de TICs pode ser forte, rica e produtiva	1
A trabalhar recursos que pudessem desenvolver minha criatividade para lidar com a ausência de contato físico	1
A versatilidade da psicologia clínica no acolhimento humano	1
A vida social ativa pode ser um distrator, prevenção ou cura para problemas emocionais	1
A virtualidade me permite estar mais próximo a meu lar e minha família	1
A virtualidade me permite viajar e continuar atendendo	1
A virtualidade possibilitou que mais pessoas tivessem acesso ao atendimento	1
A virtualidade traz um maior conforto	1
A virtualidade traz uma maior flexibilidade	1
Acho também necessário mantermos o olhar atento, discutindo e estudando seus prós e contras	1
Acolher é necessário independente de quais sejam as formas e meios de comunicação	1

Alguns clientes preferem o atendimento com presença física outros se surpreenderam com o <i>on-line</i>	1
Ampliação do olhar no atendimento	1
Aprender a usar os recursos virtuais é um processo de conquista que requer prática	1
Aprendi mais sobre as minhas fronteiras	1
Aprendi mais sobre as minhas fronteiras e a expandi-las	1
Atendimento <i>on-line</i> traz uma adaptação melhor à rotina pessoal	1
Atendimento virtual amplia fronteiras	1
Cansa demais passar muito tempo na frente de telas	1
É possível acolher pessoas analfabetas digitais e outras apenas com o uso da ligação telefônica	1
É possível fazer intervenções significativas mesmo através de uma tela	1
É possível ter uma escuta ativa no atendimento <i>on-line</i>	1
É possível tocar e ser tocado pelo outro no atendimento <i>on-line</i>	1
É possível transpor distâncias	1
É preciso abertura para a experiência, trocas e a curiosidade para aprender sobre novas práticas	1
Em alguns casos, os clientes se sentem mais à vontade em expor suas questões no <i>on-line</i>	1
Entender o além da clínica convencional	1
Experimentar antes de negar	1
Importância de valorização do processo, reconhecimento e amplitude da experiência	1
Investir na carreira, através de curso de aperfeiçoamento <i>on-line</i>	1
Mais agilidade nos atendimentos de emergência	1
Mais paciência	1
Maneiras novas de trabalhar podem ser interessantes	1
Maneiras novas de trabalhar podem ser ricas	1
Me fez entender que cada modalidade de atendimento tem seus ganhos e	1

perdas	
Me senti mais fluído para divulgação e podendo circular melhor em caminhos que somente pelo físico eu iria me limitar	1
Menor índice de faltas	1
Menos julgamento	1
Não controlo todas as variáveis	1
Não existem fronteiras que impeçam o atendimento	1
Não foi positivo no contato com caso de depressão grave e psicose na minha experiência	1
Não ter preconceito em experimentar outras realidades	1
Nós temos recursos infinitos, criativos e potentes na virtualidade	1
Novas possibilidades pensadas com responsabilidade e cuidado não comprometem a qualidade do atendimento	1
O atendimento através de TICs atende às necessidades de muitas pessoas	1
O atendimento através de TICs é mais lucrativo	1
O atendimento <i>on-line</i> ampliou as possibilidades para famílias e casais por não precisarem estar no mesmo local	1
O atendimento <i>on-line</i> é tão eficiente quanto o presencial	1
O atendimento <i>on-line</i> não expõe o profissional a risco de assaltos	1
O atendimento virtual é uma realidade e isso não voltará mais atrás	1
O atendimento <i>on-line</i> possibilita a abertura para clientes que sentem dificuldade no contato presencial	1
O desafio do <i>on-line</i> me fez crescer	1
O desafio do <i>on-line</i> me fez sentir mais confiança em mim como profissional	1
O desenvolvimento de habilidades tecnológicas e soft Skills	1
O domínio sobre os recursos virtuais favorece o atendimento <i>on-line</i>	1
O encontro <i>on-line</i> , serviu de portal para elevar nossa percepção	1

O ganho de intensidade emocional nas trocas virtuais	1
O isolamento social aumentou a incidência de angústia e transtornos mentais	1
O momento de crise faz pensar em novas possibilidades de atendimento a clientes	1
Olhar as inovações tecnológicas como aliado da prática terapêutica	1
Penso que, pelos seus efeitos positivos, a terapia através de TICs veio para ficar	1
Percebi que a qualidade da relação terapêutica pode se manter na virtualidade	1
Permite conhecer culturas diferentes	1
Posso ver no <i>on-line</i> como é a relação do paciente com as pessoas de sua casa	1
Posso ver o quanto o cliente preza e cuida do espaço terapêutico quando precisa dividi-lo comigo	1
Preciso aprender mais sobre os recursos possíveis de TICs	1
Pude notar maior e menor retraimento/expansão tanto das clientes como do psicólogo no atendimento <i>on-line</i>	1
Quase nada	1
Que a distância não é impedimento para um bom atendimento	1
Que a eficácia da prática depende do quanto o espaço da casa do(a) paciente é sentido como seguro por ele	1
Que a maioria dos pacientes estão receptivos, abertos ao atendimento <i>on-line</i>	1
Que a mudança de paradigma pode ser rica	1
Que alguns clientes funcionam melhor no atendimento <i>on-line</i>	1
Que com paciência, estrutura e boa vontade, a Psicologia pode ser bastante acessível	1
Que é possível atender <i>on-line</i> de forma ética	1
Que em situações de crise dessa magnitude a tecnologia pode e deve ser usada a nosso favor	1

Que existem alguns limites de contato no atendimento <i>on-line</i>	1
Que meu estilo de trabalho é mais favorecido no atendimento com presença física	1
Que não existe distância entre o querer e poder	1
Que o atendimento <i>on-line</i> ainda está em um processo de aceitação	1
Que o atendimento <i>on-line</i> é uma prática interessante	1
Que o atendimento <i>on-line</i> foi muito importante para a continuidade do nosso trabalho	1
Que o atendimento <i>on-line</i> se mostrou tão potente quanto o atendimento presencial	1
Que posso fazer atendimentos, ora <i>on-line</i> , ora presenciais, de acordo com a necessidade dos clientes	1
Que prefiro atender somente de forma virtual	1
Que sempre é possível ter um olhar diferente	1
Que uma figura fala mais que mil palavras	1
Que vivi uma intensidade emocional maior na troca com meus colegas de turma do que com meus clientes	1
Situações muito dolorosas e difíceis exigem grandes adaptações	1
Sobre a possibilidade de continuidade de suporte para nós psicólogos, pois os grupos de formação continuaram	1
Sobre a possibilidade de continuidade de suporte para nossos clientes	1
Ter uma escuta e poder auxiliar em todo tempo e lugar	1
Tive que me aperfeiçoar na forma de interação com o cliente	1
Tudo faz parte, tudo tem uma solução	1

Fonte: autoria própria.

Como fizemos a opção de não eliminar as ideias que tiveram uma baixa ocorrência nas respostas obtidas, ficamos com um quadro muito grande. Utilizamos uma nuvem de palavras para extrair os termos mais utilizados. Aliamos a manutenção de todas as ideias que conseguimos elencar com a possibilidade de identificar as palavras que apareceram mais. Essa nuvem está exposta abaixo:

atendimento através de TICs não se confirmaram no momento em que a prática precisou ser vivida. Mais uma vez fica evidente a distância entre a percepção que grande parte de nossos colaboradores tinham em relação às possibilidades de atuação utilizando TICs e o que de fato eles encontraram quando viveram a experiência.

Com o intuito de avaliar as respostas de nosso questionário de forma segmentada, buscamos definir grupos dentre os participantes de nossa pesquisa de acordo com a forma como esses percebiam as possibilidades de atendimento através de TICs antes e depois do início da pandemia de Covid-19. Uma das mudanças que nos chamaram a atenção foi o desaparecimento das respostas de que o atendimento através de TICs seria uma prática inadequada, sendo assim, neste momento, buscaremos trabalhar com as respostas desses participantes que mudaram suas percepções de forma mais radical.

Dentre as 12 pessoas que antes do isolamento social identificavam o atendimento através de TICs como “Seria uma prática inadequada” e que, como colocamos anteriormente, correspondiam a 11,4% de nosso universo, 8 alteraram suas percepções para “É uma prática interessante”. 3 pessoas passaram a perceber essa forma de atendimento como “É uma prática pouco interessante” e uma customizou sua resposta da seguinte forma: “É o que é possível e busquei me adaptar.” Com o intuito de observar respostas dessas 12 pessoas separamos as 8 pessoas que mudaram de forma mais marcante seus posicionamentos das 4 outras e criamos dois quadros, nos quais apresentamos as respostas desses dois grupos às seguintes perguntas: “Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática *on-line*, que possa ter gerado essa mudança?”; “Em que se baseava sua visão anterior?” e “Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento *on-line*, durante o período de isolamento social, trouxe para você? Respostas do primeiro grupo, o que passou a ver como “É uma prática interessante”:

Quadro 28 - Respostas do primeiro grupo de participantes.

Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que	Em que se baseava sua	Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i> , durante
---	-----------------------	--

você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?	visão anterior?	o período de isolamento social, trouxe para você?
Não há perda de contato, e os recursos são grandes.	Falta de conhecimento.	É possível tocar e ser tocado pelo outro.
Eu fui me especializando, percebendo que conexão com o cliente vai além da presença física, mas sim o vínculo. Me surpreendi positivamente.	Minha visão se baseava apenas em trabalhos corporais e que para dar suporte seria apenas possível presencial. Eu não conhecia os recursos <i>on-line</i> .	O quanto a psicologia precisa acompanhar seu tempo e as circunstâncias; oferecer suporte de maneira ética e técnica e ir onde os clientes estão. Explorar novos recursos e ampliar nossa atuação. Durante esse período muitas pessoas precisaram de ajuda e a psicologia pode ir até lá.
A preferência por alguns clientes pela continuidade do atendimento exclusivamente <i>on-line</i> , mesmo não havendo mais necessidade do atendimento virtual.	Que era necessário contato direto com o cliente, num ambiente adequado em que o cliente se sentisse livre de interferências externas	A importância em estar aberta a novos recursos. Ser flexível às mudanças e novos aprendizados. Manter-se atualizada com a tecnologia.
A qualidade dos atendimentos e os resultados alcançados se mantiveram	Considerava que a prática virtual seria superficial	O vínculo terapeuta cliente acontece independente da relação real x virtual, alguns recursos e técnicas são inviáveis, mas o atendimento virtual é uma realidade e isso não voltará mais atrás

<p>Percebi que mesmo à distância é possível realizar um bom trabalho, tendo resultados positivos.</p>	<p>Preconceito. De tanto ouvir falar que não seria adequado atender <i>on-line</i></p>	<p>Que as práticas são infinitas, que à distância não é impedimento para um bom atendimento.</p>
<p>Me encontrei nesse recurso. Achei fantástico atender <i>on-line</i>, apesar da dificuldade no início, é o formato que mais flui para mim. Acho que pude encontrar novos recursos e novas possibilidades, novos olhares para os atendimentos. Além de sentir mais conforto atendendo em casa, o que acredito que influencia em como eu chego nos atendimentos. Por exemplo, comida fresca e feita por mim no almoço, organizar a casa nos intervalos, em suma, percebi mais tempo para qualidade de vida. O que acabei descobrindo com muita alegria que me deixa ainda mais inteira e mais disponível nos atendimentos.</p>	<p>No que me era descrito como possibilidade, que o atendimento presencial era o único possível. E que em GT a gente como terapeuta PRECISAVA do contato físico/presencial com o paciente.</p>	<p>O que outrora era impensável é muito possível e com muita qualidade. Que tem algumas coisas interessantes que eu não veria no atendimento presencial, e que posso ver no <i>on-line</i> como a relação que o paciente faz com as pessoas de sua casa, o quanto ele preza e cuida do espaço terapêutico quando precisa dividir esse cuidado do espaço <i>on-line</i> comigo, entre outros que não me vem à cabeça agora enquanto escrevo.</p>
<p>Necessidade gerou a mudança; percebi que é possível; obtive resultados</p>	<p>preconceito</p>	<p>que é possível este atendimento e que atende às necessidades de muitas pessoas</p>
<p>É interessante, mas tem limites, apesar da vantagem do acesso maior.</p>	<p>Limites de contato.</p>	<p>É o contexto possível, em muitos casos, favorecido pelo acesso mais amplo, mas com alguns limites de contato.</p>

Fonte: autoria própria.

Observando as respostas do quadro acima alguns pontos chamaram nossa atenção:

No que se refere à primeira pergunta, fica evidente que as surpresas trazidas pela experiência prática foram os principais fatores transformadores. Esses psicólogos pareceram não ter sentido interesse em experimentar essas práticas se não a partir, literalmente, de uma pandemia.

Em relação à segunda pergunta “Em que se baseava sua visão anterior?” preconceito e desconhecimento foram as respostas mais presentes. Levando em consideração que as TICs têm se feito presentes há bastante tempo, esse desconhecimento nos faz questionar o quanto nossa classe está aberta às novas possibilidades. Especialmente se levarmos em consideração o fato de que nosso campo de trabalho está ligado às relações humanas, o que nos convidaria a estar em harmonia com as mudanças culturais. Fica presente a pergunta: o que nos faz tão conservadores em nossas relações com as mudanças tecnológicas?

A terceira pergunta traz algumas ideias que se mostraram bastante presentes: A importância de se estar aberto a novas possibilidades; as possibilidades de vínculo, contato e relação mesmo à distância e a importância de acompanhar o humano em suas mudanças.

Quadro com as respostas do segundo grupo com 4 participantes que haviam escolhido a resposta “Seria uma prática inadequada”, dos quais 3 pessoas passaram a perceber essa forma de atendimento como “É uma prática pouco interessante” e uma customizou sua resposta da seguinte forma: “É o que é possível e busquei me adaptar.”

Quadro 3 respostas do segundo grupo de participantes

Quadro 29 - Respostas do segundo grupo de participantes.

Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?	Em que se baseava sua visão anterior?	Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i> , durante o período de isolamento social, trouxe para você?
Foi possível atender, apesar do isolamento social, e até	Preconceito devido a não	Demorei a encontrar o melhor local da casa para os

ampliar o alcance dos atendimentos, com clientes de diferentes estados brasileiros, de outros países, de outras cidades do estado do Rio de Janeiro e de bairros da cidade mais distantes da localização da minha sala.	ter experienciado.	atendimentos, levando em consideração o acesso à internet e a privacidade. A maior dificuldade foi lidar com o acesso à internet frágil, utilizada pelos clientes, as vezes tendo sido necessário finalizar os atendimentos através de ligação telefônica comum. Talvez o mais interessante foi aprender que posso fazer atendimentos, ora <i>on-line</i> , ora presenciais, de acordo com as necessidades dos clientes. O atendimento <i>on-line</i> ampliou as possibilidades para famílias e casais, pois não há necessidade de estarem todos no mesmo espaço físico.
por atendimento presencial	por atendimento no consultório	quase nada
Minha visão mudou na medida que percebi que apenas o atendimento <i>on-line</i> era possível. Descobri outros recursos para usar como profissional.	A metodologia da Gestalt-terapia pede o uso dos sentidos que ficam mais precários no atendimento <i>on-line</i>	Ratifiquei que meu estilo de trabalho é mais favorecido no atendimento com presença física. Não resta dúvida que recriei e descobri dimensões possíveis que eu não acreditava.
Não atendo <i>on-line</i>	Que a presença física fosse imprescindível	

Fonte: autoria própria.

Neste segundo grupo as respostas foram mais surpreendentes. O primeiro participante respondeu de forma que parece sugerir uma visão positiva do atendimento através de TICs, o que não é coerente com a resposta escolhida no item usado para segmentação das respostas (Seria uma prática inadequada). A segunda resposta nos pareceu de difícil compreensão, exceto a terceira pergunta que foi respondida de forma clara e objetiva: “quase nada”. A terceira pessoa pareceu bem consistente e cuidadosa, expressando uma preferência pelo trabalho

com presença física. A quarta pessoa simplesmente não viveu a experiência, com isso não respondeu à última pergunta.

Em nosso universo das 53 pessoas que anteriormente percebiam o atendimento através de TICs como “Seria uma prática pouco interessante” 50 alteraram suas percepções e 3 mantiveram uma visão similar à que tinham antes do período de isolamento social. respondendo “É uma prática pouco interessante”, sendo que 43 alteraram para “É uma prática interessante”, 5 alteraram para “É uma prática interessante e adequada”, uma alterou para “, uma prática muito adequada e segura” Uma alterou para “Não tenho opinião formada”. Optamos em dividir esse grupo em 2 subgrupos, o primeiro com 49 das 50 pessoas que mudaram seus posicionamentos. e o segundo com duas das pessoas que mantiveram suas visões anteriores. Os dois grupos estão representados nos quadros abaixo. A pessoa que respondeu “Não tenho opinião formada” e uma das que manteve a mesma percepção, relataram não ter vivido nenhuma experiência com a prática clínica, sendo assim, não colocaremos suas respostas nesses quadros.

O quadro 30 contém as respostas de 49 das 50 pessoas que alteraram suas percepções:

Quadro 30 - Respostas das 49 pessoas que, com a prática, alteraram suas percepções.

Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?	Em que se baseava sua visão anterior?	Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i> , durante o período de isolamento social, trouxe para você?
Ha possibilidade de atender pessoas de lugares distante e a flexibilidade nesse período de pandemia	Perda do contato físico, com isso o não contato com o todo	O atendimento <i>on-line</i> trouxe vários ensinamentos. o principal é esta aberto ao novo.
O atendimento <i>on-line</i> é tão potente quanto o presencial.	Não acreditava que no atendimento psicoterapêutico mediado através de uma tela pudéssemos construir	O atendimento <i>on-line</i> é a uma nova forma de atendimento que atende às necessidades da vida atual.

	um vínculo como no presencial.	
A possibilidade de estar atendendo pessoas de outro estado ou até mesmo de outro país.	Que era impossível fazer um bom vínculo estando longe da pessoa. Hoje mudei de opinião pelos resultados que tenho através dos atendimentos on-line.	Possibilidade de dar continuidade ao meu trabalho mesmo em período de pandemia.
Facilidades em atender de qualquer lugar e pessoas de diversos lugares.	Não acha possível uma aproximação, dificuldade na criação de vínculos por estar distante.	Não fiz atendimentos <i>on-line</i> .
verificar que a conexão emocional, a disponibilidade e a presença são iguais ou maiores	a ideia de que on line seria mais difícil se conectar num nível mais profundo	Havendo disponibilidade para acolher e ser acolhida, com criatividade e ética, ainda que em condições adversas, a relação pode ser forte, rica e produtiva
Mesmo ainda preferindo atender presencial, notei que no atendimento através de TICs não perde em nenhum sentido a eficácia e qualidade do trabalho.	Falta de familiaridade e experiência no assunto.	O quanto um momento de crise pôde me fazer pensar e me adaptar a novos formatos para poder continuar disponível para meus clientes. E o quanto, pensado com responsabilidade e cuidado, não compromete a qualidade do contato e do trabalho.
Identifiquei que a troca permanece rica, com entrega, suporte e acolhimento. Existe movimento no <i>on-line</i> , que possibilita ampliar sua clínica para além da sua região.	Não via possibilidade de acolhimento no virtual (ledo engano)	Ajustes criativos, Valorização do processo, reconhecimento e amplitude da experiência.
A necessidade de estar <i>on-line</i> fez a mudança acontecer	Maioria dos atendimentos de forma presencial	E possível estar presente e fazer intervenções significativas mesmo através de uma tela
Mudança de perspectiva dos terapeutas e clientes sobre essa	Dificuldade de estabelecer relações <i>on-</i>	Possibilidade de readaptação nossa a qualquer

modalidade de atendimento	<i>line</i>	contexto
A demanda de pacientes disponíveis para o processo psicoterapêutico	Impessoalidade	A psicoterapia se dá através do debruçar do terapeuta e oferecer escuta profissional ao paciente que se permite falar, se encontrar. Me dei conta que o espaço importa e influencia, mas a conexão do psicoterapeuta-cliente se dá em qualquer lugar.
Mudança de perspectiva dos terapeutas e clientes sobre essa modalidade de atendimento	Dificuldade de estabelecer relações <i>on-line</i>	Possibilidade de readaptação nossa a qualquer contexto
Pude perceber que o atendimento através de TICs é completamente viável e não diminui a qualidade do atendimento, assim como a relação terapeuta-cliente.	Nunca tinha despertado interesse pelo atendimento através de TICs.	A grandeza da capacidade de transformação e adaptação do ser humano e dos seus processos.
Identifiquei que é possível explorar o atendimento <i>on-line</i> de maneiras incrivelmente ricas e criativas.	Nunca gostei muito de tecnologia, computador, acho que se baseava nessa distância.	Que a mudança de paradigma pode ser rica. Maneiras novas de trabalhar podem ser ricas e interessantes.
Experimentar foi fundamental para confirmar que é possível criar vínculos e construir um processo terapêutico	Dificuldade no contato e na relação com paciente.	Permitir experimentar e Buscar novas possibilidades
As muitas possibilidades do atendimento virtual	Receio de não conseguir resultados	Estar aberto ao novo, se atualizar.
Vi resultados no atendimento <i>on-line</i> dos meus clientes e aprendi técnicas que expandiram minha visão sobre o tema.	Preconceito com o atendimento <i>on-line</i> . Via apenas as perdas pelo distanciamento e pela troca através do recorte da imagem do computador, sem levar em conta os ganhos que se pode ter com esse tipo de atendimento. Além do completo desconhecimento das	Me ensinou a me abrir mais para novas possibilidades de atendimento psicoterapêutico; a conhecer e experimentar plataformas; a pensar o sigilo no atendimento <i>on-line</i> .

	plataformas e seus recursos.	
<p>Hoje atendo meus pacientes tanto na modalidade <i>on-line</i> quanto presencial e vejo que não faz diferença. sou a mesma pessoa e me doo da mesma forma. Às vezes me sinto até mais a vontade no <i>on-line</i>. Só acho que para se fazer relaxamento corporal com o paciente fique mais fácil se for presencial.</p>	<p>Antes eu não atendia <i>on-line</i>, mas enquanto paciente já havia participado de algumas sessões <i>on-line</i>. Eu me sentia mais próxima da minha terapeuta no presencial do que no <i>on-line</i>, mas foram poucas as sessões <i>on-line</i> que tive com ela, então não sei se com o tempo essa minha visão quanto paciente mudaria. Hoje faço terapia com outra psicóloga na modalidade <i>on-line</i> e me sinto super a vontade de falar mesmo sendo <i>on-line</i> (ela reside em outro estado então nunca seria possível fazer presencial com ela).</p>	<p>Poder atender pacientes de qualquer cidade/ estado/ país. Melhor manuseio das plataformas de reunião. Realizar terapia de forma mais confortável. E a experiência de que é possível sim fazer um atendimento de qualidade e acolher o paciente mesmo que de forma virtual.</p>
<p>Economia de tempo e custo de locomoção. Possibilidade de atender pessoas de todo o mundo. Não precisar usar máscara, agora nesse cenário em que estamos vivendo.</p>	<p>Achava que a distância física poderia gerar um distanciamento também na troca terapêutica. Hoje, sinto que estava enganada.</p>	<p>Que com paciência, estrutura e boa vontade, a Psicologia pode ser bastante acessível, mesmo em meio a pandemia.</p>
<p>O fato de não ter tido outra alternativa além do <i>on-line</i>, me fez necessariamente estar em contato com esse recurso. Então, precisei experimentar as diversas possibilidades que o <i>on-line</i> oferece e acabei me identificando muito com esse recurso</p>	<p>Como eu não conhecia as alternativas do <i>on-line</i>, acreditava não ser possível essa forma de trabalho</p>	<p>Ampliou minhas possibilidades de trabalho e atuação e percebi que a qualidade da relação terapêutica pode se manter no contexto <i>on-line</i>, sem depender necessariamente do virtual</p>
<p>Liberdade de trabalho</p>	<p>Dificuldade de contato</p>	<p>Entender o além da clínica convencional</p>

Compensar de outras formas a presença terapêutica e explorar outras possibilidades que não seriam possíveis a princípio no presencial (elementos de casa, fotos, redes sociais, estar mais prox. do rosto, ver melhor a expressão...).	Dificuldade em abordar certos temas em casa e preocupação com o sigilo, timidez em interagir remotamente.	A psicologia está e poderá estar, aonde estiverem pessoas, nada mais contemporâneo que esteja de forma virtual.
O retorno dos clientes.	Visão de que presencial seria mais proveitoso.	Adaptação ao novo.
Possibilidade de atender pessoas sem impedimentos geográficos.	Acreditava que o contato era comprometido.	Que precisamos estar abertos às propostas e possibilidades que se apresentem.
Eu vi que com os recursos certos, a prática <i>on-line</i> é muito eficaz também. Já dei várias altas durante esse tempo.	Eu achava que no <i>on-line</i> faltavam recursos e o resultado ficava comprometido .	Com dedicação de ambas as partes (terapeuta e cliente), uma boa conexão, os resultados podem ser bons e facilita muito que os atendimentos aconteçam por não precisar de deslocamento. Eu gosto dessa flexibilidade de poder atender a pessoa em qualquer lugar do mundo!
O que mudou foi perceber que posso e gosto de só atender <i>on-line</i> hoje. Não sinto uma urgência em atender presencialmente. Sair da zona de conforto me proporcionou crescer profissionalmente, precisei ressignificar, me preparar, fazer cursos de atendimento <i>on-line</i> , essa forma diferente e rica em vários aspectos.	Na minha dificuldade de lidar com a virtualidade e na falta de conhecimento e prática.	Experenciar o atendimento nesse formato foi muito desafiador e me fez crescer e me fez sentir mais confiança em mim como profissional.
A necessidade trouxe um empenho maior na busca de recursos para tornar o atendimento bem-sucedido	Desconhecimento	Identifiquei novas possibilidades de atendimento que são tão eficientes quanto a presencial e mais práticas e com uma adaptação melhor a rotina pessoal
A necessidade e a percepção de que funciona	Falta de experiência mesmo... Não	Mais paciência Menos julgamento

	era algo que eu pensava	Estamos em um ambiente do cliente, é possível nova forma de trabalhar, ampliar
A necessidade de ampliar os atendimentos.	Em desconhecimento sobre a prática.	Que sempre é possível se aproximar de quem necessita de apoio psicológico.
que o vínculo terapêutico pode ser construído mesmo virtualmente.	falta de contato com atendimento virtual	descobertas de novas formas de atendimento, ampliação do olhar no atendimento.
É possível obter progresso na terapia <i>on-line</i> , mesmo sem estar no contato presencial	Na impossibilidade de manter contato	Para se estabelecer contato, só é preciso estar no o ambiente com o outro.
Segurança, praticidade e amplo alcance de clientes	Falta de prática no olhar, achava algo impossível	A possibilidade do olhar como um todo para as inovações tecnológicas como aliado da prática terapêutica.
Sinto que é um atendimento eficaz e tenho tido bons resultados com minha clientela.	Era uma visão limitada porque não sabia interagir com a tecnologia e também não acreditava na eficácia em relação ao tratamento.	De que é possível fazer um bom atendimento de qualidade mantendo contato, presença, escuta ativa e aplicação de recursos que possam fazer diferença no atendimento e levar ajuda as pessoas.
Pude perceber as possibilidades e os resultados do trabalho com experimentos	Achava impossível a falta de contato físico	Menor índice de faltas, possibilidade de estar com o cliente em seu ambiente, a criatividade como ferramenta terapêutica e a qualidade de presença.
O meu nível de abertura para essa experiência. A busca por conhecimento e formação. O contato com outros psicólogos que já tinham experiência com esse tipo de atendimento.	Um preconceito de minha atitude conservadora.	Nós temos recursos infinitos, criativos e potentes na virtualidade a nossa disposição. Aprender a usá-los é um processo de conquista - que requer prática. Com abertura para a experiência, trocas e a curiosidade para aprender sobre

		novos mundos podemos expandir o alcance do nosso trabalho.
Praticidade para paciente e terapeuta, maior alcance do meu trabalho (tenho pacientes internacionais), custos mais baratos (não precisa pagar sala), posso ver como o paciente utiliza seu espaço de casa.	Achava pouco contato humano.	Que somos capazes de nos adaptar
Respostas positivas no processo e economia de tempo.	Na impossibilidade de conexão com o cliente	A conexão pode ir além da presença física
A vivência nessa experiência.	Pouca informação sobre o assunto.	É possível a Psicologia alcançar mais pessoas em diferentes níveis de sofrimento por meio das tecnologias.
A distância não interferiu na eficácia dos atendimentos, apesar de achar o atendimento presencial com maior excelência.	A não eficácia nos atendimentos; por achar que o distanciamento não iria favorecer a entrega dos pacientes além da ausência de boa parte das ferramentas que utilizo presencial nas abordagens que atuo: Psicodrama e Analítica.	Que a maioria dos pacientes estão receptivos, abertos a esta prática de psicoterapia.
A comodidade tanto para mim, quanto para o paciente.	Nas minhas vivências no atendimento presencial.	Que havendo abertura e disponibilidade para o novo, quase tudo é adaptável
A necessidade do uso dessa prática me fez mudar de ideia. Era o único meio para continuar o trabalho.	Eu prezava o contato, a presença física, a acolhida física.	Que podemos estabelecer vínculos profundos; Desenvolver trabalhos de qualidade; Ser criativa, pensando novas formas; Mais agilidade nos atendimentos de emergência; Novas descobertas; Possibilidade de estender o atendimento a qualquer lugar do mundo.

Se tornou um facilitador	não era necessário e nem oportuno.	Devo estar aberta a novas práticas.
Demanda social mesmo, uma mudança necessária para atendimento das necessidades da população. Principalmente por conta do sofrimento psíquico causado pelo isolamento.	Não tinha necessidade	
A espontaneidade que pode ser experimentada por terapeuta e cliente, para além das TICs	Falta de conhecimento e até fala preconceituosas de colegas e professores de profissão	Não ter preconceito em experimentar outras realidades, desenvolvimento de habilidades tecnológicas e soft Skills
A praticidade	Preconceituosa	Experimentar antes de negar
Primeiramente a abertura para a experiência, pois antes eu nem cogitava atendimento <i>on-line</i> . E além disso muito estudo e troca com outros profissionais me fizeram entender como é possível promover um atendimento acolhedor e de qualidade mesmo à distância.	Puramente preconceito, não tinha ideia de como era mas já afirmava que não seria uma boa opção para mim.	
A comunicação	Que seria pouco interessante.	Que dá é vantajoso.
Posso perceber que o campo virtual gera uma riqueza muito grande de formas de se trabalhar, com flexibilidade e criatividade, abrindo muitas possibilidades para variados recursos relacionais. Além de poder acessar mais diretamente a vida da pessoa, seu ambiente, seus objetos, os acontecimentos.	Relação fria, distante.	Que é possível o atendimento no meio virtual e, muitas vezes, ele traz novidades e recursos que no atendimento presencial não aparecem.
como informei anteriormente, ainda não faço atendimentos	nao avaliada	Ter uma escuta e poder auxiliar em todos tempo e lugar
Tanto na prática enquanto estagiária, quanto no lugar de atendida na modalidade casal foi possível perceber que os benefícios da terapia estão desatrelados do contato presencial.	Na falta de experiência e de conhecimento sobre atendimentos através de TICs.	Situações muito dolorosas e difíceis exigem grandes adaptações. E ao tentar fazer adaptações, podemos ser levados a consequências

Isso fez toda a diferença.	Em uma dificuldade pessoal de lidar com TICS	<p>muito positivas.</p> <p>No meu processo de constantes adaptações devido ao caos da pandemia tornou-se possível, mesmo por meio do contato exclusivamente intermediado por um aparelho eletrônico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - beneficiar aqueles que recorreram a mim precisando de ajuda terapêutica; - ser muito beneficiada com o atendimento recebido e - vivenciar esse novo formato virtual como uma realidade, mesmo sendo eu uma pessoa tão cheia de medos e dificuldades com relação às tecnologias em geral. <p>Penso que, pelos seus efeitos positivos, a terapia através de TICs veio para ficar..</p> <p>Acho também necessário mantermos o olhar atento, discutindo estudando e avaliando seus prós e contras a curto, médio e longo prazo.</p>
----------------------------	--	--

Fonte: autoria própria.

Essas três perguntas estão diretamente relacionadas com o objetivo central de toda a nossa pesquisa, isto é, acompanhar o processo de apropriação das TICs por psicólogos brasileiros. Por isso, fizemos a opção de colocar o quadro na íntegra em nossa tese, mesmo sendo um quadro muito grande.

A leitura das respostas lado a lado, a descrição de que fator gerou a mudança, em que se baseava a visão anterior e o que foi possível aprender com a experiência foi muito interessante. Encontrei uma certa beleza quase poética ao fazer a leitura. É um quadro que fala de transformação, de crescimento, de vida acontecendo, de magma incandescente. Cada pessoa com seu estilo, cada um com um nível diferente de experiência. Fala da experiência de apropriação das TICs

sendo vivida. Fala da fragilidade das compreensões estabelecidas, sem a sustentação da experiência do vivido. Fala do que está no cerne do que chamamos de Gestalt-Terapia, a saber, a importância de nos aproximarmos de nosso mundo de uma forma coerente com sua forma de mostraçã. Se queremos compreender uma prática precisamos experimentá-la na prática. A opção de ficarmos com uma aproximação teorizante quando estamos lidando com algo que é da ordem da prática, gera um conhecimento hipotético e geralmente muito frágil. Foi bonito acompanhar o contraste entre essas formas de construção de conhecimento. Acompanhar o conhecimento construído de forma teorizante sendo confrontado com o conhecimento construído à luz da experiência vivida. A potência da aproximação vivencial em relação ao mundo que nos cerca confirma o valor da perspectiva gestáltica.

O quadro abaixo tem as respostas de duas pessoas que mantiveram a mesma percepção, tendo respondido “É uma prática pouco interessante”:

Quadro 31 – Com as respostas das pessoas que mantiveram a mesma percepção, tendo respondido “É uma prática pouco interessante”.

Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática <i>on-line</i> , que possa ter gerado essa mudança?	Em que se baseava sua visão anterior?	Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento <i>on-line</i> , durante o período de isolamento social, trouxe para você?
Minha visão se manteve a mesma	Campo de visão reduzido, interferências externas	Não controlo todas as variáveis, cansa demais passar muito tempo na frente de telas, preciso aprender mais sobre os recursos possíveis de TICs
Fiz um curso na área que me ajudou muito e nós atendimentos pude perceber que é possível realizar um bom trabalho terapêutico.	Insegurança e pouco conhecimento.	Principalmente mudar a visão sobre o atendimento <i>on-line</i> , de que pode ser tão quanto possível como o presencial.

Fonte: autoria própria.

Estudando o formulário preenchido por essas duas pessoas pudemos observar que no item “Quanto à intensidade emocional da experiência clínica através de TICs, você identifica que o encontro psicoterapeuta-cliente se dá predominantemente:” as duas optaram pela resposta: “de forma tão intensa e

profunda quanto no atendimento presencial.” Resposta que indica uma percepção positiva em relação a essas formas de atuação.

A primeira colocou o cansaço de ficar muito tempo diante de uma tela e a necessidade de aprender mais sobre os “recursos possíveis de TICs” como o que aprendeu na pandemia o que nos leva a pensar que seu desinteresse está referido a uma falta de conforto pessoal na vivência dessas práticas.

A segunda fala de sua mudança de visão em relação ao atendimento *on-line* que apresentaria similaridades em relação ao presencial. Essas duas respostas não são muito coerentes com achar que seria “uma prática pouco interessante”.

Ainda trabalhando com segmentações baseadas na pergunta: “Qual era sua visão em relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?” e investigando a resposta dada a pergunta: “Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?” Observamos que 36 pessoas selecionaram a opção “Seria uma prática interessante”, 35 das mesmas optaram por “É uma prática interessante”, mantendo suas visões anteriores e uma fez a opção: “É uma prática interessante e adequada”. Podemos perceber que o grupo que já tinha uma postura mais disponível para as práticas através de TICs se manteve mais constante em seu posicionamento.

As grandes mudanças de atitude se fizeram presentes no universo das pessoas que de fato não tinham uma visão positiva em relação a tais formas de atuação. A experiência concreta com o trabalho através de TICs trouxe a esse grupo específico de psicólogos o entendimento de que esse tipo de recurso pode sim ser utilizado, de forma adequada, em suas práticas clínicas. Um percentual muito grande das pessoas, de nosso universo, que tinham uma visão desfavorável em relação ao atendimento clínico através de TICs e que puderam viver a experiência prática utilizando esses recursos modificaram suas percepções em relação aos mesmos.

“Todo artista tem de ir aonde o povo está.” Essa frase, de Milton Nascimento e Fernando Brant (1981), tem se feito presente ao longo de todo o período em que temos pesquisado a relação entre práticas psicológicas e transformações tecnológicas. Ao examinar esse item não foi diferente. Levando em conta que somos profissionais da comunicação, que trabalhamos a partir da nossa possibilidade de estabelecer relação com o outro ser humano, de nos comunicarmos

com qualidade, delicadeza, respeito e proximidade em nosso contato com esse outro. A percepção de um certo distanciamento entre o ritmo das transformações nas possibilidades e costumes, no que se refere à comunicação humana e o ritmo das transformações experimentadas em nossas práticas psicológicas faz com que faça sentido que essa frase ecoe nossa mente. Estaríamos indo com nossas formas de atuação até onde o nosso povo está?

De alguma forma fica evidente o contraste entre a percepção que um grupo muito expressivo das pessoas que responderam nosso questionário tinha em relação ao trabalho através de TICs e o que de fato elas encontraram quando precisaram viver a experiência prática. Esse grupo de profissionais tenha uma percepção negativa em relação à possibilidade de utilização de TICs em suas atuações como psicólogos, sem ter se permitido de fato viver essa experiência na prática.

Quando levamos em consideração o fato de que por um lado a comunicação através de recursos virtuais vem ganhando espaço em nossa sociedade de forma marcante, como fica evidente ao observarmos crescimento das redes sociais, as mudanças nos hábitos de comunicação performadas por aplicativos como o Whatsapp entre muitos outros exemplos que podemos elencar e ao mesmo tempo, por outro lado percebemos que não existia uma certa disposição para a aproximação em relação a essas formas de comunicação. Em um certo sentido, olhando por esse ângulo, estaríamos diante de um contrassenso em especial quando tratamos de Gestalt-Terapeutas. Somos profissionais da relação, nossa arte envolve o estar aberto ao novo, estar disponível para encontrar o diferente, em suas diferenças. Será que de fato essa abertura tão alardeada está presente nessas práticas? Mais uma vez esse questionamento se impõe em nosso processo de investigação.

Em nosso próximo item buscaremos tratar das publicações realizadas pelo sistema conselhos de psicologia relativas à atuação do psicólogo através de TICs. Procuraremos elencar os itens postados ao longo da pandemia Covid-19 até o final de 2021.

4.3.16 O CFP e a COVID 19

O sistema conselhos foi muito exigido naquele período. Muitas medidas precisaram ser tomadas, em especial podemos ressaltar que em 26 de maio de 2020, a presidente do CFP, como vimos anteriormente, assina uma nova resolução a CFP Nº 04/2020 (Anexo 7), suspendendo temporariamente os itens restritivos relativos a telepsicologia. Esta resolução, diminuiu alguns entraves referentes às possibilidades de atuação a distância por parte da psicologia brasileira. Medida fundamental que libertou os psicólogos de nosso país de limitações que eles não poderiam respeitar, a menos que estivessem dispostos a virar as costas para algumas das pessoas que mais precisavam de seus trabalhos naquele período tão crítico de suas existências.

Para além dessa medida tão importante, uma infinidade de outras atitudes precisaram ser tomadas pelo sistema conselhos para fazer frente ao contexto pandêmico desde seu início. A comunicação com a categoria ganhou um espaço marcante. Foi muito interessante observar a forma como conselho federal de psicologia se fez presente de forma virtual ao longo daquele período, nunca tivemos tanta proximidade com uma presidente de CFP. Foram feitos vários pronunciamentos em nome da instituição. Com frequência a própria presidente do conselho foi quem fez esses pronunciamentos usando as TICs.

Em nossa história de cerca de cerca de 30 anos de psicologia passei por vários presidentes de CFP. Não tenho registro do rosto de nenhum dos presidentes anteriores. Os pronunciamentos de nossa presidente através de TICs deram rosto, tom de voz forma de falar, forma de sorrir, forma de olhar, humanidade à essa figura. Em nossa experiência a presidente do CFP deixou de ser apenas um nome referente a uma autoridade e passou a ser uma pessoa, um ser humano.

Acompanhando as publicações e os pronunciamentos realizadas pelo sistema conselhos ao longo do período em que COVID-19 se fez presente, pudemos observar uma ampla variedade de conteúdos. O conselho federal criou em seu site a seção “Coronavírus” (CFP, 2020a), específica para temas relativos à pandemia, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 45 - Seção “Coronavírus” site do CFP.

Home > Coronavírus > 1- Início

Coronavírus

9- Enfrentamento à violência contra a mulher

2- Notícias

4- Vídeos

3- Podcast

1- Início

5- Cadastro para atendimento on-line

7- Atuação do seu Regional

6- Legislação

8- Orientações em Políticas Públicas

CORONAVÍRUS

Informações do CFP

Diante da pandemia da Covid-19, o novo coronavírus, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e todo o Sistema Conselhos de Psicologia apresentam à categoria informações e orientações para atuação profissional e enfrentamento da crise. Tudo em um mesmo local.

São textos, vídeos, podcasts e materiais com o objetivo de auxiliar as(os) psicólogas(os) durante o período da pandemia, com informações sobre o exercício profissional e atuação em emergências e desastres, em contextos clínicos, de assistência social, saúde, políticas públicas, entre outros.

Neste espaço, a(o) profissional também encontrará orientações sobre atendimento online, além de cuidados que devem ser tomados no enfrentamento ao coronavírus, observando as recomendações do Ministério da Saúde, Organização Mundial de Saúde (OMS), Secretarias de Saúde e autoridades civis sobre eventuais possibilidades de quarentena, resguardo e isolamento.

O CFP reforça, ainda, as recomendações da OMS sobre medidas de prevenção, tais como:

- Lavar as mãos frequentemente com água e sabão;
- Usar antisséptico de mãos à base de álcool gel 70%;
- Ao tossir ou espirrar, cobrir boca e nariz com a parte interna do cotovelo, evitando usar as mãos;
- Optar por lenços descartáveis;
- Manter os ambientes ventilados, com janelas abertas;
- Caso apresente os sintomas, procurar os serviços de saúde.

[Curtir 204](#) [Tweetar](#)

Fonte: site do CFP <https://site.cfp.org.br/coronavirus>.

Foram criadas 9 (nove) subdivisões na seção “Coronavírus”. Foram postadas 225 publicações, divididas entre as subdivisões como consta no quadro abaixo:

Quadro 32 - Subdivisão da seção “Coronavírus” quanto aos tipos de publicação. Ocorrências em valores absolutos.

Subdivisão seção “Coronavírus”	Postagens realizadas
1- Início	1
2- Notícias	87
3- Podcast	18
4- Vídeos	48
5- Cadastro para atendimento <i>on-line</i>	1
6- Legislação	23

7- Atuação do seu Regional	24
8- Orientações em Políticas Públicas	13
9- Enfrentamento à violência contra a mulher	10

Fonte: autoria própria.

Buscamos examinar os temas centrais dessas publicações, observando a forma como o próprio sistema conselhos utilizou as TICs em sua comunicação com a classe dos psicólogos. Com o auxílio da ferramenta “ATLAS.ti 9”⁸⁵ estabelecemos códigos para classificar os assuntos veiculados em cada um dos temas publicados pelo CFP. Os códigos foram criados a partir dos conteúdos apresentados em cada uma das postagens. O nome utilizado em cada um dos códigos fez referência ao conteúdo das postagens relativas a cada classificação. No quadro 33 apresentamos nossa lista de códigos/classificações e a incidência com que se fizeram presentes nas publicações realizadas pelo CFP na sessão “Coronavírus” e em cada um de seus subitens. Para resumir suprimimos os códigos que tiveram menos de 3 ocorrências, não alteramos os valores totais de codificação referentes a cada subdivisão. Abaixo apresentamos o quadro com a lista de classificações elencadas, que tiveram 3 (três) ocorrências ou mais.

Quadro 33 - Lista de códigos/classificações e a incidência dos conteúdos apresentados em cada uma das postagens do CFP sessão “Coronavírus”. Ocorrências em valores absolutos.

Classificações	subdivisões									
	1 Início	2 Notícias	3 Podcast Diálogos Digitais em podcast	4 Vídeos	5 Cadastro para atendimento <i>on-line</i>	6 Legislação	7 Atuação do seu Regional	8 Orientações em Políticas Públicas	9 Enfrentamento à violência contra a mulher	Totais
Totais	7	126	33	275	2	76	1	14	23	557
Prática Psicológica Através de TICs	3	39	13	33	1	2	0	0	1	92
Isolamento Social	0	7	1	8	0	21	0	1	4	42
Prazos Processuais	0	13	0	3	0	14	0	0	0	30
Regulamentação	0	0	0	0	0	23	0	5	0	28
Saúde Mental	0	8	4	11	0	0	0	1	0	24

⁸⁵ ATLAS.ti 9 Software voltado para o auxílio a pesquisas qualitativas.

Ensino de Psicologia	0	7	4	11	0	0	0	0	0	22
Prevenção à Covid -19	2	0	0	3	0	8	0	0	0	13
E-Psi	0	4	0	7	1	0	0	0	0	12
Violência Contra a Mulher	0	1	1	2	0	0	0	1	6	11
Prática da psicologia	0	0	0	10	0	0	0	0	0	10
Assistência Social	0	4	2	2	0	0	0	1	0	9
Avaliação Psicológica	0	3	0	6	0	0	0	0	0	9
Prazos Prescricionais	0	0	0	1	0	8	0	0	0	9
Eventos	0	2	0	6	0	0	0	0	0	8
Atendimento <i>on-line</i>	0	0	0	7	0	0	0	0	0	7
Populações Indígenas	0	1	2	4	0	0	0	0	0	7
Proteção de Crianças e Adolescentes	0	3	1	3	0	0	0	0	0	7
Segurança no Trânsito	0	3	1	3	0	0	0	0	0	7
Orientações Técnicas	2	0	0	2	0	0	0	0	1	5
Psicologia Hospitalar	0	0	1	4	0	0	0	0	0	5
Saúde das mulheres em tempos de pandemia	0	1	1	3	0	0	0	0	0	5
Violência de Genero	0	0	0	3	0	0	0	0	2	5
Capacitação de profissionais da área de saúde para o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus	0	3	0	1	0	0	0	0	0	4
Combate ao racismo	0	1	0	3	0	0	0	0	0	4
Condições de trabalho da categoria	0	1	0	3	0	0	0	0	0	4
FUNDEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
Planos de Saúde	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
Resolução CFP nº 04/2020	0	1	0	3	0	0	0	0	0	4
Saúde Mental das Crianças	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
Site Saudementalcovid19.org.br	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
Atuação da Psicologia em Situações de Emergências e Desastres	0	1	1	1	0	0	0	0	0	3
Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
Dia Nacional da Luta Antimanicomial	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
Direitos Humanos	0	1	0	1	0	0	0	0	1	3

Infância e covid-19	0	2	0	1	0	0	0	0	0	3
Papel da Psicologia diante do luto	0	1	1	1	0	0	0	0	0	3
Podcast do CFP	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
Publicação	0	1	0	2	0	0	0	0	0	3
Resolução CFP nº 11/2018	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
Segurança no Trabalho	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
SUS - Sistema Único de Saúde	0	0	0	2	0	0	0	1	0	3

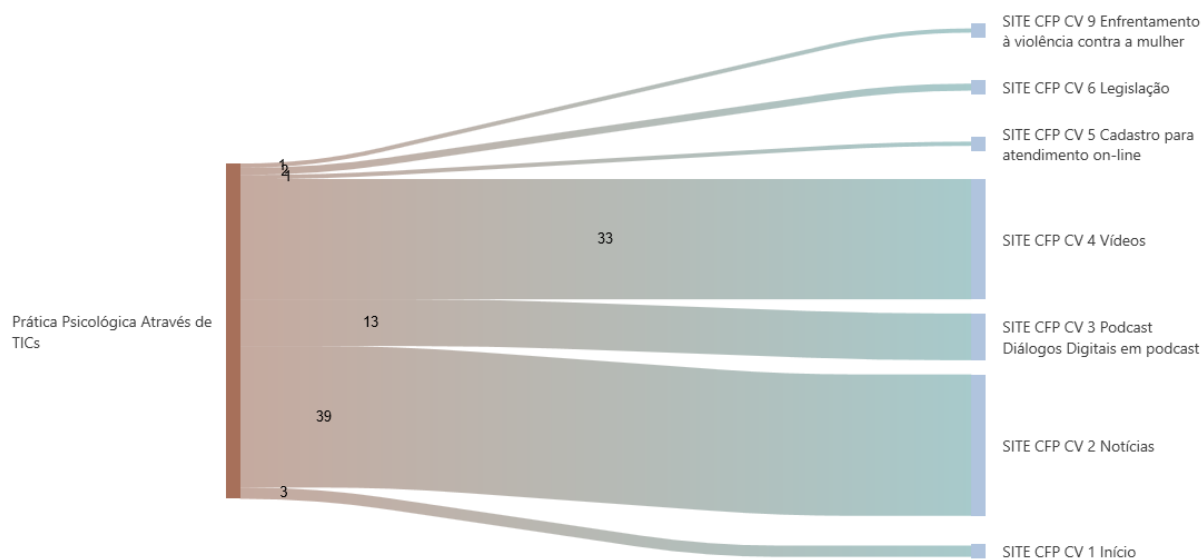
Fonte: autoria própria.

Dentre as classificações encontradas duas tiveram uma importância especial: “Prática Psicológica Através de TICs” e “Ensino de Psicologia”. Buscamos examinar de forma especial os itens que receberam essas classificações visto que as mesmas se conectam de forma direta o nosso tema de investigação. A classificação “Prática Psicológica Através de TICs” foi imputada a todos os conteúdos que guardassem qualquer tipo de proximidade com tais atividades, o que justifica uma grande incidência da mesma. Já no momento de realização do processo de classificação ficou evidente a necessidade de que os itens relativos ao “Ensino de Psicologia” também recebessem o código “Prática Psicológica Através de TICs”, visto que os aspectos nodais referentes a tais discussões estavam predominantemente ligados à realização dos estágios supervisionados, isto é, às práticas psicológicas realizadas por estudantes de psicologia. Se em outros momentos de nossa investigação tínhamos indícios de uma conexão entre a resistência ao ensino através de TICs e a resistência à realização de outras práticas psicológicas realizadas através das tecnologias de informação e comunicação, nesse ponto de nossa pesquisa os dois temas passaram a figurar lado a lado, tornando mais evidente a conexão existente entre eles (gráfico 36).

Examinamos as postagens realizadas até o final do ano de 2021. Pudemos perceber que as postagens tiveram início em 14 de março de 2020 e parecem ter sido interrompidas em 15 de junho de 2021. Muitas postagens não tinham data ou apresentavam suas datas incompletas o que prejudicou nossa possibilidade de afirmar de forma definitiva o período de conclusão das publicações das mesmas.

No Gráfico 34 podemos observar a distribuição dos itens que receberam a classificação “Prática Psicológica Através de TICs” entra as subdivisões do site do CFP:

Gráfico 34 - Distribuição de itens que receberam a classificação “Prática Psicológica Através de TICs” segundo subdivisões do site do CFP. Ocorrências em valores percentuais. Ferramenta Atlas.ti 9.



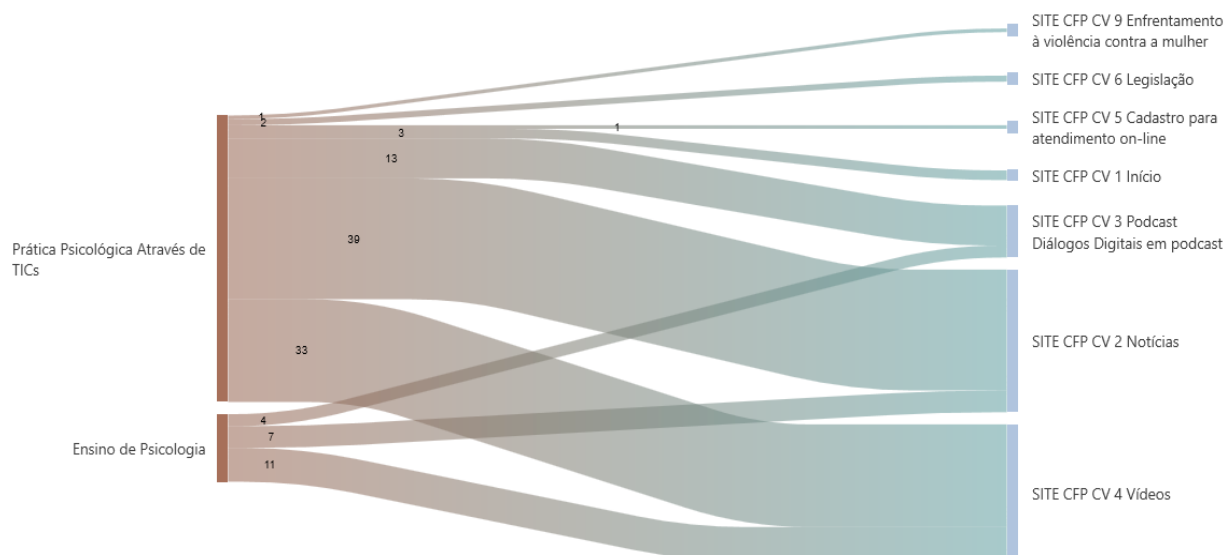
Fonte: autoria própria.

Ao observarmos o gráfico acima alguns aspectos chamam nossa atenção:

- Sete das nove subdivisões trazem algum conteúdo referente a “Práticas psicológicas através de TICs”.
- Os dois itens que não receberam essa classificação não traziam conteúdos produzidos pelo CFP. No item “7 Atuação do seu Regional” encontramos links de acesso para os sites dos CRPs, no item “8 Orientações em Políticas Públicas” encontramos uma lista de links relacionados com diversos ministérios.
- As duas subdivisões que mais trouxeram esse tema foram notícias e vídeos respectivamente. As mesmas que receberam maior número de postagens pelo CFP.

Na figura 46 podemos observar uma nuvem de palavras formada com as 100 palavras mais citadas nos títulos das postagens realizadas no site do sistema conselhos que receberam em alguma parte de seus conteúdos a classificação “Prática Psicológica Através de TICs”:

Gráfico 35 – Distribuição dos itens classificados simultaneamente como “Prática Psicológica Através de TIC” e “Ensino de Psicologia” entre as subdivisões do site do CFP. Ocorrências em valores percentuais. Ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria.

A classificação “Prática Psicológica Através de TICs” apareceu de forma mais abrangente. Nos subitens em que essa classificação se fez mais presente é que pudemos encontrar temas classificados como “Ensino de Psicologia”.

Chama a atenção o fato de que temas classificados como “Ensino de Psicologia” não apareçam na subdivisão “6 Legislação”. Esses temas foram largamente discutidos, porém, o conteúdo das discussões não foi revertido em regulamentações, provavelmente por uma questão de competência. Não é da competência do CFP legislar sobre ensino. Por mais que, em muitos momentos, o Conselho tenha se manifestado no sentido de conter o ensino de práticas psicológicas através de TICs, ele não tinha ingerência legal nesse tema.

Ao longo do período de discussão da adequação ou não da realização de estágios através de TICs, identificamos uma certa falta de clareza por parte de muitos psicólogos em relação a esses limites de competência. Esses limites foram se tornando mais claros ao longo do tempo. O próprio cadastro E-psi trouxe dúvidas e gerou um impasse: se o psicólogo precisa estar cadastrado para atuar através de TICs como o estudante poderia atuar sem ter que se cadastrar? Mais uma vez as tentativas de controle das práticas realizadas através de TICs por parte do sistema conselhos entra em choque com as derivas sócio-históricas. Como acompanhamos

ao longo de nosso capítulo 3, as tentativas de demarcação de espaços de fiscalização por parte do Sistema conselhos vem tendendo a gerar efeitos colaterais indesejados ao longo de seu processo de construção.

Na figura 47 podemos observar uma nuvem de palavras formada com as 100 palavras mais citadas nos títulos das postagens realizadas no site do sistema conselhos que receberam a classificação “Ensino de Psicologia”:

Figura 47 – Nuvem de palavras com as mais citadas nos títulos das postagens realizadas no site do sistema conselhos que receberam a classificação “Ensino de Psicologia”. Utilizou-se a ferramenta “Pro Word Cloud”, um suplemento do “Microsoft Office”. Estão representadas as 100 palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.



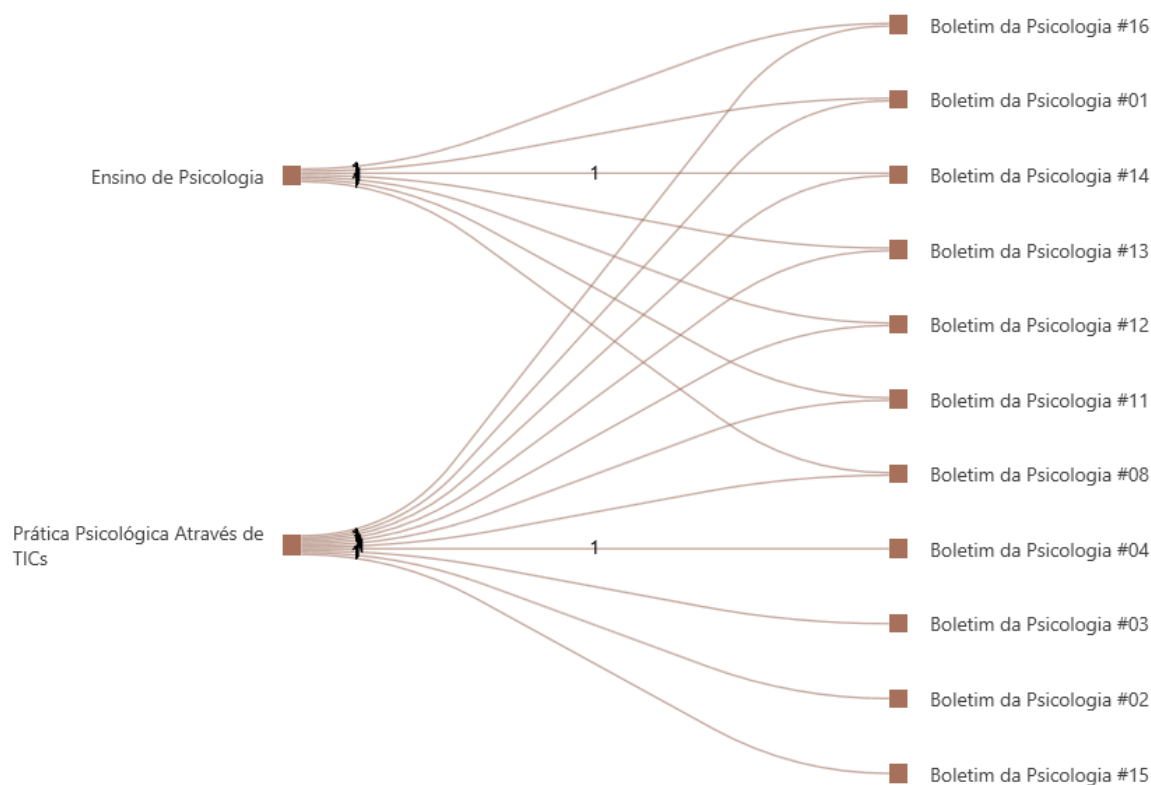
Fonte: autoria própria.

As palavras mais citadas foram: ABEP, Covid, desafios, tempos, recomendações, aprendizados e estágio. Fica evidente o protagonismo da ABEP no que se refere ao tema “Ensino de Psicologia” ao longo daquele período. Covid, desafios, tempos e recomendações são termos que remetem ao enfrentamento da crise que estava sendo vivenciada. Os termos aprendizados e estágio se remetem às questões centrais para a classificação “Ensino de Psicologia”. O termo estágio em especial tem relação com a trincheira mais defendida nesse embate, foco aonde as tensões foram mais intensas, como pode ser observado no item 4.3.13.

Uma das publicações criadas pelo CFP foram os Boletins de Psicologia, iniciativa que tinha como objetivo divulgar, através de vídeos, notícias e orientações do CFP e Sistema conselhos de psicologia. A proposta foi que os boletins deveriam ser publicados semanalmente, o que aconteceu, com relativa pontualidade, por 16 edições. O primeiro foi publicado em 29 de março de 2020 e o décimo sexto e último foi ao ar em 17 de agosto de 2020. As publicações dos boletins foram informadas na subdivisão “1 Notícias” e o os vídeos postados na subdivisão “4 Vídeos”. Como esses boletins tinham como objetivo apresentar ações, recomendações, normativas e as informações mais precisas para o exercício profissional do psicólogo (CFP, 2020a) buscamos examinar o conteúdo dos mesmos de forma mais detalhada.

Cada boletim trazia diversos temas. O Gráfico 36 apresenta a incidência dos temas “Prática Psicológica Através de TICs” e “Ensino de Psicologia” nos mesmos. Dos 16 boletins publicados, 11 citaram temas relativos à “Prática Psicológica Através de TICs” e 7 (sete) citaram temas ligados ao “Ensino de Psicologia”.

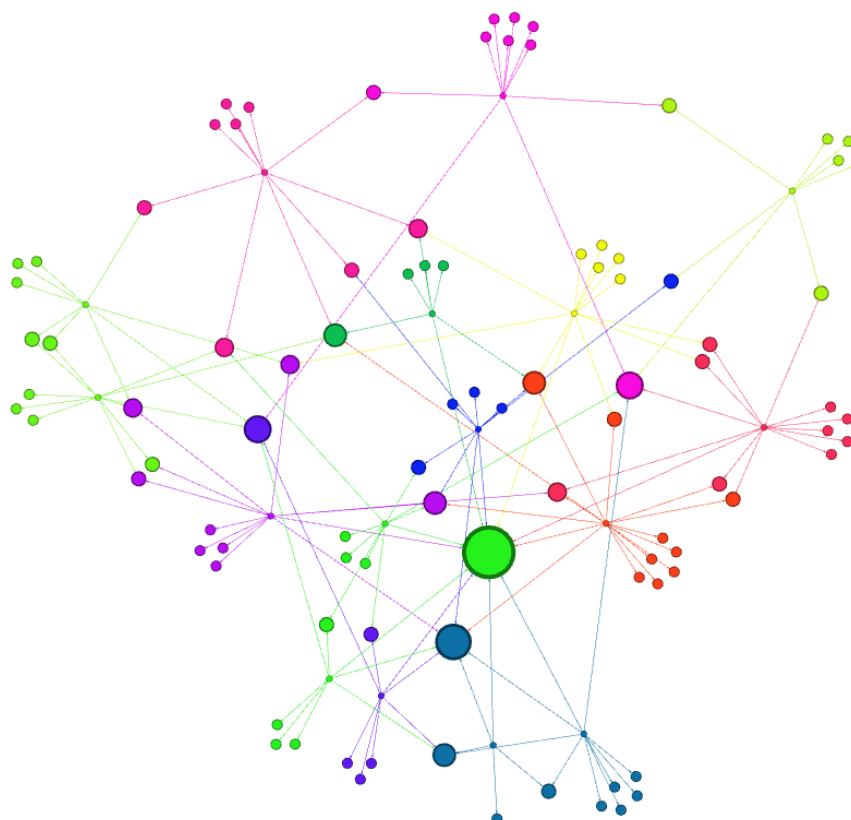
Gráfico 36 – Distribuição diagramática dos temas “Prática Psicológica Através de TICs” e “Ensino de Psicologia” nos 16 Boletins de Psicologia publicados. Ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria.

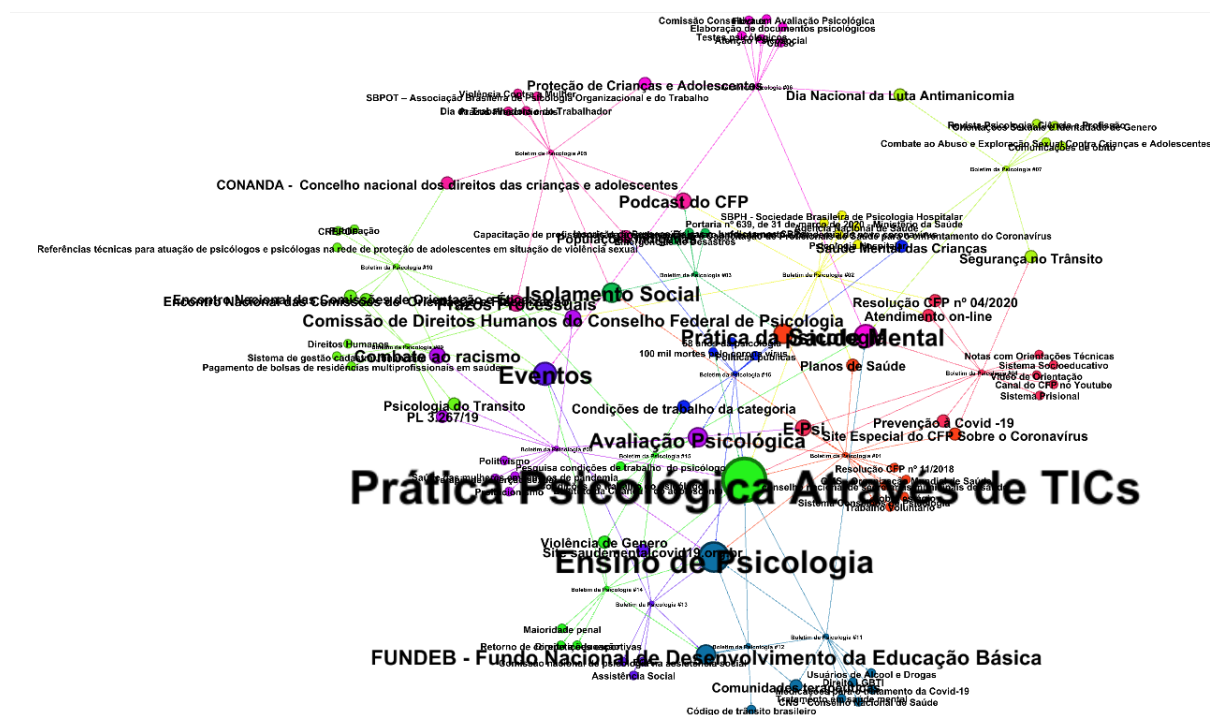
As figuras 48 e 49 apresentam os temas postados nos “Boletins da Psicologia” dispostos através de um grafo, na primeira figura os rótulos dos nós são ocultados, na segunda eles aparecem de forma proporcional ao tamanho dos nós. O tamanho dos nós variam de acordo com o grau de entrada dos mesmos, isso significa que os temas que mais aparecem nos boletins são apresentados com tamanhos maiores de forma proporcional a suas incidências.

Figura 48 – Grafo das publicações nos “Boletins da Psicologia” revelando suas conexões temáticas. As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7. A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2.



Fonte: autoria própria.

Figura 49 – Grafo dos temas postados nos “Boletins da Psicologia” dispostos como rótulos dos nós. As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). Ferramenta Gephi 0.9.7. A distribuição foi gerada pelo algoritmo ForceAtlas 2. A amplificação da imagem permite a leitura dos rótulos.



Fonte: autoria própria.

No quadro abaixo todos os temas que conseguimos elencar nos “Boletins da Psicologia” são apresentados acompanhados do número de incidência dos mesmos:

Quadro 34 - Temas que constam dos “Boletins da Psicologia” e respectivas incidências, em números absolutos.

Tema	Ocorrência	Tema	Ocorrência	Tema	Ocorrência	Tema	Ocorrência
100 mil mortes pelo corona vírus	1	CREPOP	1	Orientações Sexuais e Identidade de Gênero	1	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	1
30 anos do ECA	1	Curso	1	Pagamento de bolsas de residências multiprofissionais em saúde	1	Saúde das mulheres em tempos de pandemia	1
58 anos da psicologia	1	Dia da Trabalhadora e do Trabalhador	1	Pesquisa condições de trabalho do psicólogo	1	Saúde Mental	5
Agência Nacional de Saúde	1	Dia Nacional da Luta	2	PL 3.267/19	2	Saúde Mental das Crianças	2

		Antimanicomial				
Assistência Social	1	Direito a educação	1	Planos de Saúde	2	SBPH - Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar
Atenção Psicossocial	1	Direito LGBTI	1	Podcast do CFP	3	SBPOT – Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho
Atendimento <i>on-line</i>	2	Direitos Humanos	1	Políticas públicas	1	Segurança no Trânsito
Avaliação Psicológica	4	ECA	1	Politivismo	1	Sistema Conselhos de Psicologia
Cadastramento e Capacitação de Profissionais de Saúde para o enfrentamento do Coronavírus	1	Elaboração de documentos psicológicos	1	Populações Indígenas	2	Sistema de gestão cadastral, financeira
Canal do CFP no Youtube	1	Emergências de Desastres	1	Portaria nº 639, de 31 de março de 2020 - Ministério da Saúde	1	Sistema Prisional
Capacitação de profissionais da área de saúde para o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus	1	Encontro Nacional das Comissões de Orientação e Fiscalização	2	Prática da psicologia	4	Sistema Socioeducativo
CNS - Conselho Nacional de Saúde	1	Encontro Nacional das Comissões de Orientação e Ética	2	Prática Psicológica Através de TICs	11	Site Especial do CFP Sobre o Coronavírus
Código de trânsito brasileiro	1	Ensino de Psicologia	7	Prazos Prescricionais	1	Site saudementalcovid19.org.br
Combate ao Abuso e Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes	1	E-Psi	3	Prazos Processuais	3	Sobre estágio
Combate ao racismo	3	Estatuto da Criança e do adolescente	1	Prevenção à Covid - 19	2	Terapia de reversão sexual
Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica	1	Eventos	5	Proibicionismo	1	Testes psicológicos
Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia	3	Fiocruz	1	Proteção de Crianças e Adolescentes	2	Trabalho Voluntário
Comissão nacional de psicologia na assistência social	1	FUNDEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica	4	Psicologia do Trânsito	2	Tratamento em saúde mental

Comunicações de óbito	1	Inscrição de Pessoas Físicas e Jurídicas nos CRPs	1	Psicologia Hospitalar	1	Usuários de Álcool e Drogas	1
Comunidades terapêuticas	2	Isolamento Social	4	Publicação	1	Vídeo de Orientação	1
CONANDA - Conselho nacional dos direitos das crianças e adolescentes	2	Maioridade penal	1	Referências técnicas para atuação de psicólogos e psicólogas na rede de proteção de adolescentes em situação de violência sexual	1	Violência Contra a Mulher	1
Condições de trabalho da categoria	2	Medicações para o tratamento da Covid-19	1	Resolução CFP nº 04/2020	2	Violência de Gênero	2
Condições de trabalho do psicólogo	1	Notas com Orientações Técnicas	1	Resolução CFP nº 11/2018	1		
conselho nacional de secretarias municipais de saúde	1	OMS - Organização Mundial de Saúde	1	Retorno de competições esportivas	1		

Fonte: autoria própria.

O tema “Prática Psicológica Através de TICs” foi o que apareceu com a maior incidência nos boletins de psicologia, exatamente o tema central de nossa tese. O segundo tema de maior incidência foi o “Ensino de Psicologia” um dos temas que ao longo de nossa investigação foi se mostrando como fazendo fundo para nosso tema central. A grande incidência de nosso tema nos “Boletins de Psicologia” demonstra a amplitude da importância do mesmo no período de isolamento social entre os anos de 2020 e 2021. Demarca a importância de nosso tema e o grau do desafio que enfrentamos em nossa pesquisa.

No próximo item trataremos do II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade.

4.3.17 O II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade

Se o primeiro simpósio IGT de psicologia e virtualidade se deu logo após ter entrado em vigor a resolução CFP Nº 11/2018, o segundo evento dessa série ocorre cerca de 6 meses após o início do período de isolamento social determinado pela pandemia Covid 19 e teve como título: II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade: Covid19 - Sofrimento e Transformação (IGT, 2020).

Figura 50 – Divulgação do II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade: Covid19 - Sofrimento e Transformação.

II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade: Covid-19 - Sofrimento e Transformação



Data: 29 de Agosto de 2020
Horário: 09:00 às 19:00h

PROGRAMAÇÃO



09:00 às 10:30 - Plenária de Abertura | Tema: Mesa redonda - Atendimento Online em tempos de isolamento social: discutindo a partir de olhares distintos
Com: Carmelita Gomes Rodrigues - CRP 01/11679, Márcia C. Estarque P. da Silva - CRP 05/17721 e Oliver Zancul Prado - CRP 06/55700



10:30 às 11:30 - Apresentação | Tema: As possibilidades de contato no atendimento online
Com: Juliana Pontillo - CRP 05/28829



11:30 às 12:30 - Apresentação | Tema: Mapeando controvérsias em relação à psicologia e virtualidade
Com: Marcelo Pinheiro da Silva - CRP 05/16499



13:30 às 14:30 - Apresentação | Tema: A Psicoterapia Online em Gestalt-terapia: Vantagens e desvantagens
Com: Anne Katherine Félix Severino - CRP 05/51635



14:30 às 15:30 - Apresentação | Tema: A relação terapêutica no Atendimento Online em Gestalt-terapia
Com: Ana Carolina Bianchi - CRP 05/44939



15:30 às 16:30 - Fórum Interativo | Tema: A produção científica acerca do atendimento online
Com: Ingrid Fabiane Simões Monteiro - CRP 20/8041



16:30 às 17:30 - IGT na Pandemia | Tema: Acolhimento Emocional em tempos de isolamento social: IGT com você
Com: Ana Maya Szuchmacher El Mann - CRP 05/33087, Daniela Nogueira de Moraes - CRP 21245/05, Danielle Marques da Silva - CRP 05/40783, Dilean Freire Campos Ducharme - CRP 05/39498, Juliana Pontillo - CRP 05/28829, Peggy Liz Mendes de Moraes - CRP 9756/05 e Renata Gonçalves de Britto - CRP 05/48525)



17:30 às 18:30 - Apresentação | Tema: Atendimento Psicológico Online no Contexto Hospitalar
Com: Darliane Dantas - CRP 17/1204

18:30 às 19:00 - Plenária de Fechamento | **Objetivo:** Trocar sobre as experiências vividas durante o evento à luz dos participantes do grupo de pesquisa

Informações: (21)99287-8493 ou (21)99238-7628 - contatos@igt.psc.br
Inscrições em www.igt.psc.br

Fonte: site do IGT.

Naquela ocasião os psicólogos brasileiros já haviam passado pelo período inicial de adaptação à situação de isolamento social. Este simpósio teve como objetivo ser um fórum de discussão e elaboração das experiências vividas ao longo daquele período tão atípico.

Este evento foi realizado de forma virtual e foi composto por 9 atividades que contemplaram uma mesa de abertura com convidados e 7 atividades relativas a produções de pessoas ligadas ao IGT, 6 produzidas por pessoas que participavam

do grupo de pesquisa referente à psicologia e virtualidade desenvolvido pelo próprio IGT. Tivemos também uma atividade relativa a ao projeto de utilidade pública “IGT com você acolhimento na rede” e por fim uma atividade de encerramento.

A mesa de abertura tinha como título: Atendimento *on-line* em tempos de isolamento social: discutindo a partir de olhares distintos. Essa mesa buscou contemplar tanto a riqueza de recebermos terapeutas de abordagens diversas para nos falar sobre suas experiências no período de isolamento, como também a possibilidade de convidarmos dois dos pioneiros no Brasil no que se refere ao estudo das possibilidades de atuação do psicólogo através de TICs.

Como já havíamos visto no capítulo 3, Oliver Zancul Prado e Carmelita Gomes Rodrigues pesquisaram respectivamente a formação da aliança terapêutica nos atendimentos assíncrono em 2001 e síncrono em 2013. Nessa mesa Oliver participou como psicólogo ligado a Análise do Comportamento, Carmelita como psicóloga Junguiana e Márcia Estarque Pinheiro buscou participar como Gestalt-Terapeuta.

Depois de se apresentar e contextualizar historicamente o tema Oliver coloca que como analista do comportamento não teria nenhuma contribuição teórica importante para trazer, mas que o aspecto pragmático da análise do comportamento é coerente com que o trabalho seja realizado da forma que for possível, se o que está disponível são às TICs então o trabalho seria realizado com elas. Oliver fala também sobre as agências de controle o CFP, o SUS e os planos de saúde. No que se refere ao CFP conta que por um lado o conselho eliminou os entraves para as práticas psicológicas através de TICs, por outro lado junto com a ABEP atuou contra as possibilidades de atuação através de TICs no que se refere a formação acadêmica, em especial e relação às atividades de estágio, criando um clima de impedimento no âmbito da academia. Apesar de que as instituições escolas seriam justamente os locais onde teríamos um maior rigor ético, toda uma estrutura de supervisão para dar suporte a essas práticas. Com o tempo não teria sido possível manter o impedimento a essa possibilidade.

A nível de SUS a falta de estrutura teria impedido uma maior atuação. No que se refere aos planos de saúde não ocorreu uma iniciativa no sentido de ampliar essas possibilidades de modo significativo. Coloca também sua expectativa de que após a pandemia o trabalho através de TICs ganhe um outro alcance, com possibilidades adequadas de controle.

Carmelita inicia sua fala agradecendo a contribuição de Oliver para a sua pesquisa. Conta das dificuldades que viveu quando da realização da mesma. Cita o episódio em que seu supervisor tentou dissuadi-la de realizar sua pesquisa com o tema psicologia e virtualidade. Como ele colocou condicionantes relativos à segurança da informação para que ela pudesse realizar sua investigação, de como ela teve a sorte de conseguir que um empresário do ramo da segurança da informação a ajudasse de forma gratuita se não sua dissertação não teria podido ser desenvolvida. Que o foco de sua investigação foi a aliança terapêutica no trabalho psicoterapêutico através de TICs. Carmelita conta que, na atualidade, trabalhava como psicóloga clínica de uma unidade de saúde mental ligada ao SUS que trabalhava com crianças e era administrada pelo distrito federal. Na pandemia em um primeiro momento existiu um movimento no sentido da realização do atendimento *on-line* naquela instituição, porém não aconteceu, eles terminaram descobrindo que a dificuldade em se conseguir uma conexão de qualidade impedia a utilização desse tipo de recurso naquele contexto.

Conta que assumiu uma postura de defesa em relação ao atendimento *on-line*, porém com a liberação do atendimento através de TICs ficou preocupada em relação aos cuidados relativos à qualificação e ao controle em relação a essas práticas. Comenta que ao final de sua pesquisa de mestrado havia escrito um artigo sobre os cuidados que julgava necessários para que esse tipo de atendimento pudesse ser realizado de forma segura. Que acreditava na necessidade de o psicólogo comprovar ter especialização em psicologia clínica ou já ter experiência nessa prática para poder atuar de forma virtual. Conta que não via muita diferença entre a prática presencial e a prática *on-line*.

Em relação às abordagens psicológicas, acreditava que em todas elas, inclusive na junguiana, as práticas virtuais seriam possíveis, porém em especial dentro de sua perspectiva acreditava de forma intuitiva que os paciente de orientação mais sensoriais formariam um vínculo mais frágil na relação através de TICs e que as pessoas mais introvertidas teriam mais facilidade para viver esse tipo de atendimento.

Márcia iniciou sua apresentação contando como as falas anteriores explicitavam o quanto existiam na psicologia dificuldades para lidar com as mudanças. Como existiam muitos preconceitos inclusive por parte dela mesma.

Retoma a história da Gestalt-Terapia, em relação ao quanto ela era revolucionária em seus períodos iniciais. Como os pioneiros dessa abordagem propuseram inovações em relação a visão psicanalítica e foram muito mal-recebidos na época.

O trabalho do Gestalt-terapeuta vai na direção da busca de formas de se aproximar do outro a partir dos caminhos possíveis. Afirma que mesmo antes da pandemia os recursos tecnológicos já vinham mudando as formas de relação dos seres humanos. E questiona a forma como os psicólogos têm usado e pensado isso.

Márcia enfatiza as diferenças entre o atendimento presencial em relação ao virtual. Como é importante aprender sobre essas diferenças. Fala do conceito de ajustamento criativo/criador e o quanto precisamos nos reinventar de forma séria e responsável.

Por fim, Márcia enfatiza o contraste em que pessoas que não necessariamente estavam ligadas à psicologia clínica puderam iniciar suas práticas dentro do contexto de pandemia sem restrições e estudantes que talvez pudessem estar até mais conectados com essas possibilidades ficaram impedidos de realizar seus estágios durante um longo período.

Na função de coordenação da mesa comentamos o fato de estarmos fazendo nossa tese de doutorado em um programa interdisciplinar e como dentro deste contexto podíamos observar como as pessoas de fora da psicologia se mostram mais abertas e curiosas em relação a esse assunto do que as pessoas ligadas a nossa área. Como ainda percebíamos uma resistência em relação às práticas através de TICs no âmbito da psicologia. Como nos chamava a atenção o fato de tanto Oliver como Carmelita terem se afastado desse tema depois de suas pesquisas.

A partir dessa provocação Carmelita traz o termo alemão *zeitgeist* que significa espírito de uma época e diz que talvez no período de sua pesquisa e no da de Oliver o atendimento através de TICs não tivesse sintonia com o espírito daquelas épocas.

A discussão se segue e vai na direção de se as exigências que vinham sendo feitas em relação ao atendimento virtual não deveriam estar presentes também quando tratamos do atendimento presencial.

Carmelita enfatiza a importância do preparo adequado do psicólogo para o exercício da profissão e coloca como exemplo o direito e a medicina, áreas em que

identifica uma preocupação maior com a qualificação dos profissionais. Como esse cuidado está falho de forma geral e que em especial o contexto virtual deixaria os clientes mais expostos a maus profissionais. Defende a necessidade dos cursos de especialização como uma forma de viabilizar uma boa preparação.

Oliver coloca que percebe não existir interesse em fiscalização, que inclusive o atendimento presencial fica mais escondido em relação a esse aspecto. Márcia coloca suas críticas em relação ao funcionamento da graduação. Como os psicólogos saem ingênuos da faculdade de psicologia. Como a formação na graduação não dá conta adequadamente do que é necessário para a formação de um psicólogo.

A atividade seguinte foi apresentada por Juliana Pontilo, psicóloga participante do grupo de pesquisa “Psicologia e virtualidade: Gestalt-terapia e Práticas Transdisciplinares”.

. O tema foi “As possibilidades de contato no atendimento *on-line*”. Juliana conta que seu interesse pelo tema surgiu quando participou como ouvinte no “I Simpósio IGT de psicologia e virtualidade”. Conta que chegou ao evento com muitos preconceitos, porém saiu com um olhar muito diferente, pensando como já vinha interagindo com seus clientes via *whatsapp* e também como os convidados que se apresentaram virtualmente puderam contribuir muito com o encontro.

Juliana explica que a partir daquele período passou a viver várias experiências com atendimentos virtuais, nos trouxe vários exemplos inclusive o que já havíamos apresentado no item 4.3.14.

Juliana nos conta que pesquisou a concepção de contato em Gestalt-Terapia e pôde perceber que nas definições a ideia de contato físico não aparece como essencial. Que a ênfase está no tocar e ser tocado e como isso se dá nas trocas virtuais independente da distância física. Como muitas vezes as pessoas terminam se arrepiando durante o encontro *on-line* e que essa possibilidade estaria muito mais ligada a possibilidade de se estar disponível ao encontro. Surge a discussão sobre o quanto as palavras tocam.

As trocas se deram também na direção de demarcar as diferenças do atendimento virtual. De quando o terapeuta se desprende das formas de atuar no atendimento presencial, possibilidades muito interessantes se fazem presentes. Recursos como o trabalho com música e com imagens passam a poder ser usados.

Uma participante enfatiza como no virtual geralmente cada um está em seu ambiente, que isso “democratizaria o encontro”. Traria uma maior simetria. O cliente não estaria no ambiente do terapeuta. Estaria em seu próprio ambiente.

Outro ponto trazido teve relação com as transformações que foram sendo vividas a nível de IGT ao longo do período de pandemia. Como as modificações foram acontecendo rapidamente e muito ligadas às trocas que foram sendo vividas nos encontros que foram sendo realizados. Como o contato, realizado de forma virtual, trouxe transformação. Por último o tema do intimismo virtual se fez presente (item 4.3.14), na época ainda sem esse nome.

A fala a seguir foi nossa com o tema “Mapeando controvérsias em relação a psicologia e virtualidade”. Em nossa fala buscamos apresentar o momento que estávamos em relação a nossa pesquisa. Para tanto apresentamos a metodologia com a qual estávamos trabalhando, sendo assim seria repetitivo descrever de forma detalhada a nossa fala.

Durante a apresentação quando comentávamos a associação que é feita no meio acadêmico entre ensino através de TICs e precarização de ensino, uma aluna descreveu como havia vivido o final de sua formação no IGT durante a pandemia e que sua experiência tinha sido muito rica. Que não se viu tendo perdas, mas sim tendo um aprendizado muito grande com o que foi experimentado e me indagou como eu via essa associação entre esse meio de ensino e a ideia de precarização. Em nossa resposta colocamos que no IGT não existiu precarização e de como nós estávamos muito bem-preparados para viver a transição, mas que mesmo em nosso caso muitas vezes nos vimos surpresos com o que encontrávamos. Como no caso dos *workshops*, atividades longas de dia inteiro, alguns ocupando o sábado e o domingo. Em um primeiro momento nos pareciam difíceis atividades com duração tão extensa serem vividas de forma virtual, porém elas terminaram fluindo de modo surpreendentemente leve.

De nosso ponto de vista precarização não tem relação com ser virtual ou não. Tem relação com os interesses de quem está realizando o trabalho, tem relação com falta de preparo e que essas coisas vão aparecer tanto no virtual como no presencial. De onde nós estávamos o entendimento de que usar virtualidade na educação equivale a precarização seria um absurdo, seria uma fala muito ingênua.

Enfatizamos como coisas são perdidas em função da ausência da presença física, porém outras coisas também são ganhas, como por exemplo a possibilidade de ter alunos de várias partes do mundo convivendo em uma mesma sala.

Surge a discussão em relação a frase “psicologia se ensina/faz com presença”, é feita a colocação de que presença é fundamental de fato, porém presença não é equivalente a presença física. Presença no ensino tem relação com a qualidade na relação professor aluno e essa qualidade não está atrelada a proximidade física, mas sim a disponibilidade, a interesse, a criatividade a capacidade de viver relação.

Uma outra aluna, que iniciou seu curso no IGT já no período de isolamento social, pediu a palavra e colocou como se percebeu especialmente vinculada a duas colegas de curso que moravam fora do país, uma em Portugal e outra no Japão. Contou também como sua experiência no curso modificou sua prática, deu como exemplo a experiência de ter escutado no celular, junto com sua cliente uma música que a cliente havia citado, coisa que ela ainda não havia feito em atendimentos presenciais. Afirma que só teve a ideia de fazer isso a partir do que aprendeu em seu curso. Conta que teve contato com a utilização desse tipo de recurso em uma aula sobre recursos que poderiam ser usados em atendimentos realizados através de TICs.

Com essa troca fechamos a parte da manhã de nosso encontro. A atividade seguinte que se deu após o almoço foi a apresentação do trabalho de Anne Katherine Félix Severino com o tema “A Psicoterapia *On-line* em Gestalt-Terapia: Vantagens e Desvantagens

Anne conta que antes de se dedicar à psicologia clínica trabalhava com RH com treinamento remoto. Atuava na construção de cursos à distância, ensinava pessoas a mexerem nas plataformas e com isso tinha muito contato com o trabalho *on-line*, porém, inicialmente, tinha impressão de que o atendimento *on-line* em Gestalt-Terapia não fazia muito sentido, era resistente em relação a essa forma de atuação. A demanda que existia para esse tipo de atendimento e a chegada da resolução CFP Nº 11/2018 fizeram com que ela questionasse essa atitude. Relata que percebeu que tinha aquela visão inicial, pois ela imaginava fazer uma transposição direta da forma que se trabalhava no presencial para o atendimento *on-line* “copiar e colar” dessa maneira a coisa não encaixava direito. Colocou que não estava pensando em se ajustar criativamente.

Conta que ao pesquisar sobre o assunto só encontrou um artigo dentro da perspectiva gestáltica. Esse artigo tratava sobre aliança terapêutica, a partir dessa constatação resolveu fazer um questionário para pesquisar como gestalt-terapeutas estariam trabalhando *on-line*. Explica que sua pesquisa foi realizada no final de 2019, depois da liberação do atendimento *on-line* e antes da situação de isolamento social, com isso muita coisa foi vivida pelos gestalt-terapeutas após o preenchimento de seus questionários e que inclusive seria interessante refazer o questionário para observar as diferenças.

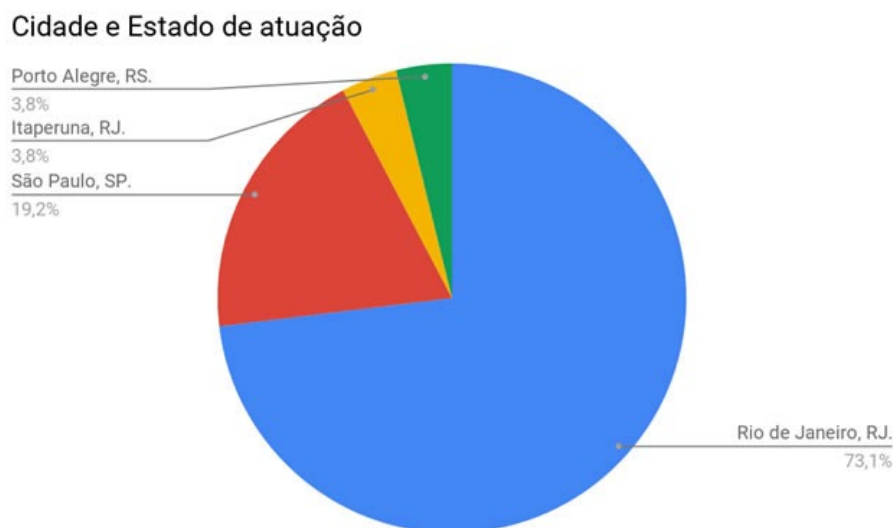
Anne perguntou sobre o perfil das pessoas que estavam assistindo a sua apresentação antes de iniciar o relato sobre sua pesquisa. Uma estudante de psicologia de Ilhéus pediu a palavra e comentou sobre sua experiência com o ensino *on-line*, contando que estava muito satisfeita e por ela não voltaria para o presencial, pela comodidade, e também porque as aulas são gravadas, com isso ela podia reassistir as mesmas e isso era muito produtivo. Contou que ao rever as aulas conseguia escutar coisas que na primeira vez que assistia a aula não havia escutado.

Anne apresentou seu questionário e relatou que o perfil dos participantes foi o seguinte: 26 pessoas 71% residentes do Rio de Janeiro, 53% com entre 31 e 39 anos, 50% se graduaram entre 2010 e 2019 e todos também atendem de forma presencial.

A apresentação de Anne se baseou em um artigo posteriormente publicado na revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021). Para resumir sua fala buscaremos apresentar os gráficos que constaram em sua apresentação e que também constam em seu artigo:

Locais de residência dos participantes:

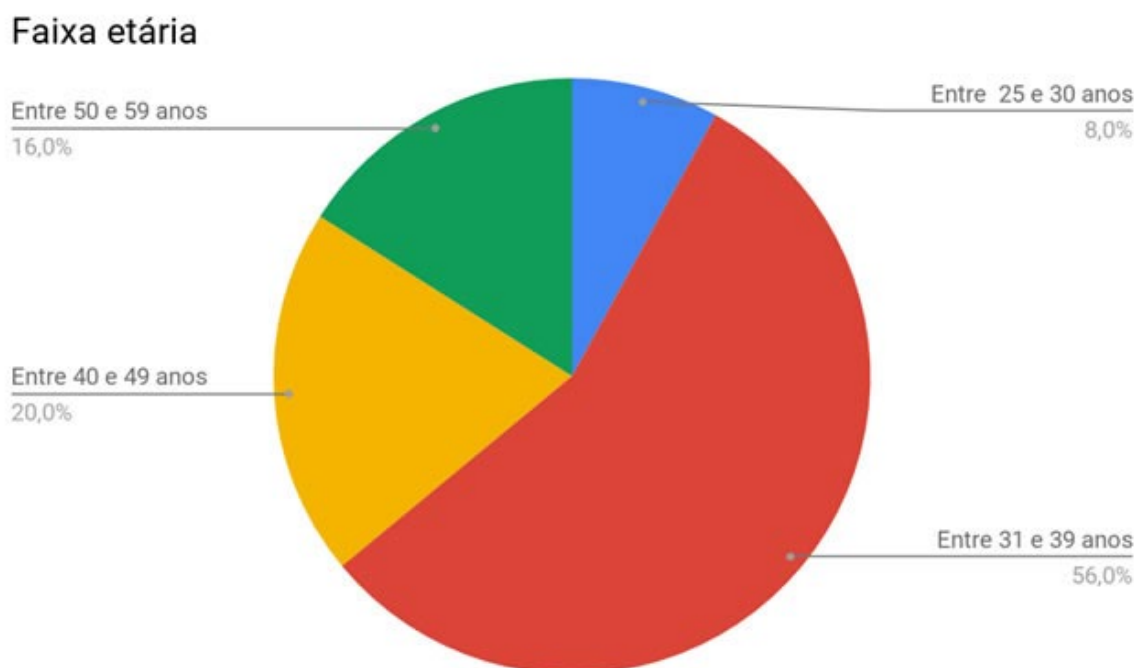
Gráfico 37- Locais de residência dos participantes.



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Faixa etária dos participantes:

Gráfico 38- Faixa etária dos participantes. Percentais de incidência.

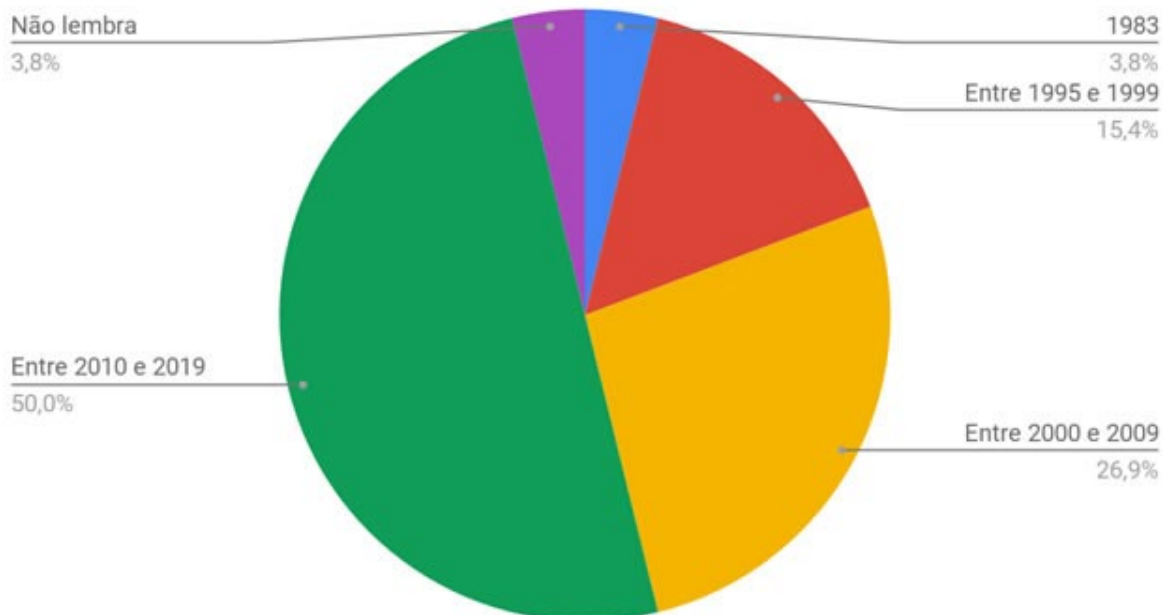


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Ano em que concluiu a graduação:

Gráfico 39 - Ano em que concluiu a graduação. Percentuais de incidência.

Ano de formação - graduação

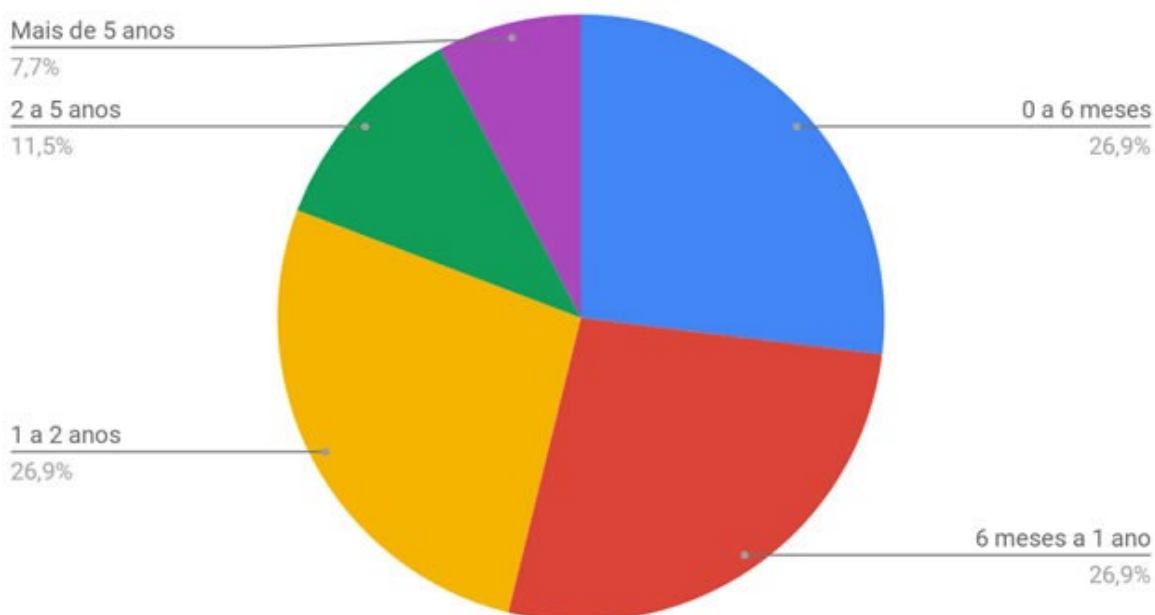


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

A quanto tempo atuam através de TICs:

Gráfico 40- Faixa de tempo em que atuam on-line. Percentuais de incidência.

Tempo de atuação online

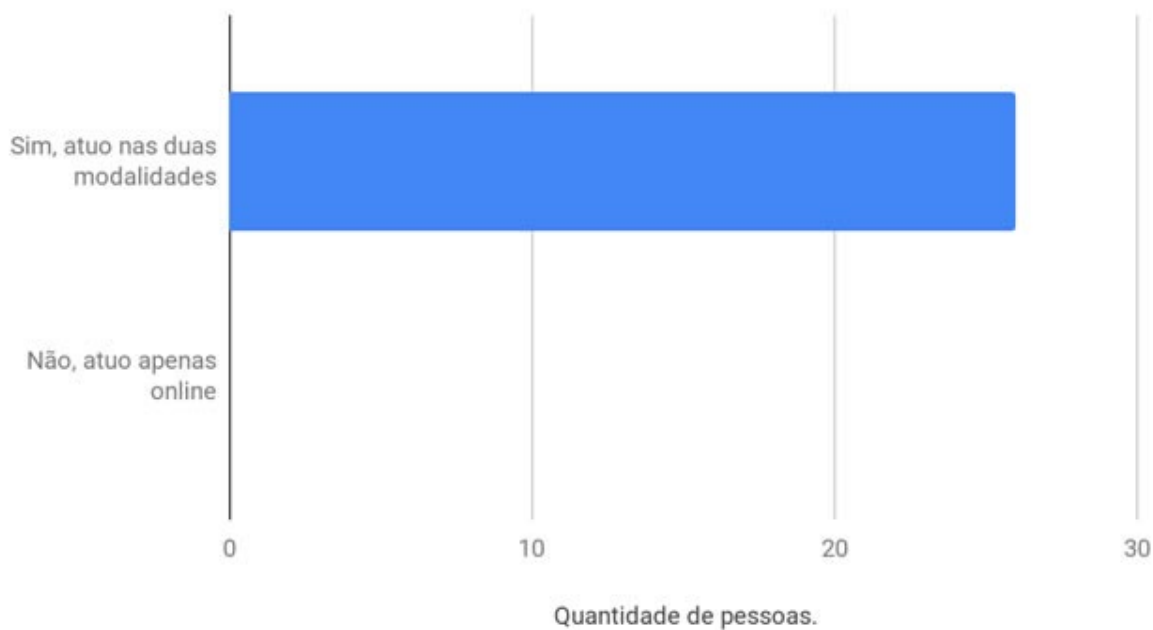


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Em que modalidade realizam seus atendimentos se apenas de forma virtual ou se de forma virtual e também de forma presencial:

Gráfico 41 - Em que modalidade realizam seus atendimentos. Percentuais de incidência.

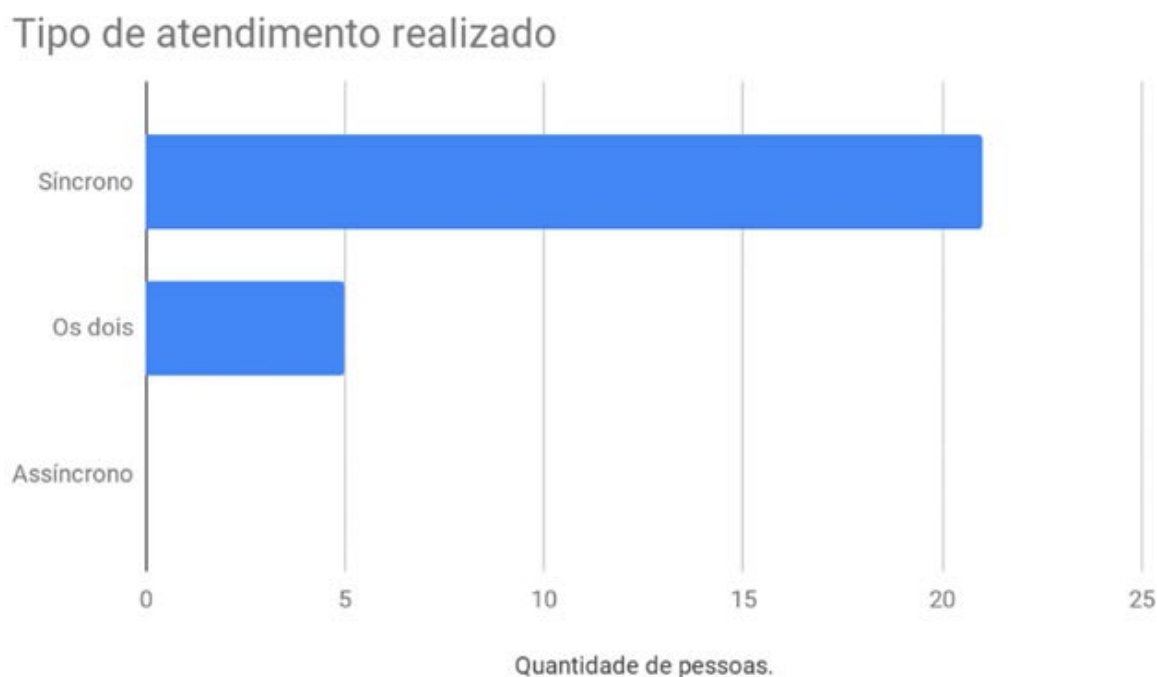
Modalidade de atendimento realizada



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Se atuam de forma síncrona ou assíncrona:

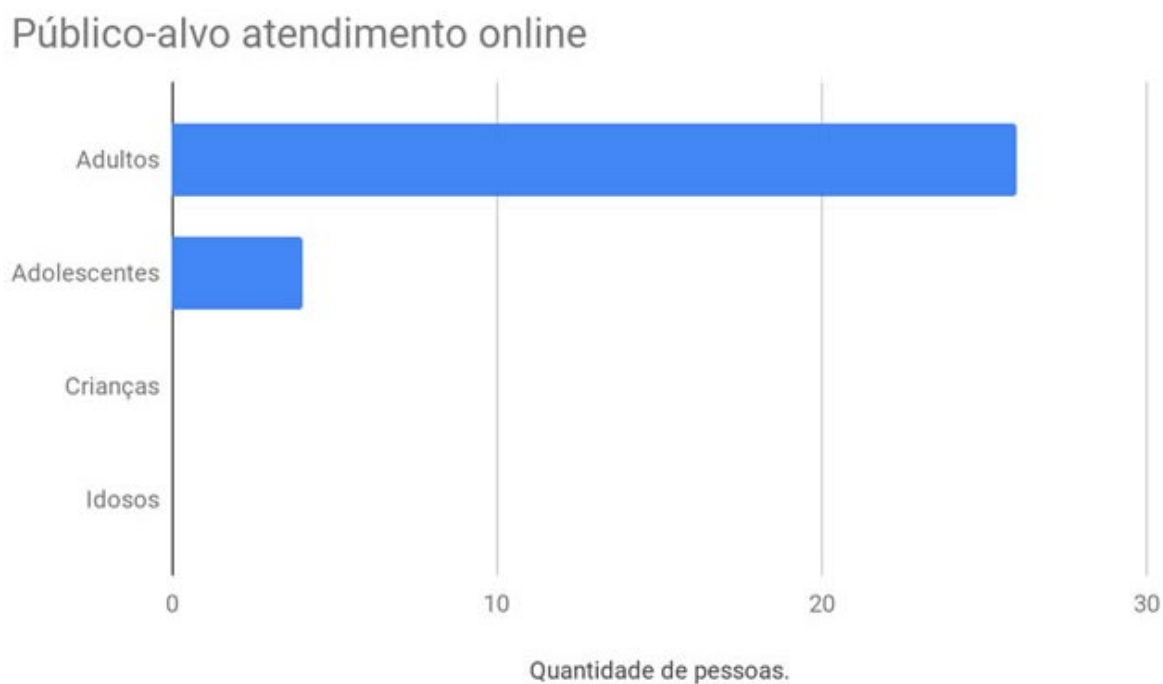
Gráfico 42 – Profissionais que atuam de forma síncrona ou assíncrona. Ocorrências em números absolutos.



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Quanto a faixa etária dos clientes atendidos:

Gráfico 43 - Faixa etária dos clientes atendidos. Ocorrências em números absolutos.

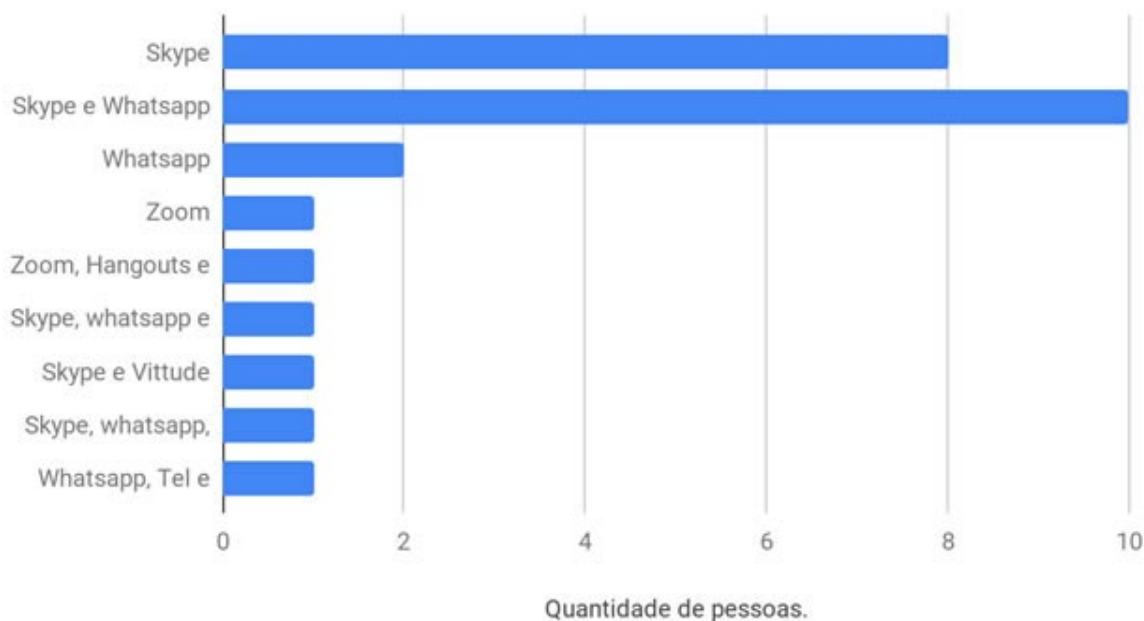


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Quanto aos aplicativos utilizados para o atendimento:

Gráfico 44 - Aplicativos utilizados para o atendimento. Ocorrências em números absolutos de usuários dentre os participantes da pesquisa.

Aplicativos utilizados

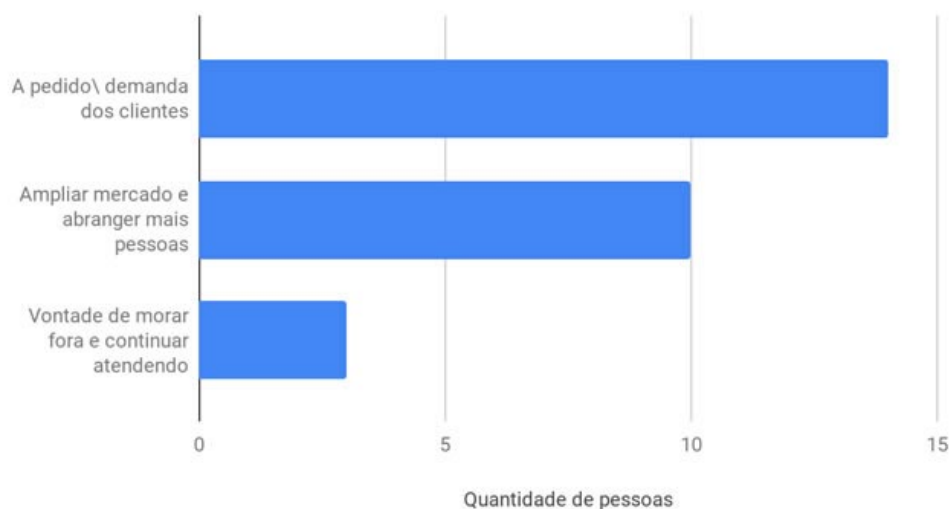


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Quanto aos motivos para a realização de atendimentos através de TICs:

Gráfico 45 - Motivos para a realização de atendimentos através de TICs. Ocorrência em números absolutos dentre os participantes da pesquisa.

Motivo de atender online

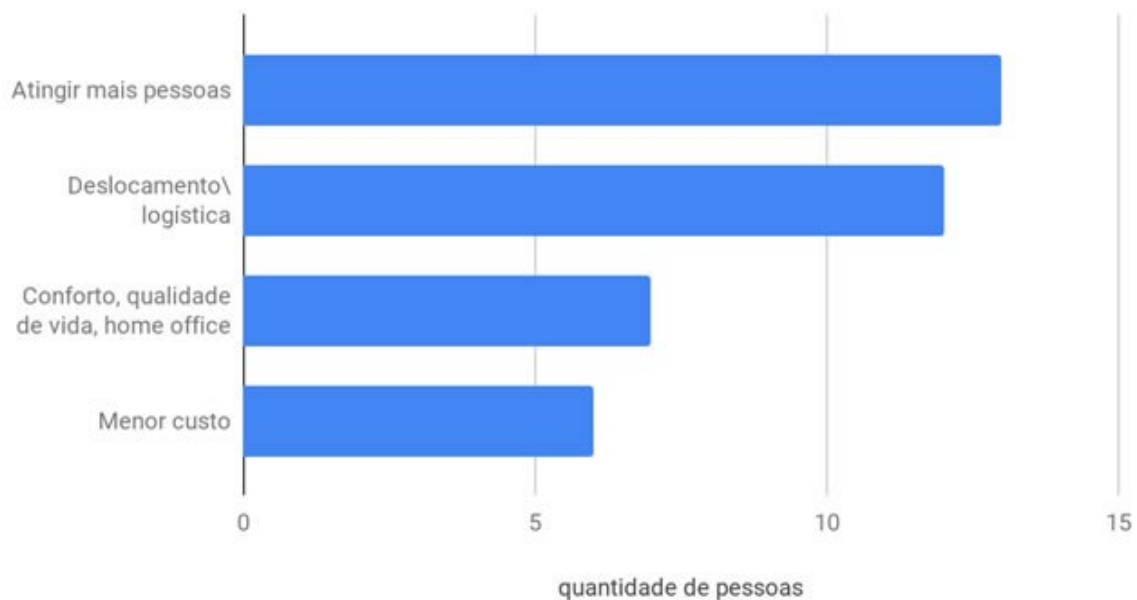


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Vantagens que identificou no que se refere ao atendimento através de TICs:

Gráfico 46 - Vantagens que identificou no que se refere ao atendimento através de TICs

Vantagens do atendimento online

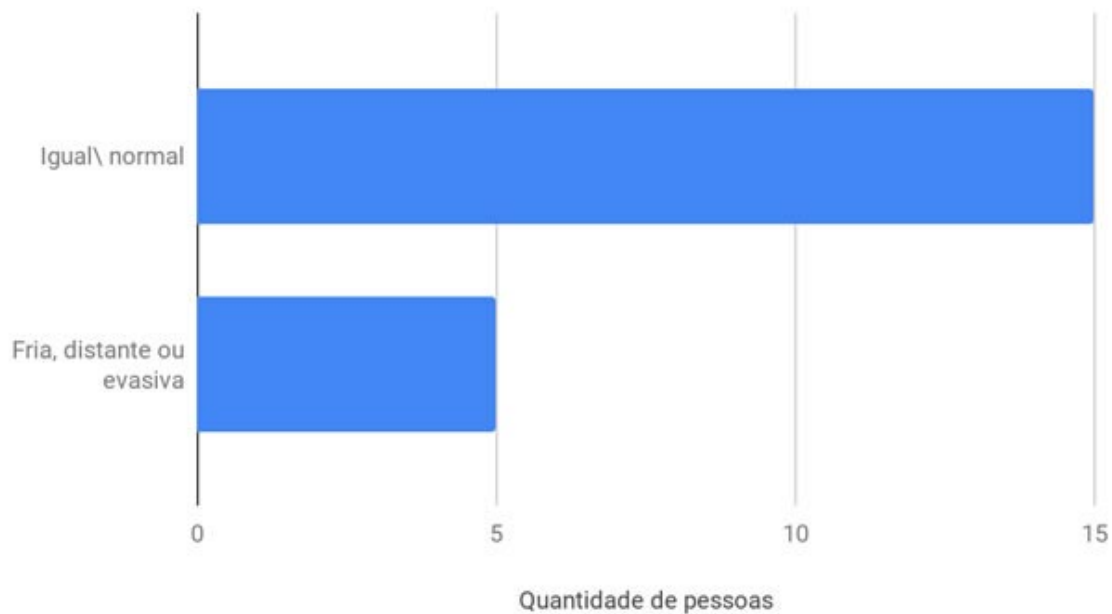


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Quanto à relação terapêutica:

Gráfico 47 - comparação entre relações terapêuticas on-line e presencial

Relação terapêutica online em comparação ao presencial

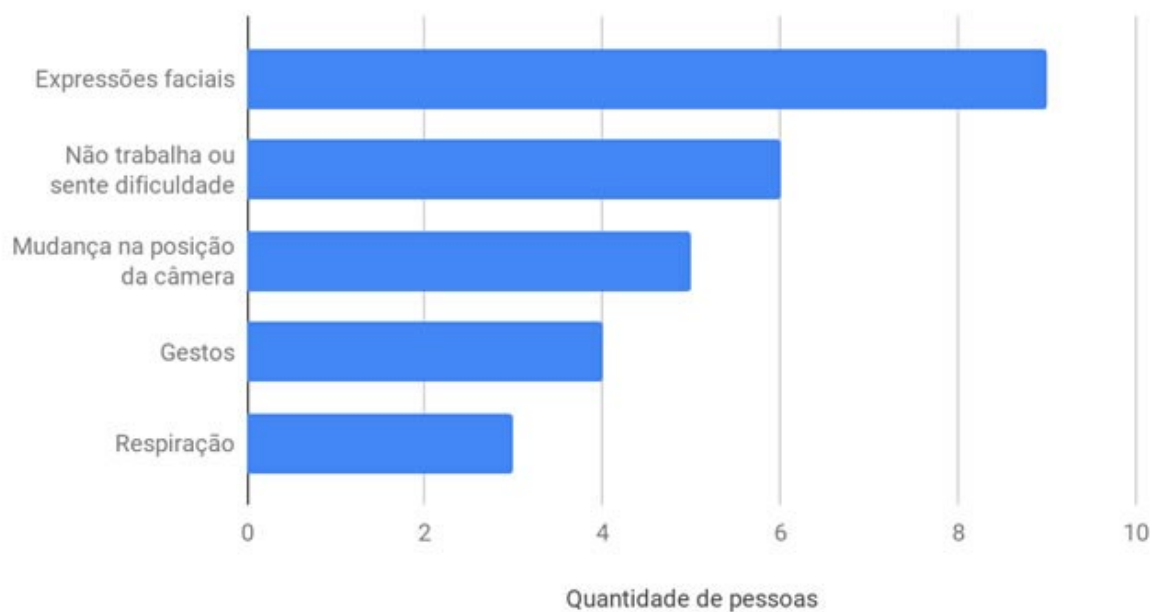


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Quanto a linguagem corporal:

Gráfico 48 - trabalho com linguagem corporal no atendimento on-line

Como trabalha linguagem corporal no atendimento online

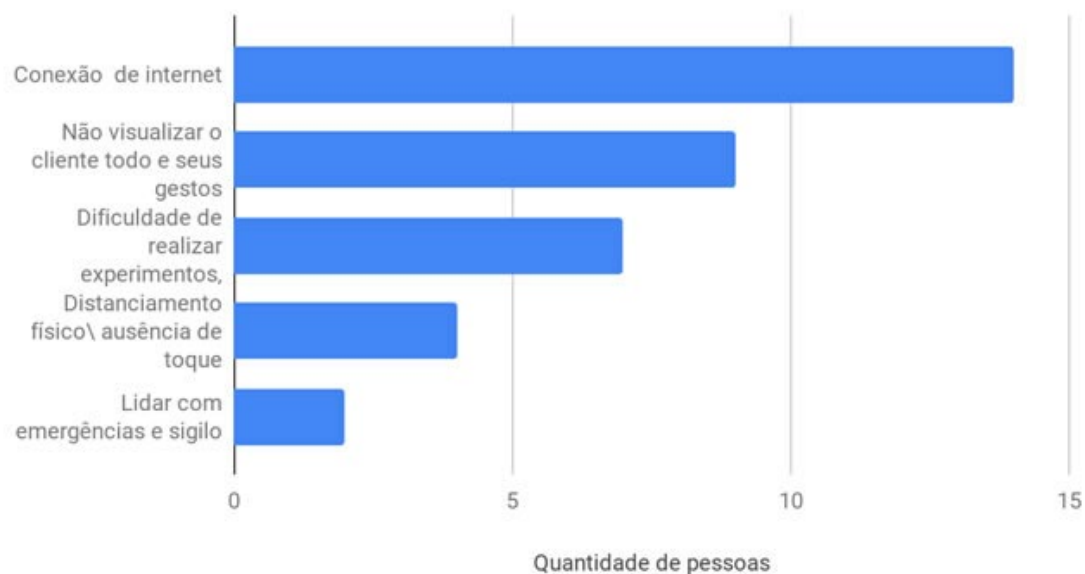


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Quais seriam as desvantagens do atendimento *on-line*:

Gráfico 49 - Desvantagens do atendimento on-line, segundo os participantes. Ocorrências em números absolutos.

Desvantagens do atendimento online

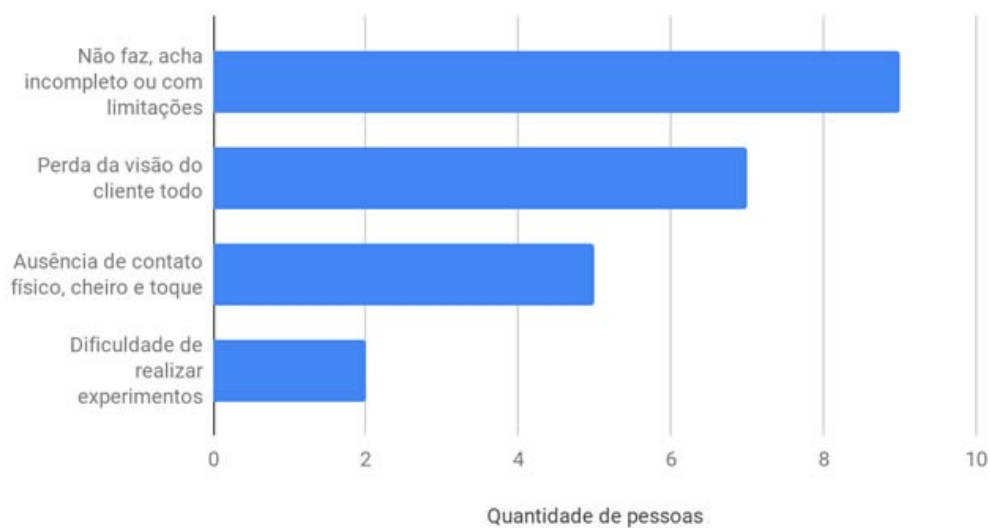


Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021)

Quanto às diferenças no trabalho com o corpo:

Gráfico 50 - Diferenças comparativamente ao trabalho com o corpo.

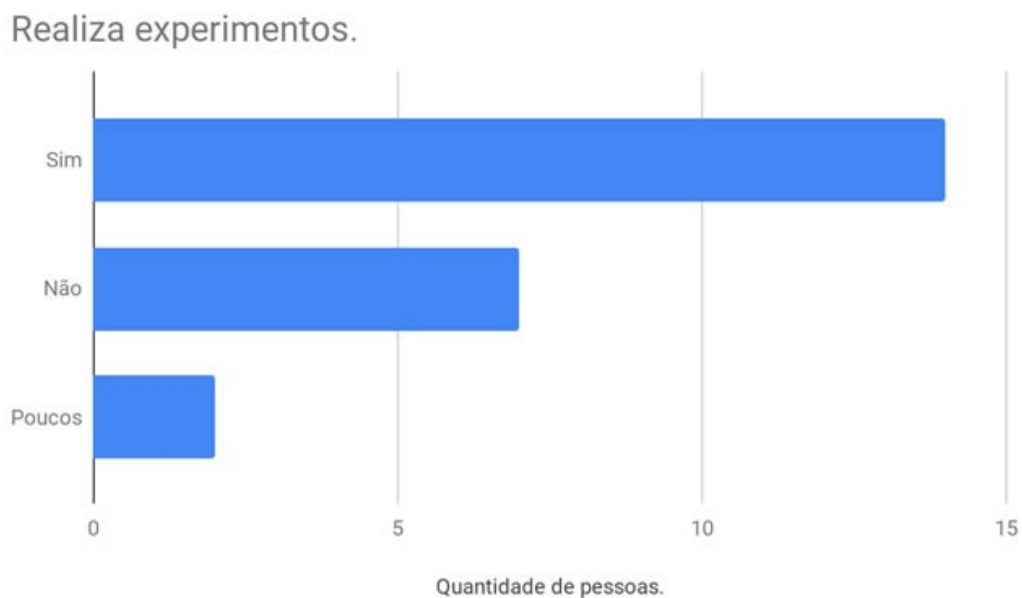
Diferença no trabalho com o corpo em relação ao presencial



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Se realiza experimentos nas práticas *on-line*:

Gráfico 51 – Quanto à realização de experimentos nas práticas on-line. Ocorrências em números absolutos.



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Que tipo de experimentações realiza:

Gráfico 52 - Que experimentações realiza? Ocorrências em números absolutos.



Fonte: Revista IGT na Rede (SEVERINO, 2021).

Anne conta que chamou sua atenção nas respostas de seu questionário que na época em que ele foi aplicado as pessoas pareciam meio enrijecidas. Como se ainda estivesse muito presente um movimento de transposição do trabalho presencial para o virtual, sem que as peculiaridades do virtual pudessem ser devidamente exploradas. Segundo ela, naquele momento em que fazia sua apresentação, depois de 6 (seis) meses de pandemia essas possibilidades já estariam sendo mais bem exploradas.

Uma das mudanças que chamou nossa atenção envolve as ferramentas utilizadas para o atendimento. Na pesquisa que realizamos tempos depois (item 4.3.15), tivemos como principais mudanças no que se refere a essas ferramentas: um aumento de variedade das mesmas. O Whatsapp se manteve como a ferramenta mais usada. O Zoom ganhou protagonismo ao lado do Google Meet, e o Skype perdeu espaço.

Outro ponto que chamou nossa atenção é que no universo das pessoas que responderam ao questionário de Anne, no período em que o questionário foi aplicado, não existia a realização do atendimento através de TICs a crianças e idosos. No contexto de aplicação de nosso questionário (item 4.3.15) um percentual pequeno de nossos entrevistados se colocou como se sentindo capaz de atender a pessoas dentro dessas faixas etárias. O que não significa que elas estariam de fato realizando o atendimento a esses universos no período de nossas entrevistas. De toda a forma nos dois períodos podemos perceber uma tendência a que as faixas etárias mais extremas não estarem tão presentes nas práticas através de TICs em nenhum dos dois grupos. Por mais que as perguntas tenham sido diferentes, as respostas apontam em direções parecidas.

Na mesa seguinte Ana Carolina Bianchi apresentou o tema: A relação terapêutica no atendimento *on-line* em Gestalt-Terapia.

Ana Carolina se apresenta, contando sua história como após se formar em psicologia foi fazer mestrado na Espanha e viveu dificuldades que poderiam ter sido muito facilitadas se tivesse um apoio terapêutico, porém naquela época isso não veio como uma possibilidade. Conta que essa experiência ecoou para ela no momento em que recebeu o convite para participar de um grupo de pesquisa sobre psicologia e virtualidade no IGT.

Em seguida Ana Carolina lê o seguinte trecho do pequeno príncipe:

Vem brincar comigo, propôs o príncipezinho. Estou tão triste

- Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda.

- Ah! desculpa, disse o príncipezinho.

Após uma reflexão, acrescentou:

- Que quer dizer "cativar"?

- Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?

- Procuo os homens, disse o príncipezinho

- Que quer dizer "cativar"?

- Os homens, disse a raposa, têm fuzis e caçam. É bem incômodo! Criam galinhas também. É a única coisa interessante que eles fazem

- Tu procuras galinhas?

- Não, disse o príncipezinho. Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?

- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa.

Significa "criar laços.

- Criar laços?

Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

Começo a compreender, disse o príncipezinho.

Existe uma flor... Eu creio que ela me cativou ...

É possível, disse a raposa. Vê-se tanta coisa na Terra ...

- Oh! não foi na Terra, disse o príncipezinho.

A raposa pareceu intrigada:

- Num outro planeta?

- Sim.

- Há caçadores nesse planeta?

- Não.

- Que bom! E galinhas?

- Também não.

- Nada é perfeito, suspirou a raposa. Mas a raposa voltou à sua ideia.

- Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra.

O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo?

Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo ...

A raposa calou-se e considerou por muito tempo o príncipe:

- Por favor... cativa-me disse ela.

- Bem quisera, disse o príncipezinho, mas eu não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos, Se tu queres um amigo, cativa-me!

Que é preciso fazer? perguntou o príncipezinho. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, n.p)

Ana Carolina coloca que é disso que estamos falando quando tratamos da construção do vínculo terapêutico. Em seguida continua a leitura do texto:

É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto (SAINT-EXUPÉRY, 1943, n.p)

A partir dessa citação Ana Carolina conta que a vinculação terapêutica é construída dessa forma, começa muito tênue e aos poucos vai ganhando consistência. A partir dessa introdução ela trouxe um caso clínico.

Depois de contar sobre a construção bem-sucedida de seu vínculo terapêutico com seu cliente virtual, Ana Carolina trouxe o trecho seguinte do diálogo entre o pequeno príncipe e a raposa:

No dia seguinte o príncipezinho voltou.

- Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz.

Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração ... É preciso ritos. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, n.p)

Mais uma vez ela busca costurar a experiência terapêutica com a história do príncipezinho. Conta da necessidade da constância e dos rituais no processo terapêutico. Surgiu também o tema da importância do interesse que terapeuta experimenta em relação a seu cliente como um fato curativo, especialmente no que

se refere à autoestima e ao interesse do cliente por ele mesmo. Traz alguns exemplos de situações que viveu no atendimento que puderam acontecer por ser um atendimento através de TICs, um exemplo foi uma sessão extra em um momento de crise de seu cliente que ela pôde realizar de um estacionamento nos Estados Unidos, situação importante na solidificação de seu vínculo com aquele cliente. O fato dela ter se desdobrado para realizar um atendimento de urgência, mesmo estando geograficamente distante, impactou positivamente seu vínculo com aquele cliente. Uma outra possibilidade que também foi importante foram as possibilidades de troca assíncrona que puderam acontecer, e também foram importantes naquela relação.

Surgiram colocações referentes a formas de atendimento através de texto e por ligação de áudio e como clientes diferentes buscavam caminhos diferentes. Como muitos terapeutas se surpreenderam com demandas de atendimento que iam para além do atendimento por videoconferência. Ana Carolina traz o exemplo de um atendimento que saiu do presencial, se aprofundou no *on-line* por vídeo e se aprofundou mais ainda através de ligação telefônica. As situações mediadas por tecnologias de comunicação serviram como facilitadoras. Conta como a pandemia ajudou na superação de preconceitos relativos as diversas formas de atuação.

A atividade seguinte foi um fórum interativo. Nessa atividade os participantes do evento são convidados a trocar em pequenos grupos após terem sido submetidos a algum estímulo disparador. Depois da troca nos pequenos grupos voltamos ao grupo grande e nesse momento cada grupo contou um pouco sobre o que viveu em suas discussões sobre o tema trazido. Nessa atividade um vídeo de Ingrid Fabiane Simões Monteiro foi transmitido como disparador. O tema do vídeo foi: “A produção científica acerca do atendimento *on-line*”.

Ingrid se apresentou, contou que estava falando de Porto Velho, Rondônia. Explica que tinha muita resistência em relação a possibilidade do atendimento *on-line*, que em sua vida pessoal tendia a demorar a aderir às transformações tecnológicas. Contou que não tinha nenhum conhecimento sobre esse tema e que a falta de conhecimento contribuiu para que ela tivesse um preconceito em relação a essas práticas. Contextualiza que se formou em 2017 na faculdade Federal de Rondônia e que em sua graduação em momento nenhum foi estudado ou discutida a possibilidade do atendimento através de TICs. Este tema se fez presente para ela

em função da demanda de clientes e também em função de um projeto pessoal de mudança de país que vinha desenvolvendo.

Depois de contextualizar como se deu a construção de seu interesse pelo tema Ingrid conta que ao firmar uma parceria com o IGT havia recebido a incumbência de pesquisar as produções científicas sobre psicologia e virtualidade publicadas em língua inglesa. Conta que se surpreendeu com a quantidade de material publicado em outros países e a partir daí ficou curiosa em relação a como estaria a produção científica brasileira em relação a esse tema. Ingrid conta que nos Estados Unidos desde 2002 a Associação Americana de Psicologia autoriza o atendimento *on-line* e isso consta no código de ética do psicólogo. No Reino Unido esse atendimento já seria possível desde 2009, no Canadá desde 2006 na Nova Zelândia desde 2012. Conta sobre a forma mais lenta como se deu no Brasil.

Ingrid identifica a lentidão do processo de liberação do atendimento *on-line* no Brasil como causadora de nossa baixa produção científica sobre o tema. Conta que ao fazer o levantamento bibliográfico, em nosso país, sobre o assunto usando as palavras-chave: atendimento *on-line*; psicologia *on-line* e psicoterapia *on-line*, se deparou com o seguinte cenário: Encontrou apenas 23 artigos. Em 2002, 2005, 2006, 2007 e 2009 ela só havia encontrado um artigo publicado em cada ano. Em 2013 e 2014 ela encontrou, 2 artigos em cada ano e em 2015, 2016 e 2017 ela identificou um aumento, foram 3 artigos por ano. Em 2019, 2 artigos e até maio de 2020 mais 2 artigos.

Em relação ao conteúdo, ela identificou que os primeiros tenderam a ter como foco a aliança terapêutica, identificando semelhanças ou até vantagens em relação a esse quesito no que se refere ao atendimento através de TICs. Que a ausência da presença física não era um empecilho para a construção do vínculo terapêutico. Posteriormente os temas tenderam a estar ligados a aspectos éticos como sigilo no atendimento individual e no atendimento de grupo. Numa fase seguinte ela percebeu uma tendência a tratar das possibilidades e limitações dessa forma de atendimento questionamentos sobre a viabilidade ou não dessas práticas. Posteriormente as discussões tenderam a girar em torno do processo de regulamentação dessas formas de atendimento. Em um artigo mais recente já dentro do contexto de pandemia o questionamento já não tinha mais relação com viabilidade ou não dessas práticas, a discussão proposta já estava ligada à como

fazer. Ao longo de todo o período pesquisado ela identificou a presença de um discurso que apontava a necessidade de mais investigações sobre esse tema.

Suas conclusões foram da necessidade de abertura dos psicólogos para os recursos virtuais, também da necessidade de nossa contínua atualização. Tanto em função das transformações contínuas da deriva social, como, em especial, em função dos avanços tecnológicos. Por último Ingrid enfatiza a importância de espaços como o que estava sendo vivido ali para a ampliação das visões em relação a esse tema.

Depois do vídeo disparador, os participantes foram divididos em pequenos grupos e foram convidados a trocar sobre os impactos vividos a partir da fala de Ingrid. Depois de 10 minutos de discussões todos voltaram ao grupo grande. E as pessoas trouxeram os pontos que identificaram como mais importantes que surgiram nas trocas em pequenos grupos:

Se estaria em um processo de construir saberes.

Muito bom trabalhar de casa com a família próxima

Uma pessoa com deficiência visual falou das vantagens de se poder ter a pessoa maior na tela do computador.

Importância de se buscar produzir, e da importância de espaços de discussão como o que estava sendo vivido.

Uma pessoa de Portugal trouxe como a virtualidade estava trazendo oportunidades de troca e reinvenção mesmo com as distâncias.

Duas estudantes contaram da dificuldade com fato de não estarem sendo autorizadas a realizar atendimento em seus estágios. Como essa situação estaria deixando-as despreparadas para o trabalho. Afirmaram que se mesmo antes daquele contexto muitas pessoas saiam da faculdade se sentindo cruas, imagina nessa situação. Colocaram que as falas anteriores as fizeram pensar na riqueza dessas práticas, na possibilidade de acolher tantas pessoas deprimidas com dificuldade de sair de casa e que era triste não estar podendo aprender sobre isso na sua formação.

Uma outra pessoa conta que o IGT tem auxiliado muito na apropriação dessas possibilidades de atuação. Conta que havia participado do I Simpósio IGT de psicologia e virtualidade e que tinha saído mais resistente ainda daquele evento por ter se deparado com as exigências do sistema conselhos. Que à medida em que teve de migrar para a virtualidade, estava buscando se potencializar, que com tudo

que estava vivendo e aprendendo, não sabia se iria voltar para o presencial depois do término da pandemia.

Uma estudante conta que na faculdade não estão falando muito disso e que tem precisado buscar informações fora do meio acadêmico. Conta, com a sua câmera fechada, que os professores estão com dificuldades de dar as aulas com as câmeras fechadas, sem enxergar os alunos.

Fechando aquela atividade buscamos comentar como após o encontro em pequenos grupos as câmeras passaram a estar ligadas, gerando um contexto muito interessante de troca. O fórum interativo contribuiu para um ganho na riqueza do diálogo entre os participantes daquele evento.

A atividade seguinte foi sobre o projeto IGT com Você acolhimento na rede. Essa experiência foi descrita no item 4.3.11, sendo assim não iremos repetir as descrições que já foram feitas naquele item. Vamos nos ater a comentar quão intensa foi aquela experiência para todos os participantes Ana Maya Szuchmacher El Mann, Daniela Nogueira de Moraes, Dilean Freire Campos Ducharme, Juliana Pontillo, Peggy Liz Mendes de Moraes e Renata Gonçalves de Britto descreveram o trabalho com muita empolgação, os olhinhos brilhavam enquanto elas contavam sobre aquela experiência. Foi especialmente gratificante escutar aquelas falas.

Em seguida iniciamos nossa penúltima atividade com Darliane Dantas e seu tema foi “Atendimento Psicológico *on-line* no contexto hospitalar”. Ela buscou se apresentar, contextualizou sua inserção profissional. Conta que é psicóloga em uma UPA e em um hospital privado. Na UPA ela era lotada para atender casos de violência sexual contra crianças, conta que trabalhava com urgências: Casos de violência doméstica, violência sexual e tentativas de suicídio. Afirmar que seu desafio tinha sido desenvolver o atendimento *on-line* dentro dessas duas inserções. Conta dos desafios e das conquistas realizadas dentro desses dois contextos. Afirmar que tinha a seu favor o fato de já ter experiência no atendimento através de TICs em seu consultório particular. Conta que já trabalhava com o atendimento *on-line* desde 2015.

Darliane comentou sobre o ofício circular CFP nº 40 de 23 de março de 2020 que orientava empregadores de psicólogos, gestores públicos e usuários de serviços psicológicos que o atendimento presencial só seria oferecido em casos de urgência, porém, enfatiza que seriam necessárias discussões em relação a definição do que seriam casos de urgência.

No serviço público ela teve mais autonomia para construir estratégias para a utilização de TICs, porém as dificuldades tecnológicas dificultaram o processo. Na iniciativa privada ocorreu uma demora um pouco maior em função das negociações com os gestores.

Conta que identificou uma grande resistência dos psicólogos em relação à utilização das TICs, que os médicos aderiram mais facilmente a utilização desses recursos do que os próprios psicólogos, por mais que os psicólogos já tivessem regulamentações anteriores sobre essas práticas e os médicos não. Afirma, inclusive, que muitas vezes o psicólogo terminava servindo de mediador para o psiquiatra que fazia seu atendimento de forma virtual.

Conta que o Conselho Federal de Medicina criou uma resolução restringindo o uso de vídeo em ambulatórios por ser considerado invasivo. Que os psicólogos não se organizaram para discutir essa situação a nível de conselho. Que seria importante uma discussão entre conselhos sobre essa questão.

Darlane enfatiza também a falta de material publicado sobre as possibilidades de atuação dos psicólogos hospitalares através de TICs e da necessidade de desenvolvimentos de espaços de discussão em relação a esse tema.

Vários outros assuntos foram discutidos nessa mesa, porém busquei demarcar os que mais se aproximavam do foco de nossa pesquisa. Por fim, no que se refere aos temas relevantes para nossa investigação, Darlane trouxe questionamentos em relação a como vai ficar a questão do atendimento a pessoas em situação de urgência e de emergência através de TICs quando terminar a pandemia.

Nossa última atividade foi a plenária final. Neste momento convidamos todos a se colocarem de forma a avaliar nosso evento. Tivemos uma intensa busca de contribuições por parte de nossos participantes. As pessoas pareceram estar à vontade e interessadas em se colocar. Vamos elencar os comentários e demais aspectos desse momento que julgamos pertinentes a nossa pesquisa.

O primeiro comentário foi valorizando o fato de termos realizado o evento através do zoom, de forma a que fossem possíveis trocas diretas através de vídeo. De como a existência de um fórum interativo, atividade que passava por um momento de diálogo em pequenos grupos trouxe um ganho de intensidade nas

trocas. Mesmo tendo sido um evento longo e sem intervalos além do horário de almoço, teria passado muito rápido

Algumas pessoas que tiveram que se deslocar ao longo do evento contaram que conseguiram acompanhar as trocas mesmo durante seus trajetos.

De forma geral os participantes contaram como se viram nutridos ao longo daquele encontro. Um ponto muito enfatizado foi a possibilidade de trocas vividas dentro do contexto da virtualidade e a coerência de se fazer um evento virtual sobre virtualidade. Tivemos vários relatos de pessoas que se sentiram emocionadas em diversos momentos. Se sentiram afetadas e conseguiram afetar outros seres humanos, mesmo em contexto de virtualidade.

Considerações sobre o II Simpósio IGT de Psicologia e virtualidade.

Chamou nossa atenção a forma como as colocações se deram a partir de um lugar de fala diferente, não se trocava mais sobre hipóteses vagas como pudemos observar nos períodos iniciais de nossa pesquisa, mas sim sobre experiências vividas, encarnadas. Tivemos a oportunidade de observar nosso tema em um período de transição. Acompanhamos relatos de impasses como os vividos por estudantes de psicologia impedidos de viver suas práticas clínicas. Também tivemos acesso a relatos das experiências de pessoas que se viram descobrindo um novo contexto clínico, que segundo eles mesmos provavelmente modificariam definitivamente suas práticas. Aquelas falas apresentavam um período de experiências distintas, de muitas descobertas. Acompanhar aquele evento nos remete à ideia de crise como um período de riscos e possibilidades. Como dizia o próprio título do evento, um período de “sofrimento e transformação”.

As recordações do mundo pré-pandêmico ainda eram muito vivas e ainda tínhamos muito a construir para chegarmos a uma zona de conforto na nova realidade que se fez presente. Um bom exemplo foi a pesquisa de Anne que teve seus questionários respondidos antes do início da situação de isolamento social, e seus resultados apresentados 6 (seis) meses depois do início daquele período tão transformador em relação a nossa área de investigação. Uma pesquisa tão recente mais que já era história, já tratava de uma realidade que não condizia mais com o momento que estávamos vivendo. Fato que não diminuía o valor daquelas respostas, muito pelo contrário, serviu como referência para demarcarmos as transformações que estávamos vivendo.

Com cerca de 6 (seis) meses do início da pandemia ainda estávamos em um período de ajustes. As referências do mundo presencial ainda estavam muito próximas. Não tínhamos uma ideia clara de o quanto ainda nos aprofundaríamos no contexto da virtualidade.

Tivemos a oportunidade de experimentar a organização de um encontro totalmente realizado através de TICs. Ainda estávamos tateando, aprendendo as dores e delícias daqueles recursos.

Pudemos aprender muito com aquela oportunidade. O contraste entre a forma com que as câmeras estavam fechadas antes do fórum interativo e de como elas se abriram na sequência daquela atividade foi muito impactante e nos trouxe pistas que ajudariam muito nos próximos eventos como poderemos perceber no próximo item, no qual trataremos de III Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade.

4.3.18 O III Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade

O III Simpósio IGT de psicologia e virtualidade teve como tema: “olhando para o psicólogo à luz da virtualidade: o que aprendemos com o isolamento social?” Este evento ocorreu dia dois de outubro de 2021 (IGT, 2021), depois de mais de um ano e meio de pandemia.

Figura 51 – Divulgação do III Simpósio IGT de psicologia e virtualidade: “olhando para o psicólogo à luz da virtualidade: o que aprendemos com o isolamento social?”



Fonte: site do IGT.

O encontro foi realizado utilizando as plataformas Zoom e Youtube. Os participantes podiam escolher a partir de qual das duas plataformas gostariam de participar. Quem assistia pelo Zoom podia fazer colocações via áudio. Quem participava pelo Youtube podia interagir via chat.

Naquele período a utilização de recursos virtuais já não era mais uma novidade. Estávamos em tempo de olhar para os aprendizados desenvolvidos ao longo daquele extenso período de exceção. Neste simpósio buscamos apresentar as produções desenvolvidas naquele ano pelo “Grupo de pesquisa Psicologia e virtualidade: Gestalt-terapia e Práticas Transdisciplinares”. Naquele período nosso grupo de pesquisa estava recém cadastrado no CNPq (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4270900882163532).

O evento foi organizado de forma bem diferente do segundo simpósio. Foi composto de 3 mesas redondas com temas específicos e uma atividade de encerramento. As atividades tinham duas horas de duração e foram organizadas em formato de fórum interativo. Funcionava da seguinte forma: os palestrantes de cada mesa faziam suas colocações, em seguida os participantes do evento eram divididos em pequenos grupos para que pudessem discutir sobre os impactos gerados pelas falas. A última etapa era a discussão em plenária, já a partir do aquecimento gerado pela troca na intimidade dos pequenos grupos. Os participantes que estavam na sala principal, interagiam com as pessoas do Youtube.

Buscamos priorizar as possibilidades de participação interativa nas atividades desenvolvidas naquele evento. A divisão em pequenos grupos tinha como objetivo aquecer os participantes, auxiliando na desinibição dos mesmos. Acreditávamos que quanto mais as pessoas se sentissem à vontade e participassem do evento, mais se conectariam, mais afetariam e seriam afetadas em nossas interações. Nossa meta era construir um simpósio intimista e dinâmico.

A seguir apresentamos uma breve descrição do que foi vivido naquele Simpósio. Seleccionamos os pontos que consideramos mais coerentes com nossa investigação. Os temas das mesas foram:

Mesa 1 Ensinar e aprender remotamente é uma questão de capacidade de ajustamento criativo?

Mesa 2 Realidade Virtual e aumentada: para onde os recursos tecnológicos podem nos levar?

Mesa 3 Atuação da Psicologia Hospitalar e Clínica em situações de luto através de TIC's.

A primeira mesa “Ensinar e aprender remotamente é uma questão de capacidade de ajustamento criativo?” foi aberta por Ana Carolina Bianchi que buscou contar sua versão para a história do ensino através de TICs no IGT. Ela organizou sua narrativa mapeando os primeiros momentos em que aulas puderam ser assistidas de forma virtual e a partir daí elencou acontecimentos que, em sua percepção, marcaram o caminho percorrido até a época do simpósio.

Conta que a primeira aluna a assistir aulas de forma virtual no IGT, fez isso em 2009, em função de ter quebrado a perna e ter passado a apresentar dificuldade de locomoção. A partir desse evento ficou aberta possibilidade de, em situações de exceção, os alunos poderem participar das aulas dessa maneira.

Conta que em 2017, com o início de nosso Doutorado, se inicia também a linha de pesquisa psicologia e virtualidade no IGT da qual ela participou desde o início. Que no início de 2019 ela é convidada para coordenar o setor de psicologia e virtualidade no IGT e que em julho desse mesmo ano começamos o curso EaD de especialização de psicologia e virtualidade. Que em 2020, com a pandemia, o setor de psicologia e virtualidade do instituto deu apoio a alunos, ex-alunos e pessoas que não eram ligadas ao IGT oferecendo o curso “Psicologia e virtualidade primeiros passos” de forma gratuita ou por valores quase simbólicos. Também realizamos uma série de Lives informativas sobre o tema.

Ana Carolina contou como as experiências vividas naquele período trouxeram ideias que modificaram o formato das aulas do curso de especialização em psicologia e virtualidade. A experiência de gravação das *lives* fizeram ver a importância de ter gente assistindo durante a gravação das aulas, a interação enriquecia o conteúdo trazido e tornava os vídeos mais agradáveis. A partir daquele momento passamos a realizar as gravações das aulas do curso de especialização em psicologia e virtualidade com plateia.

A segunda fala foi de Márcia Estarque Pinheiro que buscou trabalhar a relação entre sistema de ensino e alunos dentro de um contexto de virtualidade, para tanto trouxe 3 perguntas:

O que é ensinar e aprender?

Como é ensinar e aprender na virtualidade?

Você já parou para observar se sua forma de estar presente no ambiente educacional tem impacto no processo de ensino e aprendizagem no modelo de ensino virtual?

Como as relações vividas no ambiente educacional afetam seu aprendizado no modelo de ensino virtual?

A partir dessas 4 perguntas os participantes do evento foram divididos em pequenos grupos e convidados a discutir os quatro itens.

A discussão do pequeno grupo que ficou na sala principal girou em torno da forma de participação dos alunos, se com a câmera ligada ou desligada, o quanto esse quesito influencia no aprendizado e na dinâmica da aula. Essas discussões nos remetem a importância da presença, de uma participação ativa e comprometida para que a troca se faça transformadora, independentemente do meio em questão.

Quando voltamos ao grupo grande todos foram convidados a participar colocando uma palavra, que tivesse relação com o que foi vivido no pequeno grupo, em um aplicativo que gerava nuvem de palavras:

Figura 52 - Nuvem de palavras sobre ensinar e aprender através da virtualidade.

Que palavra te vem a cabeça a partir dessa reflexão sobre o ensinar e aprender através da virtualidade?



Fonte: site do IGT.

As três palavras que mais se destacaram foram desafio, adaptação e contato. A partir desse estímulo Márcia e Fernanda Bertolini construíram suas falas enfatizando a importância dos aspectos relacionais no ensino e como esses aspectos podem ser potencializados no contexto virtual. Por último, Márcia Colocou um trecho da música Serra do Luar com Leila Pinheiro:

Viver é afinar o instrumento (de dentro)
 De dentro prá fora
 De fora prá dentro
 A toda hora, todo momento
 De dentro prá fora
 De fora prá dentro
 A toda hora, todo momento
 De dentro prá fora
 De fora prá dentro

Tudo é uma questão de manter
 A mente quieta
 A espinha ereta
 E o coração tranquilo
 Tudo é uma questão de manter
 A mente quieta
 A espinha ereta
 E o coração tranquilo
 A toda hora, todo momento
 De dentro prá fora
 De fora prá dentro
 A toda hora, todo momento
 De dentro prá fora
 De fora prá dentro

Walter Franco (1991)

Márcia conta que essa música foi evocada por uma aluna da primeira turma de formação em psicologia clínica no IGT, quando estudava a postura clínica do Gestalt-Terapeuta. Remete ao processo contínuo de transformação que marca a experiência de viver. Afirma que era disso que estávamos tratando naquela mesa e naquele simpósio.

Na segunda mesa “Realidade Virtual e aumentada: para onde os recursos tecnológicos podem nos levar?” fizemos nossa fala acompanhados por David Leucas. Trouxemos basicamente o conteúdo de nosso capítulo 5. Não vamos antecipar de forma detalhada o que será tratado próximo capítulo. Neste momento buscaremos nos deter em falas realizadas nos grupos de troca. Depois de nossas falas, dividimos a plenária em pequenos grupos para fomentar as discussões. Após essa etapa voltamos ao grupo grande e convidamos a que representantes de cada pequeno grupo contassem sobre o que foi vivido nas trocas ocorridas no momento anterior.

Muitas pessoas se colocaram surpresas em relação ao fato de que atendimentos já estão sendo feitos por robôs. Essa informação não era do conhecimento de grande parte dos participantes daquele evento. Foi relatado que

este tema não vem sendo discutido no meio acadêmico. De alguma forma na experiência daqueles participantes não vinham ocorrendo discussões acerca daquele tema nem em seus ambientes profissionais nem em seus ambientes de ensino, como se os psicólogos não estivessem prestando atenção nesse movimento.

Ocorreram discussões sobre as possibilidades das tecnologias que estavam sendo desenvolvidas serem utilizadas como apoio ao atendimento do psicólogo ou substituindo o espaço desse profissional. Como seria importante que nossa classe ficasse atenta para que a apropriação em relação a essas tecnologias trouxesse ganhos, não prejuízos para nossa inserção social. “*Temos de nos apropriar dessas ferramentas se não seremos engolidos por elas*”. Estando atentos ou não, essas tecnologias continuariam sendo desenvolvidas. A questão seria participarmos desse movimento ou permitirmos que ele se dê a nossa revelia.

A discussão de uma possível dívida social da psicologia clínica também foi trazida à baila. Como nossas práticas, no âmbito dessa forma de atuação, não dão conta da absoluta maioria da população de nossa país. O percentual de pessoas com condições financeiras para pagar uma psicoterapia de forma adequada é muito pequena. O custo do atendimento termina sendo muito alto, para o psicólogo poder ter férias, fazer cursos de aperfeiçoamento ter uma qualidade de vida digna com o mínimo de lazer. Nossas práticas terminam ficando muito elitizadas, a ampla maioria da população termina não tendo como acessar uma prática clínica de qualidade.

Chamamos a atenção para o quanto o *setting* terapêutico tem se mantido estável, independente das transformações vividas nas derivas sociotécnicas. Como pesquisas de inovação não são muito comuns em nossa área.

Foram trazidas as dificuldades de diálogo no âmbito da psicologia, em especial no sistema conselhos e como ela empacam as possibilidades de ampliação de práticas. Foi feita a comparação da inteligência artificial no direito com a inteligência artificial na psicologia.

Trouxemos a pergunta quem somos nós diante dessa situação.

Na Mesa 3 “Atuação da Psicologia Hospitalar e Clínica em situações de luto através de TIC's.” tivemos a participação de Cristiane Diniz, Daniele Vargas, Darliane Dantas e Fernanda de La Torre. Contamos também com a colaboração de Kamylla Assumpção. Cristiane deu início a mesa apresentando seu núcleo de

pesquisa e anunciando uma música que havia sido composta para o evento com o objetivo de auxiliar na aproximação em relação ao tema. A música seria reproduzida em seguida:

Ouvi alguém contar aquela história que você contava para eu dormir
 Senti o mesmo cheiro de café que me acordava
 Eu te procurava pela casa só para ti ver mais uma vez antes de sair
 Lembrei de como fugimos sem falar nada a ninguém
 Ficamos horas perdidos errando caminhos
 Tentando voltar sem saber muito bem
 Em que esquina virar,
 Só conseguia lembrar
 Daquela árvore velha
 Em frente a uma casa amarela
 Que ainda continua por lá
 É engraçado quando alguma coisa vai embora,
 mas mesmo assim a gente espera ela voltar
 Dizem que o tempo transforma amarguras em doces memórias
 Será? Será? Que ainda andas por aqui?
 Foi tanto que eu já perdi
 Os anos tiraram
 Os sonhos guardaram para mim
 Não sei como eu resisti, cada pedaço arrancado
 Mesmo assim ainda estamos aqui
 Ouvi alguém contando aquela história que você contava para eu dormir
 Senti o mesmo cheiro de café que me acordava
 Eu te procurava pela casa só para ti ver a última vez antes de partir
 Felipe Nunes Vargas (2021)

Daniele, esposa do compositor e intérprete da música, contou sobre a forma como a música havia sido composta. Conta que seu marido era músico, que ela havia perdido muitas pessoas queridas durante a pandemia e que buscou conversar com o marido sobre sua experiência de luto, de um luto vivido à distância já que ela estava morando em Portugal e seus entes queridos estavam no Brasil. A partir

desse diálogo o marido havia composto a música. Conta de sua inserção no grupo de pesquisa, como o estudar o tema estava sendo uma forma de elaborar suas perdas. Fala do desafio de trabalhar com seus clientes algo que ela estava vivendo de forma tão intensa.

Em seguida os outros integrantes do núcleo buscaram trazer suas experiências relativas à situação de luto a partir do estímulo gerado pela música. Fizeram isso por alguns minutos, posteriormente propuseram três questões para serem discutidas em grupos de seis pessoas. Cada grupo deveria escolher e discutir uma das seguintes questões:

Como me sinto fazendo atendimento *on-line* a situações de perda e luto na pandemia?

Quais mudanças na assistência psicológica foram possíveis perceber na nossa atuação clínica e hospitalar?

O atendimento por TICs contribuiu ou impactou em que aspectos o saber-fazer dos psicólogos do luto?

Colocações trazidas no grupo que ficou na sala principal:

Uma colocação interessante foi como a partir da pandemia foi possível acompanhar mais de perto situações de perda em função do incremento da comunicação assíncrona, no sentido de o cliente trocar mensagens com o terapeuta sobre situações de perdas vividas no período entre sessões ou mesmo durante um funeral, coisa que não era comum antes da pandemia.

Darlaine Dantas conta sobre suas experiências na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e em Hospital privado ao longo do período de pandemia. Descreve o espaço ocupado pelo psicólogo naquelas instituições.

Fernanda de La Torre trouxe a forma como a virtualidade foi sendo utilizada ao longo da pandemia para substituir os rituais que anteriormente se davam de forma presencial. Como dentro desse contexto existia a distância física, mas em contrapartida pessoas que não poderiam estar presentes em função de estarem muito distantes, até em outros países, podiam participar desses ritos vividos de forma virtual. Surge a colocação de que a situação de trabalhar o luto no local onde a pessoa morava, muitas vezes com as roupas e demais pertences ainda no armário, trazia uma conjuntura singular para o atendimento. Fernanda enfatiza a necessidade de cuidado e de um bom preparo por parte do terapeuta para a realização do trabalho com os enlutados dentro desse contexto tão delicado. Fala

da necessidade de estar atento à rede de suporte que esse paciente tem a seu redor e que cada situação é única requerendo um trabalho singular

Enfatiza o trabalho jornalístico de criação de memoriais *on-line*. Trabalho que tinha como objetivo transformar números em pessoas. Fernanda traz também as dificuldades que a situação de pandemia trouxe, de realizar atendimento, muitas vezes com a família toda dentro de casa. Como nessas situações a questão do sigilo ficava prejudicada.

Por último tivemos nossa atividade de encerramento:

Buscamos criar um espaço de troca a nível de plenária. Todos os participantes do evento foram convidados a compartilhar suas vivências naquele encontro.

A primeira fala veio na direção de parabenizar a organização e no sentido de descrever que já não estaríamos, mais numa discussão de se pode ou não pode realizar o atendimento através de TICs, mais sim de como fazer.

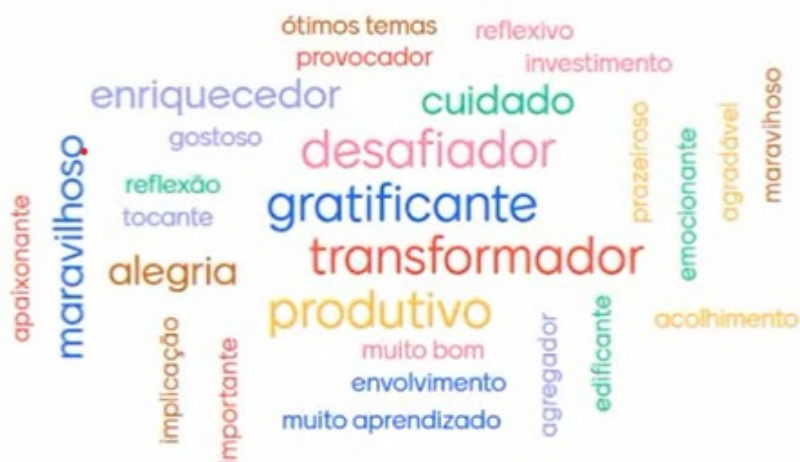
Relatos de não existir cansaço mesmo depois de tanto tempo de vídeo. Havíamos ficado muitas horas diante da tela ao longo do simpósio e as pessoas não estavam se sentindo exaustas.

A pergunta quem somos nós diante do que está na nossa frente? Foi trazida de forma a enfatizar o quanto, no campo da Psicologia, precisamos estar sempre atentos em relação à qual é o nosso papel, que lugar ocupamos diante de cada contexto e diante dos recursos que temos para utilizar. Quanto mais temos clareza de qual é o nosso lugar, mais claramente os caminhos de atuação se fazem presentes.

Durante essa atividade de encerramento do evento os participantes também foram convocados a registrar uma palavra que traduzisse como teria sido estar no evento ao longo do dia. Com as respostas foi criado, em tempo real, uma nuvem de palavras que está exposta na figura 53:

Figura 53 - Nuvem de palavras sobre a experiência do evento.

Como foi estar aqui hoje?



Fonte: site do IGT

Considerações sobre o III Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade

O primeiro ponto a ressaltar tem relação com a dinâmica do encontro. Depois um ano e meio de pandemia e dos aprendizados construídos a partir dos eventos anteriores, conseguimos desenvolver uma dinâmica bastante bem ajustada de funcionamento. As trocas fluíram de forma muito harmônica e produtiva. O fato de termos pessoas de vários locais do país enriqueceu muito o evento.

O amadurecimento do processo de organização e de condução deste evento é um exemplo, em si, de que quanto melhor vamos nos adequando às tecnologias disponíveis, mais condições temos de tirar proveito das possibilidades trazidas por elas, e também, de diminuirmos as perdas causadas pelas desvantagens geradas pelas características do contexto virtual.

Quanto aos temas trazidos e ao teor das discussões, identificamos, também, um ganho de maturidade. As discussões já aconteciam a partir de um certo distanciamento em relação aos meios de atuação. Os temas já tratavam de história, formas de ensino, possibilidades futuras para além das práticas através de TICs e de questões delicadas como o da lida com situações de luto dentro daquele contexto com todas as suas peculiaridades. Naquele evento já estava possível olhar para os aprendizados trazidos pela aproximação em relação às TICs e a partir desses aprendizados fazer o movimento de olhar para o futuro.

Fica muito clara a compreensão de que quanto mais se aprende, mais se tem a aprender. Naquele período já acumulávamos muito mais experiência no que se refere a TICs do que antes da pandemia, ou do que quando tivemos nosso primeiro simpósio, porém, nos é evidente a amplitude e a infinitude do universo que as tecnologias trazem para nos apropriarmos. Curiosidade, respeito, prudência e criatividade são aspectos fundamentais nesse processo de apropriação.

Quanto aos aspectos financeiros cabe ressaltar que os custos do evento também foram muito baixos o que nos permitiu tornar gratuitas as inscrições, ampliando muito o número de participantes de nosso encontro. A decisão de tornar nossas inscrições gratuitas ocorreu alguns dias antes da data de realização do simpósio. Mesmo assim tivemos 345 inscritos, um número superior ao que tendíamos a receber nos eventos realizados de forma presencial. Atualmente as atividades realizadas de forma gratuita no IGT oscilam entre cerca de 100 inscritos e 918 inscritos, nosso recorde de público até o momento.

Essa ampliação de público é uma das consequências oriundas da ampliação das possibilidades de alcance geradas pelo aumento da utilização dos recursos virtuais, decorrente do isolamento social que nos foi imposto pela Covid-19. Em nosso próximo item faremos nossas considerações sobre os rastros deixados por essa pandemia na psicologia brasileira.

4.3.19 Considerações sobre os rastros deixados pelo SARS-CoV-2 na psicologia brasileira

Não podemos falar de rastros deixados por essa pandemia sem fazermos referência a todo o sofrimento que ela trouxe para a humanidade. Essa pandemia foi uma catástrofe global, trazendo dor e destruição. Porém, as situações de crise nos tiram de nossas situações de conforto e nos forçam a nos reinventarmos e é sobre essa reinvenção que trataremos nas próximas linhas.

Seria impossível definir, de forma precisa, todos os efeitos do SARS-CoV-2 na psicologia brasileira. Pudemos falar dos rastros que tivemos condições de mapear a partir de nossa própria experiência no âmbito clínico, a partir da experiência de coordenador de uma instituição formadora de psicólogos dentro de uma perspectiva gestáltica, a partir do que observamos no posicionamento de instituições ligadas à psicologia, nas trocas experimentadas nos eventos que organizamos e que participamos e também, do que foi possível observar nos

resultados de questionários que utilizamos para coletar a experiência de outros psicólogos.

Nos rastros que pudemos ter contato ao longo do período de nossas pesquisas foi possível observar que o vírus desencadeou uma reação muito forte no que se refere ao trabalho do psicólogo à distância. Esta reação nos pareceu coerente com um contexto bem específico, no qual existia um distanciamento marcante entre os atores humanos e as possibilidades de uso de recursos tecnológicos que já existiam, que já estavam disponíveis. Recursos que tinham seus potenciais como ferramentas terapêuticas ainda ignorados por grande parte dos psicólogos brasileiros.

O contato com recursos comunicacionais que estavam invisibilizados como recursos terapêuticos por nossos preconceitos foi transformador. O isolamento social gerou a oportunidade/necessidade de os psicólogos brasileiros experimentassem na prática esses recursos, com isso, criou condição para que se desse início a um processo de apropriação de um universo muito extenso e que, por mais que nos estivesse fisicamente muito próximo estava paradigmaticamente muito distante. Os recursos já existiam, já estavam disponíveis, porém a forma como grande parte dos psicólogos compreendia suas práticas os impedia de identificar as possibilidades terapêuticas dos mesmos.

É especialmente interessante a fala de Joel Birman em relação a sua experiência com seus clientes, que segundo ele se deu predominantemente através do telefone. Um contato telefônico de qualidade já estava disponível, para ele, há muitos anos e só foi possível para Joel identificar o valor analítico desse meio de comunicação a partir de uma pandemia. Inclusive porque a própria regulamentação dos psicólogos proibia os psicólogos psicanalistas de utilizarem essa ferramenta de 1995 até 2018. Por mais que Joel seja psiquiatra, as regulamentações da psicologia provavelmente impactavam muitos de seus interlocutores. Essas regulamentações contam sobre a forma de ver de uma parcela significativa da categoria dos psicólogos, especialmente aquela parcela que discute e define os textos de nossas resoluções.

Quando observamos nossa própria experiência também podemos observar impactos marcantes. Mesmo já tendo interesse nos temas ligados à telepsicologia há muitos anos, foi possível perceber como nossos preconceitos ainda ofuscavam

possibilidades extremamente interessantes como a de realizar um Workshop através de TICs. Sabemos que outros fatores, além de nossos próprios preconceitos, impediam a realização deste tipo de prática, visto que os alunos também precisariam enxergar essa possibilidade. As mudanças geradas no corpo da psicologia e na visão que as pessoas de uma forma geral tinham sobre as possibilidades de uso dos recursos virtuais foram fundamentais para criar o contexto necessário a essas apropriações.

Já existia no IGT um projeto de alargamento de fronteiras, já vínhamos desenvolvendo formas de realizar cursos de formação em Gestalt-Terapia fora da cidade do Rio de Janeiro, cidade sede do IGT. Esses cursos aconteceriam de forma presencial e envolveriam o deslocamento físico de nossos professores. As descobertas e transformações propiciadas pela Covid-19 transformaram profundamente tais projetos. Agora os alunos de outras cidades podem chegar ao IGT, sem sair de suas casas. Isto se deu, não porque novas tecnologias de informação e comunicação foram inventadas em um curto espaço de tempo, mais sim porque nossa forma de compreender essas possibilidades e a forma de nossos alunos compreenderem nossa realidade se transformou a partir do novo contexto gerado pelo isolamento social desenvolvido para fazer frente à Covid-19.

Todo esse contexto nos convida a pensar na fragilidade de nossas concepções. Mostra o quanto nossas construções falam muito mais de onde estamos olhando do que de fato do que temos ao nosso redor, enfatizando ainda mais a importância do olhar para o entre quando construímos nossos conhecimentos.

Estamos em um momento histórico/político/social no qual as divergências de opinião parecem distanciar muito as pessoas. A política do cancelamento parece estar muito em alta. Polarizações estão muito presentes. Em várias situações a hostilidade tempera tais polarizações. O olhar para a fragilidade de nossas concepções, que foi evidenciada pela percepção de o quanto nossos paradigmas definem nossa forma de enxergar o que está ao nosso redor, define nossa realidade, de o quanto grande parte dos psicólogos se viu surpreendido por possibilidades que já estavam tão próximas, mas que suas crenças tornavam tão distantes. Essa percepção torna mais evidente a necessidade de um olhar humilde para as perspectivas alheias. O que seria necessário para que se desenvolvessem perspectivas mais humildes e de menos hostilidade? Em um certo sentido a postura

fenomenológica tem relação com a busca deste olhar humilde e aberto a diferença, porém, os resultados de nossa investigação indicam que essa abertura não esteve tão presente, para muitos psicólogos no que se refere ao processo de apropriação das TICs. Foi necessária uma pandemia para modificar certos posicionamentos.

No próximo capítulo trataremos, de forma breve, do que olhar para o processo de apropriação das TICs nos convida a pensar em relação a algumas expectativas, que consideramos especialmente importantes em relação a possibilidades futuras. Trataremos de algumas tecnologias que já se fazem presentes na atualidade, mas que trazem, em si, um amplo potencial para propiciar novas possibilidades de práticas psicológicas.

5 SETAS PARA O FUTURO

Investigar o processo de apropriação das TICs pelos psicólogos brasileiros é tratar de um processo contínuo e que se mantém em andamento. As tecnologias continuam em desenvolvimento ou, podemos dizer, em suas derivas e os psicólogos continuarão se apropriando das novas possibilidades tecnológicas. Utilizar o que constatamos em nossa investigação em relação a como esse processo se deu e está se dando nos convida a imaginar o que o futuro nos reserva. Neste sentido nossas investigações apontaram para alguns caminhos que nos parecem merecer a atenção dos psicólogos visto que se nossa categoria não se ocupar dos mesmos eles provavelmente vão se fazer presentes à nossa revelia.

Para além do simples atendimento presencial virtual existem novas tecnologias que provavelmente vão ganhar espaço nos próximos anos. Os recursos ligados à realidade virtual (RV) já estão sendo utilizados, entre outras coisas, para facilitar a superação de fobias e ainda trazem potencial para muitas outras novas possibilidades. Já existem instrumentos voltados para a ampliação da capacidade de percepção Realidade Aumentada (RA) que são capazes de acrescentar informações ao ambiente que percebemos. Esses recursos podem ser muito úteis, em especial, com auxílio de *softwares* capazes de fazer o mapeamento de microexpressões, que conseguem identificar pistas de expressões emocionais a partir de alterações identificadas na face de uma pessoa. Conseguem ler pequenas alterações fisiológicas e, se conjugadas a recursos de RA, podem disponibilizar, em tempo real, essas informações para um observador.

A possibilidade de identificação de nuances que nossos olhos não conseguem captar, mas que contam muito do que a pessoa está experimentando emocionalmente pode ser extremamente útil em um processo terapêutico. Também temos a inteligência artificial ampliando seus espaços de forma marcante. Amigos virtuais têm sido criados e o apelo para a construção de laços afetivos na relação com esse tipo de “personalidade” tem se tornado evidente.

A psicoterapia através de robôs está batendo nossas portas, quer o psicólogo queira ou não. Imaginar a possibilidade do psicólogo clínico ser substituído por um robô é algo bastante incômodo. Acredito que quanto mais nos apropriemos dessas tecnologias, mais poderemos tê-las a nosso favor. Esses recursos podem nos ajudar em nossas práticas ou simplesmente passar a disputar espaço em nosso campo de trabalho. Não podemos esquecer que atualmente, em 2021, a atividade de psicoterapia não é privativa do psicólogo, sendo assim, do ponto de vista legal, práticas psicoterapêuticas podem ser desenvolvidas por profissionais de outras áreas como a informática sem que possamos fazer nada a esse respeito.

Atualmente, em agosto de 2021, existe uma sugestão legislativa⁸⁶ de que a prática da psicoterapia passe a ser privativa de psicólogos com CRP ativo, tramitando no Senado Federal. Trata-se da SUG 40/2019. Esta sugestão Legislativa foi proposta através da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) em 23/05/2019, pela psicóloga Shaiana Lick e, em 08/07/2019 alcançou o apoio para ser analisada (20.000 pessoas)⁸⁷. No momento em que redijo este texto existe uma consulta pública em andamento como poderá ser constatado na imagem abaixo. Essa consulta pública visa recolher subsídios para a decisão referente a aceitação ou não da sugestão de que se dê início a tramitação de tal regulamentação. Hoje (22/08/2021) temos 62.833 votos favoráveis a que se desenvolva esta regulamentação e 33.145 votos contrários a tal iniciativa⁸⁸. O relator

⁸⁶ As sugestões legislativas são um canal de comunicação que o Senado Brasileiro tem com a sociedade brasileira, através da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. As sugestões podem ser recebidas por vários caminhos: através de sugestões realizadas por entidades organizadas, através do programa “jovem Senador” ou através do portal E-Cidadania desde que com o apoio de mais de 20.000 pessoas (caso da SUG 40/2019)

⁸⁷ <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/137959>

⁸⁸ Em 07 de setembro de 2022 a status da sugestão nº40 de 2019 não se modificou, porém os números da consulta pública passaram a ser 107.732 votos favoráveis e 37.782 votos contrários.

da proposta é o Senador Humberto Costa⁸⁹ um médico com residência em psiquiatria e medicina geral comunitária e atual presidente da CDH. Como sabemos a classe médica, e em particular, a especialidade da psiquiatria não seria beneficiada pelo estabelecimento da restrição da prática psicoterapêutica aos psicólogos. Uma informação importante⁹⁰ é que na comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa a votação para a aprovação do parecer do relator é simbólica, não existindo a necessidade de pronunciamento de todos os senadores da comissão, sendo usual a aprovação do documento confeccionado pela relatoria. O que o psiquiatra relator da proposta colocar como indicação deverá ser acolhido, até porque atualmente ele é o coordenador dessa comissão.

Figura 54 - Consulta pública referente a SUG 40/2019.



Fonte: Site do Senado Federal⁹¹

A seguir buscaremos investigar de forma mais detalhada o que temos hoje no que se refere a interface dos recursos tecnológicos supracitados com as práticas psicoterapêuticas. Iniciaremos com os recursos ligados a realidade virtual.

⁸⁹

(<https://www.senadorhumberto.com.br/>)

(<https://www.escavador.com/sobre/684063/humberto-sergio-costa-lima>)

⁹⁰ Informação fornecida pela advogada Mariana Borges Bezerra Paiva Lírio secretária da comissão de direitos humanos e legislação participativa do Senado Federal em participação no evento Seminário nacional sobre Psicoterapia: formação, qualificação e regulamentação realizado em 24/04/2021 ([Diálogo sobre Psicoterapia: formação, qualificação e regulamentação - YouTube](#)) acesso em 22/08/2021

⁹¹

FIGURA

x,

Disponível

em:

<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=137959> . Acesso realizado em: 22 ago. 2021.

5.1 A REALIDADE VIRTUAL HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS

Podemos definir realidade virtual como a possibilidade de imersão em um contexto controlado, onde os sentidos humanos são estimulados de forma a reproduzir uma experiência da vida real. O indivíduo tem a sensação de estar em um contexto que não equivale ao que de fato ele se encontra fisicamente.

Atualmente as utilizações psicoterapêuticas que conseguimos encontrar no que se refere a realidade virtual (RV) são muito limitadas. Encontramos principalmente a aplicações no âmbito do trabalho de dessensibilização em casos de fobia. Acreditamos em possibilidades muito mais amplas de atuação.

Este tema tem sido estudado por pesquisadores como o professor Alcyr Alves de Oliveira, que em 09/07/2021 proferiu uma palestra de forma virtual no canal do Youtube do IGT. Alcyr nos contou das inúmeras pesquisas que estão sendo desenvolvidas no Núcleo de Estudos em Realidade Virtual (NERV), seu grupo de trabalho, sediado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ele nos conta que suas pesquisas sobre a utilização de recursos virtuais na saúde mental e na reabilitação neuro cognitiva não deixam a desejar quando comparadas com qualquer outro centro a nível mundial. Ele coordena um núcleo de pesquisa interdisciplinar que desenvolve estudos, sempre ligados à saúde, porém, dentro de um vasto campo de abrangência.

Alcyr, ao contar sobre a produção de sua equipe, elencou os seguintes temas de pesquisa: trabalho com adaptação e equilíbrio para amputados em fase de adaptação ao uso de próteses; Desenvolvimento de equilíbrio em pessoas com paralisia cerebral grave (nível 3, 4 e 5); Exercício físico a partir de estímulos em realidade virtual; equilíbrio em pacientes com Mal de Parkinson; exercícios para idosos; estimulação com pacientes com sequelas de acidente vascular encefálico; busca de evitar a perda de sentido de realidade em pacientes internados em UTIs; superação da ansiedade ao falar em público com o auxílio de *wearables* como *smartwatches* que mensuram alterações fisiológicas em tempo real; trabalho com pessoas com transtorno obsessivo compulsivo.

Pensando em possibilidades futuras para o uso da RV em psicoterapia, Alcyr aponta para a hipótese do atendimento virtual em um contexto tridimensional, de

forma a proporcionar a psicólogo e cliente uma experiência virtual de proximidade física, inclusive envolvendo recursos que permitam a sensação do tato.

Alcyr nos fala também sobre temas que vêm sendo pesquisados em outras partes do mundo, como: Tratamento de ansiedade, fobia e pânico; Inoculação de estresse; superação de dor; com pessoas com autismo; com pessoas com TDAH; trabalho com superação de traumas como os vividos por ex-combatentes.

Ele relata a existência de grandes investimentos no que se refere ao desenvolvimento de diversos tipos de jogos e como os recursos desenvolvidos para essa finalidade podem ser utilizados com objetivos psicoterapêuticos. Aponta como os interesses financeiros determinam os rumos do desenvolvimento tecnológico e como esses interesses canalizam os investimentos para os campos onde exista uma expectativa de um maior retorno financeiro, no caso, atualmente, a indústria do entretenimento.

Alcyr nos conta que na atualidade grandes empresas têm feito vultuosos investimentos no desenvolvimento de ferramentas voltadas para o entretenimento. Coloca que tem utilizado uma série de jogos virtuais de forma terapêutica, que são poucas as ferramentas desenvolvidas especificamente para área de saúde.

No campo da aprendizagem, a inserção em mundos virtuais traz um vasto potencial no que se refere às possibilidades de desenvolvimento pessoal. Já existem simuladores para facilitar o aprendizado de várias práticas, como o aprender a dirigir ou a pilotar aeronaves, por exemplo. Esses simuladores trabalham o desenvolvimento de habilidades para a ampliação de capacidades restritas. A evolução tecnológica pode vir a ampliar dramaticamente o espectro de possibilidades de aprendizado em um contexto de imersão em realidade virtual, especialmente quando associamos à RV a realidade ampliada (RA) e a Inteligência artificial (IA). Podemos dizer o mesmo no que se refere às possibilidades de desenvolvimento de novas práticas psicoterapêuticas a partir desses recursos.

No próximo item procuramos tratar de forma breve de algumas das possibilidades que os recursos ligados à realidade aumentada podem nos trazer.

5.2 A REALIDADE AUMENTADA HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS

Podemos entender como realidade aumentada a possibilidade de inserção em nosso campo perceptual, de informações que não estão disponíveis a nossos sentidos, esse acréscimo pode trazer, em tempo real, informações sobre o universo ao nosso redor que nossa própria sensibilidade não é capaz de captar. Quando nos referimos às possibilidades de utilização deste tipo de recurso no ambiente psicoterapêutico, temos em mente a possibilidade de psicólogo e cliente terem acesso a uma série de marcadores capazes de ampliar a percepção de nuances relativas a alterações fisiológicas vividas por nossos clientes no contexto da psicoterapia.

Como vimos no início deste capítulo já existem softwares capazes de identificar alterações emocionais em pessoas, em tempo real, a partir de suas microexpressões, esses programas já conseguem, por exemplo, identificar os batimentos cardíacos de uma pessoa apenas com a filmagem de seus rostos, fazem isso a partir das mudanças na coloração da pele, imperceptíveis a olho nu, mas que se fazem presentes de acordo com as batidas do coração. Também existe uma série de aparelhos de *biofeedback*⁹² que são capazes de identificar informações relativas a alterações fisiológicas experimentadas pelo corpo humano. Atualmente já existem no mercado uma série de *smartwatch* capazes de mensurar e transmitir informações fisiológicas de seus usuários em tempo real. O acesso a essas informações pode ser muito útil em um contexto psicoterapêutico.

Esse tipo de recurso vem sendo predominantemente pesquisado por psicólogos ligados a abordagens como a cognitivo comportamental, porém, eles podem ser muito úteis em perspectivas que buscam facilitar a ampliação de *awareness*, tanto por auxiliar o psicólogo na percepção de nuances que contam de experiências emocionais que não seriam possíveis serem identificadas a olho nu, como também, por trazer ao cliente informações semelhantes.

Em nosso próximo tópico buscamos discutir aspectos ligados às possíveis contribuições de recursos relativos à inteligência artificial no que se refere a práticas voltadas para suporte emocional.

⁹² Aparelhos de *biofeedback* são aparelhos capazes de identificar, mensurar e apresentar de forma compreensível alterações fisiológicas apresentadas por seres humanos.

5.3 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL HOJE E AS EXPECTATIVAS DE INSERÇÕES POSSÍVEIS NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS CLÍNICAS

Segundo Marcio Freitas (2021) a Inteligência Artificial, ou simplesmente I.A, é um campo de estudo que visa desenvolver softwares com inteligência similar ou superior a humana, com capacidade constante de evolução, assumindo assim papel importante nas mais diversas áreas como: *chatbots*, assistentes virtuais, algoritmos de propaganda na internet, pilotos automáticos em veículos, dentre várias outras possibilidades.

O termo inteligência artificial se refere ao desenvolvimento de ferramentas capazes de processar informações de modo autônomo. Os programas de computador tradicionais se restringem a seguir uma programação pré-existente. A inteligência artificial seria capaz de se redefinir de acordo com as leituras desenvolvidas a partir de sua relação com seu contexto. Busca reproduzir capacidades criativas que até então eram restritas a seres “inteligentes” biologicamente constituídos.

Atualmente assistimos à proliferação de uma série de assistentes virtuais desenvolvidos a partir de recursos ligados à inteligência artificial. Esses utensílios conversam e reagem a seus usuários, com frequência surpreendendo os mesmos. Os filmes de ficção científica já vêm retratando essas possibilidades interativas há muitos anos, e nossa tecnologia já está conseguindo atingir o que há tempos era apenas imaginação. Ora, se conseguimos construir laços afetivos importantes com objetos inanimados, como será que desenvolveremos nossas relações com assistentes virtuais capazes de desenvolver personalidades específicas, capaz de nos surpreender com colocações inesperadas. Capazes de guardar informação nossas ao longo do tempo e trazê-las em momentos propícios. Não seria difícil esse tipo de assistente assumir um papel psicoterapêutico, em especial se associarmos a eles possibilidades de ler nossas alterações emocionais e ainda de criar realidades virtuais e aumentadas de forma coerentes com essas leituras.

No artigo “Avaliação Psicológica no Século XXI” Ricardo Primi (2018), pesquisador da Universidade São Francisco, levanta questionamentos interessantes acerca dos recursos já existentes para análise de dados relativos ao comportamento de indivíduos em redes sociais. Conta como os dados armazenados por aplicativos como o Facebook, como *likes* e postagens, tem sido utilizado com a finalidade de

construir perfis psicológicos de seus usuários para diversas finalidades como o desenvolvimento de estratégias de convencimento em campanhas políticas e para propaganda comercial. As informações têm sido analisadas a partir da utilização de recursos relativos à inteligência artificial. Este autor nos convida a pensar nos limites éticos no que se refere a utilização deste tipo de dados e, também, nas interfaces da psicologia, como ciência e profissão, com essas práticas, especialmente no que se refere a parâmetros regulatórios. Se informações coletadas a partir da interação de pessoas em redes sociais dão margem a manipulação do resultado de eleições, o que as informações coletadas a partir da intimidade da relação das pessoas com assistentes pessoais não proporcionariam? Quem regularia essas práticas? Principalmente levando em consideração que psicoterapia não é uma prática regulamentada, o que significa que instituições como o CFP não tem ingerência na mesma, não pode definir o que é aceitável e o que não é aceitável dentro deste contexto, quem poderia definir regras de conduta para esse tipo de psicoterapia?

Instituições como Cíngulo⁹³, Vitalk⁹⁴ e Eureka⁹⁵ já utilizam a inteligência artificial em suas plataformas. Prometem atuar no sentido de facilitar o desenvolvimento de equilíbrio emocional, acenam com o saber da psicologia para essa finalidade. Essas instituições fazem um trabalho híbrido, que envolve a atuação de robôs e de psicólogos, com isso, afirmam realizar um trabalho “de qualidade” com um baixo custo. Acenam com a bandeira de levar saúde emocional a quem não poderia ter acesso em função dos custos elevados de um processo terapêutico dentro de um modelo tradicional, isso é, atendimento realizado exclusivamente por psicólogos com uma frequência semanal que tipicamente oscila de duas sessões por semana a uma sessão a cada duas semanas. O padrão de atendimento clínico, que historicamente a classe dos psicólogos vem desenvolvendo, tem alcançado apenas uma pequena camada da população brasileira, de fato vem se mostrando uma prática elitista, problema que realmente merece ser equacionado.

Essas plataformas também oferecem soluções em saúde mental para empresas, oferecem para esse tipo de organização um acompanhamento psicoemocional para seus funcionários por preços muito baixos. Como pode ser observado no fragmento abaixo.

⁹³ <https://www.cingulo.com/>

⁹⁴ <https://www.vitalk.com.br/>

⁹⁵ <https://eureka.me/>

Quanto custa para ter o Cíngulo em sua empresa?

A partir de R\$ 190 por mês você pode adquirir o Cíngulo para os seus colaboradores.

Você paga apenas R\$ 8,90 por mês pelos funcionários que instalarem o aplicativo e ativarem o benefício. O valor só será cobrado para aqueles que efetivamente instalarem o app e ativarem seu benefício.

Se você quiser oferecer um apoio mais personalizado para os seus funcionários, há a possibilidade de contratar o nosso apoiador emocional por um valor adicional de R\$ 4,90 por mês, por usuário ativado.

Acesso Premium ao app Cíngulo:

R\$ 8,90 por mês (só para quem já ativou o aplicativo)

Acesso ao apoiador emocional por chat:

R\$ 4,90 por mês (só para quem já ativou o aplicativo)

Taxa de ativação: R\$ 190 (cobrança única na inscrição)

Quando o número de usuários não atingir o equivalente a R\$ 190 por mês, cobramos este valor como faturamento mínimo.

Além do acesso ao app e do apoiador emocional, a empresa recebe:

- Relatório mensal (não disponível quando o número de usuários ativados for inferior a 50);
- Materiais para divulgação do Cíngulo em sua empresa;
- Suporte à empresa e ao usuário por e-mail. ([Cíngulo para Empresas. \(cingulo.com\)](mailto:Cingulo@cingulo.com) 07/10/2021)

A concepção de “apoiador emocional” expresso no fragmento acima se refere a uma prática que se aproxima bastante do que muitas pessoas buscam em um processo psicoterapêutico. Do ponto de vista dos custos financeiros uma proposta como essa não poderia ser superada por qualquer forma de atuação que envolva unicamente o trabalho humano.

Um trabalho realizado por seres humanos que envolva uma condição salarial condizente com a de profissionais de nível superior, de forma a propiciar aos mesmos condições de vida dignas e possibilidades de investimento em suas formações, de forma condizente com as necessidades de um profissional com essas características, traria necessariamente custos bem mais elevados do que os supracitados. Em um certo sentido podemos observar que as ferramentas citadas acima já estão ocupando um espaço que poderia ser preenchido por profissionais ligados a psicologia.

A seguir buscamos descrever brevemente a amplitude das possibilidades e às questões suscitadas a partir da junção das várias ferramentas descritas nesse capítulo.

5.4 A JUNÇÃO DE IA RV E RA E APARELHOS DE *BIOFEEDBACK*

A junção desses recursos traz possibilidades muito amplas no que se refere ao contexto psicoterapêutico. Um grande desafio para o psicólogo de nosso tempo está em conseguir se apropriar dessas tecnologias de forma a utilizá-las a seu favor. Se nós não nos apropriarmos muito bem desses recursos eles vão ser desenvolvidos à nossa revelia. Teremos uma proliferação de robôs psicoterapeutas ocupando espaços que temos deixado desocupados e talvez parte do espaço que ocupamos na atualidade.

Quando nos referimos a junção dessas tecnologias estamos aludindo em especial à possibilidade da inteligência artificial ter acesso recursos de *biofeedback*, de modo a ser capaz de utilizar esse tipo de informação em seus algoritmos, podendo assim utilizar esses, e outros dados, que também sejam relevantes, como parâmetros a nortear sua atuação na relação que estabelecem com seus possíveis clientes. As realidades virtual e aumentada também podem ser utilizadas por inteligências artificiais, em conjunto com as informações de *biofeedback*, no sentido de proporcionar aos clientes experiências e informações compatíveis com as necessidades de ampliação de conhecimento identificadas na relação estabelecida entre elas e seus clientes.

Existem questões éticas referentes a utilização desses recursos que precisam ser muito bem elaboradas. Um primeiro aspecto tem relação com a delimitação do campo da psicologia diante dos novos cenários performados por esses tipos de instrumentos. Como definir que tipo de interação tem um caráter que diz respeito a psicologia, que deve ser regulado no âmbito do sistema conselhos do psicólogo? Os robôs, as inteligências artificiais têm ampliado seus espaços como assistentes pessoais. Os limites entre assistente pessoal, envolvimento afetivo e relação terapêutica podem ser bem sutis. O passo do assistente pessoal ao conselheiro pode ser bem tênue. Como definir os limites entre uma relação de aconselhamento para uma relação de apoio psicológico. Muito facilmente as inteligências artificiais desenvolvidas por grandes empresas podem derivar para o aconselhamento e para o apoio emocional.

Um aspecto importante, que precisamos observar quando pensamos na terapia por robô, tem relação com a possibilidade viabilização de custos mais baixos para os processos terapêuticos. A psicologia clínica ainda não encontrou caminhos

para deixar de ser uma prática elitista. Os custos de um atendimento particular são muito altos e se fazem possíveis para uma parcela muito reduzida de nossa sociedade. Por mais incômoda que possa ser essa ideia talvez a utilização de robôs possa abrir a possibilidade de atendimento para uma parcela mais ampla da população brasileira, resgatando uma dívida histórica de nossa categoria.

Por que os psicólogos não estão olhando para esse tema? Essa é uma questão que muito nos intriga. O que acontece para que os psicólogos brasileiros não discutam a questão da possibilidade das práticas psicológicas passarem a ser realizadas por robôs. Em nossa pesquisa essa questão foi levantada inicialmente por Ivelise Fortim que, como já citamos anteriormente (item 3.3.1), nos alertou para a necessidade de se discutir a atuação dos ICBTs (*Internet-based cognitive behavioral therapy*) que tinha relação com a TCC feita por robôs, ela nos alertou de que essas práticas estavam chegando forte no Brasil e que do ponto de vista dela esse tema precisava ser discutido pelos psicólogos brasileiros. Nos falou que fora do Brasil isso já existe há muito tempo e que o psicólogo só entraria calibrando a inteligência artificial que estaria por detrás dessas práticas. Conta inclusive que ela já tinha sido procurada para isso. Não seria importante que estivéssemos discutindo essas possibilidades, visto que elas já estão acontecendo. Os únicos espaços de discussão acerca deste tema, que pudemos presenciar até o momento, foram os que nós mesmos geramos.

Um outro aspecto que chama a nossa atenção é que os modelos de atendimento psicoterapêutico têm se mantido muito estáveis ao longo dos anos, nosso contexto sócio-histórico se modificou de forma marcante, porém, os modelos de práticas psicoterapêuticas permanecem sem grandes alterações. O *setting* psicoterapêutico de diversas abordagens se alterou muito pouco ao longo do tempo. Grande parte dos psicólogos entendem o modelo psicoterapêutico que envolve uma sala de atendimento aonde terapeuta e cliente se encontram durante um período de tempo como o formato de *setting* psicoterapêutico a ser realizado por excelência. Foi necessário o acontecimento de uma pandemia para que mudanças significativas viessem a acontecer nesse tipo de enquadre. Porém, mesmo dentro do contexto de isolamento social percebemos que muitos psicólogos tentaram simplesmente migrar o mesmo tipo de técnicas e o mesmo formato de atendimento psicoterapêutico que realizavam presencialmente para o contexto virtual.

Como sabemos que muitas tendências chegam ao Brasil depois de se fazerem presentes em outros países, no próximo item buscaremos investigar o que tem sido publicado em outras línguas, no que se refere a utilização dessas tecnologias no âmbito da psicologia, trataremos em especial de textos relativos a IA.

5.5 COMO A IA TEM IMPACTADO A PSICOLOGIA EM OUTROS PAÍSES?

Neste item desenvolvemos uma breve pesquisa bibliográfica a partir de buscas realizadas com palavras-chaves de língua inglesa. Procuramos identificar nos textos encontrados o que tem sido desenvolvido na relação entre psicologia e IA. Nosso objetivo foi investigar o que tem sido publicado em outros países para buscarmos identificar tendências que poderão se fazer presentes futuramente no Brasil. Essa pesquisa bibliográfica foi realizada em outubro de 2022.

Fizemos a opção de colocar nosso foco na IA, e não tanto na RV e RA visto que essa é a tecnologia com a qual precisamos nos preocupar mais. Acreditamos que a RV e a RA trazem um potencial muito interessante para auxiliar o psicólogo em suas práticas. A IA traz também esse mesmo potencial, porém guarda possibilidades muito marcantes no sentido de ter condições de substituir o trabalho do psicólogo, principalmente com o apoio das outras duas. Sendo assim, nos parece especialmente importante conhecer a evolução dessa ferramenta em especial, para cuidarmos de nossas escolhas de hoje, a fim de que o amanhã da psicologia brasileira nos traga possibilidades interessantes, tanto no que se refere à sua evolução, como também, no que se refere ao mercado de trabalho do psicólogo.

Iniciamos nossa pesquisa buscando utilizar a associação das palavras “*Psychology*” e “*psychotherapy*” ao termo *artificial intelligence* e ao sufixo .pdf. A ferramenta de pesquisa escolhida foi o buscador do Google. Escolhemos esta ferramenta por identificarmos nela um espectro amplo, dessa forma buscamos evitar que a pesquisa ficasse restrita ao contexto acadêmico. Privilegiamos de forma majoritária publicações realizadas em revistas científicas de circulação gratuita⁹⁶. Nesse primeiro momento evitamos utilizar ano de publicação como critério de pesquisa, permitindo assim que textos de períodos diferentes pudessem ser alcançados. Selecionamos entre os 20 primeiros textos apresentados pelo google

⁹⁶ Esses critérios tiveram como objetivo aliar qualidade e valores éticos. Procuramos textos que passaram por algum tipo de avaliação editorial, publicações que atendessem a políticas de divulgação democrática de conhecimento. Buscamos dar visibilidade a esse tipo de produção.

quais se encaixavam nos critérios citados acima. Buscávamos um universo amplo e diversificado. Naquela primeira etapa não queríamos nos prender a uma época específica, nem a um universo restrito ao meio acadêmico. Para a junção *Psychology, artificial intelligence* e .pdf encontramos 10 textos, quadro 35. No que se refere a junção *psychotherapy, artificial intelligence* e .pdf encontramos 8 textos, quadro 36.

Quadro 35 - Resultados da pesquisa de textos científicos, utilizando a combinação *Psychology, artificial intelligence* e .pdf

Textos obtidos utilizando junção <i>Psychology, artificial intelligence</i> e .pdf	
citação	Link
CROWDER, James A.; FRIESS, Shelli. Artificial psychology: The psychology of AI. <i>People</i> , v. 2, n. 3, p. 4-5, 2012.	https://www.academia.edu/download/50665813/Artificial_Psychology_-_IMCIC_V4.pdf
TAYLOR, J. Eric T.; TAYLOR, Graham W. Artificial cognition: How experimental psychology can help generate explainable artificial intelligence. <i>Psychonomic Bulletin & Review</i> , v. 28, n. 2, p. 454-475, 2021.	https://link.springer.com/article/10.3758/s13423-020-01825-5
HOUDÉ, Olivier et al. Dictionary of cognitive science: Neuroscience, psychology, artificial intelligence, linguistics, and philosophy. Routledge, 2004.	https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203486030/dictionary-cognitive-science-olivier-houd%C3%A9-olivier-koenig-fran%C3%A7ois-rastier-jo%C3%ABlle-proust-daniel-kayser
XU, Wei; GE, Liezhong. Engineering psychology in the era of artificial intelligence. <i>Advances in Psychological Science</i> , v. 28, n. 9, p. 1409, 2020.	https://journal.psych.ac.cn/xlkxjz/EN/10.3724/SP.J.1042.2020.01409
Citation: Harré, M.S. Information Theory for Agents in Artificial Intelligence, Psychology, and Economics. <i>Entropy</i> 2021, 23, 310. https://doi.org/10.3390/e23030310	https://www.mdpi.com/1099-4300/23/3/310
WEERAWARDHANA, Sachini Situmini; WHITLEY, Darrell; ROBERTS, Mark. Models of Intervention: Helping Agents and Human Users Avoid Undesirable Outcomes. <i>Frontiers in Artificial Intelligence</i> , p. 210, 2021.	https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/frai.2021.723936/pdf
JOERIN, A.; RAUWS, M.; ACKERMAN, M. L. Psychological artificial intelligence service, Tess: delivering on-demand support to patients and their caregivers: technical report. <i>Cureus</i> . 2019 Jan 28; 11 (1): e3972. doi: 10.7759/cureus.3972.	https://www.cureus.com/articles/17211-psychological-artificial-intelligence-service-tess-delivering-on-demand-support-to-patients-

	and-their-caregivers-technical-report
NEWELL, Allen. Remarks on the relationship between artificial intelligence and cognitive psychology. In: Theoretical approaches to non-numerical problem solving. Springer, Berlin, Heidelberg, 1970. p. 363-400.	https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-99976-5_14
BUCKNER, Cameron. The comparative psychology of artificial intelligences. 2019.	http://philsci-archive.pitt.edu/16128/
FULMER, Russell et al. Using psychological artificial intelligence (Tess) to relieve symptoms of depression and anxiety: randomized controlled trial. JMIR mental health, v. 5, n. 4, p. e9782, 2018.	https://mental.jmir.org/2018/4/e64/

Fonte: autoria própria.

Quadro 36 - Resultados da pesquisa de textos científicos, utilizando a combinação psychotherapy, artificial intelligence e .pdf

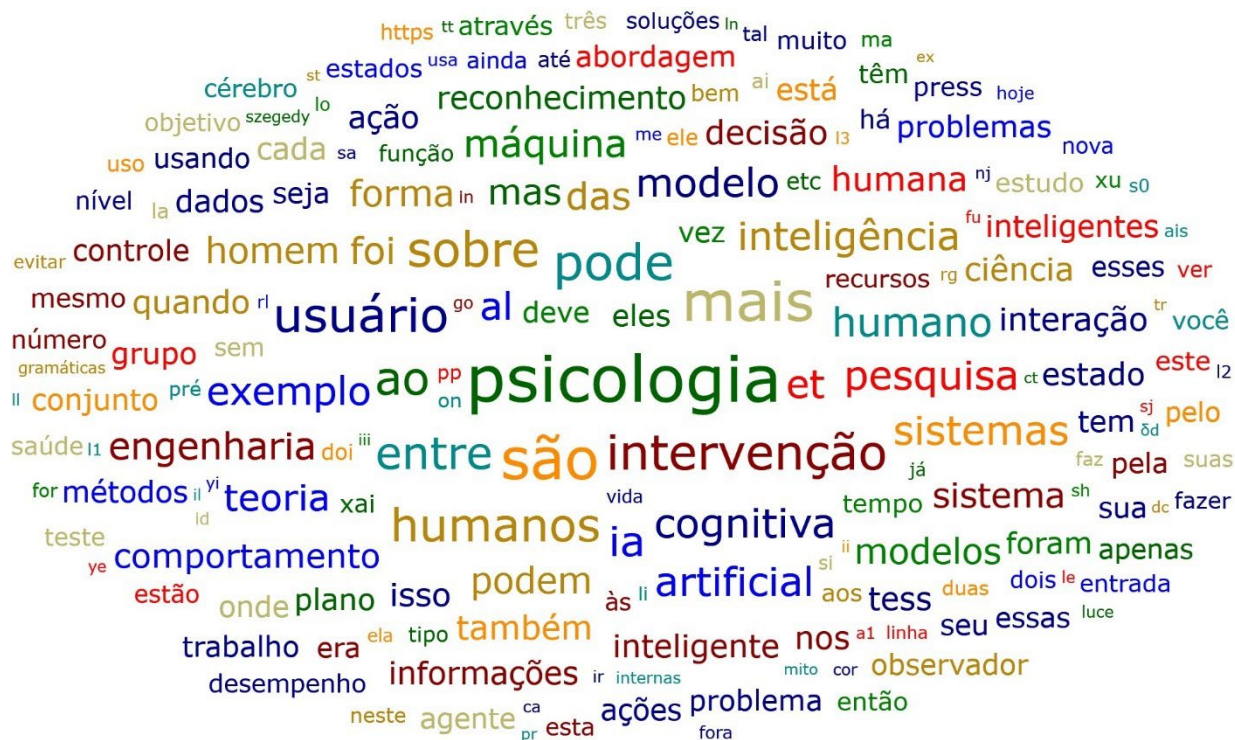
Textos obtidos utilizando junção psychotherapy, artificial intelligence e .pdf	
citação	Link
AICH, Satyabrata et al. A Review on the Role of Artificial Intelligence (AI) in Psychotherapy & Its Feasibility in Real Life Situations. In: International Conference on Future Information & Communication Engineering. Kyounghee Lee, 2019. p. 351-354.	https://www.researchgate.net/profile/Sabyasachi-Chakraborty-2/publication/335490459_A_Review_on_the_Role_of_Artificial_Intelligence_AI_in_Psychotherapy_its_Feasibility_in_Real_Life_Situations/links/5d68da3892851c154cc5bcd3/A-Review-on-the-Role-of-Artificial-Intelligence-AI-in-Psychotherapy-its-Feasibility-in-Real-Life-Situations.pdf
SEBRI, Valeria et al. Artificial Intelligence in mental health: professionals' attitudes towards AI as a psychotherapist. Annual Review of Cybertherapy and Telemedicine, p. 229, 2020.	https://www.researchgate.net/profile/Stefano-Triberti/publication/351579105_Artificial_Intelligence_in_mental_health_professionals'_attitudes_towards_AI_as_a_psychotherapist/links/609e643c92851cfd330b3b1/Artificial-Intelligence-in-mental-health-professionals-attitudes-towards-AI-

	as-a-psychotherapist.pdf
WAGMAN, Morton. Computer psychotherapy systems: Theory and research foundations. Routledge, 2018.	https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781351062909/computer-psychotherapy-systems-morton-wagman
SEDLAKOVA, Jana; TRACHSEL, Manuel. Conversational Artificial Intelligence in Psychotherapy: A New Therapeutic Tool or Agent?. The American Journal of Bioethics, p. 1-10, 2022.	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15265161.2022.2048739
MINER, Adam S. et al. Key considerations for incorporating conversational AI in psychotherapy. Frontiers in psychiatry, v. 10, p. 746, 2019.	https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2019.00746/full&hl=pt-BR&sa=T&oi=gscbgg&ct=res&cd=0&d=7391693362085694441&ei=wM1IY_PtAcCVy9YPqYCN0Aw&scisig=AAGBfm1jCn4yJJ7PU8uf7-3N4CQAlvykng
DE MELLO, Flávio Luis; DE SOUZA, Sebastião Alves. Psychotherapy and artificial intelligence: A proposal for alignment. Frontiers in psychology, v. 10, p. 263, 2019.	https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.00263/full
BRAILAS, Alexios. Psychotherapy in the era of artificial intelligence: therapist panoptes. Homo Virtualis, v. 2, n. 1, p. 68-78, 2019.	https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/homvir/article/view/20197
MEHRAJ, Tehseen; BABA, Asifa Mehraj. Scrutinizing artificial intelligence based career guidance and counselling systems: an appraisal. International Journal of Interdisciplinary Research and Innovations, v. 7, n. 1, p. 402-411, 2019.	https://www.researchgate.net/profile/Tehseen-Mehraj/publication/331594194_Scrutinising_Artificial_Intelligence_based_Career_Guidance_and_Counseling_Systems_an_Appraisal/links/5c828c7b458515831f92b82e/Scrutinising-Artificial-Intelligence-based-Career-Guidance-and-Counseling-Systems-an-Appraisal.pdf

Quanto ao conteúdo dos textos encontrados, o primeiro aspecto que nos chamou a atenção foi a existência de perspectivas muito distintas quando comparamos os dois grupos de forma separada. No grupo de textos relativos “Psicologia” e “Inteligência Artificial” encontramos discussões acerca das contribuições que o conhecimento desenvolvido no âmbito da psicologia vem trazendo para os estudos relativos a IA e vice-versa. O conhecimento acumulado ao longo dos anos pela psicologia acerca da cognição humana tem sido utilizado com a finalidade de auxiliar no desenvolvimento de inteligência artificial. Já o processo de desenvolvimento de inteligência artificial traz novas possibilidades para a compreensão da cognição humana.

É interessante notar que, por mais que em nossas diversas inserções no âmbito da psicologia brasileira nós não venhamos assistindo discussões acerca de inteligência artificial, a psicologia está muito presente e vem sendo muito discutida no âmbito das pesquisas relativas ao desenvolvimento dessa tecnologia. Essa é uma discussão interessante que aponta para possibilidades de desenvolvimento nas duas áreas, porém se afasta um pouco de nossa investigação acerca das implicações diretamente relacionadas a aplicações da IA em práticas psicológicas. Abaixo podemos observar uma nuvem de palavras construída a partir da tradução desse primeiro grupo de textos. A tradução foi realizada com o auxílio da ferramenta de tradução do aplicativo word da Microsoft e a nuvem de palavras foi gerada com o auxílio do programa Atlas.ti.

Figura 55 - Nuvem de palavras construída a partir da tradução do primeiro grupo de textos científicos. Utilizou-se a ferramenta Atlas.ti 9. Estão representadas as palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.

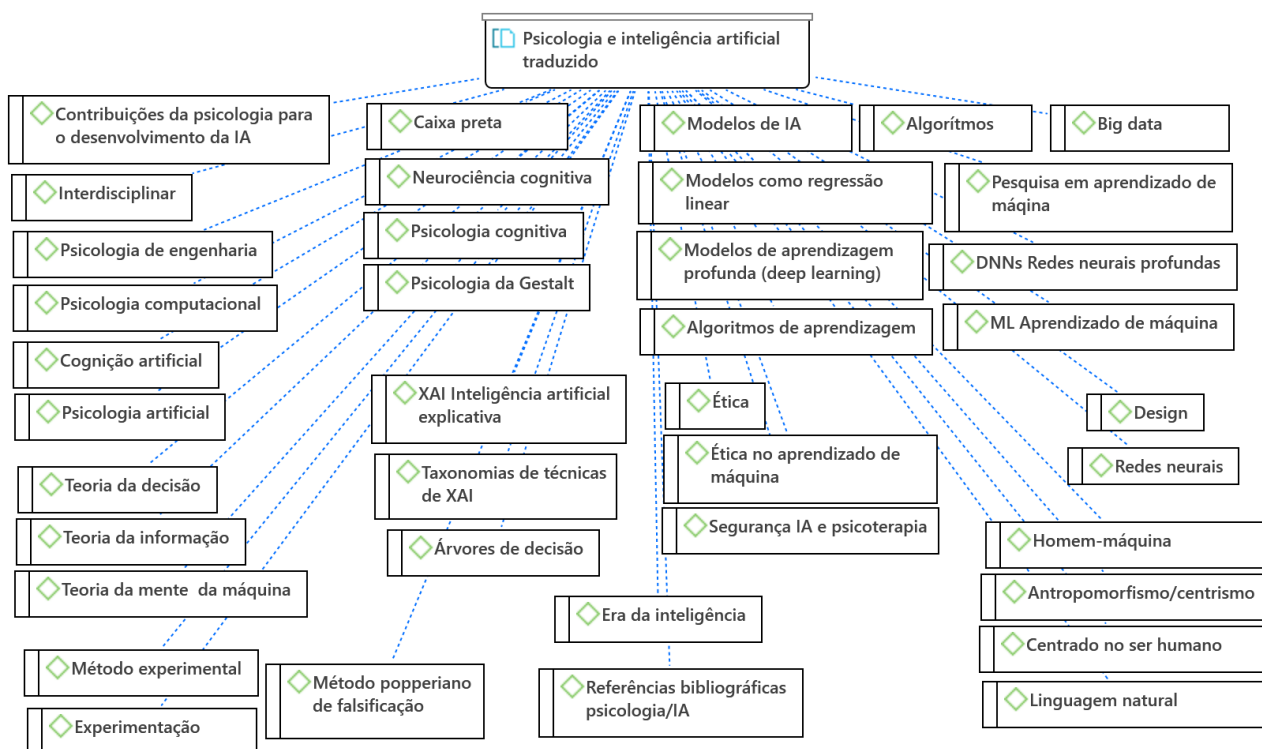


Fonte: autoria própria.

Os substantivos que mais apareceram nessa nuvem de palavras foram respectivamente: psicologia, intervenção, humanos, cognitiva, usuário, engenharia, pesquisa, exemplo, IA, inteligência, artificial e sistema. Os verbos mais presentes foram respectivamente: são e pode.

Em seguida apresentamos uma figura esquemática com as categorias que desenvolvemos ao examinar os textos relativos à psicologia e IA. As categorias foram construídas a partir da busca de classificação do conteúdo dos textos encontrados. Os parágrafos que passaram por nossa classificação foram aqueles que continham a palavra psicologia ou a palavra psicoterapia.

Figura 56 - Categorias adotadas para examinar os textos científicos relativos à Psicologia e IA. Ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria.

No grupo de artigos encontrados a partir dos termos “Psicoterapia” e “Inteligência Artificial” encontramos discussões mais voltadas para a aplicação diretas da IA no campo das práticas psicológicas. Abaixo podemos observar uma nuvem de palavras construída a partir da tradução desse segundo grupo de textos. A tradução foi realizada com o auxílio da ferramenta de tradução do aplicativo word da Microsoft e a nuvem de palavras foi gerada com o auxílio do programa Atlas.ti.

Figura 57 - Nuvem de palavras construída a partir da tradução do segundo grupo de textos científicos. Utilizou-se a ferramenta Atlas.ti 9. Estão representadas as palavras mais presentes no texto. O tamanho das palavras é diretamente proporcional ao número de vezes que cada palavra aparece no fragmento. Para construirmos uma representação adequada retiramos do texto artigos e preposições quando estes apareciam entre as palavras mais presentes na composição.

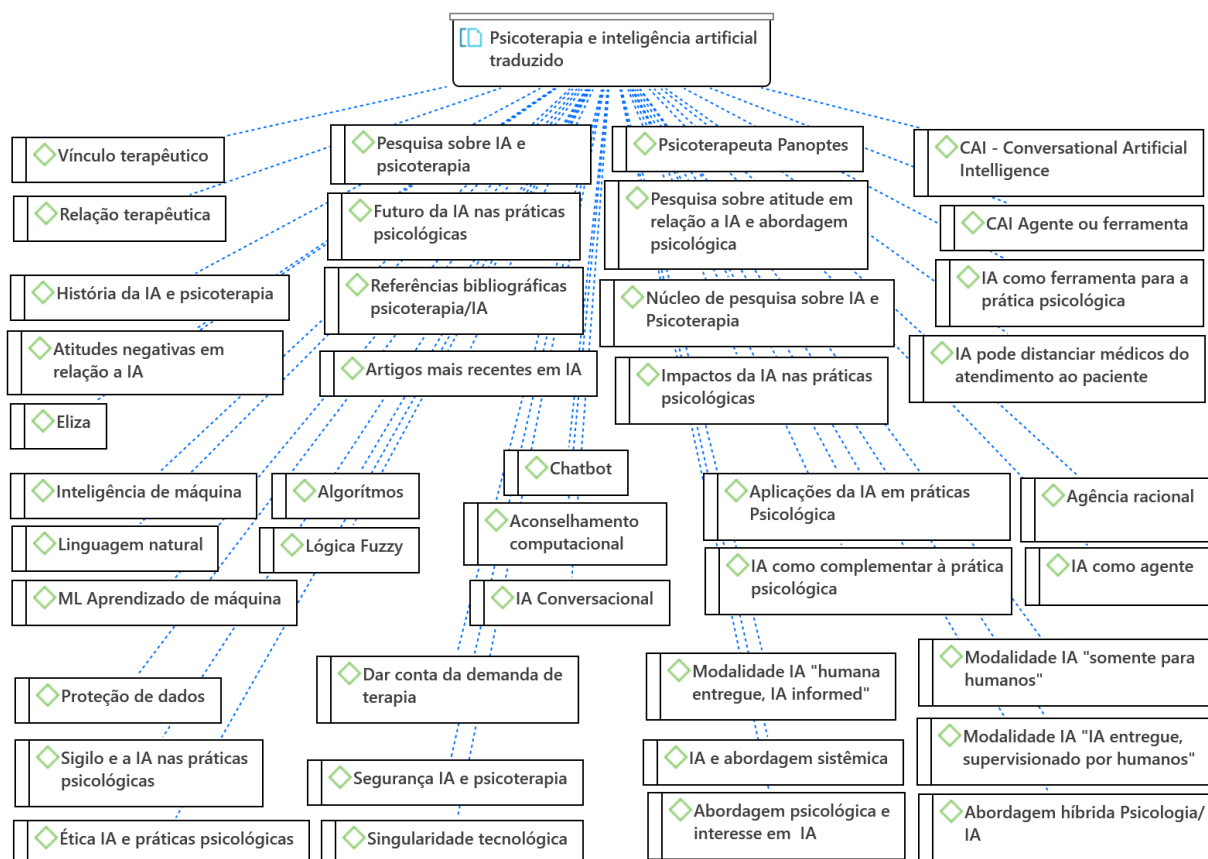


Fonte: autoria própria.

Os substantivos que mais apareceram nessa nuvem de palavras foram respectivamente: IA, Inteligência, artificial, psicoterapia, computador, saúde, cai, paciente, sistema. Os verbos mais presentes foram respectivamente: são e pode.

Em seguida apresentamos uma figura esquemática com as categorias que desenvolvemos ao examinar os textos relativos à psicoterapia e IA. Mais uma vez as categorias foram construídas a partir da busca de classificação do conteúdo dos textos encontrados. Os parágrafos que passaram por nossa classificação também foram aqueles que continham a palavra psicologia ou a palavra psicoterapia.

Figura 58 - as categorias que desenvolvemos ao examinar os textos relativos à psicoterapia e IA. ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria.

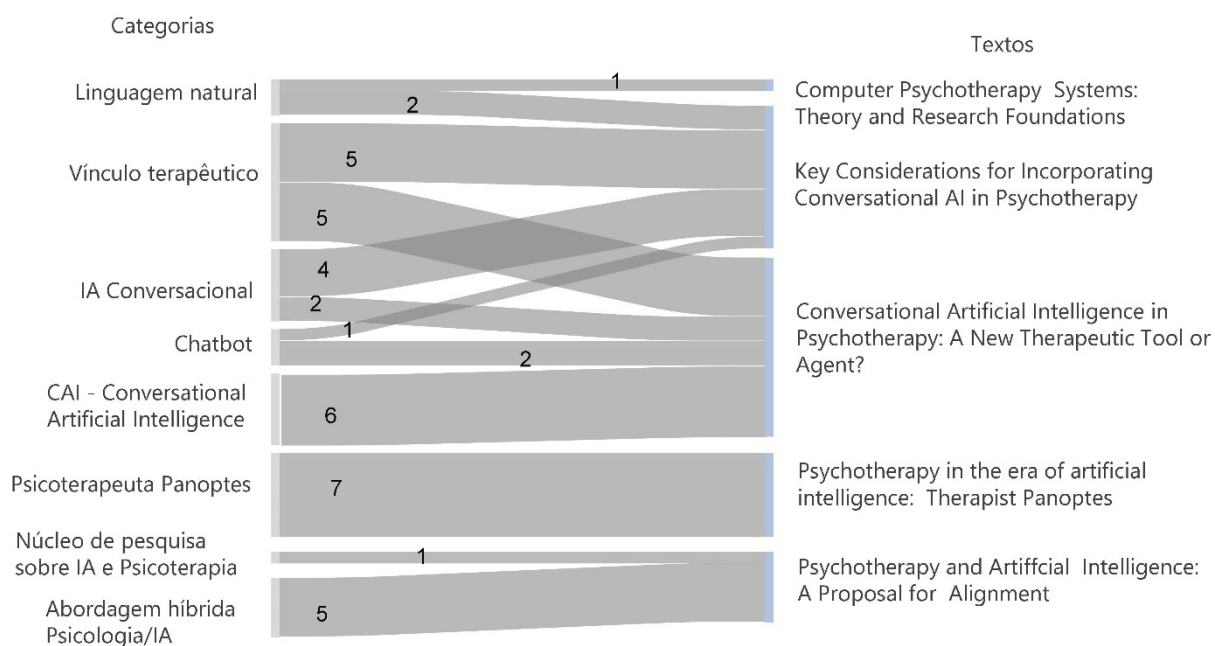
A observação das diferenças entre as nuvens de palavras e em relação as categorias desenvolvidas ao pesquisarmos os dois grupos de textos evidenciam a diferença de conteúdo presente entre esses dois universos. No primeiro grupo de textos a palavra psicologia se destaca e outras palavras como Humano, Humana e cognitiva também aparecem entre as mais presentes, fato que evidencia o protagonismo dos conceitos relativos à psicologia nesse universo. Como os textos tratam do impacto e da importância das construções ligadas à psicologia, em especial da psicologia cognitiva no desenvolvimento de IA, os termos ligados à psicologia terminam aparecendo com mais frequência.

Quando observamos a segunda nuvem de palavra, os termos: IA, inteligência, artificial e psicoterapia estão entre os que mais se destacam. A prevalência de termos ligados a IA tem relação com o lugar de protagonismo que esses termos ocupam neste segundo grupo de textos. O saber ligado à psicologia aparece a partir do termo psicoterapia, termo que remete a uma expressão prática desta forma de conhecimento. As palavras que se destacaram são coerentes com a percepção que

tivemos ao longo da leitura dos textos, no sentido de que o conteúdo do segundo grupo de textos se aproxima mais dos objetivos de nossa investigação. Os termos referentes a IA se sobressaem visto que esses textos colocam foco nas contribuições de IA no campo da psicologia.

Como encontramos no grupo de textos relativos psicoterapia e IA um conteúdo mais coerente com a busca de identificar prováveis influências da IA nos rumos das práticas psicológicas, concentramos nossa atenção neste universo. Buscamos pesquisar os artigos que citavam esse grupo de textos. Seleccionamos entre as categorias que havíamos criado, como foi colocado acima, as que nos pareceram mais próximas a nosso objetivo, identificamos as obras relativas a tais categorias entre nosso grupo de textos (Gráfico 49), seleccionamos 5 (cinco) documentos:

Gráfico 53 – Textos segundo categorias que nos pareceram mais próximas a nosso objetivo. Ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria.

Em seguida, através do Google acadêmico procuramos encontrar textos mais recentes que citaram estas 5 (cinco) obras. Seleccionamos os artigos que faziam menção em seus títulos ou metadados a termos relativos à psicologia, psicoterapia, aconselhamento e saúde mental, publicados em 2022. Desprezamos os artigos que

não seguiam uma política de livre acesso. Nosso objetivo com essa segunda etapa de nossa pesquisa bibliográfica foi encontrar as contribuições mais atuais relativas a nosso tema de investigação. Encontramos 15 textos compatíveis com nossos objetivos. Através dessas obras mais recentes buscamos encontrar um panorama mais atualizado em relação a utilização da IA em práticas psicológicas nos aproximando mais ainda de nossa busca de identificar as aplicações atuais de IA nessas práticas. Quadro 37.

Quadro 37 – Textos publicados em 2022 que citaram "psychotherapy" e AI, e corresponderam aos demais critérios.

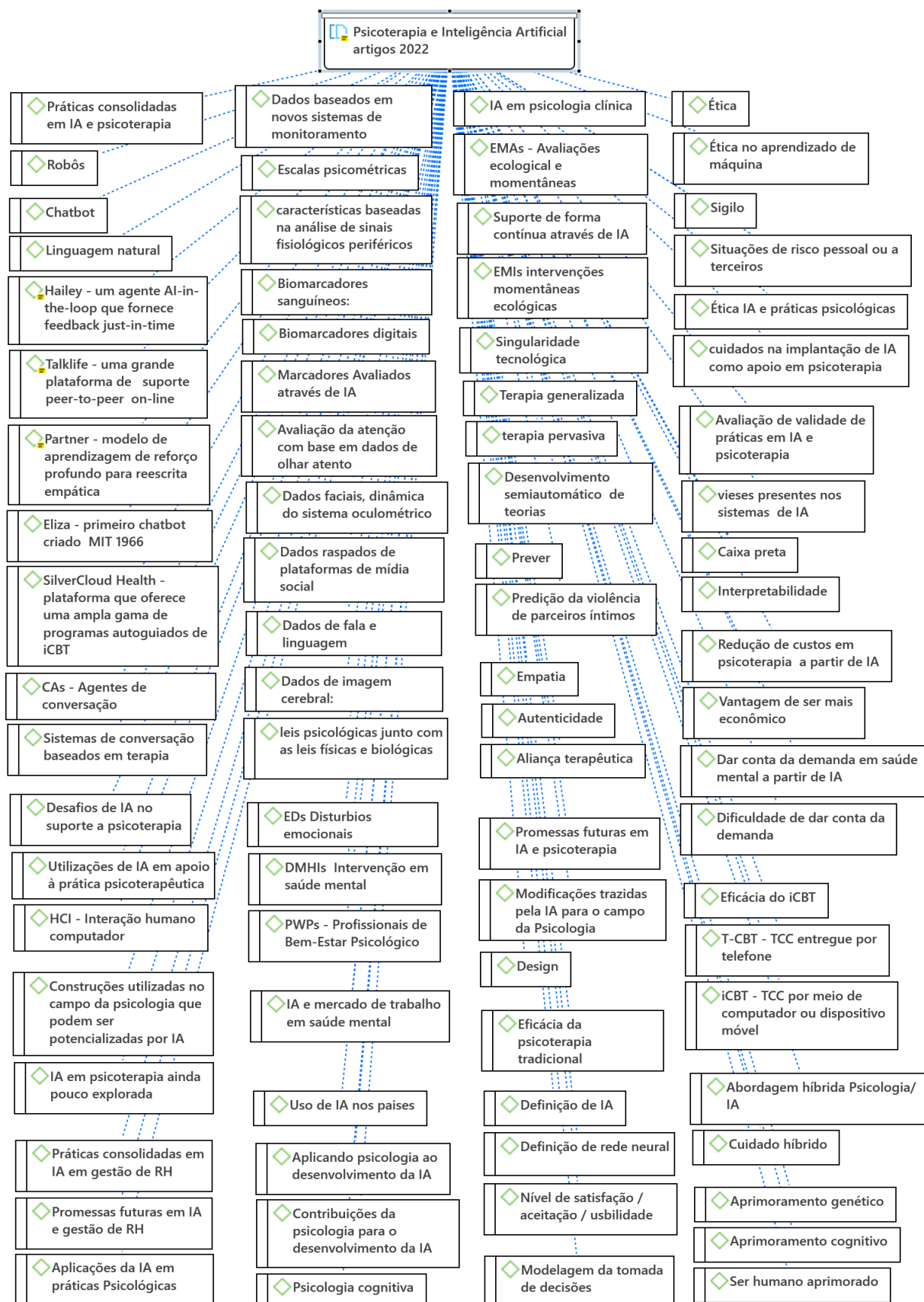
Textos publicados em 2022 que citaram textos relativos a "psychotherapy" e AI corresponderam aos demais critérios	
citação	Link
GUAL-MONTOLIO, Patricia et al. Using Artificial Intelligence to Enhance Ongoing Psychological Interventions for Emotional Problems in Real-or Close to Real-Time: A Systematic Review . International journal of environmental research and public health, v. 19, n. 13, p. 7737, 2022.	https://www.mdpi.com/1660-4601/19/13/7737
THIEME, Anja et al. Designing Human-Centered AI for Mental Health: Developing Clinically Relevant Applications for On-line CBT Treatment . ACM Transactions on Computer-Human Interaction, 2022.	https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3564752
BARTLETT, Laura K. et al. Computational scientific discovery in psychology. Perspectives on Psychological Science , p. 17456916221091833, 2022.	https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/17456916221091833
CIOFFI, Valeria et al. Computational Methods in Psychotherapy: A Scoping Review . International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 19, n. 19, p. 12358, 2022.	https://www.mdpi.com/1660-4601/19/19/12358
SALHI, Intissar et al. Towards Robot-Assisted Therapy for Children With Autism—The Ontological Knowledge Models and Reinforcement Learning-Based Algorithms . Frontiers in Robotics and AI, v. 9, 2022.	https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/frobt.2022.713964/pdf
LATTIE, Emily G.; STILES-SHIELDS, Colleen; GRAHAM, Andrea K. An overview of and recommendations for more accessible digital mental health services . Nature Reviews Psychology, v. 1, n. 2, p. 87-100, 2022.	https://www.nature.com/articles/s44159-021-00003-1

BIN SAWAD, Abdullah et al. A Systematic Review on Healthcare Artificial Intelligent Conversational Agents for Chronic Conditions. Sensors, v. 22, n. 7, p. 2625, 2022.	https://www.mdpi.com/1424-8220/22/7/2625
PANDEY, Annu; MISRA, Monika. Artificial Intelligence and Psychology: Developments and Future Potential. The Mizoram University Journal of Humanities & Social Sciences, V.8, 2022	http://mzuhssjournal.in/images/resources/v8n1/pandey.pdf
BOWMAN, Robert et al. Pervasive Therapy: Designing Conversation-Based Interfaces for Ecological Momentary Intervention. IEEE Pervasive Computing, 2022.	https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/9926134/
SHARMA, Ashish et al. Human-AI Collaboration Enables More Empathic Conversations in Text-based Peer-to-Peer Mental Health Support. arXiv preprint arXiv:2203.15144, 2022.	https://arxiv.org/pdf/2203.15144.pdf
DAS, Avisha et al. Conversational Bots for Psychotherapy: A Study of Generative Transformer Models Using Domain-specific Dialogues. In: Proceedings of the 21st Workshop on Biomedical Language Processing. 2022. p. 285-297.	https://aclanthology.org/2022.bionlp-1.27.pdf
SEO, Woosuk et al. Toward an AI-assisted Assessment Tool to Support On-line Art Therapy Practices: A Pilot Study. In: Proceedings of 20th European Conference on Computer-Supported Cooperative Work. European Society for Socially Embedded Technologies (EUSSET), 2022.	https://scholar.archive.org/work/vh57dohmkjgqvchvryfljo7se/access/wayback/https://dl.eusset.eu/bitstream/20.500.12015/4378/1/ep04.pdf
LIU, Haoxian; CHEN, Xiuyuan. Construction and Optimization of Mental Health Education Consultation Management System Based on Decision Tree Association Rule Mining. Mathematical Problems in Engineering, v. 2022, 2022.	https://www.hindawi.com/journals/mpe/2022/7307741/
FAQIHI, Ali; MIAH, Shah J. Designing an AI-Driven Talent Intelligence Solution: Exploring Big Data to extend the TOE Framework. arXiv preprint arXiv:2207.12052, 2022.	https://arxiv.org/abs/2207.12052
MERCER, Calvin. Mental and Spiritual Health Needs of Cognitively Enhanced People: A Therapeutic and Spiritual Care Model for Responding. Religions, v. 13, n. 8, p. 701, 2022.	https://www.mdpi.com/2077-1444/13/8/701

Fonte: autoria própria..

Mais uma vez buscamos estabelecer categorias para classificar o conteúdo dos textos elencados. As categorias que conseguimos elencar estão listadas na figura abaixo:

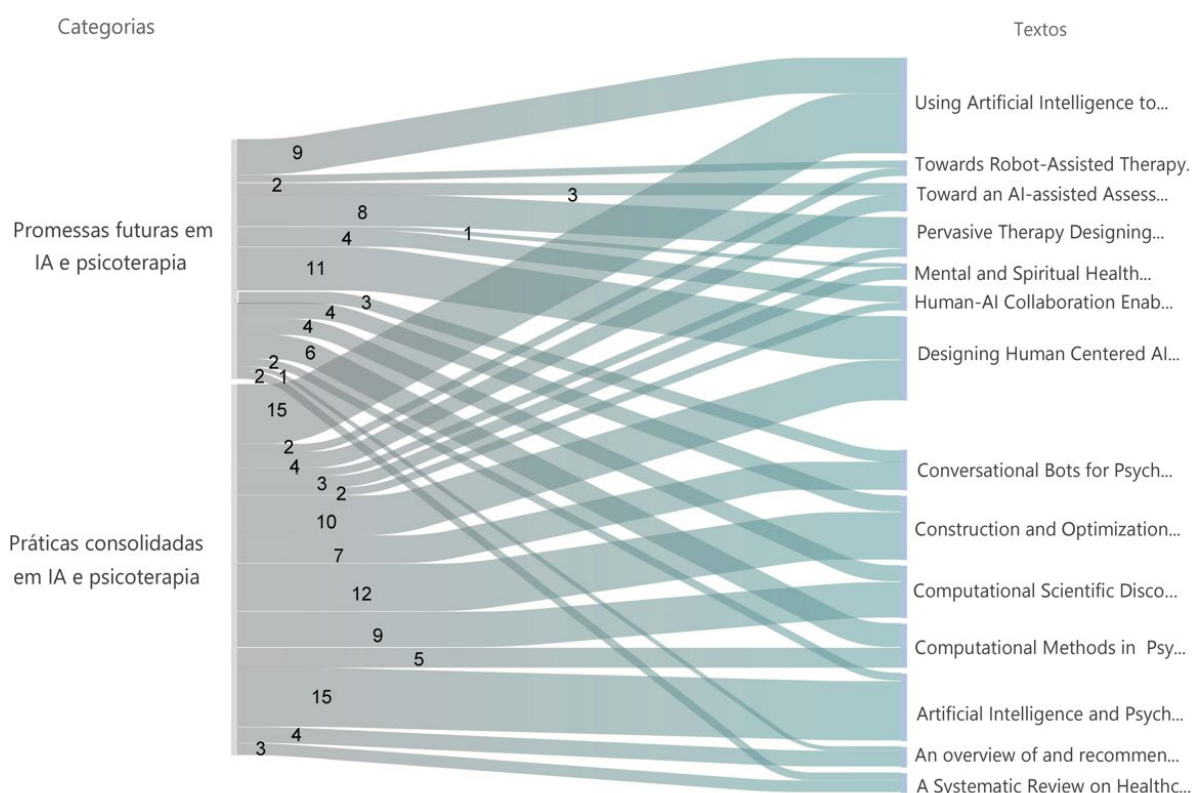
Figura 60 - Categorias elencadas nos 15 textos relativos a "psychotherapy" e AI publicados em 2022. Ferramenta Atlas.ti 9.



Fonte: autoria própria..

Nos artigos mais recentes o tema da adequação ou não da utilização da IA em práticas ligadas à saúde mental fica muito menos presente, parece que nesse universo essa questão já estaria superada. As discussões, nesses textos, vão mais na direção de tratar das práticas já desenvolvidas e sobre as possibilidades futuras de atuação a serem construídas. No processo de classificação dos conteúdos dos 15 textos duas categorias se referem a esses aspectos, são elas: “Práticas consolidadas em IA e psicoterapia” e “Promessas futuras em IA e psicoterapia”. O gráfico abaixo apresenta a ocorrência dessas duas classificações nesses 15 textos:

Gráfico 54 - Ocorrência das classificações “Práticas consolidadas em IA e psicoterapia” e “Promessas futuras em IA e psicoterapia” nos 15 textos de 2022. Ferramenta Atlas.ti 9



Fonte: autoria própria.

Dos 15 textos examinados apenas um não apresentou conteúdos referentes a essas duas categorias: “*Designing an AI-Driven Talent Intelligence Solution: Exploring Big Data to extend the TOE Framework*”. Esse único texto não tematizava práticas psicoterapêuticas, tratava de práticas ligadas à psicologia, porém relativas a atividades relacionadas ao RH, mais especificamente a gestão de talentos no meio corporativo. Ele apresentou conteúdos referentes a temas correspondentes aos

apresentados nos outros textos, isso é: “Práticas consolidadas em IA em gestão de RH” e “Promessas futuras em IA e gestão de RH”. Sendo assim, no universo avaliado, todos os textos trouxeram alguma referência a práticas já realizadas e a possibilidades futuras de atividades associadas a IA no contexto da psicologia. Essas observações nos sugerem que os autores pesquisados identificam um certo grau de apropriação dos recursos ligados a IA e apresentam uma percepção de que ainda existiriam muitas possibilidades de desenvolvimento a serem realizadas nessa área.

Em relação às práticas psicológicas baseadas em IA, algumas expressões nos chamaram atenção de forma especial, a primeira delas envolve a possibilidade de acompanhamento ininterrupto a partir da utilização de recursos tecnológicos já existentes. Acompanhamento que se dá utilizando ferramentas conversacionais associados a instrumentos de mensuração de sinais fisiológicos de forma contínua. Esses recursos trazem condição para um acompanhamento onipresente, a “psicoterapia pervasiva” ou “terapia generalizada”. Forma de atuação que passa por intervenções que são realizadas em tempo real ao longo do cotidiano das pessoas (BOWMAN et al, 2022). São ferramentas que ficam disponíveis para o usuário 24 horas por dia o que pode ser muito útil, em especial em situações de crise.

Atualmente esses recursos conversacionais já estão sendo largamente utilizados para acompanhamento de exercícios físicos, dietas, e controle da ansiedade. Esse tipo de monitoramento se dá a partir de ferramentas como *smartwatches* e *smartphones* recursos largamente comercializados e que evoluem a cada dia, se tornando cada vez mais acessíveis.

Possibilidades de atuação como essa são capazes de modificar drasticamente as práticas psicológicas relativas ao acompanhamento emocional de seres humanos. A atuação do agente terapêutico sai da sala de atendimento e passa propiciar um acompanhamento contínuo com intervenções sendo realizadas cotidianamente e em tempo real. É um tipo de monitoração que gera uma grande quantidade de informações. Neste caso os recursos ligados à inteligência artificial são necessários para o gerenciamento dessas informações e para a realização das intervenções em tempo real, a partir das alterações fisiológicas que vão sendo identificadas ao longo do tempo. Esse tipo de recurso traz possibilidades de atuações transdisciplinares, vai muito além de um acompanhamento especificamente emocional, podendo envolver outras áreas da saúde.

Vale ressaltar que as mudanças culturais que veem ampliando a forma como muitas pessoas se expressam em redes sociais, também trazem a possibilidades de acompanhamento das mesmas através de seus posicionamentos nessas redes. As informações expostas nesses ambientes podem ser utilizadas de forma terapêutica. Quanto mais as pessoas se colocam através da internet mais elas vão podendo ser monitoradas e esse monitoramento pode ser utilizado para a promoção de saúde física e emocional.

A IA e as tecnologias de mineração de *big data* podem atuar tanto na busca de diagnosticar situações de crise/risco, avaliando por exemplo a possibilidade de alguém atentar contra a própria vida (BARTLETT et al, 2022) (LIU e CHEN, 2022) (THIEME et al, 2022), como também para elencar informações que podem ser utilizadas em prol de processos terapêuticos. Certamente existem muitas questões éticas que ainda precisarão ser discutidas acerca deste tema.

Os “agentes conversacionais” são ferramentas suportadas por inteligência artificial, capazes de estabelecer comunicação com o ser humano através da linguagem escrita ou falada. Podem ou não utilizar algum tipo de avatar virtual, podem também estar incorporados a robôs capazes de se deslocar no ambiente e interagir fisicamente. Recursos voltados para o desenvolvimento de “linguagem natural” humanizam a comunicação estabelecida por este tipo de ferramenta (BIN SAWAD et al, 2022).

O primeiro chatbot se chamava Eliza e foi criado no MIT em 1966, ela imitava um psicoterapeuta rogeriano. Eliza era muito limitada. Atualmente existem inteligências artificiais munidas de recursos capazes de: reconhecer mudanças de temperatura através de infravermelho; fazer reconhecimento facial; analisar expressões faciais; fazer análise vocal para identificar alterações emocionais; identificar cheiro; contribuir na realização de testes psicológicos; fazer diagnóstico em saúde mental (PANDEY e MISRA, 2022); auxiliar na previsão de resultados de tratamento (THIEME et al, 2022); examinar o comportamento do próprio terapeuta; auxiliar no desenvolvimento de teorias em psicologia de forma semiautomática (BARTLETT et al, 2022) entre muitas outras funcionalidades.

Robôs humanoides estão sendo utilizados para auxiliar no diagnóstico, na identificação de linhas de intervenção e no acompanhamento de crianças que se inserem no espectro autista. Nesse estudo, no que se refere ao acompanhamento das crianças, os robôs trabalham de forma autônoma, apenas com a supervisão de

um terapeuta humano. Os robôs são capazes de fazer exercícios repetitivos de forma inesgotável, além disso, acumulam as informações dos resultados de cada uma de suas intervenções, construindo uma imensa base de dados que auxiliam no aprimoramento de seus desempenhos (SALHI et al, 2022).

Uma das grandes vantagens da utilização de IA em práticas relativas a saúde mental tem relação com a redução de custos (LATTIE; STILES-SHIELDS; GRAHAM, 2022). Existem autores que afirmam que o objetivo do desenvolvimento de recursos relativos a tais possibilidades de atuação, não estão ligados a busca de substituir os psicoterapeutas, mas sim, de aumentar o alcance das possibilidades de atuação desses profissionais de forma a atender o maior número possível das pessoas que necessitam de suporte psicológico (GUAL-MONTOLIO et al, 2022). De fato, a diminuição de custos e a ampliação do alcance da atuação de psicoterapeutas poderia contribuir para resolver um problema histórico, o caráter elitista da práxis atual do psicólogo clínico.

Quanto a expectativas futuras no que se refere ao uso de IA em práticas psicoterapêuticas, o primeiro aspecto que chamou nossa atenção foi que muitos fragmentos dos textos examinados receberam duas classificações, a de prática consolidada em psicoterapia e a referente a ser uma promessa futura a ser desenvolvida. Esse fato, o de que mesmo práticas que já estão sendo realizadas ainda apontam para novas possibilidades, associado a presença de muitos estudos experimentais (BIN SAWAD, 2022), nos faz crer que estamos em um campo em construção. Aponta para a existência de grandes possibilidades de transformação, que novos paradigmas podem estar se aproximando.

Talvez o modelo clássico de atendimento realizado por um psicólogo clínico que recebe seu cliente uma vez por semana em seu consultório, faz suas intervenções nesse encontro e só volta a ter contato com seu cliente 7 dias depois em uma nova sessão, em um futuro breve deixe de ser o modelo terapêutico mais coerente com nosso momento socio-histórico-cultural. A gama de informações que um terapeuta gradativamente vem passando a poder ter acesso em relação a seu cliente pode modificar drasticamente este modelo de práxis. Principalmente à medida em que essas informações possam passar a ser organizadas por ferramentas inteligentes e capazes de fazer, quando solicitadas, contribuições a qualquer hora do dia ou da noite.

Quanto aos conteúdos que identificamos como referentes a promessas futuras em relação a contribuição de IA para a prática clínica do psicólogo, pôde ser observado em todos os textos a crença de que muitas possibilidades ainda estão para ser desenvolvidas. O surgimento de novas possibilidades de atuação em saúde mental, trazem consigo novos desafios éticos compatíveis com o caráter sensível e desafiador dessa área do conhecimento (PANDEY e MISRA, 2022) (BARTLETT et al, 2022) (FAQIHI e MIAH, 2022) (SHARMA, et al.2022) (BOWMAN, et al, 2022). A lida com pessoas que sofrem, que de alguma forma vivem algum tipo de desencontro em suas relações, em seus cosmos, exige um contínuo e cuidadoso exame ético. Traz a necessidade de desenvolvimento de fóruns de discussão, onde diversas perspectivas possam ter voz. Não existe neutralidade nesse contexto cada escolha traz consequências para o ser humano.

Alguns dos aspectos em que os recursos ligados à IA trazem um potencial revolucionário mais amplo, têm relação com a possibilidade de acumulação contínua de conhecimentos sobre o comportamento das pessoas de uma forma geral, e em relação a cada indivíduo de forma específica. A capacidade de minerar leis na relação entre esses dados (LIU e CHEN, 2022). O estabelecimento desse tipo de relação pode auxiliar na compreensão da experiência humana, e também na possibilidade de previsão de comportamentos e de resultados de intervenções, auxiliando em tomadas de decisão por parte dos profissionais ligados à saúde mental.

Ainda estamos engatinhando em relação a amplitude de possibilidades que esse tipo de ferramentas pode oferecer. Uma das limitações apontadas nesse grupo de textos tem relação com a possibilidade ou não de simulação de empatia e estabelecimento de aliança terapêutica na relação com ferramentas não humanas (LATTIE; STILES-SHIELDS; GRAHAM, 2022). Em nosso ponto de vista essa não é uma dificuldade difícil de ser superada. Os recursos já existentes de leitura de alterações fisiológicas trazem uma condição muito favorável e inclusive muito perigosa de identificação das mobilizações afetivas de um ser humano. Acreditamos que a partir desse tipo de informação, ferramentas alimentadas por IA podem facilmente estabelecer conexões afetivas com seus usuários. Elas podem inclusive

espelhar o ser humano de forma bastante sutil. O espelhamento é uma técnica conhecida de facilitar o estabelecimento de rapport⁹⁷ entre psicoterapeuta e cliente.

O agente terapêutico baseado em IA não é capaz de viver os sentimentos humanos, porém ele não precisa dessa habilidade para facilitar que seu cliente se sinta acompanhado afetivamente. Ele precisa ser capaz de responder a mobilização afetiva do usuário e isso não parece ser tão difícil.

O ser humano tem a capacidade de se apegar afetivamente tanto a outros seres humanos como também a objetos, lugares, músicas, cheiros e qualquer coisa que impacta nossos sentidos de forma envolvente. Uma personalidade artificial capaz de conhecer nossos hábitos, nossos gostos, o que nos comove, o que nos afeta. Capaz de conversar, sugerir possibilidades, que se transforma na relação que estabelece conosco. Capaz de lembrar de todas as trocas que estabelecemos, de estar disponível a qualquer hora do dia ou da noite, uma entidade assim que ainda pode ter uma aparência e um tom de voz compatível com o que agrada seu usuário e que inclusive pode se ajustar aos gostos do usuário de forma autônoma. Uma entidade com essas características pode ser extremamente cativante para um ser humano, pode conseguir sua confiança e seu afeto. Pode desenvolver uma grande capacidade de afetar seu usuário.

As transformações tecnológicas moldam relações e transformam realidades. Tem sido cada vez mais evidente a forma com as informações obtidas por grandes instituições sobre as pessoas de forma cada vez mais personalizada tem sido utilizada de forma comercial. Basta conversar sobre um determinado interesse e propagandas passa a surgir em nossos meios de comunicação. A capacidade de obter e gerenciar informações pessoais está cada vez mais eficiente e a associação dessa capacidade de gerenciamento de informações com ferramentas capazes de estabelecer comunicação empática com o ser humano torna muito próxima a possibilidade do “terapeuta panóptico” fruto de um possível contexto de “singularidade tecnológica para psicoterapia” (BRILAS, 2019), trata-se aqui de algo que ainda nos parece uma hipótese, porém uma hipótese não muito distante. A constituição de uma entidade virtual capaz de reunir e processar todas as informações disponíveis virtualmente sobre um ser humano e se comunicar com esse ser humano como uma espécie de mentor ou psicoterapeuta. Quais seriam as

⁹⁷ Ligação empática entre terapeuta e cliente, envolve confiança e afetividade.

consequências da existência deste tipo de entidade? A resposta para essa pergunta ainda vai precisar ser construída em um futuro não tão distante.

No próximo item buscamos fazer algumas considerações sobre nosso trabalho. Procuramos utilizar o espaço de considerações finais para enfatizar alguns dos pontos que julgamos mais importantes em nossa pesquisa. Também aproveitamos para tratar de temas despertados ao longo de nossa investigação, que de alguma forma não cabem em nosso texto, mas que merecem ser tratados e por muitas vezes apontam para a necessidade de novas investigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese que deu sentido a essa pesquisa foi a de que as transformações tecnológicas, em especial as relativas às tecnologias de informação e comunicação (TICs), vinham deixando rastros importantes nas práticas psicológicas e guardariam um significativo potencial transformador no que se refere, em especial, à atuação do psicólogo clínico. Essa hipótese se confirmou de forma incontestável ao longo da realização desse processo investigativo, se constituindo na primeira das conclusões que gostaríamos de elencar.

Essa pesquisa foi construída em um dos períodos mais densos no que se refere a seu tema de investigação. O processo de apropriação de tecnologias de informação e comunicação por parte dos psicólogos brasileiros passou por grandes movimentações no curto espaço de tempo em que buscamos fazer esse acompanhamento, fato que nos trouxe desafios e possibilidades.

Nós iniciamos nossa pesquisa examinando uma prática que não era autorizada para os psicólogos de nosso país, tivemos a oportunidade de testemunhar a construção da resolução CFP Nº 11/2018 que representou a liberação do atendimento através de TICs. Também pudemos viver e acompanhar a migração de praticamente a totalidade dos psicólogos brasileiros para formas virtuais de atuação. Fato que se deu a partir do isolamento social causado pela pandemia Covid 19. As TICs foram determinantes no sentido de possibilitar a continuidade do trabalho dos psicólogos em um dos momentos mais críticos da história da psicologia brasileira.

As transformações vividas ao longo de nosso período de investigação proporcionaram muitas oportunidades para observarmos o processo de apropriação das TICs a partir de perspectivas distintas. Nossa metodologia de pesquisa se

mostrou muito coerente com o contexto de nossa investigação. Tivemos muito a acompanhar, fato que trouxe consigo grandes desafios.

Não é simples construir mapas quando se está sobre magma incandescente, sobre rocha em movimento. As referências vão se transformando enquanto produzimos. Porém, esse contexto, iluminado por nossa metodologia, trouxe uma rara oportunidade de identificar aspectos marcantes da forma como os psicólogos brasileiros constroem suas práticas. Sendo assim a segunda conclusão que gostaríamos de salientar no que se refere à essa investigação é que nosso referencial teórico-metodológico, a Gestalt-Terapia, se mostrou adequado e produtivo para fazer frente aos desafios que se fizeram presentes nessa pesquisa. Essa afirmação evidencia o valor e a adequação da utilização da Gestalt-terapia enquanto referencial teórico-metodológico em pesquisa, na busca de construção de conhecimento.

Foi interessante desenvolver um trabalho como esse a partir de uma perspectiva gestáltica. Este caminho nos fez observar como essa maneira de desenvolver conhecimento já estava presente em textos que elaboramos anteriormente. Nos ajudou a ampliar nossa compreensão em relação ao modo como enxergamos essa forma de aproximação. Nos aprimorou como Gestalt-terapeutas.

Pensar na maneira de compreender “campo de pesquisa” de forma coerente com a perspectiva gestáltica foi um exercício enriquecedor. Evidenciou em especial o modo como, dentro dessa perspectiva, se faz coerente que o ponto de gravitação entre pesquisador e objeto de estudo esteja equilibrado, isso é, dentro dessa forma de aproximação é muito importante tanto olhar para o tema em investigação como, também, estar atento a como construímos nossa forma de enxergar o que estamos enxergando.

Nossa base de observação é parte importante do campo de pesquisa. Precisamos estar sempre atentos à forma como estamos nos aproximando do que queremos conhecer, estar sempre em busca das formas de aproximação coerentes com as formas de mostraçõ de nossos objetos de estudo. Esse modo de buscar construir conhecimento em relação a nosso tema trouxe resultados interessantes. Permitiu a observação de inúmeras nuances de nosso campo de investigação. Nos trouxe recursos para que pudéssemos lidar com os desafios que se fizeram

presentes nessa caminhada. Para que pudéssemos nos reposicionar de forma coerente com as mudanças ocorridas em nosso contexto de trabalho.

Investigar o processo de regulamentação dessas práticas, desenvolvido a partir de 6 (seis) resoluções, construídas ao longo de 25 (vinte e cinco) anos, nos permitiu identificar virtudes e dificuldades em nossa estrutura regulatória. Por um lado, ela balizou as práticas psicológicas ao longo desse período, por outro, foi possível observar como a distância entre as resoluções, o tempo necessário para a elaboração das mesmas, tem sido excessivamente grande.

Como uma terceira conclusão nessa pesquisa, apontamos para a necessidade de repensarmos o processo de regulamentação da classe dos psicólogos, em especial no que se refere a aspectos ligados à tecnologia, visto que a evolução nesta área avança com muito mais rapidez do que conseguimos modificar nossas resoluções. Levamos de 5 (cinco) a 6 (seis) anos para elaborar uma nova resolução em relação a esse tema, enquanto as tecnologias se transformam dia a após dia. As transformações tecnológicas geram impacto em nosso ethos, o que traz necessidade de mudanças em nossas regras éticas.

Estamos em um período de transformações sociais cada vez mais intensas e precisamos pensar sobre isso com muito cuidado. Temos uma responsabilidade social. Enquanto nos impedíamos de utilizar as tecnologias que já existiam e estavam disponíveis para nossas práticas, pessoas ficaram desatendidas. Pessoas que não tinham condição de estar próximas a profissionais da psicologia, como muitos dos brasileiros que moravam fora do Brasil e não tinham como buscar apoio emocional em seu próprio país. Foi preciso uma pandemia para que profissionais de saúde mental conceituados descobrissem que até o telefone pode ser usado de forma terapêutica. Há quanto tempo este instrumento está disponível e não estava podendo ser usado por psicólogos em suas práticas? Será que precisaremos de outros CVVs para ocupar nossos espaços vazios?

Nossa quarta conclusão tem relação com o ensino EaD. Foi surpreendente identificar a existência de relação entre a resistência contra o avanço do ensino a distância (EaD) e a resistência contra as práticas *on-line* em psicologia. A resistência ao EaD se dá em nome da manutenção da qualidade e da não mercantilização do ensino. O jargão “psicologia se FAZ com presença” utilizado na campanha contra a expansão do EaD, ilustra a relação desse movimento com o de resistência a outras práticas psicológicas através de TICs, visto que faz referência ao

fazer do psicólogo e não apenas ao ensino de psicologia. A pressão, exercida por entidades como a ABEP, contra a realização de estágios ligados a práticas virtuais durante o período de pandemia também evidencia a relação entre esses dois movimentos. O psicólogo poderia até viver suas aulas teóricas de forma virtual, mas não poderia exercitar práticas psicológicas dessa maneira.

A resistência ao EaD está capitaneada pela classe docente. A classe docente ocupa um amplo espaço no sistema conselhos. As regulamentações são elaboradas pelo sistema conselhos. Um dos argumentos utilizados durante um longo período para a não liberação das práticas psicológicas através de TICs foi a falta de pesquisas sobre o tema. Os financiamentos de pesquisa em psicologia são direcionados através de bolsas de estudo para os programas de mestrado e doutorado, esses programas são coordenados por docentes. Sendo assim, a classe docente tem um papel fundamental na definição dos rumos de pesquisas em psicologia, influenciando de forma marcante o processo de construção de conhecimento em nossa área.

Desta maneira, nossa quinta conclusão é que a classe dos professores universitários ocupa um espaço muito significativo na definição dos rumos, tanto de nosso processo regulatório como da pesquisa em psicologia em nosso país e, portanto, influenciou muito no ritmo do processo de apropriação de TICs por parte da psicologia brasileira. É provável que mudanças nesses dois âmbitos sejam necessárias para que distorções, nas dinâmicas dos mesmos, venham a ser corrigidas.

Com muita frequência professores universitários não vivenciam a prática profissional do psicólogo. Muitos, inclusive, deixam seus CRPs em suspenso. Esse distanciamento entre uma parcela do meio acadêmico e a realidade das práticas psicológicas pode gerar consequências negativas. O divórcio entre conhecimento teórico e conhecimento prático não parece ser um fator que contribua para a consistência da formação do psicólogo brasileiro. Inclusive, regimes de prática docente como o de dedicação exclusiva, que proíbe o professor de exercer outras atividades, concorrem para acirrar o distanciamento entre a classe docente e as diversas áreas de atuação prática do psicólogo, contribuindo para distorções importantes evidenciadas por nossa pesquisa.

Tratando ainda da disparidade entre a composição do universo dos psicólogos brasileiros e a composição de nosso sistema conselhos, esse fenômeno

concorre para a existência de distorções em nosso processo regulatório. Tal fato fica evidente ao compararmos as demandas expressas por nossa classe, através dos cadernos dos CNPs, com as resoluções elaboradas pelas plenárias que os recebem.

Apontamos aqui para a importância de que novas pesquisas sejam desenvolvidas no sentido de aprimorar o mapeamento tanto da composição de nossa classe docente, quanto da composição de nosso sistema conselhos e afirmamos a importância de uma busca de aumento de identidade entre esses dois âmbitos e o perfil da classe dos psicólogos brasileiros. É provável que o distanciamento entre psicólogo que atua no âmbito acadêmico e o que está nas outras áreas de atuação dessa categoria tenha relação com a estrutura de ensino desenvolvida em nosso país, o que vai além do âmbito da psicologia.

Nos parece importante verificar de forma mais consistente o contraste entre o perfil dos psicólogos que tendem a ser eleitos para integrarem o sistema conselhos de psicologia e o dos profissionais que estão atuando nas diversas áreas que marcam o universo de nossa classe. Buscar compreender como esse contraste se estabelece, para que novas possibilidades possam ser construídas. Talvez existam vários fatores que concorram para a ocorrência deste fenômeno, porém acreditamos que essa disparidade tenha uma forte relação com características do processo eleitoral de nosso sistema conselhos. Professores universitários tendem a ser muito conhecidos pelos psicólogos de suas regiões, o que os tornam excelentes candidatos no sistema eleitoral de nossa categoria. Caso essa hipótese se confirme, essa dinâmica tem relação com nossas próprias regras eleitorais.

Os registros de campo relativos a nossas inserções no âmbito da psicologia nos permitiram acompanhar e identificar alguns dos contrastes que marcaram as diferentes fases que testemunhamos ao longo de nossa investigação. Elencamos inúmeras histórias, descrevemos muitas situações que nos ajudaram a mapear nuances dos diversos períodos que pudemos vivenciar. As histórias contam de seus tempos, são como janelas que deixam surgir paisagens que contam do espírito de suas épocas.

Quando iniciamos nossa pesquisa questões como se a psicoterapia *on-line* deveria ser permitida, se seria uma prática possível, eram pertinentes. Em um período seguinte as questões já iam mais na direção de pensar de que forma funcionaria a psicoterapia virtual. Em que situações as práticas virtuais seriam mais

adequadas? Depois de mais de 2 (dois) anos em que nossa categoria tem vivido de forma intensa o trabalho através de TICs, as questões vão mais na direção de como aprimorar essas práticas. Muitos se perguntam, atualmente, se devem voltar ao atendimento com presença física ou ainda como equilibrar as duas formas de atuação. Essa observação corrobora nossa hipótese inicial de que acompanhar o processo de apropriação das TICs por psicólogos brasileiros nos daria acesso a compreensões enriquecedoras.

Independentemente do que pudemos observar em relação a classe docente, foi possível perceber que em muitos momentos não existiam times organizados contrários ou a favor da utilização de TICs nas práticas psicológicas. Por um lado, a insegurança em relação ao novo, o amor aos costumes conhecidos, a necessidade de suporte e aceitação social sustentavam a resistência à utilização das novas tecnologias. Por outro lado, as transformações tecnológicas impactavam hábitos e costumes transformando as relações humanas de forma paulatina e contínua. A atuação dos psicólogos no contato com seus clientes e a regulamentação das práticas psicológicas aglutinavam a tensão entre essas duas forças. A dificuldade de comunicação entre profissionais que habitam cosmos tão distintos como os que a psicologia oferece davam o tom para os tensionamentos.

Um aspecto que não tivemos condições de aprofundar em nossa pesquisa foi a investigação de outras instituições ligadas à formação de gestalt-terapeutas para acompanhar a forma como elas experimentaram o período de isolamento social propiciado pela Covid-19. Esse tema merecia uma investigação pormenorizada, porém esse desafio não pôde ser contemplado neste trabalho.

As respostas obtidas através de questionários trouxeram contribuições importantes. As respostas sobre o que foi possível identificar a partir da experiência de migração das práticas psicológicas com presença física para as práticas com presença virtual, por parte daquele grupo de profissionais que responderam nossa pesquisa, explicitou a tendência a um distanciamento muito grande entre a expectativa dos que viam negativamente a possibilidade de utilização de recursos virtuais em suas práticas para o que eles de fato experienciaram ao realizá-las. Este fenômeno evidencia a necessidade de cuidado ao lidar com possibilidades de atuação em psicologia que se afastem das práticas mais tradicionais, mostra que existiu uma desconfiança exagerada por parte daqueles psicólogos em relação às possibilidades de inovação.

As respostas obtidas no questionário relativas à experiência de migração dos cursos ligados à psicologia para o meio virtual, também foi surpreendente. Mesmo a partir de um contexto de muito imprevisto no que se refere às práticas de ensino realizadas naquele período, um percentual bem razoável dos participantes se mostrou satisfeito e inclusive demonstrou não ter interesse em voltar para o ensino com presença física.

Uma sexta conclusão é que a internet evidentemente é uma ferramenta extremamente poderosa e, como toda ferramenta poderosa, pode trazer coisas boas ou coisas ruins. Quanto mais conseguimos nos apropriar desses recursos, mais conseguimos que sua contribuição seja positiva. Isso requer estudos, não distanciamento.

Que lugar o psicólogo quer ocupar? O lugar da conservação social, assumindo uma postura crítica em relação aos movimentos “progressistas”? O de um possível pioneirismo, caminhando à frente de seu tempo? Talvez o de estar em uma terceira via, o de estar em interlocução com as derivas sociais. Acreditamos ser natural oscilar entre os dois extremos que elencamos inicialmente, porém de forma geral nossa posição como gestalt-terapeuta ficaria muito bem situada na terceira via, em uma posição de interlocução. Um estar disponível e curioso em relação às diferenças, melhor dizendo, um amar as diferenças. Não de uma forma acrítica, a ideia de interlocução (diálogo) não tem relação com um engolir sem mastigar. A disponibilidade para sentir o sabor da diferença, mastigar e assimilar o que faz sentido ser assimilado, essa é nossa busca.

Investigar os impactos das redes sociais e de outros recursos ligados à internet em nossa deriva social é um desafio que precisa ser enfrentado. O atraso nesses estudos já nos cobra um preço muito alto. É provável que a tendência a polarizações que vivenciamos na atualidade tenha relação com os algoritmos das redes sociais. Esse também é um tema que merece estudos cuidadosos.

Depois de acompanhar o processo de apropriação das TICs por parte dos psicólogos brasileiros, de identificar a forma como demoramos a nos sensibilizar e a nos apropriar das mesmas, foi importante investigar outras tecnologias que podem gerar impacto nas práticas psicológicas. Tecnologias que já estão disponíveis e que não têm ocupado nosso campo de discussão.

Os recursos ligados à inteligência artificial (IA), as possibilidades trazidas pela realidade aumentada (RA) e pela realidade virtual (RV) trazem potencial para

revolucionar as práticas dos psicólogos brasileiros. Podem ampliar o alcance de nossas intervenções, diminuir custos, ampliar nosso acesso a informações sobre nossos clientes entre muitas outras possibilidades. Quanto antes nos apropriarmos dessas tecnologias, mais condições teremos de telas a nosso serviço. A omissão em relação às mesmas pode trazer impactos negativos para os psicólogos brasileiros. Parte do espaço de atuação dos mesmos poderá ser ocupado por profissionais de outras áreas ou até por grandes empresas como Samsung, Microsoft e Apple. Os assistentes virtuais que vêm sendo desenvolvidos por grandes empresas como essas vêm rapidamente ganhando espaço na vida das pessoas.

Atualmente esses tipos de tecnologias já vêm sendo utilizadas em práticas psicológicas, tanto no Brasil, como fora de nosso país, porém, em nosso território, a utilização desse tipo de recurso ainda é discreta. No âmbito da psicologia, em especial da Gestalt-Terapia ainda se fala muito pouco sobre as possibilidades trazidas por essas tecnologias.

A recíproca não é verdadeira. No campo de desenvolvimento de recursos ligados a IA, o saber da psicologia ocupa um espaço importante. A psicologia cognitiva, em especial, tem sido muito utilizada na busca de desenvolvimento dessas tecnologias.

Esperamos que essa tese possa contribuir para que os psicólogos brasileiros possam aprender com as experiências recentes. Que o olhar para nossa forma de apropriação às TICs nos ajude a estar mais sensíveis aos efeitos das transformações tecnológicas e seus impactos em nossa dinâmica social.

Esse acompanhar as transformações sociais requer presença: presença afetiva, presença de espírito, presença em atitudes. A qualidade do contato humano não deve ser confundida com o contato físico. Uma sétima conclusão, que nos parece especialmente importante, é que a proximidade física não garante a qualidade de presença e a mediação através de recursos virtuais não determina necessariamente a ausência da presença humana.

Ao longo de todo o período de nossa investigação, nos deparamos e buscamos demarcar inúmeras situações que tornaram explícita a inexistência da relação entre encontro realizado dentro de contextos ligados à virtualidade e ausência de presença humana. O quanto presença entendida como qualidade de relação não tem conexão com estar em um mesmo ambiente. Inclusive cunhamos o

termo “intimismo virtual” que se refere a um ganho de intensidade afetiva que muitas vezes pode ser observado em relações estabelecidas através de TICs.

Elencamos acima 7 (sete) grandes conclusões elaboradas a partir dessa investigação. Porém, temos certeza de que a contribuição dessa pesquisa vai muito além desses 7 (sete) pontos que buscamos enfatizar neste momento. Os aspectos descritivos de nosso trabalho iluminam inúmeras nuances de nosso campo-tema, deixando, inclusive, diversas pontas soltas. Para alguns isso pode ser visto como uma certa imprecisão. Para outros como nós isso fala de consistência epistemológica e abertura para interlocuções.

A Gestalt-Terapia como uma perspectiva viva e, sendo assim, sempre em transformação, tem condições e vocação para ocupar um lugar harmônico com as derivas sociais, isso é, estar em interlocução contínua com o ethos vigente. Acompanhar o ser humano de forma próxima, sem julgamentos a priori de certo e errado. Parafraseando, mais uma vez, Milton Nascimento e Fernando Brant (1981) “Todo o artista tem que ir aonde o povo está”. Essa é nossa arte, a arte da Gestalt-terapia é a bela arte de acompanhar a deriva humana, saboreando suas nuances e vivenciando sua odisseia de forma presente. Esse é o desafio envolvente e intenso que essa perspectiva nos convida a enfrentar cotidianamente. Que tal seguirmos juntos nesse caminho? Como dizia a raposa: “só conhecemos de verdade o que cativamos. O essencial é invisível aos olhos”. (SAINT-EXUPÉRY, 1943)

REFERÊNCIAS

ABREU, Delmary Vasconcelos. Narrativas de profissionalização docente em música: uma epistemologia política na perspectiva da Teoria Ator-Rede. **Revista da ABEM**. Londrina. v.23. n.34. p.125-137. jan.jun 2015. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/527/439>. Acesso em 05/04/2020.

AMENDOLA, Marcia Ferreira. História da construção do Código de Ética Profissional do Psicólogo. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 660-685, ago. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 mar. 2020.

BARTLETT, Laura K. et al. **Computational scientific discovery in psychology**. Perspectives on Psychological Science, p. 17456916221091833, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/17456916221091833>. Acesso em: 18/12/2022

BELMINO, Marcus César. **Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da gestalt-terapia**. Fortaleza : Premium, 2014.

BEISSER, A. R. A teoria paradoxal da mudança. In: FAGAN, J; SHEPHERD, I. L. **Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p.110-4.

BIN SAWAD, Abdullah et al. **A Systematic Review on Healthcare Artificial Intelligent Conversational Agents for Chronic Conditions**. Sensors, v. 22, n. 7, p. 2625, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1424-8220/22/7/2625> . Acesso em: 18/12/2022.

BORIS, Georges Daniel JanjaBloc. A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. **Rev. abordagem gestalt**, Goiânia, v. 17, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 22 dez. 2014.

BOWMAN, Robert et al. **Pervasive Therapy: Designing Conversation-Based Interfaces for Ecological Momentary Intervention**. IEEE Pervasive Computing, 2022. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/9926134/> . Acesso em: 18/12/2022.

BRAILAS, Alexios. **Psychotherapy in the era of artificial intelligence: therapist panoptes**. Homo Virtualis, v. 2, n. 1, p. 68-78, 2019. Disponível em: <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/homvir/article/view/20197> . Acesso em: 18/19/2022.

BRASIL. **LEI Nº 11.788**, de 25 DE SETEMBRO DE 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF, set. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm >. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 5**, DE 15 DE MARÇO DE 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, fev, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 356**, DE 11 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus), Brasília, DF, mar 2020a. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-20-de-marco-de-2020-249090908>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 343**, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF, mar 2020b. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 345**, DE 19 DE MARÇO DE 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, DF, mar 2020c. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 356**, DE 20 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus). Brasília, DF, mar 2020d. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-20-de-marco-de-2020-249090908>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **MEDIDA PROVISÓRIA Nº 927**, DE 22 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Brasília, DF, mar 2020e. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-927-de-22-de-marco-de-2020-249098775>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 395**, DE 15 DE ABRIL DE 2020. Prorroga o prazo previsto no § 1º do art. 1º da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, DF, 2020f. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-395-de-15-de-abril-de-2020-252725131>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 473**, DE 12 DE MAIO DE 2020. Prorroga o prazo previsto no § 1º do art. 1º da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, DF, 2020g. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-473-de-12-de-maio-de-2020-256531507>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.)

BRASIL. **PARECER CNE/CP Nº: 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF, 2020h. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BRASIL. **PORTARIA Nº 544**, DE 16 DE JUNHO DE 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Brasília, jun, 2020i. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BROWNELL, Phillip; **Manual de teoria, pesquisa e prática em gestalt-terapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOCK, A. (2008). Política do Sistema Conselhos de Psicologia para as Comissões de Ética. In **Código de Processamento Disciplinar Comentado. Profissão Psicólogo, legislação e resoluções para a prática profissional**, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP.

CABRAL, Alexandre Marques. Existência e diálogo: Uma Introdução a Martin Buber. Vídeo. Instituto de Gestalt Terapia e Atendimento Familiar, IGT. **IGT na**

Rede, Rio de Janeiro, RJ, 9.16, 22 07 2012. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=383>>. Acesso em: 30 12 2014.

CHAER, Laura. **Uma pesquisa sobre Holismo e educação holística. Fragmentos de Cultura**, Goiania, v.16, n.4, p.555-566, abr. 2006. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/44/42>>. Acesso em: 03/01/2015

COSTA, Cristiane. Fenomenologia:uma discussão acerca da articulação entre Husserl e Gestalt-terapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 7.13, 28 12 2010. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=317>>. Acesso em: 25 11 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP). **Cursos de Graduação em Psicologia no contexto da Pandemia de COVID-19: posição e orientações do CFP e ABEP**. Site do CFP. Brasília, DF: CFP.. 2020a. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_lj9-EzNI4dUiRTk1VSV030hjQliEorR/view. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP). **CFP e ABEP debatem Ensino da Psicologia na Pandemia**. . Site do CFP. Brasília, DF: CFP.. 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-e-abep-debatem-ensino-da-psicologia-na-pandemia/> . Acesso em: 15/08/2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP). **Realização de práticas e estágios em Psicologia**. CFP, CRPS E ABEP REALIZAM SEMINÁRIOS VIRTUAIS PARA DEBATER ESTÁGIO EM TEMPOS DE PANDEMIA. Site CFP.. 2020b. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-crps-e-abep-realizam-seminarios-virtuais-para-debater-estagio-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 18/08/2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP). **Seminário nacional coloca em debate a formação e estágios em Psicologia no contexto da COVID-19**. Site CFP.. 2020c. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/seminario-nacional-coloca-em-debate-a-formacao-e-estagios-em-psicologia-no-contexto-da-covid-19/>. Acesso em: 18/12/2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP); FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PSICOLOGOS (FENAPSI). **Nota sobre atividades acadêmicas nos cursos de graduação em Psicologia em tempos de pandemia**. . Site do CFP. 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Nota-sobre-atividades-acad%C3%A7%C3%A3o-em-Psicologia-em-tempos-de-pandemia.pdf> . Acesso em: 17/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP); FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PSICOLOGOS (FENAPSI). **Psicologia se aprende com presença!**. . Site do CFP.

2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/psicologia-se-aprende-com-presenca/> . Acesso em: 17/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **CORONAVÍRUS Informações do CFP**. Site do CFP. 2020a. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/coronavirus/>. Acesso em: 17/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19 – Recomendações**. Site do Conselho Federal de Psicologia. 2020b. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/praticas-e-estagios-remotos-em-psicologia-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-recomendacoes/> . Acesso em: 17/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Seminário Nacional: Formação em Psicologia no Contexto da Covid-19**. 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GEeykYnOOzQ>. Acesso em: 23/07/2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **II Congresso Nacional da Psicologia– Caderno de Deliberações**. Site do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 1996. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/caderno-de-deliberacoes-ii-cnp/> Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **III Congresso Nacional da Psicologia– Caderno de Deliberações**. Site do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 1998. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/01/III_CNP.pdf . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **V Congresso Nacional da Psicologia – Protagonismo Social da Psicologia – Caderno de Deliberações**. Site do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 2004. Disponível em: https://site.cfp.org.br/leis_e_normas/caderno-de-deliberaes-do-v-congresso-nacional-de-psicologia/ . Acesso em: 17/02/2020

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **VI Congresso Nacional da Psicologia Do discurso do compromisso social à produção de referências para a prática: construindo o projeto coletivo da profissão - Caderno de Deliberações**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 2007. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/caderno_deliberacoes.pdf . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **VII CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA PSICOLOGIA E COMPROMISSO COM A PROMOÇÃO DE DIREITOS UM PROJETO ÉTICO-POLÍTICO PARA A PROFISSÃO - Caderno de Deliberações**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 2010. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2010/09/Relatorio_Final_VII_CNP.pdf . Acesso em: 19/12/2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **VIII CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA PSICOLOGIA E COMPROMISSO COM A PROMOÇÃO DE DIREITOS UM PROJETO ÉTICO-POLÍTICO PARA A PROFISSÃO - Caderno de Deliberações**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 2013. Disponível

em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCadernodelibera%C3%A7oes14.08.pdf> . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **IX CONGRESSO NACIONAL DA PSICOLOGIA E COMPROMISSO COM A PROMOÇÃO DE DIREITOS UM PROJETO ÉTICO-POLÍTICO PARA A PROFISSÃO - Caderno de Deliberações**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP. 2016. Disponível em: Acesso em:

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP N° 002/95**, dispõe sobre a prestação de serviços psicológicos por telefone. **Site do CFP**. Brasília, DF: CFP. 1995. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1995/02/resolucao1995_2.pdf. Acesso em: 20/08/2016

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP N°003/2000**, regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador Site do CRPRS. Brasília, DF: CFP. 2000. Disponível em: <https://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao40.pdf> . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n° 010/2005**, Código de Ética Profissional do Psicólogo, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP. 2005 a. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf> Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n° 012/2005**, Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 003/2000. Brasília, DF: CFP. 2005 b. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/08/resolucao2005_12.pdf . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n° 011/2012**, Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005. Brasília, DF: CFP. 2012. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/08/resolucao2005_12.pdf . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n° 011/2018**, Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. Brasília, DF: CFP. 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>. Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n° 04/2020**, Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Brasília, DF: CFP. 2018. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao->

[durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020](https://www.crpj.org.br/site/psicologas-os-se-reunem-na-sede-do-crp-rj-para-debate-sobre-psicologia-digital-e-contemporaneidade/) . Acesso em: 11/12/2022

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Psicologia digital e contemporaneidade**. Rio de Janeiro, RJ: Site do CRP 05, 2017, Disponível em: <http://www.crpj.org.br/site/psicologas-os-se-reunem-na-sede-do-crp-rj-para-debate-sobre-psicologia-digital-e-contemporaneidade/> . Acesso em: 18/07/2020

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Roda de Conversa Atendimento on-line e credenciamento de sites**. Rio de Janeiro, RJ: Site do CRP 05, 2017, Disponível em: <http://www.crpj.org.br/site/debate-sobre-reformulacao-da-resolucao-do-cfp-sobre-atendimento-on-line-e-cadastramento-de-sites-acontece-no-crp-rj/> . Acesso em: 18/07/2020

CROCKER, Sylvia Fleming. 7 - Uma teoria unificada (p.155-186) In: BROWNELL, Phillip; **Manual de teoria, pesquisa e prática em gestalt-terapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DESPRET, V. As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 – n. 1, p. 29-42, Jan./Abr. 2011 31. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/647>. Acesso em: 20/08/2016

ESCH, Cristiane Ferreira. **Descortinando o passado para vislumbrar o porvir: da gestalt- terapia à abordagem gestáltica no Brasil – 40 anos de histórias**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. 2012.

ESPAÇO BRASILEIRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS (EBEP). **Conferência com Joel Birman**. Canal do Youtube do EBEP. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LtEaiwmXqao> . Acesso em: 01 05 2021.

FAQIHI, Ali; MIAH, Shah J. **Designing an AI-Driven Talent Intelligence Solution: Exploring Big Data to extend the TOE Framework**. arXiv preprint arXiv:2207.12052, 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2207.12052> . Acesso em: 18/12/2022

FONSECA, Afonso. Gestalt Terapeutas, antropólogos experimentais fenomenológico-existenciais.. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, v. 3 nº 4, 2007. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojsANTIGA/viewarticle.php?id=67>>. Acesso em: 01 05 2021.

_____. Gestalt Terapia: Metodológica da Atualização – Performática improvisativa da performance figura e fundo, performática da forma, performática da ação, do contato, performática da atualização. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, nº 11, 2009. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/download/219/292>. Acesso em: 06/11/2021.

FRAZÃO, Dilva. Heráclito Filósofo grego. **E Biografia**. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/heraclito/> Acesso em: 02/11/2021

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

GOLDEN, Eva; ZAHM, Stephen. 2 - A necessidade de pesquisa em gestalt-terapia In: BROWNELL, Phillip. **Manual de teoria, pesquisa e prática em gestalt-terapia**. (p.43-52) Tradução de Maria Oneide Willey. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GRANZOTTO, Marcos; GRANZOTTO, Rosane. Gênese Fenomenológica da Noção de Gestalt. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 1.1, 05 08 2004. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=35>>. Acesso em: 05 03 2014.

GRANZOTTO, Rosane; GRANZOTTO, Marcos. Self e temporalidade. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 1.1, 05 08 2004. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=34>>. Acesso em: 16 03 2021.

GUAL-MONTOLIO, Patricia et al. Using Artificial Intelligence to Enhance Ongoing Psychological Interventions for Emotional Problems in Real-or Close to Real-Time: A Systematic Review. *International journal of environmental research and public health*, v. 19, n. 13, p. 7737, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/19/13/7737> . Acesso em: 18/12/2022.

GUEDES, Marcelo Santiago. Os impactos do efeito bolha causado pelos algoritmos do Facebook para o direito de resposta. **Boletim Científico ESMPU**, Brasília, a. 16 – n. 50, p. 67-85 – jul./dez. 2017. Disponível em: < [Boletim Científico n. 50 - Julho/Dezembro 2017 — Escola Superior do Ministério Público da União \(mpu.mp.br\)](http://mpu.mp.br)>. Acesso em: 02 01 2022

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade**, 18. Ed. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária (E.P.U.), 1984.v. 2.

Haraway, D. **SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. cadernos pagu (5) pp. 07-41. 1995.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo. Pt 1 & Pt 2. 4 ed.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

HYCNER, Richard. CAPÍTULO 1 – A BASE DIALÓGICA (p. 29-49) In: Hycner, R. Jacobs, L. **Relação e Cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

INSTITUTO DE GESTALT-TERAPIA E ATENDIMENTO FAMILIAR (IGT), Edição e Filmagem: Entrevista com Claudio Naranjo (Chile) sobre a história da Gestalt-Terapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 4.7, 31 08 2007. Disponível em: . Acesso em: 22 06 2021

INSTITUTO DE GESTALT-TERAPIA E ATENDIMENTO FAMILIAR (IGT), Edição e Filmagem. Gênese fenomenológica de la Gestalt. (II Congresso Latino de Gestalt). **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 2.2, 05 02 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojsANTIGA/viewarticle.php?id=99>>. Acesso em: 16 04 2021.

INSTITUTO DE GESTALT-TERAPIA E ATENDIMENTO FAMILIAR (IGT), I **Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade**. Site do IGT. Rio de Janeiro, RJ. 2018.

Disponível em: <https://igt.psc.br/site/index.php/eventos/simposios/simposios-antigos/psicologia-e-virtualidade/i-simposio-igt-de-psicologia-e-virtualidade>. Acesso em: 18/12/2022

INSTITUTO DE GESTALT-TERAPIA E ATENDIMENTO FAMILIAR (IGT), **II Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade: Covid19 - Sofrimento e Transformação**. Site do IGT. Rio de Janeiro, RJ. 2020. Disponível em: <https://igt.psc.br/site/index.php/eventos/simposios/simposios-antigos/psicologia-e-virtualidade/ii-simposio-igt-de-psicologia-e-virtualidade-covid19-sofrimento-e-transformacao>. Acesso em: 18/12/2022.

INSTITUTO DE GESTALT-TERAPIA E ATENDIMENTO FAMILIAR (IGT), **III Simpósio IGT de Psicologia e Virtualidade: Covid19 - Sofrimento e Transformação**. Site do IGT. Rio de Janeiro, RJ. 2021. Disponível em: <https://igt.psc.br/site/index.php/eventos/simposios/simposios-antigos/psicologia-e-virtualidade/teste-iii-simposio>. Acesso em: 18/12/2022

JACOMY M, VENTURINI T, HEYMANN S, BASTIAN M. ForceAtlas2, um algoritmo de layout de gráfico contínuo para visualização de rede útil projetado para o Software Gephi. **PLoS ONE** 9(6): e98679. 2014. <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0098679>> Acesso em: 08/08/2020.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**, São Paulo: Summus, 1999.

_____. Gestalt-Terapia:revisitando as nossas histórias. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 1.1, 05 08 2004. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=33>>. Acesso em: 20 10 2014.

KARWOWSKI, Silvério Lúcio. **Gestalt-Terapia e Fenomenologia: considerações sobre o método fenomenológico em Gestalt-terapia**. Campinas: Ed. Livro Pleno,2005.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000. 438 p.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: 34, 1994.

_____. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

_____. Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. **Informática na educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 16, n. 1, jan/jul. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/36933>>. Acesso em: 26/02/2020.

LATTIE, Emily G.; STILES-SHIELDS, Colleen; GRAHAM, Andrea K. **An overview of and recommendations for more accessible digital mental health services**. *Nature Reviews Psychology*, v. 1, n. 2, p. 87-100, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s44159-021-00003-1> . Acesso em: 18/12/2022

LIU, Haoxian; CHEN, Xiuyuan. **Construction and Optimization of Mental Health Education Consultation Management System Based on Decision Tree Association Rule Mining**. *Mathematical Problems in Engineering*, v. 2022, 2022. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/mpe/2022/7307741/> .Acesso em: 18/12/2022.

LOURENÇO, Ramon Fernandes and TOMAEL, Maria Inês. A Teoria Ator-rede e a cartografia de controvérsias na Ciência da Informação. **Transinformação** [on-line]. 2018, vol.30, n.1, pp.121-140. ISSN 2318-0889. <https://doi.org/10.1590/2318-08892018000100010>. Acesso em: 16 04 2021.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Portal MEC. 2020. <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>Acesso em: 17/07/2020

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José; MÜLLER-GRANZOTTO, Rosane Lorena. Fenomenologia. In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila (Org). **Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês**. São Paulo: Summus, 2007.

O CVV. **CVV**, 2021. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/o-cvv/> . Acesso em 17/10/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. Acesso em 28/07/2022.

ORGLER, S. Teoria paradoxal da mudança/mudança. In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER,S. (orgs.). **Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês**. São Paulo: Summus, 2007, p.214-5.

PANDEY, Annu; MISRA, Monika. **Artificial Intelligence and Psychology: Developments and Future Potential**. *The Mizoram University Journal of Humanities & Social Sciences*, V.8, 2022. Disponível em: <http://mzuhssjournal.in/images/resources/v8n1/pandey.pdf> . Acesso em: 18/12/2022

PEDRO, R. Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: VII Esocite – Jornadas Latino – Americanas de Estudos Sociais das ciências e das Tecnologias, Rio de Janeiro, 2008. **Anais eletrônico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/resumos/36356.htm>>. Acesso em: 26/02/2020.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 10. Ed.São Paulo: Abril Cultural: brasiliense,1985. (Coleção primeiros passos)

PERLS, Frederick Salomon. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. - 2ª edição - Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

_____. **Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Gestalt-Terapia Explicada** (10. ed.). Col. Novas Buscas em Psicoterapia. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Fritz; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PIETA, Maria Adélia Minghelli e Gomes, William B. Psicoterapia pela Internet: viável ou inviável?. **Psicologia: Ciência e Profissão** [on-line]. 2014, v. 34, n. 1 [Acessado 18 Junho 2022], pp. 18-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100003>>. Epub 09 Set 2014. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100003>.

PINHEIRO DA SILVA, Marcelo. Filosofia e Gestalt-Terapia. Embasamento? Influência? Interlocução?. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 9.17, 31 12 2012. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojsANTIGA/viewarticle.php?id=410>>. Acesso em: 16 04 2021.

_____. **O afeto e o afetar nas relações de Grupo : Um olhar a partir da Gestalt-Terapia**. Via Veritas. Rio de Janeiro. 2015.

_____. 10. TEORIA PARADOXAL DA MUDANÇA (p.180). In: FRAZÃO, L. FUKUMITSU, Karina, Okajima. (org). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais** São Paulo: Summus, 2014.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt Terapia Integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

PONTILLO, J. **Possibilidades de contato no atendimento psicológico online: Descobertas, desconstruções e ajustamentos possíveis**. IGT na Rede, Rio de Janeiro, RJ, 17.32, 22 09 2020. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=695>>. Acesso em: 23 11 2020.

PRESTRELO, E. T.; Araujo, E. S.; Moraes, M; Marques, L. “Ouvir é como a chuva” – o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. São João del Rei, Janeiro a junho, V. 11 n. 1, 86-99 de 2016 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v11n1/08.pdf> Acesso em: 02/11/2016

PRIMI, R. (2018). **Avaliação Psicológica no Século XXI: de Onde Viemos e para Onde Vamos**. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2018 v. 38 (núm. esp.), 87-97. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YFmwB5hC3YJmQ84jyMhv8p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16/09/2021

RAFFAELLI, Rafael. Husserl e a psicologia. **Estud. psicol.** Natal, v. 9, n. 2, Aug. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2014.

ROBINE, Jean-Marie. A gestalt-terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno?. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun. 2005.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ROCHA, J.; KASTRUP, V. **Dinâmica da dobra afetiva**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 385-394, abr./jun. 2009. disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a19.pdf>>. Acesso em: 20/03/2014.

RODRIGUES, K. II Simósio IGT de Psicologia Infantil. **Canal IGT na Rede (Youtube)** disponível em: < <https://youtu.be/mRq0kFZjrhg>>. Acesso em: 02/01/2021.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Site sesirs.org.br. 1943 (1ª Edição). Disponível em: https://www.sesirs.org.br/sites/default/files/paragraph--files/o_pequeno_principe_-_antoine_de_saint-exupery.pdf . Acesso em 18/12/2022

SALHI, Intissar et al. **Towards Robot-Assisted Therapy for Children With Autism—The Ontological Knowledge Models and Reinforcement Learning-Based Algorithms**. Frontiers in Robotics and AI, v. 9, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/frobt.2022.713964/pdf> . Acesso em: 18/12/2022.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. **A imaginação: Questão de método**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo. Nova Cultural, 1987.

SEIBT, C. L. O pensamento de Heidegger na psicologia existencial de Boss e Binswanger. **Temas psicol.** Ribeirão Preto , v. 20, n. 1, jun. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 dez. 2014.

SEVERINO, A. K. F. A Psicoterapia online em gestalt-terapia: Vantagens e desvantagens Online psychotherapy in gestalt therapy: Advantages and disadvantages . **IGT na Rede**. ISSN 1807-2526, [S. l.], v. 18, n. 34, 2021. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/633>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SHARMA, Ashish et al. **Human-AI Collaboration Enables More Empathic Conversations in Text-based Peer-to-Peer Mental Health Support**. arXiv preprint arXiv:2203.15144, 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/2203.15144.pdf> . Acesso em: 18/12/2022

SILVEIRA, Teresinha Mello da. A Gestalt no Contexto da Psicoterapia: teoria e metodologia aplicadas a um caso clínico (p.07-27). In: **Presença: Revista Vita de Gestalt-terapia**, 1997 – Ano 3 – Número 4

SPINK, P. K. **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a03v15n2> Acesso em: 20/08/2016.

TAVARES ALVES, Midiam *et al.* IGT na Pandemia da COVID-19: Apoio psicológico *on-line* em grupos. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 17.32, 25 11 2020. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=725>>. Acesso em: 06 12 2020.

TELLEGEN, Thérèse A. **Gestalt e Grupos: uma Perspectiva Sistêmica**. São Paulo, Summus, 1984.

THIEME, Anja et al. Designing Human-Centered AI for Mental Health: Developing Clinically Relevant Applications for Online CBT Treatment. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 2022. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3564752> . Acesso em: 18/12/2022.

TORRES. L. **Bom dia Rio**. Globoplay. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8444643/>>. Acesso em: 31 03 2020.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory, 258-273. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

_____. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012.

WALDL, Robert. Raízes do encontro na psicoterapia: a influência de J. L. Moreno na filosofia dialógica de Martin Buber. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2014.

WICKS, Robert. "**Friedrich Nietzsche**," *O Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Winter 2014. Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2014/entries/nietzsche/>>. Acesso em: 17 01 2015.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness**. Ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. C. CAPÍTULO II – EM BUSCA DA BOA FORMA (p. 51-66) In: **A Busca da Elegância em Psicoterapia: Uma Abordagem Gestáltica com Casais, Famílias e Sistemas Íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.

GLOSSÁRIO

Actante – Termo correlato a ator, porém, não remete a figura humana – qualquer ente que deixa rastros em uma rede sociotécnica

Awareness - Awareness é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorimotor, emocional, cognitivo e energético. Um continuum e sem interrupção de awareness leva a um Ah!, a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos dís-pares no campo. A awareness é sempre acompanhada de formação de gestalt. Totalidades significativas novas são criadas por contato de aware. A awareness é, em si, a integração de um problema. (YONTEF, 1998, p.215)

Caixa preta - A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, se não o que nela entra e o que dela sai. (LATOURE, 2000, p.14)

Intermediário – Entidade que recebe uma informação e a reproduz sem promover alterações.

Mediador – Entidade que recebe uma informação e reproduz essa informação de forma modificada

APÊNDICE 1 - CARTOGRAFANDO A CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS

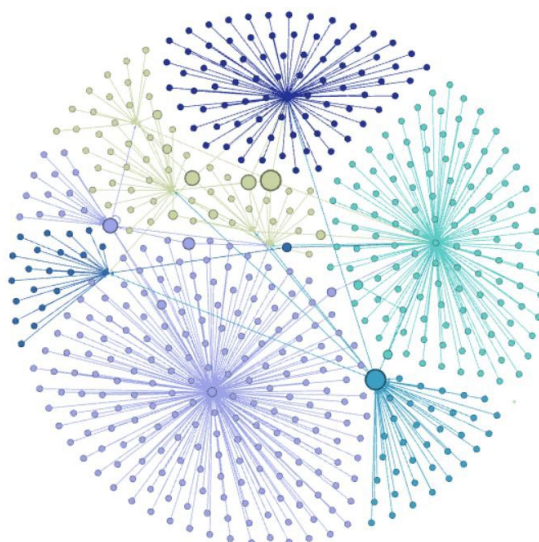
Com o objetivo de buscar os textos mais consagrados sobre o tema, optamos por mapear, as referências bibliográficas mais utilizadas por autores que publicaram obras sobre a cartografia das controvérsias ou que utilizaram esta perspectiva em suas pesquisas até maio de 2020. Para acessar esses trabalhos utilizamos o Google com as palavras “cartografia”, “controvérsias” e “ator-rede”. Foram escolhidos 10 (dez) textos que constam no quadro 38. Foi utilizado o “Gephi” a partir do algoritmo “Fruchterman Reingold⁹⁸” para analisar os dados obtidos. Em um segundo momento modifiquei minha busca, inserindo também o termo “psicologia”, com o objetivo de identificar se a bibliografia utilizada por autores ligados a essa área, seria a mesma, ou se, no âmbito da psicologia, existiria uma seleção diferente de referências. Neste contexto foram selecionados mais 6 textos que constam no quadro 39 e trabalhamos esses textos da mesma forma que os anteriores.

Nas figuras 65 e 67 podemos observar a distribuição das referências bibliográficas citadas em cada um dos artigos que compunham os dois universos de forma consecutiva, a partir do algoritmo “Fruchterman Reingold”. O diâmetro dos círculos está proporcional ao número de artigos que fizeram referência ao texto representado. As cores buscam separar o universo ligado a cada um dos textos encontrados em nossa pesquisa. Nas figuras 66 e 68 podemos encontrar os mesmos gráficos, respectivamente, porém sem os textos que receberam menos de duas citações.

À medida em que retiramos as obras que não foram citados por mais de um autor, eliminamos de nossas amostras os textos específicos ao tema de cada pesquisa, já que os artigos tratam de temas distintos e, em muitos casos, são oriundos de áreas de conhecimento diversas, com isso buscamos encontrar os textos que tratassem do tema comum aos mesmos, a Cartografia de Controvérsias. Optamos por somente colocar o nome dos textos nas figuras que representam os textos mais citados, de modo a conseguirmos que as figuras se mantivessem compreensíveis.

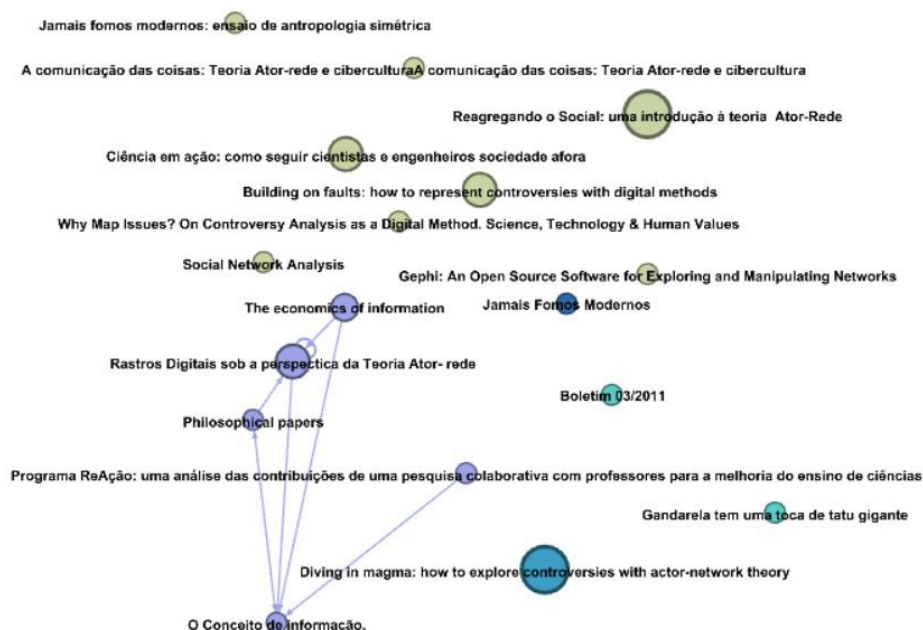
⁹⁸ Algoritmo nativo do programa Gephi de construção de grafos.

Figura 61 – Grafo relativo às referências bibliográficas de obras que utilizam cartografia das controvérsias. As conexões entre os nós foram estabelecidas em função da identificação de relação entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). A distribuição foi gerada pelo algoritmo Fruchterman Reingold.



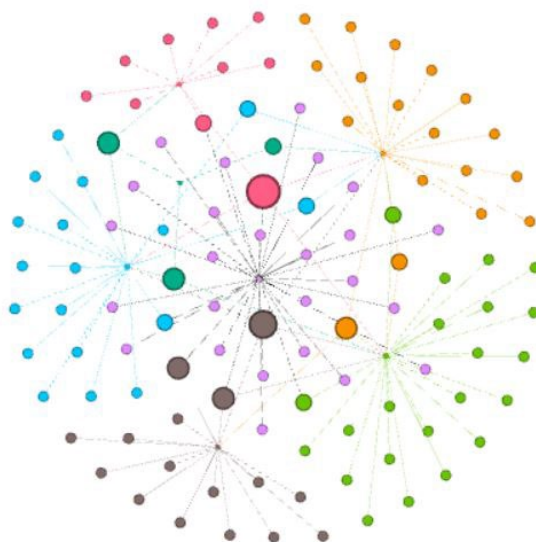
Fonte: autoria própria.

Figura 62 – Grafo relativo às referências bibliográficas de obras que utilizam cartografia das controvérsias, identificadas pelos respectivos títulos. Foram excluídas aquelas com menos de 2 citações no universo pesquisado. As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). A distribuição foi gerada pelo algoritmo Fruchterman Reingold.



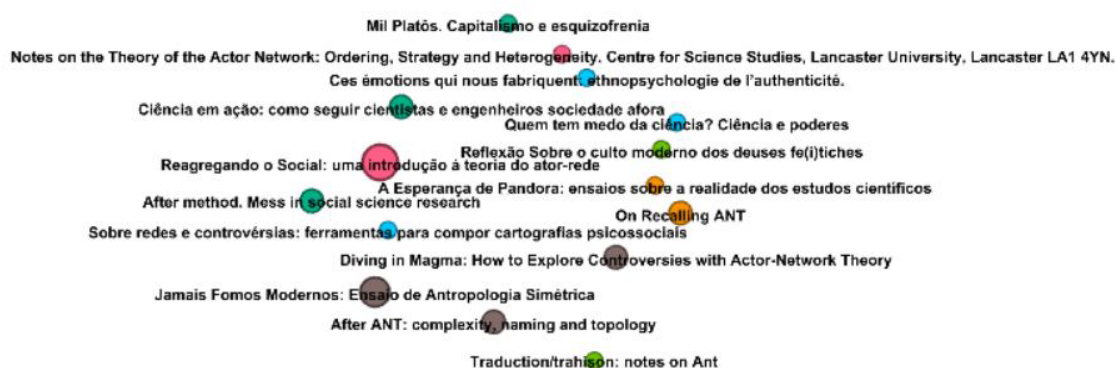
Fonte: autoria própria.

Figura 63 - Grafo relativo às referências bibliográficas de obras que utilizam cartografia das controvérsias, incluindo, no parâmetro de busca, a palavra psicologia. As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). A distribuição foi gerada pelo algoritmo Fruchterman Reingold.



Fonte: autoria própria.

Figura 64 - Grafo relativo às referências bibliográficas de obras que utilizam cartografia das controvérsias, incluindo no parâmetro de busca a palavra psicologia, com nomes das obras e sem as obras que tiveram menos de 2 citações no universo pesquisado. As conexões entre os nós foram estabelecidas quando identificadas relações entre os mesmos. As diferenças de tonalidade expressam a modulação (Formação de grupos entre os nós) da rede, o diâmetro dos círculos é compatível com o grau (número de arestas ligadas ao actante). A distribuição foi gerada pelo algoritmo Fruchterman Reingold.



Fonte: autoria própria.

Comparando os dois universos de dados foi possível fazer algumas observações:

O livro “Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede” se mostra em destaque nas duas situações, a saber, quando pesquisamos sem o termo psicologia ou quando incluímos este termo em nossas buscas. Para além desta obra começamos a encontrar diferenças. No universo ligado à psicologia, o texto “Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica” figura como o segundo texto mais citado e depois encontramos o texto “Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora”, junto com os textos “After Method. Mess in social sciencer research” e “On Recalling ANT” e “Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-network Theory”. Já no universo mais amplo aparece junto com o texto “Reagregando o Social: uma introdução à teoria ator-rede”, o texto “Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-network Theory” depois encontramos o texto “Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora”, porém junto com o texto “Building on faults: how to represent controversis with digital methods” e o texto “Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-rede”. A partir dessas observações fizemos a opção de utilizar, prioritariamente, os textos mais citados nesses dois universos para fundamentar nossa metodologia. Utilizaremos estes textos citando-os diretamente ou a partir de textos de autores que comentam os mesmos.

No livro “Reagregando o social” (Latour, 2012) os termos cartografia e controvérsias aparecem, porém separadamente. É interessante observar que mesmo esta sendo a obra mais citada no universo de publicações que elencamos por fazerem referência à cartografia das controvérsias, a “expressão cartografia de controvérsias” ou “das controvérsias” não se faz presente ao longo de todo o livro.

Vale ressaltar que já nas páginas iniciais dessa obra Latour utiliza a imagem de um viajante que se orienta a partir dos mapas de um livro tipo guia turístico em suas viagens e, faz uma série de considerações a partir dessa metáfora. Ao longo do livro busca utilizar em vários momentos metáforas relativas à cartografia. Encontramos no mesmo 5 (cinco) resultados para a palavra “Cartografia”, incluindo a variação “cartografias”.

O autor, na página 38, usa metáforas ligadas à cartografia para falar da forma de pesquisar em ANT⁹⁹. Na página 46, Latour enfatiza as limitações dessas metáforas.

Entretanto, metáforas tomadas de empréstimo à cartografia ou à física deixam de funcionar muito rapidamente quando o leque de incertezas a ser assumido pelos sociólogos de associação começa a se desdobrar. Em algumas situações extremas, os atores parecem ter uma capacidade impressionante de discordar de tudo o que os sociólogos supostamente tomam como dado a fim de iniciar seu trabalho. Abandonar o quadro de referência fixo oferecido pelo éter, como fizeram os físicos, parece em retrospecto um caso muito simples, comparado àquilo que teremos que renunciar se quisermos deixar os atores livres para desdobrar a plena incomensurabilidade de suas próprias ações com as quais os mundos são feitos. (LATOURE, 2012)

Nas páginas 58 e 59 do Livro “Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede” ele traz a necessidade de diversas formas de cartografias para a realização de uma pesquisa dentro de sua perspectiva. Já nas páginas 92 e 93 ele conta de diferentes formas de cartografia e da importância de determinados tipos de práticas cartográficas.

Mas quando os veículos são tratados como mediadores que engendram outros mediadores, então inúmeras situações novas e imprevistas ocorrem (induzem coisas a fazer outras coisas que não eram esperadas). De novo, é como proceder a distinções miúdas, enquanto as diferenças no tipo de cartografia são imensas. A primeira solução desenha mapas do mundo compostos de poucas ações, seguidas por consequências que são meros efeitos, expressões ou reflexos de algo mais. A segunda solução, preferida

⁹⁹ Na introdução do livro “Reagregando o Social, em sua tradução para o português podemos encontrar o seguinte trecho: [...] apela para sua experiência; usa metáforas pouco usuais, por exemplo, se compara a uma formiga: míope, viciado em trabalho, farejador de trilhas. Por isso na tradução, optou-se por manter o acrônimo ANT - Actor-Network-Theory em inglês - ao invés de usar TAR, as iniciais da Teoria do Ator-Rede, seu correspondente em português. TAR seria a escolha mais precisa, mas TAR não evoca nada ao leitor, não lembra nenhum animal, menos ainda a singela formiga, com a qual Latour se identifica várias vezes ao longo do texto. Ao se descrever como formiga o autor brinca e ri de si mesmo. (Latour, 2012)

Segundo Abreu (2015) a sigla ANT “foi discutida exaustivamente pelos pesquisadores e sociólogos Bruno Latour, Michel Callon e John Law. Latour (1997) queria que a teoria fosse chamada de sociologia da tradução, por entender que a sociologia da tradução está atenta aos processos de constituição do saber, em detrimento da ciência pronta, mas os demais pesquisadores preferiram manter a sigla ANT. Latour (2004) só se convenceu da sigla após compará-la à palavra ANT, que em inglês significa formiga. Metaforicamente, a ANT explica como transportar coisas, sem que se modifiquem, até o destino delas, isto é, ao centro, como chama Latour (2004).

pela ANT, pinta um mundo feito de concatenações de mediadores, nas quais pode-se dizer que cada ponto age plenamente. Assim, a questão-chave da ciência social é determinar se tenta deduzir de poucas causas o maior número possível de efeitos ali presentes *in potentia* ou se tenta substituir o maior número possível de causas por uma série de atores - como o significado técnico que a palavra “rede” assumirá mais tarde. (LATOURE, 2012)

Nas páginas 248 e 249 fica muito claro como naquele ponto de sua construção a metáfora da cartografia vai ganhando importância em seu objetivo de contrapor sua forma de pesquisa que classificava como “sociologia das associações” ao que ele chama de “sociologia do social”.

É realmente uma questão de cartografia. Ante a necessidade do corpo político, os cientistas sociais acharam que a sociedade propiciava uma terceira dimensão, na qual todas as interações deviam encontrar um lugar. Isso explica por que eles fazem um consumo tão exagerado de imagens tridimensionais: esferas, pirâmides, monumentos, sistemas, organismos, organizações. Para resistir a essa tentação, vou oferecer uma projeção bidimensional. Continuando com a metáfora topográfica, é como se tivéssemos de competir em teoria social com o maravilhoso livro Flatland, que tenta nos tornar animais tridimensionais vivos dentro de um mundo bidimensional composto apenas de linhas. Isso pode parecer estranho a princípio, mas temos de nos tornar os “terraplenadores” da teoria social. Esta é a única maneira de ver como as dimensões são geradas e mantidas. É como se os mapas legados a nós pela tradição tivessem sido dobrados num feixe inútil e tivéssemos de retirá-los da cesta de papéis. (LATOURE, 2012)

Quando pesquisamos o termo “controvérsia” nesta obra, encontramos 70 resultados. E examinando a forma como Latour posiciona este termo no texto fica clara a importância de seu papel. Para Latour uma importante forma de “reagregar o social”, passa por desdobrar as controvérsias que são encontradas quando buscamos nos aproximar das dinâmicas sociais em processo.

O motivo dessa mudança de ritmo é que, em lugar de assumir uma postura sensata e impor de antemão um pouco de ordem, a ANT se considera mais capaz de vislumbrar ordem depois de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias nas quais se meteram. É como se disséssemos aos atores: “Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram”. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. A busca de ordem, rigor e

padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam. (LATOURE, 2012)

Quando investigamos o livro “Jamais fomos Modernos”, encontramos 5 (cinco) resultados para o termo controvérsia e o termo cartografia não aparece. Porém, um olhar coerente com os princípios que dão sustentação à essa metodologia está presente. A Teoria Ator-Rede busca se afastar de um viés dualista, valorizando um olhar para as relações em processo.

Para dar continuidade a nossas observações, cabe ressaltar que, entre os textos estudados em nossa busca de fundamentação metodológica, os dois textos de Tommaso Venturini (“Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-network Theory”... e “Building on faults: how to represent controversies with digital methods”) se destacaram por sua forma clara e objetiva de redação. Este autor contribui bastante para elucidar alguns dos aspectos metodológicos que dão corpo à Cartografia de Controvérsias.

Nos quadros abaixo o leitor poderá encontrar as obras utilizadas no levantamento bibliográfico supracitado e os textos que constam nas referências bibliográficas de cada uma delas. O primeiro quadro está associado a pesquisa que não levou em conta o termo psicologia, o segundo quadro se refere às obras encontradas na mesma pesquisa com o acréscimo apenas da palavra psicologia nos critérios de busca.

Quadro 38 - Referências científicas (identificadas por seus títulos) selecionadas a partir das palavras-chave: cartografia, controvérsias e ator-rede.

Textos sem referência à Psicologia	
Obras	Referências
O Conceito de informação.	
	A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias na ciência da informação
	The economics of information
	The computer age: A twenty-year view
	Philosophical papers
	The great instauration
	Language and information
	Semantic information
	Constraints, channels and the flow of information

	Situations and attitudes
	Information flows: The logic of distributed systems
	Steps to an ecology of mind
	Mind and nature: A necessary unity
	Information concepts for information science
	The coming of the post-industrial society: A venture in social
	Quantum information and computation
	The works of George Berkeley
	Grounds for cognition: How goal-guided behavior shapes the mind
	Dretske's semantic information theory and meta-theories in library and information science
	Holding on to reality. The nature of information at the turn of the millennium
	Information science: what is it?
	Evaluation of interactive information retrieval systems
	Sciences de information et de la communication
	La communication contre l'information
	The economics of knowledge and knowledge of economics
	Defining information: An approach for policymakers
	Information and consciousness: A critique of the mechanistic
	What is a possible ontological and epistemological framework for a true universal "information science?" the suggestion of a cybersemiotics
	Qu'est-ce que la documentation?
	The developing cognitive view in information science
	The foundations of information science: Part I: Philosophical aspects
	Information technology and the science of information
	The social life of information
	Information and information systems
	Information as thing
	What is a "document?"
	Index Thomisticus Sancti Thomae Aquinatis operum omnium
	Information: Ein Beitrag zur etymologischen und ideengeschichtlichen Begründung des Informationsbegriffs
	Heidegger über Sprache und Information [Heidegger on language and information]
	Hermeneutik der Fachinformation [Hermeneutics of scientific information]
	Leben im Informationszeitalter [Living in the information age].
	On the genealogy of information

	Ethical challenges of the information society in the 21st century
	Informationsbegriffe und ihre Bedeutungsnetze [Information concepts and their semantic networks]
	Is a unified theory of information feasible? A dialogue
	The informational city: Information technology, economic restructuring and the urban-regional process
	The information age: Economy, society and culture
	What is this thing called science?
	Cross-scale information processing in evolution development and intelligence
	Proceedings of the first conference on foundations of information science: from computers and Quantum Physics to Cells, Nervous Systems, and Societies
	Theorizing information
	The "conduit metaphor" and the nature and politics of information studies
	The modern invention of information: Discourse, history, and power
	Oeuvres
	Logic and information
	Knowledge and the flow of information
	Choruses from The Rock
	The complete poems and plays
	Progress and problems in information retrieval
	"Use" and "mention" in the information sciences
	Informatio revisited. Wider den dinglichen Informationsbegriff
	Action non est reaction: An extension of the concept of causality towards phenomena of information
	Towards a unified of information: presentation of a new approach
	Kommunikologie
	Information retrieval: from academic research to practical applications
	Rules of indexing: A critique of mentalism in information retrieval theory
	Discourse analysis as a research method in library and information science
	Cognitive science: From computers to anthills as models of human thought
	The methodological value of the concept of information in psychology
	Key papers in information science
	Das Bewusstsein der Maschinen: Eine Metaphysik der Kybernetik [The consciousness of machines: A metaphysics of cybernetics].
	Knowledge management
	The concept of information in Gibson's theory of perception
	The concept of negative information
	The psychological concept of information

	Tranmission of information
	Der Weg zur Sprache [The path to language
	Unterwegs zur Sprache
	Frankfurt-am-Main: Klostermann
	Documentes, memory institutions, and information science
	Towards a new horizon in information retrieval: Domain analysis
	Information ages: Literacy, numeracy, and the computer revolution
	The quest for a unified theory of information
	On human nature and the understanding
	What is information?
	Information and architecture
	Grenzen der Naturwissenschaft
	Programa reação: uma análise das contribuições de uma pesquisa colaborativa com professores para a melhoria do ensino de ciências
	Infonomia.com. La empresa es información.
	CA: Stanford University Center for the Study of Language and Information
	Grenzen der Naturwissenschaft. [The limits of natural science]
	Konstruktivismus und Naturerkenntnis: Auf dem Weg zum Kulturalismus [Constructivism and the knowledge of nature: On the path to culturalism]
	Informationsbegriff und methodisch-kulturalistische Philosophie [The concept of information and methodologic-culturalist philosophy].
	Human activity: Contributions to the anthropological sciences from a perspective of activity theory
	Kybernetik, Information, Widerspiegelung: Darstellung einiger philosophischer Probleme im dialektischen Materialismus [Cybernetics, information and reflection: An exposition of some philosophical problems of dialectical materialism]
	Kybernetik in philosophischer Sicht [Cybernetics from a philosophical viewpoint].
	Pragmatic information and system surface
	Information: New questions to a multidisciplinary concept.
	Der verschwundene Bote [The vanished messenger]
	The context-dependence of biological information
	Information. New questions to a multidisciplinary concept
	Indexing and abstracting in theory and practice
	A note on Evolution
	Accessibility and distribution of information on the Web
	A sociological theory of communication
	An essay concerning human understanding
	Molecular information, cell communication, and

	the foundations of life
	The science of information: Measurement and applications
	A discipline independent definition of information
	The beginnings of "Information Theory
	Soziale Systeme [Social systems]
	Institutt for dokumentasjonsvitenskap i Tromsø: En realitet pr. 1.8.1997
	Quantentheorie der Information [Quantum theory of information]
	The production and distribution of knowledge in the United States
	Semantic quirks in studies of information.
	The study of information: Interdisciplinary messages
	Information, mechanism and meaning
	First conference on foundations of information science. From computers and quantum physics to cells, nervous systems, and societies
	Internalist stance and the physics of information
	Dynamics of time and information in a dynamic time
	The internalist stance: A linguistic practice enclosing dynamics
	Autopoiesis and cognition
	What is information measurement?
	The concept of information: A historical perspective on modern theory and technology
	Information and meaning: Foundations for an intersubjective account
	Signs, language and behavior
	The Xanadu paradigm
	The knowledge-creating company: How Japanese companies create the dynamics of innovation
	Certain factors affecting telegraph speed
	User illusion: Cutting consciousness down to size
	Wissenschaft und Information [Science and information]
	Traité de documentation: Le livre sur le livre, théorie et pratique.
	OXFORD English Dictionary
	What pragmaticism is
	El fenómeno de la información: Una aproximación conceptual al flujo informativo
	The concept of information
	Information: Notes toward a critical history
	The tacit dimension
	Objective knowledge: An evolutionary approach
	Replies to my critics
	The information economy: Definition and

	measurement
	Managing knowledge
	Information theory in psychology: Problems and methods
	The controversy over the concept of information
	What is information?
	The promise and pitfalls of information theory
	Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hypertext
	The origins of information science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID)
	Philosophical works
	Situation semantics and computational linguistics: Towards informational ecology: A semiotic perspective for cognitive information processing systems?
	The age of access: The new culture of hypercapitalism where all of life is a paid-for experience
	The emerging concept of information
	Implications of regarding information as meaningful rather than factual
	Der Informationsbegriff im Kulturstreit [The concept of information in the framework of the culturalist struggle]
	Do we really need World III? Information science with or without Popper
	Incorporating small parts and gap-bridging: Two metaphorical approaches to information
	Historisches Wörterbuch der Philosophie
	Toward a theory of library and information science.
	Stuttgart: Frommann-Holzboog
	Information über die Information [Information about information]
	A mathematical theory of communication
	The mathematical theory of communication
	Coinage of the term information science
	Thinking with machines: Intelligence augmentation, evolutionary epistemology, and semiotics
	How to teach about information as related to documentation
	Architecture problems in the construction of expert systems for document retrieval
	A history of information storage and retrieval
	Information and the internal structure of the universe: An exploration, into information physics
	Towards a new theory of information
	Information as a basic property of the universe
	The emerging global brain
	Question-negotiation and information seeking in libraries

	The future of man
	Linguae latinae
	Information ein Prinzip? [Is information a principle?]
	Communication, culture & media studies
	Information: Eine philosophische Studie [Information: a philosophical study]
	Information retrieval
	A new theoretical framework for information retrieval
	Information logic, and uncertainty in information science
	Information calculus for information retrieval
	Information I: Studie zur Vielfalt und Einheit der Information; Information II: Ergänzungsband zur Vielfalt und Einheit der Information – Theorie und Anwendung vor allem in der Biologie, Medizin und Semiotik [Information I: A study of the variety and unity of information; Information II: Supplementary volume to variety and unity of information: Theory and application, particularly in biology, medicine and semiotics]
	Epistemology of communication
	Observing systems
	Enabling knowledge creation. How to unlock the mystery of tacit knowledge and release the power of innovation
	The information society: Conceptions and critique
	Die Einheit der Natur [The unity of nature]
	. Aufbau der Physik [Foundation of physics]
	Von Zeit und Wissen [Time and knowledge]
	Information theory
	Visualizing a discipline: An author co- citation analysis of information science, 1972-1995
	Cybernetics or control and communication in the animal and the machine
	The documentation and special libraries movements in the United STATES, 1910-1960.
	Knowledge and the flow of information
	Philosophical investigations
	The blue and brown books
	An information theoretic measure of term specificity
	Definition
	A theoretical framework for the development of information science
	Content based image retrieval and information theory: A general approach
	Can information be naturalized
	Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator- rede

<p>Cartografia de Controvérsias: conexões entre o conhecimento científico e a disputa sobre a instalação do projeto apolo na Serra do Gandarela</p>	
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory
	A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias na ciência da informação
	Carta Presidente do icmbio Roberto Ricardo Vizentin
	Indicadores Econômicos
	A vale vai até a Bovespa
	Movimento apoia criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela
	Consultas para criar Gandarela atraem centenas de pessoas
	Citizenship Education and Socioscientific Issues: Implicit Concept of Citizenship in the Curriculum, Views of French Middle School Teachers
	Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks
	Diário Oficial do Município
	Fast unfolding of communities in large networks
	Grupo de Trabalho para elaboração de proposta de consenso proteção e conservação da Serra do Gandarela e sua área de abrangência
	Grupo de Trabalho para a discussão das propostas para a região da Serra do Gandarela
	Resolução nº 430/2011
	Proposta de Criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela
	Resolução nº 357/2005
	Banco Interamericano de Desenvolvimento; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
	Resolução CONAMA nº 10/1988
	O Tempo
	"Tatuzão" extinto há 10 mil anos viveu na Serra da Gandarela
	Subsídios para uma prática pedagógica transformadora: contribuições do enfoque CTS
	Importância Ambiental e Estado de Conservação dos Ecossistemas de Cangas no Quadrilátero Ferrífero e Proposta de Áreas-Alvo para a Investigação e Proteção da Biodiversidade em Minas Gerais
	CÓMO un Pueblo argentino lucha contra el gigante Monsanto
	Comissão aprova projeto que dá pensão a vítimas de estupro
	Algumas reflexões sobre a preservação do patrimônio natural e cultural em áreas propensas às

	atividades minerárias
	Relatório anual para o ano fiscal terminado em 31 de dezembro de 2008
	Vale assinou protocolo de investimentos
	Na trilha da criação de valor
	Vale aprova orçamento de investimentos para 2009
	CVRD investirá U\$11 bilhões em 2008
	Estado terá nova mina de US\$ 2,2 bi
	MG detém 67% do minério da Vale
	Extra-classe 221 entrevista prof. Janise dias igc/ufmg
	Tensão no Gandarela
	Mineração, Direito Humano e da Natureza à Água: Estudo sobre o conflito ambiental na Serra do Gandarela
	O município de Raposos (MG) e o problema da barragem de rejeitos da Mina Apolo
	Uma descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura
	Resistência à exploração minerária na Serra do Gandarela
	'No futuro, celular se tornará DJ pessoal'
	Dicionário de Semiótica
	Quem perde
	Dicionário geológico-geomorfológico
	Minas Gerais?
	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
	Contribuição do IBRAM para o zoneamento ecológico econômico e o planejamento ambiental de municípios integrantes da APA-SUL RMBH
	Continuous Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization
	Diversidade dos campos rupestres ferruginosos no Quadrilátero Ferrífero
	The Politics of Public Reason
	JORNAL da Câmara mostra o que foi discutido em audiência pública
	JORNAL da Câmara mostra o que foi discutido em audiência pública. Belo Horizonte, 2013b
	Scientific Literacy for Citizenship: Tools for Dealing with the Science Dimension of Controversial Socioscientific Issues
	Serra do Gandarela: Possibilidade de ampliação das unidades de conservação no Quadrilátero Ferrífero-MG
	Week 7: How to become a citizen in the public life of science and technology?
	Scientific Humanities
	Week 8: Feedback: Bruno on Latour comments your participation in public debates
	Scientific Humanities 2014b
	Jamais Fomos Modernos
	War of the Worlds: What about Peace?

	Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia
	Whose Cosmos, Which Cosmopolitics? Common Knowledge
	Collateral Realities
	After Method
	What's Wrong with a One-World World
	Research on Nature of Science: Reflections on the Past, Anticipations of the Future
	Parque do Gandarela – Consultas Públicas
	Audiências Públicas
	Audiência Pública Mina Apolo - Belo Horizonte
	Trem da Morte
	Objeto, método e alcance desta pesquisa
	Conflitos ambientais na Serra do Gandarela, Quadrilátero Ferrífero - MG: mineração x preservação
	Análise bioestratigráfica, paleoecológica e sedimentológica das bacias terciárias do Gandarela e Fonseca - Quadrilátero Ferrífero - Minas Gerais, com base nos aspectos palinológicos e sedimentares
	Openord: an open-source toolbox for large graph layout
	Dicionário Financeiro
	Termo de Revogação de Declaração
	Diário do Executivo e Legislativo
	Recomendação nº 06/2010
	Conselho Consultivo da APA Sul. Ata da 16ª Reunião Extraordinária
	Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas
	Programa reação: uma análise das contribuições de uma pesquisa colaborativa com professores para a melhoria do ensino de ciências
	Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio
	A Vale vai investir R\$9,5 bi no estado
	Vale vai explorar terras-raras em Minas Gerais
	Vale fará investimentos em Itabira e Nova Lima
	Vale investirá US\$12,9 bilhões em 2010
	Conferência telefônica 1T12
	VALE promove reunião com o mercado de capitais: "A Vale vai até a Bovespa".
	VALE investirá R\$9,5 bi em Minas Gerais
	Espinhaço Range
	Caeté: projeto da Vale S/A deve quadruplicar receita
	Projeto Apolo será decidido em Brasília
	Parque do Gandarela pode sair em outubro
	Definida área de preservação na serra do Gandarela
	The Cosmopolitical Proposal
	Alfabetização científica: uma revisão

	bibliográfica
	Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência – Tecnologia – Sociedade) no contexto da educação brasileira
	Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application
	Vale vai investir R\$ 9,5 bilhões em Minas
	Lei Orgânica do Município de Raposos
	Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Raposos, Lei nº 979/06 de Uso e Ocupação do Solo
	Plano de Manejo da RPPN Santuário do Caraça
	PROJETO de R\$ 4 bi da Vale é vetado
	PREFEITURA administra anúncio de exploração de minério de ferro
	O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania
	Proposta de criação do Parque do Gandarela cede área para a Vale
	Rio Acima tomba a Serra do Gandarela e barra projeto Apolo
	Acima blinda Serra do Gandarela e acelera criação de parque
	Aberta consulta pública para criação de Parque em Minas
	Queda de braço no Gandarela
	Educação científica no ensino fundamental: os limites dos conceitos de cidadania e inclusão veiculados nos PCN
	Parque Nacional da Serra do Gandarela ameaçado
	Palavra Ética com Maria Teresa Corujo
	Os Pêssegos da Cornicha
	O Gandarela
	Projeto Apolo e seus impactos
	A Serra
	Gandarela: Serra, água e vida
	Vale não desiste de destruir a Serra do Gandarela
	Boletim 03/2011
	Gandarela tem uma toca de tatu gigante
	Parque Nacional da Serra do Gandarela - Oportunidades de riqueza limpa por toda vida,
	Anastasia, Aécio, FHC e Leo Burguês Recebem Material Sobre Parque Nacional,
	Instituto Chico Mendes Envia Projeto ao Ministério do Meio Ambiente
	Nota à Imprensa e à Sociedade
	Vale S. A. Faz pressão sobre Rio Acima
	As propostas de criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela
	MP denuncia secretário estadual de Meio Ambiente da gestão Anastásia
	Só crescimento econômico?

	Moradores e ongs lutam para preservar a Serra do Gandarela (2)
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
Cartografia das controvérsias na arena pública da corrupção eleitoral no Brasil	
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
	Dez dias em Itaici
	Grito dos excluídos
	Igrejas criticam política econômica
	Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista
	Os jornais do Brasil com maior circulação
	Corrupção e controles democráticos no Brasil
	Rio tem recorde com 758 presos em eleições
	Ficha limpa na gaveta, suja nas eleições
	Pragmatic sociology: a user's guide
	Devassa estimula movimentos pela cidadania do paulistano
	The sociology of critical capacity
	On justification: economies of worth
	Corrupção eleitoral leva 72 prefeitos do país à cassação
	Lei n. 4.737, de 15 de julho de 1965
	. Lei Complementar 64, de 18 de maio de 1990
	Lei ordinária
	Projeto de Lei 6.316, de 2013
	Câmara adia 'ficha suja' para 2010
	Comitê recebe 4 denúncias em 11 dias
	Movimento pretende fiscalizar campanha
	Governo faz 'corrupção eleitoral'
	Candidatos corruptos são punidos?
	La construction des problèmes publics. Définitions de situations dans des arènes publiques
	Qu'est-ce qu'une arène publique? Quelques pistes pour une approche pragmatiste
	Porquoi se mobilise-t-on? Les théories de l'action collective
	L'expérience des problèmes publics
	Corrupção eleitoral
	Argumenter dans un champ de forces
	CNBB quer que Supremo proíba candidatura de "fichas sujas"
	Combatendo a corrupção eleitoral
	Em defesa da Constituição

	The public and its problems
	Quem paga a conta?
	Mobilização social e coprodução do controle: o que sinalizam os processos de construção da Lei da Ficha Limpa e a rede Observatório Social do Brasil
	L'État et la gestion publique territoriale
	Poder Judiciário e competição política: as eleições de 2010 e a lei da ficha limpa
	Campanha da CNBB ataca prática do 'rouba, mas faz'
	Corrupção, democracia e legitimidade
	A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas e prática social
	Iniciativa importante
	Iniciativa popular
	CPI da Corrupção
	O comissariado quer tungar o tronco
	PF indicia candidato do PRN por corrupção
	Câmara decide rever projeto
	Introduction: epistemic communities and international policy coordination
	Corrupção eleitoral é mapeada
	Frente tenta agilizar veto aos 'fichas sujas'
	Experiência militante: histórias das assim chamadas ONGS
	Sociologie de l'action publique
	Turning around politics: a note on Gerard de Vries' paper
	Course: scientific humanities
	Enjeux, controverses et tendances de l'analyse des politiques publiques.
	Ficha Limpa
	Notas sobre as políticas de saúde no Brasil de "Transição Democrática" – anos 80
	Com Dirceu e Genoino, PT debate ação anticorrupção
	OAB pede a Renan o fim de doações privadas
	Pressão para plebiscito
	O princípio da participação social na gestão de políticas públicas locais: uma análise de experiências latino-americanas e europeias
	Civil Society and Social Innovation in Public Arenas in Brazil: Trajectory and Experience of the Movement Against Electoral Corruption (MCCE)
	Vereador é condenado por corrupção eleitoral
	Justiça faz comício pró-conscientização
	Ficha-Suja Top 10
	Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil
	Financiamento público e corrupção
	Accountability: já podemos traduzi-la para o português?
	Reforma política democrática

	Eleitor vota às cegas
	Manifestações, Ficha Limpa e Reforma Política
	PT no purgatório: ambivalência eleitoral no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010
	Organizações da sociedade civil que atuam no combate à corrupção no Brasil
	Corrupção e accountability no Brasil: um olhar a partir das organizações da sociedade civil
	Entidades querem impedir candidaturas
	TSE quer tornar públicas 'fichas sujas' de candidatos
	Plano de fuga
	Desde 2000, 623 políticos foram cassados no país
	A compra de votos: uma observação empírica
	'Ficha limpa' ficará para 2012, diz deputado
	Tucano quer promover ampla reforma política
	Designing controversies and their publics
	Building on faults: how to represent controversies with digital methods
Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory	
	Cartografia de Controvérsias: conexões entre o conhecimento científico e a disputa sobre a instalação do projeto apolo na Serra do Gandarela
	Cartografia das controvérsias na arena pública da corrupção eleitoral no Brasil
	Das redes sociotécnicas à cartografia de controvérsias na educação
	Do mal-entendido promissor à multiplicação de vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma cartografia de organizações da sociedade civil
	A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias na ciência da informação
	Cartografia das controvérsias: o uso da metodologia para o estudo de conflitos na ead
	Knowledge and Social Imagery
	"Pour une sociologie des controverses technologiques"
	Alguns Elementos de uma Sociologia da Tradução: Domesticação das Vieiras e dos Pescadores de St. Briec Bay
	Sociedade em formação: o estudo da tecnologia como ferramenta para a análise sociológica
	A Construção Social de Sistemas Tecnológicos
	"Humains, não-humains: moral de coexistência"
	O Golem: O que todo mundo deveria saber sobre a ciência
	O Golem em geral: o que você deve saber sobre a tecnologia

	Deteção e visualização de documentos de documentos web
	Gaivotas do mar, borboletas e gafanhotos: uma breve história do efeito da borboleta em não-linear Dynamics
	Survivre au développement
	A Esperança de Pandora: Ensaio sobre a Realidade dos Estudos da Ciência
	Sobre Recordando ANT
	Sobre o uso da ANT para o estudo de sistemas de informação: um diálogo (um pouco) socrático
	Como falar sobre o corpo? A Dimensão Normativa dos Estudos da Ciência
	Cujo Cosmos, Que cosmopolítica? Comentários sobre os Termos de Paz de Ulrich Beck
	Política da Natureza
	Remontando o Social: Uma Introdução à Actor-Network-Theory
	Tecnologia e Engenharia Heterogênea: O Caso da Expansão Portuguesa
	A Construção Social dos Sistemas Tecnológicos
	After Method: Mess em Pesquisa em Ciências Sociais
	Actor Network Theory e After
	O Desafio da Cientometria: O Desenvolvimento, Medição e Auto-organização de Comunicações Científicas
	Medindo o Significado das Palavras em Contextos: Uma Análise Automatizada de Controvérsias sobre Borboletas Monarcas
	Pólen Transgênico Prejudica as Larvas Monarcas
	O Fluxo do Conhecimento Científico do Laboratório para o Público Leigo: O Caso de Alimentos Geneticamente Modificados
	Acordo de Consórcio Macospol
	Receita para Tracing the Fate of Issues e seus públicos na Web
	Três anos depois: milho geneticamente modificado e a controvérsia da borboleta monarca
	Pesquisando Controvérsias Científicas: A Perspectiva S & TS
	Controvérsia Científica e Democracia
	A invenção da ciência moderna
	Opera Aperta: Wikipedia e l'alalità secundaria
	Terminator controterminator
	Mal-entendidos Incompreendidos: Identidades Sociais e Captação Pública da Ciência
Das redes sociotécnicas à cartografia de controvérsias na educação	
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory

	Why Map Issues? On Controversy Analysis as a Digital Method. Science, Technology & Human Values
	Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica
	A comunicação das coisas: Teoria Ator-rede e cibercultura a comunicação das coisas: Teoria Ator-rede e cibercultura
	One, two, three, many! Or...?
	Métodos digitais para a visualização de dados na cartografia de controvérsias: uma gramática possível?
	Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos passando pelos gerenciamentos econômicos
	Formação de Mediadores e Temas Controversos nos Museus
	As ontologias de um desastre ambiental: um estudo sobre uma controvérsia instaurada em uma licenciatura no campo
	Redes sociotécnicas e controvérsias na redação de notícias por robôs
	Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia
	Actor-Network Theory in Education
	Complexidade e controvérsias na educação a distância: a implantação da modalidade na USP
	Becoming qualitative researchers: an introduction. Boston: Pearson
	Mapping 'the ANT multiple': A comparative, critical and reflexive analysis
	Objectual practice
	Changer de société, refaire de la sociologie
	Naturalistic inquiry
	Do objects dream of an internet of things?
	Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede
	Introduction to the Philosophies of Research and criticism in Education and the Social Sciences
	Teoria Ator-Rede, Design de Ambientes e Feira de Artesanato: ambientes da feira de artesanato da Associação Artes da Terra em Itajubá/MG.
	Apenas siga as mediações: desafios da Cartografia de Controvérsias entre a Teoria Ator-Rede e as mídias digitais
	Practice and post-humanism: social theory and a history of agency
	A new societist social ontology
	The Practice Turn in Contemporary Theory
	Metodologia do trabalho científico
	Social Network Analysis
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
	Building on faults: how to represent controversies with digital methods

Do mal-entendido promissor à multiplicação de vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma cartografia de organizações da sociedade civil	
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora
	Jamais Fomos Modernos
	História. A arte de inventar o passado
	Cartografar é acompanhar processos
	Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie de l'authenticité.
	Se falássemos um pouco de política?
	Reensamblar lo social – Una introducción a la teoría del actor-red.
	After method: mess in social science research
	A Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas
	Pesquisarcom: Política ontológica e deficiência visual
	Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual
	O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou? Uma cartografia da atuação de Organizações da Sociedade Civil no fortalecimento da democracia
	Um estado para a sociedade civil. Temas éticos e políticos da gestão democrática
	Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade
	As redes na atualidade: refletindo sobre a produção de conhecimento.
	Sobre redes e controvérsias: ferramentas para compor cartografias psicossociais
	Da utopia à construção de práticas psicológicas no campo da assistência social ou da psicologia no encontro com o outro
	Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo
	Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado
	Pesquisa de campo de psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista
	Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes
	L'invention des sciences modernes
A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias na ciência da informação	
	O Conceito de informação.
	Cartografia de Controvérsias: conexões entre o conhecimento científico e a disputa sobre a

	instalação do projeto apolo na Serra do Gandarela
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory
	Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-rede
	Educação científica em ação: a cartografia de controvérsias como prática de cidadania técnico-científica
	Software livre e controvérsias tecnocientíficas: uma análise sociotécnica no Brasil e em Portugal
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora
	Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. Informática na educação: teoria e prática
	Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity
	Uma investigação sobre a autoria de dados científicos: teias de uma rede em construção
	Why Map Issues? On Controversy Analysis as a Digital Method. Science, Technology & Human Values
	Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial
	Ciência, Tecnologia e Sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio
	Teoria Ator-Rede em Estudos Organizacionais: Encontrando Caminhos via Cartografia de Controvérsias
	Arte computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena
	Por uma cartografia de controvérsias culturais – o caso dos rolezinhos
	The economics of information
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
	Building on faults: how to represent controversies with digital methods
Ações, Rastros e Controvérsias On-line/Offline: possibilidades metodológicas a partir da Teoria Ator-rede	
	Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-rede
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora
	Cognição e Mediação Técnica: passagem analógico-digital da recepção de TV sob a ótica da Teoria ator-rede.
	Recepção transmidiática: incursões pela Teoria Ator-rede
	A Galaxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.
	Cultura da Convergência
	Emergência: a dinâmica de rede de formigas, cérebros, cidades e softwares

	Playing With Power in Movies, Television, and Video Games: from Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles
	Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica
	Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede
	A comunicação das coisas: Teoria Ator-rede e cibercultura comunicação das coisas: Teoria Ator-rede e cibercultura
	A comunicação das coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia
	Uma agenda metodológica para a recepção transmidiática da ficção televisiva
	Redes Sociais na Internet
	A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e as redes sociais na internet
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-rede	
	O Conceito de informação.
	A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias na ciência da informação
	Ações, rastros e controvérsias <i>on-line/</i> offline: possibilidades metodológicas a partir da teoria ator-rede
	Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator- rede
	Philosophical papers
	The end of theory: the data deluge makes the scientific method obsolete
	Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas
	Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital
	O Moisés de Michelângelo. Obras Completas
	Mitos, emblemas, sinais
	Changer de société, refaire la sociologie
	On Technical Mediation: Philosophy, Sociology and Genealogy). Common Knowledge
	Por uma antropologia do centro
	Actor Network and After
	O conceito de rede na filosofia mestiça
	O contrato natural
	Le tissu social: traces numériques et méthodes quali-quantitatives
	The economics of information
Cartografia das controvérsias: o uso da metodologia para o estudo de conflitos na EAD	
	Diving in magma: how to explore controversies

	with actor-network theory
	Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks
	Social Network Analysis
	Linked: How Everything is Connected to Everything Else and What It Means for Business, Science, and Everyday Life
	Análise de Redes Sociais para Inteligência Corporativa usando Gephi
	A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede
	Mapping the Digital Terrain: New Media and Social Software as Catalysts for Pedagogical Change
	Proceedings Ascilite
	A learning theory for the digital age
	Building on faults: how to represent controversies with digital methods

Fonte: autoria própria.

No próximo quadro, referente aos textos ligados à psicologia, fizemos a opção de elencar os anos de publicação e os autores dos textos. Fizemos essa opção em função de estarmos trabalhando nesses itens com autores de nossa área, sendo assim, esse tipo de informação se torna mais pertinente.

Quadro 39 - Textos seleccionados a partir das palavras-chave: cartografia, controvérsias, ator-rede e

Textos com referência a Psicologia			
Obras	Referências	ano	Autor
Seguindo a Teoria Ator-rede em ação: primeiros apontamentos para uma cartografia de controvérsias		017	Jéssica da Silva David, UFRJ; Irme Salete Bonamigo, UNOCHAPECÓ; Maisa Rocha de Carvalho, UFRJ; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, UFRJ
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora	000	LATOUR, B
	Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede	012	LATOUR, B
	After method. Mess in social science research	004	LAW, J
	Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia	995	DELEUZE, G. e GUATTARI, F

psicologia.

Do mal-entendido promissor à multiplicação de vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma cartografia de organizações da sociedade civil		015	Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, Mariana de Castro Moreira
	História. A arte de inventar o passado	007	Albuquerque, D
	Cartografar é acompanhar processos	010	Barros, L., & Kastrup, V
	Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie de l'authenticité.	999	Despret, V.
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora	999	Latour, B.
	Jamais fomos modernos	994	Latour, B
	Se falássemos um pouco de política?	004	Latour, B
	Reensamblar lo social – Una introducción a la teoría del actor-red	005	Latour, B.
	After method: mess in social science research.	004	Law, J.
	A Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas	007	Mol, A.
	PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual.	010	Moraes, M.
	Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual	010	Moraes, M., & Kastrup, V
	O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou? Uma cartografia da atuação de Organizações da Sociedade Civil no fortalecimento da democracia	014	Moreira, M.
	Um estado para a sociedade civil. Temas éticos e políticos da gestão democrática	011	Nogueira, M. A.
	Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.	010	Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L.
	As redes na atualidade: refletindo sobre a produção de conhecimento	003	Pedro, R. M. L. R.
	Sobre redes e controvérsias: ferramentas para compor cartografias psicossociais	010	Pedro, R. M. L. R.
	Da utopia à construção de práticas psicológicas no campo da assistência social ou da psicologia no encontro com o outro	013	Pedro, R. M. L. R., & Moreira, M. C.
	Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do	007	Rolnik, S.

	desejo		
	Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado	006	Santos, B. S.
	Pesquisa de campo de psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista.	003	Spink, P.K.
	Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes	990	I. Stengers,
	L'invention des sciences modernes.	993	Stengers, I
	Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-Network Theory	010	T. Venturini,
TEORIA ATOR-REDE I: CRÍTICAS (À CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS)		013	Leonardo Ferreira
	General Introduction	992	BIJKER, Wiebe E.; LAW, John.
	Perpetuum mobile: substance, force and the sociology of translation	999	BROWN, Steven D.; CAPDEVILA, Rose
	The Life and Death of an Aircraft: A Network Analysis of Technical Change	992	CALLON, Michel; LAW, John
	Que é uma coisa	002	HEIDEGGER, Martin
	Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica	994	LATOUR, Bruno
	On Technical Mediation - Philosophy, Sociology, Genealogy.	994	LATOUR, Bruno
	On recalling	999	LATOUR, Bruno.
	Como prosseguir a tarefa de delinear associações?	006	LATOUR, Bruno.
	Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)	006	LATOUR, Bruno.
	After ANT: complexity, naming and topology	999	LAW, John
	Things (and People) Are The Tools Of Revolution!	011	LAW, John
	A Comunicação das Coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de Radiofrequência em Uniformes Escolares na Bahia		LAW, John
	Do Paradigma ao Cosmograma: Sete Contribuições da Teoria Ator-Rede para a Pesquisa em Comunicação	013	LEMONS, André; HOLANDA, André.
	Como não terminar uma tese: pequeno diálogo entre o estudante e seus colegas (after hours)	006	MARRAS, Stelio
	Follow the verbs! A contribution to the study of the Heidegger-Latour	012	SHIØLIN, Kasper

	connection.		
	Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory	009	VENTURI NI, Tommaso
	Building on faults: how to represent controversies with digital methods.	013	VENTURI NI, Tommaso
O QUE NÓS PSICÓLOGOS PODEMOS APRENDER COM A TEORIA ATOR- REDE?		006	ALEXAND RA CLEOPATRE TSALLIS; ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA; MARCIA OLIVEIRA MORAES; RONALD JACQUES ARENDT
	O que é psicologia?	973	CANGUIL HEM, G
	An interview with B. Latour. The John Hopkins University Press	993	CRAWFO RD, H.
	Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrênia	995	DELEUZE, G. & GUATTARI, F
	Ces émotions que nous fabriquent	999	DESPRET , V
	Epistemologia da Psicologia	970	GRECO, P.
	The promises of constructivism	002	B. LATOUR,
	Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches	002	B. LATOUR,
	A Dialog on ANT.	002	B. LATOUR,
	A Esperança de Pandora	001	B. LATOUR,
	A ciência em ação: como seguir cientistas e engeheiros sociedade afora	000	B. LATOUR,
	Factures/fractures. De la notion de réseaux à celle d'attachement.	000	B. LATOUR,
	On Recalling ANT	999	B. LATOUR,
	Politiques de la nature. Comment faire entre les sciences em démocratie.	999	B. LATOUR,
	Os Filtros da realidade. Separação entre Mente e Matéria domina reflexões acerca do conhecimento	998	B. LATOUR,
	Universalidade em pedaços	998	B. LATOUR,
	As Variedades do científico	997	B. LATOUR,
	Jamais fomos modernos	994	B. LATOUR,
	Give me a laboratory and I will rise a world	992	B. LATOUR,
	The impact of Science Studies		LATOUR,

	on political philosophy	991	B.
	Les "vues" de l' esprit. Une introduction à l' anthropologie des sciences et des techniques	985	B. LATOUR,
	Nous ne sommes pas seuls au monde	001	T NATHAN,
	A comunicação.		M. SERRES,
	Quem tem medo da ciência?	989	S, I. STENGER
Por uma (re)dimensão artefactual da "Psique humana" - Teoria ator-rede e psicologia		018	Idonézia Collodel Benetti; João Paulo Roberti Junior
	O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede?	006	J Arendt, R.
	Enfim: e a tua Psicologia, como é, e para quê?	010	J Arendt, R.
	A summary of a convenient vocabulary of the semiotics for human and nonhum na assemblies	992	Akrich, M.; Latour, B.
	The Social Construction of Facts and Artifacts: or how the sociology of science and sociology of technology might benefit each other	989	Bijker, W.; Pinch, T.
	Anti Latour	999	Bloor, D.
	Conhecimento e Imaginário Social	009	Bloor, D.
	A Teoria Ator-rede como dispositivo teórico-metodológico de análise da produção de violências na contemporaneidade	010	L. S. Bonamigo,
	Prefácio	010	Bruno, F.
	Society in the Making: the study of technology as a tool for sociological analysi	989	Callon, M.
	Teoria Ator-rede e Psicologia	010	Ferreira, A. L., L, L, Moraes, M. Arendt, R.
	Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica	006	Freire, L.
	A estrutura das revoluções científicas.	962	Kuhn, T.
	Factures/Fractures: from de concept of network to the concept of attachm ent	999	Latour, B
	On Recalling ANT	999	Latour, B
	A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos	001	Latour, B
	Le Métier de Chercheur Regard d' unAnthropologue	001	Latour, B
	Reflexão Sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches	002	Latour, B

	Un Monde Pluriel Mais Commun: entretiens avec François Ewald.	003	Latour, B
	Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica	005	Latour, B
	Reagregando o Social: uma introdução á teoria do ator-rede	012	Latour, B
	La Vie de Laboratoire: la production des faits scientifiques	006	Latour, B.; Woolgar, S.
	After ANT: complexity, naming and topology	999	Law, J.
	After Method: mess in social science research.	004	Law, J.
	Traduction/trahison: notes on Ant	006	Law, J.
	A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas	005	Moraes, M.
	Jung e o laboratório da alma: a psicologia analítica examinada pela teoria ator-rede	010	Pereira, H.
	Redes sociotécnicas: hibridismos e multiplicidade de agências na pesquisa da cibercultura	011	Rifiotis, T., Segata, J., Mximo, M.E. & Cruz, F. G.
	Reagregando Social: uma introdução á Teoria Ator-Rede.	012	Segata, J.
	Sobre o Behaviorismo	974	Skinner, B.F.
	O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede?		Tsalis, A.C., Ferreira, A.A.L., Moraes, M. O. & Arendt, R. J.
	Actor-Network Theory	007	Ziemkendorf, M.
Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede		010	Júlio Cesar de Almeida Nobre, Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro
	Considerações sobre os conceitos de recalcitrância e de plasma e sua relação com o conceito de não domínio na obra de Bruno Latour	008	ARENDDT, R
	Redes e Vigilância: Uma experiência de cartografia Psicossocial – estudo de caso no município de Guarujá, São Paulo / BR	008	CASTRO, R. B.
	Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora	000	LATOUR, B
	A Esperança de Pandora	001	LATOUR, B
	Reensamblar Lo Social: una introducción a la teoria del actor-red. Buenos Aires: Manantial	008	LATOUR, B
	Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. Centre for Science Studies, Lancaster University,	006	LAW, J.

	Lancaster LA1 4YN.		
	Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas	007	MOL, A.
	Tecnologias de vigilância: um estudo psicossocial a partir da análise de controvérsias	005	PEDRO, R. M. L. R.
	Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial	008	PEDRO, R. M. L. R.
	A ciência em ação: seguindo Bruno Latour.	001	TEIXEIRA, M.
	controvérsia sobre o uso de alimentação alternativa no combate à subnutrição no Brasil	002	VELHO, L.; VELHO, P. A.

Fonte: autoria própria.

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO: O QUE OS ALUNOS TÊM PARA CONTAR SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE SEUS CURSOS PARA A VIRTUALIDADE?

Psicologia e Virtualidade: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação pelos psicólogos brasileiros.

O que os alunos tem para contar sobre o processo de transição de seus cursos para a virtualidade?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa “Psicologia e Virtualidade: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação pelos psicólogos brasileiros.” Sua contribuição em relação ao tema "o que os alunos têm para contar sobre o processo de transição de seus cursos para a virtualidade?" vai ser muito importante. Este questionário tem como objetivo ajudar a compreender as diferenças e semelhanças vividas em suas experiências com cursos presenciais e com cursos realizados através de TICs.

Cada vez mais vivemos em uma sociedade conectada por mediação de dispositivos tecnológicos que modificam nossas práticas profissionais, precisamos compreender os limites, as possibilidades e as transformações performadas por esses dispositivos. Portanto, convidamos pessoas, como você, que viveram seus processos de transição do ensino presencial para o virtual, no contexto da pandemia de COVID-19, a colaborar com nossa investigação. A sua participação consiste em responder a um questionário *on-line* que terá seu início a partir de sua concordância em participar de nossa pesquisa. Garantimos o anonimato e o sigilo das informações.

Os riscos, de ocorrência de algum tipo de prejuízo para o participante, em função do contato com as questões presentes neste instrumento de pesquisa, são mínimos. Estamos realizando essa pesquisa, para auxiliar no desenvolvimento de nossa tese de doutorado junto PPGHCTE – UFRJ O responsável por este questionário é o Psicólogo Marcelo Pinheiro da Silva CRP 05/16.499

A qualquer momento você poderá retirar seu consentimento sem prejuízos à pesquisa. Caso precise de auxílio, fazer considerações ou tirar dúvidas referentes à pesquisa entre em contato pelo e-mail marcelopinheiro@hcte.ufrj.br ou telefone (21) 99941-6007.

Nome do curso:

Nível do curso?

1. Ensino fundamental 1
2. Ensino fundamental 2
3. Ensino médio
4. Graduação
5. Extensão
6. Pós-Graduação (formação ou especialização)

Área profissional:

1. Psicologia
2. Outras

Instituição na qual o curso foi ou está sendo realizado?

1. IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e atendimento Familiar.
2. Outras instituições

A partir da migração para a virtualidade suas aulas passaram a acontecer de forma:

1. Síncrona (Aula realizadas em tempo real, ao vivo)
2. Assíncrona através de vídeo aulas (você assiste às aulas previamente gravadas pelos professores)
3. Híbrido, parte síncrona e parte assíncrona
4. outras

Em relação ao seu aprendizado você identificou:

1. Um decréscimo em minha possibilidade de aprender
2. Meu aprendizado não foi prejudicado, não percebe diferenças na qualidade do ensino.
3. Pude aprender melhor dentro deste novo contexto, com as novas experiências.
4. Outras opções

Caso tenha ocorrido, a que você atribui o decréscimo de suas possibilidades de aprendizado?

A que você atribui os ganhos em sua possibilidade de aprendizado?

Ao término da pandemia você pretende ou não voltar ao ensino presencial?

1. Sim
2. Não

Por que?

Principais pontos positivos que você encontrou no ensino à distância?

Principais pontos negativos que você encontrou no ensino à distância?

**APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO: PSICOLOGIA E VIRTUALIDADE:
ACOMPANHANDO O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DAS
TRANSFORMAÇÕES NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PELOS PSICÓLOGOS BRASILEIROS**

Termo de consentimento:

Psicologia e Virtualidade: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação pelos psicólogos brasileiros.

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa “Psicologia e Virtualidade: acompanhando o processo de apropriação das transformações nas tecnologias de informação e comunicação pelos psicólogos brasileiros.”, em relação ao tema o que os alunos têm para contar sobre o processo de transição de seus cursos para a virtualidade? Este item tem como objetivo realizar estudos que ajudem a compreender as diferenças e semelhanças em sua experiência de seu curso no contexto da pandemia de COVID-19. Cada vez mais vivemos em uma sociedade conectada por mediação de dispositivos tecnológicos que modificam nossas práticas profissionais, precisamos compreender os limites, as possibilidades e as transformações performadas por esses dispositivos.

Portanto, convidamos pessoas, como você, que viveram seus processos de transição do ensino presencial para o virtual a colaborar com nossa investigação. A sua participação consiste em responder a um questionário *on-line* que terá seu início a partir de sua concordância em participar de nossa pesquisa. Garantimos o anonimato e o sigilo das informações.

Estamos realizando essa pesquisa, para auxiliar no desenvolvimento de nossa tese de doutorado junto PPGHCTE – UFRJ O responsável por este questionário é o Psicólogo Marcelo Pinheiro da Silva CRP 05/16.499

A qualquer momento você poderá retirar seu consentimento sem prejuízos à pesquisa. Caso precise de auxílio, considerações ou dúvidas referentes à pesquisa podem ser esclarecidas pelo e-mail marcelopinheiro@hcte.ufrj.br ou telefone (21) 99941-6007.

*Obrigatório

Declaro que compreendi os objetivos e procedimentos da pesquisa e concordo em participar. *
Concordo em participar

Não concordo em participar

Questionário:

Nome:

Data de nascimento

E-mail:

Gênero:

1. Masculino
2. Feminino
3. Outros

Trabalha como psicólogo clínico há quantos anos?

1. Menos de 1 ano
2. Entre 1 e 5 anos
3. Entre 5 e 10 anos
4. Entre 10 e 20 anos
5. Entre 20 e 30 anos
6. Mais de 30 anos

Com que abordagem psicológica você mais se identifica?

1. Centrada na pessoa
2. Fenomenológico existencial
3. Gestalt-Terapia
4. Existencial Humanista
5. Junguiana
6. Psicanálise
7. Reichiana
8. TCC
9. Outras

Qual é a sua instituição formadora, se houver (Formação, especialização, etc.)?

1. IGT- Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar
2. Não fiz curso de especialização ou formação
3. Outra

Já atendia *on-line* antes da pandemia Covid-19?

1. Sim, cotidianamente
2. Sim, esporadicamente
3. Não
4. Outra opção

Qual era sua visão em relação ao atendimento através de TICs antes do isolamento social?

1. Seria uma prática inadequada
2. Seria uma prática pouco interessante
3. Seria uma prática interessante
4. Outras opções

Qual é a sua visão em relação ao atendimento através de TICs atualmente?

1. Seria uma prática inadequada
2. Seria uma prática pouco interessante
3. Seria uma prática interessante
4. Outras opções

Caso sua visão em relação ao atendimento através de TICs tenha se modificado, o que você identificou, em sua prática *on-line*, que possa ter gerado essa mudança?

Em que se baseava sua visão anterior?

Como você realiza seus atendimentos?

- 4 De forma síncrona
- 5 De forma síncrona e assíncrona
- 6 De forma assíncrona
- 7 Outras opções

Que aplicativos você utiliza para realizar seus atendimentos?

1. Skype
2. Zoom
3. Whatsapp
4. Whereby
5. Google Meet
6. Telefone
7. Outros

Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender através de TICs?

1. Menores de 5 anos
2. Entre 5 e 10 anos
3. Entre 10 e 20 anos
4. Entre 20 e 30 anos
5. Entre 30 e 50 anos
6. Entre 50 e 80 anos
7. Com mais de 80 anos

Que faixa etária de clientes você se acha capaz de atender em consultório presencial?

1. Menores de 5 anos
2. Entre 5 e 10 anos
3. Entre 10 e 20 anos
4. Entre 20 e 30 anos
5. Entre 30 e 50 anos
6. Entre 50 e 80 anos
7. Com mais de 80 anos

Quanto à intensidade emocional da experiência clínica através de TICs, você identifica que o encontro terapeuta-cliente se dá predominantemente:

1. de forma menos intensa e mais superficial.
2. de forma tão intensa e profunda quanto no atendimento presencial.
3. de forma mais intensa e profunda do que no atendimento presencial.
4. Outra opção

Como você vê o atendimento a crianças através de TICs?

Quais foram os principais ensinamentos que a experiência do atendimento *on-line* durante o período de isolamento social trouxe para você?

ANEXO 1 - RESOLUÇÃO CFP N° 002/95**RESOLUÇÃO CFP N° 002/95**

DE 20/02/95

Dispõe sobre prestação de serviços psicológicos por telefone

O **CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO análise efetivada pela Câmara de Orientação e Fiscalização sobre anúncios publicados em jornais relativos a serviços tais como Tele-Ajuda, Tele-Aconselhamento e similares;

CONSIDERANDO que a matéria tem sido objeto de consultas a este Conselho Federal;

CONSIDERANDO finalmente que é atribuição do Conselho Federal de Psicologia orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de psicólogo;

RESOLVE:

Art. 1º - Incluir a alínea "o" no Art. 02 do Código de Ética Profissional do Psicólogo, Resolução CFP 002/87 de 15 de agosto de 1987 com a seguinte redação:

Art.02 - Ao Psicólogo é vedado:

1º) prestar serviços ou mesmo vincular seu título de Psicólogo a serviços de atendimento psicológico via telefônica".

Art. 2º - Caberá aos Conselhos Regionais fiscalizar, junto à categoria, a observância do disposto na presente resolução.

Art. 3º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.,

Brasília (DF), 20 de fevereiro 1995

ANEXO 2 - RESOLUÇÃO CFP Nº 003/2000**Regulamenta o atendimento psicoterapêutico
mediado por computador.**

O **CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais,

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, o psicólogo só pode prestar serviços psicológicos em condições de trabalho eficientes, de acordo com os princípios e técnicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, o psicólogo deve em seus atendimentos garantir condições ambientais adequadas à segurança e à privacidade que garantam o sigilo profissional; considerando o artigo 25 do Código de Ética Profissional do Psicólogo que dispõe sobre o uso de meios eletrônicos; considerando, ainda, o artigo 30 do Código de Ética Profissional do Psicólogo, que dispõe sobre a realização de estudos e pesquisas no âmbito da Psicologia;

CONSIDERANDO o princípio fundamental do Código de Ética Profissional do Psicólogo de que o profissional deve estar a par dos estudos e pesquisas mais atuais de sua área, contribuindo para o seu progresso, bem como deve conhecer as pesquisas de ciências afins; considerando as resoluções do CFP no. 10/97 e 11/97 que dispõem, respectivamente, sobre critérios para divulgação, publicidade e exercício profissional do psicólogo, associados a práticas que não estejam de acordo com os critérios científicos estabelecidos no campo da Psicologia e sobre a realização de pesquisas com métodos e técnicas não reconhecidas pela Psicologia;

CONSIDERANDO que os efeitos do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador que ainda não são suficientemente conhecidos nem comprovados cientificamente podem trazer riscos aos usuários;

CONSIDERANDO que ainda não há formação específica para os psicólogos nesse campo de conhecimentos;

CONSIDERANDO a decisão deste plenário nesta data;

RESOLVE:

Art. 1º. O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado no exercício profissional, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

IV - Faça parte de projeto de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la, e resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia para pesquisas com seres humanos em Psicologia;

V - Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

VI - O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la;

VII - O psicólogo pesquisador não receba, a qualquer título, honorários da população pesquisada; sendo também vedada qualquer forma de remuneração do usuário pesquisado;

VIII - O usuário atendido na pesquisa dê seu consentimento e declare expressamente, em formulário em que conste o texto integral desta Resolução, ter conhecimento do caráter experimental do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, e dos riscos relativos à privacidade das comunicações inerentes ao meio utilizado;

IX - Esteja garantido que o usuário possa a qualquer momento desistir de participar da pesquisa, retirando a autorização, impedindo que seus dados até então recolhidos sejam utilizados na pesquisa;

X - Quando da publicação de resultados de pesquisa, seja mantido o sigilo sobre a identidade do usuário e evitados indícios que possam identificá-lo;

XI - O psicólogo pesquisador se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia disponibilizadas pelo CFP, no site oficial do Conselho Federal de Psicologia.

XII- O psicólogo pesquisador deverá informar imediatamente a todos os usuários envolvidos na pesquisa, toda e qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados.

Art. 2º. O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador depende da ampla divulgação dos resultados e reconhecimento da comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.

Art. 3º. Os psicólogos, ao se manifestarem sobre o atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, em pronunciamentos públicos de qualquer tipo, nos meios de comunicação de massa ou na Internet, devem explicitar a natureza experimental desse tipo de prática, e devem explicitar que como tal não pode haver cobrança de honorários.

Art. 4º. Essas disposições são válidas para todas as formas de atendimento psicoterapêutico mediado por computador realizado por psicólogo, independente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, ou quaisquer termos que designem abordagem psicoterapêutica pela Internet, tais como psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise, e outras já existentes ou que venham a ser inventadas. São também igualmente válidas quando a mediação computacional não é evidente, como o acesso à Internet por meio de televisão a cabo, ou em aparelhos conjugados ou híbridos, bem como em outras formas possíveis de interação mediada por computador, que possam vir a ser implementadas.

Art. 5º. São reconhecidos os serviços psicológicos mediados por

computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivo-sexual, desde que pontuais e informativos, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia escolar, orientação ergonômica, consultorias a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes informatizados devidamente validados, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada, e outros, desde que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo e nesta Resolução, e garantidas as seguintes condições:

III - Quando esses serviços forem prestados utilizando-se recursos de comunicação on line de acesso público, de tipo Internet ou similar, os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente, a ser desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia. Os selos, números ou outros tipos de certificados eletrônicos conferidos trarão a identificação do ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. As hiperligações ou remissões automáticas dos certificados eletrônicos concedidos deverão necessariamente remeter à página do site do Conselho Federal de Psicologia que conterá o texto integral desta Resolução e também os números de cadastro ou sites que estejam em situação regular, e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

IV- Para efeito do disposto acima o psicólogo responsável técnico pelo serviço dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia no qual esteja inscrito, preferencialmente por via on line no site do respectivo Conselho, prestando as informações padronizadas solicitadas em formulário a respeito da natureza dos serviços prestados, qualificação dos responsáveis e endereço eletrônico, e receberá automaticamente uma certificação eletrônica do tipo adequado que deverá ser incluída visivelmente em suas comunicações por meio eletrônico durante a prestação dos serviços validados. O procedimento de cadastro e concessão de certificado eletrônico será sempre gratuito.

V - Os Conselhos Regionais se comprometem a avaliar os dados enviados para a aquisição de certificação, e os utilizará para constante verificação e fiscalização dos serviços oferecidos pelos psicólogos por comunicação mediada pelo computador a distância. Na detecção de qualquer irregularidade nos serviços prestados, o Conselho Regional de Psicologia efetuará os procedimentos costumeiros de orientação e controle ético.

VI - O cadastramento eletrônico deverá ser atualizado periodicamente junto ao Conselho Regional de Psicologia, de preferência de forma automática. Essa reatualização deverá ser sempre gratuita, e o novo certificado conferido trará o ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. Os serviços em situação irregular não receberão a revalidação do cadastramento.

Art. 6º. As pesquisas realizadas sobre atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador deverão ser identificadas com certificado eletrônico próprio para pesquisa, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia, na forma de selo, número com hiperligação ou equivalente, a ser incluído visivelmente nos meios em que são realizadas, como sites e páginas de

Internet e equivalentes.

I - Para efeito do disposto acima, o psicólogo responsável pela pesquisa dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia, com protocolo em que detalha a pesquisa da forma padronizada recomendada pelo Conselho Federal de Psicologia e pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e após análise e constatada a regularidade da pesquisa, será concedida a certificação eletrônica, devendo o psicólogo notificar ao Conselho toda eventual mudança de endereços eletrônicos e de formatação da pesquisa realizada.

II - A hiperligação nos selos, números ou outra forma de certificado eletrônico deverá remeter ao site do Conselho Federal de Psicologia ou Conselho Regional de Psicologia onde conste o texto integral desta Resolução e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

Art. 7º. Durante os 5 (cinco) primeiros anos, a contar da data de publicação desta Resolução, será mantida, pelos Conselhos, Comissão Nacional de validação, acompanhamento e fiscalização dos sites.

Art. 8º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º. Ficam revogadas as disposições em contrário.

Brasília (DF), 25 de setembro de
2.000

**ANA MERCÊS BAHIA
BOCK**

Conselheira – Presidente

ANEXO 3 - RESOLUÇÃO CFP N° 012/2005

RESOLUÇÃO CFP N° 012/2005

Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 003/2000.

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais,

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo é dever do psicólogo prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimento e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional;

CONSIDERANDO o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo sobre a realização de estudos e pesquisas no âmbito da Psicologia;

CONSIDERANDO o princípio fundamental do Código de Ética Profissional do Psicólogo que determina que o psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática;

CONSIDERANDO as Resoluções do CFP n°. 10/97 e 11/97 que dispõem, respectivamente, sobre critérios para divulgação, publicidade e exercício profissional do psicólogo, associados a práticas que não estejam de acordo com os critérios científicos estabelecidos no campo da Psicologia e sobre a realização de pesquisas com métodos e técnicas não reconhecidas pela Psicologia;

CONSIDERANDO que os efeitos do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador ainda não são suficientemente conhecidos nem comprovados cientificamente e podem trazer riscos aos usuários;

CONSIDERANDO o encaminhamento do V CNP – Congresso

Nacional da Psicologia – de que o Sistema Conselhos de Psicologia deve continuar e aprimorar a validação de *sites* que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa;

CONSIDERANDO a importância de atestar para a sociedade os serviços psicológicos que possuam respaldo técnico e ético;

CONSIDERANDO a decisão deste Plenário em 13 de agosto de 2005; RESOLVE:

CAPÍTULO I - DO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO

Art. 1º. O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado em caráter experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I - Faça parte de projeto de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la, e resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia para pesquisas com seres humanos em Psicologia;

II - Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

III - O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la;

IV - O psicólogo pesquisador não receba, a qualquer título, honorários da população pesquisada; sendo também vedada qualquer forma de remuneração do usuário pesquisado;

V - O usuário atendido na pesquisa dê seu consentimento e declare expressamente, em formulário em que conste o texto integral desta Resolução, ter conhecimento do caráter experimental do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, e dos riscos relativos à privacidade das comunicações inerentes ao meio utilizado;

VI - Esteja garantido que o usuário possa a qualquer momento desistir de participar da pesquisa, retirando a autorização, impedindo que seus dados até então recolhidos sejam utilizados na pesquisa;

VII - Quando da publicação de resultados de pesquisa, seja mantido o sigilo sobre a identidade do usuário e evitados indícios que possam identificá-lo;

VIII - O psicólogo pesquisador se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia reconhecidas internacionalmente;

IX - O psicólogo pesquisador deverá informar imediatamente a todos os usuários envolvidos na pesquisa, toda e qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados.

Art. 2º. O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador depende da ampla divulgação dos resultados e reconhecimento da comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.

Art. 3º. Os psicólogos, ao se manifestarem sobre o atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, em pronunciamentos públicos de qualquer tipo, nos meios de comunicação de massa ou na Internet, devem explicitar a natureza experimental desse tipo de prática, e que como tal, não pode haver cobrança de honorários.

Art. 4º. As disposições constantes na presente Resolução são válidas para todas as formas de atendimento psicoterapêutico mediado por computador realizado por psicólogo, independente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, ou quaisquer termos que designem abordagem psicoterapêutica pela Internet, tais como psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise, e outras já existentes ou que venham a ser inventadas. São também igualmente válidas quando a mediação computacional não é evidente, como o acesso à Internet por meio de televisão a cabo, ou em aparelhos conjugados ou híbridos, bem como em outras formas possíveis de interação mediada por computador, que possam vir a ser implementadas.

Art. 5º. As pesquisas realizadas sobre atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador deverão ser identificadas com certificado eletrônico próprio para pesquisa, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia, na forma de selo, número com hiperligação ou equivalente, a ser incluído visivelmente nos meios em que são realizadas, como sites e páginas de Internet e equivalentes.

I - Para efeito do disposto acima, o psicólogo responsável pela pesquisa, que esteja regularmente inscrito em Conselho Regional de Psicologia e em pleno gozo de seus direitos, dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia via site www.cfp.org.br/selo, com protocolo em que detalha a pesquisa da forma padronizada recomendada pelo Conselho Federal de Psicologia e pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e após análise e constatada a regularidade da pesquisa, será concedida a certificação eletrônica, devendo o psicólogo notificar ao Conselho Regional de Psicologia toda eventual mudança de endereços eletrônicos e de formatação da pesquisa realizada.

II - A hiperligação nos selos, números ou outra forma de certificado eletrônico deverá remeter ao site do Conselho Federal de Psicologia ou Conselho Regional de Psicologia onde conste o texto integral desta Resolução e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

CAPÍTULO II - DOS DEMAIS SERVIÇOS PSICOLÓGICOS

Art. 6º. São reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivo- sexual, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia escolar, orientação ergonômica, consultorias a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes psicológicos informatizados com avaliação favorável de acordo com Resolução CFP N° 002/03, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada, e outros, desde que pontuais e informativos e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo e nesta Resolução, sendo garantidas as seguintes condições:

I - Quando esses serviços forem prestados utilizando-se recursos de comunicação *on line* de acesso público, de tipo Internet ou similar, os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia. Os selos, números ou outros tipos de certificados eletrônicos conferidos trarão a identificação do ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. As hiperligações ou remissões automáticas dos certificados eletrônicos concedidos deverão necessariamente remeter à página do site do Conselho Federal de Psicologia que conterà o texto integral desta Resolução e também os números de cadastro ou sites que estejam em situação regular, e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

II – Para efeito do disposto acima o psicólogo responsável técnico pelo serviço, que esteja regularmente inscrito em Conselho Regional de Psicologia e em pleno gozo de seus direitos, dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia via site www.cfp.org.br/selo, prestando as informações padronizadas solicitadas em formulário a respeito da natureza dos serviços prestados, qualificação dos responsáveis e endereço eletrônico, e receberá certificação eletrônica do tipo adequado que deverá ser incluída visivelmente em suas comunicações por meio eletrônico durante a prestação dos serviços validados. O procedimento de cadastro e concessão de certificado eletrônico será sempre gratuito.

III – A Comissão Nacional de Credenciamento de Sites avaliará os dados enviados para a aquisição de certificação, e encaminhará parecer a ser julgado na Plenária do Conselho Regional de Psicologia em que o psicólogo requerente está inscrito.

IV – Da decisão do Conselho Regional de Psicologia caberá recurso voluntário ao Conselho Federal de Psicologia.

V – O Conselho Regional de Psicologia utilizará os dados enviados pelo requerente para verificar e fiscalizar os serviços oferecidos pelos psicólogos por comunicação mediada pelo computador a distância. Na detecção de qualquer irregularidade nos serviços prestados, o Conselho Regional de Psicologia efetuará os procedimentos costumeiros de orientação e controle ético.

VI - O cadastramento eletrônico deverá ser atualizado anualmente junto ao Conselho Regional de Psicologia via site www.cfp.org.br/selo. Essa reatualização deverá ser sempre gratuita, e o novo certificado conferido trará a data de sua concessão e prazo de validade. Os serviços em situação irregular não

receberão a revalidação do cadastramento.

VII – O psicólogo responsável pelo site deverá informar ao Conselho Regional de Psicologia, via site www.cfp.org.br/selo alterações no serviço psicológico prestado.

Art. 7º. Caso o Sistema Conselhos de Psicologia identifique, a qualquer tempo, irregularidades no site que firam o disposto nesta Resolução, no Código de Ética Profissional do Psicólogo e na legislação profissional vigente estará configurada falta ética e o site será descredenciado.

Art. 8º. É permitido aos psicólogos que prestam os serviços indicados no Art. 6º desta Resolução a cobrança de honorários desde que se respeite o Art. 20 do Código de Ética Profissional do Psicólogo que veda a utilização do preço como forma de propaganda.

Parágrafo Único - Caso o psicólogo queria prestar um serviço gratuito, o mesmo deverá seguir o padrão de qualidade e rigor técnico que trata essa Resolução sendo necessário seu credenciamento.

Art. 9º Será mantida, pelo Sistema Conselhos de Psicologia, Comissão Nacional de Credenciamento de Sites que além da avaliação dos sites, apresentará sugestões para o aprimoramento dos procedimentos e critérios envolvidos nesta tarefa e subsidiará o Sistema Conselhos de Psicologia a respeito da matéria.

Art. 10. Para realização do credenciamento de sites de que tratam os artigos anteriores a Comissão Nacional de Credenciamento de Sites terá um prazo máximo de 30 dias para encaminhar sua avaliação ao CRP.

I - Da data de recebimento do parecer da referida Comissão, o Plenário do Conselho Regional de Psicologia terá o prazo máximo de 60 dias para efetuar o julgamento.

II – Da decisão do CRP, as partes terão um prazo de 30 dias a contar da data da ciência da decisão para interpor recurso ao Conselho Federal de Psicologia.

Art. 11. Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução CFP n.º 003/2000.

Art. 12. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília (DF), 18 de agosto de 2.005

ANA MERCÊS BAHIA BOCK
Conselheira – Presidente

ANEXO 4 - RESOLUÇÃO CFP Nº 011/2012

RESOLUÇÃO CFP Nº 011/2012

Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais previstas na Lei nº 5.766/71;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o), é dever da(o) psicóloga(o) prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o), é dever da(o) psicóloga(o) respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, dos grupos ou das organizações a que tenha acesso no exercício profissional;

CONSIDERANDO o disposto no Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o) sobre a realização de estudos e pesquisas no âmbito da Psicologia e as resoluções vigentes que disponham, respectivamente, sobre critérios para divulgação, publicidade e exercício profissional da(o) psicóloga(o), associados a práticas que não estejam de acordo com os critérios científicos estabelecidos no campo da Psicologia e sobre a realização de pesquisas com métodos e técnicas não reconhecidas pela Psicologia;

CONSIDERANDO o princípio fundamental do Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o) que determina que a(o) psicóloga(o) atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática;

CONSIDERANDO os encaminhamentos dos Congressos Nacionais de Psicologia – CNPs – a respeito da necessidade de que o Sistema *Conselhos de Psicologia* deva continuar a aprimorar a validação de sites que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa;

CONSIDERANDO a importância de atestar para a sociedade os serviços psicológicos que possuam respaldo técnico e ético;

CONSIDERANDO que os meios tecnológicos de comunicação e informação são entendidos como sendo todas as mediações computacionais com acesso à internet, por meio de televisão a cabo, aparelhos telefônicos, aparelhos conjugados ou híbridos, ou qualquer outro modo de interação que possa vir a ser implementado;

CONSIDERANDO a decisão deste Plenário em 15 de junho de 2012; RESOLVE:

CAPÍTULO I- DOS SERVIÇOS PSICOLÓGICOS REALIZADOS POR MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO A DISTÂNCIA

Art. 1º. São reconhecidos os seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância desde que pontuais, informativos, focados no tema proposto e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o) e esta Resolução:

- I. As Orientações Psicológicas de diferentes tipos, entendendo-se por orientação o atendimento realizado em até 20 encontros ou contatos virtuais, síncronos ou assíncronos;
- II. Os processos prévios de Seleção de Pessoal;
- III. A Aplicação de Testes devidamente regulamentados por resolução pertinente;
- IV. A Supervisão do trabalho de psicólogos, realizada de forma eventual ou complementar ao processo de sua formação profissional presencial;
- V. O Atendimento Eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial.

Parágrafo Único: Em quaisquer modalidades destes serviços a(o) psicóloga(o) está obrigada(o) a especificar quais são os recursos tecnológicos utilizados para garantir o sigilo das informações e esclarecer o cliente sobre isso.

Art. 2º. Quando os serviços psicológicos referentes à presente resolução forem prestados regularmente pelo profissional, este está obrigado à realização de cadastramento desses serviços no Conselho Regional de Psicologia no qual está inscrito. Para realizar este cadastro o profissional deverá manter site exclusivo para a oferta dos serviços psicológicos na internet com registro de domínio próprio mantido no Brasil e de acordo com a legislação brasileira para este fim. Obriga-se, no site, a:

- I. Especificar o nome e o número do registro da(o) psicóloga(o) Responsável Técnica(o) pelo atendimento oferecido, bem como de todos os psicólogos que forem prestar serviço por meio do site;
- II. Informar o número máximo de sessões permitidas de acordo com esta resolução;

- III. Manter links na página principal para: o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o); esta resolução; o site do Conselho Regional de Psicologia no qual a(o) psicóloga(o) está inscrita(o); o site do Conselho Federal de Psicologia no qual consta o cadastro do site.

Art. 3°. O site a ser cadastrado não poderá conter links para nenhum outro site, exceto os links referidos nesta resolução.

Art. 4°. O atendimento às crianças, adolescentes e interditos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância deverá obedecer aos critérios do Estatuto da Criança e do Adolescente, ao Código de Ética da(o) psicóloga(o) e aos dispositivos legais cabíveis.

Art. 5°. A permissão de funcionamento do site mediante cadastro terá a duração de 3 (três) anos renováveis por igual período, entretanto, a(o) psicóloga(o) está

obrigada(o) a comunicar ao seu Conselho Regional sempre que houver qualquer alteração de conteúdo no site que oferece os serviços.

Art. 6°. A partir do recebimento da solicitação de um cadastro, o Conselho Regional de Psicologia terá 60 dias para proceder à análise do processo e emitir parecer sobre o mesmo.

Parágrafo Único: Após a comunicação ao requerente sobre a decisão da Plenária do Conselho Regional de Psicologia, aquele poderá apresentar recurso ao Conselho Federal de Psicologia no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da data da emissão do parecer no sistema de cadastramento específico para análise dos sites.

Art. 7°. Caso o Sistema *Conselhos de Psicologia* identifique, a qualquer tempo, irregularidades na atuação profissional ou no site que firam o disposto nesta Resolução, no Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o) e na legislação profissional vigente, o profissional responsável pelo site será notificado e orientado quanto às adequações a serem realizadas. A(o) psicóloga(o) deverá dar conhecimento ao seu Conselho Regional das adequações atendidas, no prazo estabelecido pelo Conselho Regional. Se as modificações solicitadas não forem realizadas e devidamente comunicadas ao CRP, a(o) psicóloga(o) perderá o cadastro do site.

Art. 8°. Será considerada falta ética, conforme o disposto no Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o), o profissional que mantiver serviços psicológicos regulares por meios tecnológicos de comunicação a distância, sem o cadastramento do site no Conselho Regional de Psicologia.

CAPÍTULO II - DO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM CARÁTER EXPERIMENTAL REALIZADO POR MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO A DISTÂNCIA

Art. 9°. O Atendimento Psicoterapêutico realizado por meios tecnológicos de comunicação a distância pode ser utilizado em caráter exclusivamente experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I - Apresentar certificado de aprovação do protocolo em Comitê de Ética em Pesquisa, conforme os critérios do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

II – Respeitar o Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o);

III– É vedado ao participante pesquisado, individual ou coletivamente, receber qualquer forma de remuneração ou pagamento;

IV- A(o) psicóloga(o) deve se comprometer a especificar quais são os recursos tecnológicos utilizados no seu trabalho e buscar garantir o sigilo das informações;

V - As informações acima citadas deverão constar de forma visível e com fácil acesso no site que realiza a pesquisa.

Parágrafo Único: Nos casos de atendimentos psicoterapêuticos em caráter experimental, o número de sessões corresponderá ao que estiver estabelecido no protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Art. 10. O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicoterapêutico realizadas por meios tecnológicos de comunicação a distância depende da ampla divulgação dos resultados e do reconhecimento da comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.

Art. 11. As disposições constantes na presente Resolução são válidas para todas as formas de atendimentos psicoterapêuticos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, independentemente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, ou quaisquer outros termos que designem abordagem psicoterapêutica *on-line*, pela Internet, já existentes ou que venham a ser utilizadas.

Art. 12. As pesquisas sobre atendimentos psicoterapêuticos realizadas por meios tecnológicos de comunicação a distância deverão seguir os mesmos procedimentos de cadastramento dos demais serviços regulamentados nesta resolução.

Art. 13. Orientações sobre o processo de cadastramento dos sites constam no Anexo I desta Resolução, no *Manual Sobre o Cadastramento de Sites*.

Parágrafo Único – O Anexo de que trata o *caput* deste Artigo é parte integrante desta Resolução.

Art. 14. Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução CFP n.º 012/2005.

Art. 15. Esta Resolução entra em vigor 180 dias após a data de sua publicação.

Brasília (DF), 21 de junho de
2012.

HUMBERTO COTA
VERONA
Conselheiro-Presidente

DA RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2012 MANUAL SOBRE O CADASTRAMENTO DE SITES

O presente manual tem o objetivo de orientar a(o) psicóloga(o) na construção dos sites que prestam serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância ou psicoterapia *on-line* em caráter experimental. Da mesma forma, deve nortear os Conselhos Regionais no processo de cadastramento desses sites.

Este manual compreende os seguintes itens:

I – Do processo de Cadastramento dos Sites II – Dos Sites

I – DO PROCESSO DE CADASTRAMENTO DOS SITES:

Os Conselhos Regionais de Psicologia analisarão os sites que prestam serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância e atendimentos psicoterapêuticos em caráter experimental, bem como apresentarão sugestões para o aprimoramento dos procedimentos e critérios envolvidos nessa tarefa, subsidiando as decisões do seu Plenário a respeito da matéria.

As solicitações de cadastramento de sites seguirão as seguintes etapas, cujo procedimento se descreve abaixo:

1 - Recepção: Consiste no preenchimento do protocolo no sistema de cadastramento específico para análise dos sites e encaminhamento para o Conselho Regional de Psicologia em que a(o) psicóloga(o) é inscrita(o).

A partir do recebimento da solicitação de um cadastro o Conselho Regional de Psicologia terá 60 dias para proceder à análise do processo e emitir parecer sobre o mesmo.

O procedimento de cadastro do site será gratuito.

2 – Avaliação do Conselho Regional de Psicologia- CRP: Consiste na verificação do Conselho Regional de Psicologia quanto à inscrição da(o) psicóloga(o), se está ativa e sem processo ético (transitado em julgado) que caracterize impedimento do exercício da profissão e na verificação técnica do cumprimento das condições contidas nesta Resolução.

A avaliação poderá ser **favorável**, quando, por decisão do plenário do Conselho Regional de Psicologia, o site for considerado em condições de funcionamento; **desfavorável**, quando, por decisão do plenário do Conselho Regional de Psicologia, a análise indicar que o site não apresenta as condições para oferecer os serviços psicológicos. No último caso, o parecer deverá apresentar as razões, bem como as orientações para a adequação do site. Ou poderá ser **não se aplica** quando a natureza dos serviços oferecidos não se enquadrar no escopo desta Resolução.

3 – Ajustes no site: Em caso de necessidade de alterações no site, durante o processo de avaliação do Conselho Regional de Psicologia, este concederá 20 (vinte) dias à(o) psicólogo(a) para fazer as regularizações. Atendidas as adequações no site, o(a) psicólogo(a) se obriga a dar conhecimento ao seu Conselho Regional de Psicologia, para que o processo continue. Se não houver manifestação da(o) psicóloga(o) nesse prazo, o processo de cadastramento receberá avaliação desfavorável.

4 - Recurso: Após a comunicação ao requerente sobre a decisão da Plenária do

Conselho Regional de Psicologia, aquele poderá apresentar recurso ao Conselho Federal de Psicologia até 30 (trinta) dias, a contar da data da emissão do parecer do CRP no sistema de cadastramento específico para análise dos sites.

O Conselho Federal de Psicologia emitirá novo parecer em até 30 (trinta) dias a contar da data do recebimento do recurso no sistema de cadastramento específico para análise dos sites.

5 - Avaliação do recurso: No caso de recurso, será considerado site com permissão de funcionamento mediante cadastro aquele que receber parecer favorável pelo Conselho Federal de Psicologia. A avaliação desfavorável prevalece quando for negado provimento ao recurso apresentado.

Os sites que receberam avaliação final desfavorável por não atenderem aos parâmetros de avaliação poderão, após alterados, ser reapresentados a qualquer tempo ao Conselho Regional de Psicologia. Estes sites deverão iniciar um novo processo de cadastramento.

A permissão de funcionamento mediante cadastro deverá ser renovada a cada 3 (três) anos no Conselho Regional de Psicologia; poderá ser solicitada a partir de 3 (três) meses antes da data de validade do cadastro do site expirar.

Durante a fase de avaliação inicial e/ou de recadastramento, quando este ocorrer após o vencimento da validade do cadastro do site, os(as) psicólogos(as) não poderão prestar os serviços psicológicos oferecidos no site.

Os(as) psicólogos(as) que estão com a solicitação do cadastro de sites em análise e desejam cancelar o processo de avaliação ou aqueles já possuem o site cadastrado e desistiram de oferecer os serviços psicológicos, deverão solicitar o cancelamento do processo ou do cadastro no sistema de cadastramento específico para análise dos sites. O Conselho Regional de Psicologia analisará o pedido e o autorizará no sistema.

Os sites pessoais, profissionais, institucionais que sejam somente de divulgações de serviços presenciais não necessitam de cadastramento.

II- DOS SITES:

Após a aprovação do cadastro do site, o Conselho Federal de Psicologia enviará um script a ser incluído no *código fonte* do site que oferece exclusivamente os serviços psicológicos descritos nessa Resolução.

É recomendável que as seguintes informações constem no site a ser cadastrado: 1- Descrição clara dos serviços que serão realizados por meio tecnológico de comunicação a distância; 2- Público alvo; 3- Contatos do(s) psicólogo(s): e-mail e telefone

Não serão cadastrado sites sem domínio próprio ou que produzam conteúdos não categorizados (formato de blogs, por exemplo).

O Conselho Federal de Psicologia disponibilizará sistema de cadastramento específico para análise dos sites e a lista de sites com permissão de funcionamento aprovada mediante cadastro e outras informações pertinentes ao público em geral.

ANEXO 5 - RESOLUÇÃO CFP Nº 11/ 2018**CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA****RESOLUÇÃO Nº 11, DE 11 DE MAIO DE 2018**

Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012.

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais previstas na Lei nº 5.766/71, regulamentadas pelo Decreto nº 79.822/77;

CONSIDERANDO que é dever da psicóloga e do psicólogo prestarem serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, bem como nas demais disposições do Código de Ética Profissional e legislações correlatas;

CONSIDERANDO que os meios tecnológicos de informação e comunicação são entendidos como sendo todas as mediações informacionais e comunicativas com acesso à Internet, por meio de televisão, aparelhos telefônicos, aparelhos conjugados ou híbridos, *websites*, aplicativos, plataformas digitais ou qualquer outro modo de interação que possa vir a ser implementado e que atenda ao objeto desta Resolução;

CONSIDERANDO as especificidades contidas nas legislações que versam sobre o atendimento de crianças e adolescentes, do atendimento em situações de urgências e emergências, do atendimento em situações de emergências e desastres e as legislações que dizem respeito aos atendimentos de pessoas em situação de violação de direitos;

CONSIDERANDO as disposições da Lei nº 12.965/14, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil ou legislação que venha a substituir;

CONSIDERANDO a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no que se refere às atribuições da psicóloga e do psicólogo.

CONSIDERANDO a necessidade e a oportunidade de estabelecer critérios sobre a matéria em questão;

CONSIDERANDO a deliberação da Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças em reunião realizada em 17 de dezembro de 2017;

CONSIDERANDO a decisão deste Plenário em 26 e 27 de janeiro de 2018;
RESOLVE:

Art. 1º - Regulamentar a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação.

Art. 2º - São autorizadas a prestação dos seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos da informação e comunicação, desde que não firam as disposições do Código de Ética Profissional da psicóloga e do psicólogo a esta Resolução:

- I. As consultas e/ou atendimentos psicológicos de diferentes tipos de maneira síncrona ou assíncrona;
- II. Os processos de Seleção de Pessoal;
- III. Utilização de instrumentos psicológicos devidamente regulamentados por resolução pertinente, sendo que os testes psicológicos devem ter parecer favorável do Sistema de Avaliação de Instrumentos Psicológicos (SATEPSI), com padronização e normatização específica para tal finalidade.
- IV. A supervisão técnica dos serviços prestados por psicólogas e psicólogos nos mais diversos contextos de atuação.

§ 1º. - Entende-se por *consulta e/ou atendimentos psicológicos* o conjunto sistemático de procedimentos, por meio da utilização de métodos e técnicas psicológicas do qual se presta um serviço nas diferentes áreas de atuação da Psicologia com vistas à avaliação, orientação e/ou intervenção em processos individuais e grupais.

§ 2º - Em quaisquer modalidades desses serviços, a psicóloga e o psicólogo estarão obrigada(os) a especificarem quais são os recursos tecnológicos utilizados para garantir o sigilo das informações e esclarecer o cliente sobre isso.

Art. 3º - A prestação de serviços psicológicos referentes a esta Resolução está condicionada à realização de um cadastro prévio junto ao Conselho Regional de Psicologia e sua autorização.

§ 1º. - Os critérios de autorização serão disciplinados pelos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), considerando os fatores éticos, técnicos e administrativos sobre a adequabilidade do serviço.

§ 2º. - O profissional deverá manter o cadastro atualizado anualmente sob pena de o cadastro ser considerado irregular, podendo a autorização da prestação do serviço ser suspensa.

Art. 4º. O profissional que mantiver serviços psicológicos por meios tecnológicos de comunicação a distância, sem o cadastramento no Conselho Regional de Psicologia, cometerá falta disciplinar.

Art. 5º. - O atendimento de crianças e adolescentes ocorrerá na forma desta Resolução, com o consentimento expresso de ao menos um dos responsáveis legais e mediante avaliação de viabilidade técnica por parte da psicóloga e do psicólogo para a realização desse tipo de serviço.

Art. 6º. - O atendimento de pessoas e grupos em situação de urgência e emergência pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é inadequado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Parágrafo único. - O atendimento psicológico citado neste artigo poderá ocorrer pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução, de forma a fornecer suporte técnico às equipes presenciais de atendimento e respeitando a

legislação em vigência.

Art. 7º. - O atendimento de pessoas e grupos em situação de emergência e desastres pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é vedado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Art. 8º. - É vedado o atendimento de pessoas e grupos em situação de violação de direitos ou de violência, pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Art. 9º. - A prestação de serviços psicológicos, por meio de tecnologias de informação e comunicação, deverá respeitar as especificidades e adequação dos métodos e instrumentos utilizados em relação às pessoas com deficiência na forma da legislação vigente.

Art. 10º. - Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução CFP n.º 011/2012. Art. 11º. - Esta Resolução entra em vigor 180 dias após a data de sua publicação.



Documento assinado eletronicamente por **Rogério Giannini**,
Conselheiro Presidente, em 11/05/2018, às 12:42, conforme

horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do
Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
http://sei.cfp.org.br/sei/controlador_externo.php?



[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.cfp.org.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **0048141** e o código CRC **66D63D3C**.

ANEXO 6 - RESOLUÇÃO CFP Nº 11/2018 COMENTADA

RESOLUÇÃO CFP 11/2018 COMENTADA ORIENTAÇÕES SOBRE A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PSICOLÓGICOS POR MEIO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

I - Apresentação

A Prestação de Serviços Psicológicos por meio de Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs) tem sido pauta no Sistema Conselhos de Psicologia desde a década de 1990. Na construção histórica das normativas a respeito desta temática, destacamos as seguintes resoluções que versaram sobre a prestação de serviços por meio de TICs: Resolução CFP nº 02/1995; Resolução CFP nº 03/2000, Resolução CFP nº 12/2005 e Resolução CFP nº 11/2012.

É importante salientar que a Resolução CFP nº 11/2018 foi construída sob o prisma de mudança de paradigma a respeito da prestação de serviços de Psicologia mediado por TICs. Na Resolução CFP nº 011/ 2012, revogada pela atual normativa, o paradigma da prestação de serviços era vinculado à existência de um *websites* cadastrado. A Resolução CFP nº 11/2018 está embasada no fato de que as(os) profissionais de Psicologia serão responsáveis plenos pela adequação e pertinência dos métodos e técnicas na prestação de serviços, não havendo necessidade de vinculação a um *websites*. Cada tecnologia utilizada deverá guardar coerência com o tipo de serviço prestado. A responsabilidade plena da(o) profissional de Psicologia é uma exigência estruturante do Código de Ética Profissional do Psicólogo - CEPP para a prestação de todos os serviços de Psicologia.

Neste sentido, este documento foi produzido com o objetivo de estabelecer orientações para as(os) profissionais que tiverem interesse em oferecer esse tipo de serviço, desde que tecnicamente adequados, metodologicamente pertinentes e eticamente respaldados.

Atenciosamente,

Brasília, 28 de setembro de 2018.

Grupo de Trabalho para Revisão da Resolução nº 11/2012 (Serviços Psicológicos Mediados por TICs)

Conselhos Regionais de Psicologia Conselho Federal de Psicologia

II - Comentários e Fundamentações Sobre a Resolução

RESOLUÇÃO CFP N° 11/ 2018

Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012.

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais previstas na Lei nº 5.766/71, regulamentadas pelo Decreto nº 79.822/77;

CONSIDERANDO que é dever da(o) psicóloga(o) prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, bem como nas demais disposições do Código de Ética Profissional e legislações correlatas;

Comentário e Fundamentação:

A presente resolução, em todos os seus dispositivos, está vinculada às exigências previstas no Código de Ética Profissional do Psicólogo - CEPP em vigência. Por essa razão, as tecnologias elencadas em cada serviço devem ter coerência e fundamentação na ciência, na legislação e nos parâmetros éticos da profissão.

CONSIDERANDO que os meios tecnológicos de informação e comunicação são entendidos como sendo todas as mediações informacionais e comunicativas com acesso à Internet, por meio de televisão, aparelhos telefônicos, aparelhos conjugados ou híbridos, *websites*, aplicativos, plataformas digitais ou qualquer outro modo de interação que possa vir a ser implementado e que atenda ao objeto desta Resolução;

Comentário e Fundamentação:

A conceituação de tecnologias da informação e da comunicação prevista nesta resolução está em consonância com os conceitos existentes na antiga normativa (Resolução CFP nº 11/2012), bem como traz a possibilidade de incorporação de novos tipos de tecnologias que digam respeito ao objeto da resolução em vigência.

Importante ressaltar que se evitou, ao máximo, citar tipos de ferramentas em função da dinamicidade da criação e remodelação tecnológicas. Caso surja alguma ferramenta específica ou tecnologia que fuja ao objeto desta resolução, os Conselhos Regionais de Psicologia, em comunicação com o Conselho Federal de Psicologia, poderão firmar jurisprudências complementares com base nos dispositivos contidos no Código de Ética Profissional do Psicólogo que assentam esta prerrogativa.

CONSIDERANDO as especificidades contidas nas legislações que versam sobre o atendimento de crianças e adolescentes, do atendimento em situações de urgências e emergências, do atendimento em situações de emergências e desastres e as legislações que dizem respeito aos atendimentos de pessoas em situação de violação de direitos;

Comentário e Fundamentação:

Esta resolução elencou algumas particularidades de atendimentos já tipificados nas legislações a respeito de públicos específicos. Mesmo havendo essas previsões em seções posteriores da normativa, o entendimento prevalente é o de que o atendimento mediado por TICs deve respeitar as normativas e orientações de cada campo de atuação, com a devida consulta ao Conselho Regional de Psicologia, quando houver dúvida pertinente sobre limites e possibilidades.

CONSIDERANDO as disposições da Lei nº 12.965/14, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil ou legislação que venha a substituir;

Comentário e Fundamentação:

Esta resolução deve estar em permanente comunicação histórica com os dispositivos legais em vigência, e suas eventuais atualizações, que tratam da temática das comunicações e da informação.

CONSIDERANDO a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no que se refere às atribuições da(o) psicóloga(o);

Comentário e Fundamentação:

Esta resolução deve estar em permanente comunicação histórica com os dispositivos legais em vigência, e suas eventuais atualizações, que tratam da temática de tipificação do trabalho da(o) profissional de Psicologia. Mudanças nas modalidades de trabalho em Psicologia podem ter impacto na prestação de serviço previstos nesta normativa. Em caso de dúvidas, devem ser consultados os respectivos Conselhos Regionais de Psicologia.

CONSIDERANDO a necessidade e a oportunidade de estabelecer critérios sobre a matéria em questão;

CONSIDERANDO a deliberação da Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças em reunião realizada em 17 de dezembro de 2017;

CONSIDERANDO a decisão deste Plenário em 26 e 27 de janeiro

de 2018; RESOLVE:

Art. 1º. - Regulamentar a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação.

Art. 2º - São autorizadas a prestação dos seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos da informação e comunicação, desde que não firam as disposições do Código de Ética Profissional da psicóloga e do psicólogo a esta Resolução:

- I. As consultas e/ou atendimentos psicológicos de diferentes tipos de maneira síncrona ou assíncrona;
- II. Os processos de Seleção de Pessoal;
- III. Utilização de instrumentos psicológicos devidamente regulamentados por resolução pertinente, sendo que os testes psicológicos devem ter parecer favorável do Sistema de Avaliação de Instrumentos Psicológicos (SATEPSI), com padronização e normatização específica para tal finalidade;
- IV. A supervisão técnica dos serviços prestados por psicólogas(os) nos mais diversos contextos de atuação.

Comentário e Fundamentação:

Importante ressaltar que a correlação adequada entre os tipos de serviços psicológicos prestados e o caráter síncrono ou assíncrono destes é de responsabilidade técnica e ética da(o) profissional de Psicologia que o oferta. Neste sentido, a(o) profissional deve avaliar criticamente se o tipo de serviço (síncrono ou assíncrono) é compatível com os objetivos propostos, bem como qual a forma mais benéfica para a(o) usuária(o) do serviço. Esta orientação se refere ao disposto em todos os itens do Art. 2º.

§ 1º. - Entende-se por *consulta e/ou atendimentos psicológicos* o conjunto sistemático de procedimentos, por meio da utilização de métodos e técnicas psicológicas do qual se presta um serviço nas diferentes áreas de atuação da Psicologia com vistas à avaliação, orientação e/ou intervenção em processos individuais e grupais.

§ 2º - Em quaisquer modalidades desses serviços, as(os) psicólogas(os) estarão obrigadas(os) a especificarem quais são os recursos tecnológicos utilizados para garantir o sigilo das informações e esclarecer à(ao) cliente sobre isso.

Comentário e Fundamentação:

A(o) profissional que pretende prestar serviços de Psicologia mediados por TICs deverá fornecer à(ao) usuária(o) as informações mais detalhadas e precisas possíveis sobre o processo de avaliação, orientação e/ou intervenção. Estas informações devem ser fornecidas por via escrita, de preferência em forma de contrato, bem como devem ser realizadas as devidas explicações verbais complementares para ajustes de entendimento entre psicóloga(o) e usuária(o).

Recomenda-se a elaboração de um contrato de prestação de serviços, prevendo a natureza das trocas (síncronas e assíncronas), armazenamento de informações, tempo de resposta, recursos a serem utilizados, corresponsabilidade pelo sigilo das informações, ambiente adequado para as trocas, honorários, faltas, etc.

A responsabilidade pela garantia das condições de confidencialidade, sigilo e intimidade das pessoas que se submetem à prestação de serviços psicológicos é da(o) profissional de Psicologia, nos termos do Código de Ética e normativas complementares.

Para qualquer tipo de serviço psicológico mediado por TICs há a obrigatoriedade de registro documental/prontuário, com as devidas fundamentações nos termos das Resoluções CFP 01/2009 e CFP 05/2010 ou legislação vigente. O armazenamento do histórico de atendimentos não se configura em registro documental.

Os registros documentais/prontuários devem estar devidamente organizados e guardados pelo tempo determinado pela legislação. Também devem ser mantidos em local que garanta sigilo e privacidade e à disposição dos Conselhos de Psicologia para orientação e fiscalização.

Os documentos escritos produzidos por psicólogas(os) deverão seguir a legislação vigente. Esses documentos, quando solicitados, deverão ser enviados para o Conselho Regional de Psicologia por via postal ou por via digital, desde que esta possua validade legal (certificação digital ou outra modalidade que venha a substituir). A simples digitalização de documentos não garante a sua validade legal.

Em caso de representações éticas, considerando que a Resolução CFP nº. 11/2018 trata da possibilidade de atendimento psicológico por meio de tecnologia da informação, bem como pelo fato de que o artigo 3º da citada resolução exige o prévio cadastramento do profissional no CRP, entende-se que o CRP competente para julgar eventuais processos éticos seja aquele no qual o profissional está registrado.

Em razão de a RESOLUÇÃO CFP Nº 11/ 2018 ter como matriz de fundamentação o Marco Civil Brasileiro da Internet, mais especificamente o trecho da normativa em que faz menção às disposições da Lei nº 12.965/14, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil, ou legislação que venha a substituir, são salutares algumas recomendações com vistas à segurança técnica, jurídica e ética da prestação de serviços psicológicos mediados por TICs:

a) Psicólogas(os) que atendam aos dispositivos previstos na Resolução CFP Nº 11/2018 ou normativa que venha a substituir sobre esta matéria, bem como que atendam aos dispositivos combinados da Resolução CFP nº 010/2005 – Código de Ética Profissional do Psicólogo, da Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, do Decreto nº 53.464, de 21 de janeiro de 1964, da Lei nº 5766, de 20 de dezembro de 1971 e do Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977 e demais normativas pertinentes ao objeto desta questão estão habilitadas(os) a prestar serviços psicológicos por meio de TICs, estando a(o) psicóloga(o) no Brasil, ou a partir de IP's registrados e com validade no território nacional.

b) Psicólogas(os) que atendam os requisitos citados no item acima podem prestar serviços psicológicos para clientes/usuárias(os)/pacientes que estejam fora do território nacional, desde que as(os) clientes/usuárias(os)/pacientes aceitem via instrumento contratual que esta prestação de serviços será regulada pelas legislações brasileiras pertinentes à matéria.

c) O alcance da Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, bem como das Legislações da profissão fica restrito à prestação de serviços que sejam oriundos do território brasileiro (com IPs registrados e com validade no território nacional com base no que preconiza os dispositivos do Art. 5º da supracitada legislação de regulação do uso da Internet), inclusive para fins de apuração e

responsabilização de profissionais previsto no Art 3º, inciso VI.

d) O Conselho Federal de Psicologia não possui qualquer responsabilidade em relação ao exercício da profissão perante outros países, ainda que, mediados por TICS.

e) Para prestação de serviços psicológicos mediados por TICS no Brasil, ou a partir de IP's registrado e com validade no território nacional, a(o) psicóloga(o) estrangeira(o) deve possuir inscrição no Conselho Regional de Psicologia, nos termos da Lei nº 5.766/71.

Art. 3º - A prestação de serviços psicológicos referentes a esta Resolução está condicionada à realização de um cadastro prévio junto ao Conselho Regional de Psicologia e sua autorização.

Comentário e Fundamentação:

Com finalidade de censo e regulação, terá caráter obrigatório a realização de cadastro da(o) psicóloga(o) no **website Cadastro e-Psi** (Cadastro Nacional de Profissionais para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de TICs), considerando a inscrição principal da(o) profissional.

O **website Cadastro e-Psi** disponibilizará o cadastro de profissionais para serviços psicológicos mediados por TICs e gestão interna de dados pelo Sistema Conselhos, bem como informações à população sobre profissionais autorizadas(os) à prestação de serviços nos termos desta Resolução.

Quanto ao processo de cadastro, este deverá ocorrer por iniciativa da(o) profissional ao acessar o **website**. Todos os passos para o cadastro precisam ser cumpridos para sua devida validação, assim como o preenchimento de todos os campos obrigatórios e concordância ao Termo de Orientação e Declaração para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de TICs, disponível no momento de cadastramento.

Será disponibilizado um tutorial específico, com o detalhamento de procedimentos, para o cadastramento administrativo da(o) profissional junto ao **Cadastro e-Psi**. As eventuais dúvidas deverão ser sanadas junto ao Conselho Regional de Psicologia competente.

São condições para iniciar cadastro:

- a) não estar com sua inscrição cancelada, conforme estabelece o Art. 11 da Resolução CFP nº 03/07 ou normativa que venha a substituí-la;
- b) cadastro atualizado nos termos desta normativa;
- c) não estar com o pagamento das anuidades interrompido temporariamente, de acordo com o Art. 16, da Resolução CFP nº 003/07 ou normativa que venha a substituí-la;
- d) estar adimplente com relação às anuidades dos exercícios anteriores, de acordo com o Art. 89, da Resolução CFP nº 003/07 ou normativa que venha a substituí-la;
- e) apresentar proposta de prestação de serviços por TICs (fundamentar serviços oferecidos, relacionando-os com as tecnologias a serem utilizadas);
- f) preenchimento e concordância, por parte da(o) profissional ao Termo de

Orientação e Declaração para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de TICs.

§ 1º. - Os critérios de autorização serão disciplinados pelos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), considerando os fatores éticos, técnicos e administrativos sobre a adequabilidade do serviço.

Comentário e Fundamentação:

1. Verificar se a(o) psicóloga(o) não está cumprindo pena de suspensão, de cassação ou inadimplente em relação à pena de multa em processo ético, conforme estabelecem

os incisos II, IV e V, do Art. 27, da Lei no 5.766/71;

2. Os critérios de autorização serão definidos pelos CRPs, bem como os setores responsáveis e fluxos de avaliação do cadastro, os prazos para avaliação e emissão do parecer e a necessidade de orientação às(aos) psicólogas(os).

§ 2º. – A(o) profissional deverá manter o cadastro atualizado anualmente sob pena de o cadastro ser considerado irregular, podendo a autorização da prestação do serviço ser suspensa.

Comentário e Fundamentação:

A atualização dos dados no **Cadastro e-Psi** será de responsabilidade da(o) profissional. Finalizado o período de um ano, esse cadastro precisará ser atualizado pela(o) profissional sendo reavaliado pelo Conselho Regional de Psicologia.

Caso haja necessidade de atualização de dados referentes à prestação de serviços psicológicos por meio de TICs, em período inferior a um ano, será necessária solicitação de novo cadastro.

Art. 4º. A(o) profissional que mantiver serviços psicológicos por meios tecnológicos de comunicação a distância, sem o cadastramento no Conselho Regional de Psicologia, cometerá falta disciplinar.

Comentário e Fundamentação:

Será considerada falta disciplinar a prestação dos serviços previstos na presente resolução no caso de a(o) psicóloga(o) não estar com o devido cadastro regularizado. A irregularidade nestes termos ensejará medidas cabíveis por parte do Conselho Regional de Psicologia competente.

Importante ressaltar que a utilização de métodos e técnicas psicológicas em desacordo com o CEPP por meio de TICs serão apuradas como faltas éticas nos termos da legislação em vigência.

Art. 5º. - O atendimento de crianças e adolescentes ocorrerá na forma desta Resolução, com o consentimento expresso de ao menos uma das(os) responsáveis legais e mediante avaliação de viabilidade técnica por parte da(o)

psicóloga(o) para a realização desse tipo de serviço.

Comentário e Fundamentação:

Nos atendimentos de crianças e adolescentes, as(os) psicólogas(os) deverão obter autorização de ao menos uma das(os) responsáveis legais, conforme o CEPP vigente. Nas situações em que haja litígio entre as(os) responsáveis legais, recomendamos que a autorização seja realizada por ambas(os) as(os) responsáveis, formalizada por escrito. No entanto, reiteramos que a autorização de pelo menos uma das(os) responsáveis será o suficiente para a prestação do serviço.

De acordo com a legislação vigente, a(o) psicóloga(o) deverá utilizar apenas métodos e técnicas fundamentados na ciência psicológica e no CEPP. Embora não exista impedimento ou aceitação específica para o atendimento de crianças e adolescentes por meio de tecnologias de informação e comunicação, ressaltamos que a(o) psicóloga(o) deve fundamentar suas práticas do ponto de vista ético, técnico e científico da Psicologia. A(o) psicóloga(o) deve ter embasamento teórico e técnico tanto para aceitar quanto para se declarar impedida(o) no trabalho envolvendo esse público.

Art. 6º. - O atendimento de pessoas e grupos em situação de urgência e emergência pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é inadequado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Parágrafo único. - O atendimento psicológico citado neste artigo poderá ocorrer pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução, de forma a fornecer suporte técnico às equipes presenciais de atendimento e respeitando a legislação em vigência.

Comentário e Fundamentação:

Em qualquer atendimento por meio de TICs, é recomendado haver, por parte da(o) psicóloga(o), um contato de referência presencial em relação à(ao) atendida(o), bem como os contatos de serviços de saúde que atendem presencialmente na região da(o) atendida(o).

Situações de urgência e emergência (acolhimento imediato em situação de crise) devem preferencialmente ser atendidas de forma presencial por profissional ou equipes habilitadas para manejo de crise. Considera-se inadequado o atendimento de urgências e emergência por meio de TICs, no sentido da(o) psicóloga(o) tomar exclusivamente para si a responsabilidade. A(o) psicóloga(o) deve compartilhar esta responsabilidade e encaminhar, assim que possível, para profissional ou equipes presenciais, comunicando o contato de referência da(o) atendida(o).

Art. 7º. - O atendimento de pessoas e grupos em situação de emergência e desastres pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução é vedado, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Comentário e Fundamentação:

Compreende-se “desastre” como uma ruptura do funcionamento habitual de um sistema ou comunidade, devido aos impactos ao bem-estar físico, social, psíquico, econômico e ambiental de uma determinada localidade. Tal evento afeta um grande número de pessoas, ocasionando destruição estrutural e/ou material significativa e altera a geografia humana, provocando desorganização social pela destruição ou alteração de redes funcionais. O desastre deve ser compreendido/vinculado ao contexto no qual ele ocorre, ou seja, é necessário considerar as dimensões sócio-político-culturais de vulnerabilidade, capacidade, exposição de pessoas e bens, características e percepções dos riscos e meio ambiente.

A(o) psicóloga(o) que presta serviços psicológicos em situações de desastres deve se apresentar ao Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil para integrar-se às ações e redes de atendimento já previstas no Plano de Contingência. Para tal, é fundamental o atendimento presencial e, portanto, é vedado à(ao) psicóloga(o) realizar atendimento por meio de TICs.

Art. 8º. - É vedado o atendimento de pessoas e grupos em situação de violação de direitos ou de violência, pelos meios de tecnologia e informação previstos nesta Resolução, devendo a prestação desse tipo de serviço ser executado por profissionais e equipes de forma presencial.

Comentário e Fundamentação:

No caso em que a(o) psicóloga(o) tome ciência de situação de violação de direitos ou de violência durante o atendimento regular por TICs, deverá tomar as medidas cabíveis, em consonância com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, para encaminhamento e articulação junto à rede presencial de proteção. A(o) profissional deverá colaborar para a transição do acompanhamento, preservadas as garantias do melhor benefício da(o) usuária(o), nos termos da legislação.

Art. 9º. - A prestação de serviços psicológicos, por meio de tecnologias de informação e comunicação, deverá respeitar as especificidades e adequação dos métodos e instrumentos utilizados em relação às pessoas com deficiência na forma da legislação vigente.

Art. 10º. - Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução CFP n.º 011/2012.

Art. 11º. - Esta Resolução entra em vigor 180 dias após a data de sua publicação.

Brasília (DF), 11 de maio de 2018.

ROGÉRIO GIANINNI
Conselheiro-Presidente

Referências

CBO. Código Brasileiro de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>

DECRETO 79.822/77. Regulamenta a Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, que criou o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D79822.htm

LEI 12.965/14. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm

LEI 8.069/90. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

LEI 12.965/14. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm

LEI 13.146/15. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

NOTA TÉCNICA SOBRE ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DE DESASTRES, RELACIONADAS COM A POLÍTICA DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Nota-Tecnica-Psicologia-Gestao-de-Riscos-Versao-para-pdf.pdf>

RESOLUÇÃO CFP 10/2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005_10.pdf

RESOLUÇÃO CFP 01/2009. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/04/resolucao2009_01.pdf

RESOLUÇÃO CFP 07/2003. Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP ° 17/2002. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/06/resolucao2003_7.pdf

Referências

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - XXª REGIÃO

TERMO DE ORIENTAÇÃO E DECLARAÇÃO PARA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PSICOLÓGICOS POR MEIO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

O Conselho Regional de Psicologia - XXª Região, no uso de suas atribuições legais previstas na Lei nº 5.766/71, regulamentadas pelo Decreto nº 79.822/77, vem por meio deste ato proceder a orientação, direcionado para a(o) psicóloga(o) _____ CRP _____, para fins de regulamentação da prestação de serviços psicológicos mediados por tecnologias da informação e da comunicação.

Cabe ao profissional:

1. Realizar e manter atualizado o cadastro profissional junto ao Conselho Regional de Psicologia - XXª Região conforme a Resolução CFP Nº 11/2018, em seus artigos 3º e 4º, no Cadastro e-Psi (Cadastro Nacional de Profissionais para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de TICs).
2. Estabelecer com as(os) usuárias(os) contrato ou termo de prestação de serviços contendo as garantias essenciais de manutenção do sigilo e segurança em relação ao acesso aos equipamentos e armazenamento das informações utilizados na prestação dos serviços.
3. Realizar o registro documental/prontuário decorrente da prestação de serviços psicológicos observando que a produção de documentos escritos pela(o) psicóloga(o) deverá respeitar a legislação vigente. Nos atendimentos de crianças e adolescentes as(os) profissionais deverão obter autorização de ao menos uma das(os) responsáveis legais, conforme o CEPP vigente, preferencialmente com autorização formalizada por escrito. Nas situações em que haja litígio entre as(os) responsáveis legais, recomendamos que a autorização seja realizada por

ambas(os) as(os) responsáveis. No entanto, reiteramos que a autorização de pelo menos uma das(os) responsáveis será o suficiente para a prestação dos serviços.

4. Garantir uma adequada condição de guarda e sigilo do registro documental/prontuário, conforme a legislação pertinente. A guarda do registro documental/prontuário é de responsabilidade da(o) psicóloga(o) prestadora do serviço, e preservado pelo período de no mínimo 5 (cinco) anos, podendo ser ampliado nos casos previstos em lei, por determinação judicial, ou ainda em casos específicos em que seja necessária a manutenção da guarda por maior tempo. O registro documental/prontuário deve estar organizado e disponível para eventual solicitação da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP competente.
5. Utilizar recursos de tecnologia da informação e comunicação, adequados do ponto de vista teórico, metodológico, técnico e ético da Psicologia, para prestação dos serviços, para o cumprimento dos objetivos do trabalho e para o melhor benefício da(o) usuária(o).
6. Somente divulgar e realizar práticas com evidência científica consolidada na ciência psicológica. Com relação à divulgação, a(o) psicóloga(o) deve seguir as orientações do Art 20 do Código de Ética Profissional do Psicólogo, Resolução CFP 10/2005.
7. Acompanhar e zelar pelo cumprimento das disposições legais e éticas.
8. Aguardar as verificações do Conselho Regional de Psicologia quanto à situação cadastral, financeira e ética para que possa ser validada a inserção do nome no Cadastro e-Psi (Cadastro Nacional de Profissionais para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de TICs) e autorização da prestação de serviços mediados por TICs.

Caso, a qualquer momento, o Conselho Regional de Psicologia – XXª Região receba denúncia sobre os serviços psicológicos prestados por meio de TICs de responsabilidade da(o) profissional, considerar-se-á que a(o) profissional cadastrada(o) está ciente dos termos deste documento de orientação.

Por ser a expressão da verdade, declara estar ciente e de acordo com o conteúdo acima explicitado e do inteiro teor da Resolução nº 11/2018.

Brasília,

de

de 2018.

Psicóloga(o) - CRP ___/_____

ANEXO 7 - RESOLUÇÃO CFP Nº 4/ 2020

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

RESOLUÇÃO Nº 4, DE 26 DE MARÇO DE 2020

Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.

A PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso das atribuições legais que lhe são outorgadas pela Lei 5.766, de 20 de dezembro de 1971;

CONSIDERANDO a declaração de pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus - Sars-Cov-2, realizada pela Organização Mundial de Saúde - OMS em 11 de março de 2020;

CONSIDERANDO os meios de Tecnologia da Informação e da Comunicação como recurso para trabalho remoto;

CONSIDERANDO a Resolução CFP nº 10, de 21 de julho de 2005, que estabelece o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

CONSIDERANDO a Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11, de 2012;

RESOLVE:

Art. 1º Esta Resolução regulamenta os serviços psicológicos prestados por meios de tecnologia da informação e da comunicação durante o período de pandemia do COVID-19.

Art. 2º É dever fundamental do psicólogo conhecer e cumprir o Código de Ética Profissional estabelecido pela Resolução CFP nº 10, de 21 de julho de 2005, na prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologias da comunicação e

informação.

Art. 3º A prestação de serviços psicológicos referentes a esta Resolução está condicionada à realização de cadastro prévio na plataforma e-Psi junto ao respectivo Conselho Regional de Psicologia - CRP.

§ 1º O psicólogo deverá manter o próprio cadastro atualizado.

§ 2º O psicólogo poderá prestar serviços psicológicos por meios de Tecnologia da Informação e da Comunicação até emissão de parecer do respectivo CRP.

I - Da decisão de indeferimento do cadastro pelo CRP cabe recurso ao CFP, no prazo de 30 dias;

II - O recurso para o CFP terá efeito suspensivo, de modo que o psicólogo poderá prestar o serviço até decisão final do CFP;

III - A ausência de recurso implicará no impedimento e interrupção imediata da prestação do serviço;

IV - Na hipótese de ausência de recurso ou de decisão final do CFP confirmando o indeferimento do cadastro pelo CRP, o psicólogo fica impedido de prestar serviços psicológicos por meio de tecnologias da comunicação e informação até a aprovação de novo requerimento de cadastro pelo CRP.

V - Incorrerá em falta ética o psicólogo que prestar serviços psicológicos por meio Tecnologia da Informação e da Comunicação após indeferimento do CFP.

Art. 4º Ficam suspensos os Art. 3º, Art. 4º, Art. 6º, Art. 7º e Art. 8º da Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018, durante o período de pandemia do COVID-19 e até que sobrevenha Resolução do CFP sobre serviços psicológicos prestados por meios de tecnologia da informação e da comunicação.